

ANNE JACOBS

As FILHAS da
**VILA
DOS
TECIDOS**

ROMANCE





ANNE JACOBS

As FILHAS da
VILA
DOS
TECIDOS

Tradução
Ana Pinto Mendes

 Planeta

I

Fevereiro de 1916 a janeiro de 1917

O entardecer precoce descia em tons de cinzento sobre o bairro industrial de Augsburg. Aqui e ali, acendiam-se as luzes das fábricas em que, apesar da escassez de matérias-primas, ainda se laborava, ao passo que outras fábricas permaneciam no escuro. Vários homens e mulheres idosos saíam, no final do turno, da fábrica de tecidos Melzer. Puxavam a gola para cima e, com lenços na cabeça e gorros, protegiam-se da chuva que caía com força. A água abatia-se sobre as ruas empedradas, gorgolejando. Quem não tivesse bom calçado ainda dos tempos de paz e saísse pela rua com solas de madeira ficaria com os pés molhados.

No casarão de tijolo vermelho da família dos donos da fábrica, Paul Melzer estava à janela da sala de jantar e pousava o olhar sobre a silhueta negra da cidade que se ia mesclando gradualmente com a progressão do ocaso. Por fim, deixou cair o cortinado que antes abrira e soltou um profundo suspiro.

– Senta-te lá aqui comigo, Paul, e toma uma bebida – soou a voz do pai.

Devido ao bloqueio marítimo dos malditos ingleses, o uísque escocês era naquele momento uma preciosidade. Johann Melzer pegou em dois copos da vitrina e verteu o aromático líquido cor de mel.

Paul olhou apenas brevemente para os copos e a garrafa e abanou a cabeça.

– Mais tarde, pai. Quando tivermos motivo para isso. Oxalá o venhamos a ter.

No corredor percebiam-se passos apressados e Paul correu para a porta. Era a criada de quarto, Auguste, mais volumosa do que nunca e de faces rosadas, a touca branca enviesada sobre o penteado desalinhado. Num cesto, trazia toalhas brancas amachucadas.

– Ainda não?

– Lamento, mas não, senhor Melzer. Ainda demora mais um pouco. – Fez uma vénia e correu para as escadas de serviço para levar a roupa para baixo, para a lavandaria.

– Mas já dura há mais de dez horas, Auguste! – bradou Paul nas suas costas. – Será normal? Está mesmo tudo bem com a Marie?

Auguste parou e garantiu-lhe, sorrindo, que cada nascimento é diferente do outro; algumas põem as crianças no mundo em cinco minutos, ao passo que outras sofrem dias a fio. Paul assentiu, atormentado. Auguste com certeza sabia, ela própria era mãe de dois e fora apenas graças à especial generosidade dos patrões que pudera manter-se ao serviço.

Do piso superior chegavam sons abafados de dor. Paul avançou automaticamente alguns passos em direção às escadas, mas depois parou, impotente. A mãe expulsara-o energicamente do quarto logo que a parteira chegou e também Marie lhe dissera que o melhor seria descer. O pai, Johann Melzer, andava debilitado desde a apoplexia, Paul deveria cuidar dele. Era apenas um pretexto, sabiam ambos, mas Paul não quisera discutir com a mulher, muito menos agora, estando ela naquele estado. Calado, conformou-se.

– Mas que fazes tu no corredor? – confrontou-o o pai. – Um nascimento é coisa de mulheres. Quando chegar a hora, elas informam-nos. Agora bebe!

Obediente, Paul sentou-se à mesa e esvaziou todo o conteúdo do copo. O uísque ardeu-lhe no estômago como um incêndio e percebeu então que não comera nada desde o pequeno-almoço. Por volta das oito da manhã, Marie sentira uma ligeira pontada nas costas, ainda brincaram com a dorzinha constante que se instalara ao longo da gravidez, e ele saíra serenamente para a fábrica. Pouco antes da pausa para o almoço, a mãe veio a correr da Vila para lhe comunicar que Marie estava com contrações e que a parteira fora chamada. Mas que não havia motivo para preocupações, tudo estava a seguir o seu caminho.

– Quando a tua mãe te deu à luz faz agora vinte e sete anos... – disse Johann Melzer, contemplando pensativamente o copo de uísque – ... eu estava sentado ali no meu gabinete na fábrica a lançar faturas. Porque um homem nessa situação precisa de estar ocupado, caso contrário dá-lhe cabo dos nervos.

Paul anuiu em concordância, escutando todavia ao mesmo tempo todo e qualquer ruído no corredor, os passos da criada de quarto, que acabava de

passar a correr em direção ao piso superior, o bater dos segundos no velho relógio de pé, a voz da sua mãe a dizer a Else que trouxesse lençóis lavados da lavandaria.

– Eras na altura um maciço pedaço de gente – prosseguiu o pai com um sorriso, reabastecendo-lhe o copo. – A Alicia sofreu a noite toda. Quase custaste a vida à tua mãe.

Aquelas palavras não eram as mais adequadas para sossegar os receios de Paul e também o pai acabou por dar conta disso.

– Mas não te preocupes: as mulheres, alegadamente tão fracas, são muito mais resistentes e fortes do que habitualmente se pensa. – Tomou um trago vigoroso. – Que se passa afinal com o jantar? – resmungou ele e premiu a campainha elétrica de chamar a criada. – Já passa das seis. Será que hoje está tudo de pernas para o ar?

Depois de tocar outra vez, apareceu Hanna, a ajudante de cozinha, um ser de cabelo escuro e ligeiramente assustado que beneficiava da especial proteção de Marie. Caso contrário, já há muito Alicia Melzer teria mandado a miúda embora, por ser pouco apta para o trabalho e partir mais louça do que qualquer uma das suas antecessoras.

– O jantar, meu senhor.

Equilibrava dois pratos com sanduíches, pão de mistura, enchido de fígado, *kochkäse*¹ com cominhos e pepinos de escabeche do quintal que Marie mandara fazer no outono anterior. A carne, os enchidos e as gorduras estavam entretanto racionados, acessíveis apenas mediante senhas de racionamento. Quem se quisesse dar ao luxo de comer petiscos especiais ou até chocolate tinha de ter bons conhecimentos e dispor dos meios necessários. A casa Melzer era fiel ao imperador e cumpria determinadamente o seu dever para com a pátria. Isso incluía igualmente estarem dispostos a usar de parcimónia naqueles tempos difíceis.

– Porque demorou tanto, Hanna? Que anda a fazer a cozinheira lá em baixo?

Hanna colocou apressadamente os pratos na mesa de refeições, pelo que dois pães com enchido de fígado e um pepino escorregaram-lhe para a toalha branca. Com os dedos, empurrou os foragidos novamente para o devido lugar. Paul ergueu as sobrancelhas com um suspiro – era escusado chamar a rapariga à ordem. Tudo o que se lhe dizia entrava por um ouvido e

saía pelo outro. Humbert, o lacaio da Vila dos Tecidos, que cumpria as suas funções com tanta perfeição e empenho, fora mobilizado logo no início da guerra. Pobre diabo – serviria decerto muito pouco como soldado.

– A culpa é minha – palrou Hanna sem peso na consciência. – A senhora Brunnenmayer já tinha preparado os pratos, levei-os para cima com as outras refeições e só então reparei que eram para os senhores.

Concluiu-se que a cozinheira não tinha mãos a medir a alimentar as senhoras do piso de cima. A parteira, sobretudo, tinha um apetite abençoado e estava já a beber a terceira caneca de cerveja. Além disso, a senhora Elisabeth von Hagemann e a senhora Kitty Bräuer haviam anunciado a sua intenção de também ali jantarem.

Paul esperou até Hanna estar de novo do lado de fora e abanou então a cabeça, contrariado. Kitty e Elisabeth – as suas irmãs. Como se já não houvesse mulheres suficientes a correr pela Vila!

– Cozinheira! – bradou uma voz desconhecida vinda do piso superior. – Uma chávena de café em grão! Mas de grãos de café a sério, não este sucedâneo de ervilhas!

Seria com certeza a parteira. Paul ainda nem vira a cara de tal mulher. A julgar pela voz, parecia ser uma pessoa firme e muito determinada.

– Tem pelo na venta – disse então também o pai com desdém. – Foi tirada do mesmo molde da enfermeira que a Alicia contratou há dois anos. Como se chamava ela? Otilie. Essa conseguiria deitar abaixo todo um regimento de dragões.

Lá em baixo, ouviu-se a campainha da porta. Uma vez, duas vezes, a rebate. Simultaneamente ouvia-se o trovejar da aldraba de ferro forjado, lançada incessantemente contra a pequena placa de metal da porta.

– A Kitty – disse Johann Melzer com um sorriso irónico. – Só pode ser a Kitty.

– Já vou, já vou – clamou Hanna, cuja voz timbrada se fazia ouvir sem esforço através de três pisos.

– Mas que dia este! Minha santa mãe de Deus. Mas que dia!

Paul saltou da cadeira e saiu a correr lá para baixo até ao vestíbulo de entrada. Se ainda antes sentira que a visita de Kitty o incomodava, agora estava subitamente contente com a sua chegada. Não havia nada mais cansativo do que estar para ali sentado sem fazer nada e esperar. A alegria

rodopiante de Kitty ajudá-lo-ia a distrair-se e a manter afastadas as preocupações.

Já nas escadas que davam para o vestíbulo se ouvia a sua voz agitada. Kitty – casada há um ano com o banqueiro Alfons Bräuer – estava também ela de esperanças e daí a alguns meses também daria à luz, algo que de modo nenhum se percebia ao olhar para ela. Apresentava-se delicada e esguia como sempre. Só quando olhou com mais atenção, Paul deu conta de uma pequena curva sob o vestido largo.

– Oh, minha Nossa Senhora, Hanna! Como és lenta! Deixas-nos paradas lá fora à chuva. É um perigo andar por aí com este miserável tempo húmido. Ah, os nossos pobres soldados andam lá fora na França e na Rússia, vão ficar enregelados. Vamos ter esperança de que não se constipem. Elisabeth, peço-te, tira de uma vez por todas esse chapéu. Fica-te horrivelmente, a tua sogra não tem gosto nenhum. Traz-me chinelos, Hanna, as pantufinhas com os bordados de seda. A criança já nasceu? Não? Graças a Deus, já receava ter perdido todos os acontecimentos...

As duas irmãs haviam vindo sem motorista, presumivelmente terá sido Elisabeth a guiar, já que Kitty até ao momento não se esforçara minimamente por aprender a conduzir. Também não era necessário, pois o Banco Bräuer dispunha de vários automóveis e motorista. Enquanto Kitty já tirara o sobretudo, o chapéu e os sapatos, Elisabeth estava ainda parada diante do espelho de estilo império oval e olhava-se com uma ofendida expressão de sofrimento.

Apesar de toda a sua naturalidade, Kitty conseguia por vezes ser muito cruel, pensou Paul. Falando alto, ele disse:

– Acho que o chapéu te fica muito bem, Lisa. Faz-te...

Não conseguiu dizer mais nada, já que Kitty se lhe atirara ao pescoço, beijando-lhe ambas as faces e chamando-lhe «meu pobre, pobre, Paulinho».

– Sei muito bem das fitas terríveis que fazem os quase-pais – e soltou risadinhas. – Enfim, cumpriram o seu dever e já não são precisos para nada. O que aí vem é assunto nosso, não é, Lisa? Que vai fazer um homem com um bebé recém-nascido? Pode amamentá-lo? Alimentá-lo? Embalá-lo? Nada, não sabe fazer nada...

– Basta, irmãzinha – exclamou Paul a rir-se. – E quem é que garante que mãe e criança têm um telhado sobre as cabeças e algo para comer?

– Lá isso é verdade – considerou encolhendo os ombros, largando-o para calçar as graciosas pantufinhas que Hanna pousara no chão à sua frente. – Mas isso é tão pouco, Paulinho. Sabes que existem pessoas em África que desferem uma ferida profunda na perna do futuro pai e atiram sal lá para dentro? Parece-me extremamente sensato que os homens padeçam de alguma forma das dores de parto...

– Sensato? Isso é mas é bárbaro!

– Ah, mas que grande cobarde me saístes, Paulinho! – Soltou uma risadinha. – Mas não te preocupes: neste país esse costume ainda não é moda. Onde está a mamã? Lá em cima, com a Marie? Chamaram por acaso aquela medonha parteira velha? A glutona? Ela acompanhou a minha amiga Dorothea quando ela deu à luz. Imagina só, Paulinho, estava bêbeda que nem um cacho quando ergueu a criança ao alto. Por um fio que não a deixou cair...

Paul foi tomado pelo susto. Só podia manter a esperança de que a sua mãe teria escolhido uma pessoa que percebia do ofício. Enquanto ainda matutava no assunto, o espírito agitado de Kitty já se ocupava de outras coisas.

– Vens ou não, Elisabeth? Deus do céu, com esse chapéu pareces um soldado de infantaria. Um ar terrível e determinado a enfrentar tudo. Hanna? Onde te enfiaste? Têm notícias do Humbert? Ele está bem? Escreve regularmente? Não? Ah, que triste. Vem, Elisabeth. Temos de subir depressa e ir ter com a Marie, que vai ela pensar de nós, que estamos aqui em casa e não nos preocupamos com ela...

– Não sei se agora a Marie tem tempo para ti... – objetou Paul, mas Kitty subiu as escadas a correr ligeira, apesar da gravidez.

– Boa tarde, paizinho – disse ela para a outra ponta do corredor e depois subiu até ao piso onde ficavam os aposentos de dormir. O que estaria a suceder lá em cima era algo que Paul não conseguia sequer imaginar, nem com a maior das boas vontades, mas presumia que Kitty conseguira forçar a entrada no centro dos acontecimentos. Aquilo que a ele, o futuro pai, fora teimosamente interdito.

– Como está o papá? – perguntou Elisabeth, que se decidira por fim a tirar o sobretudo e o chapéu. – Espero que toda esta agitação não seja demasiado para ele.

– Acho que está a lidar bem com tudo. Tinhas pensado reforçar a equipa feminina lá em cima ou queres ficar comigo a fazer companhia ao papá?

– Fico cá em baixo. Queria em todo o caso falar sobre um assunto com ele.

Paul sentiu-se aliviado por pelo menos Elisabeth permanecer com ele na sala de jantar, vendo que Kitty fazia tenção de se pôr no caminho da parteira. Santo Deus, se ao menos já tudo aquilo tivesse terminado! Era-lhe insuportável a ideia de que Marie tinha de sofrer tamanhas dores. Não era ele a sua causa? Ele, que gerara aquela criança?

– Estás com uma cara que mais parece que foste obrigado a engolir um girino – considerou Elisabeth, a rir de troça. – Mas a verdade é que tens motivos para estar feliz. Vais ser pai, Paul.

– E tu vais ser tia, Lisa – replicou ele sem entusiasmo.

Na sala de jantar, Johann Melzer já se preparava para analisar novamente os artigos sobre os desenvolvimentos da guerra no *Augsburger Neuesten Nachrichten*. A acreditar nos relatos empolgados, a Rússia já estava praticamente derrotada e muito em breve acabariam também com os franceses. Mas entretanto arrancara o terceiro ano de guerra e, apesar da sua grande lealdade ao imperador, Johann Melzer era também uma pessoa realista e, portanto, cético. O entusiasmo que tomara toda a gente no início da guerra já há muito se dissipara.

– Papá, não estás a beber, pois não? – enervou-se Elisabeth. – Sabes perfeitamente que o doutor Greiner te proibiu de beber álcool!

– Disparate! – retorquiu ele, irritado.

Já há muito que todos os residentes da Vila dos Tecidos se haviam conformado com o facto de que ele era um doente obstinado, até a mãe deixara de o incomodar com regras e avisos. Elisabeth, pelo contrário, não conseguia evitar repreendê-lo. Afinal de contas, alguém tinha de cuidar da sua saúde.

– Que escreve o senhor tenente sobre a guerra a ocidente? – inquiriu, com o fito de se esquivar a mais admoestações.

Elisabeth estava casada há já mais de um ano com o major Klaus von Hagemann. Haviam celebrado o casamento à pressa poucos dias após a eclosão da guerra, já que Klaus von Hagemann participara na batalha do Marne com o seu regimento de cavalaria. No início de 1915, também Marie e Paul, além de Kitty e o banqueiro Alfons Bräuer, haviam contraído matrimónio.

– Hoje mesmo chegou uma mensagem do Klaus – comentou Elisabeth, remexendo na bolsa para tirar o postal militar. – Está com o regimento perto de Antuérpia, mas, ao que parece, vai receber em breve ordem de marcha rumo a sul. O destino, não pode naturalmente pô-lo por escrito...

– Para sul, ah – rosnou Johann Melzer. – E tu continuas bem?

Elisabeth enrubesceu sob o olhar atento do pai. O marido tivera direito a alguns dias de licença em outubro do ano anterior e cumprira plenamente os seus deveres matrimoniais. Tivera tanta esperança de finalmente engravidar. Em vão. As incómodas regras haviam surgido novamente, maldosa e pontualmente, acompanhadas das habituais dores de cabeça e de barriga.

– Estou bem, papá. Obrigada por perguntares...

Paul empurrou o seu prato para o outro lado da mesa e disse-lhe que se servisse. Da sua parte, estava incapaz de engolir fosse o que fosse.

Elisabeth não conseguia resistir ao gorduroso enchido de fígado. Por amor da santa, a fita que Paul estava a fazer. Era evidente que Marie estava a passar um mau bocado, mas estava a dar à luz uma criança, e Kitty também estava de esperanças. Só a ela lhe estava vedada a felicidade de ser mãe, mas a verdade é que já deveria ter contado com isso. Kitty era a criança solar, o ser amado pelo destino, o doce e pequeno elfo. Tudo o que desejasse, pois caía-lhe no colo. Literalmente. Elisabeth teve de se conter para não se deixar levar pela autocomiseração. Mas então: estava decidida a cumprir o seu dever para com o imperador e a pátria pelo menos de uma outra forma.

– Sabes, papá – começou, sorrindo, enquanto Paul corria de novo para o corredor. – Acho que, considerando a nossa posição social e as possibilidades de espaço na Vila, não temos mesmo outra escolha. O Klaus disse-me claramente que não conseguia compreender a tua hesitação, já que, afinal de contas, é a nossa obrigação patriota...

– Mas de que estás tu a falar? – perguntou Johann Melzer, desconfiado. – Não me digas que é aquela ideia néscia de instalar um hospital militar aqui em casa? Podes ir já tirando essa ideia da tua cabeça, Elisabeth!

Ela já contava com a sua rejeição e não se deixou de modo nenhum desmotivar. A mãe já estava meio convencida do seu plano, afinal de contas também a senhora Von Sontheim instalara um hospital e os pais da sua melhor amiga, Dorothea, haviam disponibilizado uma das suas casas para esse fim. Exclusivamente para oficiais, evidentemente, não iam agora albergar uns quaisquer proletários cheios de lêndas e sem educação.

– Lá em baixo, no átrio, há espaço suficiente para pelo menos dez camas e na lavandaria poder-se-ia instalar um bloco op...

– Não!

Para reforçar a sua posição, Johann Melzer pegou na garrafa de uísque e serviu-se de mais um bom trago. Explicou então que no vestíbulo havia uma permanente corrente de ar, o que não seria de todo saudável para pessoas doentes, além de que havia pouca luz e, não menos importante, qualquer pessoa que entrasse em casa teria de passar pelas camas, já que o vestíbulo era afinal de contas a entrada para a Vila.

– Estás a esquecer-te de que há uma segunda entrada pelo jardim, pelo terraço, papá. E podemos sempre resolver as correntes de ar com cortinados de tecido grosso. Não, acho que o vestíbulo se adequa mesmo muito bem, é espaçoso, arejado e com fácil acesso para quem vem da área de serviço...

Johann Melzer bebeu tudo e, com um movimento agressivo, voltou a pousar o copo vazio na mesa.

– Enquanto eu ainda tiver uma palavra a dizer aqui na Vila dos Tecidos, não vai acontecer um tal disparate. Também já temos bocas suficientes para alimentar, além de um bom punhado de preocupações com a fábrica.

Elisabeth abriu a boca para o contrariar, mas o pai antecipou-se.

– Não sei como vou poder pagar aos meus trabalhadores e durante quanto tempo os posso ainda manter ao serviço – disse, enervado. – Desde o início da guerra que já não há algodão, agora também a lã começa a escassear e as minhas máquinas não servem para fiar cânhamo. Por isso, deixa-me em paz com essa ideia sem juízo, caso contrário vou...

Lá fora, no corredor, sentiu-se um movimento. Ouviu-se a voz agitada de Kitty, lá em cima ouviram-se várias portas a bater e Else correu pelo corredor fora com um cesto cheio de toalhas. Absolutamente horrorizada, Elisabeth viu que os lençóis brancos estavam todos manchados com sangue claro.

– Tens uma filha, Paulinho – gritou Kitty lá de cima cá para baixo. – Uma filha linda e minúscula. Oh, meu Deus, é tão pequenina, mas já tem bracinhos e mãozinhas, até dedinhos e unhas. A parteira entregou-a à Auguste para que ela lhe dê banho...

Paul subiu as escadas a correr para, por fim, o deixarem chegar até Marie, mas Kitty atirou-se para os seus braços a meio das escadas e chorou de felicidade no seu ombro.

– Larga-me lá, Kitty... – clamou ele, impaciente, tentando libertar-se.

– Sim, sim, largo já – soluçou Kitty, apertando-o ainda com força. – Mas espera até ela estar lavada. Então podes pegar na tua filha, já prontinha e bem embalada. Ah, Paulinho, é tão encantadora. E a Marie foi tão valente. Não vou de certeza conseguir tal coisa, isso sei desde já. Vão-se ouvir os meus gritos em Augsburg inteira se tiver de suportar tal sofrimento...

No limiar entre a sala de jantar e o corredor, Elisabeth soltou um suspiro irritado. Logo agora havia Marie de dar à luz! Tinha ainda na manga toda uma série de bons argumentos que teriam encostado o pai às cordas, mas agora ele levantara-se e também se dirigira para o corredor.

– Uma menina – disse ele, insatisfeito. – Enfim. O que importa é que a mãe e a criança estejam de saúde.

Teve de se desviar para o lado quando Auguste passou com o berço de madeira onde outrora o pequeno Paul e também as duas irmãs se haviam deitado. Fora trazido da casa dos Von Maydorn, o ramo da família da Pomerânia, e já embalara e adormecera não poucos bebés de grande nobreza.

– Marie! – chamou Paul no piso superior. – Marie, meu amor. Estás bem? Deixem-me vê-la de uma vez por todas!

– Ele que espere! – ouviu-se a voz autoritária da parteira.

– Aquela mulher é medonha – disse Kitty, indignada. – Quando chegar a minha vez, não quero de modo nenhum esta megera por perto. Ela comporta-se como se a Vila fosse toda dela. Imagina, pôs-se a dar ordens até à mamã...

Contravontade, Elisabeth decidiu por fim sair também da sala de jantar e tomar parte nos acontecimentos. Apesar de tudo, estava terrivelmente curiosa por ver o bebé. Uma menina! Bem feita para Marie. Como ficou desiludido o papá ao ouvir a notícia. Tivera a esperança de que fosse um rapaz que depois assumisse as rédeas da fábrica...

Lá em cima, ouviam-se agora cochichos, Paul estava ao lado de Kitty nas escadas, os dois de rostos confrangidos. Que estranho, pensou Elisabeth. Marie não estaria bem? Perdera demasiado sangue? Morreria até de extenuação?

Elisabeth sentiu subitamente o coração a bater violentamente e teve de se agarrar ao corrimão ao subir as escadas. Oh, céus. Teria seguramente

desejado que Marie tivesse um tudo-nada de febre, mas não era preciso partir assim logo deste mundo!

Abriu-se agora a porta do quarto de dormir e a mãe saiu. Estava completamente fora de si, a pobrezinha.

O rosto totalmente vermelho, a blusa com manchas húmidas e as mãos a tremer ao passar uma madeixa de cabelo solta para trás da orelha.

– Paul, meu querido Paul...

– Por amor de Deus, mamã! Que aconteceu? – Correu para ela, a voz falhou-lhe.

– É... é inacreditável – soluçou Alicia Melzer. – Tu tens um filho.

Ninguém compreendeu o significado das suas palavras, muito menos Elisabeth. Ainda há pouco se falava numa filha e agora afinal era um filho. A parteira estaria embriagada? Não conseguia distinguir um rapaz de uma rapariga?

– Um filho? – balbuciou Paul. – Então não é uma filha, mas sim um filho? Mas o que se passa com a Marie?

Alicia teve de se encostar à parede, fechou os olhos por instantes e levou as costas da mão à testa quente. Sorriu.

– A tua mulher deu à luz gémeos, Paul. Uma menina e um menino. Queres saber como está a Marie? Ora, ainda agora estava lindamente...

Elisabeth ficou parada a meio das escadas. O seu medo transformou-se instantaneamente numa vaga de fúria. Gémeos! Inacreditável! Parecia que algumas pessoas nunca tinham o suficiente. E ainda por cima estava de saúde. Ouviu-se então o vagido de um bebé, bastante débil e abafado, como se o pequeno ser tivesse de fazer um esforço tremendo para emitir aqueles sons. Subitamente, o coração de Elisabeth contraiu-se e foi tomada por um sentimento de enorme ternura. Os dois tinham mesmo de ser minúsculos, já que tiveram de partilhar o espaço dentro do ventre da mãe.

Apareceu então finalmente a parteira, uma pessoa entroncada de cabelo grisalho e as faces perpassadas de gordas veias vermelhas. Trazia um avental branco acabado de engomar, que teria provavelmente vestido pouco antes sobre o vestido preto. Nos seus braços fortes fletidos trazia dois embrulhos. Os recém-nascidos estavam envoltos em xales, vendo-se apenas as pequeninas cabecinhas rosadas. Paul olhou pasmado, de testa enrugada, para os seus filhos, os olhos incrédulos, atónitos até.

– Eles... são saudáveis, não são? – perguntou à parteira.

– Com certeza que sim, são saudáveis!

– Queria só dizer... – gaguejou Paul.

Não estava propriamente com o ar de um pai orgulhoso, ali parado e de olhos fixos nos bebês realmente muito pequeninos. Os seus rostos pareciam caretas, os olhos fendas estreitas, os narizes dois pequenos buraquinhos, só as bocas pareciam grandes. Um dos dois choramingou, emitiu sons estranhamente abafados, desamparados.

– Qual é o rapaz? – quis saber Johann Melzer, que entretanto também subira.

– O chorão. É mais leve do que a irmã, mas já está determinado a queixar-se das condições deste mundo.

A parteira fez um sorriso irónico – pelo menos parecia estar satisfeita com o resultado dos seus esforços. E já não teve nada a objetar quando Paul passou por ela e se precipitou para o quarto.

– Marie! – ouviu-o Elisabeth dizer a meia-voz. – Minha pobre e querida mulher. O que tiveste de suportar! Como estás? São fantásticos, os nossos filhos... os nossos filhos...

– Gostaste de os ver? – disse Marie e soltou risinhos baixinho. – Dois de uma vez. Mas que prático.

– Marie... – sussurrou Paul a transbordar de ternura. Elisabeth não compreendeu o que mais disse, aliás não era destinado a ouvidos curiosos.

Elisabeth sentiu um nó na garganta que aumentava cada vez mais. Oh, céus, como era comovente. E quanto ela desejava que também Klaus um dia lhe dirigisse tais palavras de gratidão e ternura. Dirigiu-se para a mãe, para a abraçar, e de repente reparou que estava a chorar.

– Já têm nomes para os dois? – perguntou a parteira.

– Com certeza – disse Alicia Melzer, afagando as costas da filha Elisabeth.

– A menina vai chamar-se Dorothea e o menino Leopold.

– Dodo e Leo – clamou Kitty com entusiasmo. – Paizinho, tens de abrir as garrafas de champanhe, eu sirvo. Oh, se o bom do nosso Humbert aqui estivesse. Ninguém era tão hábil como ele a servir. Vamos, aqueles dois lá dentro têm agora um ror de coisas para sussurrar um ao outro...

Dirigiram-se para o salão vermelho, mandaram vir Else, que deveria trazer copos, enquanto Johann Melzer descia à cave a buscar o champanhe. Naquele dia feliz, também o pessoal tinha direito a um pequeno trago pela nova geração de Melzers que acabara de nascer. Kitty encheu os copos e

Alicia chamou a cozinheira e Hanna da cozinha, Else subiu até ao quarto com um tabuleiro, onde serviu a bebida efervescente, primeiro ao ditoso casal, mas depois também a Auguste e à parteira.

– Um brinde aos novos cidadãos – exclamou Johann Melzer. – Que os amorosos anjos de Deus os guardem, do mesmo modo que mantêm de leal vigia a nossa amada pátria e o nosso imperador...

Beberam em honra de Dodo e Leo, de Marie, a jovem mãe, dos recém-pais e, naturalmente, do imperador. A senhora Brunnenmayer declarou que já sabia há muito que a senhora trazia gémeos, porque ficara com as pernas gordas, e Hanna perguntou se depois poderia levar as crianças a passear no carrinho. Foi-lhe dada essa esperança – mas apenas se acompanhada de uma ama, que ainda haveria de ser contratada.

– Já há muito tempo que não me sentia tão contente e aliviada – disse Alicia quando a família ficou entre si. Os seus olhos resplandeciam, depois de toda a agitação, o meio copinho de champanhe já a deixara algo embriagada. – Sinto como se os velhos tempos estivessem de volta. Quando éramos jovens, Johann. E os nossos filhos ainda eram pequenos. Lembra-te? Os seus risos alegres no vestíbulo. Como corriam aos gritos pelo jardim e levavam o jardineiro ao desespero...

Johann Melzer apenas bebericara o champanhe. Pousou o copo para tomar a mulher nos braços, um gesto que há muito já não era habitual entre eles. Elisabeth viu a mãe fechar os olhos a sorrir e encostar a face quente ao ombro do pai.

– Bendito seja aquele que pode olhar para a felicidade já ida – murmurou ele. – É um tesouro que ninguém lhe pode roubar.

¹ Queijo produzido à base de leite coalhado, com uma consistência cremosa. (N. da T.)

– Mas porque demoras tanto? – berrou Else na direção de Hanna. – Já estou à espera há pelo menos um quarto de hora aqui à chuva! Se hoje já não conseguirmos trazer carne e enchidos para casa, vou dizer à patroa de quem é a culpa. – Else estava de mau humor e não se inibia de modo nenhum de fazer com que Hanna o sentisse na pele. Agora era assim, a tão sossegada e discreta Else. Nunca ela ousara resmungar contra a robusta Auguste, nem mesmo contra a enérgica cozinheira. E era total e absolutamente dedicada aos patrões. Mas Hanna, que em todo o caso era permanentemente repreendida e castigada, vinha mesmo a calhar como saco de pancada para a criada de quarto.

Hanna arrastava um grande cesto com asas, dentro do qual trazia uma saca de pano grosseiro: tinham esperança de conseguir arranjar meia dúzia de batatas.

– Tive ainda de lavar a louça e de ir buscar um balde de carvão – disse a Else, que esperava por ela, de chapéu e sobretudo postos, sob o teto sustentado por colunas do alpendre da entrada.

Era um lugar onde não podia sequer permanecer, já que os criados deveriam usar as duas entradas laterais. No que toca a ter esperado à chuva... não se via uma só gota de água sobre o sobretudo de Else.

– Mas que tempo este – lamuriava-se agora Else, uma vez que tinha de renunciar ao seu lugar seco para se fazer ao caminho com Hanna. – Estou encharcada. Espero bem não me ter constipado. Caminha lá como deve ser, Hanna. Estás a salpicar e a molhar-me a saia. Será que não consegues fazer nada como deve ser? Nem sequer consegues andar a direito. Cuidado, vê lá se o cesto... – Solto um grito, abriu comicamente os braços e cambaleou para a frente. Um ramo seco que o vento arrancara do velho castanheiro tombara a meio do caminho e fizera-a tropeçar. Para cúmulo do azar,

acabou por pisar uma poça e encharcou o sapato esquerdo, que em todo o caso já tinha um buraco.

– Preste atenção, Else – disse Hanna, escondendo atrás do semblante sério a sua felicidade pelo infortúnio alheio. – Está ali um ramo seco atravessado no caminho.

Oh, como Else se enfureceu! Como era evidente, Hanna não tinha culpa nenhuma daquele percalço, mas não havia dúvida de que era sempre possível encontrar algum motivo para se ralhar com ela. A sua tagarelice em voz alta. A sua falta de jeito. Na lavagem da louça na noite anterior, partira um dos caros copos de champanhe de vidro polido.

Enquanto atravessavam o jardim em direção à rua, Hanna teve de ouvir um sem-fim de admoestações. Contudo, naquele dia, não a incomodavam por aí além, já que ia a pensar como devia ser desagradável andar pela rua com um sapato ensopado. E a bainha da saia de Else também já vira melhores dias.

Quando viraram para a rua, Hanna vislumbrou ao longe, por entre variados edifícios de fábricas, cocheiras e pomares de macieiras, o telhado pontiagudo da Porta de Jakob. Sob a chuva miudinha, as casas e as torres da cidade apresentavam-se cinzento-escuras e pouco convidativas. Hanna ajeitou o lenço com que cobrira a cabeça e os ombros para se proteger da chuva. Não ajudava grande coisa, a morrinha penetrava facilmente no tecido. Quanto a isso, infelizmente, Else tinha razão.

– Causar tanta preocupação à nossa jovem patroa. Ainda ontem se tornou mãe...

Mas que disparates saíam da boca de Else. À jovem senhora Melzer era decerto totalmente indiferente se agora tinham onze ou doze copos de champanhe. Além do mais, a jovem senhora Melzer tomava sempre o partido de Hanna. E também o jovem patrão. Quando ela sofrera aquele terrível acidente na fábrica, fora ele quem a levara para o hospital. Era boa pessoa, muito diferente do pai. Este era amiúde resmungão e estava sempre a ralhar com os trabalhadores. Só com a cozinheira é que o senhor diretor Melzer usava de cautela. Ela era especial, já que conhecia todos os segredos das artes culinárias. A senhora Brunnenmayer também era capaz de ralhar até mais não, mas era aberta e sincera e nunca tagarelava atrás das costas de ninguém. Isso fazia Else e também Auguste. Auguste era simplesmente maldosa. Com ela era preciso ter cuidado. Especialmente agora que o

marido, Gustav, estava nos campos de batalha. Antes de o mobilizarem, Auguste era completamente diferente. Alegre, por vezes até bondosa. Agora era um autêntico mostrengo.

Entraram na cidade pela Porta de Jakob e, com inveja, olharam para um jovem casal a entrar numa limusina preta e a seguir caminho. Aqueles é que estavam bem, não tinham de se molhar à chuva. Já não havia muitos carros particulares, pois o combustível era necessário para as tropas, mas a gente rica, como o banqueiro Bräuer, essa conseguia comprar gasolina. Ainda assim, toda a riqueza do jovem senhor Bräuer não lhe servira de nada – tivera de ir para a batalha como todos os outros.

Na Maximilianstrasse havia realmente uma venda com batatas. Formara-se uma longa fila à sua frente, sobretudo mulheres, mas também crianças, homens idosos e estropiados de guerra. Os preciosos tubérculos jaziam em sacas sobre uma camioneta, dois homens fardados haviam instalado uma balança sobre uma caixa de madeira e pesavam as batatas.

– São muito poucas – estimou Else. – Tens de dizer que somos dez pessoas, entre as quais uma parturiente que deu ontem à luz. Tens aqui dinheiro. E aí de ti se te deixares enganar!

Else tirou-lhe o cesto de compras, enfiou-lhe nas mãos a saca e deu-lhe um empurrão na direção da fila de espera. Hanna colocou-se obedientemente no fim da fila, com a desanimadora sensação de que ia estar parada à chuva para nada. Tinha mais de trinta pessoas à sua frente e agora uma velhinha acabara de furar a fila, tremia tanto que ninguém teve coragem de a mandar embora. Com inveja, Hanna acompanhou Else com o olhar, vendo-a entrar com o grande cesto na padaria, onde compraria provavelmente um grande pão fresco e, quem sabe, pãezinhos com um aroma irresistível. Depois iria buscar leite e manteiga, mas provavelmente só receberia de novo aquela repugnante «gordura alimentar artificial» que deixava a cozinheira Brunnenmayer sempre terrivelmente irritada.

– Olhem-me só, a cambada de preguiçosos – disse uma mulher de sobretudo de lã azul que estava na fila um pouco mais adiante de Hanna. – Ficam para ali sentados a conversar em vez de trabalhar.

Curiosa, Hanna olhou na direção para onde apontava o dedo indicador da mulher. Havia ali trabalhadores ocupados a arranjar as pedras da calçada, figuras encharcadas de chuva e de vestes esfarrapadas, alguns nem sequer

um gorro tinham sobre o cabelo ensopado. Eram prisioneiros de guerra, vigiados por dois homens fardados da reserva territorial.

– Estão a fazer uma pausa – disse um jovem. Era muito pálido e a sua postura era muito ereta. Quando se mexia, oscilava para um lado e para o outro a cada passo, de um modo estranho, já que a perna direita era postiça. – Pobres desgraçados, é o que são. Não fizeram mais do que ir para o campo de batalha lutar pela pátria.

– Russos imundos – teimou a mulher do sobretudo azul. – Cheios de lêndeadas e insolentes. Como olham eles para as raparigas, os fulanos. Tem cuidado com aqueles, minha menina!

Estava a dirigir-se a Hanna, que, de olhos grandes e compassivos, olhava pasmada para os homens exaustos. Aqueles prisioneiros de guerra não lhe pareciam perigosos, pareciam-lhe antes semiesfomeados e sem dúvida nenhuma doentes de saudades de casa. Que loucura era na verdade aquela guerra. No princípio, toda a gente era só entusiasmo.

«Vamos dar uma lição aos franciús», ouvia-se na altura, e «No Natal já estamos todos de volta a casa». A jovem senhora Melzer e a cunhada haviam ido à estação de comboios, enquanto Else, Auguste e ela, Hanna, haviam arrastado cestos com sanduíches e bolos para distribuir pelos soldados que seriam transportados para o Ocidente em compridos comboios. Acenaram-se e agitaram-se bandeirinhas, estavam todos como que embriagados. Pelo imperador. Pela nossa pátria alemã. Nas escolas, as aulas foram suspensas, o que agradara a Hanna. Dois dos seus irmãos haviam-se alistado voluntariamente no serviço militar, e como estavam orgulhosos quando, depois da inspeção, haviam sido aceites e fardados. Morreram ambos logo no primeiro ano da guerra, o mais velho sucumbiu a uma febre e o mais novo tombara algures na França, junto a um rio chamado Somme. Nunca chegara a ver Paris. E na altura prometera a Hanna que lhe enviaria um postal ilustrado quando entrasse vitorioso na capital francesa.

Agora, no terceiro ano da guerra, Hanna compreendera há muito que na altura haviam sido enganados. O regresso a casa já pelo Natal. A guerra instalara-se, ancorara-se no país como um espírito malévolo e comia tudo o que lhe chegasse à boca. Pão e carne, homens e crianças, dinheiro, cavalos, gasolina, sabonete, leite e manteiga. Parecia nunca se saciar. Agora recolhia a roupa velha, metal, borracha, caroços de fruta e papel. Cobiçava até o cabelo

das senhoras. A seguir iria exigir com certeza também as suas almas – se é que já não as tinha há muito...

– Não sonhes acordada, menina – disse o jovem com a perna de pau. – És já a seguir.

Assustou-se e constatou que, na verdade, não esperara em vão, o homem pesou um quilo de batatas e acenou com a cabeça na sua direção.

– São vinte e quatro *pfennig*.

– Mas eu preciso de mais batatas – disse. – Somos dez pessoas, entre as quais uma parturiente que deu ontem à luz dois gémeos...

Atrás dela ecoaram clamores mal-humorados e risos. Havia quem tivesse em casa seis crianças esfomeadas e os pais idosos.

– Dois gémeos? – exclamou um pequeno galhofeiro. – Eu sou um de cinco!

– Eu sou um de cem...

– Calados! – gritou o homem da balança, irritado. Estava cansado e doíam-lhe os braços. – Um quilo. Ou é isto ou não é nada. Ponto final.

As batatas que rebojavam dentro da saca de Hanna eram muito pequenas. Duas para cada pessoa em casa, calculou.

Foi afastada para o lado, o cliente seguinte recebeu o seu quilo de batatas e um olhar rápido indicou-lhe que na camioneta já só restavam poucas sacas. Else iria repreendê-la novamente, mas não fora realmente por culpa sua que não conseguira trazer mais. Indecisa, ficou ali parada, refletiu sobre se deveria colocar-se novamente no fim da fila, quem sabe se o homem não a reconheceria e lhe daria mais um quilo. Nesse momento, sentiu que alguém olhava para ela. Um olhar longo vindo de olhos escuros e estrangeiros, de um dos prisioneiros de guerra, que agora tinham de voltar ao trabalho. Era um rapazinho delgado, bastante pálido, a primeira penugem escura crescia-lhe no queixo e nas faces. Estava parado de pernas abertas e olhava para ela, sorriu por um ínfimo instante, e então alguém lhe deu uma pancada no ombro, ao que ele pegou na picareta, balançou-a bem alto e rompeu a calçada. Trabalhou ininterruptamente durante algum tempo, picava as pedras da calçada com uma força raivosa e Hanna ficou admirada a pensar como uma pessoa que com certeza praticamente não teria comido nada de substancial conseguia, ainda assim, ter tal força.

Um russo, pensou. Mas um russo jeitoso. Mas que não deixava de estar cheio de lêndeadas.

– Olha-me só para esta! – berrou uma voz feminina que ela conhecia demasiado bem. – Estás pr’aí a olhar para os homens, é isso? Mas que bela peça eu criei. Agora és demasiado fina para cumprimentares a tua mãe?

Hanna olhou em volta e viu, para seu puro terror, que a mãe vinha de rosto totalmente vermelho e que o chapéu também estava ao contrário. Estaria bêbeda logo de manhã cedo?

– Bom dia, mamã. Também vinhas comprar batatas?

Foi atingida por um bafo impregnado de álcool, confirmando a sua presunção. Grete Weber fora despedida da fábrica no ano anterior, bem como muitos outros. Desde então, fora sempre ladeira abaixo.

– Batatas? – grasnou a mãe, soltando uma gargalhada rouca. – Onde é que eu havia de arranjar dinheiro para comprar batatas? Sabes muito bem que já não ganho peva, ó garota. O teu patrão, o jovem senhor diretor Melzer, pôs-me com dono. Depois de dez anos a trabalhar árdua e fielmente de pé na máquina de fiar e depois de ter cumprido a minha função, pôs-me simplesmente na rua...

Hanna calou-se, sabia por experiência que era inútil contradizê-la, mesmo sabendo que a mãe acabara de contar um jorro de mentiras. «Dez anos a trabalhar árdua e fielmente...» Se pelo menos não gritasse tão alto, não era preciso todos saberem que ela estava bêbeda que nem um cacho! De onde lhe viria o dinheiro para a aguardente? O pai estava na guerra e os dois irmãos mais novos estavam a viver em Boblingen com uma tia afastada.

– És o meu único amparo, minha querida Hanna – grasnou Grete Weber, agora em tom lamurioso, agarrando no braço de Hanna. – Foram-se todos. Arruinados. Mortos. Abandonaram-me. Tenho de passar fome e frio...

– Lamento muito, mamã. Quando receber o meu salário poderei dar-te alguma coisa. Mas só no fim do mês...

– Mas que dizes tu? O fim do mês foi agora mesmo. Estás a mentir-me, Hanna? Mentas à tua própria mãe? É certo que irá arder no inferno quem trata assim quem a criou...

O aperto da mãe era agora tão forte que Hanna teve de cerrar os dentes para não berrar. Fez uma tentativa de se libertar, mas Grete Weber tinha forças espantosas, apesar de embriagada.

– Primeiro dás-me o dinheiro... – resmungou, abanando Hanna de um lado para o outro. – Dá-mo cá! Queres deixar a tua mãe a morrer à fome,

sua fedelha ingrata? Olhem-me só os sapatos finos que ela tem. Um lenço de lã boa. Mas a mãe tem de andar de trapos...

– Tu só o vais usar para comprar aguardente... – deixou Hanna escapar, tentando desesperadamente soltar-se.

– Que estás tu a dizer? – gritou Grete com toda a fúria. – Dizes isso à tua própria mãe? Agora é que as levas!

A bofetada acertou em Hanna de surpresa, com muita força. A mãe criara quatro rapazes e uma rapariga, sabia como se batia com força. Hanna desviou-se com um grito assustado, deixando cair a saca de batatas ao chão. Precipitou-se a recuperar a saca, mas, ainda antes de sequer o pensar, já a tecelã ficara com o saque.

– Fico com isto provisoriamente e amanhã passo pela Vila a buscar o dinheiro...

– Não! – gritou Hanna, tentando arrancar a saca das mãos da mãe. – As batatas não são minhas. São dos patrões. Devolve-as...

Não valia a pena, Grete Weber já se pusera a salvo no outro lado da rua e, precisamente nesse momento, passou uma carroça a cavalo carregada de barris de cerveja. Só por um triz é que Hanna não fora atropelada pelo velho cavalo.

– Ó moça, és cega e surda? – ralhou o cocheiro enfurecido. – Parece que as mulheres não sabem andar de olhos abertos.

Como é evidente, quando a carroça por fim libertou o caminho, a mãe já há muito desaparecera por entre as casas. E, mesmo que Hanna ainda a tivesse conseguido apanhar, Grete Weber de certeza absoluta que não lhe teria entregado a saca voluntariamente, o mais certo era haver uma cena de pancadaria.

Vai trocar as batatas por aguardente, pensou Hanna, angustiada. Vai à taberna mais próxima e regateia até conseguir.

Como era terrível ter uma mãe assim. Oxalá pelo menos Else não tivesse dado conta daquela cena, caso contrário, mais tarde, na cozinha, não pararia de referir que, afinal de contas, Hanna vinha de «condições difíceis» e que tinha de ter muito cuidado para não ir lá parar novamente. Contudo, era verdade que, antigamente, a mãe trabalhara arduamente. Fora já há muito tempo, mas Hanna lembrava-se. Na altura quem estava sempre embriagado e batia em toda a gente era o pai. A mãe postava-se muitas vezes à frente das crianças para as proteger dos golpes com o próprio corpo. Nessa altura a

mãe também ganhava algum dinheiro com trabalhos de costura e os irmãos iam à escola. Todavia, mais tarde, também Grete Weber começou a recorrer ocasionalmente à bebida e nunca conseguia cumprir as suas tarefas na fábrica. No fim de tudo, o jovem senhor Melzer, por piedade, empregara-a apenas para trabalhos acessórios...

Hanna refletiu como poderia desenvencilhar-se daquele imbróglio. Olhou para a camioneta e constatou que ali já só jaziam sacas vazias. Os homens estavam a embalar a grande balança na caixa, içaram depois a caixa para a camioneta e treparam para a cabina. O motor trepidou. Lentamente, a camioneta arrancou e as pessoas que ainda tinham esperança de arranjar algumas batatas foram assim obrigadas a chegar-se para o lado para não serem atropeladas. Para já, tudo bem, pensou Hanna. Podia dizer a Else que já não conseguira arranjar nada e que esperara em vão na fila. O berbicacho era apenas o facto de também não ter o dinheiro. Sempre eram vinte e quatro *pfennig*. Dava para comprar um pão de centeio. Ou dois ovos. Ou um litro de leite... Voltou-se, refletiu se não seria melhor ir até à leitaria ver como estavam as coisas com Else. Poderia abrigar-se aí alguns minutos, já que a chuva se intensificara, o lenço estava já totalmente encharcado e a água escorria-lhe pelo pescoço abaixo. Precisamente quando tomara a decisão de se pôr em marcha, encontrou – sabe-se lá porquê – novamente aqueles olhos escuros e estrangeiros. O prisioneiro de guerra russo estava debruçado, segurando a picareta com ambas as mãos, a cabeça voltada na sua direção. Olhava para ela com uma expressão de incompreensão e compaixão, acompanhou-a com o olhar enquanto ela caminhava para a leitaria e só prosseguiu o trabalho quando alguém lhe trovejou uma ordem.

Ainda mais esta, pensou Hanna. Estará provavelmente a pensar que uma ladra me levou as batatas. Ainda bem que ele não sabe que esta ladra é a minha própria mãe. Mas por que diabo quero eu saber o que pensa o russo de mim? Devia ser-me totalmente indiferente. Mas que fulano atrevido, que não para de olhar para mim! O melhor era mandá-lo de volta para a Rússia, ele que vá para lá mirar as raparigas.

Fazia ela menção de abrir a porta da leitaria quando viu Else a sair do talho. A criada de quarto, já com alguma idade – Else tinha já mais de quarenta anos –, ficou parada no passeio diante da loja e fazia um sorriso simplório, como costumava fazer quando falava com uma pessoa de estatuto

superior ao dela. Com efeito, saía agora da loja uma mulher vestida de escuro e com um chapéu terrivelmente fora de moda. Não conhecia aquele chapéu? É claro que sim – era da menina Schmalzler, que na verdade trabalhava na Vila como governanta. Há meio ano, a patroa «emprestara-a» à filha Kitty, para organizar as lides da casa e os criados. Auguste contara que na bonita moradia de cidade dos Bräuer andava «tudo virado do avesso». O pessoal permitia-se liberdades incríveis, enquanto a patroa pintava quadros e desfazia blocos de mármore a martelo e escopro, em vez de se ocupar da organização da sua casa.

A menina Schmalzler era sem dúvida alguma a pessoa certa para aquela tarefa. Hanna não gostava particularmente da governanta, mas tinha de admitir que a Eleonore Schmalzler não escapava nada e que se esforçava por ser justa. Não tinha Hanna em grande conta. Nunca se poderia fazer dela uma empregada de confiança, dissera-lhe ela meses antes, e talvez tivesse razão.

Hanna permaneceu imóvel e observou a menina Schmalzler a abrir um chapéu de chuva preto, sob o qual começou a conversar com Else. Devia estar com certeza a perguntar a Else as últimas novidades da Vila dos Tecidos. Else contar-lhe-ia seguramente que aquele ser desastrado, a ajudante de cozinha, partira um dos copos de champanhe de vidro polido. Hanna suspirou e limpou as gotas de chuva do rosto. Estava frio e a humidade penetrava através da roupa. Quanto tempo mais ficariam ali as duas paradas a mexericar? Será que Else já não se lembrava de que tinha os pés molhados?

Pelo menos parecia estar de bom humor. Quando se despediu da menina Schmalzler com uma vénia e caminhou na direção de Hanna com o cesto cheio, o que restava do seu sorriso satisfeito ainda lhe estava patente no rosto. Fizera-lhe bem poder relatar todo o tipo de mexericos.

– Cá estás tu – disse ela a Hanna, com se tivesse andado muito tempo à sua procura. – Onde estão as batatas?

Hanna descreveu com imaginação como esperara na fila e como, precisamente no momento em que chegara a sua vez, o homem lhe dissera que estava com azar, porque as batatas acabavam de se esgotar.

Else ainda estava bem-disposta, limitou-se a abanar a cabeça, contrariada, e perguntou se Hanna não tinha pelo menos tentado chegar-se um pouco mais à frente. Afinal de contas, ela não era propriamente uma tonta.

– Estavam todos muito atentos. Um rapaz tentou passar à frente, mas aí uma mulher deu-lhe um valente tabefe.

– Ui! – disse Else, acrescentando que a fome faz das pessoas animais selvagens. Entregou o cesto pesado a Hanna. – Cobre com a saca, não é preciso que todos vejam que hoje conseguimos arranjar pãozinhos.

Agora é que estava em maus lençóis. A saca fora-se, levava-a a mãe. Agora já só faltava que Else perguntasse pelo dinheiro.

– A saca... dei-a...

Else estacou, estupefacta. Era escandaloso. Aquela rapariga oferecia coisas que pertenciam aos patrões!

– Deste? Mas tu enlouqueceste?

Agora aquele assunto já se tornava perigoso, Hanna tinha de ter alguma ideia muito astuta para sair daquela situação.

– Ofereci a saca a um pobre estropiado – disse Hanna, olhando para cima com um ar inocente. – Estava ali sentado, ao lado dos armazéns, e tremia de frio. Já não tinha pernas, Else. Apenas dois cotos. Então ofereci-lhe a saca vazia para ele pôr à volta dos ombros...

Soava quase tão comovente como a história de São Martinho, que partilhara a sua capa com um pedinte. Mas Else fez um ar cético. Quando se tratava de contar uma história inventada, a imaginação de Hanna era inesgotável. Perscrutando em volta, Else olhou para o armazém, onde não estava nenhum pedinte, mas apenas uma jovem com uma criança a vender postais coloridos.

– E aonde foi ele, o teu pedinte?

– Já se deve ter ido embora...

– Sobre os cotos, como assim? Essa é de rir! Sua mentirosa. Vamos lá para casa que já levas uma descompostura! Acabaste de merecer uma boa sova...

A ideia não fora grande coisa, isso Hanna teve de admitir para si mesmo. Embora até existissem estropiados que conseguiam andar sobre os cotos, a história fora simplesmente demasiado rebuscada. Desalentada, correu a alcançar Else, que já caminhava a passo enérgico na direção da Porta de Jakob e se recolhera num silêncio ameaçador.

Agora seria novamente castigada, era possível que lhe reduzissem o salário, mas do pouco que conseguira poupar tinha ainda de tirar os vinte e quatro *pfennig*, que oxalá Else só lhe pedisse quando já estivessem na Vila. A verdade é que Hanna estava disposta a assumir todos os possíveis

incômodos e castigos se isso significasse que ninguém ficaria a saber o que realmente acontecera. Envergonhava-se demasiado da sua mãe.

– Podes já tirar da ideia que vais receber um dos pãezinhos – retomava agora Else as repreensões. – São para os patrões e, se sobrar alguma coisa, há outros que têm direito antes de ti!

Hanna nada disse. Que haveria na verdade de dizer? Apesar do saco de papel húmido onde estavam guardados, ela já cheirara os deliciosos pãezinhos castanho-dourados. Que aroma! Era farinha branca, um pouco de leite, e ainda sal e fermento. Leves e deliciosos. Muito diferentes do pão de centeio escuro e duro como pedra que – assim dizia a cozinheira – fora misturado com serradura.

– Cada um recebe o que merece – pronunciou Else maliciosamente. Tinha visivelmente prazer em ter novamente um motivo para descompor Hanna como devia ser.

Que mesquinho, pensou Hanna com amargura. Que injusto! Não fiz nada de mal!

A sua mão esquerda tornou-se, subitamente, independente. Enfiou-se no saco e tirou de lá de dentro um pãozinho redondo. O que então aconteceu foi um ato criminoso, uma infração contra o imperador e a pátria. Mas Hanna não se conteve. Escondeu o pãozinho sob o seu lenço, até passarem junto às obras na estrada. Nesse momento, a mão saltou de repente de dentro do lenço e a iguaria redonda mudou de dono.

Tudo aconteceu num relâmpago e apenas duas pessoas deram conta. A ajudante de cozinha Hanna Weber e um jovem russo, que fez desaparecer rapidamente a oferenda sob o seu casaco.

Já por duas vezes a secretária Ottilie Lüders batera à porta do gabinete de Paul a perguntar se o jovem senhor diretor não precisava de mais lenha. Mas Paul rejeitara a oferta com um sorriso irónico, dizendo que não era propriamente friorento. Além, nos pavilhões, onde as operárias laboravam de pé junto às máquinas de fiar, também não havia aquecimento. Ao ouvi-lo, Lüders suprimira um suspiro profundo e, sem que ele tivesse pedido, pousou na secretária uma chávena de café sucedâneo. Numa manhã de inverno escura como aquela, uma pessoa precisava de algo quente.

– Que amabilidade a sua, menina Lüders!

Paul recostou-se na cadeira para observar o seu desenho com olhos críticos.

– Se o pai da Marie ainda fosse vivo... Jacob Burkard teria concebido esta máquina sem dificuldade.

Abanou a cabeça e pegou na borracha para fazer uma correção, desenhou mais algum tempo a régua e esquadro, anuindo então com satisfação. Ele não era nenhum génio, como fora o pobre Burkard, mas tinha sentido prático e o seu faro para o negócio era fora do comum. Iria pedir a Bernd Gundermann, da fiação, que desse uma vista de olhos ao seu desenho. Gundermann mudara-se de Düsseldorf uns anos antes; aí trabalhara na Jagenberg, que na altura já fabricava fios à base de papel. Cortavam os imensos rolos de papel em tiras de dois a quatro milímetros, cujas extremidades eram depois coladas e perfuradas de modo a formar fios. Estes fios de papel podiam ser entrelaçados para fazer tecidos. Eram sobretudo tecidos grosseiros, adequados a sacas, cintas ou correias, mas, quando refinados, também serviam para produzir tecidos para vestuário. Estes têxteis eram, é certo, pouco confortáveis, não se lavavam como habitualmente e quem andasse muito tempo à chuva com eles vestidos ficava

em maus lençóis. Contudo, tendo em consideração a catastrófica escassez de matérias-primas, no Reich a produção de fibra de papel era imensamente incentivada. A própria existência da fábrica de tecidos Melzer vivia uma situação periclitante e se ao menos conseguissem entrar para o ramo da produção destas fibras...

Os seus pensamentos foram perturbados por alguém a bater na porta baixinho.

– Paul?

Foi lentamente tomado por um pressentimento desagradável. Por que razão o pai lhe batia à porta? Normalmente marchava pelo gabinete do filho adentro sem se fazer anunciar, quando lhe dava na real gana.

– Sim, pai. Queres que vá aí ter contigo?

– Não, não...

A porta tremeu um pouco, depois abriu-se completamente e Johann Melzer entrou. Desde a apoplexia, dois anos antes, ele emagrecera, o cabelo ficara branco como a neve, as mãos mexiam-se numa agitação contínua. Preocupava-o muito o declínio da fábrica no último ano. Contudo, no início da guerra, o negócio ia de vento em popa, faziam fardas com algodão e lã, um empreendimento importante no esforço de guerra e, por esse motivo, o seu jovem diretor Paul Melzer fora para já poupado à mobilização...

– Chegou correio para ti, Paul.

Melzer estendeu uma carta ao filho, pousou-a no círculo de luz do candeeiro de trabalho, sobre o desenho de Paul, e então afastou-se da secretária, recuando um passo. Paul fixou os olhos no remetente. A Câmara Municipal de Augsburg, as autoridades locais. Algo dentro de si recusava-se a acreditar nesta artimanha do destino. Porquê logo agora? Quando vivia a plena alegria do parto feliz de Marie. Quando esboçava os seus planos promissores.

– Quando chegou? – perguntou e aproximou a carta do candeeiro para decifrar o carimbo dos correios. Não podia de modo nenhum ser daquele dia, ainda pouco passava das oito da manhã e o carteiro passava pela fábrica por volta das nove.

– Anteontem – disse o pai num tom algo apático. – No meio de toda a agitação dos mais recentes acontecimentos, esqueci-me completamente de ta dar.

Um olhar rápido para o rosto fechado do pai fez Paul duvidar daquelas palavras, mas não comentou. Pegou no abre-cartas de prata e inseriu-o, recortou com cuidado o envelope numa linha perfeitamente a direito e retirou a carta. Por um breve momento, entregou-se à esperança de que pudesse ser um simples pedido das autoridades municipais relativamente aos trabalhadores da fábrica. Todavia, quando desdobrava a carta, a expressão «ordem de alistamento» em letras gordas fixava-o de frente nos olhos. Breve e sucintamente, era-lhe comunicado que na quarta-feira, dia 9 de fevereiro, se deveria apresentar para receber formação militar. Acabara-se o seu estatuto especial de diretor da fábrica de tecidos. O facto de ter sido pai dois dias antes e de agora ter de deixar a mulher sozinha – a quem interessava isso?

O silêncio pesava na sala, nem Paul nem o pai tinham vontade de tecer os comentários habituais com que eram recebidas estas notificações.

E no entanto: era legítimo pensar que todos tinham de cumprir o seu dever patriota. Não partiria de todo com satisfação para defender a pátria e o imperador enquanto Marie ficava sozinha com os gémeos. Mas ficar para trás cobardemente enquanto outros sacrificavam a vida no altar da pátria, isso seria uma vergonha.

– Amanhã – disse Paul em voz baixa, com um laivo de humor negro. – Bem, trouxeste-me a carta mesmo a tempo.

O pai anuiu e voltou as costas. Foi até à janela e ficou a olhar para baixo, para o pátio vazio da fábrica, iluminado por quatro candeeiros elétricos. O dia clareava lentamente, em breve iriam apagar as luzes.

– Telefonei ao doutor Greiner. Podes passar para falar com ele esta tarde.

Paul soltou um suspiro irritado. Que artimanhas haviam andado a tramar nas suas costas?

– E para quê exatamente?

– Ele pode atestar que tens problemas de coração. Ou um historial de problemas nos pulmões. Para que pelo menos não sejas mandado para a frente, Paul. A verdade é que precisamos de ti.

Paul abanou a cabeça. Não, já que ia para o campo de batalha, então que fosse como deve ser e não como um medricas cobarde. Além do mais, a situação do exército alemão não estava assim tão má, na França as coisas estavam algo estagnadas, mas a Rússia estava prestes a capitular.

– Se quisermos acreditar nos relatos que nos chegam – disse Johann Melzer com uma entoação estranha.

Paul dobrou de novo a ordem de alistamento, enfiou-a no envelope e meteu-a no bolso interior do casaco. A situação era aquela e nada havia a fazer. Cabia-lhe agora superá-la o melhor possível. Ele não era o único. Milhares e milhares de jovens de toda a Europa faziam este caminho – por que razão logo ele, Paul Melzer, deveria ser poupado?

– Vou continuar a fazer aqui o meu trabalho até à hora do almoço – disse ele com uma tranquilidade que até a ele surpreendeu. – Gostava de passar a tarde e a noite com a minha mulher e os bebés.

Johann Melzer assentiu. Considerou que era mais do que compreensível.

– Não te preocupes, meu filho. Não tenho dificuldade em dar conta do estaminé sozinho. Bem pelo contrário, é uma espécie de fonte da juventude, até estou ansioso.

– Vou ordenar o fabrico da máquina de recortar papel, pai. De acordo com estes planos. E ainda uma máquina de fiar especial que perfura as tiras de papel para formar fibras. Olha: vai ter este aspeto...

Paul sabia muito bem que o pai não tinha em grande conta aquele «ridículo tecidozinho de fazer sacos». Os fios eram tecidos da lã, da seda, do algodão ou do linho – nunca de papel ou celulose. Uma pessoa como Johann Melzer não se rebaixava a ponto de tecer materiais sucedâneos baratos que se desfaziam só de se olhar para eles com mais atenção. Constava que teriam chegado a Bremen vários carregamentos de algodão das colónias. Mas os patifes lá do Norte açambarcaram a matéria-prima para si para a processar nas suas próprias fábricas.

– Veremos...

– Se a guerra continuar muito mais tempo, pai, esta é a nossa única hipótese.

Paul decidiu fazer as coisas como devia ser. Logo que o pai saiu do gabinete, chamou a menina Lüders para lhe ditar várias cartas. Queria saber os preços do papel e, eventualmente, também da celulose, para tratar de aceder à matéria-prima ao melhor preço possível. Ottilie Lüders estenografou corretamente, como lhe era habitual, datilografou os documentos e preparou-os para serem enviados pelo correio.

– Ponho os documentos na secretária do seu pai?

Estava atenta, a menina Lüders. Era evidente que já sabia que no dia seguinte ele já ali não estaria. Provavelmente a colega, a menina Hoffmann, estivera à escuta do outro lado da porta. Isso era algo que a menina Lüders não fazia. As duas secretárias haviam sido obrigadas a ver o seu salário reduzido, tal como quase todos os outros funcionários e trabalhadores da fábrica. Especialmente por eles, custava a Paul ter de abandonar o seu posto. Era responsável por aquelas pessoas, tinha de angariar encomendas, encontrar novas soluções para lhes poder dar trabalho e pôr comida na mesa. Entretanto já quase só empregavam mulheres; os poucos homens que ainda estavam na fábrica já tinham demasiada idade para servir na guerra ou não estavam aptos. As mulheres tinham de alimentar as famílias, não eram poucas as viúvas, as outras amiúde nem sabiam o que acontecera aos maridos. Nenhuma mensagem, nada de correio militar – desaparecidos.

Evitou pensar mais. Amava Marie, afinal de contas tinham-se casado havia apenas um ano – Deus protegê-lo-ia e à sua jovem família.

Em seguida, Paul mandou chamar Bernd Gundermann e mostrou-lhe os seus planos de construção. Aquele operário não era propriamente uma grande inteligência, pelo que só vagamente se conseguia lembrar das grandes máquinas da Jagenberg. Talvez a tivesse reconhecido se a visse diante de si toda montada. Mas com um desenho diante de si não conseguia discernir nada de útil. Mas pelo menos respondeu solicitamente às perguntas de Paul e depois foi-se embora a mancar, aliviado. Gundermann perdera todos os dedos do pé direito num acidente, pelo que fora isentado de servir na guerra. Tanto mais porque já tinha quase cinquenta anos.

Pouco antes do meio-dia, Paul arrumou a secretária, escreveu meia dúzia de recados para o pai e despediu-se das meninas Lüders e Hoffmann. As duas mulheres fizeram rostos de enterro, mas aguentaram-se valentemente enquanto ele lhes apertava as mãos. Só quando ele já descia as escadas é que as ouviu soluçar. Lá em baixo, no pátio, dois funcionários da contabilidade vieram na sua direção, também Mittermayer e Huntzinger lhe queriam dar uma vez mais um aperto de mão. Depois algumas mulheres que na tecelagem debruavam à mão os últimos cobertores de lã. Junto ao portão estava o velho Gruber. Corriam-lhe lágrimas pelo rosto de faces rosadas. Era inacreditável a rapidez com que as notícias corriam na fábrica. E o enorme apreço que nutriam por ele. Apesar dos despedimentos e das reduções de salário que ele fora obrigado a implementar.

Foi a pé até à Vila, sem atentar à chuva miudinha nem ao vento gelado que fazia menção de lhe varrer o chapéu da cabeça. A afeição dos seus funcionários comovera-o, por um lado, mas, por outro, angustiava-o esta despedida lacrimosa. Afinal de contas, era sua intenção regressar logo que possível. Era forte e saudável. Precisavam dele.

Marie esperava-o em baixo, no vestíbulo de entrada, e correu ao seu encontro quando ele entrou. Como estava bonita, tão rosada... Trazia nos olhos uma nova ternura. Tomou-a nos seus braços.

– Estás bem, meu amor? Hoje estás mais bonita do que nunca...

Ela calou-se e aconchegou-se nele, fê-lo sentir o seu corpo, que, com a gravidez, se tornara mais exuberante e maternal.

– O pai contou-me hoje logo cedo, Paul. É difícil, logo agora. Mas temos de aceitar a vontade de Deus.

Ele abraçou-a com firmeza e sentia-se feliz por ela se manter tão serena, caso contrário até ele não teria conseguido conter as lágrimas. Ao sentir assim tudo o que estava a perder. Guardar a mulher amada no coração e saber que agora teria de a abandonar por muito tempo, quem sabe se para sempre.

– Vamos subir, minha querida – disse ele baixinho. – Quero ficar alguns momentos sozinho contigo.

De mãos dadas, subiram a escadaria, percorreram o corredor de mansinho, como dois ladrões, e esgueiraram-se lá para cima, para o segundo piso.

Paul abriu a porta do quarto de Kitty, que estava vazio desde que ela se casara e que funcionava como quarto de hóspedes. Esgotada de subir a correr, Marie atirou-se para o sofá azul-claro de Kitty e Paul sentou-se a seu lado. Em silêncio, puxou-a para os seus braços, beijou-a e já não conseguiu parar, como se fosse possível entregar naquele instante preciso toda a ternura que sentia por ela. Lá em baixo, a mãe chamava Auguste, queria saber se o senhor diretor e o filho já teriam chegado. Não compreendeu a resposta de Auguste, não era importante naquele momento.

– Orgulho-me tanto de ti, Marie – sussurrou-lhe ao ouvido. – Da tua força. Da tua resistência. Acredita, tenho dentro de mim uma tempestade

enraivecida, estou zangado com o destino e não desejo nada mais do que poder ficar contigo...

– Desde quando é que sabes? – perguntou ela.

– Há pouco mais de uma hora...

– Não nos contaram...

Imaginou ter ouvido uma acusação naquela constatação e abanou a cabeça.

– Fizeram-no por nós, Marie. Não levo a mal ao meu pai que o tenha feito.

– Sim, tens provavelmente razão...

Com ligeira preocupação, viu como as sobrancelhas escuras de Marie se abatiam, o que acontecia sempre que algo não lhe agradava. Ela não apreciava os modos autoritários do pai, já por várias vezes o contradissera e ele, Paul, fora obrigado a mediar entre os dois. Agora Marie ficaria sem o seu apoio, e podia apenas nutrir a esperança de que ela seria suficientemente sensata para não desafiar o pai.

– O papá está tão feliz com os netos, Marie. Não lhe podias ter dado maior alegria.

– Eu? – perguntou ela, olhando-o matreiramente. – Quer-me parecer que tu também tiveste alguma coisa que ver com o assunto...

– Lá isso é verdade.

– Ainda que a tua participação tenha sido muito pequenina – afirmou ela.

– Tão pequenina não há de ter sido, minha querida...

– Mesmo muito pequenina...

Com o polegar e o indicador, ela mostrou uma distância que não era mais do que a cabeça de um alfinete. Ele inclinou a cabeça e franziu a testa.

– Pequena, mas decisiva – vangloriou-se ele.

– Puseste uma moedinha na máquina...

Como era atrevida a sua querida mulher. Até o fez rir, obrigou-o a apertá-la com força contra si como castigo e a beijá-la até ela rogar misericórdia.

– Qual é o tamanho da minha contribuição? – inquiriu ele quando ela gemia como se estivesse prestes a asfixiar.

– Considerável, meu querido.

– Considerável? Isso é muito pouco!

– Paul, para... já não consigo mesmo respirar... Paul... Meu amor... Querido... Pai dos meus filhos...

Ela tentou lutar com ele, empurrou as duas mãos contra o seu peito para o afastar, mas sem êxito. Ele adorava aquela brincadeira, a sua rebelde Marie, a sua mulher atrevida, doce, esperta e, por vezes, terrivelmente tola. Tantas vezes haviam eles gerado um perfeito caos no quarto de dormir que depois, na manhã seguinte, ao levantar, tinham de arrumar novamente com cuidado para não dar a Else ou Auguste mais um motivo para mexericos.

– Diz, senão não te solto... – ofegou ele, cingindo-a contra si.

– A tua parte é imensa, meu senhor. Infinita. Do tamanho do oceano e do universo... Já chega? Ou também queres que te chame Deus Pai?

– Olha que não faria mal nenhum.

– Assentava-te mesmo bem...

Ela passou o dedo pelo cabelo curto no pescoço de Paul e ele teve um arrepio, já que aquele toque delicado o excitava extraordinariamente. Como era maldoso o destino, a ponto de já não lhe permitir sequer uma noite de amor com a sua Marie, mandando-o precisamente agora para a batalha, quando ela ainda estava no pós-parto. Deste modo, restar-lhe-ia apenas a recordação e conseguia já sentir que a sua imaginação lhe traria felicidade e dor ao mesmo tempo.

– Oh, Paul – disse ela baixinho junto ao seu ombro. – Como somos parvos e tontos. Duas crianças que se agarram uma à outra cheias de nostalgia. E, ao mesmo tempo, agora temos também de ser sensatos. Dizer coisas importantes um ao outro. Não esquecer nada do que ainda queríamos dizer. Para agora... e para o futuro...

– E que querias tu dizer-me, minha sensata Marie? – Soara como um lamento; contudo, quando a olhou, ela estava a sorrir.

– Que te amo... infinitamente... sem limites... para sempre, enquanto viver...

– Isso é a coisa mais sensata e importante que alguma vez disseste, meu amor.

Ela fez menção de protestar, mas ele não a deixou falar.

– Imagina tu, Marie, eu sinto exatamente o mesmo.

– Então não há mais nada a dizer, meu querido.

Calados, abraçaram-se com força, fecharam os olhos e escutaram o silêncio do quarto desabitado. Nenhum tiquetaque de relógio, todos os ruídos haviam sido emudecidos, a passagem do tempo não estava em vigor. Naqueles poucos minutos em que as suas respirações encontraram o mesmo

ritmo, em que os seus corações batiam à mesma cadência, parecia absolutamente impossível que alguma vez se pudessem perder um do outro.

– Meu senhor? Está aí dentro?

As pancadinhas de Else na porta romperam a feliz ausência de tempo e trouxeram-nos a ambos de volta ao chão da vida real.

– A senhora manda dizer que o almoço está servido...

Paul captou o olhar zangado de Marie e pousou-lhe com ternura um dedo nos lábios.

– Obrigado, Else. Já descemos...

Os pais já estavam sentados à mesa, o pai acompanhou a sua entrada com um ligeiro franzir da testa, a mãe sorriu compreensivamente e cheia de preocupação.

– Caldo de cevada? – perguntou Paul com uma boa disposição fingida enquanto desdobrava o guardanapo. – E até tem bolinhos de pão. Nesse caso, desejo a todos um bom apetite. – Deram graças e Alicia tirou a concha da sopa da mão de Else para, hoje, ser ela a encher os pratos. A mãe já sabia, evidentemente, conseguia perceber no seu rosto que estivera a chorar. E também o pessoal estava ao corrente, via-se no semblante fúnebre de Else e também no facto de a cozinheira Brunnenmayer se ter esforçado claramente por cozinhar o seu prato predileto. Desde criança que adorava bolinhos de pão.

– A Kitty disse que passava por cá esta tarde – anunciou Alicia na direção de Paul. – E a Elisabeth também vem. Espero que estejam de acordo...

Marie lançou a Paul um olhar de incentivo e disse que tinha muito gosto em vê-las a ambas. Sobretudo Kitty, que era sempre garantia de animação e alegria.

– A cozinheira fez um bolo e, para esta noite, até informou que havia salada de arenque.

Falou-se sobre a cozinheira, que se revelara uma verdadeira feiticeira ao confeccionar os pratos mais saborosos com os poucos ingredientes que ainda havia à disposição. Depois de Else servir o prato principal – carne de porco assada com almôndegas de batata e puré de maçã –, caiu um silêncio pouco habitual. Ouvia-se o ruído dos talheres a embater nos pratos, Johann Melzer ergueu o copo de vinho, fizeram um brinde sem dizer uma palavra. Por fim, Alicia pigarreou.

– Reunimos algumas coisas, Paul. Coisas de que vais precisar. Depois do almoço dá uma vista de olhos e diz se nos esquecemos de alguma coisa.

– Obrigado, mamã.

Ninguém apreciou realmente a carne que fora assada com tanto carinho. Enrolava-se na boca de Paul enquanto mastigava e serviu-se uma segunda vez só para não entristecer a cozinheira. No dia seguinte, àquela hora, sentar-se-iam à mesa sem ele. Porque haveria a vida dele ser melhor do que a de todas as outras famílias? O coronel Von Sontheim, pai de Serafina, uma amiga de Elisabeth, caíra em batalha duas semanas antes, também um dos seus irmãos e todos os três filhos do diretor Wiesler. Também Herrmann Kochendorf, da Câmara Municipal, fora mobilizado. Constava que estava gravemente ferido num hospital militar na Bélgica e que nem todo o seu dinheiro lhe podia valer. O advogado, o doutor Grünling, combatia algures na Rússia, não havia notícias suas, o que era sempre mau sinal. Tantos jovens que, ainda dois anos antes, dançavam alegremente no salão de baile dos Melzer e esvoaçavam em volta da encantadora Kitty Melzer haviam caído algures em terra inimiga, os pais não sabiam sequer onde haviam sido sepultados.

– Tem havido notícias do Humbert? – inquiriu Paul, sentindo-se terrivelmente abatido com todo aquele silêncio.

– Oh, sim! – exclamou Marie. – Tinha-me esquecido completamente. Imagina tu, Paul, ele enviou à senhora Brunnenmayer uma carta pelo correio militar. Está a servir na retaguarda na Bélgica, tem de escovar os cavalos e limpar o esterco dos estábulos.

Sorriram todos com tal ideia. O laçao Humbert era terrivelmente sensível, só de ver uma aranha ficava histérico, tinha a roupa sempre impecavelmente asseada, os sapatos sempre acabados de engraxar. Limpar o esterco nos estábulos dos cavalos não era seguramente para ele uma ocupação agradável.

– É realmente um tipo curioso – considerou Johann Melzer. – Mas de algum modo vai desenvencilhar-se, tenho a certeza.

Paul estava aliviado por o almoço ter chegado ao fim. Nem sequer o delicioso pudim de baunilha com xarope de framboesa ele conseguira apreciar devidamente, o ambiente à mesa era simplesmente demasiado aflitivo. Se ao menos Kitty já ali estivesse. Teria de passar a tarde e uma parte

do serão com os pais e as irmãs. Só depois podia por fim estar sozinho com Marie e os dois pequenos.

– Que disse a parteira? – ouviu ele a mãe a perguntar baixinho no corredor.

– Até ver, está de saúde – respondeu Marie com a voz abafada. – Só que é muito pequenino. É imprescindível dar-lhe de beber.

– Já comecei a procurar uma ama de leite. Amanhã vêm já cá apresentar-se três mulheres...

Subitamente, Paul foi tomado pela preocupação de que o filho poderia morrer. Era demasiado pequeno, pelos vistos não bebia o suficiente. Como haveria ele de sobreviver? Como podia a mãe chamar uma ama de leite para vir só no dia seguinte? O pequeno não tinha de beber já hoje? E por que razão Marie não o amamentava? Abriu de rompante a porta do salão vermelho, onde Else lhes servira moca verdadeiro, e correu para as escadas que conduziam aos aposentos de dormir no piso superior.

– Marie?

Precipitou-se pelas escadas acima. No cimo, veio ao seu encontro Auguste, que para já estava a assumir a função de ama. Na noite anterior haviam-lhe sido confiados os gémeos e não houvera nenhuma dificuldade.

– Está tudo bem, senhor – disse ela e esboçou uma vénia. – A senhora está neste momento a amamentar; será melhor não a perturbar agora.

– E o rapaz? Está a beber?

– Mais cedo ou mais tarde, acabará por beber...

A resposta não o tranquilizou, mas conseguiu perceber que podia fazer muito pouco, pelo que voltou a descer. O pai esperava-o no corredor e conduziu-o para o escritório, onde havia um sem-fim de coisas espalhadas sobre o sofá. Roupa interior, meias, um impermeável, uma lanterna de bolso com vários conjuntos de pilhas, um colete quente, um canivete bom com corrente, uma caixa com utensílios de costura e botões sobresselentes, uma *Browning*, açúcar, chocolate, pantufas quentes, luvas...

– Se faltar alguma coisa, podemos enviar-te – disse o pai.

Paul ficou a olhar para as coisas e teve consciência de que, a partir de agora, passaria a arrastar consigo todas as suas posses. Não mais as salamandras quentes, a cama macia e o banho diário. Do dia seguinte em diante, já não valeria muito mais do que o mais insignificante dos seus trabalhadores, uma vez que não tinha patente de oficial, era um simples

soldado. Estranhamente, agradou-lhe a ideia de vir a suportar as privações, de marchar dias a fio, trinta quilómetros, cinquenta quilómetros por dia – era temível a capacidade de avanço do exército alemão. Seria duro, ficaria a conhecer os seus limites e iria além deles, mas ia para a batalha para proteger a pátria alemã e a sua família. Tinha de conservar este pensamento, levá-lo-ia consigo por entre as saraivadas de balas e ao longo de todas as privações, ajudá-lo-ia a encontrar um sentido nas suas ações dentro dos acontecimentos da guerra. Tinha diante de si um período em que seria posto à prova. Quando regressasse – e tinha evidentemente toda a intenção de regressar –, seria uma pessoa diferente.

Ouviu-se no corredor a voz agitada de Kitty. Depois a de Elisabeth, insatisfeita com alguma coisa, e pelo meio a da mãe, como sempre a esforçar-se por impedir que as filhas discutissem.

– Poupa-me por favor aos teus constantes sermões, Lisa – exclamou Kitty em voz alta. – Não me interessa minimamente o que escreve o teu muito estimado e excelentíssimo major e amado esposo. Vitória, vitória, vitória e sempre só a vitória! E por onde anda ela, essa vitória? Nem vê-la. São tudo só mentiras e tretas...

– Como podes dizer tais indignidades, Kitty! É traição ao imperador e à pátria, é troçar de todos os corajosos heróis que perderam a vida em defesa da honra! O Klaus escreveu que a vitória está já ao nosso alcance. E, afinal de contas, ele sabe o que diz...

– Por favor, Elisabeth! – interveio Alicia. – Não te exaltes. Hoje vocês não devem...

– Ah, agora a culpa é outra vez minha. É claro, já devia ter imaginado.

Paul viu no rosto do pai desenhar-se um sorriso divertido. Gostava da maneira de ser espontânea de Kitty, muito embora fosse raro admiti-lo.

– Estou-me positivamente nas tintas se vencemos ou perdemos – declarou Kitty. – Para que queremos nós a França? Eu cá não preciso dela. E da imunda Rússia, dessa então é que não preciso mesmo. E, por mim, podemos oferecer as colónias à vontade. Se ao menos deixassem o meu Paulinho comigo. Afinal de contas, já me levaram o meu Alfons, por isso seria apenas de bom-tom deixar cá pelo menos o Paulinho. Para lá de revirar os olhos, Lisa. Eu já estou calada, mamã. Como prometido, já me calei. Caladinha que nem um rato. Contida e tranquila. – Calou-se, mas apenas para prosseguir

logo de seguida: – Tens um lenço que me emprestes, Lisa? Devo ter perdido o meu algures...

A mãe conduziu as duas até ao jardim de inverno, onde beberiam café e comeriam bolo. Paul olhou para o relógio de bolso: eram quatro da tarde. Tinha ainda quinze horas. Como era possível o tempo demorar tanto a passar? Todas aquelas conversas, as despedidas, a obrigação de parecer contido, de se mostrar confiante – como tudo aquilo era cansativo. Recordava-lhe a despedida de alguns dos seus amigos de juventude que se haviam alistado voluntariamente por um ano. Fora logo no início da guerra, estavam todos imbuídos de entusiasmo e mal podiam esperar o momento de lutar contra o inimigo. Dois dos seus colegas de escola foram declarados inaptos devido a problemas físicos – oh, como ficaram zangados. Os outros haviam celebrado alegremente com os amigos na véspera de entrarem ao serviço, a meio da noite haviam marchado pelas ruas de Augsburg de archotes na mão e haviam berrado o *Wacht am Rhein*². Paul fazia parte do grupo e, no meio de todo aquele entusiasmo e êxtase generalizados, tivera pena de não poder ir para a guerra com os seus camaradas.

– Paulinho!

– Por favor, Kitty! – suplicou Alicia. – Queremos manter alguma contenção e...

Mas já era tarde de mais, os sentimentos de Kitty eram mais fortes do que qualquer promessa e boas intenções. Mal Paul entrara no jardim de inverno, já ela se lhe atirara ao peito a soluçar.

– Não te vou entregar. Vou agarrar-me a ti e não largo. Vão ter de me partir em duas se te quiserem levar...

– Não chores, Kitty – sussurrou-lhe ele ao ouvido. – Pensa no bebé aí mesmo abaixo do teu coração. Eu volto, irmãzinha.

Ele teve de lhe emprestar o seu lenço e esperou pacientemente até ela se ter assoado e limpado as lágrimas. Conduziu-a então até um dos cadeirões de verga, onde ela se deixou cair, esgotada. Marie surgiu com um vestido largo de algodão branco, envolveu os ombros com um pano de lã, vinha de semblante contido.

– Está tudo bem com os pequeninos? – inquiriu ele.

– No início, as jovens mães andam sempre preocupadas – respondeu Alicia em vez de Marie. – Estão lindamente, Paul.

As horas arrastavam-se a passo de caracol. Comer bolo, beber café, ouvir as perorações de Elisabeth sobre o triunfo para breve da amada pátria, tolerar os olhares feridos de morte de Kitty, o sorriso de Marie que encerrava tanta preocupação e tristeza. A confiança do pai de que em breve poderia voltar a comprar algodão das colónias, o rosto empalidecido da mãe, a sua postura exemplar, o seu esforço por não o preocupar. Cerca das cinco da tarde, chegou o velho Sibelius Grundig, que geria um estúdio de fotografia na Maximilianstrasse. Alicia mandara-o chamar para se fazer uma fotografia de família para recordação, pelo que todos se posicionaram segundo os desejos do fotógrafo, Paul entre a mãe e Marie, Kitty aconchegada ao pai, Elisabeth do outro lado, com um semblante que a todos dizia: Eu sei que estou a mais.

Ao fim da tarde, a menina Schmalzler fez uma breve visita, apertou a mão a Paul e desejou que Deus o abençoasse. Noutros tempos, viera da Pomerânia como camareira da jovem Alicia von Maydorn, subira mais tarde ao posto de governanta e vira crescer todos os três filhos. Paul fora sempre o seu favorito.

Depois do jantar – quereriam por acaso empanturrá-lo até à morte? –, Paul pediu por fim para passar as horas que lhe restavam com a mulher e os bebés. Ninguém se opôs, as irmãs deram-lhe um beijo de despedida e Kitty obrigou-o a prometer que lhe enviaria notícias pelo menos três vezes por semana.

Eram já oito horas quando, por fim, entrou no quarto ao encontro de Marie. Ela já se deitara, estava sentada direita na cama e olhou-o de semblante sério.

– Vem cá, meu amor.

Ele descalçou os sapatos e despiu o casaco de trazer por casa e enfiou-se junto a ela sob o edredão, envolveu-a com os braços e inalou o seu odor que lhe era tão familiar. O seu cabelo, o aroma a lavanda da camisa de noite, a pele macia, a pequena cavidade no fundo do pescoço, que ele tanto gostava de roçar com os lábios. Não, não seria uma noite de amor, isso era impossível, ela dera à luz apenas dois dias antes. Mas abraçá-la, sentir a força tranquila que residia naquele corpo delicado, por isso ansiara o dia inteiro.

– É assim que devemos permanecer, Marie – sussurrou ele.

– Para sempre. Eu e tu, assim bem juntos. Sem nada que nos possa separar...

Uma vozinha fininha chegou-lhes vinda do quarto ao lado. Os lábios de Marie procuraram os dele, trocaram beijos, entregaram-se plenamente à sua saudade e Paul lamentou infundavelmente não a poder possuir. Como tinha mudado o corpo dela. Até então fora delgada como uma menina e agora transformara-se numa Vénus.

– És tão bonita, meu amor. Eu podia enlouquecer de desejo...

Ele remexeu na fileira de botões da sua camisa de noite, para lhe acariciar pelo menos os seios, mas ainda só abriu dois botões quando ela lhe travou a mão.

– Espera, querido...

– Que é?

Ela afastou-se e sentou-se. Estava à escuta das lamúrias no quarto ao lado.

– Mas a Auguste não está com as crianças?

– Sim...

Ainda antes ele estivera a admirar novamente os seus filhos. Minúsculos, duas cabecinhas, duas grandes bocas, quatro pequenos punhos cerrados. O pequenino de barrete azul-claro era o seu filho. Leopold, chamavam-lhe Leo.

– Não ruge propriamente como um leão – brincou ele, fazendo menção de se chegar novamente a ela. Todavia, Marie furtou-se e pôs-se de pé.

– É melhor eu ir dar uma vista de olhos... Volto já...

– Sim, claro.

Com uma agilidade espantosa, precipitou-se para fora do quarto, fechou a porta atrás de si com a louvável intenção de não o perturbar. Acontece que ele nada mais queria do que estar perto dela.

Ficou algum tempo sentado na cama, à espera. Do outro lado continuava a ouvir-se o vagido baixinho, ou seja, os esforços maternos de Marie não haviam sido bem-sucedidos. Lá se levantou por fim, com um suspiro, foi à casa de banho, vestiu um pijama e, esperançoso, regressou ao quarto. O leito matrimonial estava vazio.

– Marie?

Sem resposta. Impaciente, baixou o trinco da porta que dava para o quarto ao lado e abriu-a o mais silenciosamente possível. Lá estava a sua doce Marie, a sua amada, a sua mulher forte e maravilhosa sentada numa cadeira, o seio direito desnudado, esforçando-se fervorosamente por enfiar o mamilo rosado na boca aberta do pequenino do barrete azul-claro.

– Acho que está esfomeado – disse ela, apreensiva. – Mas não sabe mamar.

Paul observou-a com sentimentos contraditórios. Era evidente que estava feliz por ter um filho. E também uma filha, que claramente disparatava muito menos do que o irmão, já que jazia saciada, dormindo satisfeita no seu berço. Mas ter agora de partilhar o doce corpo de Marie, os seus bonitos seios, era uma sensação estranha. Um homem precisava de tempo para se habituar àquilo. Especialmente quando lhe restavam apenas algumas horas ao lado da sua amada.

– Porque é que a Auguste não pode amamentar? Ela tem ainda uma criança de peito.

Marie estava nervosa, o pequeno Leo simplesmente não agarrava. Pusera-se agora a berrar, desesperado por obter alimento, sem saber como sair daquela situação. A resposta de Marie saiu com o grau de indignação correspondente.

– Achas que vou deixar que os meus filhos sejam amamentados pela Auguste? É tarefa minha, Paul. E a tua mãe vai ter de perceber isso.

Ele calou-se, apesar de ter outra opinião. Era pena que aquela última noite juntos estivesse a correr de maneira tão diferente do que ele pensara. Só raras vezes ele vira Marie tão fria. Mas enfim, era mais do que compreensível. O parto difícil, a ordem de alistamento e agora a preocupação com o pequeno. Decidiu ser paciente e regressou ao leito matrimonial. Cheio de frio, enrolou-se sob o edredão, o quarto estava frio, era aquecido apenas indiretamente pela lareira do salão vermelho que ficava mesmo em baixo.

Como sou fraco, pensou. Futuramente, não ia ter nem edredão nem uma lareira quente. Dizia-se que nos abrigos e nas trincheiras havia, no máximo, uma cama de palha. Isto quando não tinham de dormir diretamente no chão.

– Assim não vai dar em nada, minha senhora – disse Auguste ali ao lado. – Tem de segurar firmemente o mamilo e enfiar. Assim! Para que o menino sinta o sabor do líquido a escorrer. Isso, veja só. Agora ele pegou, o marotinho...

Bom, graças a Deus, pensou Paul, aliviado, ainda que não lhe tivesse agradado muito aquela conversa entre mulheres. Não teria Marie dores quando o menino «pegava» no seu seio delicado? Ora, como pai, ainda tinha muito que aprender. Se ao menos lhe tivesse sido dado tempo para isso. Pegou no relógio de bolso que pousara na mesa de cabeceira. Já eram quase

dez da noite. Tinha de se levantar às seis. Sair de casa por volta das sete. O pai prometera levá-lo de carro até ao posto onde tinha de se apresentar, mas ele recusara. Teria sido ridículo diante dos camaradas se ele saísse do carro como um senhor rico. Ele ia prestar o seu serviço à pátria como todos os outros.

Marie vinha mais contente quando voltou para ele. Pediu-lhe desculpa pela brusquidão da resposta, aninhou-se nele, afagou-lhe as faces, o pescoço.

– Estás aqui tão perto – murmurou. – Nem consigo acreditar que vou ficar sem ti. Vou sentir-te durante a noite, meu amor. Mesmo que estejas a milhas de distância, vou sentir o teu corpo e ouvir a tua voz...

Ele ficou profundamente comovido. Estava tudo bem, o pequeno mamara e ia crescer. Marie esperaria por ele. Seguramente, Klaus von Hagemann teria razão, a vitória estava próxima, dali a poucos meses tudo já teria terminado. Marie passou cuidadosamente as mãos pelo corpo dele e ele entregou-se ao seu toque, que o excitaria e libertaria. Como era sensual a sua doce mulher. Já durante a gravidez ela fizera coisas que nunca ninguém referiria publicamente, por preocupação de estarem a fazer mal à criança se se unissem pelas vias normais.

– Marie, Marie... – murmurou ele cheio de nostalgia.

Ela parou. Do lado de lá ouvia-se novamente aquela vozinha ténue.

– Mas que se passa agora?

– Já vou... Já vou...

Ela saltou da cama num ápice, sumiu-se no outro quarto e demorou-se por lá infinitamente. Ao que parecia, o pequeno Leo compreendera finalmente de onde lhe vinha a alimentação e não se dera por satisfeito só com uma dose. Paul deitou-se de costas e esforçou-se por combater o ressentimento que sentia assomar-lhe por dentro contra o próprio filho.

Quando Marie voltou, a paixão arrefecera. Deram as mãos e conversaram. Que ela devia apoiar o pai. Que o fabrico de fibras de papel era a salvação da fábrica, ela teria de convencer o pai, ela era a única pessoa que ele escutava. Marie pediu-lhe que nunca se armasse em herói. Mas que também não fosse covarde. Que fosse inteligente e se posicionasse algures a meio. Ele sorriu e prometeu. A vozinha lamuriosa voltou a incomodá-los ainda por mais três vezes, despertando até Paul do seu sono. Paul tinha a sensação de que os berros do filho se haviam tornado entretanto mais altos e vigorosos. Mas então Marie disse-lhe que agora era a irmã a exigir a sua parte.

De rostos encostados, dormiram a última hora, de mão dada, sonharam o mesmo sonho. O estridente toque do despertador lançou-os de volta para a realidade que, no frio da alvorada, lhes pareceu crua e abrupta. Separação. Desgraça. Quem sabe a morte.

– Deixa-te ficar deitada, meu amor – sussurrou Paul. – Detesto a ideia de ter de me despedir de ti lá fora no vestíbulo ou nem que seja à porta.

Ainda estava escuro dentro do quarto e eles não viram o rosto um do outro quando trocaram o último beijo. Ele sabia a sal, como as lágrimas dela.

² Canção patriótica alemã que, durante o Império Alemão, assumiu a função de hino nacional. (N. da T.)

– Os russos vivem como animais selvagens – disse Auguste. – Dormem na mesma cama que os seus ursos amestrados.

Batia com força com o pesado ferro de engomar contra o lençol branco, mas o linho recusava-se simplesmente a ficar liso. Não era de admirar, o fogão da cozinha em que pousava o ferro para o aquecer já só estava morno. Não havia carvão suficiente e também a madeira era escassa.

– Vão para a cama com ursos? – perguntou Hanna, incrédula. – Isso já é invenção tua, Auguste.

– Então pergunta à Grete von Wieslers, foi ela quem me contou – defendeu-se Auguste. – O noivo dela, o Hansl, esteve há pouco tempo em Augsburg, veio de licença da frente. E tinha estado na Rússia.

A senhora Brunnenmayer fez um esgar com o seu amplo rosto e riu-se sarcasticamente. O Hansl, esse é que é. Sempre foi de inventar histórias.

Ergueu a chávena e bebeu do chá de hortelã, estremeceu e resmungou que não suportava aquela coisa malcheirosa nem por nada.

– Quando a guerra acabar, a primeira coisa que vou beber é uma grande chávena de café de grão como deve ser! – declarou ela. – Basta dos pedacinhos de cenoura ou de bolotas torrados. Grãos de café puros e bons! Uma colher bem cheia de café por chávena!

Else revirou os olhos e esfregou energicamente o cabo de prata de uma concha até ficar bem polida. Polir as pratas era uma tarefa que nunca mais acabava. Quando finalmente despachava os açucareiros e as leiteiras, já tinha de voltar aos talheres e às bandejas. Pelo menos era um trabalho fácil em que podiam sentar-se juntas na conversa, muito mais agradável do que bater tapetes ou arrastar carvão.

– Não é correto acalentar esses desejos, senhora Brunnenmayer – disse Else, fazendo um beicinho. – Devíamos suportar as privações com alegria,

para assim aliviarmos o fardo dos nossos soldados lá na frente.

– Mas de que serve aos pobres garotos na frente eu andar a beber cenouras torradas? – retorquiu a cozinheira com irritação.

– Lá isso é verdade – opinou Auguste, voltando a pousar o ferro na placa do fogão. – E ainda por cima diz-se que os nossos soldados na França têm direito a café de grão e salmão e lagosta.

– Em contrapartida, na Rússia têm de comer lixo com lêndeadas – respondeu a cozinheira de mau humor. – Põe lá dentro duas cavacas de madeira, Auguste. Senão nunca mais te livras do ferro.

Auguste debruçou-se rapidamente para aceder ao desejo da cozinheira. Enquanto a menina Schmalzler não estivesse na Vila, era a cozinheira Brunnenmayer quem comandava as tropas, e também decidia quanto ao material que usavam para atear o fogo, que se ia tornando cada vez mais escasso. Else esfregou os dedos hirtos quando as chamas no fogão se inflamaram, crepitando e estalando, e Hanna serviu-se de uma chávena de chá de hortelã quente. Elas mesmas haviam apanhado a hortelã nos campos no ano anterior e depois haviam-na secado, dizia-se que este chá não só era saudável como também estimulava o organismo e ajudava à respiração.

– E que mais contou o Hansl sobre os russos? – quis Hanna saber. – Será que alguma vez viu e conversou com um russo?

Que os russos não se deitavam na mesma cama que um urso, isso ela percebera claramente desde logo. O Hansl quisera mas é pôr Auguste a fazer figura de ursa.

– Terá certamente encontrado alguns – afirmou Auguste. – Com uma bela bala metida no peito, alguns desses encontrou de certeza.

Riu-se insensivelmente e, depois de lamber o dedo indicador, passou-o pelo ferro para ver se já estava suficientemente quente. Ouviu-se um silvo quando ela lhe tocou.

– Estava só a perguntar-me se ele saberia mais alguma coisa sobre eles – insistiu Hanna. – Como eles vivem. E como comem. E tudo o mais...

– Olhem só para ela – observou Else, erguendo os óculos, que tivera de pôr para polir as pratas. – Os russos não te deixam sossegar, pois não? Fizeste-lhes olhinhos um ror de tempo, aos fulanos esfarrapados lá na rua. És mesmo muito depravada, Hanna.

– Isso não é verdade! – revoltou-se ela. – Só me fizeram pena, é só isso. Era por isso que estava a olhar para eles...

A sua defesa provocou as gargalhadas trocistas de Else e Auguste, ao passo que a cozinheira, como quase sempre, se manteve fora da conversa.

– Tem lá cuidado para onde olhas, senão ainda arranjas uma criança russa – avisou-a Auguste.

– Já tens as regras – disse Else. – Por isso já podes engravidar. A coisa acontece mais depressa do que pensas.

Hanna corou e baixou os olhos para o copo com o chá de hortelã. Se ao menos não tivesse sido parva a ponto de contar a Else o seu sangramento. Mas na altura, no outono, ficara de tal modo assustada que acreditara que morreria de certeza quando viu a grande mancha de sangue na roupa interior.

– Tu lá sabes como são rápidas essas coisas, Else – disse a senhora Brunnenmayer em tom maldoso, já que a irritava o facto de as duas mulheres estarem sempre a atacar a pobre Hanna.

Else ergueu o queixo e apertou os lábios finos. Mantivera-se virgem e parecia ter orgulho nisso, ainda que, nos tempos que corriam, já ninguém desse tanto valor a uma respeitável virgem como dantes. Não era da laia de Auguste, que engravidara para obrigar um homem a casar-se com ela. Uma criada de casa que quisesse subir e que se dedicasse lealmente aos seus senhores ficava em todo o caso solteira, fora sempre assim, também Eleonore Schmalzler, a governanta, nunca chegara a casar-se. Apenas Auguste, aquela raposa matreira, apenas ela soubera como caçar um homem, pôr duas crianças no mundo e ainda assim conservar o seu emprego. Era injusto, pensou Hanna. Mas não o disse. Era demasiado cautelosa para isso, já que Auguste era uma pessoa aguerrida.

– Se queres mesmo saber, Hanna – declarou Auguste, enquanto passava o ferro sobre os panos. – Os russos são sobretudo uns porcos, disse o Hansl. Ao passar pelas aldeias deles, as pessoas ficam enterradas na lama até ao cimo das botas. Eles gostam disso, os russos. As mulheres deles usam roupa estranha com a qual mais parecem abafadores de café. O Hansl também disse que não usam grande coisa por baixo. É que ele deitou-se uma vez com uma russa em cima do forno...

A senhora Brunnenmayer chegara ao seu limite. Ninguém podia deitar-se em cima de um forno, no máximo sentar-se, mas ganharia uma bela queimadura no traseiro. O Hansl devia ter na mão uma garrafa de aguardente enquanto contava aquelas coisas.

Mas Auguste, uma vez mais, não se ficou.

A cozinheira não devia pôr-se toda empolada a dizer aquelas coisas, porque na verdade não sabia nada sobre a Rússia.

– O Hansl disse que, na Rússia, os fornos são grandes e de paredes grossas, como nas nossas padarias. E que, durante a noite, quando o fogo se apaga, mas o forno continua quente, a família toda dorme em cima do forno. Os cães e os gatos também. É assim a Rússia, Hanna...

– Em cima do forno – riu-se Else baixinho. – Como os pães. E ainda por cima com cães e gatos. Ui, que nojo!

Auguste parou de engomar e levantou a cabeça. Nem Else nem a cozinheira ouviram fosse o que fosse, mas Hanna, que tinha ouvidos aguçados, ouviu o choro de um bebé.

– Lá vai ela outra vez, a senhora – disse Auguste, erguendo as sobranceiras. – Mandou embora todas as amas de leite e quer ser ela a amamentar os filhos. Vamos lá ver quanto tempo aguenta. Tem de lhes dar de mamar todas as quatro horas, às vezes o intervalo é menor. Dia e noite. Céus, que bom que só tive um filho de cada vez...

– Desde que não morram de fome, os pequeninos – disse a cozinheira, compassivamente. – Para duas crianças seriam precisas também duas amas de leite, é o que eu acho. Mas a jovem senhora é incorrigível...

– Ela não tarda já ganha juízo – considerou Auguste, enquanto dobrava um lençol. Parou, sem fazer nada, durante uns instantes, sempre a olhar para a campainha, achando que iria ser chamada. Mas, como nada sucedeu, encolheu os ombros e esticou a peça de roupa seguinte. Mas não deixava de ser triste, achava ela, a agressividade com que a jovem senhora tratava agora a sogra. Daí a nada já não teria poder de decisão nenhum naquela casa, tudo teria de ser feito como queria a jovem senhora Melzer. E a sogra engolia, por ser uma pessoa de carácter brando e que não gostava de discussões.

Hanna esfregava com força uma pinça de cubos de açúcar de prata, estava furiosa com Auguste, que não fazia mais do que espalhar mentiras. A jovem senhora Melzer, que antigamente se sentava com elas na cozinha, era uma boa patroa. Ninguém sabia isso melhor do que ela, Hanna, já que lhe devia aquele emprego.

– A jovem senhora Melzer está certamente muito triste porque o senhor agora também foi para a guerra – disse.

– E depois? – lançou Auguste sem pensar. – Porque haveria ela de estar melhor do que nós? Vieram buscar o meu Gustav logo no início da guerra e pouco depois também o pobre do Humbert.

– Sim, o Humbert! – exclamou Else. – Leia-nos por favor o que ele escreveu, senhora Brunnenmayer. Não consigo mesmo perceber por que razão faz sempre tanto segredo.

A cozinheira limitou-se a fazer um gesto de desdém. A carta fora-lhe dirigida a ela e mais ninguém tinha nada que ver com isso. Além do mais, já entregara a todos os cumprimentos enviados.

– Tem de dormir no estábulo dos cavalos, não é? – lançou Else em tom de troça. – E escovar o esterco do pelo dos cavalos. Pobre homem. Ainda assim, pode mas é dar-se por satisfeito, os outros estão nas trincheiras.

– Ele está na França? Ou na Bélgica? Ou se calhar na Rússia? – indagou Auguste com curiosidade.

Mas a cozinheira Brunnenmayer não se deixou enrolar. Estava na Bélgica, isso já ela contara há muito. E já chegava.

Fez-se silêncio, Hanna bebeu o chá morno adoçado com açúcar, o forno crepitava e o seu estômago eternamente faminto rosnou em alto e bom som, o que foi terrivelmente embaraçoso. Iam agora certamente repreendê-la de novo pelo pãozinho roubado, algo que até então acontecia pelo menos duas vezes por dia e assim continuaria, presumivelmente, até ela já ser velha e grisalha. Mas teve sorte, já que Auguste se pôs a tagarelar, contando que a senhora Marie já recebera cinco longas cartas do marido, que ele escrevera à mãe só duas vezes e que às irmãs apenas uma. Que a senhora Kitty Bräuer estava por isso completamente fora de si.

– Credo, essa é sempre tão espantosa – replicou Else. – Se calhar achava que o irmão não teria mais nada para fazer do que lhe escrever cartas?

– Provavelmente achou – disse Auguste, dobrando a última peça de roupa. – Em contrapartida, de certeza que recebe um sem-fim de cartas do marido dela. Se o meu Gustl fosse assim tão aplicado a escrever... Mas esse envia no máximo um postal.

Pousou o ferro na base de chapa e declarou que teria agora de ir para outro lado, eram quase sete e já há muito terminara o seu serviço. Desde que se casara com o neto do velho jardineiro, Auguste vivia na casa do jardineiro, que ficava no meio do jardim. Agora, no inverno, quando não havia grande coisa para fazer no jardim, o velho jardineiro tomava conta dos

seus dois filhos enquanto ela fazia o seu trabalho na Vila. No verão, tivera autorização para amiúde trazer a pequena Liesel e o rapaz com ela para a Vila, a patroa gostava muito dos pequenos. Mas agora, com o nascimento dos seus próprios netos, seria melhor Auguste deixar a sua prole na casa do jardineiro.

Acabara de vestir o casaco e de atar um lenço na cabeça para se proteger da chuva miudinha quando alguém bateu à porta de serviço.

– Olhem-me só quem aqui vem! – exclamou Auguste ao abrir. – Tiveste saudades nossas, Maria? Vá, entra, estás toda encharcada da chuva...

Maria Jordan estava quase totalmente escondida dentro de uma capa de chuva cinzenta de capuz pontiagudo. Toda ensopada, ficou parada no pequeno corredor antes de ir para a cozinha, onde desabotoou a capa e a despiu cuidadosamente para a pendurar num cabide de parede.

– Valha-me São Pedro, mas que tempo – queixou-se ela. – O jardim é todo ele um pântano e no caminho até cá chegar temos de saltar de poça em poça. Seria preciso encher com areia e cascalho. Mas quando não há homens...

– Sem dúvida – considerou Auguste. – Quando o meu Gustav ainda cá estava, não havia poças de lama no caminho... Que coisas boas trazes contigo, Maria? Tens as cartas?

Maria Jordan ergueu as suas finas sobranceiras e referiu que naquela manhã, bem cedo, e totalmente por acaso, havia enfiado as cartas no bolso. Disse que aproveitara o dia de folga para visitar uma conhecida e, depois, para dar uma volta pela cidade. Mas com toda aquela chuva, nem os cães se viam na rua.

Maria Jordan era uma pessoa delicada. A Hanna, o seu rosto parecia algo envelhecido, apesar de ter pouco mais de quarenta anos. Levava o cabelo castanho penteado ao alto. Uma vez, Auguste alegara que, sob os caracóis empinados que nunca mudavam de aparência, ela esconderia um carrapito falso, algo que, no entanto, estava por provar. Maria Jordan fora anteriormente camareira na Vila dos Tecidos, mas depois de Elisabeth Melzer se casar com Klaus von Hagemann pedira para ser empregada na casa do jovem casal. Elisabeth concedera-lhe esse desejo.

Aconchegaram-se todas e ofereceram à visita um lugar perto do fogão da cozinha, que ainda tinha brasas. Também Auguste voltou a sentar-se com as outras para ali ficar ainda mais quinze minutinhos. Maria Jordan era sempre

uma fonte de empolgantes histórias e mexericos, além de que trouxera as cartas.

– Tens hoje folga? E vieste logo a correr para aqui, Maria? – perguntou Else com um sorriso malandro. – Havendo lá na cidade aquele espetáculo com uma dançarina de revista e com os cinemas a passar filmes românticos. Não tiveste vontade de mergulhar na vida noturna de Augsburg?

Maria Jordan encarou Else com um olhar pouco simpático e ignorou a pergunta. Circunspectamente, adicionou açúcar ao chá de hortelã tépido que Hanna lhe servira e perguntou então, com toda a inocência, se elas já teriam jantado.

– Tens fome?

Auguste olhou em volta à procura da senhora Brunnenmayer, que era quem decidia o destino a dar aos alimentos, mas que não era grande apreciadora de Maria Jordan.

– Será que a senhora camareira foi demasiado somítica para, no seu dia de folga, ir comer a uma albergaria? – disse ela maldosamente.

Ao que Maria Jordan explicou que, naquele momento, nas albergarias só serviam couves-nabiças com cevadinha, exceto aos cidadãos abastados da cidade, que teriam talvez direito a jarretes de vitela com ervas. A preços proibitivos para um pobre trabalhador.

– Veja lá se arranja aí alguma coisa, senhora cozinheira – pediu Auguste. – A Maria vai pôr-nos as cartas... não é, Maria?

– Se tem mesmo de ser...

Maria Jordan gostava que lhe pedissem para fazer as sessões. Depois ninguém podia dizer que ela impusera as suas previsões. Dizia também amiúde ter tido sonhos que depois – pelo menos na sua perspetiva – se concretizavam.

– Eu cá não preciso que ninguém me ponha cartas – resmungou a cozinheira. – Tudo isso não passa de mentiras.

– Mas eu gostava de saber o futuro! – exclamou Hanna, de olhos grandes e ansiosos. Também Else tinha interesse e Auguste tinha-o sempre. A cozinheira levantou-se, contrariada, bufou várias vezes e foi até à despensa. Aí, Hanna ouviu-a a manusear o molho de chaves, o que queria dizer que ia buscar alguma coisa ao despenseiro fechado atrás da grade. Quando voltou, trazia um pequeno prato de madeira, onde colocara um pedaço de morcela,

um naco de queijo da montanha e duas fatias de pão de centeio, bem como um pepino em conserva.

– Aqui tens!

Enfiou o prato à frente do nariz de Maria Jordan e voltou a sentar-se. Hanna tirou da prateleira a mostarda que Maria pediu ao ver a morcela e Auguste atarefou-se a trazer uma faca.

– Muito obrigada, senhora cozinheira.

Maria Jordan não atacou a refeição como um pobre diabo; saboreando-a pelo contrário lentamente e com prazer, fazia pequenas pausas e acompanhava com o chá de hortelã. O facto de a morcela estar dura como pedra e de o queijo ter bolor num dos cantos não mereceu nenhuma menção da sua parte.

– Se vocês soubessem como é valente a jovem senhora Elisabeth – disse ela. – E as coisas que ela tem de aturar dos parentes. Santa Maria e São José.

Olhou em volta e constatou com satisfação que todas estavam suspensas dos seus lábios. Ah, era para ela tão doloroso ter de assistir a toda aquela preocupação. As perguntas ofensivas da sogra. Ter de ver a irmã mais nova e a cunhada Marie Melzer a cumprir os seus deveres de esposas...

– Porque não engravida? – perguntou Auguste.

– Santo Deus, de certeza que sabes de alguma coisa que ela possa tomar, Maria. Afinal de contas, conheces tantas receitas para esta e aquela dor...

Maria Jordan lançou a Auguste um olhar de aviso. Hanna ouvira dizer que, anos antes, ela oferecera a Auguste um remediozinho para tratar a sua gravidez. O que esta na altura esperneara!

– Naturalmente que lhe dei alguns conselhos. Fiz-lhe um chá uma ou duas vezes. Mas simplesmente não ajudou. Pode também acontecer que o problema não seja dela, mas sim do senhor major Von Hagemann...

Auguste soltou um risinho histérico, atraindo todos os olhares na sua direção. Fingiu que se engasgara, tossiu um pouco e bebeu um grande trago de chá de hortelã.

– Lá na Áustria, junto ao Danúbio – tomou agora a palavra a senhora Brunnenmayer –, dizem que há uma gruta na pedra calcária. Quando uma mulher não consegue ter filhos, tem de lá entrar à meia-noite e mergulhar nua como veio ao mundo num lago de água gelada. E depois... é o que dizem... ela engravida...

Hanna escutou aquela história de olhos arregalados. Mergulhar na água toda nua? A verdade é que, dentro da gruta, à meia-noite, de certeza que estava escuro como breu, por isso ninguém via nada...

Auguste desatou a bufar e Else soltou um riso trocista. Oh, a cozinheira sabia cada história!

– Grávida! – exclamou Auguste, ofegante, limpando as lágrimas de riso dos cantos dos olhos. – E como se sabe de quem é a criança?

– Seguramente do espírito da gruta.

– E como é a aparência dele? Um gnomo de pernas tortas, barba e corcunda?

– Uma corcunda tem de certeza – riu-se Auguste.

– Mas não nas costas...

– Se calhar também é jovem e bonito. Um homem bem-parecido com um grosso...

– Vamos lá acabar com a conversa – interrompeu a cozinheira.

– ... com um grosso casaco de peles – completou Auguste, de semblante fingidamente sério. – É que de certeza que faz frio lá em baixo na gruta.

Maria Jordan enfiou o último pedaço de queijo na boca, mastigou ponderadamente e empurrou o naco com um gole de chá de hortelã.

– Agora é para pôr as cartas ou não?

– Mas sim! Claro! – exclamou Else.

Também Auguste se posicionou imediatamente e queria saber sobretudo quando o seu Gustav regressaria. Se ao menos ainda estava vivo. Hanna não disse nada, mas provavelmente qualquer um via logo que ela também gostaria de dar uma vista de olhos no seu futuro.

– Vinte *pfennig* – exigiu Maria Jordan com atrevimento.

– O quê? – irritou-se Auguste. – Agora que encheste a barriga na nossa cozinha, ainda vais querer dinheiro em troca?

Também Else achou que era um grande descaramento. A cozinheira calou-se, conhecia Maria Jordan e seguramente já estaria à espera. Maria Jordan era gananciosa, dizia sempre a cozinheira. Dizia-se por aí que já havia acumulado uma pequena fortuna debaixo do colchão.

– Eu pago-lhe – disse Hanna subitamente. – Se me puder mesmo dizer o futuro, então dou-lhe esse dinheiro.

– E tu tens sequer tanto dinheiro? – quis saber Maria Jordan, desconfiada.

– Vou buscar. Volto já.

Hanna correu para as escadas de serviço e subiu depressa até ao terceiro andar, onde ficavam os aposentos dos criados. Depois de separar o dinheiro para os pãezinhos e algumas despesas com botões, um par de meias de lã e um carro de linha de coser branca, tinha ainda exatamente trinta e oito *pfennig*. Vinte *pfennig* era muito dinheiro. Mas se a mãe – como ameaçara – aparecesse em breve na Vila, teria de qualquer modo de lhe dar todo o seu dinheiro.

De faces rosadas e cabelo desalinhado, Hanna regressou à cozinha e estendeu a mão na direção de Maria Jordan. Na mão tinha várias moedas.

– Dez, doze, treze, quinze... vinte – contou Maria Jordan sem se ralar com os olhares furiosos das outras. – Muito bem, Hanna. Dá-me o dinheiro... –

Hanna fazia já menção de deixar as moedas escorregarem para dentro da mão estendida de Maria quando um violento soco abanou a mesa da cozinha e fez vibrar a tampa do bule do chá.

– Alto aí – disse a cozinheira. – Primeiro a mercadoria, só depois o dinheiro. Põe os teus *pfennig* aqui à nossa frente, em cima da mesa, Hanna. E agora pode começar, Maria.

– Porque se está a meter no assunto, Brunnenmayer? – rosnou Maria Jordan.

Não recebeu resposta em troca, mas também não se atreveu a pegar no dinheiro. Por fim, suspirou profundamente para indicar que se sentia tratada injustamente, mas que perdoava aos seus agressores como boa cristã que era. Sob o olhar curioso de todas as mulheres, pegou no saco de pano, remexeu lá dentro e tirou por fim um pequeno baralho de cartas de jogar preso com um elástico.

– Cartas francesas – disse a cozinheira com desdém.

Maria Jordan não lhe deu atenção. Pediu para trazer o candeeiro para mais perto e para desligarem a luz elétrica do teto. Tirou então um pano de seda de tom esverdeado para o estender sobre o quebra-luz do candeeiro a petróleo. De imediato, a cozinha viu-se mergulhada numa luz misteriosa e espectral.

– Silêncio absoluto – exigiu. – Ninguém diz nada. Tenho de me concentrar.

Auguste pôs de lado o copo meio vazio e, com a mão, limpou algumas migalhas, para que não perturbassem a colocação das cartas. Maria Jordan

soltou o elástico, varreu o baralho de cartas com os dedos e empurrou-o na direção de Hanna.

– Baralha.

Hanna não era propriamente uma jogadora de cartas experiente. Ao baralhar, as cartas escorregavam-lhe constantemente das mãos, e por isso tinha de as recolher e começar de novo. Mas depois baralhou com fervor, na esperança de assim chamar para si a atenção dos espíritos do futuro.

– Já chega. Dá-me o baralho.

Maria Jordan começou então a colocar as cartas na mesa, voltadas para baixo, uma ao lado da outra, sempre seis cartas em cada fila. Quando terminou, levantou a cabeça e examinou Hanna com atenção.

– Há alguma pergunta específica que queiras fazer?

Aquilo que Hanna queria saber sobre o seu futuro jamais ela revelaria ali na cozinha, rodeada de tantos olhares inquisidores.

– Não, só quero saber – disse ela, enquanto as suas faces ruborizadas lhe denunciavam a mentira. – Tudo o que conseguir ver.

Maria Jordan refletiu um pouco e começou a contar as cartas postas. A cada sétima carta, virava-a e punha-a a descoberto. Ao chegar à última fila, voltou de novo ao topo.

– O valete de espadas... num caminho curto. O rei de copas... Jesus e Maria, e também o nove. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... a dama de ouros. E ainda o nove de espadas...

Todas observavam, como que enfeitiçadas pelo dedo indicador de Maria Jordan sob a luz esverdeada, saltando de carta em carta, ouvindo-se uma leve pancadinha a cada toque. Quando descobria uma carta, começava por tapá-la com a mão direita e esperava um instante até revelar a figura aos olhos de todas.

– É muito mau? – perguntou Hanna, amedrontada.

– Mau – respondeu Maria Jordan com uma voz tenebrosa. – Vai aparecer um homem, jovem, de cabelo preto e sem escrúpulos. Vai trazer-te muitos problemas, Hanna. Vais chorar muito. Ele vai trazer-te infelicidade...

O dedo esverdeado apontou para o valete de espadas, um bonito rapaz com cabelo escuro pelos ombros, uma barba atrevida e amistosos olhos castanhos. Este é que lhe iria trazer problemas?

– O nove – suspirou Maria. – Ah, o malvado nove. Vais estar totalmente só, pobre rapariga. Ninguém te vai ajudar. Ele vai abandonar-te e vais chorar

por ele...

– Pare lá de dizer tantos disparates à rapariga! – rosnou a cozinheira.

– Chiu! – disse Auguste, irritada.

– Se me perturbar, tenho de interromper a sessão – disse Maria Jordan e lançou um olhar zangado na direção da senhora Brunnenmayer. – E, se isso acontecer, continuo a ter direito ao pagamento.

– Continue – suplicou Hanna. – Por favor! Nunca mais vai voltar, esse rapaz de negro?

Maria Jordan começou novamente a contar, aqui e ali descobria uma carta e parecia estar a analisar o seu significado oculto.

– Há uma mulher... uma mulher poderosa, que vai exercer a sua influência. Ele vai ficar fascinado por ela. Cria-se uma relação fatal. O rapaz de negro desaparece... está aqui o ás de paus... a infelicidade. Quem sabe até a morte...

Hanna gelou. Observava Maria Jordan como que enfeitiçada. Ela tocava constantemente na dama de ouros com a unha, passava-a então para trás e para diante entre o ás de paus e o nove de espadas, parando por fim no rei de copas...

– Mas no fim o amor vai vencer... – disse ela, recostando-se na cadeira, esgotada. – A seguir à tempestade vem a bonança. Os problemas tornam-se alegrias e o bem-estar instala-se...

– Ámen! – resmungou a cozinheira.

– Também me disseste isso a mim – constatou Auguste e olhou para Maria Jordan de olhos desconfiados.

– Sim, e depois? Não estás porventura satisfeita com o teu Gustav?

– Sim, mas...

Também agora ocorria a Else que dois anos antes Maria Jordan lhe profetizara o seu grande amor, mas até agora não vira nada.

– Há de vir, Else. Um belo dia, também o amor chegará para ti...

Maria Jordan juntou as cartas, ajeitou-as e prendeu-as com o elástico. Depois, com a mão direita, arrastou as moedas até à borda da mesa, deixando-as cair para a mão esquerda ali estendida. Por fim, retirou o pano de seda do candeeiro e a cozinha surgiu novamente sob a habitual iluminação do entardecer.

– Agradeço portanto a simpática companhia e desejo a todas uma noite descansada.

Croix, 5 de março de 1916

Minha amada Marie,

Agradeço-te a tua carta de 24 de fevereiro, que, depois de uma série de dias maus, me trouxe novas forças e esperança. Teria sido preciso rebentar esta guerra funesta para eu ficar a saber como a minha amada me sabe escrever cartas tão maravilhosas e cheias de ternura? Aguardo agora ansiosamente a chegada de novo correio e esforço-me por te oferecer o mesmo.

Nos últimos dias avançámos na França ocupada e estamos agora instalados numa fábrica de biscoitos desativada. Precisamos de descanso, especialmente os nossos fiéis cavalos, que estão assustadoramente magros. Houve dias em que nos carregaram de manhã à noite sem que lhes dessem de comer e de beber. Também os cavaleiros viveram tempos difíceis, já que era preciso arranjar comida e bebida e é cruel tirar ao pobre camponês o seu último pedaço de pão. O que aqui no regimento nunca se esgota é o vinho. Champanhe e vinho tinto escorrem como água e são consumidos como tal. Aprendemos a dar valor ao álcool, ajuda a apagar as disposições sombrias, substitui a comida e dá-nos novas forças.

Até agora foram raras as ocasiões em que nos vimos debaixo de fogo, mas são perigosos os francoatiradores, que, camuflados, disparam sobre as nossas patrulhas. A toda a nossa volta há apenas destruição, aldeias incendiadas, casas cravejadas de balas, estábulos vazios. Neste país, os nossos regimentos deixaram um claro rasto, e continuam a deixar. Há duas semanas eu ainda acreditava que teria de dar provas do meu valor como soldado e leal súbdito do nosso imperador – entretanto, repugna-me de coração toda esta devastação e destruição numa terra ocupada.

Mas pensemos no futuro, minha querida, vamos ter esperança de que já não tarda muito até nos podermos abraçar de novo. Escreve-me sempre que puderes, aproveita todo e qualquer minuto livre para pôr algumas palavras em papel e envia-mas. Quando leio as tuas cartas, quando observo a tua caligrafia bonita e determinada, é como se te visse diante de mim, como se pudesse ouvir a tua voz. Adoro quando inclinas a cabeça para o lado e me lanças o teu olhar malandro. Adoro o teu riso. O teu passo leve. Os teus

pezinhos e tantas coisas mais em ti sobre as quais não escreverei aqui, mas que preenchem todos os meus sonhos.

Beijo-te muitos milhares de vezes.

O teu PAUL

Augsburgo, 10 de março de 1916

Meu querido,

Para um soldado cumpridor dos desígnios do nosso imperador escreves muitos disparates. Que têm os meus pés e o meu olhar malandro – tu o dizes – que ver com uma carta enviada pelo correio militar do regimento imperial? Só espero que ninguém abra estas cartas e leia tanta tolice, porque nesse caso eu ficaria terrivelmente envergonhada.

Devias antes informar-nos se as muitas encomendas que te enviámos já chegaram entretanto ou se se perderam pelo caminho. Pilhas, capa de chuva, roupa interior, espuma de barbear, alfinetes de segurança, meias e vários desenhos que fiz para ti. Também latas com bolachas e compota. Diz-nos se tudo chegou inteiro até ti, meu querido, queremos contribuir para que não te alimentes exclusivamente a vinho tinto e champanhe.

Aqui corre tudo ao ritmo habitual, os nossos dois pequenos berrões mamam com entusiasmo e crescem tão depressa que quase se consegue ver. Assumiram entretanto o teu lugar na nossa cama e só dali vão sair quando tu, meu amor, voltares para nós. Não arranjei outro remédio para curar a solidão, esta sensação surda e pesada logo pela aurora, ainda difusa e meio adormecida, que me informa: vais acordar sozinha. Ele está fora, está infundavelmente longe, em terras inimigas, e só Deus sabe quando voltará a estar contigo.

Peço-te de todo o coração que protejas a tua vida com todo o cuidado e cautela, que não busques o perigo e que nunca ajas levianamente. É infinitamente triste que esta guerra cubra as pessoas de tanta infelicidade e destruição, quer sejam franceses, sérvios, russos ou alemães. Mantém-te atento aos francoatiradores – e, por favor, não bebas demasiado vinho tinto. É importante manteres a clareza de espírito, meu amor, quero receber-te de volta saudável e em condições.

Amo-te e penso em ti dia e noite. Sei que te vais rir de mim, mas tenho a certeza de que os meus pensamentos te dão força, que chegam até ti e que te

protegem de toda a desgraça.

Quando fecho os olhos, ouço a tua voz e sinto os teus lábios, que me tocam muitos milhares de vezes. O meu coração transborda de ternura destinada unicamente a ti e que aqui guardo para ti, até ao nosso reencontro.

Abraço-te.

A tua MARIE

Alicia Melzer mexeu pela terceira vez o café matinal, encostou a chávena aos lábios e bebeu o primeiro gole. Era preciso uma pessoa habituar-se àquele café sucedâneo, era tudo uma questão de disciplina, afinal de contas aquela beberagem até era mais saudável. Sobretudo para Johann, cuja tensão arterial era demasiado alta e – dissera só recentemente o médico, o doutor Greiner, com toda a clareza – que nem sequer devia mesmo beber café de grão. Olhou para o relógio de pêndulo de ágata sobre o parapeito da janela e soltou um suspiro contido. Já eram sete e meia. Antigamente, os seus «dois homens», Johann e Paul, já pouco antes das sete estavam sentados ao seu lado à mesa do pequeno-almoço, barravam os pãezinhos com manteiga e compota, aprofundando-se em conversas intensas sobre máquinas, encomendas, fornecimentos ou trabalhadores. Contudo, desde que o seu único filho, o seu Paul, fora mobilizado para combater pelo imperador e pela pátria, o habitual era estar sozinha à mesa do pequeno-almoço posta, até quase às oito horas. Johann, que antes não conhecera outra coisa além da sua fábrica, que não raramente ficava a trabalhar no escritório até horas tardias, debruçado sobre a secretária, escrevinhando números... Johann desleixara-se. Por vezes ia para a fábrica de tecidos Melzer às oito e meia, outras apenas às dez. Como as coisas ali corriam, se sequer ainda se laborava, era informação que não se lhe ouvia nem por nada. Mas, ao ver que a fábrica permanecia em total escuridão durante a noite, Alicia podia apenas presumir o pior.

Else entrou na sala de jantar trazendo um maço de cartas sobre uma bandeja de prata.

– O correio, minha senhora...

– Obrigada, Else. A minha nora já se levantou?

No rosto de Else desenhou-se uma expressão de preocupação e disse que não. A senhora Marie Melzer ainda estava a dormir. Mas o senhor já havia pedido roupa lavada e uma camisa engomada. Auguste teria então ido lá acima levar-lhe as coisas. Ele repreendeu-a várias vezes por lhe ter levado as meias erradas, mas, na verdade, Auguste não é camareira, apenas uma criada de quarto, e não se lhe pode exigir que faça o trabalho de Humbert. Já ela própria, sendo donzela, estará pouco apta a vestir um homem adulto.

Com um aceno de cabeça, Alicia deu a entender a Else que ouvira as suas queixas e voltou a atenção para o correio. Percorreu apressadamente a pilha de cartas, tirou para fora duas cartas de correio militar e constatou, desapontada, que nenhuma ostentava a caligrafia de Paul. Uma vinha dirigida à menina Katharina Melzer – que estranho. Já há mais de um ano que Kitty se casara com Alfons Bräuer e que residia numa pequena moradia na cidade que pertencia aos Bräuer. Alicia não conhecia nem a caligrafia nem o nome do remetente e, com um encolher de ombros, pôs a carta de lado. Kitty passaria seguramente ali por casa num destes dias e nessa altura poderia levar o correio. A segunda carta era de Gustav Bliefert, dirigida à mulher, Auguste – que bom ele finalmente escrever, a pobre Auguste andava já muito preocupada. Mas Gustav não era propriamente dotado para a escrita; escrever uma carta exigia muito esforço e suor. Sorrindo, voltou a colocar a carta na bandeja, para se dedicar ao restante correio.

Quando ouviu os passos do marido no corredor, pôs-se um momento à escuta, pensativa. Ele caminhava lentamente, em passo algo irregular, já que, desde a apoplexia, a perna esquerda volta e meia ficava dormente. Por vezes, ele parava, arfava, pigarreava e depois prosseguia a marcha.

– Bom dia, Johann.

– Bom dia.

Ele tocou-lhe no ombro à passagem, ou antes, roçou ao de leve, sem pousar efetivamente a mão, depois sentou-se e agarrou no jornal. Alicia serviu-lhe café, adicionou um pouco de leite e açúcar e mexeu.

– Como passaste a noite? Conseguieste dormir?

– Foi satisfatória – respondeu ele de trás do jornal. – Chegou alguma carta do Paul?

– Infelizmente hoje não... Mas os Manzinger convidaram-nos para casa deles. E a senhora Von Sontheim vai dar uma palestra na associação de beneficência.

Johann Melzer bufou com desdém e perguntou por Marie. A que propósito deixara de tomar o pequeno-almoço com eles?

– Sabes muito bem que ela tem de se levantar várias vezes durante a noite para amamentar os pequenos. Devíamos sem falta contratar uma ama...

Johann Melzer pôs o jornal de lado e pegou na chávena de café. Era mais do que evidente que o sabor bafiento do café sucedâneo não lhe conseguia amortecer a irritação, bem pelo contrário. Não é preciso nenhuma ama, irritou-se, mas uma ama de leite que faça simultaneamente o trabalho de uma ama. Como é possível a Marie ter a ideia de conseguir cuidar sozinha de dois bebés de peito? A rapariga tornara-se uma sombra de si mesma, toda pálida e de rosto cavado.

– Porque não tratas tu disso? É responsabilidade tua, como sogra.

Alicia manteve a compostura, apesar de considerar que não merecia as suas acusações.

– Eu tentei, Johann. Mas a Marie rejeitou todas as minhas sugestões.

– Porque é uma obstinada de cabeça dura – barafustou ele. – Muito bem, vou eu então apertar com ela. Não sou o Paul, a quem ela consegue sempre dar a volta.

Alicia imaginou, aterrorizada, a discussão familiar que se seguiria. Até então, Paul assumira sempre a proteção da sua jovem esposa quando Johann não estava satisfeito com o comportamento de Marie. Essa tarefa cabia-lhe agora a ela, Alicia. Refletiu na melhor forma de o desviar da sua sede de conflito. Os seus olhos recaíram nas cartas abertas.

– No próximo sábado, a senhora Von Sontheim vai apresentar a sua palestra, Johann. Seria bom se me acompanhasses...

Apresentou a sugestão casualmente, como era seu apanágio, uma breve observação lançada na sua direção, enquanto lhe barrava um pedaço de pão de centeio com manteiga e compota de morango.

Johann Melzer já levava novamente ao nariz o jornal, onde, em cores garridas, se descreviam as vitórias e conquistas do exército alemão. Em Verdun, na França, a coragem e a força de combate dos regimentos alemães teriam então finalmente triunfado, os franceses haviam sido atraídos para uma emboscada, para aí os seus exércitos se «esvaírem em sangue» até ao último homem. «Esvair-se em sangue» – mas que expressão. Era aquilo a verdadeira guerra? Aniquilação dos adversários até ao último homem? Teriam todos sido ingénuos ao acreditar que os soldados alemães

precisariam apenas de tomar Paris para conseguirem triunfar sobre a França? Que se passava com Paul, que fora mobilizado para a França havia mais de duas semanas?

– A senhora Sontheim é uma mulher muito corajosa – prosseguiu Alicia.
– O coronel tombou na guerra, e também um dos filhos, mas ainda assim ela instalou na sua moradia na cidade um hospit...

– Não me venhas agora com isso, Alicia – exclamou Johann Melzer, em fúria. Amarfanhou o jornal e atirou-o, muito contra o que era seu hábito, para o chão.

– Aqui, na minha casa, que eu construí, não vai haver nenhum hospital militar!

Bateu com a mão direita no tampo da mesa com tanta força que a louça tilintou. Alicia parou a meio de barrar o pão.

– Por favor, Johann – disse ela baixinho. – Não te exaltes, não vale a pena. Ninguém vai fazer um hospital militar na Vila dos Tecidos atrás das tuas costas. Ainda que...

Tomada pela preocupação, olhou para ele do outro lado da mesa, já que a fúria lhe teria muito certamente feito disparar a tensão arterial. Por outro lado, ela chegara a começar a frase e não fazia sentido não a levar até ao fim.

– Ainda que eu muitas vezes pense como ficaríamos contentes se o Paul lá fora se encontrasse nas mãos generosas de pessoas desconhecidas que o recebessem e dele cuidassem...

– E que tem isso a ver? – resmungou Melzer. – O Paul não é parvo. Ele vai desenhencilhar-se e vai voltar são e salvo.

– Deus vai protegê-lo, Johann.

Colocou o pão com compota no prato e serviu mais café. O silêncio preencheu a sala de jantar, Johann Melzer apanhou o jornal do chão, esticou-o de novo e mergulhou num artigo sobre os novos empréstimos de guerra.

Está com medo, pensou Alicia, apreensiva. Tem receio de olhar a verdade de frente. Não quer ver os homens feridos, os pobres coitados a quem é preciso amputar braços ou pés.

Foi com alívio que viu a porta abrir-se, ao que Marie entrou para tomar o pequeno-almoço.

– Bom dia a todos! Mamã, perdida em pensamentos? Papá, és tu aí atrás desse jornal todo amarrotado?

Marie estava de traje de passeio, o cabelo descontraidamente entrançado e armado, as pantufinhas azul-claras haviam-lhe sido oferecidas por Kitty. Alicia sentiu que a sua boa disposição era algo forçada. Marie emagrecera e em redor dos seus bonitos olhos escuros surgiam agora sombras exatamente de outro tempo, quando a ajudante de cozinha Marie Hofgartner entrou pela primeira vez na Vila dos Tecidos. A vida na Vila dos Tecidos mudara tanto com a chegada daquela jovem. Ela carregara as sombras do passado, expiara os pecados da injustiça que fora feita aos seus pais. E no entanto, ao mesmo tempo, conquistara todos os corações com os seus modos íntegros e corajosos, e nenhum mais do que o do filho Paul. Assim, um grande e maravilhoso amor conseguira por fim eliminar a velha culpa.

– Ah! – declarou Johann Melzer com ironia, dobrando o jornal. – Até que enfim! Estava aqui a imaginar que te terias alistado em segredo para combater na guerra.

Marie riu-se e sentou-se no seu lugar, tirou o guardanapo branco do aro de prata e estendeu a chávena na direção de Alicia, para que lhe pudesse servir café. Passando rapidamente os olhos pelo correio, percebeu que não chegara nenhuma carta para ela. Se tivesse chegado correio de Paul, Alicia tê-lo-ia posto de lado.

– Na guerra? Deus do céu, isso seria a última coisa que me poderia ocorrer. Já estou suficientemente ocupada aqui na frente dos bebés... Obrigada, mamã. Leite, por favor. Sem açúcar.

Johann Melzer acompanhou-lhe os gestos de sobrancelhas erguidas e referiu então que o único motivo para presumir tal coisa era o facto de já quase não lhe pôr os olhos em cima. Estaria ela sequer recordada de que, ao casar-se, passara a fazer parte de uma família?

– Johann! Peço-te... – admoestou Alicia. – A Marie já tem sabe Deus com que se ocupar só com as duas crianças.

Marie manteve a calma. Bebeu um longo trago e serviu-se de pão, de manteiga e do fiambre fumado da Pomerânia que cheirava tão bem e que a cozinheira cortava em fatias finíssimas para que se aguentasse o máximo de tempo possível.

– Não tem problema, mamã. O papá tem toda a razão. É imperdoável a forma como vos tenho negligenciado e lamento muito.

– Aleluia, aleluia! – ouviu-se da parte de Johann.

– Mas daqui a algumas semanas já tudo será diferente – acrescentou Marie. – A Auguste disse-me que os filhos dela com dois meses já dormiam noites inteiras.

Johann não ficou impressionado. Se era sua intenção manter esta vida durante ainda mais seis semanas, era certo e seguro que não lhes sobreviveria. Será que sequer se vira ao espelho?

– Johann, isso já ultrapassa os limites! Marie, não lhe prestes atenção, ele hoje está de mau humor.

– Não te metas, Alicia! – repreendeu-a ele com rispidez. – Estou a falar com a minha nora e não quero ouvir nenhum comentário da tua parte!

Alicia esforçou-se, com dificuldade, por manter a compostura. Jamais no seu longo casamento Johann lhe dera uma descompostura assim. Não só era ofensivo como também uma profunda falta de respeito por ela. Oh, mas é verdade que ela já há muito sentia até que ponto ele se distanciara dela. Já não a amava – com isso ela já se conformara. Mas que agora deixasse de a respeitar, isso era insuportável.

– Se assim é, então será melhor eu sair da sala.

A mão tremia-lhe quando pousou o guardanapo na mesa. Lentamente, levantou-se, empurrou a cadeira para trás e saiu. Johann Melzer fez com o braço um gesto desajeitado, como se fizesse menção de a deter, acabando no entanto por não o fazer.

– Mamã! – chamou Marie atrás dela. – Mamã, espera. Não podes levar a sério. O papá não teve intenção. Estamos todos nervosos e sensíveis, a culpa é da guerra...

Deu um salto da cadeira e quis correr atrás de Alicia, mas foi travada pela voz enérgica de Johann Melzer.

– Preciso de falar contigo, Marie. Senta-te aqui e ouve-me!

Marie hesitou um instante, acabando por decidir-se a ficar. Nem que fosse porque o rosto de Johann Melzer estava intensamente vermelho de alvoroço e temia que ele pudesse ter novamente uma apoplexia.

– Tenho pena de que esta conversa comece com uma discussão, meu pai – disse ela enquanto se voltava a sentar. – Mas diz, estou a ouvir.

Pacientemente, ela deixou-o falar, muito embora já soubesse de antemão o que ele lhe queria dizer. Uma ama de leite. Que ela precisava de ajuda. Os

filhos eram insaciáveis. Ela própria já se parecia com um espantalho...

Esgotado, calou-se por fim, quis beber um gole de café, mas encontrou a chávena vazia. Marie pegou na cafeteira para o servir, mas tal préstimo deu-lhe direito apenas a um olhar de poucos amigos.

– Espero que decidas finalmente contratar uma ama de leite!

Marie sorriu com indulgência e declarou que iria pensar no assunto. No entanto, esta sua tática de adiamento não foi muito bem-sucedida.

– Já tiveste tempo mais do que suficiente para pensar, Marie.

Nesse momento, ouviram-se do quarto das crianças os já conhecidos vagidos e queixumes. Os ouvidos treinados de Marie reconheceram imediatamente as duas vozes: o pequeno Leo acordara e despertara a irmã do seu sono.

– Lamento muito, papá – disse ela, levantando-se para correr lá para cima.

– Estás a ouvir: os teus netos precisam de mim.

– Nada disso! Primeiro quero a tua resposta. Clara como água!

Marie percebeu que a tensão arterial subira: não apenas o rosto, mas também o pescoço e as orelhas estavam vermelhos. Por outro lado, não era aceitável que se fizesse todas as vontades àquele homem teimoso só porque tinha a saúde em risco.

– Nesse caso... – disse Marie e voltou-se para ele. – Eu não quero uma ama de leite. Eu própria amamento os meus filhos. Ponto final!

Johann Melzer ficou sentado, imóvel e de olhos fixos na porta que a nora acabara de fechar atrás de si. Como assim? Ponto final? Ela recusou-se. Fez-lhe frente.

– Era mesmo filha da Hofgartner. Teimosa e insensata como a mãe. Até no sentido de entrega e sacrifício...

Uma fúria acendeu-se violentamente dentro de si. Não toleraria vê-la arruinar-se, a ela e aos seus netos! Levantou-se e cambaleou até à porta, tendo a meio do caminho de se agarrar à cómoda, já que perdeu novamente a sensibilidade na perna esquerda.

– Amanhã vamos contratar uma ama de leite – berrou ele para o corredor.

– E isso quer a digníssima senhora Marie Melzer queira, quer não!

Else, que passava com a bandeja vazia em direção à sala de jantar, estacou de susto e fez um semblante de desespero, como se toda aquela fúria lhe fosse dirigida a si.

– Perdão, senhor diretor – sussurrou. – Chegou uma visita.

– Visita? – rosnou ele. – Quem quer que seja, estou na fábrica. O meu sobretudo. O chapéu. Polainas...

– Sim, senhor diretor Melzer. A sua filha Katharina está lá em baixo no átrio.

Ele tivera a intenção de passar por ela e seguir caminho, mas então estacou e respirou fundo. Kitty! Mas será que não passava um só dia sem que ela aparecesse na Vila dos Tecidos? Era evidente que não se sentia em casa na moradia dos Bräuer, sobretudo agora que Alfons estava no campo de batalha. Mas até vinha a calhar a sua visita. Talvez lhe pudesse ser útil.

– Paizinho? Onde andam todos? Onde está a mamã?

Vestia um casaco azul-claro largo sobre uma saia estreita pelos tornozelos. Quem não soubesse que estava de esperanças não o teria imaginado.

– Ah, se não é a veneranda senhora banqueira – brincou ele, sabendo lindamente que ela não suportava o título.

– Oh, papá! Mal ponho os pés nesta casa e tens logo de me começar a irritar. Eu sou lá a senhora banqueira, não tenho intenção nenhuma de lidar com dinheiro e câmbios. Esse é o domínio do Alfons. Oh, o pobrezinho, soava mesmo lastimoso na última carta. Acho que está a passar por situações terríveis. Sobrou alguma coisa do pequeno-almoço, paizinho? Acho que eu e o meu bebé estamos terrivelmente famintos. E a verdade é que ainda agora viemos do doutor Greiner.

Ela atirou-se-lhe ao pescoço e beijou-o em ambas as faces, achou-o quente e considerou que tinha de repousar sem falta. Mas onde estava a mamã? Lá em cima no quarto?

– Não está doente, pois não?

– Claro que não. Só um bocadinho indisposta, não mais do que isso. Vamos para a sala de jantar, Kitty. Acho que ainda lá estão o fiambre e a manteiga, se calhar também café. Gostava de te dar uma palavrinha sobre a Marie.

Kitty deixou-se conduzir até à sala de jantar e foi contando, entusiasmadamente, que o doutor Greiner auscultara o batimento cardíaco do bebé.

– Ele encostou um estetoscópio enorme à minha barriga e conseguia ouvir o coraçãozinho a palpar. Como é maravilhoso ter esta vida a crescer dentro do meu corpo. O bebé vai sair imenso a ti, paizinho, tenho a certeza – tagarelava ela enquanto cobria uma fatia de pão com três fatias de fiambre. –

Imagina só: todas as manhãs, às sete em ponto, este pestinha começa a dar voltas dentro da barriga. Receio bem que seja adepto da ginástica Jahn³ e goste de fazer os seus exercícios matinais. – Deu uma dentada e continuou a falar: – O Paul deu notícias? Não? Lamentavelmente também não recebi nenhuma carta dele... A mamã já te contou que o vestido verde agora também já não me serve? Uma catástrofe. Não tarda nada vou ter de me enrolar num lençol, quando tudo o que tenho me estiver pequeno. Vou assaltar o guarda-fatos da Marie...

Melzer deixou que a verborreia da sua filha deslizasse por ele e passasse ao largo, estava habituado, apreciava a sua vivacidade, sabendo também que era escusado responder às suas perguntas, já que ela transitava celeremente de um assunto para outro. Mas agora que ela mencionara Marie, apressou-se a pegar no fio da meada.

– Isso mesmo, a Marie. Estou muito preocupado com ela, Kitty. Reparaste como anda pálida e escanzelada?

Kitty olhou-o de olhos despertos, mas não respondeu, uma vez que mastigava o pão com fiambre e pepinos com grande zelo. Limitou-se a assentir com a cabeça, engoliu e continuou a comer. Enquanto ele desabafava a sua irritação com a obstinação de Marie e recordava que a Alicia havia entregado a amamentação de todos os três filhos a uma ama de leite e ainda contratara uma ama para os acompanhar, Kitty servia-se com abundância, bebeu uma chávena de leite, comeu compota de morango à colherada e barrou uma espessa camada de manteiga numa pequena fatia de pão de centeio. Por fim, respirando de alívio, limpou a boca e as mãos ao guardanapo e recostou-se na cadeira.

– Sabes, paizinho – disse ela, pestanejando matreiramente na sua direção. – Isso são coisas que deves deixar por conta da Marie. Eu, na parte que me toca, não quero amamentar nem trocar fraldas. Mas a Marie é diferente. Esta carta é para mim? É mesmo. E quem é este? Simon Treiber. Se calhar algum conhecido do Alfons?

Limpou a faca ao guardanapo e abriu o envelope. Passou os olhos por breves instantes pelas linhas compactas, franzindo o sobrolho, e voltou a enfiar impacientemente a folha no envelope.

– Sabes, paizinho, queria perguntar-te uma coisa. Só aqui entre nós. E, por favor, não podes de maneira nenhuma contar à Elisabeth que abordei o

assunto contigo. Prometes? Sim? Tens de prometer, senão não abro a boca...

– Estava com a esperança de que pudesses ter uma conversa sensata com a Marie. – Era mais uma tentativa de prosseguir a sua estratégia. Mas em vão. Kitty era imprestável como aliada, na verdade já o deveria ter imaginado.

– Acontece o seguinte, paizinho – começou ela num tom abafado, olhando para a porta ao crer ter ouvido um ruído. – A Elisabeth esteve ontem à tarde em minha casa. Bebemos muito agradavelmente um café e conversámos sobre isto e aquilo. Sobretudo sobre aquela atriz e bailarina que anda na boca de toda a Augsburg. Ela criou um programa patriótico e apresenta-se no palco com um guarda-roupa incrivelmente provocante... Enfim. Ou seja, falámos sobre tudo e mais alguma coisa. Quando a Elisabeth já se estava a preparar para regressar a casa, acabou por me perguntar, efetivamente... Não, eu nem queria acreditar. Ela perguntou-me...

Muito contra o que era seu hábito, Johann Melzer escutara a filha com grande atenção. Ia anuindo com a cabeça enquanto ela falava.

– Ela perguntou-te se lhe poderias emprestar dinheiro, é isso?

Os olhos azuis de Kitty olharam para ele, sem saber o que fazer. Sim, fora isso mesmo. E, como é evidente, ela tinha dado alguma coisa a Elisabeth. Não muito, duzentos marcos, que ainda encontrara no seu cofre. Mas que situação tão penosa. Teve de jurar a Elisabeth que não revelaria nada daquilo a ninguém...

– Mas tu és o meu pai e não tenho segredos para ti. Sobretudo quando se trata de coisas tão parvas como dinheiro.

– Não lhe perguntaste para que precisa do dinheiro? – Elisabeth explicara que, com a guerra, os rendimentos haviam estagnado; como as propriedades carecem de mão de obra masculina, a colheita foi escassa e não houve excedentes.

– Ela disse-me que me paga tudo de volta logo que a guerra termine. Sabes, paizinho, não estou minimamente preocupada com o dinheiro, preocupa-me apenas que os meus sogros possam vir a dar conta da situação.

– Disse que o velho diretor Bräuer é um «avarento medonho», nem a si próprio se permite um fato novo, considera que o filho gasta demasiado com a gestão da casa. Já para não falar dos demais desejos da jovem esposa, como mobiliário fora do comum, roupas caras, sapatos, bolsas de mão, chapéus, luvas de renda e joias.

Johann Melzer inspirou fundo, combatendo a angústia que sentia assomar dentro de si. Estavam então corretas as suas presunções, os Hagemann estavam na bancarrota. Fora por isso que aquele rapaz leviano, na altura tenente e agora major Klaus von Hagemann, acabara por fim por pedir a mão da filha Elisabeth em casamento. Haviam aproveitado o bom nome da rica família de industriais Melzer, que ainda por cima tinha laços familiares com o Banco Bräuer, para manterem a reputação de crédito só mais algum tempo. Entretanto, a guerra varrera todas as reservas dos credores. E então o major Von Hagemann ainda pôde exhibir-se profusamente como oficial do exército imperial e andar por aí a dar ordens. As propriedades que a família antes possuía perto de Brandeburgo haviam sido há muito vendidas. Elisabeth pedira também dinheiro a Alicia e a mulher fora por duas vezes fraca o suficiente para aceder ao seu pedido.

– Não deves emprestar mais nada à tua irmã – disse ele.

– Também pensei isso, papá. Mas que faço se a Lisa mo pedir? Ela é minha irmã e... tenho tanta pena dela.

Vejam só, pensou ele, quase divertido. Tempos houvera em que as suas duas filhas se atiravam uma à outra como duas megeras, arranhavam-se e mordiam-se, arrepelevam os cabelos. Mas isso fora dois anos antes. Desde então, muito acontecera.

– Se a Lisa estiver verdadeiramente com dificuldades financeiras, deve abrir-se connosco, a sua família, e, juntos, vamos decidir o que se pode fazer – disse ele com determinação. – Ela é nossa filha, como tu e o Paul. Nós damos-lhe o nosso apoio. Simplesmente não gosto de todo esse secretismo.

Kitty anuiu pressurosamente e parecia aliviada. Sim senhor, era isto mesmo que esperava do seu paizinho. Palavras claras. Ele assumia as rédeas, Lisa tinha apenas de confiar nele.

– Sabes uma coisa, paizinho? – disse ela, inclinando a cabeça para o lado em jeito de brincadeira. – Vou falar com a Marie. De mulher para mulher, compreendes? Eu não faria de todo as coisas como ela...

Ele sorriu e ficou satisfeito. Ela era assim, a sua Kitty. Um diabrete. Fazia dele gato-sapato, mas sabia exatamente o que ele esperava dela.

– Além do mais: que mau aspeto a esposa do Paul Melzer amamentar os próprios filhos como uma camponesa. Nós estamos mesmo em condições

de contratar uma ama de leite e uma ama para cuidar das crianças, não estamos, paizinho?

– Estamos, pois – confirmou ele, mas sem grande convicção. As perspectivas não eram boas para a fábrica de tecidos Melzer. Se não tivesse já ido buscar dinheiro ao seu património pessoal, a empresa estaria no fim da linha. Sem matérias-primas não há produção. Sentia a fúria a avolumar-se por dentro quando pensava nos lucros das fábricas de aço e de máquinas que se haviam dedicado ao fabrico de armas e munições. Ele conseguira uma encomenda que manteria as suas operárias a laborar pelo menos algumas semanas. Tinham de limpar cartuchos de balas para depois serem novamente enchidos. Um trabalho deplorável e sujo, mas ainda assim melhor do que não ganhar absolutamente nada.

– Vou ali à fábrica – disse ele, levantando-se com esforço. – Caso contrário, a menina Lüders ainda pensa que é dia santo na loja.

Kitty levantou-se de um salto e serviu de apoio ao pai até que a perna esquerda voltasse a obedecer.

– Podes levar o meu carro. O Ludwig, que o meu sogro mandou vir da reforma, é um motorista excepcional! Fica todo contente com cada metro que lhe permitem conduzir o carro novo.

O pai recusou com um gesto. A gasolina era um bem demasiado escasso para ser desperdiçado inutilmente, resmungou ele. Em breve deixaria de haver sequer gasolina para os particulares. E um pequeno passeio só lhe faria bem.

Abanando a cabeça, Kitty permaneceu na sala de jantar, comeu ainda rapidamente a última fatia de fiambre e fazia menção de subir para falar com Marie quando lhe chamou à atenção uma carta caída na alcatifa. Ah, céus, era a carta estranha daquele – como se chamava mesmo? – Simon Treiber. Baixou-se e, enquanto tentava agarrar a carta sob a cadeira, sentiu, para seu deleite, que o bebé se mexia dentro da barriga.

– Não te apoquentes – sussurrou ela, passando a mão pela abóbada que o casaco ocultava tão habilmente. – Está tudo bem, pequenino. A mamã às vezes também faz ginástica.

Soltando um gemido, endireitou-se e sentou-se novamente na cadeira para ler por fim a carta como deve ser. Mas que caligrafia tão floreada. E fora

supostamente escrita por um homem? Parecia muito mais a caligrafia de uma menina, com tantas voltas e, em vez do ponto no i, uma pequena bola.

Cara menina Katharina Melzer!

Escrevo-lhe a pedido de um jovem que está aqui no hospital e que me pediu encarecidamente que lhe enviasse esta mensagem. Não lhe vou esconder que ele não está bem, que as perspetivas não são boas, e foi por esse motivo que acedi ao seu pedido, ao contrário do que é meu hábito, dado que não costumo escrever cartas aos familiares dos feridos que me são confiados...

Paul! O irmão, o Paulinho! Estava num hospital em... procurou o envelope que atirara descuidadamente para cima da mesa. Que dizia lá? Antuérpia. Como assim, Antuérpia? Não estava na França? Sentiu uma violenta palpação nas pálpebras, o batimento do seu coração agitava-lhe o corpo inteiro. Ah, esta tolice da gravidez! Antigamente nunca sentia tal coisa. Mas que escrevia o homem? As perspetivas não eram boas... Oh, céus!

Se calhar não seria Paul, mas sim Alfons? Aquele ser humano gentil e bondoso com quem ela se casara havia meses, sem o amar verdadeiramente, e que, de dia para dia, agora que carregava o seu filho, se lhe tornava cada vez mais próximo. Contudo, se tivesse de escolher, preferia que fosse Alfons deitado num hospital e não o seu Paulinho. Não, Paul não. Por favor, Paul não.

Precisou de uns instantes até conseguir respirar novamente com calma. O bebé também sentira a sua agitação e remexia-se dentro dela.

A pedido do meu doente, não vou revelar o seu nome, mas imagino que ao ler as linhas seguintes conseguirá identificar quem lhe envia esta mensagem. São estas as suas palavras:

Minha querida Kitty. Dia e noite os meus pensamentos só se focam em ti e nada mais desejo do que te pedir perdão. Tirei-te do reduto da tua família sem te poder oferecer uma casa e uma vida à tua medida. Cobardemente, hesitei em levar-te ao altar, submeti-me à vontade dos meus pais, sacrificando a tua felicidade e a minha. Um sacrifício que se revelou sem sentido. Se agora, por vontade de Deus, eu for levado deste mundo, a minha

sorte não é melhor do que a dos meus camaradas e não tenho o direito de me revoltar...

Kitty baixou a carta, a mão tremia-lhe tanto que não conseguia ler as palavras. Não era Paul. Graças a Deus. Também não era Alfons. Era outro. Ela pensara ter esquecido Gérard Duchamps há muito. O rapto precipitado, a sua vida tumultuosa em Paris, onde mudavam constantemente de hotel e de apartamento para não serem encontrados. As maravilhosas noites de amor, todas aquelas loucuras, paixões, todo aquele arrebatamento, aquele ardor... Ele ia morrer. O seu amor jazia em Antuérpia, num hospital, gravemente ferido, a encarar a morte. E o pior de tudo é que ele pensava nela. Gérard conservara no coração o seu amor por ela.

Uma lágrima escorreu para o papel, logo depois uma segunda. A palavra «altar» começou a desbotar, os contornos da escrita começaram a dissolver-se e, quando ela mexeu o papel, as lágrimas derramadas desenharam dois trilhos irregulares azul-claros através das linhas. Porque lhe fazia ele aquilo? Porque a colocava ele naquela situação? Que esperava ele alcançar?

Pestanejou e, com as costas da mão, limpou a face húmida, remexeu a bolsa em busca de um lenço. Por que diabo voltara a esquecer-se de trazer um lenço?

Cara menina Melzer. Sem a conhecer, ousou no entanto transmitir-lhe o pedido insistente do meu doente. Ele nutre a esperança de receber algumas breves linhas, a certeza de que lhe perdoou trar-lhe-ia um grande alívio.

Evidentemente, cabe-lhe inteiramente a si a decisão de aceder a este pedido ou de permanecer em silêncio. Se, todavia, se confrontasse diariamente com o sofrimento e a morte de incontáveis jovens, talvez compreendesse que, nos tempos que vivemos, o orgulho e as convenções já não têm lugar.

Rogando-lhe que me perdoe a franqueza, despeço-me com os melhores cumprimentos.

SIMONE TREIBER

Enfermeira voluntária no hospital de Antuérpia

Kitty teve de olhar duas vezes e só então compreendeu. Não era Simon, mas sim Simone Treiber. A carta fora escrita por uma enfermeira.

Meia dúzia de linhas, pensou ela, sentindo o bebê dentro da barriga a pontapear como se a quisesse impedir de seguir as suas intenções. Ofegante, recostou-se na cadeira, fitou o teto da sala, a roseta redonda de estuque, de cujo centro pendia o candelabro de bronze de seis braços. Quem lhe poderia levar a mal se ela enviasse apenas algumas palavras a Gérard? A tal de Simone Treiber não tinha razão? Não era ridículo, ante a morte próxima, ter receio de umas quaisquer convenções? Mas... não seria uma afronta para Alfons? Afinal de contas, Gérard fora seu amante. Raptara-a e levara-a para Paris, onde haviam vivido juntos em concubinato. Ah, ela ter-se-ia casado com ele sem sequer perguntar aos pais, mas Gérard fora cobarde, não a pedira em casamento e por isso ela deixara-o... Mas que amor selvagem, louco e apaixonado. Era melhor nem pensar no assunto. Não, ela amava Alfons, ele era o seu pilar e o seu terno amado, era inteligente e gentil, seria um bom pai... Estremeceu quando Else entrou com a bandeja para levantar a mesa do pequeno-almoço.

– Não se sente bem, senhora Bräuer?

Kitty fez um sorriso artificial e explicou que uma carta de uma querida amiga a levava às lágrimas. Enquanto o dizia, dobrou a carta e enfiou-a na bolsa de mão, juntamente com o envelope.

– A sua mãe pede que suba um instante para falar com ela. Está infelizmente com uma ligeira enxaqueca, mas ficaria contente com a sua visita...

A mãe era a última pessoa que Kitty queria ver naquele momento. Havia uma única pessoa no mundo que a podia ajudar naquela situação terrível, em quem ela confiava plenamente.

– Obrigada, Else...

Saiu da sala de jantar, subiu as escadas até ao segundo andar e bateu à porta do quarto de Marie. Mas quem abriu não foi Marie, mas sim Auguste.

– Preciso de falar imediatamente com a minha cunhada... – Ouviam-se lamúrias, a voz nervosa de Marie dizendo que Auguste devia mandar embora a visita imediatamente, que não tinha tempo naquele momento.

– Daqui a uma hora, senhora – disse Auguste, com pena, e voltou a fechar a porta.

Kitty sentiu-se insultada. Dali a uma hora? Mas quem Marie pensava que era? Ela precisava da cunhada. Já, imediatamente. Ela não tinha o direito de

se ocupar única e exclusivamente dos bebés!

³ Ludwig Jahn foi um pedagogo alemão do início do século XIX que introduziu um novo conceito de ginástica. (*N. da T.*)

– Ei, *messieurs les soldats*... o café está pronto... *Levez-vous*... toca a levantar!

Uma luz vacilante varreu o chão de feno, roçou ao de leve os homens que ali dormiam e assustou uma série de ratinhos cinzentos, que se dispersaram por entre o feno como pequenos torpedos, para aí encontrarem abrigo.

– Já vamos... – rosnou Hans Woltinger. – *On arrive*...

Humbert jazia todo contraído, os braços cruzados à frente do peito, as pernas encolhidas. Não se mexeu: como todas as malditas manhãs, tinha a esperança de que todos simplesmente se esquecessem dele ali, sem darem conta de que ele existia. Porque não podia ele transformar-se num molho de feno? Metamorfosar-se num daqueles ancinhos de madeira, pendurados serenamente na parede, sem noção nenhuma de todos os acontecimentos da guerra.

– Malditas pulgas – resmungou Julius Kerner, coçando-se ruidosamente. – Todas sempre em cima de mim. Tenho sangue doce, vão comer-me vivo.

Do outro lado, onde o quarto homem, o pequeno Jakob Timmermann, havia preparado o seu leito noturno, ouvia-se gemer baixinho. No dia anterior, um dos cavalos dera-lhe um coice valente quando ele lhe raspava o casco esquerdo traseiro. Na verdade, Timmermann fora rápido a saltar para trás, mas o desgraçado do cavalo ainda lhe apanhara a canela. Humbert assustara-se terrivelmente e deixara cair o balde de água. E depois disso dera-lhe direito a «levar uma coça» do sargento Krüger.

– Como vai isso, Timmermann? – perguntou Hans Woltinger.

O alto e robusto Woltinger era um pouco mais velho do que os outros três e, na vida civil, era mestre-escola numa aldeia. Talvez por isso acreditasse que devia ser ele a dar o mote. Humbert simplesmente não o tolerava. Mas odiava ainda mais Julius Kerner, por ser tão repugnante. Não fechava a boca

para mastigar, pelo que se formavam fios de baba entre os lábios e todos conseguiam ver os seus pequenos dentes afastados a triturar a comida.

– Está tudo inchado – comunicou Timmermann. – Mas consigo pousar a perna. Que porcaria, maldito seja.

Gemeu mais intensamente. Ter-se-á levantado e tentado apoiar o peso na perna. Do lado de lá, Woltinger acendera entretanto um fósforo e o brilho amarelado da lanterna do estábulo despontou na escuridão. Via-se o feno cinzento-esverdeado que haviam usado para construir os seus aposentos para a noite, as traves do teto enegrecidas com o tempo, de onde baloiçavam teias de aranha. As tábuas sob os seus pés não eram todas estanques, pelas fendas subia a exalação quente do estábulo das vacas, que ficava mesmo em baixo. Nada podia ser mais repulsivo do que aquele fedor peganhento a bosta de vaca que se agarrava a tudo, mas mesmo a tudo, à roupa, ao cabelo, à pele. Humbert estava convencido de que também o seu hálito cheirava a excremento de vaca e sentia nojo de si mesmo.

Vamos lá, rapaz. De pé. Não queremos chatices por tua causa!

Um estimulante pontapé no traseiro fê-lo encolher-se. Por um breve momento, fixou os olhos na luz tremeluzente da lanterna que Woltinger segurava por cima de si e fechou então os olhos, encandeado.

– Não te esqueças da manta...

Não havia hipótese nenhuma de voltar a mergulhar na doce escuridão do sono, a única escapatória que lhe restara naquele inferno na terra. Tinha de se levantar. Relaxar a posição de proteção encurvada, expor-se ao frio húmido e submeter-se ao cruel juízo dos supostos «camaradas». Tinha de se apressar, caso contrário Woltinger desceria, levando a lanterna consigo, e ele teria de procurar às escuras o escadote que dava para o estábulo das vacas. Um empreendimento potencialmente fatal, já que facilmente se podia falhar a abertura no soalho e cair lá para baixo. Humbert levantou-se e tirou o xairel, que, como uma manta, lhe cobria os ombros, sacudiu brevemente o pedaço de tecido e enrolou-o. Tossiu – o feno largava muito pó, tudo se revestia de uma película cinzenta.

Em baixo, no estábulo, os camaradas urinavam já em jatos vigorosos, faziam-no imitando os homens da família belga. Era de presumir que, no inverno, também as mulheres se aliviassem algures entre as cinco vacas malhadas, mas eram mais discretas, nunca o faziam quando um dos soldados alemães andasse por perto. Ali naquela quinta ninguém jamais

ouvira falar da invenção da casa de banho. Humbert recolheu-se a um canto e voltou as costas a vacas e homens enquanto desabotoava a braguilha das calças. Pensava já que o teriam deixado em paz, mas pouco antes de terminar a sua tarefa sentiu uma valente palmada no ombro direito que o fez sujar-se.

– Tens aí a compota de morango? – perguntou Julius Kerner. – E a manteiga?

– A manteiga acabou.

– Já não há? Mas que desgraça! Ei, Jakob. Tu não recebeste ontem uma encomenda? Vinha lá manteiga?

– Manteiga, não. Mas salsichas, sim. E patê de anchovas.

– Patê de anchovas, blhec, credo!

Humbert compôs rapidamente a roupa. Tinha a compota no bolso do casaco, a senhora Brunnenmayer colocara-a numa lata. Ah, Fanny Brunnenmayer, se não fosse ela a escrever-lhe cartas, a enviar-lhe embrulhos, seguramente já se teria entretanto pendurado da trave do teto que estivesse mais à mão. Ou pelo menos tê-lo-ia tentado... Não, a verdade é que não o teria feito. Em Wyneghem, haviam enforcado dois sabotadores belgas e tinham um aspeto medonho. Os rostos todos azuis e as línguas penduradas para fora.

Os quatro soldados alemães caminharam por entre os excrementos de vaca e rumaram à sala da família de agricultores, onde fora disposto o pequeno-almoço. Só passados alguns dias é que Humbert percebera que aquelas pessoas tinham apenas um compartimento na casa, onde se comia, dormia, amava, nascia, morria. As galinhas deambulavam por ali entre os seus pés, o velho gato estava deitado numa caixa junto ao fogão e um desgrenhado cão castanho sentou-se sob a mesa, na esperança de que algo caísse na sua direção. Comiam todos muito juntos, a família era grande, pai, mãe, duas filhas mais velhas e três filhas adolescentes, dois filhos de doze e cinco anos, e ainda uma mais nova, uma bonita menina loura de dois anos. Todos tinham rostos redondos e cabelo liso claro, eram pessoas de boa índole que haviam aceitado o aquartelamento sem ressentimento e sentavam os soldados alemães à sua mesa, como se fossem seus filhos. Havia café com leite e pão, manteiga apenas pouca, e a compota, as salsichas ou outros ingredientes eram oferecidos pelos soldados, que colocavam em cima da mesa tudo o que recebessem de casa. Humbert sentia-se na verdade

incomodado com a sujidade e o cheiro a estábulo de vacas que era onnipresente em toda a casa, mas as refeições eram toleráveis. Tirando o facto de ninguém ali comer com garfo e faca e de, sem problema nenhum, todos lamberem os dedos, comerem ruidosamente, arrotarem e beberem o café em sorvos pouco elegantes. Só depois começava o verdadeiro terror. Pouco antes das sete horas – a pontualidade alemã era temida em todo o lado –, tinha de se apresentar no estábulo dos cavalos juntamente com os seus camaradas. Havia vários. Inúmeros edifícios haviam sido convertidos para este efeito; o estábulo em que Humbert e os seus camaradas trabalhavam fora antes a sala de aula da escola da aldeia. Tinham de ir até lá a pé, à mercê da chuva e do vento; quem tivesse uma capa de chuva, como era o caso de Jakob Timmermann e Hans Woltinger, dava-se lindamente lá fora, já Humbert e Julius Kerner chegavam ao estábulo quase todas as manhãs completamente ensopados. Mas podiam pelo menos dar-se por satisfeitos por o estábulo ainda estar seco, já que em toda a volta os terrenos estavam inundados, a água chegando ao talude.

No estábulo tinham já à sua espera o sargento Krüger, careca e de barba arruivada, um pedante insuportável e arrogante que embirrara muito especialmente com Humbert.

– O senhor chefe dos criados também já está a pé? Vamos lá, ligeirinho, senão podes já começar a fazer vinte flexões no meio do esterco de cavalo...

Nunca antes Humbert lidara de modo algum com cavalos, de início tivera medo daqueles animais tão grandes e só a pouco e pouco foi compreendendo que, com toda aquela força, eram inexplicavelmente obedientes. Entretanto passara a encará-los como seus companheiros na miséria, aqueles seres inocentes que eram obrigados a correr por entre a chuva de balas, dilacerados por granadas e que pereciam na berma da estrada, sem sequer compreender por que motivo os tratavam assim. Os cavalos ali no estábulo estavam, felizmente, todos em bom estado, alguns haviam sido confiscados a agricultores belgas e eram pouco aptos a serem montados, mas a maioria eram animais amansados, pelo que não apenas era preciso alimentá-los e dar-lhes de beber, como também tinham de ser exercitados.

Até cerca das oito horas ocupavam-se a limpar o esterco, a alimentar e a limpar, enquanto o sargento deambulava entre eles, pondo-se permanentemente no caminho, sempre a resmungar qualquer coisa. Além

de Humbert, Jakob Timmermann, com o seu rosto fino, era um «favorito» especial. Krüger detestava o jovem sobretudo por antes da guerra ter sido estudante de Filosofia e, uma vez, lhe ter caído do bolso do casaco um exemplar do *Fausto* de Goethe. A seus olhos, Jakob era um «intelectual», um claro sabichão a quem devia ser deixado bem claro que, no regimento, rapazotes como ele eram o cúmulo do lixo.

– Olhem-me só para isto! É a isso que chamas escovar o cavalo? Isso é mas é uma grande desgraça!

Deu uma palmada no quadril do cavalo castanho, atormentando o pobre Jakob com a fina nuvem de poeira que se levantou. Jakob não tinha na verdade culpa nenhuma, já que no dia anterior aquele cavalo fora escovado por Julius Kerner. Mas Kerner sabia bem ganhar os seus favores, andava por ali de ombros encolhidos e um sorriso submisso e berrava por tudo e mais alguma coisa: «Às ordens, senhor sargento!»

Apesar das dores na perna, o infeliz Jakob teve direito a fazer meia dúzia de «exercícios», como é evidente, bem no meio do esterco dos cavalos, Krüger era um filho da mãe perverso. Humbert foi acometido de uma vontade louca de atirar contra o rabo do sargento o carrinho de mão cheio de bosta. Era agradável imaginar a cena com todo o pormenor. Como Krüger soltaria um uivo e cairia para a frente, em cheio na bosta de cavalo. Como a égua ficaria em pânico e lhe daria um coice. A boca escancarada de Krüger cheia de porcaria de cavalo. Magistral! Mas para realmente fazer tal coisa... Humbert era demasiado covarde para tanto. Seguir-se-ia a prisão ou algo ainda pior, e esse seria um preço demasiado alto a pagar por uns instantes de satisfação.

– Toca a selar... – ordenou Krüger e puxou a capa de chuva para cima.

Um olhar pela janela barrada de sujidade da antiga sala de aula revelou que lá fora continuava a chover a jorros. Cavalgaram numa pequena formação pelos trilhos empapados e, passada uma boa meia hora, quando todos, até os que tinham capa de chuva, estavam encharcados até ao tutano, a chuva parou. O sol atravessou as nuvens, os prados brilharam nos seus tons escuros, luminosa era a safra de inverno que germinava nos campos, e, pelo meio, pequenos pinhais. Uma terra bonita, uma terra rica, era a Bélgica. Passaram por velhas casas senhoriais, palácios imponentes, parques que se estendiam por aquela terra plana. Humbert sentia um calor no coração ao contemplar a propriedade. Ali, a cultura fazia simplesmente parte e o

sentido de beleza, tradição e luxo, uma existência organizada que se caracterizava pelo respeito e por um trato polido – tudo coisas que ele simplesmente amava. Era edificante ver que tais coisas ainda existiam num mundo virado do avesso.

Humbert fora mobilizado logo no início da guerra e recebera ordens de marcha para a França com os reforços. O pavor que o tomou diante das aldeias destruídas a tiro impregnava-se ainda em todos os seus ossos. O ruído dos morteiros ao longe: um «plop» quando as granadas eram lançadas, o silvo do voo que se intensificava até se converter num fragor, e depois o segundo «plop», o impacto. Uma vez foi atingido o abrigo onde ainda pouco antes ele estivera recolhido, a granada desfez em pedaços cinco dos seus camaradas, ele próprio só escapou porque se agachara numa vala para aliviar uma necessidade. Quando enterraram os camaradas mortos, ele colapsara simplesmente. Quanto mais se aproximavam da frente, mais frequentes se tornavam os seus desmaios, até que, por fim, perdia logo os sentidos só de ver um avião a aproximar-se. Tinham-no espancado e presenteado com pontapés, acreditando que ele estaria a fingir. Ele não sentia nada, mas quando voltava a si contraía-se de dores. Fora por fim declarado inapto para a frente e mandado para a Bélgica para prestar o seu serviço em terras ocupadas.

– Olhem-me como o fulaninho se senta no cavalo! Mas que triste figura. Costas direitas, coxas a trabalhar. Põe-te a mexer. Andor, andor...

De volta ao estábulo, era ainda preciso secar os animais com a escova e limpá-los, alimentá-los, dar-lhes de beber, lavar os cascos... Depois limpar rapidamente os próprios sapatos, compor a farda, na medida do possível, polir as armas e, ao meio-dia, apresentar-se na chamada. Ouvir gritos por causa de nódoas nas calças, por faltar um botão porque o cavalo o comera...

Mortos de cansaço na sua farda húmida e meias molhadas, regressavam à quinta. Almoço. As pessoas eram solícitas, também recebiam do exército alimentos, mas não sabiam cozinhar. Carne de porco enlatada com chucrute, batatas, banha, enchidos fumados e queijo – tudo misturado numa papa grumosa castanho-clara que cada um arremessava para o prato. Julius Kerner, o operário fabril de Colónia, enfiava avidamente colheradas na boca, também o mestre-escola Hans Woltinger comia como um alarve. Jakob Timmermann sentou-se no banco ao lado de Humbert e, pela sua aparência, parecia um Cristo na Via Sacra.

- Dores?
- Bastantes. Receio bem ter magoado o osso.
- Pede para te mandarem ao médico. Três semanas no hospital. Confortavelmente deitado numa cama a sonhar. Ou a ler...

Timmermann sorriu. Disse que não queria ficar a mandriar enquanto os camaradas combatiam pela pátria. Não era um cobardolas. A pátria chamou-o e ele seguiria o chamamento.

- Se ficares estropiado, pouco podes fazer pela pátria. O melhor era curares isso como deve ser.

Timmermann comeu apenas meia dúzia de colheres, estendeu o prato na direção de Kerner, que o olhou embasbacado, apoderando-se da dose suplementar.

- Daqui a alguns dias já estará melhor. Consigo apoiar-me na perna, por isso não há nada partido. Não quero ficar deitado no hospital se a seguir formos mandados para Verdun.

A colher deslizou da mão de Humbert, um grumo de massa castanho-clara caiu no banco, imediatamente atacado pelo cão.

- Para... Verdun? – sussurrou ele.
- Não ouviste dizer? Ah, pois é, ontem à noite, quando estávamos todos a beber vinho francês, tu já estavas a dormir. Até agora é só um boato. Mas este tipo de boatos revela-se quase sempre verdade.

Humbert sentiu o estômago a erguer-se e a querer expulsar a refeição cá para fora. Levantou-se num ápice, tropeçou no cão que se mantinha por perto, abriu a porta e correu à chuva até à estrumeira. O que ele vomitou foi avidamente deglutido pelo cão.

Permaneceu muito tempo sob o telhado de ripas da casa rural, a tremer de frio, o terror estampado nos olhos. Haviam visto um transporte de feridos a caminho do hospital de Antuérpia e Humbert vislumbrara por breves instantes para lá de uma das janelas. Lá dentro estavam todos mais mortos do que vivos, as cabeças enfaixadas, o braço de um deles era um coto enfaixado em ligaduras.

Verdun era a batalha decisiva para se alcançar a vitória, dissera uma vez o sargento Krüger. Se tomarmos o forte de Verdun, a guerra estará decidida.

Humbert já não acreditava naqueles disparates. Falara-se demasiadas vezes de batalhas decisivas, do ataque surpresa, dos ingleses que meteriam facilmente ao bolso, dos cobardes franceses, dos russos que não percebiam

nada das artes de combate. Humbert assistira à explosão das granadas que abriam largas crateras no chão e que desfaziam pessoas e animais. E nem sequer fora diretamente na frente de batalha. Julius Kerner, um homem sem coração, falara-lhe das trincheiras, onde os soldados conviviam com ratos e ratazanas no meio do esterco. Desde que dera conta de que Humbert entrava em pânico diante de tais descrições, quase todas as noites, quando se juntavam a beber vinho e a fumar, Kerner presenteava-o com meia dúzia delas. Tinham de comer ratazanas assadas quando os aprovisionamentos não chegavam. Por vezes, comiam as ratazanas mesmo sem as assar, por falta de lenha... Jakob Timmermann dissera que era tudo invenção, que Humbert não devia acreditar, mas ante a simples ideia de estar agachado num estreito buraco com ratazanas já se sentia à beira do desmaio.

Inspirou fundo, inalou o ar húmido, olhou para lá do muro baixo, para os campos envoltos na névoa da morrinha. Depois do almoço havia um breve período de repouso e, à uma e meia, voltavam ao serviço no estábulo, exercícios a pé até às quatro, uma tortura depois da qual conseguiam contar um a um todos os ossos do corpo. Às quatro eram entregues provisões, distribuía-se o correio, de novo trabalho no estábulo e quem tivesse azar tinha ainda de fazer serviço de vigia. Os outros tinham folga, comiam juntos e bebiam cerveja ou vinho, jogavam às cartas, escreviam cartas...

Compreendeu subitamente que aquela vida primitiva e estupidificante era um privilégio. Um lugar seguro, longe das trincheiras e das granadas, um refúgio da morte e do terror. Mas estava tudo prestes a acabar. A guerra, a guerra a sério, acabaria por o apanhar.

Um rato-de-água cinzento ousara sair das valas ali próximas e aproximar-se da pilha de adubo, ele via-lhe o pelo brilhante e eriçado, as patinhas, a comprida cauda sem pelo. Esgaravatou o adubo com as patitas, roeu um talo de couve apodrecido e desapareceu num relâmpago quando alguém abriu a porta da sala de estar.

– E então? – perguntou Woltinger, permanecendo um instante parado ao lado de Humbert para lhe chamar a atenção. – Estômago indisposto? Também estás de caganeira? – Humbert abanou vigorosamente a cabeça. –

Se não melhorar, vai ao médico. Não queremos que nos passes nada. Disenteria ou coisa assim. Não dava jeito a ninguém...

Continuou a fitar Humbert e, quando este nada disse, deu-lhe uma pancada no peito.

– Percebeste, Sedlmayer? Ou será que até já tens febre?

Antes que Humbert o pudesse impedir, Woltinger pousou-lhe a mão pesada na testa. Os seus dedos eram compridos e ressequidos, as unhas amareladas, provavelmente um fungo persistente.

– Não tenho febre – disse Humbert, recuando. – Só que não me cai bem o estufado cheio de gordura, é só isso.

Woltinger fez uma careta, era evidente que não apreciava que o rapazote se lhe furtasse sempre.

– És mesmo niquento – rosnou. Humbert comportava-se como uma menina. Especialmente quando se lavavam, nunca baixava as calças à frente dos outros. – Trata lá de recuperar até chegar a hora de trabalhar no estábulo!

Humbert não manifestou nenhuma reação. Woltinger não tinha legitimidade para lhe dar sentenças, era um simples soldado como ele. Permaneceu parado enquanto os três camaradas passaram por ele, saudando apenas Jakob amistosamente com a cabeça, querendo dizer: não te preocupes, está tudo bem comigo. Jakob Timmermann devolveu um sorriso débil e coxeou atrás dos outros dois até ao estábulo das vacas. Mandá-lo-iam para Verdun com a perna assim inchada? Era melhor que não.

Humbert encostou-se ao muro, sentindo repentinamente uma fraqueza, literalmente as pernas a liquefazerem-se, e teve de se sentar rapidamente. Quase um desmaio, conseguira controlá-lo por um triz. Resistiu, respirando com dificuldade, mas, quando reparou que tinha o fundo das calças húmido e frio de estar sentado no chão molhado, levantou-se devagar. A porta da sala abriu-se com um rangido, uma das raparigas loiras correu pelo terreiro fora de balde na mão, verteu a imundície para a pilha de adubo e, enquanto o fazia, olhou para ele.

– *Vous êtes malade?* Doente? – perguntou compassivamente.

– Estou só um pouco tonto...

Com o indicador, desenhou no ar linhas onduladas e ela anuiu, compreendendo.

– *Un café?* Ajuda a tratar...

Também ela desenhou linhas no ar com o dedo e ia baloiçando o balde vazio, onde ainda restava um pouco de líquido acastanhado.

– Não, obrigado... *Merci...* Vou dormir um pouco. *Dormir...*

Encostou as palmas das mãos uma contra a outra e levou-as à face direita. Ela anuiu, fez um sorriso rasgado. Tinha olhos azuis muito grandes, as pestanas louras quase nem se viam.

– Bons sonhos... – desejou ela, deu meia-volta, afastando-se dele com um movimento brincalhão, e dirigiu-se para a porta da sala.

A chuva intensificou-se, gotas de água penetravam e caíam pelo telhado do alpendre, as poças de água diante da casa cresciam e aproximavam-se dos sapatos de Humbert. Indeciso, caminhou ao longo do muro da casa, virou a esquina, onde havia uma barraca baixa, e refletiu sobre se deveria simplesmente enfiar-se ali dentro. No seu interior havia um velho carrinho de mão de madeira, seguramente ainda do tempo do avô. Lá dentro estavam empilhados cestos e sacos, ancinhos, forquilhas, pás, uma velha vassoura de giesta... Talvez conseguisse esconder-se sob os sacos, imóvel como um pedaço de madeira, até que todos deixassem de o procurar. Que fariam eles se ele simplesmente desaparecesse? Se se esfumasse no ar?

Encontrá-lo-iam e ele seria castigado. Por iniciativas dessas ia-se para a prisão como desertor, quem sabe se até não seria enforcado. Esgueirou-se à volta da cocheira e apreciou a horta rodeada de um muro baixo. O cebolinho estendia atrevidamente os seus rebentos para fora da terra molhada, pouco preocupado com a possibilidade de novas geadas. Quando prosseguiu, o pé bateu num vulto de madeira, ele deu-lhe um pontapé e só então viu que se tratava de um escadote de madeira encostado obliquamente à parede da casa e que dava para uma pequena porta mesmo abaixo do telhado. Um pombal? Seria na verdade demasiado grande para isso, além do mais ali vira apenas galinhas, patos e melros, mas nenhuma pomba. Olhou cuidadosamente em volta – a estrada da aldeia estava deserta, só onde as suas curvas serpenteavam rumo à localidade mais próxima se via um grupo de homens a cavalo e dois carros com carga. Demasiado longe para serem perigosos. Subiu os degraus escorregadios até ao cimo e tentou abrir a pequena porta. Conseguiu sem qualquer dificuldade, teve apenas de aguentar uma lasca na base do polegar, mas conseguiu removê-la facilmente. Do outro lado da portinhola deparou com um cinzento lusco-fusco, asas grandes e escuras esvoaçavam de um lado para o outro, cheirava a pó, a excremento de rato e a um qualquer cereal, aveia ou centeio.

O sótão. Podia até não ser muito alto, mas no meio um homem conseguia manter-se de pé, embora dobrado. O vento entrava pelas rachas entre a

parede e o madeiramento do telhado, estava bastante escuro, mas parecia ser seco. Que se guardaria ali? Cereais? Talvez também frutas em conserva, banha, ervilhas secas, compota de ameixa? Decidiu trepar, entrar e dar brevemente uma vista de olhos. Não para roubar nada, mas só porque sim. Teve de rastejar de gatas, puxando então rapidamente a pequena porta atrás de si, para não ser descoberto. Por que razão estou a fazer isto?, pensou ele, enquanto esperava até que os olhos se habituassem à escuridão. Havia ali sacas contendo milho por moer, talvez também aveia ou cevada. Ao centro do compartimento de teto baixo estava uma estranha grade de madeira, na qual revolteava toda uma série de trapos de pano, uns grandes, outros mais pequenos. Quando se aproximou cautelosamente, compreendeu que era roupa lavada, fora ali estendida para secar. Lençóis e camisas, compridas cuecas brancas de senhora com renda, como se usava no século passado. Dois espartilhos enormes, aos quais haviam sido tirados os atilhos, várias camisolas interiores de meia manga, uma saia preta de um robusto tecido de lã, a bainha já um pouco esgaçada...

Humbert deu várias voltas ao estendal, observou tudo minuciosamente, sentia frio quando o vento atravessava o sótão e levantava as pontas dos lençóis.

Como grandes asas, pensou. Asas com as quais uma pessoa se poderia lançar no ar e voar dali para fora ao sabor do vento...

Tocou na saia de lã, puxou-a do estendal e, ao observar o cóis, compreendeu que precisaria de um cinto. Lá fora, a chuva rumorejava contra o telhado, escorria por ele abaixo e caía em grossos filamentos para o terreiro, aglomerando-se nas poças. Humbert despiu o casaco da farda, a camisa, as calças e também a roupa interior. A camisa branca de linho estava fresca e ainda húmida, ele arrepiou-se ao senti-la de encontro ao corpo. Em seguida, vestiu as cuecas compridas, atou-as à cintura e, por cima, vestiu dois saíotes compridos de linho e depois a saia de lã preta, que atou firmemente usando o atilho de um espartilho, que também secava no estendal. Não havia por ali uma peça de vestir por cima, mas em compensação havia um pano largo de lã com que ele envolveu os ombros, uma touca vermelho-escura, decorada com folhos amarrotados, e que devia atar-se sob o queixo. As meias de lã eram demasiado pequenas, além de que teria também de usar os seus próprios sapatos, e não socas de madeira como as que usavam os filhos dos camponeses.

Enrolou a farda e enfiou-a atrás das sacas de milho. Desceu então cautelosamente o escadote, teve dificuldade em não calcar a saia e, ao descer, em segurar o pano sobre os ombros.

Saltou o muro do jardim e alcançou a estrada da aldeia. Para a direita seguia-se para a aldeia e, a partir daí, a estrada prosseguia até Antuérpia. À esquerda, um trilho estreito virava para os prados, acompanhava um ribeiro e desaparecia dentro do pinhal. Imaginou que seriam umas boas três horas de caminhada até à casa senhorial por onde haviam passado no dia anterior. Era uma loucura acreditar que o receberiam aí. Era muito mais provável que o entregassem aos ocupantes alemães. Mas que tinha ele entretanto a perder?

Johann Melzer observava da janela do seu gabinete as mulheres reunidas no pátio da fábrica. Consequia ouvir a gritaria no terceiro andar, mesmo com a janela fechada.

- Queremos pão e não promessas vazias!
- A nossa paciência está a chegar ao fim!
- Exigimos o salário completo!

As porta-vozes eram sempre as mesmas, conhecia-as há anos, usava sempre de benevolência, porque eram boas trabalhadoras. Mas naquele momento a sua vontade era mandá-las todas embora. Porque se punham a gritar assim? Não lhes acontecia exatamente o mesmo que a muitos outros que toleravam as suas dificuldades em silêncio? De onde haveria ele de tirar o dinheiro que elas exigiam? A fábrica estava parada. Sem produção, não há vendas, nem receitas, nem salários.

– Além na Vila comem porco assado e tarte de natas. E os nossos filhos morrem esfomeados diante dos nossos olhos...

Isso agora já era exagero. Era verdade que a senhora Brunnenmayer fizera uma tarte pelo aniversário de Alicia, uma tarte muito pequenina, coberta com um creme branco. Quem dera que tivesse sido tarte de natas, era quase só massa com compota. E porco assado havia só em fatias finíssimas. Duas por pessoa. Os bolinhos de pão servidos como acompanhamento tinham um sabor suspeito a serradura.

– Lamento tanto, senhor diretor... Ninguém as consegue deter. Já sabe como é...

A menina Hoffmann entreabriu apenas a porta do gabinete, ele viu os seus trémulos olhos angustiados atrás das lentes dos óculos e quase esboçou um sorriso irónico. A menina Lüders já escapara provavelmente para o gabinete de Paul.

– Eu sei, menina Hoffmann. Pode ir tranquila, eu já trato do assunto...

Ela assentiu, aliviada, e garantiu que toda aquela situação lhe era extremamente desagradável.

– Mas que infortúnio o jovem senhor estar agora na guerra – considerou ela. – Ele tinha sempre um jeitinho especial para resolver problemas com o pessoal... – Parou de falar, percebendo claramente que ainda arranjaria problemas com toda aquela conversa. Acrescentou então rapidamente que a menina Lüders e a sua modesta pessoa estavam mesmo ali ao lado caso precisasse delas, bastava chamar...

Precipitou-se dali para fora, pois já se ouvia ruído na escadaria. Melzer sentou-se atrás da ampla secretária e juntou os papéis que aí tinha espalhados. Não eram muitos: meia dúzia de contas, duas pequenas encomendas, faturas, vários requerimentos.

– Onde estão as secretárias? – bradou uma voz feminina em alto e bom som. – Assustaram-se, as meninas finas. Em vez de irem para a luta connosco.

– Não são como nós. São meninas de bem! – Por um momento fez-se silêncio, Melzer escutou cochichos e refletiu sobre o assunto. Por mais atrevidas que fossem, não ousariam simplesmente entrar por ali adentro.

– Vamos lá...

– Ele não morde.

– Vai tu à frente, de qualquer modo és sempre tu quem conduz a conversa.

– Calem-se todas. Eu já vou.

Melzer preparou-se. Sem concessões, isso só levaria a mais exigências. Também sem promessas. Ele estava a fazer o possível, não era um monstro e tentava ajudar. Mas não tolerava insultos. E muito menos seria forçado a fazer fosse o que fosse.

Bateram à porta. Primeiro muito mais timidamente do que ele temera, depois com mais vigor. Ele esperou até as pancadas serem enérgicas a ponto de já não as poder ignorar.

– A porta está aberta, minhas senhoras!

O trinco desceu, deviam sentir que a porta era extraordinariamente pesada, já que tinha folha dupla e fora dotada de um enchimento suplementar. Surgiram então no limiar da porta, malvestidas, algumas com socas de madeira, outras nem um casaco tinham que as protegesse do frio primaveril. Com olhos temerosos, desconfiados, irados, loucamente

determinados, fitaram o homem de cabelos brancos entrincheirado atrás da secretária. A primeira a ousar dar um passo dentro da sala foi Magda Schreiner, uma mulher franzina com um grande nariz, lábios finos e o queixo saliente, o que lhe conferia o aspeto de um pássaro.

– Estamos aqui para apresentar as nossas exigências.

Ele aguardou. Normalmente, o seu silêncio intimidava-as, ficavam inseguras, começavam a contradizer-se mutuamente e depois era com facilidade que conseguia desembaraçar-se delas.

– Sabe muito bem do que se trata – disse a delicada Erna Bichelmayer, tentando passar ao lado de Magda Schreiner para entrar na sala.

Erna Bichelmayer fora a sua melhor embaladora, ágil como uma doninha, conseguira sempre os melhores resultados. O marido, Tobias Bichelmayer, fora mobilizado no início do ano. Melzer sabia que a família tinha quatro filhos, quem sabe até cinco. O mais velho começara a trabalhar na fábrica como moço de recados mesmo antes do início da guerra. Quando ainda havia trabalho para todos...

– Posso apenas imaginar, minhas senhoras. Mas receio bem que não possa fazer grande coisa para as ajudar...

– Poupe-nos às suas palavras bonitas – disse Magda Schreiner. – Não somos senhoras. Somos esposas e mães a defender os seus direitos.

– Estamos apenas a pedir aquilo que nos foi prometido – exclamou uma jovem lá do fundo.

Usava um lenço na cabeça, pelo que não a reconheceu de imediato. Lisbeth Gebauer, vinte anos acabados de fazer. Que fizera ela ao cabelo? Um esplêndido cabelo castanho – tê-lo-ia cortado para vender? Estranhamente, aquela ideia era-lhe dolorosa. Mais do que saber que os Gebauer passavam fome e que não tinham dinheiro para comprar carvão para o fogão.

– Prometeu pagar o salário completo às famílias dos operários que tivessem de partir para os campos de batalha...

Ela não deixava de ter razão, essa fora efetivamente uma intenção que ele anunciara em agosto de 1914. Quando toda a gente acreditava que a guerra só duraria meia dúzia de meses, muitas empresas faziam este tipo de promessas, mandando publicar no jornal para documentar o seu espírito em defesa da pátria. Alguns mais espertos haviam sido mais cautelosos e prometeram apenas sessenta por cento do salário, e outros, ainda mais astutos, não aderiram de todo a tais promessas. Infelizmente, revelou-se que

tinham razão – entretanto só as fábricas de aço e outros fabricantes de produtos relevantes para a guerra estavam em condições de pagar salários em troca de trabalho nenhum. Não era de admirar – aí os prisioneiros de guerra substituíam os trabalhadores mobilizados como soldados para defender a pátria nos campos de batalha.

– Exigimos apenas o que nos foi prometido!

– Já não temos nada para comer. Não temos leite. Não temos pão. As batatas a que conseguimos deitar a mão vêm podres...

– A minha mãe morreu na semana passada. De fome.

Ele deixou-as reclamar, gesticular, exteriorizar a sua fúria e esforçou-se por se manter sereno. Mas porque se irritavam assim tanto? Não estavam elas muito melhor do que as outras, as que haviam sido despedidas? Não beneficiavam elas sempre que ele encontrava uma hipótese de pelo menos arranjar algumas pequenas encomendas? Limpar cartuchos de metal não era evidentemente um trabalho simpático, mas era melhor do que se sentarem à beira da estrada a mendigar.

– Queremos aquilo a que temos direito! – berrou Magda Schreiner. – O dinheiro a que os nossos maridos têm direito, que o senhor lhes prometeu. Todos leram no jornal...

O seu semblante petrificou-se. Noutros tempos, já há muito ele teria posto aquela pessoa descarada no sítio com um berro e já a teria mandado para fora dali. Todavia, desde a apoplexia, ele já não era o mesmo. Era mesmo lamentável que Paul ali não estivesse. O filho tinha um talento para encontrar as palavras certas e o tom certo. Um dom com que, infelizmente, Johann Melzer não nascera.

– De facto disse-se isso no jornal – disse ele, por fim, para pôr um término à gritaria. – No entanto, se tiver lido como deve ser, ter-lhe-á também chamado à atenção a palavra «temporariamente»...

– Ele só quer arranjar uma desculpa – sussurrou Lisbeth Gebauer para a menina Bichelmayer, que estava a seu lado.

– Os capitalistas arranjam sempre uma saída.

– Para lá de dizer essas coisas, senão ele zanga-se...

Quer dizer então, pensou Melzer, que a menina Bichelmayer era uma socialista. Aquele bando de intrujões estava a aproveitar-se da situação de aflição da pátria e a seduzir as suas operárias!

– Mesmo que eu quisesse – disse ele bem alto, levantando-se da cadeira para se fazer ouvir melhor. – Mesmo que eu quisesse, não poderia pagar os salários dos vossos maridos. Porque não tenho esse dinheiro.

– Não... não acreditamos nisso!

Agora é que ele esteve mesmo prestes a lançar um berro. Limitou-se a encarar a menina Bichelmayer, que lhe gritara aquela frase, com um olhar furioso. Era uma das suas operárias mais antigas, uma pessoa extremamente dotada e rija que ali estava há mais de quarenta anos – que logo ela, que se mantivera tanto tempo leal à fábrica de tecidos Melzer, se comportasse de forma tão ofensiva era algo que ele nunca teria pensado ser possível.

– Deram por acaso uma vista de olhos nos pavilhões? – resmungou ele energicamente. – Encontram por acaso uma só máquina de fiar a trabalhar? Um silêncio de morte! Não há lã, não há algodão. E mesmo que eu tivesse as matérias-primas, já praticamente não tenho carvão para pôr as máquinas a vapor a trabalhar!

– Porque não faz tecido de papel? – perguntou uma mulher lá no meio.

Melzer ignorou a pergunta e continuou a explicar que estava a fazer grandes esforços para manter pelo menos alguns postos de trabalho. Será que nem sequer olhavam em volta? Como estavam as coisas na Göggingen? Na fiação e tinturaria Pfersee? Na fábrica têxtil Bemberg AG? Em todo o lado estava tudo parado, só havia pavilhões vazios. Quem quisesse ganhar dinheiro tinha de arranjar trabalho nas fábricas de máquinas. Na Epple & Buxbaum, por exemplo. Aí trabalhava-se por empreitada...

Ele sabia muito bem que proferia apenas palavras vãs, já que as fábricas de máquinas não estavam a contratar trabalhadoras. Agora, depois de libertar o vapor e de o seu coração ter lentamente começado a sossegar de novo, teve pena das mulheres. Não lhe apareciam ali por presunção, a necessidade obrigara-as. A necessidade e as malditas ideias socialistas que lhes baralhavam a cabeça.

– Hão de vir tempos melhores – tentou ele tranquilizá-las. – Quando a guerra estiver ganha, os vencidos terão de pagar o que têm e o que não têm e aí ser-nos-ão compensadas todas as perdas.

As mulheres ficaram em silêncio. Magda Schreiner levantara o lábio superior, via-se que lhe faltava um incisivo. Erna Bichelmayer tossia e inspirava ruidosamente o ar pelo nariz. Nenhuma se atreveu a dizer o que

pensava, mas Melzer sabia. E se – Deus nos livrasse – o Império Alemão perdesse a guerra? Que aconteceria então?

– Estamos todos entregues a Deus – prosseguiu. – Enquanto tiver essa possibilidade, vou continuar a dar-vos trabalho e não despeço ninguém. É tudo o que posso fazer. Lamento muito.

Elas ficaram ali, de olhos inexpressivos, sem dizer palavra – o ímpeto furioso que as levava até ali desfizera-se como uma bola de sabão. Quem podia sequer saber se o diretor estava a mentir ou se dissera a verdade? Mas que as máquinas estavam paradas nos pavilhões, isso era um facto.

Hesitantes, transferiam o peso de um pé para o outro, entreolhavam-se e, por fim, a mais nova de todas, Lisbeth Gebauer, encontrou a coragem para dizer alguma coisa.

– E qual a possibilidade de um suplemento? O preço do pão voltou a aumentar.

Ele enrugou a testa, incrédulo, afinal de contas haviam sido fixados preços máximos oficiais. Ele não queria discutir, mas tinha-se proposto não fazer qualquer tipo de cedência, nem mesmo conceder uma esmola, caso contrário aparecer-lhe-iam no gabinete todos os dias de mão estendida.

– Na próxima semana não vai haver redução do horário. Vão chegar mochilas e xairéis que têm de ser limpos e remendados.

Não era propriamente um grande anúncio, mas em todo o caso permitia contar com o salário completo. Teriam de se contentar com aquilo. As mulheres foram saindo devagarinho, primeiro as que estavam mais atrás, as que em todo o caso haviam sido as mais cautelosas; estavam agora aliviadas por não se terem exposto. A última a sair do gabinete foi Lisbeth Gebauer, que dirigiu a Melzer um breve aceno de cabeça e murmurou:

– Não leve a mal. Mas é muito duro ver as crianças a choramingar de fome.

Ele gostava daquela mulher, esteve prestes a tirar o porta-moedas e a pôr-lhe na mão meia dúzia de marcos, mas não o fez. Por cautela. Nesse caso teria de dar algo a todas as outras. Registou mentalmente que deveria falar com Alicia. Com certeza alguma coisa se podia fazer através da senhora Wiesler e da associação de beneficência. Tanto quanto era do seu conhecimento, Rudolf Gebauer tombara algumas semanas antes na Rússia e Lisbeth tinha dois rapazes pequenos.

Quando as visitas haviam desaparecido pela escadaria abaixo, as duas secretárias ousaram regressar aos seus postos de trabalho na antessala. A menina Hoffmann espreitou pela frecha da porta e perguntou, preocupada, se tudo estava bem.

- Quer que lhe faça um chá, senhor diretor?
- Um café! Extraforte!
- Mas é claro, senhor diretor. Trago já.

Depois de um espetáculo daqueles, precisava simplesmente de um café potente, com ou sem bolotas, tanto fazia, tinha era de ser forte. Alicia, a esposa sempre preocupada com a sua saúde, não ficaria a saber de nada, já que em todo o caso praticamente nunca vinha à fábrica. Em situações como aquela, apenas Paul erguia as sobranceiras em jeito de aviso, mas não dizia nada.

Caminhou até à janela para observar os acontecimentos no pátio. As mulheres ainda não haviam dispersado, continuavam paradas perto da entrada e pareciam estar a discutir intensamente. Com os diabos, mas que estavam elas ainda a engendrar? Não era a menina Bichelmayer a que parecia estar a fazer grandes discursos? Evidentemente. Ia ter de manter aquela pessoa debaixo de olho, tinha uma influência negativa nas outras. Como o vento lhes puxava pelas saias. Algumas nem casaco tinham, apenas panos de lã em torno dos ombros, rapidamente ensopados pela chuva. E a maioria teria provavelmente sapatos de solas de madeira, ouvira-se antes quando subiram a escadaria...

Subitamente, foi tomado pelo espanto, abriu a cortina e semicerrou os olhos para poder ver melhor. Mas aquela era... Mas isso não era sequer possível, devia estar a fazer confusão! E, todavia, a jovem com o elegante casaco cinzento-claro era extremamente parecida com a sua nora Marie. Via-se mal o seu rosto, já que havia atado o chapéu com um lenço largo de seda branco. Mas o modo de caminhar, tão leve e, ao mesmo tempo, determinado, tão ereto e, no entanto, tão flexível – só podia ser Marie.

Marie, que nas últimas seis semanas nada mais fazia do que tratar dos gémeos.

Mas que andava ela a fazer aqui na fábrica? Uma má notícia? Paul? Não, não podia acreditar em tal coisa. Alicia ter-lhe-ia telefonado, ter-lhe-ia pedido para ir até à Vila...

Que se passava então?

Irritado, viu que ela se mantinha ao lado das operárias e que conversava com elas. É evidente que tinha essa facilidade. Afinal, apenas poucos anos antes ela própria havia trabalhado numa fábrica. Na verdade, apenas durante meio ano, depois fugira. A altiva filha de Louise Hofgartner não era menina para trabalhar dez horas por dia em frente a uma máquina de costura.

Que falava ela com as mulheres? Não estava a gostar de todo aquele trato descontraído, mas ela não deixava de ser a mulher do filho com quem ele geria a fábrica. As operárias tinham de a tratar por «senhora diretora Melzer», mas era de duvidar se o estariam realmente a fazer...

– O seu café, senhor diretor. Tão forte que a colher até fica de pé.

Ele nem sequer se voltou na direção de Ottilie Lüders.

– Pode mandá-lo para trás.

– Mas... O senhor pediu...

Antigamente a menina Lüders era mais rápida de entendimento. Ele rosnou algo incompreensível e deu-lhe instruções para mandar imediatamente a nora à sua presença quando aparecesse na antessala. A menina Hoffmann podia beber o café.

– A sua nora... Ah, bom... Mas é claro, senhor diretor.

Ah, percebera finalmente. Ottilie Lüders – sempre discreta e em tudo preocupada com o bem-estar do seu chefe – desapareceu, levando a chávena de café consigo. Ele tinha quase a certeza de que ela estava agora à janela da antessala a acenar para a menina Hoffmann, para que lhe pudesse rapidamente explicar a situação. Mas já não teriam a oportunidade de ver Marie, pois esta desaparecera entretanto na entrada do edifício administrativo. As operárias dirigiam-se agora por fim para o portão da fábrica, onde o porteiro as deixou sair.

– Senhor diretor?

O tom de Marie era alegre, mas também algo irónico. Quando entrava no gabinete, chamava-lhe «senhor diretor». No entanto, na Vila, já há muito que o tratava por «papá». Ele sugerira aquela forma de tratamento com alguma hesitação após o casamento, mas apenas porque Alicia pedira a Marie que a tratasse por «mamã». Aí não teve escapatória.

– Veneranda nora – contra-atacou ele e foi ao seu encontro para a ajudar a despir o casaco. – Mas que esplendor neste meu singelo gabinete.

Ela desprendeu o lenço de seda e tirou o chapéu, passou rapidamente os dedos pelo cabelo armado e voltou a pôr no lugar um caracol atrevido. O

passeio ao ar fresco fizera-lhe bem, tinha as faces rosadas, e o rosto ostentava também uma expressão alegre e empreendedora.

– Paira aqui um tentador aroma a café de grão.

Ele esquivou-se ao olhar dela e concluiu que com certeza as secretárias o teriam preparado.

– Senta-te, Marie – apressou-se ele a desviar-se do tema. – Senta-te aqui ao meu lado no sofá e vamos conversar um pouco. Fico muito contente por me visitares na fábrica. A Auguste ficou com os bebés?

Sentaram-se num dos pequenos sofás para as visitas e ele ficou a saber que Marie decidira afinal contratar uma ama de leite. Auguste tinha já muito que fazer com os seus próprios filhos e entretanto já só conseguia estar algumas horas na Vila. Mas Hanna dera provas de ser uma ama competente e, além do mais, a menina Schmalzler iria em breve regressar à Vila dos Tecidos.

– Muito bem, então...

Ele cruzou as pernas e tentou não deixar transparecer em demasia a sua satisfação com aqueles novos desenvolvimentos. Finalmente um pouco de juízo na cabeça daquela rapariga!

– Isto significa que a partir de agora terei mais tempo para a família – disse Marie com um sorriso. – E também para os assuntos da fábrica.

– Muito bem... – disse ele, sem compreender realmente o que queria ela dizer com a última frase. – Tomas um café?

Ela piscou-lhe travessamente os olhos e declarou que não tinha vontade de beber café. Só se ele a acompanhasse.

Ah, pensou ele, não conseguindo evitar sorrir. Ela tem alguma ideia na cabeça e quer manter-me bem-disposto, a espertinha. Não seja por isso. Não se perde nada em ouvir.

Chamou a menina Hoffmann e pediu dois cafés, ultrafortes.

– É para já, senhor diretor... Também gostaria de uns biscoitos?

A menina Lüders fizera e trouxera biscoitos de aveia. Fora um gesto simpático da sua parte, se ao menos aquilo não soubesse tão pavorosamente.

– Seria muito amável – disse ele, apesar de tudo.

Marie entretanto levantara-se para caminhar um pouco pelo gabinete. Passou os olhos pelas lombadas escritas das pastas de arquivo nas estantes de parede, deambulou como que por acaso até à secretária e pegou na carta que estava no topo da pilha de papéis. Uma comunicação do Ministério da Guerra em que eram adjudicadas duas pequenas encomendas «importantes

para o esforço de guerra». A reparação de 2000 cestos de projéteis e a limpeza de 80 sacos de cartuchos.

– Lá em baixo, no pátio, as operárias queixaram-se da sua sorte – disse ela, pousando a folha de novo na secretária. – O salário que recebem não chega para sobreviver, mas também não as deixa morrer.

– Estarás porventura a assumir o papel de porta-voz das operárias?

Irritava-o ouvi-la dizer coisas que ele já há muito sabia, mas que nada podia fazer para alterar. Já era suficientemente difícil assistir à ruína da fábrica que ele construía ao longo de tantos anos. Era o trabalho de uma vida inteira, todas as suas forças e o seu amor estavam impregnados naqueles pavilhões, naquela azáfama estridente e ruidosa de pessoas e máquinas.

– Oh, papá! – exclamou ela, revoltada. – Sabes muito bem o que estou a querer dizer. Temos de fazer alguma coisa para pôr a fábrica de tecidos Melzer novamente de pé. Só então a vida será melhor também para as operárias.

Ele quase teve vontade de rir, não tivesse ela dito aquelas palavras com um ar tão sério. Minha Virgem Santíssima, será que todas as mulheres de Augsburg haviam tirado o dia para lhe cair em cima? Primeiro as operárias, agora esta rapariga ingénua que, evidentemente, acreditava poder ensinar-lhe alguma coisa. Quase teria preferido que tivesse ficado no berçário a tratar dos gémeos.

Felizmente, a menina Hoffmann entrou com duas chávenas de café e um prato de biscoitos redondos. Assim teria pelo menos tempo para se preparar tranquilamente para todos os disparates que teria seguramente de ouvir em seguida.

– Em quase todas as suas cartas, o Paul pergunta-me se já viste finalmente os esquemas que ele deixou. As máquinas que ele concebeu e desenhou.

Melzer tinha plena consciência de que Paul dava grande valor àquela tolice. Também ele recebera cartas do filho, mas delegara em Alicia a resposta e acrescentara apenas algumas palavras breves e o seu nome.

– Máquinas? – perguntou ele, na esperança de que Marie não tivesse qualquer noção daquele tipo de coisas. – Mas que máquinas?

Infelizmente, a tática não funcionou. Tivera a esperança de a intimidar e travar os seus intentos com alguns pormenores técnicos, mas Marie revelou-se filha do seu pai. Apesar de o genial construtor Jakob Burkard ter morrido

há muito e de Marie nunca o ter conhecido. Mas o dom de compreender as máquinas parecia ser hereditário nos Burkard, as máquinas de fiar automáticas e os teares contínuos de anéis do seu antigo parceiro eram muito superiores às máquinas da concorrência. Isto porque Burkard introduzira algumas subtilezas que foram rigorosamente protegidas sob sigilo comercial.

– Não te ponhas a fingir que não sabes do que estou a falar, papá! – ralhou ela. – O Paul desenhou esquemas para uma máquina de fiar que transforma tiras de papel em fios. Estes fios podem depois ser urdidos e fazer tecidos.

Ela sabia inclusivamente que a Claviez AG, em Adorf, já fabricava estes materiais sucedâneos tão importantes na guerra. No Palatinado, a Claviez produzia dez toneladas de fio de papel por dia. Fabricavam material hospitalar, lonas para tendas e veículos, máscaras de gás para cavalos, solas de botas, cordas. Mas também fardas e roupa interior.

– Temos os teares parados, papá! Se pudermos fabricar fios de papel, podemos entrar novamente em produção. Na Claviez trabalham em três turnos, estão a laborar em pleno.

Carrancudo, ele escutou-a e admirou-se a pensar onde fora ela buscar toda aquela sapiência. De Paul? No campo de batalha, o pobre rapaz tinha seguramente poucas oportunidades de se informar sobre a situação económica da fábrica da Claviez. Constava que estava algures na França.

– Como sei eu tudo isto? Soube-o pelo Bernd Gundermann, ele tem parentes em Düsseldorf que trabalham na Jagenberg. Esta também fabrica fios de papel e aí todos sabem como correm as coisas para a concorrência no Palatinado.

A ideia de conversar com o operário Gundermann fora-lhe evidentemente sugerida por Paul. E, ao que parecia, ele explicara-lhe ao mais ínfimo pormenor os seus grandiosos planos. Mas o mais surpreendente era o seguinte: ela compreendera-o. A filha de Jakob Burkard compreendia todos os pormenores de como as peças daquelas malditas máquinas interagiam e que, em último caso, também podiam ser operadas com energia hidráulica. Ou seja, sem máquina a vapor, para a qual precisavam do carvão que não havia.

– Temos a fábrica de papel de Augsburg ao virar da esquina, papá. Praticamente nem temos de pagar o transporte. E também podemos tingir

os tecidos. Não vêes? Só temos de encontrar alguém que nos construa a máquina com base nos esquemas do Paul.

Ele sentiu o sangue a subir-lhe às orelhas. O assalto de Marie estava a ser muito mais intenso do que aquele que ainda há pouco ele conseguira repelir. Vinte operárias exaltadas contra aquela juvenzinha que se sentava diante dele de olhos brilhantes e faces vermelhas a apresentar os seus pontos de vista. Laborar a tempo inteiro. Triplicar as receitas. Um contributo para a vitória da pátria alemã. Trilhar novos caminhos, pensar no futuro. Dar roupa e sapatos às pessoas. Material de primeiros socorros para os muitos feridos.

– Não te incomoda veres as máquinas todas paradas aqui na fábrica? Antigamente mal conseguíamos tolerar o ruído nos pavilhões e agora reina lá um silêncio sepulcral. Se iniciarmos a produção de fios de papel...

Ele ergueu as mãos na defensiva e sentiu o coração a bater violentamente. Teria sido mais ajuizado não ter bebido aquele café.

– Estás a menosprezar o risco – replicou ele. – Teria de mandar construir máquinas caras que ninguém sabe se vão funcionar. E se escapou algum erro ao Paul? E se o fio não tiver qualidade suficiente e eu não encontrar quem o compre? E se os novos fios derem cabo dos teares bons? – Inspirou fundo. –

Além do mais, para uma produção desse tipo precisamos de técnicos especializados, homens que saibam alguma coisa do assunto. Só com as operárias não conseguimos de modo nenhum dar conta do assunto.

– Por amor de Deus! – exclamou Marie, levando os braços ao ar. – De que estás à espera? Achas porventura que a seguir vai começar a chover algodão do céu? Que Jesus Cristo desce do alto e nos oferece dez vagões de lã virgem?

– Estou a avisar-te, Marie! – gritou ele, furioso. – Não te metas em coisas de que não sabes nada!

Ela pousou a chávena de café e o pires na mesinha com um gesto vigoroso e fitou-o, zangada.

– Devias pensar no assunto, papá. No interesse de todos nós!

– A decisão está tomada, por isso o assunto está arrumado. Jamais a fábrica de tecidos Melzer irá produzir sucedâneos!

– É então preferível não fabricar absolutamente nada e deixar todos morrer à fome?

– Ponto final nesta conversa, Marie. Escutei-te e dei-te a minha opinião. É irrevogável.

Sem dizer qualquer palavra, ela pôs-se de pé, tirou o casaco do cabide e vestiu-o. Ele fez uma débil tentativa de a ajudar, como ditam as boas regras de educação, mas ela foi mais célere. Voltou-se e afastou-se dele, pôs o chapéu, apertou o lenço de seda.

– Vemo-nos ao final do dia.

Dirigiu-se para a porta, calada. Desta feita foi ele mais rápido e abriu-lha com um gesto amplo. Se ela achava que ia conseguir alguma coisa com o seu semblante gelado, estava muito enganada. Ele permaneceria rígido. Nada de sucedâneos na sua fábrica.

Ela já quase passara a porta quando se voltou para ele. Os traços do seu rosto eram agora brandos, ainda que muito reprovadores.

– Ah, é verdade... os operários. Seriam isentados de servir na guerra. Estão até a trazê-los dos campos de batalha para poderem trabalhar nas fábricas. Também nos mandariam o Paul de volta...

Dito isto, fechou a porta e deixou-o a matutar naquilo.

Courtrai, 12 de abril de 1916

Minha querida Elisabeth,

Chegámos aqui depois de vários dias a viajar de comboio e seguiremos para norte, onde vamos retardar os ingleses, que tentam há meses isolar-nos da pátria alemã. Lá em baixo, em Verdun, vai dar-se em breve uma reviravolta, os franceses vão capitular sob o ataque dos alemães. Tenho a esperança de muito em breve receber ordens de me dirigir para lá para participar no grande momento, quando o forte de Verdun cair em mãos alemãs.

Trago-te sempre no meu pensamento, minha querida mulher. És o meu anjo da guarda, que me conduz e protege, tenho sempre comigo a fotografia do nosso casamento. Se tiveres possibilidade, envia-me algum dinheiro, já que tenho de comprar meias e roupa interior, além de que infelizmente o meu relógio se estragou, pelo que terei de adquirir outro novo. Sabes bem, meu amor, que um oficial precisa absolutamente de um relógio que funcione como deve ser. Duzentos ou, ainda melhor, trezentos marcos serão o suficiente. Seria também bem-vinda uma lima de unhas, além de uma lanterna de bolso, com pilhas, e cigarros, chocolate e um bom canivete. É possível que amanhã estejamos já perto da costa. Daí te enviarei a minha próxima carta. Dá cumprimentos meus aos teus pais, à tua cunhada Marie e à tua irmã Kitty.

Abraço-te com o meu amor fiel.

O teu KLAUS

Elisabeth leu duas vezes a carta, como era seu hábito, e os olhos pousaram vários segundos em «Trago-te sempre no meu pensamento» ou «És o meu

anjo da guarda». O seu Klaus não era propriamente muito criativo. Na última carta, escrevera: «Ês o espírito benévolo», garantindo-lhe que pensava saudosamente nela dia e noite. Desta vez não havia referência alguma à saudade, mas em compensação abraçava-a com o seu «amor fiel». Enfim. Estava seguramente ocupado a cuidar das suas tropas e não teria muito tempo para refletir sobre formulações mais elaboradas.

Dobrou a folha e abriu a gaveta da escrivaninha que mandara trazer de casa dos pais para a sua residência na cidade. Logo em cima estavam dois molhos das cartas que recebera, ordenados por data e atados com uma fita de seda cor-de-rosa. Soltou a fita do molho mais pequeno, colocou no topo a carta que acabara de ler e esforçou-se por atar um laço bonito. Sem dúvida guardaria aquelas cartas para o resto da sua vida, deveriam recordar-lhe a longa separação nos duros tempos de guerra e, um dia – assim Deus o quisesse –, seriam lidas devotamente pelos seus filhos. Quem sabe se um dia dar-se-ia ao esforço de passar todas aquelas cartas para o bonito caderninho que Kitty lhe oferecera recentemente. Encadernado em cabedal verde e com os bordos dourados – devia ter custado uma pequena fortuna. Mas a verdade é que Kitty se casara com Alfons Bräuer, o único herdeiro do Banco Bräuer & Sohn, para ela o dinheiro não tinha importância nenhuma.

Ela, pelo contrário, casara-se por amor. Lutara pelo seu Klaus von Hagemann, sofrera por ele e temera até tê-lo perdido para sempre, vendo que ele desenvolvera uma paixão pela irmã Kitty. Quanto a isso, não era o único, quase todos os homens se apaixonavam pela sua irmã mais nova. Todavia, graças a Deus, essa fase já passara. Kitty, aquela criatura leviana, estava agora casada e Klaus von Hagemann reconsiderara a tempo e escolhera uma mulher que era para ele uma parceira leal e sincera. Klaus sabia apreciar estas características na sua esposa, disso Elisabeth tinha toda a certeza. É certo que ele era um homem bem-parecido e que havia vivido o seu quinhão de experiências antes dela. Mas era assim mesmo que tinha de ser, era uma «questão de honra». Paul, no seu tempo de estudante em Munique, também «queimara todos os cartuchos». Klaus orientara a sua jovem esposa na noite de núpcias muito atenciosamente e com a imprescindível cautela, Elisabeth não tinha motivo algum de queixa. Se calhar – mas isso talvez se devesse às descrições exageradas e presumivelmente inventadas de Kitty –, talvez faltasse a Klaus um pouco de paixão matrimonial. Em todo o caso: ele garantira-lhe que, para ele, o

casamento era sagrado. Daquele momento em diante, ele pertencer-lhe-ia apenas a ela e a mais ninguém.

A recordação daquele juramento que ele lhe fizera na cama encheu-a de uma alegria que a aqueceu por dentro. Fechou de novo a gaveta e levantou-se para acrescentar algumas achas de carvão, constatando no entanto que o balde estava vazio.

– Maria?

Maria Jordan estava no quarto adjacente, ocupada com um trabalho de costura, e não se apressou especialmente a atender ao chamamento.

– Senhora?

Elisabeth reparou que a ponta do nariz de Maria Jordan estava quase branca – ali ao lado o carvão também já parecia ter acabado.

– Vai ver à cozinha se ainda temos achas para a salamandra.

Maria Jordan fez uma expressão ofendida, acharia presumivelmente que não era tarefa dela, mas sim de Gertie, a criada de casa, mas que estava de folga, e a cozinheira estava prestes a sair de casa, já que à noite cozinhou num albergue.

– Se amanhã não houver carvão suficiente na cozinha, a cozinheira vai-se imediatamente embora – considerou Maria Jordan, encolhendo os ombros, como se nada daquilo fosse assunto dela. – Pelo menos foi o que ela me disse.

Elisabeth percebeu claramente a acusação implícita e irritou-se com aquela pessoa pérfida que lhe ficara com uma enorme quantidade de dinheiro em troca de remédios inúteis contra a infertilidade. Já mandara embora três criadas. Mas não se podia livrar de Maria Jordan, afinal de contas era uma camareira competente e trabalhava há muito tempo para a sua família. No entanto, porque eram tempos bastante difíceis, teriam de passar sem mais pessoal. Elisabeth tinha condições para pagar poucos salários, a alimentação dos criados já era cara, mas felizmente naquele momento havia muitos dispostos a trabalhar apenas em troca de alimentação e alojamento.

– Traga um balde de carvão da cozinha. Amanhã ou depois deve chegar um novo abastecimento.

Maria Jordan empinou o nariz, mas optou por executar a ordem sem contestar. Também ela tremia lastimavelmente de frio enquanto remendava a roupa da senhora.

Elisabeth suspirou e puxou a cortina um pouco para o lado para olhar lá para fora. Pelo menos já era abril, na verdade já nem deveria ser necessário aquecimento. Mas ainda estava fresco, muito especialmente ao final do dia, e ela estava habituada a salas quentes, como em sua casa. Uma coisa era verdade: ela imaginara que aquele casamento seria diferente. Sobretudo porque Klaus não lhe revelara como era periclitante a sua situação financeira. Falara-lhe sempre das propriedades de Brandeburgo, só que entretanto ela percebera que os sogros já não tinham rendimentos nenhuns. Tinham todos de viver do soldo do major Klaus von Hagemann e, ao que parecia, o dinheiro que ele dava aos sogros escorria-lhes pelos dedos. Arranjavam sempre novos pretextos para lhe pedir dinheiro «emprestado», em maior ou menor valor: ora era uma velha dívida que era preciso pagar, ora uma conta do médico, depois queriam novamente subscrever empréstimos de guerra para apoiar a pátria. E também Klaus lhe apresentava exigências, precisava de dinheiro para se manter devidamente equipado de acordo com a sua posição social, em quase todas as cartas exigia uma transferência de dinheiro. Elisabeth, que nunca antes na vida padecera de falta de dinheiro, muitas vezes já não sabia como iria pagar a renda e os alimentos do dia a dia. A cozinheira também já não recebia salário há dois meses e a Maria Jordan devia inclusivamente quatro meses de salário.

A porta abriu-se e Maria Jordan assomou à soleira. Trazia um olhar reprovador, na mão segurava um balde metálico cheio até metade com carvão.

– Não há mais do que isto, senhora. Aqueço a salamandra?

Elisabeth sabia que custava enormemente a Jordan fazer aquele trabalho, estava demasiado abaixo da sua dignidade. Na Vila dos Tecidos, a ajudante de cozinha era quem tinha de aquecer as salamandras. Contudo, Maria Jordan estava ao seu serviço por sua própria iniciativa, implorara-lho. Porque não conseguia suportar a ideia de que Marie, que começara na Vila dos Tecidos como ajudante de cozinha, tendo mais tarde passado a camareira, fosse agora a jovem senhora da casa.

– Pode aquecer a outra sala, para que não lhe gelem os dedos – decidiu Elisabeth. – Eu vou sair.

Maria Jordan pareceu ficar muito satisfeita com tal solução e saiu a correr a buscar o sobretudo, o chapéu e os sapatos de rua da patroa.

- Se a minha sogra passar por cá, diz-lhe que estarei na Vila dos Tecidos até ao fim do dia.
- Informá-la-ei.
- E amanhã de manhã tenho uma reunião da associação de beneficência.
- Eu digo-lhe. Devo oferecer-lhe café?
- Não. Se não houver alternativa, ofereça-lhe um chá de hortelã. E os biscoitos que a cozinheira fez há pouco tempo.
- Esses já acabaram, senhora.
- Nesse caso, apenas chá de hortelã.

Maria Jordan assentiu aplicadamente. Elisabeth podia estar descansada que ela trataria do assunto, não convidaria de modo nenhum Riccarda von Hagemann a permanecer muito tempo na residência ou a esperar pela nora até ao final do dia. Desde o início que Maria Jordan fora tomada por uma decidida aversão à sogra de Elisabeth.

Apesar do cintilante sol de abril, a rua era varrida por um vento gelado e Elisabeth puxou para cima a gola larga do sobretudo. Ainda no ano passado ela apanhava o elétrico para se deslocar até à Frauentorstrasse, mas entretanto o serviço fora suspenso. Não havia problema nenhum, naquele momento não teria em todo o caso dinheiro para pagar a viagem. Fora também uma sorte não ter chegado o abastecimento de carvão. Também a residência na Bismarckstrasse estava basicamente acima das suas possibilidades. Na altura, escolhera-a com a mãe, um prestigiado apartamento de quatro quartos no primeiro andar, com tetos altos de estuque e salamandras de cerâmica delgadas e antiquadas. Tinha também uma ampla varanda que dava para o jardim, bem como uma cave e dois quartos para serviçais lá em cima, no sótão da casa. A mãe ficara muito entusiasmada com a localização agradável e com as janelas altas por onde entrava tanta luz. No início do casamento, ninguém da sua família teria considerado possível que Elisabeth em breve teria dificuldade em fazer face ao custo da renda. Os Von Hagemann seguramente teriam consciência disso, mas calaram-se discretamente. Teriam certamente a ideia de que, desse momento em diante, a filha do rico fabricante de tecidos Melzer passaria a assumir todas as despesas.

Fez um desvio em torno de um pedinte sentado na beira do passeio e que, aparentemente, olhava com indiferença para o sol reluzente enquanto lhe estendia a mão. Pobre tipo, já não tem pernas, só lhe restam dois cotos. Ah,

mas que maçadora, aquela guerra. Se ao menos Klaus já tivesse voltado para casa e com saúde!

Kitty vivia numa moradia na Frauentorstrasse, construída por um arquiteto moderno ao estilo neorromânico. Uma obra muito extravagante, com empenas de treliça e pequenas marquises, rodeada de um jardim bem cuidado. Era uma das propriedades que o Banco Bräuer & Sohn comprara ao longo dos anos, sabe-se lá de que maneira, algo que Elisabeth preferia nem saber ao certo. Dizia-se no entanto que a situação do Bräuer & Sohn continuava sólida, ao passo que outros bancos do império não estavam assim de tão boa saúde.

Vinha um pouco ofegante quando alcançou a antiquada porta esculpida, era evidente que caminhara demasiado depressa. Uma graciosa criada abriu a porta e sorriu-lhe com simpatia. Mizzi era realmente uma jovem muito simpática – e parecia entretanto já se ter familiarizado com as suas tarefas. O que era seguramente obra da menina Schmalzler.

– Bom dia, senhora Von Hagemann. Posso ficar com o seu sobretudo? A senhora já perguntou por si.

Elisabeth despiu o sobretudo e tirou o chapéu. A rapariga era um tanto ou quanto tagarela, mas em compensação tinha um sorriso tão radioso que era de acreditar que alguém teria ligado a luz.

– A senhora tem andado tão inquieta nos últimos dias. Mas hoje veio a cunhada, estão neste preciso momento a beber chá.

– Ah... Está cá a menina Bräuer?

Elisabeth apreciava muito Tilly Bräuer. À semelhança do irmão Alfons, também não era propriamente uma beleza, um pouco desajeitada, mas uma pessoa sincera e amável. Todavia, não era nada conveniente que logo naquele momento Kitty tivesse visitas, pois Elisabeth viera com o propósito de pedir algum dinheiro à irmã.

– Não é a menina Bräuer. Quem cá está é a senhora Melzer.

Surpreendida, Elisabeth estacou no limiar da sala de visitas. Marie? Estaria a pequena mesmo a referir-se a Marie?

– Queira aguardar aqui dois segundos, minha senhora. Vou anunciá-la.

A rapariga passou a correr por várias esculturas semiacabadas e dirigiu-se para a porta do salão, de onde se ouvia agora a voz aguda de Kitty.

– Como podes ser tão desconfiada, Marie? Tão... fria! Não compreendo como uma pessoa pode ser tão insensível. Pensa por favor que ele...

Calou-se com a entrada da criada.

– Que se passa, Mizzi?

– Chegou a senhora Von Hagemann...

Ao anúncio seguiu-se um suspiro de alívio.

– Que sorte a minha, chegaram reforços para me ajudar! – clamou a voz de Kitty. – A Elisabeth é uma alma sensível e vai estar de certeza do meu lado. – E, na verdade, Marie estava terrivelmente mudada, para pior, durante semanas a fio não tivera tempo para a família e agora...

Oh, céus, pensou Elisabeth, enquanto se esforçava por esboçar um sorriso simpático para as cumprimentar. As duas estão a discutir e agora tenho de fazer de árbitro.

– Que bom! – exclamou ela, permanecendo um momento parada junto à porta aberta. – A Marie saiu da clausura e voltou para nós. Fico muito contente. Nem acredito que, logo agora, vocês se tenham posto a discutir?

Elas estavam comodamente sentadas nos sofás que Kitty descobrira numa qualquer loja de antiguidades cara e que transformara num conjunto de sala – algo bizarro para o gosto de Elisabeth. Duas cadeiras de estilo Luís XV com entalhes pintados a dourado estavam posicionadas ao lado de uma poltrona de madeira de cerejeira com braços requintadamente arqueados, que viera da Inglaterra. Havia ainda uma cadeira de verga mexicana que, com o seu pesado espaldar, mais se assemelhava a um trono, e ainda uma cadeira de baloiço algo vacilante com o assento em palhinha. A joia da coroa da coleção era uma *chaise longue* estofada a veludo vermelho-escuro, que Kitty decorara com uma abundância de almofadas de seda coloridas.

– Mas nós não estamos a discutir, Elisabeth – disse Marie, que se sentara num dos pequenos sofás de estilo francês e segurava uma carta na mão.

– Não, não estamos a discutir – precipitou-se Kitty a confirmar. – Como podes pensar tal coisa, Lisa. Temos uma pequena divergência de opinião, é tudo. A Marie, como sempre, é a cautelosa, quer impedir-me de fazer um disparate, de me colocar possivelmente numa situação comprometedora. Queres chá ou café, Lisa? Ah, já sei, tu és uma viciada em café. Mizzi? Mizzi! Deus do céu, onde anda novamente a rapariga? Ah, aí estás tu.

Na pequena mesa marchetada estava um serviço de chá russo e ainda uma taça de bolos a condizer, cheia até à borda de pequenas delícias. Cheirava a uma mistura de chá inglesa que Kitty adorava, a bolos de baunilha, a biscoitos de manteiga e a bombons de rum.

Elisabeth, que desconfiava dos sofás antigos, desviou as almofadas ornamentais para o lado e sentou-se na *chaise longue*. Como Kitty estava agitada. Ou era só impressão sua? Na verdade, Kitty era uma pessoa por norma bastante exaltada, mas agora tinha manchas vermelhas nas faces, sendo normalmente o seu rosto muito pálido. E logo naquele estado houvera ela de se sentar naquela cadeira de baloiço a cair aos pedaços.

– Esta rapariga aprende muito facilmente – disse Kitty quando Mizzi saíra de novo com a missão de trazer café. – Fez-me imensa pena ver a menina Schmalzler a repreendê-la tanto. Dizia cobras e lagartos da Mizzi. Que era preguiçosa, que se sentava na cozinha a conversar com o motorista e que não tinha noção nenhuma de como se deve tratar tecidos de qualidade e tapetes genuínos. Enfim, a história com o motorista até será talvez verdade, mas há meses que o meu bom Kilian foi mobilizado para a guerra. Sabe-se lá por onde andarás agora e se estará ainda vivo. Tens tido notícias do Klaus, Lisa? Sim? Graças a Deus. Do Alfons recebi uma carta há mais ou menos uma semana. Oh, pobrezinho! É sempre tão modesto, tudo o que lhe envio ele partilha com os camaradas.

Teve de recuperar o fôlego, dando a Elisabeth tempo para perguntar por Paul.

– Chegou uma carta há três semanas – disse Marie, de semblante sério. – Desde então, mais nada. Ele escreveu-te, Elisabeth?

Ela abanou a cabeça. Não, por isso mesmo perguntava. Mais nenhuma notícia de há três semanas para cá.

– Mas que são três semanas? – opinou Kitty. – E depois nem sempre eles podem enviar correio. Se for uma missão militar secreta, estão impedidos durante semanas de contactar com a pátria.

– Lá isso é verdade – disse Marie. – Temos de ser pacientes. Para a mamã é particularmente difícil.

Kitty referiu que a mamã estava com muito mau aspeto. Também não admira, pois o papá tem-se comportado decididamente pouco cortês com ela. Marie não reparava na indiferença com que ele tratava a mamã?

– Há quanto tempo estão casados? – refletiu. – Quase trinta anos. E para onde foi o amor? A ternura? O respeito mútuo?

Elisabeth observou que um casamento também tinha crises e que tinha de superar períodos difíceis. Mas essas fases só contribuía para unir ainda mais o casal.

Kitty não pareceu dar-se por convencida, mas claramente não tinha vontade de entrar em debate com Elisabeth. Ao invés, suspirou profundamente e acenou a Mizzi, para que servisse café à irmã.

– Tira um bombom de rum, Lisa – disse então num tom conspirador. – A Marie não os aprecia porque sabem a aguardente. Ih-ih. Não sabe mas é o que é bom. O rum não é aguardente, Marie. O rum é a respiração quente dos trópicos, uma doce fragrância a palmeiras e cana-de-açúcar...

Empurrou a taça dos bolos para mais perto de Elisabeth e serviu-se ela própria de um biscoito de manteiga. Enquanto mastigava, o seu olhar pousou na carta que Marie havia dobrado e colocado em cima da mesa.

– Estás a ver, Lisa. Eu gosto imensamente da nossa querida Marie. Na Vila dos Tecidos, ela foi em tempos a minha confidente mais próxima e favorita e, agora que se tornou mulher do Paulinho e deu à luz duas doces e redondinhas criancinhas, seria impossível gostar mais dela. Mas apesar de tudo...

Debruçou-se e pegou na carta, ofegou com o esforço e, enquanto a cadeira baloiçava, esfregou a barriga.

– Está a dar voltas aí dentro? – perguntou Marie a sorrir. – Isso é bom sinal!

– Oh, sim – disse Kitty, rindo entredentes. – Vai ser sem dúvida marinho. Porque passo a vida sentada nesta cadeira a baloiçar. Diz-me lá, Marie...

Elisabeth esboçou um sorriso esforçadamente compreensivo, enquanto Kitty inquiria detalhadamente a cunhada sobre como ela passara os últimos meses, se por vezes de manhã também sentia aquele estranho esticão e as repentinas dores de costas, que depois desapareciam tão inesperadamente como haviam surgido.

– Não, nada disso – disse Marie. – Tive apenas as pernas inchadas e dores nos pés.

– Que estranho – considerou Kitty e deu um impulso com o pé para baloiçar mais um pouco. – Tenho as pernas como sempre tive. Mas se comer demasiado fico com a sensação de ter um fogo a arder dentro do estômago.

– Penso que não devíamos criar medo na Elisabeth – considerou Marie.

– Ora essa – defendeu-se Elisabeth. – Enganam-se redondamente, não me incomoda nem um bocadinho. Bem pelo contrário, é muito interessante.

Na realidade, tanto a conversa sobre as pequenas dores das grávidas como a consideração de Marie estavam a enervá-la terrivelmente. Acrescia que, na presença de Marie, dificilmente poderia pedir dinheiro a Kitty. Tinha vergonha diante da cunhada.

Exceccionalmente, Kitty pressentira a sua aversão e apressou-se a mudar de assunto.

– Estávamos a falar desta carta, não é verdade? Tudo isto... é na verdade bastante íntimo, mas como és a minha única irmã, Lisa... Não, não te vou guardar segredos. Nem que seja porque preciso de um conselho. Não faças essa cara, minha querida Marie. Quero saber o que a Lisa tem a dizer sobre o assunto. Só então tomarei a minha decisão.

Desdobrou a carta, lançou novamente um olhar a pedir perdão na direção de Marie e estendeu a carta a Lisa.

– Lê isto. E depois diz-me sem rodeios a tua sincera opinião.

Elisabeth precisou de alguns instantes para compreender. Uma tal de Simone Treiber, ao que parecia uma enfermeira, pedia a Kitty para escrever a um dos seus doentes. Esse doente era... Gérard Duchamps. Inacreditável! Tiveram todos esperança de que nunca mais ouviriam falar do homem que raptara Kitty e a levava para Paris, lançando a família Melzer para as margens da sociedade. Além da preocupação dos pais, fora por um fio que aquele escândalo não impossibilitara a relação de Elisabeth com Klaus von Hagemann.

– Que queres saber? – perguntou de semblante indiferente, pousando a carta numa das almofadas do sofá a seu lado.

Kitty observara-a o tempo todo com grande expectativa. E agora parecia desapontada. Lisa parecia não querer compreender a profunda situação trágica que aquela carta invocava.

– Que farias no meu lugar?

– Nada.

Kitty olhou para Marie em busca de ajuda, que a olhava de rosto compassivo. Encolheu os ombros, como quem pede desculpa por ter a mesma opinião que Lisa.

– Mas... ele pode morrer – balbuciou Kitty lacrimosamente. – É um pedido dirigido a mim. Se calhar até já morreu há muito...

– Bom, nesse caso a carta seria assim como assim desnecessária – opinou Elisabeth.

– Como é que vocês as duas podem ser tão... tão insensíveis? O cristianismo não nos ensina a perdoar? Oh, tenho a certeza de que Jesus Cristo me teria aconselhado a escrever uma carta ao Gérard. E também a Virgem Maria...

Elisabeth olhou para o teto, era evidente que Kitty começara a dizer disparates. Marie, pelo contrário, levou a sério as afirmações de Kitty.

– Sabes uma coisa, Kitty? Fala com o pastor Leutwien sobre o assunto. Ele é um homem inteligente e já nos ajudou em muitas ocasiões. É importante que tomes esta decisão de consciência tranquila.

– Mas não há decisão nenhuma a tomar, Marie! – irritou-se Elisabeth. – Quem é esta tal de Simone Treiber? Alguém a conhece? É alegadamente uma enfermeira a transmitir uma mensagem de um tal de Gérard Duchamps. Alegadamente, ele conta com uma resposta. Não vos ocorreu porventura que toda esta coisa possa ser um embuste?

Os olhos azuis de Kitty arregalaram-se, no seu rosto pálido desenhou-se um profundo terror.

– Não, não me passou pela ideia – disse ela baixinho. – Pode porventura haver pessoas que falsifiquem este tipo de cartas? Logo numa altura em que tantos jovens infelizes definham nos hospitais? Por que razão alguém faria tal coisa?

Elisabeth encolheu os ombros e afirmou que esta Simone Treiber podia ser uma vigarista que, usando uma carta comprometedora escrita pela mão de Kitty, podia querer chantagear a família Melzer.

– O quêêê? – exclamou Kitty, irritada. – Tu não estás boa da cabeça, Lisa. Marie, diz-lhe por favor que ela está doida. A quem poderia interessar se eu escrevesse meia dúzia de linhas ao pobre Gérard a perdoar-lhe?

– Por exemplo, ao teu marido – disse Elisabeth, persistindo. – O Alfons não ficaria satisfeito por saber que escreves cartas ao teu antigo amante.

Kitty soltou uma gargalhada histérica e desatou a baloiçar agitadamente a cadeira. Alfons não teria seguramente nada contra, é uma pessoa inteligente e sensível. Bem ao contrário da irmã Lisa.

– Seria igualmente possível essa carta cair nas mãos erradas – prosseguiu Elisabeth diligentemente. – Os pormenores sobre a tua funesta indiscrição com esse francês poderiam acabar com a boa reputação dos Melzer, bem como a dos Bräuer.

– Diz alguma coisa, Marie. Por favor! – suplicou Kitty, desesperada. – Diz que a Lisa está só a dizer disparates.

Marie tossicou, estava muito claramente a ponderar como poderia resolver aquele conflito para satisfação de todos.

– Reconheço que também me ocorreu essa ideia – disse ela na direção de Elisabeth. – Exatamente o que acabaste de dizer, Elisabeth, eu também pensei. Cheguei no entanto à conclusão de que é muito improvável um tal engano. Parece-me, na verdade, que o problema é outro.

Kitty baloiçava na cadeira e manteve os olhos fechados. Já não queria escutar mais nada porque as suas conselheiras não lhe deram a cobertura desejada? Elisabeth tinha a certeza de que Kitty teria de muito bom grado escrito a Gérard.

– E se, com a tua carta, o Gérard Duchamps se sentisse incentivado a estabelecer novamente contacto contigo? Afinal de contas, ainda é possível ele curar-se. O que também lhe desejamos...

Kitty piscou brevemente os olhos na direção de Marie, mas nada disse.

Elisabeth bebeu um gole de café e apreciou o sabor aromático de um verdadeiro café forte feito com grãos. A bebida trouxe-lhe uma disposição algo mais branda, talvez não devesse ter sido tão dura. Ah, era uma injustiça ela há meses já não se poder dar ao luxo de ter aquela bebida em casa, mas Kitty ter à sua disposição café, chá e todas as iguarias possíveis. Já para não falar do calor agradável da salamandra a carvão.

– Se queres mesmo responder a esta carta... – prosseguiu Marie –, nesse caso deves referir antes de mais que entretanto tens um casamento feliz e que esperas um filho do teu marido...

Sobressaltou-se quando Kitty emitiu um som prolongado e penetrante. Mantinha os olhos fechados, cravara os dedos nos braços da cadeira, esticara as pernas, os pés fletidos. A sua voz ecoava numa frequência que fazia vibrar os copos dentro da vitrina.

– Enlouqueceste, Kitty! – exclamou Elisabeth. – Para lá com essa patetice. Deus do céu, ela não mudou nem um bocadinho. Quando não consegue levar a dela avante, fica histérica.

Marie deu um salto e fitou Kitty com o terror estampado no rosto. Nesse momento abriu-se a porta e surgiu o rosto assustado de Eleonore Schmalzler. Atrás dela, a criada de quarto Mizzi esticava o pescoço a tentar perceber o que estava a acontecer no salão.

Marie correra até junto de Kitty, agarrara-lhe na mão, afagava-lhe a testa.

– Tens dores? Diz-me onde te dói. Aqui? Ou aqui?

Kitty manteve por breves momentos aquela postura tensa, mas depois abriu os olhos e soltou os dedos dos braços da cadeira. Estava ofegante.

– Isto... Isto dói terrivelmente. Marie, Marie, não te vás embora. Acho que vou morrer.

Elisabeth permanecia sentada no sofá como uma coluna de sal, sentia-se impotente e supérflua. Marie apalpou a barriga de Kitty, esfregou-lhe as pálpebras, os braços, disse toda uma série de disparates para a sossegar e pelo meio sussurrava à menina Schmalzler que deveria chamar a parteira para que ali viesse o mais depressa possível.

– Mas não aquela mulher horrível... a tal de Kober... essa não quero.

– Não te preocupes, Kitty. É só uma precaução. Se calhar nem precisas dela. É demasiado cedo, não é?

– Claro que sim – gemeu Kitty, começando a respirar rápida e violentamente. Faltavam pelo menos quatro semanas. Se calhar até mais.

– ... a culpa é destes estúpidos bombons de rum, Marie. Céus, como estou contente. Já pensava que a criança estava a caminho. Mas não pode ser...

Foi tomada pela dor seguinte e começou novamente a gritar. Nunca antes Elisabeth achara possível que Kitty poderia emitir sons daqueles. Em todo o caso, não conhecia ninguém que tivesse feito tal coisa.

– Grita, grita à vontade, querida Kitty – disse Marie, agarrando-lhe a mão com força. – Sempre ajuda um pouco. Sossega. A parteira chega num instante.

Kitty berrava, até a dor ceder novamente um pouco, altura em que achava que algo lhe caíra mal no estômago e começava a chorar. Marie convenceu-a a levantar-se da cadeira de baloiço e que seria melhor deitar-se na cama. Kitty não queria simplesmente pensar em tal coisa. Ir para a cama não, ela não estava doente, apenas ligeiramente mal do estômago. Ia deitar-se na *chaise longue*. Só uns instantes, até se sentir melhor.

O bloqueio de Elisabeth desfez-se finalmente. Ajudou Marie a levantar a lamurirosa Kitty da cadeira de baloiço e a conduzi-la até à *chaise longue*.

– Põe a manta por baixo – disse Marie. – E livra-te das almofadas.

– Estou maldisposta... – gemeu Kitty. – Acho que vou...

A saia de Elisabeth foi atingida com parte dos bombons de rum e do biscoito de manteiga que Kitty vomitou, mas não lhe interessava. Já não

estava sentada e à margem no seu lugar a sentir-se inútil, podia pelo contrário fazer alguma coisa. Pôr uma almofada sob a cabeça de Kitty. Descalçar-lhe os sapatos apertados. Massajar-lhe a barriga. Afagar-lhe as faces, passar-lhe um pano húmido no rosto.

– Mas afinal quando é que vem a parteira? – ouviu a voz sussurrante de Marie.

– Mandeí o criado Ludwig no automóvel, minha senhora. Deve estar mesmo a chegar. A cozinheira está a fazer chá e a preparar água quente. Já preparei uma série de toalhas no quarto das visitas.

– É uma querida, menina Schmalzler – sussurrou Marie.

Elisabeth não deixou que a tirassem dali. Agora que podia finalmente fazer alguma coisa útil, não ia sair de junto de Kitty. Trouxe toalhas brancas, deu chá a beber a Kitty, massajou-lhe as costas, sussurrou-lhe palavras de coragem.

– Lisa, não aguento mais. Não quero ter um filho. Não quero. Não aguento... Aaahhhh!

– Não tarda nada já acabou, querida Kitty. Pensa só na felicidade que vais dar ao Alfons. Um doce rapazinho...

– Está a começar outra vez. Mas quando é que ele sai? Já que tem mesmo de ser...

– Em breve, Kitty. Já não falta muito. Mais uma contração...

A parteira só chegou uma hora depois e ralhou terrivelmente por a parturiente não estar deitada na cama, onde devia ser. Num sofá – onde é que já se viu coisa assim?

– Pare lá de resmungar e cumpra mas é o seu dever – rosnou-lhe Elisabeth.

Marie teve de mediar entre as duas, caso contrário teriam arrepelado o cabelo uma da outra, já que a senhora Kober não estava habituada a ser contrariada. Mais tarde, quando por fim a criança nasceu, Elisabeth ajudou a parteira e entenderam-se as duas lindamente.

– Forte e saudável – disse a senhora Kober, segurando pelos pés o serzinho vermelho como um caranguejo e que guinchava, virando o pequeno corpo de cabeça para baixo. – Dar banho com cuidado, para que nada entre pela boca ou pelo nariz. Mais toalhas. Jornais. A expulsão da placenta...

Que impressionante era ver como aquela mulher lidava com todos aqueles procedimentos inacreditáveis com tanta segurança. Puxara a saia de Kitty

até acima da barriga, despira-lhe a roupa interior e, com mãos conhecedoras, apalpara a barriga. Tocara no útero de Kitty e sentira a cabeça do bebé, com dedos inteligentes ajudara o pequeno ser a libertar-se da sua escura prisão. Fizera tudo com toda a tranquilidade e naturalidade, enquanto Elisabeth assistia a seu lado, simultaneamente fascinada e perplexa, executando toda a série de instruções sem hesitar.

Deu banho ao bebé na bacia que havia sido preparada para esse efeito e sentiu aquela nova vida nas suas mãos. Como esperneava e se debatia, como se esforçava por enfrentar a existência totalmente sozinho, sem a quente proteção do útero materno. Marie já regressara a casa havia muito, os seus próprios filhos precisavam dela, mas entretanto chegara Alicia para prestar apoio à filha.

– Uma menina – disse Alicia com ternura. – Tens uma filha, Kitty!

Kitty estava estendida na *chaise longue*, de faces rosadas e de bom humor, entusiasmada com o facto de ter superado aquela façanha.

– O quê? Uma menina? – exclamou ela. – Volta a pô-la lá dentro. Eu queria um rapaz!

Augsburgo, 10 de abril de 1916

Querido Paul,

Não te compreendo e estou zangada contigo. Seria então tudo hipocrisia? As tuas cartas meigas? As tuas saudades, minhas e dos nossos filhos? A tua preocupação com a fábrica? Enfim, agora tenho mesmo de presumir que há coisas mais importantes. Coisas ridículas como orgulho e espírito de camaradagem entre soldados.

Escreves a falar do teu dever para com a pátria? Esse também podes cumprir aqui em Augsburg como diretor de uma fábrica que produz tecido de papel para equipar os nossos soldados com roupa e outras coisas indispensáveis.

Será que exijo assim tanto? Só quero que vás falar com o teu superior e que lhe apresentes uma petição. Do resto tratamos nós aqui, mas, para sermos bem-sucedidos, é importante que o nosso pedido receba apoio de vários lados.

Bom, por enquanto o papá ainda está a criar dificuldades, mas vai acabar por ceder, tenho a certeza. O teu pai é demasiado inteligente para não ver

que temos razão. A conversão para a produção de tecidos de papel irá salvar a fábrica, além de que te vai trazer a ti, meu teimoso Paul, de volta para nós, de volta à Vila dos Tecidos. Não penses que vou afrouxar estes meus esforços, quero-te de volta, meu amor, e vou empenhar-me a fundo até ser bem-sucedida. Faz-me por isso um favor e não resistas mais.

Pronto! Tinha simplesmente de libertar a minha ira pela escrita. Agora sou de novo a alegre e matreira Marie, a fervorosa amante e a tua sensata esposa. A mãe dos teus dois encantadores bebés berrões que de há alguns dias para cá são acompanhados por uma ama de leite. Chama-se Rosa Knickbein, uma pessoa resoluta e, na minha opinião, absolutamente de confiança, que eu e a mamã escolhemos entre uma série de candidatas.

Escreve-me depressa, meu querido, e perdoa-me a minha fúria, que nasce apenas do meu amor ardente por ti. Peço-te de coração que reflitas sobre a tua recusa, não quero exigir mais, já que a decisão é unicamente tua.

Com todo o amor,

MARIE

Norte de França, 15 de abril de 1916

Minha mais querida Marie,

A tua última carta afetou-me profundamente e tenho agora um único desejo: que me perdoes.

Nestes tempos difíceis, não deveria haver ressentimento algum entre nós. Mesmo que as nossas esperanças e aspirações divirjam, peço ainda assim encarecidamente a tua amorosa compreensão.

Uma parte não negligenciável de todos os mal-entendidos deve-se ao facto de, nas últimas semanas, eu praticamente não ter tido tempo de escrever uma carta exaustiva em que te explicasse a minha decisão. Passámos dias em posição de disparo, mas não disparámos uma só bala. Ontem, subitamente, o inimigo avançou – ingleses e franceses – contra a nossa posição, e estavam em vasta maioria. Artilharia pesada, metralhadoras e toda uma infantaria contra uma pequena divisão de cavalaria! Foi infernal, mas a ordem era clara e concisa: «A posição tem de ser mantida.» Até que deixou de todo de ser possível, a menos que quiséssemos ser abatidos como lebres. Em retirada sob fogo de infantaria através de uma aldeia, disparavam contra nós do interior das casas, estilhaços e metralhadoras a

ressoar-nos nos ouvidos, e depois a ordem: «Alto! Para trás! De novo para trás!» Demos meia-volta e corremos por entre a chuva de balas, até um prado e, daí, até alcançarmos cobertura em segurança. Cinco dos meus camaradas e sete cavalos pagaram o ataque com a vida, salvámos os nossos quatro canhões de artilharia.

Como te posso explicar o que sinto com tais experiências? Tornaram-se o meu dia a dia, porque, se sentisse todos os dias o horror como se fosse a primeira vez, perderia seguramente o juízo. Ao final do dia, sentamo-nos ao lado de um camarada, falamos de casa, mostramos fotografias. De manhã, esse camarada está morto, estendido nas ervas, o crânio desfeito por balas de espingarda. Nunca antes vivi um sentido de comunidade tão intenso, uma camaradagem tão estreita entre homens como a que temos aqui, já que todos deparamos com a morte, todos os dias e hora a hora. Partilhamos o abrigo e a comida, partilhamos o tabaco e o vinho, partilhamos também o medo de morrer e a louca esperança de escapar incólumes a todo este horror. E eu ia agora fugir como um cobarde, regressar a casa, para a segurança? E abandonar os meus camaradas à sua desgraça? Não o posso fazer!

Não quero ser injusto, meu amor. Faz o que achares necessário, se o destino assim quiser, serás bem-sucedida, e eu regressarei para junto de vós. Contudo, da minha parte, não poderei contribuir para esse empreendimento.

As saudades de ti continuam as mesmas, bem como o meu amor sincero e ardente. Não, não sou hipócrita, minha querida, devias conhecer-me melhor. Escreve-me em breve a dizer-me que me perdoas e que conservas o teu amor por mim, apesar de o teu Paul por vezes ser um grande cabeça-dura.

Beijo-te e abraço-te.

PAUL

– Ei!

Um vigoroso pontapé na canela direita arrancou Humbert da amena negritude do sono profundo. Gemeu de dor e apertou a canela, envolveu a barriga da perna com as duas mãos e piscou os olhos contra a luz do Sol. Alguém abrira a porta do telheiro de madeira. O sol matinal incidia oblíqua e reluzentemente sobre a barafunda de um sem-fim de utensílios e, infelizmente, também sobre o espaço onde ele se deitara para um breve repouso noturno.

– *Meisje... vagebond...*

Ele não percebia nada do que o homem balbuciava. À contraluz, de frente para o radioso sol matinal, conseguia apenas discernir os contornos da sua figura. Usava um sobretudo largo e curto, bem como um barrete, caminhava algo encurvado e tinha as pernas tortas. Um homem já de idade, talvez o jardineiro. Ou um criado de lavoura contratado para trabalhar no jardim...

Humbert sentou-se e, no momento seguinte, veio-lhe à consciência de que estava vestido com uma saia de senhora e uma touca na cabeça. O velhote tomou-o por uma rapariga. Quem sabe uma vadia. Não dissera ele algo como vagabundo?

– Não... – disse ele, alisando a saia de lã, que lhe subira pelas pernas acima, sobre as compridas cuecas de senhora. – Não sou um vagabundo. Trabalhar. Procuo trabalho.

O velho não parecia compreender nada; não admira, provavelmente não falava alemão. Era belga, por isso falava francês como o camponês em cuja casa ele e os camaradas estavam aquartelados. Ou talvez não?

– *Français?* – perguntou Humbert com cautela. – *Parler... travailler...*

Não lhe ocorreu mais nada, arranhava apenas meia dúzia de palavras, aprendera a maioria durante a guerra. O homem de sobretudo curto deu

dois passos na sua direção e debruçou-se para o observar melhor. Humbert deslizou rapidamente para trás para fugir ao seu alcance, mas acabou por embater em vários utensílios de jardinagem que ali estavam encostados à parede. Uma pá caiu com estrépito no chão, seguiu-se uma outra, roçando o cabo de uma gadanha que entretanto se soltou do gancho. Com presença de espírito, Humbert lançou-se para o lado, o velho saltou para trás e tropeçou contra uma pilha de cestos enfiados uns nos outros, mas também escapou à lâmina curva e afiada.

Agora é que estraguei mesmo tudo, pensou Humbert. É melhor raspar-me daqui antes que o tipo me dê uma tarefa.

Recompôs-se e estimou a distância entre ele e o velho, que agora se preparava para apanhar a gadanha do chão. Humbert aproveitou o momento em que ele se debruçava para se escapar rapidamente lá para fora, mas sem contar com a saia esvoaçante. O velho agarrou-o com as mãos robustas, quase arrancando a roupa do corpo de Humbert, e prendeu-o então pela cintura.

– ... *meisje*...

Um rosto largo, repleto de uma barba branca de poucos dias, sorria-lhe maliciosamente, viam-se dois cotos de dentes amarelecidos, um hálito pútrido atingiu o nariz sensível de Humbert.

– Larga-me! – berrou ele, lançando socos para todos os lados.

O velho disse alguma coisa, soltou uma gargalhada ordinária, agarrou-o com ainda mais força, puxou pela saia de lã. Humbert perdeu o equilíbrio e tombou, bateu com as costas num objeto duro, mas não sentiu dor, mas sim um nojo inominável. O velho lançou-se sobre ele, grunhiu, riu-se, rasgou-lhe a camisa, procurou com os dedos rudes algo que não existia. Rosnou, irritado, e agarrou sob a saia, queria sentir as pernas da alegada rapariga. Nesse momento, Humbert conseguiu finalmente agarrar o seu violador pelos cabelos. Enquanto o velho gritava, furioso, Humbert ergueu as pernas e enfiou-lhe os dois joelhos na barriga. O homem uivou e cambaleou para trás. Humbert não compreendeu as imprecações e ofensas que proferiu, mas haviam sido suficientemente ruidosas para alertar outros residentes da propriedade.

– *Juul*...?

– *Wie is daar? Juul!*

Humbert recompôs-se e escapuliu-se do abrigo na sua saia desarranjada e saiu para o jardim. Parou sob a proteção de um amplo arbusto de junípero, para voltar a prender a maldita saia. Mas que ideia disparatada aquela de se vestir de mulher. O atilho do espartilho que prendia o cós da saia soltara-se; para o atar com mais força, tinha de desatar o nó, o que era uma tarefa bastante minuciosa. A camisa também se rasgara no decote e, com a pressa, perdera o xaile no calor da luta.

– *Hoi...!*

Voltou-se, assustado, e constatou que estava a ser observado. Duas jovens mulheres de vestes de camponesas postaram-se não longe do junípero, haviam pousado os jarros metálicos a seu lado na erva e acompanhavam os seus esforços com um alegre espanto. De repente, tornou-se-lhe claro que, com a saia desarranjada e a touca torta na cabeça, estaria seguramente a fazer uma estranha figura. Recolheu-se rapidamente de novo atrás do arbusto, desencadeando assim sonantes gargalhadas. Como era terrível, pensou ele, horrorizado. Que horivelmente embaraçoso. Endireitou a infeliz touca, prendeu a saia tão bem quanto possível e refletiu sobre o que fazer em seguida. Acima de tudo, tinha de se proteger, tanto quanto sabia o velho podia matá-lo à pancada se tivesse oportunidade. As mulheres pareciam-lhe bem-intencionadas, é verdade que se haviam rido, mas sem demonstrar medo. E que haveria dentro dos jarros metálicos? Provavelmente leite. Leite fresco e macio de vaca. Onde havia leite também havia manteiga. E queijo. Quem sabe também pão e frango assado? Apesar do susto que acabara de apanhar, sentiu o estômago a rugir. Não levava nada à boca desde o dia anterior bem cedo.

Próximo do seu esconderijo, ouviu o velho a lamuriar-se e a resmungar, e pelo meio as vozes agudas das mulheres, que lhe faziam perguntas, se espantavam e soltavam risinhos. Que lhes estaria ele a contar? Que tentara violar uma vadia que procurara abrigo no telheiro dos utensílios de jardinagem? Certamente que não. Ele daria seguramente a volta à situação, far-se-ia passar pelo velho pobre e inocente que fora atacado pelas costas por uma vadia desavergonhada.

Humbert permaneceu parado alguns instantes, à escuta, arrepiava-se de frio nas suas vestes pouco usuais e refletia se seria melhor esgueirar-se dali para fora ou agarrar o touro pelos cornos. O seu estômago a dar horas

venceu a contenda. Ajeitou novamente a camisa, a touca e a saia e saiu da proteção do junípero, deslocando-se na direção das vozes.

O velho mostrara certamente os vestígios da luta no telheiro, já que os três acabavam de sair pela porta de entrada. A mais franzina das duas mulheres foi a primeira a descobri-lo, apontou na sua direção com o braço estendido, a outra levou a mão à boca, assustada. Já imaginara. Entretanto, o velho tarado já o denegrira diante das raparigas, tê-lo-ia provavelmente descrito como um louco com laivos de assassino e agora elas tinham medo dele.

– Olá?

Esforçou-se por entoar a voz de forma aguda e receosa, o que conseguiu extraordinariamente bem. Pôde ver como as mulheres ficaram inseguras, entreolhando-se e trocando algumas palavras. Na verdade eram ambas muito bonitas, aquelas campónias belgas. Um tanto ou quanto roliças, os narizinhos pequenos, os lábios cheios e frescos como cerejas. Não lhes via os cabelos, estavam cobertos com coloridos lenços de cabeça. O velho resmungou algo entredentes, mas a que elas não prestaram atenção.

– Por favor... *Please... S'il vous plaît...* Estou à procura... Trabalho. *Travailler...* Trabalho bem... *bon travail...*

O velho safado fez um movimento de desdém com os braços na sua direção e gritou alguma coisa incompreensível. Estaria provavelmente a recomendar-lhe que se pusesse dali para fora. As mulheres pareciam indecisas, a mais alta abanou a cabeça e, depois, riu-se.

– *Hoe hot jij?*

Ele não compreendeu o que ela disse. Ficou parado e continuou a olhá-las com um ar suplicante. Que teria ela perguntado? Se calhar queria saber quem ele era.

– Humb... – hesitou, quase se denunciara. – Berta... Chamo-me Berta... Berthe...

Elas sussurraram uma para a outra, gesticularam, soltaram risinhos, e depois a mais alta decidiu acenar-lhe para que a seguisse.

– *Viens... tu parles français? N'aie pas peur... Viens...* – Ele teria de bom grado aceitado o convite, mas junto às mulheres estava ainda o velho com o seu sobretudo curto e desalinhado da luta e estava com ar de poucos amigos.

– Ele quer bater-me... – disse Humbert.

Agora elas compreenderam definitivamente que a sua língua materna era o alemão. O semblante do velho conseguiu tornar-se ainda um pouco mais

sinistro, as mulheres olharam-se com um ar inquisitivo. Uma alemã. Com roupas tão estranhas. E andava pela região totalmente sozinha, dormia em telheiros de jardinagem alheios.

Agora acham que sou uma espia, pensou Humbert em desespero. Que mais podia ser? De que estava eu à espera? Que me contratassem como mordomo?

– Anda – disse então a mulher mais baixa. – Fome, não é? Temos comida... Anda!

Caminharam ambas até ao sítio onde haviam pousado os jarros de leite, asseguraram-se de que ele as seguia e prosseguiram. Ele seguiu-as. A sua fome era tão intensa que abandonou todas as suas cautelas. Correria tudo bem. Eram mulheres simpáticas e inofensivas, provavelmente empregadas do solar, serviçais como ele. Porque não se haveria de alcançar um bom entendimento entre colegas de profissão?

Olhou algumas vezes sobre o ombro para se assegurar de que o velho não o perseguia para o atacar pelas costas, mas o seu torturador ficara para trás, junto ao telheiro de jardinagem.

Visto de perto, o solar era menos impressionante do que se recordava. A cavalgar ao largo, a construção de três alas parecia-lhe imaculadamente branca e com proporções praticamente perfeitas. Agora, todavia, via-se o estuque a descascar em baixo e as janelas partidas que haviam sido remendadas com cartão. A porta de serviço por que acabavam de entrar rangia nas dobradiças, a humidade empenara a madeira.

Em contrapartida, chegava agora até ele um aroma tão maravilhoso que se esqueceu de tudo o resto. Café e bolos fermentados acabados de sair do forno, caramelo, amêndoas, passas... Sentiu uma tontura de fome, sentia a boca a ser trespassada por inúmeras correntes, engoliu em seco. Fitou a mesa comprida, onde havia várias mulheres debruçadas a amassar e a moldar uma massa amarelada. Tinham lenços atados na cabeça e os rostos estavam vermelhos do esforço. No meio da mesa havia vários tabuleiros de forno pretos, nos quais estavam dispostos roscas e *bretzeln*, pães entrançados e caracóis de massa enrolados.

Quando ele entrou, todas levantaram a cabeça para olhar para ele, desencadeando inquisições e tagarelices, riam-se e abanavam a cabeça, resmungavam e apaziguavam-se, soltavam risinhos, sussurravam, davam pequenos encontros umas nas outras...

Ele era experiente a lidar com mulheres na cozinha. Sabiam ser tagarelas e maldosas; diante de estranhos, mantinham-se sempre coesas. Que fariam com ele?

– Senta-te... ali... Cuidado! A farinha...

Sabiam falar alemão, bastava quererem. Empurraram-no para lá das mulheres que moldavam a massa, na direção da cabeceira da mesa comprida, forçaram-no a sentar-se num banquinho, colocaram uma chávena à sua frente. Depois ainda um prato com um pãozinho de passas redondo acabado de sair do forno e manteiga amarela e gorda.

– *Mange... tu as faim, hein?* Tens fome. Berthe...

Não compreendeu por que motivo se desataram todas a rir alegremente, mas também lhe era indiferente. Deu uma dentada no pão ainda quente, mastigou, saboreou, bebeu um longo trago de café com leite, gemeu de prazer. Barrou manteiga no pão já mordido, mastigou, engoliu e sentiu o pedaço de pão a escorregar até ao estômago. A sua avidez pelo pedaço seguinte era tremenda. Depois de saciar a fome mais premente, reparou que as mulheres não paravam de o observar, que lhe sorriam ironicamente, que sussurravam isto e aquilo entre si, palavras que provavelmente não se destinavam aos seus ouvidos. Ele sorriu amistosamente a toda a volta, bebeu do copo e continuou a comer. Despachou vários pãezinhos de passas, depois duas fatias de pão com manteiga e presunto, um grande pedaço de queijo, uma sobremesa leve como espuma, feita de natas, açúcar, claras em castelo e baunilha, cujo sabor era como uma ambrósia celestial. Que mulheres encantadoras. Tinham todas uma constituição encorpada, braços curtos e rostos redondos. Frescas como maçãs maduras, estavam de pé e sentadas à volta da mesa, andavam de um lado para o outro na cozinha, carregavam cântaros e jarros, atiçavam o fogo no fogão. Ele esticou-se regaladamente, tinha até a barriga algo abobadada, por muita vontade que tivesse já não cabia lá mais nada. Saber-lhe-ia bem passar pelas brasas. Será que lhe permitiriam estender-se um pouco no banco junto ao tremendo fogão de cozinha? Teria nesse caso de afugentar o gato preto que aí fazia o seu sono matinal...

– Obrigado – disse ele em volta. – *Merci beaucoup*. Tanta comida tão boa... Muito obrigado...

Elas acenaram-lhe com a cabeça, contentes por ele estar satisfeito, lançaram-lhe olhares matreiros. Estavam seguramente com alguma ideia,

mas naquele momento ele estava demasiado cansado para se preocupar com tal coisa. Tudo ali era tão sereno, recordava-lhe a Vila dos Tecidos. Os fins de tarde, quando se sentavam juntos na cozinha, a conversar e a comer. A cozinheira Fanny Brunnenmayer. Aquela boa alma que era para ele como uma mãe. Que lhe enviava embrulhos... Agora seriam certamente devolvidos com a indicação de que o soldado Humbert Sedlmayer estava desaparecido. Pobre Fanny. Desse por onde desse, tinha de arranjar uma forma de lhe enviar notícias... Mas cuidado...

– Estás saciada? – perguntou-lhe uma das ajudantes de cozinha.

Era uma das mulheres mais bonitas que ali estavam, tinha uns redondos olhos azuis e covinhas nas bochechas. Sob o lenço de cabeça saltavam pequenos caracóis arruivados.

– Saciada – confirmou ele e anuiu. – Muito obrigada. Estava quase morta de fome...

– Queres trabalhar?

Ah, pensou ele. Não são parvas nenhuma e vão cobrar-me a refeição com trabalho. Porque não? Pode ser que fiquem satisfeitas comigo e me deixem aqui ficar...

– Trabalhar – disse ele com grande determinação na voz. – Sim. *Travailler. Beaucoup travailler.*

– Que sabes fazer?

Algo nos olhos delas estava a causar-lhe confusão. Chispavam como se tivessem segundas intenções que só com muita dificuldade lhe conseguiam ocultar. Um olhar rápido pelo grupo disse-lhe que aquele interrogatório estava a ser seguido com excitação. Lá atrás, na outra ponta da cozinha, duas raparigas arrastavam pesados baldes metálicos, enquanto as outras se haviam juntado à sua volta.

– Muita coisa – respondeu ele. – Lavar louça, buscar água, pôr a mesa, lavar verduras, fazer camas...

Evitou referir tarefas desagradáveis como limpar o pó ou esfregar o chão. Também não gostava de desempoeirar tapetes, e limpar as salamandras não era de todo para o seu bico.

– Muito bem – disse ela. – Gostas de trabalhos agradáveis, nada de tarefas sujas, certo?

Estariam a fazer troça dele? Apressou-se então a garantir que faria todo o tipo de trabalho.

- Mas estás demasiado suja para fazer as tarefas agradáveis, Berthe...
- Demasiado... demasiado suja – gaguejou ele, sem compreender.
- Por isso temos primeiro de te limpar.

Duas mulheres robustas agarraram nele pela direita e pela esquerda, segurando-o sob os braços, ele esperneou, tentou escapulir-se, mas de pouco serviu. Entre alegres risadas, aquelas mulheres maliciosas levaram a renitente Berthe até à lavandaria. Uma tépida névoa enchia o pequeno compartimento, a caldeira fora aquecida e haviam vertido água a ferver para uma tina, na qual adicionavam agora água fria para garantir o banho a uma agradável temperatura.

- Vamos lá então. Afinal, somos todas raparigas...
- Não! Larguem-me! Larguem-me, sua bruxa! Socorro!

Fez algumas tentativas desesperadas de escapar àquelas mulheres de riso trocista e desdenhoso – em vão. A saia foi-se, depois a camisa, os sapatos perdeu-os numa tentativa de fuga fracassada e, por fim, lá perdeu também a touca. Por fim, a via de salvação foi apenas uma: um salto ousado para dentro da tina cheia de água. Ali estava ele agora sentado, ensaboando-se obedientemente, recusando-se obstinadamente a despir as cuecas brancas de mulher.

Como eram traiçoeiras aquelas mulheres. Campónias – mas era preciso ter cuidado com elas. Contudo, agora, com ele sentado na tina como uma galinha presa na gaiola, elas revelaram o seu lado mais brando.

- *Comme tu es joli, mon petit...*
- És uma rapariguinha tão delicada...
- Para quieta. Isto é para o teu cabelo. Para ficares a cheirar a rosas, Berthe...

Barraram-no com todo o tipo de essências, lavaram-lhe a cabeça, esfregaram-lhe os ombros, o peito, as costas e apenas quando os dedos desciam demasiado ele se rebelava.

- Ela tem vergonha... *la pucelle*... a virgenzinha.
- Não tarda nada ele chega lá, o pequeno imbecil.

O mundo era uma casa de doidos. Ele estava sentado na tina ensaboada e era manuseado por doces dedos femininos, enquanto na frente, nas trincheiras, se combatia e morria, granadas explodiam, homens e animais esvaíam-se em sangue no lodaçal. Tinha de ser um sonho, um pesadelo

parvo e louco em que se misturavam coisas que nada tinham que ver umas com as outras.

Tinham pena dele. Sob a proteção de um grande toalhão de banho, conseguiu sair da água quase sem ser visto e livrar-se das cuecas molhadas. Elas haviam-lhe preparado roupa de mulher, aquelas matreiras, até um espartilho antiquado, roupa interior de renda, meias-calças de lã e uma cobertura para a cabeça, malditas, mais se parecia com um barrete de dormir. Não tinha outra opção e teve de vestir aquelas roupas, rejeitando apenas o espartilho. Em compensação, a saia e a blusa de linho serviam-lhe como se tivessem sido feitas à medida, e as socas de madeira causavam-lhe menos dificuldades do que ele temera.

Os risinhos e a troça haviam finalmente terminado, deixaram-no em paz e voltaram ao seu trabalho, aproveitaram a água do banho para lavar o chão, tiraram do forno os pães já prontos. A bela de caracóis ruivos desaparecera, estaria presumivelmente atarefada lá em cima, com os patrões. Em contrapartida, uma mulher mais velha enfiava-lhe agora uma cesta nas mãos, explicando com uma verborreia de flamengo, francês e alemão arranhado que deveria ir buscar lenha para o fogão da cozinha.

– Onde?

Ela gesticulou com os braços, indicou-lhe que tinha de virar à direita lá fora no terreiro, depois novamente à direita, e aí estava a lenha. A cesta estava bastante suja, para trabalhos como aquele mais valia não lhe terem dado banho.

Apesar de tudo, pareciam tê-lo recebido no seu seio, pelo menos provisoriamente. Se se conseguisse manter nas suas boas graças, quem sabe os patrões o mantivessem como criada doméstica. Não era propriamente divertido andar de um lado para o outro assim vestido, tanto mais porque elas tinham evidentemente notado que ele não era mulher nenhuma. Estava nas mãos daquelas mulheres, estava ali preso, como um frango na gaiola, entregue à sua boa vontade.

Ainda assim. Tudo era melhor do que estar agachado na trincheira húmida entre as ratazanas com granadas a explodir por todo o lado.

Piscou os olhos de encontro aos raios oblíquos de sol. Entre as pedras cinzentas da calçada do terreiro interior, despontavam já dentes-de-leão e ervas, as poças de água cintilavam e um veículo do exército estava estacionado sob um dos plátanos. Teve de contornar a casa para depois virar

à direita em direção ao jardim. A lenha estava com efeito empilhada junto ao muro de um pequeno anexo. Antes de encher a cesta, olhou rapidamente para todos os lados, por receio de o velho nojento poder andar por perto. Mas não se via ninguém. Melros sussurravam por entre os arbustos, bicavam por ali as folhas secas do ano anterior, um esquilo correu como uma seta pelo caminho fora e desapareceu por entre o emaranhado de ramos despidos de uma faia. Humbert foi colocando toros de lenha dentro da cesta, tendo o cuidado de levar o máximo de lenha que conseguisse, erguendo por fim a cesta até aos ombros para a carregar de volta para a cozinha.

Já ele alcançara o pátio interior calcetado e pousara a sua carga para abrir a porta que dava para a ala dos criados, quando se abateu sobre si a maior desgraça. Um homem saíra da porta principal do solar e descia as escadas que davam para o pátio. Um oficial. Um oficial alemão. Um major.

Instintivamente, Humbert fez algo que nos últimos anos lhe entrara na massa do sangue. Fez uma saudação.

O major parou, atónito, fitou a rapariga que o saudava como um soldado alemão. Semicerrou os olhos, aproximou-se alguns passos.

– Terei enlouquecido? – disse Klaus von Hagemann. – Mas é... o Humbert!

Alicia Melzer serviu café e estendeu a Marie o jarrinho das natas. Cheirava a tempos de paz, intenso e aromático – haviam conseguido arranjar uma saca de café cru através do diretor Wiesler, que a cozinheira ia torrando porção a porção numa panela ao lume.

– A Dodo está melhor? – perguntou Alicia.

Durante duas noites, a pequena fora motivo de grande preocupação, já que chorava amiúde e também tivera um pouco de febre.

– Está mais sossegada desde ontem à noite – comunicou Marie. – Espero que o pior já tenha passado. Pelo menos, hoje cedo mamou como deve ser e pareceu-me bastante satisfeita. – Alicia assentiu com a cabeça enquanto os dedos folheavam a pilha de cartas que Else acabara de trazer. Marie não olhou para lá, barrou o pão com compota de morango e misturou natas no café. Todas as manhãs, cumpria-se o mesmo ritual aflitivo: a esperança, a procura apressada e depois a profunda desilusão. As tentativas cada vez mais vazias de se consolarem mutuamente. Paciência. Confiança. Deus pôr-lhe-á a mão por baixo. Quem sabe se era por isso que, nos últimos tempos, Johann Melzer se levantava cedo e saía para a fábrica ainda antes da chegada do correio.

– Não veio nada – disse Alicia em voz baixa depois de por duas vezes analisar minuciosamente a pilha de cartas. – Vamos já na quarta semana...

Marie tentou ocultar o desespero que crescia dentro de si e contou que o advogado, o doutor Grünling, regressara da Rússia e que estava a caminho de casa. Soubera-o por Rosa, cuja irmã trabalhava como criada de quarto para os pais do doutor Grünling. Rosa Knickbein era a nova ama de leite, uma pessoa determinada que afirmava energicamente perante o restante pessoal a sua posição especial na Vila dos Tecidos e que por vezes tinha confrontos com a cozinheira.

– Que bom – suspirou Alicia, acrescentando a sua esperança de que o pobre doutor Grünling estivesse bem e de saúde. O filho mais velho dos Wiesler voltara também da Rússia, mas viera muito doente, morrera passados poucos dias, de tifo. Aquela terrível doença é transmitida por piolhos, e por isso era importante os soldados inspecionarem-se todos os dias em busca de eventuais parasitas.

Calou-se quando alguém bateu à porta. Surgiu a ama de leite no seu avental branco e com uma pequena touquinha sobre o cabelo louro; o rosto de nariz algo grande de mais e as densas sobrancelhas emanavam força de vontade.

– Estão os dois saciados e muito ativos, minha senhora. Eu sugeriria que hoje nos poderíamos aventurar no primeiro passeio no jardim.

– Não é demasiado cedo para a Dodo? – perguntou Alicia, apreensiva. – A pequena esteve dois dias doente e até teve febre. – A ama respondeu que o ar fresco nunca fez mal a uma criança, que é muito mais perigoso manter os pequenos no cheirete do ar bafiento junto ao forno, que lhes podia fazer mal aos pulmões.

– Acho que aqui em casa o termo «cheirete» não será o mais adequado – corrigiu Alicia, de testa franzida. – Mas eu cá sou só a avó, a Marie decidirá.

Marie estava contente com a sugestão da ama, algo que prometia uma alegre diversão nos próximos meses. Já se estava em maio, com a primavera o jardim enchera-se de novo de verde, mais do que antes, assim parecia, mas isso podia ter que ver com o facto de não estar ali o jardineiro para aparar arbustos e árvores. Era verdade que se via aqui e ali o avô de Gustav Bliefert de sacho e tesoura de poda na mão, mas não conseguia dominar a viçosa vegetação que brotava por todo o lado. Conseguira apenas plantar as fileiras perfeitamente alinhadas de amores-perfeitos, com meia dúzia de marias-sem-vergonha pelo meio, e no redondel em frente da entrada surgiam resplandecentes os narcisos e as túlipas vermelhas.

– Daqui a meia hora, Rosa. Eu levo a Dodo, e a Rosa pode passear o nosso varão pelo jardim fora.

Rosa anuiu, satisfeita, e correu a preparar os seus protegidos para o seu primeiro passeio. Marie ouviu-a chamar Auguste, tendo esta sido incumbida de trazer os dois carros de bebé para o vestíbulo e de sacudir as almofadas. A resposta de Auguste soou rabugenta – também ela nem sempre lidava bem com os modos resolutos da ama de leite.

– Quem sabe se amanhã encontramos uma grande pilha de cartas sobre a mesa do pequeno-almoço – disse Marie para animar um pouco a sogra. – Já sabes que o correio militar por vezes fica parado algures e que depois entregam tudo ao mesmo tempo...

Evitaram ambas referir a outra possibilidade. A comunicação da morte. Por um bom amigo ou muito concisamente por correio. Quantas cartas dessas já teriam sido enviadas...

Alicia pareceu reconhecer as boas intenções de Marie, anuiu e soltou um suspiro.

– Sim, temos de acreditar nisso. Deus o queira. Mas já sabes que o pobre Humbert foi dado como desaparecido? A Else disse-mo hoje cedo, soube-o pela senhora Brunnenmayer. A pobrezinha tinha os olhos cheios de lágrimas.

– Oh, céus – disse Marie. – E nós acreditámos sempre que o Humbert seria precisamente aquele que acabaria de algum modo por se desenhencilhar. Mas desaparecido não significa necessariamente que ele...

– É claro que não.

– Não queres vir connosco quando sairmos com os pequenos, mamã? Lá fora no jardim está um tempo tão primaveril, acho que o senhor Bliefert até plantou jacintos azuis e cor-de-rosa.

Alicia sorriu e, por um instante, parecia inclinada a aceitar o convite, mas explicou em seguida que prometera uma visita a Kitty.

– Ela ainda está um tanto ou quanto apática. Eu devia ter previsto que isto ia acontecer, Marie. A Kitty tem uma tendência para a melancolia, em tempos foi por isso acompanhada pelo doutor Schleicher.

Com efeito, depois do feliz nascimento da sua filha, num primeiro momento Kitty revelara um grande entusiasmo e andara muito alegre. Elisabeth contara que, naquele dia em que ainda permanecera horas ao lado de Kitty, esta teria gracejado e dito toda uma série de disparates. Mais tarde, obrigara Elisabeth a falar-lhe «de antes», do tempo em que Kitty era ainda muito pequena, tendo feito um sem-fim de perguntas a que Elisabeth só em parte soube responder. Quando havia começado a andar. Qual fora a sua comida preferida. Se gostava de tomar banho.

Na manhã seguinte, a menina Schmalzler telefonara para a Vila dos Tecidos e para Elisabeth a pedir ajuda, já que a jovem senhora Bräuer estava deitada na cama a chorar convulsivamente, declarando que queria morrer

depressa. Haviam mandado chamar o médico, que deu a Kitty um medicamento para se acalmar. Dormira então até ao final da tarde e, quando acordou, apresentava-se numa disposição estranhamente sombria, embora já não chorasse, exigindo pelo contrário ver o filho. Quando lhe disseram que dera à luz uma filha, enfurecera-se e acusara a menina Schmalzler de lhe estar a mentir traiçoeiramente. Entretanto, o seu estado fora melhorando de dia para dia, recuperara a sensatez e já tivera várias vezes a filha ao colo. A Elisabeth, que ficava a seu lado todos os dias até cair a noite, dissera que a pequena deveria chamar-se Henriette e também já se havia cumprido a primeira visita dos sogros e da cunhada. Constava que o diretor Bräuer estava completamente louco de amores pela sua netinha e que Tilly se comovera até às lágrimas quando Kitty lhe pediu que fosse a madrinha da pequena Henriette. A pequena fora batizada na própria residência pelo reverendo Leutwien, tal como Marie havia feito com os gémeos. Não se viviam tempos para organizar grandes festas de batizado, considerando que os pais das crianças estavam na guerra.

Lá em baixo, no vestíbulo, ouviam-se agora gritos de protesto. Marie reconheceu a voz do filho Leo, que berrava com um timbre um pouco mais nítido, mas também mais ruidoso do que a irmã; além disso – e era essa a diferença mais evidente –, entre os ataques de berraria demorava mais tempo a recuperar o fôlego. Pousou o guardanapo e bebeu o último trago de café.

– Nesse caso, manda um beijinho meu à Kitty, mamã – disse, enquanto se levantava da cadeira, pousando por um breve instante a sua mão no ombro de Alicia. Um toque que lhe transmitia ternura e também confiança, que Alicia acolheu com um sorriso.

– Temos tanta sorte em ter os pequenos – disse ela baixinho. – Enquanto houver crianças a nascer e enquanto crescerem, o nosso mundo ainda não perdeu totalmente o tino. Não é assim?

– Sim, mamã.

Marie teria de bom grado abraçado Alicia, sentiu que ela precisaria desse consolo, mas não o ousou. Marie não estava familiarizada com a afabilidade espontânea com que Kitty e Elisabeth abraçavam os pais. No orfanato em que crescera, aprendera a lidar cuidadosamente com as suas manifestações de sentimentos, a não confiar em ninguém e a resolver tudo sozinha. Apesar

de saber que os Melzer lhe queriam muito bem, ainda não conseguira superar aquela contenção que adquirira à força.

– Vemo-nos ao almoço – despediu-se ela em tom alegre, descendo então as escadas até ao grande vestíbulo de entrada da Vila, onde Auguste e Rosa já a esperavam.

Os pequenos dentro dos dois carrinhos de rodas altas estavam bem aconchegados em macias almofadas de penas, abafados com gorros de malha e, para mais, a ama calçara-lhes ainda as minúsculas luvinhas que Kitty lhes havia tricotado.

– Deus do céu – exclamou Marie, rindo-se. – Até parece que vamos emigrar para a Sibéria.

– Achei que devíamos usar pelo menos uma vez as luvinhas tão bonitas antes de lhes ficarem pequenas – considerou Rosa, embalando o carrinho em que a pequena Dodo ia falando baixinho. Leo berrara entretanto até à exaustão, pelo que pestanejava de sono e tentava enfiar na boca um dos pequenos dedos enluvados. Não apreciou lá muito o sabor da lã tricotada, cuspiu e babou-se, até que os olhos acabaram por se fechar.

– Amanhã trazes o Maxl e a Liesel – disse Marie a Auguste. – Por onde andam eles? Há semanas que não os vejo.

Auguste fez uma vénia, satisfeita. Temera que os seus dois pequenos tivessem deixado de ser bem recebidos na Vila por agora já terem as suas próprias crianças.

– Têm estado na cozinha, minha senhora. Para não incomodar. A Liesel põe-se a correr como uma doninha, mas o Maxl é preguiçoso e é preciso carregá-lo para todo o lado.

Abriu a ampla porta de entrada da Vila e a luz dourada do sol primaveril inundou o espaço interior. Lá fora, surgia resplandecente o colorido canteiro de flores, e mesmo atrás os ramos verde-lima dos plátanos que há muito precisavam de ser podados.

– Senhora Melzer! – chamou alguém. – Minha senhora...

Else atravessou o vestíbulo a correr com uma pressa inusitada, era perfeitamente claro que algo terrível acontecera. Marie sentiu repentinamente o corpo invadido por um frio gélido. Não, pensou. Deus meu! Não permitas que... O Paul, não...

– Que se passa, Else?

A criada estacou diante de Marie, subitamente indecisa sobre se a novidade seria realmente tão importante a ponto de incomodar a jovem senhora Melzer quando se preparava para sair com as crianças.

– Uma notícia terrível, minha senhora. Veio cá uma mulher a dizer que a mãe da Hanna morreu...

Era injusto sentir-se aliviada, mas assim eram as coisas. Marie conhecia a mãe de Hanna, antigamente trabalhara na fábrica, mas fora entretanto despedida. A pobre Hanna fora constantemente obrigada a entregar à mãe alcoólica todo o salário que ganhava arduamente. Todavia, apesar de tudo, a rapariga nunca perdera a afeição pela mãe.

– Jesus Cristo – disse Marie. – Como aconteceu?

– Ninguém sabe, minha senhora. Ao que parece, matou-a o álcool...

Fez clara menção de ainda acrescentar algo, mas calou-se, provavelmente por lhe ocorrer que não se devia dizer mal dos mortos.

– A Hanna está agora sentada na cozinha a chorar. Porque a mulher disse que ela deveria tratar da morta, que não podia ficar ali assim estendida...

Marie fez sinal a Auguste. Acabara de decidir que o primeiro passeio dos seus filhos se daria sem a mãe. Hanna era agora mais importante. Desde o acidente na fábrica, Marie tomara a rapariga ao seu cuidado, arranjava-lhe trabalho na Vila dos Tecidos e, apesar de todas as queixas acerca da falta de jeito de Hanna, mantivera-se sempre a seu lado. E também a iria ajudar naquela situação tão difícil.

– É melhor puxar para cima a capota do carrinho – disse ela a Auguste. – Parece-me sentir um vento fresco.

Correu então com Else até à cozinha. A cozinha e a área de serviço eram na verdade vedadas aos patrões, eram os domínios dos criados. Mas a própria Marie trabalhara ali em tempos, conhecia bem o espaço e não hesitou em entrar.

– Hanna! Pobre rapariga. Mas que notícia tão triste!

Hanna estava sentada no banquinho junto ao fogão da cozinha e deixava-se consolar pela cozinheira. Quando ouviu a voz da jovem senhora Melzer, levantou a cabeça e sorriu entre as lágrimas.

– Marie! – disse ela, levando depois, assustada, a mão à boca. – Perdão... Minha senhora, queria eu dizer. Peço desculpa, estou muito baralhada.

Marie assentiu na direção da cozinheira Brunnenmayer e correu para Hanna para a abraçar. Como era estranho ser-lhe tão fácil abraçar com força

aquela pobre rapariga e no entanto ser tão contida com Alicia.

– Ela... disse... Ela disse – soluçou Hanna, fungando em alto e bom som – que eu tenho... que eu tenho de a mandar buscar...

Marie afagou-lhe as costas e ficou aliviada quando a cozinheira lhe trouxe um lenço, já que não tinha nenhum consigo.

– Assoa-te, Hanna... Isso... E agora diz-me onde mora a tua mãe.

– No bairro do Proviantbach...

– Muito bem. Então vamos já lá juntas. Vai buscar o teu casaco e calça sapatos fechados.

A cozinheira comentou em tom resmungão que também teria ido com Hanna, mas que tinha de preparar o almoço. E se a senhora ia agora com Hanna ao Proviantbach, Else teria de ajudar na cozinha. Porque tinham arranjado cebolas e cenouras e Hanna ainda não descascara as batatas.

– Diz à Else que lhe peço a sua ajuda. É verdade que não é tarefa dela, mas surgiram circunstâncias imprevistas...

O bairro do Proviantbach não ficava longe da fábrica de tecidos Melzer. Na pequena povoação haviam sido construídas casas para serem arrendadas pelos trabalhadores das fábricas de têxteis, caixotes sem adornos, de janelas pequenas. As casas eram acanhadas e constituídas na sua maioria por apenas dois quartos, embora estivessem equipadas com tudo o que era necessário: casa de banho, fornos, banheira, cozinha. Johann Melzer acrescentara alguns edifícios ao bairro que já ali existia, onde proporcionava aos seus trabalhadores casas adequadas e a preços acessíveis. Antes da guerra, até se haviam ali instalado alguns negócios, uma padaria, uma leitaria e um talho, onde os habitantes podiam fazer as suas compras, além de que as fábricas financiavam infantários e banhos públicos. Contudo, as casas estavam associadas às fábricas e só eram arrendadas aos operários, por isso Marie admirou-se por a mãe de Hanna ainda aí residir. Não fora despedida? Mas a verdade é que esse era um destino que entretanto afetara quase todos os operários das fábricas de têxteis, por isso talvez já ninguém perguntasse quem podia legitimamente viver naquele bairro.

Enquanto atravessavam o jardim da Vila dos Tecidos, Marie viu Auguste e Rosa por entre as árvores, passeavam por um dos trilhos de areia, empurravam os carrinhos de bebé de um lado para o outro e iam conversando. Pelo menos sempre se entendem, pensou Marie.

Hanna falava entretanto da mulher que logo de manhã cedo viera à cozinha da Vila dos Tecidos. Era vizinha da mãe, Hanna conhecia-a bem, pois aparecia em casa da mãe sempre que percebia que havia uma reserva de aguardente ou cerveja. Bebiam então as duas juntas e divertiam-se.

– Ela disse coisas tão horríveis, a senhora Schuster. As coisas que a Else e a senhora Brunnenmayer devem estar agora a pensar de mim! Que eu não tinha cuidado da minha mãe e que a deixei a morrer na solidão. Mas ainda anteontem lhe dei cinco marcos. Era tudo o que eu tinha e ela prometeu-me que os usaria para comprar comida e não apenas cerveja.

Marie tentou sossegar a rapariga. O que quer que tivesse acontecido, ela, Hanna, não poderia ter feito nada. Era triste, mas a mãe estava doente, e por isso sentira sempre a necessidade de beber. Ninguém a podia ajudar...

– Eu não lhe devia ter dado o dinheiro – disse Hanna, que estava totalmente perdida e confusa. – De certeza que ela usou o estúpido daquele dinheiro para comprar uma garrafa inteira de aguardente. A cerveja nunca lhe caía mal. Mas a aguardente, essa, era a sua inimiga. Ela própria o dizia. Ah, se ao menos eu lhe tivesse dado só um marco ou cinquenta *pfennig*, talvez pudesse ainda estar viva.

Marie conhecia o bairro pobre de Augsburg, em que a fome, a criminalidade e a prostituição faziam parte do dia a dia. Mas não era assim nos bairros de operários nos arrabaldes da cidade. Quem aí conseguisse uma casa podia sair-se bem, pois aí reinava a ordem e uma vida modesta. Como era possível que a mãe de Hanna tivesse sucumbido ao álcool? Tanto quanto sabia, havia controlos rigorosos – nos bairros dos operários não eram tolerados maridos que batiam nas mulheres, bêbedos ou socialistas.

Todavia, à medida que iam caminhando por entre os cinzentos blocos de casas, Marie compreendeu que também ali muito havia mudado. Mulheres de várias idades, que àquela hora estariam a trabalhar na fábrica, passavam o dia paradas nas ruas, a tagarelar ou a discutir. Nos pequenos jardins dos operários despontavam já ervas de cheiro e as primeiras verduras, aqui e ali via-se uma mulher a tirar ervas daninhas. Antigamente não tinham galinhas? Agora não havia nenhuma à vista. Crianças de roupas rasgadas e sujas gritavam e choravam, brincavam nas poças de água, e no meio delas corria um cão castanho emaciado, que não era evidentemente alimentado por ninguém. Na entrada de uma casa haviam-se juntado rapazes e

raparigas, olharam timidamente para a jovem bem vestida, a seu lado a filha da tecelã.

Que idade teriam aqueles rapazes? Dezasseis? Com dezassete tornar-se-iam soldados e havia sempre alguns que o aguardavam com alegre expectativa...

– É aqui, minha senhora.

Hanna parara diante de uma das casas cinzentas, alternando hesitantemente o peso de uma perna para a outra.

– Quer mesmo entrar, minha senhora? É muito... lá dentro é muito feio. Antigamente, quando os meus irmãos ainda cá estavam, a minha mãe mantinha tudo limpo, até ainda havia camas. Mas agora...

– Não sou sensível, Hanna. Vamos.

Desde logo no estreito corredor do piso térreo foram atingidas por um odor penetrante ao fumo dos fornos. Subiram as escadas; no primeiro andar, a porta de um dos apartamentos estava entreaberta, pela frecha via-se um velho sentado a uma mesa, a comer uma sopa avidamente. Quando passaram, o velho começou a tossir e uma mulher veio ao seu encontro para lhe tirar a sopa e a colher.

– Até que enfim que chegaste – exclamou a mulher na direção de Hanna. – De certeza que já está assim lá em cima desde ontem e ninguém sabia. Trata de a tirar finalmente daqui para fora, não é forma de se estar!

– Não se preocupe, nós tratamos de tudo – respondeu Marie.

Subiram mais umas escadas, mais estreitas do que as de baixo, e ao que parecia já ninguém ali fazia limpezas há muito tempo. A mãe de Hanna vivia num dos quatro pequenos apartamentos de dois quartos que ficavam no piso superior da casa, no sótão.

– Hanna, minha pequenina!

Quando ouviram a estridente voz feminina, Marie e Hanna, com o susto, pararam a meio das escadas.

– Sobe, pequenina. Não tenhas medo, isto aqui em cima é divertido. Dez mil diabinhos vermelhos escondem-se entre as tábuas e riem-se para nós.

– É a sapateira – sussurrou Hanna, apreensiva. – Voltou a beber.

Marie pôde apenas presumir que a vizinha se servira das reservas da mãe de Hanna. Como era terrível tudo aquilo. Uma morrera por causa do álcool e a outra não tinha mais nada que fazer do que se embebedar. Pegou na mão de Hanna e subiu corajosamente os últimos degraus. Na luz difusa do

corredor, discerniam a sapateira apenas a custo, via-se o seu cabelo hirsuto e solto, a mão que segurava uma garrafa, o xaile que lhe escorregava pelos ombros abaixo. Pior ainda era o cheiro a roupa bafienta e aguardente barata.

– Trouxeste uma senhora contigo? – grasnou a sapateira, oscilando tanto que Marie chegou a temer que lhe cairia aos pés. – Uma senhora fina... da Vila... dos Tecidos. Bebe um golinho, Hanna, minha pequenina. É da tua mãe. Ela... já não precisa... Bebeu tudo até ao fim... Bebeu tudo... Agora já tem que chegue.

Por momentos, ocorreu a Marie que tudo aquilo só podia ser um ridículo engano. Se calhar a mãe de Hanna só estava a passar pelas brasas e aquela louca, a sapateira, no meio da bebedeira, acreditara que estava morta. Mas então a mulher cambaleou alguns passos para o lado e bateu com o pé contra uma porta. Esta abriu-se com um rangido, enquanto a sapateira procurava apoio na ombreira de madeira para não cair.

– Está ali – disse ela entre risinhos. – Está ali desde ontem à noite e não quer acordar. Demasiada aguardente, é o que digo. Demasiada aguardente...

Levou a garrafa à boca e bebeu um longo trago, mas então as pernas falharam-lhe e ela escorregou lentamente até ao sobrado. Aí ficou sentada, com o corpo torcido, a garrafa sempre firmemente na mão, os olhos fixados na semipenumbra, como se aí vislumbrasse algo absolutamente maravilhoso.

Marie e Hanna tiveram de passar por cima dela para aceder à casa da mãe de Hanna. Não havia ali muito para ver. Meia dúzia de trapos espalhados pelo chão despido e, ao lado da pequena salamandra, os restos de uma cadeira que alguém despedaçara, provavelmente para usar como lenha.

A mãe de Hanna jazia no minúsculo quarto ao lado, que era mais uma gaiola do que um quarto. A luz entrava, escassa, pela pequena janelinha. Não havia uma cama, tivera provavelmente o mesmo destino de todos os outros móveis. O corpo sem vida estava deitado sobre uma velha colcha, de lado, os braços pousados sobre a barriga. Olhando-lhe o rosto amarelo-cera e o nariz adunco, não restavam dúvidas de que Grete Weber morrera naquela noite.

Marie envolveu os ombros de Hanna com o braço e fez menção de a puxar para si, mas a rapariga estava rígida e petrificada, os olhos pousados na morta, como se não conseguisse acreditar no que tinha diante de si.

– A tua mãe já está muito longe daqui, Hanna – disse Marie baixinho. – O que estás a ver agora é apenas a casca que ela deixou para trás. Mas a alma dela é pura e boa, com essa alma ela amou-te sempre e aos teus irmãos. E essa alma imortal da tua mãe está a caminho dos céus.

Hanna manteve-se imóvel. Desesperada, Marie matutava o que ainda lhe poderia dizer para tornar mais suportável a visão da morta. Mas não foi necessário.

– Temos... temos de a dispor como deve ser – murmurou Hanna. – Tem de ficar deitada de costas, com as mãos postas. Não é assim?

– Sim, vamos fazer isso, Hanna.

Marie teve de se socorrer de algum espírito de sacrifício para se aproximar da morta e lhe tocar. Hanna, pelo contrário, não parecia nada intimidada, pousou as mãos da mãe uma na outra, penteou-lhe o cabelo desalinhado e fechou-lhe os olhos. Fez tudo com um cuidado e uma atenção que de outro modo raramente dedicava a qualquer outra tarefa.

– Vou contactar uma funerária, Hanna – disse Marie. – A tua mãe deve ter direito a um caixão e a um lugar no cemitério.

Hanna assentiu, provavelmente não tinha ideia de que essas coisas custavam dinheiro, algo que ela não teria condições de pagar. Mas Marie lembrou-se da sua própria mãe, a quem fora concedida apenas uma sepultura para pobres, e estava determinada a poupar a Hanna esse desgosto.

Quando saíram da casa, trancaram a porta e Marie guardou a chave. No corredor, a sapateira jazia ainda no chão, de costas apoiadas à ombreira, a cabeça afundada contra o peito. Dormia, a mão direita agarrava ainda firmemente a garrafa de aguardente. Na casa de baixo, uma criança chorava, ouviu-se a voz irada de uma mulher de mais idade, um objeto duro embateu com estrondo contra a parede.

Lá fora, o céu fechara-se, um vento fresco varria as ruelas do bairro e encrespava a água das poças. Fizera-se meio-dia, aqui e ali cheirava-se o aroma de sopa de batata, enriquecida com couves-nabiças, as crianças haviam desaparecido, apenas o cão castanho ainda se estendia diante de uma entrada, roendo um pau. Marie e Hanna sentiram pressa em voltar a sair do bairro.

Se aqui já é tudo tão miserável, pensou Marie, angustiada, como será então nos bairros pobres da cidade? Certo, havia a sopa dos pobres oferecida

pela Igreja, e as associações de mulheres patrióticas também distribuía comida. Todavia, na sua última visita à Vila, o pastor Leutwien dissera que as doenças e as epidemias ceifavam muitas vidas. Ficavam tão debilitados pela fome e pelo frio que os idosos e as crianças morriam de uma simples constipação.

Quando passaram pela fábrica de tecidos Melzer, soou a sirene do almoço. Marie sentiu-se irritada, pois sabia que se laborava apenas num único pavilhão. Trabalhava aí um punhado de mulheres a limpar cartuchos de balas para que pudessem ser novamente enchidos. Era evidente que Johann Melzer não tomara até então nenhuma medida no sentido de iniciar o fabrico de têxteis à base de papel. Paul concebera os seus esquemas em vão – o pai não estava disposto a sacrificar os seus princípios. Na fábrica de tecidos Melzer não se produziam sucedâneos, aí trabalhava-se unicamente algodão e lã de qualidade. Ou então nada.

– É verdade que a alma da minha mãe vai para o céu? – perguntou Hanna.

– Tenho a certeza de que assim é – declarou Marie com astúcia.

– E ela consegue ver-me de lá de cima?

Marie sentiu-se um pouco incomodada com a rapariga a olhá-la com os seus olhos grandes e confiantes. Que devia ela dizer? Hanna tinha quinze anos, já não era uma criança.

– Ninguém sabe ao certo, Hanna. Mas, se acreditares com todas as tuas forças, então seguramente é verdade.

Hanna anuiu e olhou pensativamente para o céu, onde o vento empurrava nuvens brancas e cinzentas.

– Não sei se quero que isso aconteça sempre – disse, franzindo a testa. – Mas de vez em quando... para que não me esqueça completamente.

Nunca em toda a sua vida Alicia ousara comunicar ao marido uma decisão perentória. Todavia, hoje, num maravilhoso dia de maio, com o jardim e os caminhos banhados de uma luz verde-lima, foi o dia em que o fez. Basta, era o que o seu semblante parecia transmitir. Ela era uma Von Maydorn, descendia de uma família nobre, cujos filhos haviam servido gloriosamente o império como oficiais.

– Estou determinada, Johann.

Enraivecido, Melzer atirara o jornal matutino para o chão quando ela lhe viera de novo com aquela ideia disparatada logo no início do pequeno-almoço. Não, não e de uma vez por todas não. Não queria hospital nenhum na sua casa. As senhoras da Vila dos Tecidos – a mulher e a filha – tinham de fazer o favor de aceitar. Todavia, quando se levantou precipitadamente da cadeira depois de lançar esta sentença, fazendo menção de sair da sala de jantar, Alicia interpôs-se. Inacreditável. Barrou-lhe o caminho para a porta! Teria de a empurrar para o lado se quisesse sair.

– Mas que é isto, Alicia? Queres fazer uma cena indigna diante dos criados? Achas que vale a pena?

Ele permaneceu parado à frente dela, meio furioso, meio inseguro, sem no entanto ousar passar por ela ou sequer tocar-lhe.

– Cabe-te unicamente a ti decidir se vamos ter uma cena ou não, Johann. Da minha parte, estou inteiramente tranquila – disse ela, de cabeça bem erguida, denunciando-a apenas o ligeiro tremor da voz. – A decisão está tomada, vamos instalar um hospital militar na Vila dos Tecidos. Já informei, aliás, as autoridades competentes.

Os olhos dele erraram pela sala, pousando de novo nela em seguida. Sentiu o rosto a ficar vermelho. Não podia enervar-se, dissera o médico.

– Esta é a minha casa – disse ele, sem expressão, quase sem movimentar os lábios. – O que acontece aqui dentro sou sempre eu que decido!

– Enganas-te, Johann. Esta também é a minha casa e eu sou tua esposa. E aquilo que eu estou a querer fazer é cumprir o mandamento do amor ao próximo e à humanidade. Não compreendo como é possível uma pessoa esquivar-se a este dever.

Agora, sim, ele começou a mexer-se. Ergueu os braços, levou as mãos atrás da cabeça e gemeu em alto e bom som.

– Mas será que as piedosas mulheres se uniram todas contra mim? Tu e a tua filha Elisabeth... estão as duas em conluio. Quem mais está por trás disto? Hã? Será que ainda não compreendeste? Foi o nosso magnífico genro Klaus von Hagemann quem engendrou esta ideia. Porque quer fazer-se passar por um menino bonito diante dos seus superiores, esse pobretanas ambicioso.

Alicia pestanejou, era evidente que aquela ideia era uma novidade. Mas não estava disposta a ceder. Parecia decidida a lutar pela sua causa, independentemente dos argumentos que Johann ainda arranjasse.

– Não estou aqui para discutir o assunto contigo – disse ela, baixando a voz. – Comuniquei-te a minha decisão. E, desta vez, é minha expectativa que a aceites!

Ele ainda tinha as mãos atrás da cabeça, parecia ter petrificado naquela posição ridícula. Mas que bicho lhe mordera? Porquê tanta obstinação? Aquilo raiava a rebelião. Ideias socialistas. Mulheres a marchar pela estrada e a exigir o direito de voto. Esposas que se opunham aos seus maridos, que negavam a obediência ao chefe de família...

– Se o teu filho te visse agora – rosnou ele. – Teria vergonha da própria mãe!

Era uma maldade dizer uma coisa daquelas, ele tinha plena consciência. Alicia soltou uma curta gargalhada que soou estridente e artificial.

– O Paul? – exclamou ela, continuando a rir-se. – Ele seria o primeiro a compreender. Mas está em combate e há seis semanas que não temos notícias.

– Não vais dizer que a culpa é minha, pois não, Alicia?

Ambos sabiam, ainda que nunca tivessem proferido uma palavra sobre o assunto entre si. Ele teria tido a possibilidade de trazer Paul de volta a Augsburg, para a produção de mercadorias importantes para a guerra

havia técnicos a ser dispensados do serviço militar, teria sido possível tentar. O facto de até então ele o não ter feito era difícil de suportar, não apenas para Marie, mas também para Alicia.

– Isso terás de ser tu a esclarecer, Johann! Tu e a tua consciência!

A dureza do seu tom era ofensiva, e mais, apunhalou-lhe o coração. Ele deixou cair os braços e abanou a cabeça, impotente. Que acabara de acontecer? Não bastava já que o mundo estivesse virado do avesso? Seria possível que aquela guerra funesta também entrasse pela Vila dos Tecidos adentro?

– Nesse caso, nada mais temos a dizer um ao outro. Exceto isto: proíbo-te de transformar a minha casa num hospital. Se, ainda assim, tentares, terás de contar com a minha enérgica resistência.

E agora fê-lo mesmo. Avançou dois passos na direção dela, disposto a afastá-la para o lado caso continuasse a bloquear-lhe o caminho. Mas Alicia desviou-se, deixando-o passar sem lhe criar obstáculos. Que ela, depois de ele fechar a porta atrás de si, se deixou cair numa cadeira e levou as mãos ao rosto, disse já ele não deu conta.

– Auguste!

Mas onde andava ela? Johann desceu rapidamente as escadas até ao vestíbulo de entrada e estava já decidido a ir buscar ele próprio o chapéu e a bengala quando constatou que Auguste estava mais adiante, na entrada, segurando a porta a uma visita que acabara de chegar.

Elisabeth! Logo agora. Apetecia-lhe pouco outra discussão, pegou na bengala e acenou-lhe de fugida em jeito de cumprimento.

– Papá! – chamou ela. – Que bom que ainda te apanho.

Ah, pensou ele. O segundo ataque da manhã.

– Não tenho muito tempo, Lisa. Vai ter com a mamã, ela hoje não está de grande humor.

Passou-lhe ao lado e estava já nas escadas de arenito que davam para o pátio quando ouviu os passos apressados.

– Papá! Espera um pouco. Não te vás embora.

Contrariado, ele parou, ainda agora dissera que estava com pressa. Que queria ela?

Doeu-lhe ver o seu rosto apreensivo. Pobre Lisa, sempre lhe haviam saído duques, ainda por cima casara-se com aquele nobre pobretana que visara apenas o seu dote. Afinal, a culpa era sua, ele era o pai e não devia ter deixado aquilo acontecer.

– Não me digas que discutiram, tu e a mamã.

– Isso não é preocupação tua, Lisa.

Para seu grande horror, Lisa rompeu em lágrimas. Não queria de modo nenhum causar tantos problemas, a ele e à mamã, por causa daquela desgraçada história do hospital. Fora ideia sua, tivera a esperança de poder fazer alguma coisa pelos pobres feridos de guerra.

– Mas não a qualquer preço, papá – soluçou ela. – Tenho demasiado receio por ti, tu não te podes enervar. Não, vamos esquecer esta história. Vou falar com a mamã. Nada de hospital na Vila dos Tecidos.

Ele ficou arrebatado. Não apenas por aquela explosão de lágrimas, mas também pela sua renúncia. Quando ainda por cima ela se lhe atirou ao pescoço e pressionou o rosto lacrimoso de encontro ao seu casaco, sentiu-se indizivelmente impotente e comovido.

– Vá, vá, Lisa. Não faças tanto alarido... Que vai a Auguste pensar de ti?

Ela fungou e remexeu na bolsinha, à procura de um lenço. Que coisa bizarra, no meio de tanta coisa que as mulheres carregavam dentro das suas bolsas, raramente encontravam um lenço limpo. Tirou o seu do bolso esquerdo do casaco, onde o trazia sempre, e estendeu-lho. Como antigamente, quando ela ainda era apenas uma menina.

– Toma... Limpa a cara, Lisa. Assim é que não podes apresentar-te à mamã.

– Não vão discutir, pois não? – perguntou, enquanto aplicava pancadinhas com o lenço nas faces. – Esta história tonta já lá vai, papá. De uma vez por todas.

Ele inspirou fundo para se libertar de tudo o que lhe pesava na alma.

– Não consigo compreender por que razão hei de ser rotulado como pouco cristão e traidor da pátria. Magoa-me profundamente. Não sou de todo um santo, mas também não sou um monstro – declarou.

– Oh, papá! Sabes muito bem que todos te adoramos.

As lágrimas voltaram-lhe aos olhos, iria provavelmente começar a chorar outra vez. Ele estava vencido. Elas não o iam deixar safar-se e, antes que se visse entregue diariamente àquela guerra de nervos, preferia ceder.

– Agora tenho assuntos para tratar na fábrica – resmungou ele. – Quando voltar para almoçar, vou querer ouvir exatamente quais são os vossos planos e ideias. Além do mais, conto com um relato completo sobre tudo o que tu e a mamã já fizeram neste processo.

Deixou-a ali parada e foi-se embora tão depressa quanto a sua perna doente lho permitia, em direção à saída do jardim. Elas que ficassem na dúvida, era bem feito.

Quando, depois de meia hora de caminhada, passou os portões da fábrica e cumprimentou o porteiro com o habitual «Bom dia, Gruber!», já ele planeava completamente o hospital da Vila dos Tecidos na sua cabeça. Mais tarde, à secretária, desenhou um esquema da disposição dos espaços e também onde deveriam ser instaladas divisórias artificiais. Falou ao telefone com autoridades militares e negociou camas, colchões, roupa de cama e camisas de noite para os doentes. Disseram-lhe que já quase não havia material de primeiros socorros de algodão, que estavam entretanto a usar tecidos à base de papel.

– Já ouvi dizer – rosnou ele para o auscultador e desligou.

Elisabeth ficara para almoçar, o que o deixou extremamente aliviado, já que Marie parecia pouco conversadora e o semblante de Alicia mantinha-se inalterado. Explicou que tinha dores de cabeça, comeu apenas algumas colheres de caldo de arroz e, depois da sobremesa, compota de ameixa em conserva, recolheu-se no seu quarto. Tinha-lhe no entanto deixado uma pasta em cima da secretária, no seu gabinete, na qual, além de diversas notas sobre os planos do hospital, encontrou também um formulário de requerimento: um «Questionário do Comité Regional de Cuidados Médicos Voluntários em Tempo de Guerra». Havia quinze perguntas a responder, que diziam respeito à acessibilidade do hospital previsto, ao edifício, às acomodações, aos médicos, aos enfermeiros e às instalações.

– Vai-se a ver e, no fim, até podem não querer nada com a Vila dos Tecidos – matutou.

Mas Elisabeth já andara a apalpar terreno. Um novo hospital, apesar de pequeno, sob a alçada da associação de beneficência, seria mais do que bem-vindo pelas autoridades militares locais. Sobretudo o jardim da Vila dos Tecidos proporcionaria aos doentes em recuperação a possibilidade de fazerem passeios num ambiente tranquilo e ao ar livre. Fora por isso

também sugerido que fossem aqui internados os casos que já estivessem em vias de recuperação.

Melzer anuiu, satisfeito. Assim até parecia aceitável. Preferia muito mais os recuperados do que os recém-feridos ou os casos sem esperança. Era ridículo, mas a verdade é que não podia ver sangue e também não queria ouvir os gritos dos moribundos.

Passados dois dias, apareceu na Vila dos Tecidos o velho marceneiro Gottfried Waser com os seus dois aprendizes, a fim de tirar medidas para as divisórias do vestíbulo. Criou-se uma antecâmara com várias portas em torno das grandes portas de entrada, para que quem viesse do pátio não tropeçasse imediatamente na enfermaria. Esta ocupava quase toda a zona posterior do vestíbulo de entrada e era iluminada pela ampla porta que dava para o terraço e as suas muitas vidraças. No verão, podiam abrir-se as portas e puxar algumas camas para o terraço. A lavandaria foi equipada como sala de tratamentos, outras três áreas de serviço foram convertidas em quartos individuais para oficiais. Dado que os donos da casa deixavam de poder aceder ao primeiro andar através do vestíbulo, teriam de usar as escadas de acesso ao jardim de inverno para entrar na Vila vindos do jardim.

Alicia abandonara a sua postura rígida passados alguns dias. Parecia outra, tratava do mobiliário dos três quartos para oficiais, negociava com a cozinheira, que não estava nada satisfeita com o acréscimo de trabalho, e, entre as muitas jovens que se haviam oferecido como ajudantes voluntárias, escolhia aquelas que lhe pareciam aptas para aquela tarefa. Elisabeth ficou com a gestão do pessoal de enfermagem, já havia conferenciado com o doutor Greiner, que numa primeira fase assumiria sozinho o acompanhamento dos doentes. Posteriormente seria coadjuvado por um jovem médico do exército.

Durante dias a fio, no piso térreo da Vila ouviram-se martelos e serras, imprecações e lamúrias, limpou-se, esfregou-se e poliu-se com panos húmidos. Auguste, Hanna e Else arrastaram mesas de cabeceira, cadeiras e cómodas para os quatinhos dos oficiais, estenderam tapetes, instalaram cortinados. Foram entregues e montadas camas, vinte eram provenientes

dos *stocks* militares, as restantes trinta haviam sido adquiridas por Melzer. Chegaram donativos, as senhoras da associação de beneficência trouxeram roupa de cama e camisas de noite, toalhas de mãos, tinas e bacios de esmalte. O mais dispendioso foi a instalação de uma área de lavagens com vários lavatórios e uma sanita separada.

– Deus do céu, o que vocês fizeram do nosso lindo vestíbulo! – exclamou Kitty quando Elisabeth, orgulhosa, lhe fez uma visita guiada pelas instalações já prontas. – Está com um aspeto horrível. Como um orfanato. E estas camas de grades. Os pobres rapazes também vão ser aqui acorrentados?

– Só dizes disparates, Kitty!

Apesar de Elisabeth conhecer a irmã de ginjeira, não conseguia deixar de se sentir ofendida com tantas críticas injustas, depois de tanto esforço.

– Oh, foi só uma ideia – considerou Kitty, encolhendo os ombros, passando a mão pelo metal pintado de branco de uma das camas. – Porque se ouve dizer que alguns perderam o juízo. Põem-se a correr por aí, arrancam a roupa do corpo e abanam as orelhas.

– Estava com a esperança de poderes contribuir com algo mais sensato para o nosso projeto – retorquiu Elisabeth, agastada. – Por exemplo, um donativo em dinheiro. Ou nestes casos tens de perguntar primeiro aos teus sogros?

– Oh, não – disse Kitty, sorrindo. – No meu cofre, que tu tão bem conheces, tenho sempre certos montantes de que posso dispor como bem entender. E que tem a Marie a dizer sobre toda esta barafunda? Deve ser extremamente desagradável carregar os pequenos pelas estreitas escadas do jardim de inverno quando quer sair com eles. Oh, Lisa! Sabes que a minha pequena Henni hoje se riu outra vez? Ela é tão querida quando se ri que o avô está perfeitamente embevecido com ela. De certeza que já nem te conhece... afinal de contas, tu agora só te ocupas do maldito hospital.

– Muito obrigada, Kitty. Tens um enorme talento para me estragar completamente o bom humor.

Kitty soltou um risinho tolo e disse a Lisa que não ficasse assim. Além do mais, trazia uma boa notícia.

– A Tilly quer muito tratar de soldados doentes. Achas que vocês podiam dar-lhe uma oportunidade? Ela é uma querida, um pouco ingénua, bastante desastrada, mas uma querida.

– Acho que dará para organizar isso. Manda-a falar com a mamã, é ela que está a tratar disso.

Duas semanas depois – já se entrara no mês de junho –, um emissário do Ministério da Guerra veio inspecionar o hospital. Censurou a dificuldade em aquecer a enfermaria no inverno, exigiu a aquisição de doze aventais brancos, e também toucas, para as ajudantes de enfermagem e perguntou à cozinheira se saberia confeccionar comida de dieta para os doentes. Fanny Brunnenmayer retesou-se e replicou que, considerando a atual escassez de alimentos, há meses que não fazia outra coisa. Ao que o emissário disse que ela era uma «mulher determinada» e autorizou que o «hospital de reserva» entrasse imediatamente ao serviço.

Os primeiros doentes foram trazidos num camião militar: dois soldados afetados pela inalação de gás tóxico e ainda um tenente e um sargento com disenteria e mais cinco oficiais com ferimentos de bala em várias partes do corpo. O hospital entrou em atividade e encheu o piso térreo da Vila dos Tecidos com uma azáfama inusitadamente animada. Nada funcionou como Elisabeth e Alicia haviam esperado. As enfermeiras auxiliares, na sua maioria, revelaram-se incapazes, o médico precisava de medicamentos que não existiam, faltavam armários para os pertences pessoais dos doentes e, sobretudo, uma só sanita para tantas pessoas revelou-se muito, muito pouco. Os doentes também criavam dificuldades, nem todos se demonstravam gratos pelos cuidados que recebiam a título de voluntariado. Os senhores oficiais lutavam pelos quartos individuais; dois deles, quase recuperados, fumavam e bebiam bebidas espirituosas que recebiam de pais preocupados. Depois de três dias caóticos, Elisabeth convocou uma reunião de crise na sala de jantar, na qual também participaram o doutor Greiner e Tilly Bräuer, a única ajudante de enfermagem que restou. A irmã mais nova de Alfons Bräuer, para surpresa de Elisabeth, revelara-se uma ajudante capaz. À semelhança do irmão, por fora parecia sempre algo desajeitada e tímida, mas, diante de uma tarefa a cumprir, via-se que tinha mãos hábeis e uma mente clara.

O doutor Greiner parecia cansado e extremamente insatisfeito, dera a entender que se queria retirar, que estaria demasiado velho para aquela tarefa. Agora, de semblante carrancudo, começou a ler do seu caderno de apontamentos o que, na sua opinião, era preciso mudar imediata e imprescindivelmente. O maior desafio para o seu sistema nervoso eram

sobretudo as jovens senhoras que, como galinhas espantadas, se punham a esvoaçar pela enfermaria e tinham ataques de histeria ao ver um homem nu – pouco se podia fazer com ajudantes assim. Faziam falta mulheres experientes, com bases sólidas, que conseguissem agarrar as situações com ambas as mãos. Faltava uma organização razoável das tarefas de rotina, como lavar os doentes, esvaziar arrastadeiras, trocar ligaduras e roupa de cama, dar de comer, limpar o chão e assim por diante. Faltava ainda uma pessoa que impusesse o respeito, que pudesse dar uma descompostura àqueles tenentes empertigados. Em seguida, era imprescindível adquirir: éter, álcool puro, comprimidos de carvão, ligaduras, tesouras boas, pinças, diversos instrumentos cirúrgicos...

Alicia ouviu a lista com atenção e, aqui e ali, fazia uma observação de confirmação, enquanto Elisabeth e Tilly sussurravam baixinho.

– Diz-lhe, pedimos de todo o coração. Precisamos mesmo dela.

Quando Tilly se levantou para sair, o médico, irritado, levantou os olhos dos seus apontamentos.

– Se as senhoras não estão interessadas na minha exposição, então peço autorização para me retirar. Sou um homem já de idade e entrego de bom grado este trabalho a outro mais jovem...

– Mas não, por favor, senhor doutor. Preparámos alguma coisa para comer.

– Bom, nesse caso...

Tilly apareceu com um sorriso confrangido. Atrás dela, Marie entrou na sala de jantar. Trazia o semblante, como sempre, controlado, mas quem a conhecia melhor percebia a má vontade com que acedia ao pedido de Tilly para participar na reunião.

– Esperamos não te estar a maçar demasiado, Marie.

– Não tem problema, mamã. Boa noite, senhor doutor. Admiro o seu extraordinário empenho.

O doutor Greiner sorriu, lisonjeado, e quando depois Else surgiu com uma bandeja de sanduíches e uma garrafa de vinho tinto, o ambiente animou-se ainda mais. Afinal de contas, todos estavam avidamente a esforçar-se por servir a pátria, uma iniciativa abençoada em tempos tão difíceis. Era apenas

preciso superar alguns impedimentos organizativos extremamente desagradáveis.

Marie percebeu a expectativa nos olhos de Tilly e compreendeu que a haviam mandado buscar porque a questão do hospital se encontrava claramente a passar por uma situação de crise. Na verdade, servia de lição a Alicia e Elisabeth, já que haviam abordado todo o processo de forma muito ingénua e agora surgiam dificuldades. Marie suspirou baixinho, não lhe restava outra hipótese senão dar o seu contributo útil.

– Bom – dirigiu-se ela com simpatia ao doutor Greiner, erguendo o copo na sua direção para lhe fazer um brinde. – Imagino que muito em breve contará com a ajuda do seu jovem colega.

– É essa também a minha esperança – disse ele, levando o copo aos lábios.
– A minha modesta pessoa está a sentir-se irremediavelmente ultrapassada no desempenho desta tarefa!

Alicia e Elisabeth sustiveram a respiração.

– Meu caro e respeitado amigo – disse Marie. – Sabemos todos como é difícil esta tarefa que recai sobre os seus ombros. Acredite, nos últimos dias tem sido objeto da minha admiração. E precisamente por isso, meu caro doutor, peço-lhe de coração que não nos abandone nesta missão.

– Eu disse isso? – resmungou ele. – Quis apenas salientar que as coisas assim não podem continuar.

– Vamos então juntos conversar sobre o que é preciso fazer. Será preciso muito para não conseguirmos organizar um hospital funcional na Vila dos Tecidos!

– Esplêndido, minhas senhoras! – exclamou ele e bebeu um bom trago do copo de vinho. – Realmente esplêndido. Vamos então ouvir as vossas sugestões.

Chegaram a acordo de que a seleção das novas enfermeiras a empregar deveria ter em atenção que as jovens tivessem já experiência prática e uma certa firmeza de carácter. Dever-se-ia dar preferência a mulheres casadas. Até se conseguir angariar pessoal suficiente, a própria Marie ajudaria algumas horas e além disso ela considerava que Hanna seria uma pessoa apta a desempenhar esta tarefa.

– Será melhor não pedir à Else – considerou Elisabeth, que também desejava colocar-se à disposição.

– À Else? Oh, não – disse Alicia. – Nesse caso, antes à Auguste.

– Proponho ainda solicitar à menina Schmalzler que regresse à Vila dos Tecidos – disse Marie. – Penso que tem autoridade suficiente para proibir até um major de fumar na enfermaria.

– Bravo! – concordou Elisabeth, e o médico observou que, na sua opinião, a menina Schmalzler conseguiria tirar um copo de uísque da mão até de um general.

– A Eleonore Schmalzler é uma boa ideia – concordou Alicia. – Além de que ela já me pediu várias vezes para regressar. E tenho de admitir que lhe sinto a falta.

Apenas Tilly abanava a cabeça, dizendo que Kitty ficaria muito infeliz. Se a menina Schmalzler deixasse de orientar as tropas, na Frauentorstrasse instalar-se-ia o caos.

– Bom – considerou Alicia com uma leve hesitação –, será seguramente por culpa da minha educação que a Kitty ainda não aprendeu a gerir uma casa. Vou ajudá-la a contratar uma governanta adequada.

Seguidamente, debateram a aquisição de algumas cadeiras de rodas e Elisabeth pretendia pedir uma maca no hospital geral. Alicia prometeu encaminhar a lista de medicamentos e instrumentos em falta para o médico do exército interino, as coisas mais importantes Else iria comprar na farmácia logo no dia seguinte.

– Minhas senhoras!

O médico ergueu o copo e olhou satisfeito para o grupo através das lentes dos óculos.

– Quero agradecer-lhes de todo o coração este serão tão agradável. Penso que demos um passo importante no sentido de levarmos a bom porto a missão a que nos propusemos. Também nós serviremos a nossa amada pátria com força e coragem e trataremos de aliviar as dores que a defesa da nação exige aos nossos bravos soldados.

A última frase do discurso saíra um pouco patética, pensou Marie. Mas não fizeram caso e beberam em silêncio, de rostos sérios. O médico despediu-se e lamentou apenas não poder levar a casa a menina Bräuer e a jovem senhora Von Hagemann, tanto mais que, como médico, tinha à sua disposição um automóvel operacional. Mas Elisabeth e Tilly estavam escaladas para o turno noturno no hospital, pelo que o acompanharam somente até ao piso térreo e, daí, dirigiram-se para a cozinha, que servia também de sala de repouso das enfermeiras.

Alicia estava de boa disposição quando subiu com Marie as escadas até ao segundo andar. Estava muito contente por aquele serão ter corrido tão bem. Chegara efetivamente a temer que o médico se escusasse. Tudo se teria desmoronado. Mas agora era possível encarar um futuro com esperança. Ah, e sabia muito bem a quem devia estar grata por isso.

– Tenho a melhor nora do mundo – disse ela a sorrir, abraçando Marie.

Augsburgo, 5 de maio de 1916

Paul, meu querido Paul,

Estamos sem notícias tuas há semanas. Onde quer que estejas, trago-te sempre no pensamento. Não te abandono e sei que, enquanto eu te enviar toda a minha força e toda a minha saudade, um espírito bom pairará à tua volta e proteger-te-á.

É tudo o que posso fazer, se calhar é infinitamente muito, mas se calhar também é miseravelmente pouco. Sou uma mulher, não posso saltar para um cavalo e cavalgar rumo à França para te procurar. Não me posso agachar nas trincheiras a ver se te encontro e, infelizmente, também não aprendi a pilotar um avião. Oh, como odeio ter de ficar assim sem fazer nada. Só esperar e esperar e ter esperança. Manter a postura, pôr um rosto feliz e sobretudo consolar a mamã. O papá fecha-se cada vez mais em si mesmo, não fala sobre as suas angústias.

Envio-te aqui dois desenhos que mostram os nossos dois pequeninos. Como são queridos a dormir abençoadamente com um sorriso no rosto. Ninguém suspeitaria que aquele duo também consegue dar os melhores concertos de berraria. Ah, tenho tanta pena de que não possas assistir a tudo isto. A cada dia, a cada hora, eles aprendem coisas novas, riem-se e querem agarrar pecinhas coloridas, já podem comer um pouco de papa e – que maravilha – por vezes já vou conseguindo dormir noites inteiras, sem que nenhum dos dois doces pestinhas me acorde.

Meu amado Paul, mantenho a esperança de te poder chamar em breve de volta para casa. Não, ainda não desisti desta minha ideia. Entretanto, todavia, pretendo cumprir fielmente a minha função de mãe e nora, e espero também que, num futuro próximo, possa apoiar o papá na fábrica. Que o Senhor nos envie os seus anjos, meu amor. Os meus pensamentos adiantam-se-lhes, estou contigo, agora e para sempre.

Amo-te.

MARIE

– Se eu tivesse imaginado – disse a ama de leite, mergulhando a colher na sopa –, não teria aceitado de modo nenhum este trabalho.

As criadas estavam sentadas na cozinha a almoçar, havia a obrigatória sopa de batata, que agora era enriquecida com cebolinho e salsa do jardim. Quem tivesse a sorte de apanhar um pedacinho de carne de vitela engolia-o rapidamente para não despertar a inveja dos outros.

– Já se estava a contar – disse Auguste. – Já há muito se falava de um hospital militar na Vila dos Tecidos. Mas o que podemos fazer? Os patrões decidem e nós temos de nos conformar.

Else mastigava com prazer o pão que antes mergulhara na sopa. Cada uma desenvolvera o seu método de saciar a muita fome com muito pouco. Auguste comia primeiro a sopa e o pão no fim, Hanna partia-o em pedaços e mergulhava-os na sopa e Rosa enfiava a fatia de pão no bolso do avental, para comer mais tarde.

– Dois dos doentes têm disenteria – disse Rosa, enervada. – Quem sabe se não trazem ainda alguns com tifo ou pneumonia. E numa casa onde vivem duas crianças pequenas. Eu lavo daqui as minhas mãos. Já o disse à senhora. Se as crianças forem contagiadas e morrerem, não posso fazer nada para o evitar.

– Se calhar o melhor era lavar as mãos com sabão – observou Hanna. – Todas devemos fazê-lo. O senhor doutor Moebius ordenou-o. Ele é muito rigoroso connosco.

Auguste soltou um risinho tolo e limpou o prato da sopa com o pão.

– É rigoroso, diz ela. Por mim, o doutor Moebius pode ser rigoroso à vontade. Tem um sorriso tão radioso.

– Agrada-te, é? – perguntou Else, e enrubesceu.

– Porque não? – retorquiu Auguste candidamente. – É um rapaz bonito. E ainda por cima jovem, tendo em conta que por aqui agora só se veem velhos e estropiados...

– Faz-te falta alguma coisa? – perguntou Rosa com um sorriso malicioso.

Else ficou ainda mais vermelha e baixou a cabeça, enquanto Hanna se limitou a franzir a testa. Aquela Rosa era muito atrevida, mas Auguste merecera a resposta. Com exceção da senhora Brunnenmayer, até aí mais ninguém lhe conseguira fazer frente.

Hanna não o conseguia de todo, não tinha o dom da palavra para tanto.

– Com certeza que me faz falta alguma coisa – opinou Auguste, pestanejando hostilmente na direção de Rosa. – O meu Gustav, esse, faz-me falta. Penso nele dia e noite.

– E entretanto fazes olhinhos ao doutor Moebius, é isso? – replicou Rosa.
– Eu ontem vi como tu suspiravas por ele.

– Pois, inacreditável – opinou Else, com ciúmes.

Auguste endireitou-se no banco e cruzou os braços diante do seu viçoso peito. A suspirar! Como é que a menina Knickbein tivera sequer a ideia de pensar tal coisa?

– Vi-vos no terraço, lá de cima, do jardim de inverno. Estavas ao lado do doutor Moebius e comeste-o com os olhos.

– E depois? – perguntou Auguste, erguendo os ombros. – A patroa encarregou-me de levar café aos senhores médicos. E então perguntei se o doutor Moebius toma o café com açúcar e leite ou se o bebe escuro.

Rosa e Else riram-se, descrentes, enquanto a cozinheira ia murmurando de mau humor que aquilo ali mais parecia uma capoeira com as galinhas a lutarem pelo galo.

– E que fazes tu parada à janela do jardim de inverno? A espreitar os outros em vez de fazeres o teu trabalho.

– Silêncio! – sibilou a cozinheira e apontou para a porta que dava para as salas adjacentes e, depois, para o vestíbulo. – Vem aí a menina Schmalzler.

Auguste engoliu o que ainda pretendia dizer e também Rosa se calou para não virar a governanta contra si. A menina Schmalzler já rondava os setenta anos e trabalhava na Vila dos Tecidos há mais de quarenta. A sua autoridade assentava num profundo conhecimento do ser humano e no esforço por ser justa. Até Rosa, que estava convicta de ter uma posição especial naquela casa, se submetia voluntariamente à orientação da governanta.

– Desejo a todas um bom apetite.

Todas assentiram com simpatia e desejaram o mesmo de volta. Hanna levantou-se de um salto para puxar o cesto do pão, enquanto a cozinheira serviu um prato de sopa à governanta.

– Coma como deve ser. É uma vergonha que o seu trabalho no hospital não lhe dê sequer tempo para almoçar.

Com efeito, a governanta emagrecera, a pele estava mais clara, quase branca, especialmente no pescoço, como se aí se tivessem formado pregas que nem a pequena gola de renda da blusa escura conseguia esconder. Além do mais, de há tempos para cá passara a precisar de óculos, que lhe pendiam num cordel diante do peito, para que estivessem sempre à mão em caso de necessidade.

– Vai-se andando, senhora Brunnenmayer... Obrigada, já chega. Dê à Hanna mais uma colherada, a rapariga ainda está a crescer.

Abanando a cabeça, a cozinheira pousou a concha de sopa meio cheia de novo na terrina. Da entrada das traseiras da cozinha ouviam-se duas enfermeiras em alegre cavaqueira. Hanna levantou-se para pôr mais quatro pratos e colheres, pois agora seria a vez de as enfermeiras almoçarem, primeiro viriam duas, depois as outras duas. Auguste já levava a refeição aos médicos, os senhores comiam na pequena sala de tratamentos entre unguentos, ligaduras e todo o tipo de instrumentos cintilantes.

– Amanhã vamos receber mais uns dez doentes – comentou a menina Schmalzler. – Em compensação, o tenente Von Dornfeld vai poder voltar para casa e daqui a alguns dias também será a vez de o cabo Sonntag e o jovem Maler receberem alta.

– O tenente Von Dornfeld... esse é o louro com o bigodinho que há alguns dias se perdeu no jardim, não é? – comentou Rosa. – Um jovem cheio de iniciativa. Mas, infelizmente, sem sentido de orientação. Rumou diretamente à casa do jardineiro e tive dificuldade em dissuadi-lo da ideia.

Auguste fixou os olhos e mordeu os lábios com força para não deixar escapar uma observação de raiva. Rosa era uma pessoa maldosa, disso não havia dúvida.

A menina Schmalzler observou ainda que, ao que lhe fora dado a saber, o tenente Von Dornfeld estava noivo e tinha a intenção de levar a noiva ao altar nas próximas semanas. Havia que ter esperança de que a guerra chegasse em breve ao fim – um fim vitorioso para o império – para que os

jovens acabados de recuperar dos seus ferimentos não fossem de novo mobilizados.

– Damos ali conta de sortes tão comoventes – disse ela. – Especialmente quando estão cheios de febre e desabafam toda a sua angústia diretamente da alma.

Hanna pensou no jovem tenente que andara às voltas pelo jardim e que quisera muito claramente libertar o seu desgosto com Auguste na casa do jardineiro. Ora, os homens eram seres compulsivos e perigosos. Como o seu pai, que lhe batia e aos irmãos sempre que podia. Também os irmãos, que a haviam tratado sempre tão mal. Até os dois mais pequenos. Os piores eram os homens que a mãe por vezes trazia para casa. Ficavam na verdade só a passar a noite e iam-se embora logo de manhã cedo, mas eram tipos rudes. Quando ela tinha onze anos, um deles agarrara-a e encostara-a à parede, mas aí a mãe interpusera-se furiosamente e ele fora obrigado a soltá-la. Lembrou-se de novo do jovem prisioneiro de guerra, o tipo de cabelo preto com os olhos azuis faiscantes. Seguramente não era diferente de todos os outros homens. Sôfrego, rude, talvez também perdesse a cabeça e desatasse a bater. De certeza que isso era possível, afinal de contas era um russo. Mas a verdade é que houvera algo brando no seu olhar, como uma mão suave que afaga e consola. Ela oferecera-lhe um pãozinho. Um pãozinho surripiado. Lembrar-se-ia ele ainda?

– Dez novos doentes? – perguntou Else, de má vontade. – Enfim, esperemos que não venha nenhum com tifo. Ou com varíola. Alguns até cólera têm, ouvi dizer.

– Isso é um disparate, Else – contestou a governanta. – Podem infelizmente surgir casos de tifo, e também de difteria, é o que dizem. Mas varíola e cólera, não. Por outro lado, pode haver pneumonias e pleurisias perigosas, queimaduras e aqueles ferimentos terríveis causados pelas granadas.

Suspirou e empurrou o prato para a frente. Naqueles tempos difíceis, cada um tinha de dar o seu melhor para ajudar o Império Alemão na sua aflição. Ela tinha muita noção de que todas as criadas da Vila dos Tecidos tinham agora uma maior carga de trabalho do que o habitual, ela incluía.

– Estou orgulhosa de vocês, minhas queridas, pois sei que cada uma de vós se mostrará digna da tradição desta casa.

Entretanto já duas enfermeiras se haviam sentado à mesa e comiam a sopa. Comiam algo afastadas das criadas, cumprimentavam-se mutuamente, mas não mantinham nenhum contacto.

– Ouviste-o a dizer que em tempos quis ser pianista? Mas que depois a medicina o cativou ainda mais – disse a mais jovem das enfermeiras. Era ruiva e tinha o rosto repleto de sardas. A outra era uma figura pálida de cabelo louro-claro e olhos azul-claros salientes.

– Não, a sério? Já tinha imaginado que ele devia ser artista. Viste as mãos dele?

– Mãos de artista. Dedos tão longos e delicados e a pele tão lisa...

Não era difícil adivinhar de quem falavam. De certeza que não era do doutor Greiner. Hanna viu Auguste dar um empurrão a Else, que ouvia a conversa das duas enfermeiras de boca aberta.

– Que estás aí a fazer parada? Toca a trabalhar!

A roupa estendida lá fora estava seca. Lençóis, fronhas e camisas de noite tinham de ser passados a ferro e havia um sem-fim de ligaduras para enrolar para poderem ser novamente utilizadas. Hanna empilhou os pratos usados e levou-os para a pia, enquanto a cozinheira levantou a gamela de água do fogão para verter numa bacia a água quente que seria usada na lavagem da louça. Também a menina Schmalzler fazia menção de se levantar e garantir o correto andamento das operações no hospital quando, subitamente, apareceu uma visita na cozinha.

– Olhem, a Maria Jordan, boa tarde! – disse a cozinheira, algo admirada. – Está outra vez de folga? Quero dizer, ainda na quarta-feira aqui estive.

– Boa tarde a todas – disse Maria Jordan, quase acanhada. – Boa tarde, menina Schmalzler. Que bom vê-la de novo na Vila dos Tecidos.

– Ah, menina Jordan, que visita simpática. Sim, eu também estou muito contente. A verdade é que ficamos tão ligados aos patrões que não é fácil trabalhar muito tempo noutra casa.

– Seguramente, seguramente. Posso dizer o mesmo... – Mas a governanta não tinha claramente nem tempo nem vontade de ficar ali a conversar, convidou Maria Jordan a sentar-se um pouco e saiu rapidamente da cozinha.

– Quer um pratinho de sopa? – perguntou a cozinheira.

– Se for possível... – disse ela com modéstia.

A cozinheira Brunnenmayer pegou num prato acabado de lavar, secou-o rapidamente com o avental e encheu-o com uma concha de sopa.

– É só sopa de batata, carne só ao domingo – observou ela, pousando-lhe o prato diante do nariz.

– Agradeço muito ainda assim, senhora Brunnenmayer.

Esfomeada, comeu a sopa às colheradas, quase se engasgou e raspou tudo o que restava no prato.

– Na casa dos Hagemann já não se cozinha? Tendo em conta que a jovem senhora Von Hagemann passa mais tempo na Vila dos Tecidos do que na sua própria casa.

Maria Jordan soltou silenciosamente o ar que sustivera enquanto comia. Arrostar alto, como faziam o jardineiro ou a cozinheira, era algo que a repugnava.

– E quem é que havia de cozinhar? – disse ela então com um suspiro. – Há semanas que a cozinheira se despediu. Estou sozinha com a criada de casa.

– Bem, bem – murmurou a senhora Brunnenmayer. – Ainda assim pode cozinhar alguma coisa. Uma sopa. Ou batatas assadas com ovos.

Ela soltou uma gargalhada breve e estridente, como se a cozinheira tivesse acabado de contar uma piada indecente. Sopa? Batatas? Ou sequer ovos? Na casa dos Von Hagemann não havia nada disso. Apenas umas côdeas de pão, flocos de aveia e um resto de sêmola. Que havia ela de cozinhar com isto?

– Há semanas que a senhora deixou de cuidar de nós. Faz as refeições na Vila dos Tecidos, já que criou um hospital militar e é aí necessária. Mas, quando regressa a casa ao fim do dia, está cansada e esgotada e sem disposição para falar com alguém.

– Mas com certeza dá à rapariga o dinheiro para as despesas.

– Nem um tostão. Há três meses. Nada. Estamos a viver do nosso próprio dinheiro.

– Virgem Santíssima! – lamentou-se a senhora Brunnenmayer. – E eu que sempre achei que a Elisabeth Melzer era uma boa dona de casa. Quando o senhor diretor tinha a vida por um fio no hospital e a senhora Alicia ficava lá com ele, a Elisabeth tratou do governo da Vila dos Tecidos. E fê-lo muito bem.

Maria Jordan olhou com desconfiança para as enfermeiras do outro lado da cozinha, que acabavam de terminar o turno. As duas mulheres que agora se sentavam para comer e que eram servidas por Hanna eram bastante mais

velhas do que as colegas. Pareceram-lhe pavorosamente robustas, quase umas matulonas. Não eram seguramente da classe alta. Eram operárias, de mãos largas e vermelhas e braços musculados que mais pareciam de homem.

– A jovem senhora Von Hagemann está a enfiar a cabeça na areia – disse ela, voltando-se para a senhora Brunnenmayer. – Se continuar assim, vai ficar afundada em dívidas.

A cozinheira calou-se. Já ouvira rumores de que os nobres Von Hagemann estavam a dever dinheiro em todo o lado. Mas que a situação era assim tão má, disso não fazia ideia.

– Já nos conhecemos há tanto tempo, nós as duas – disse Maria Jordan com um sorriso lisonjeador. – Durante anos, décadas, comemos juntas aqui na Vila dos Tecidos, ajudámo-nos uma à outra...

– Discutíamos, Jordan. E não foi pouco...

Maria Jordan movimentou as mãos sobre a mesa, como se alisasse a roupa, e alegou que sempre tivera um apreço especial pela cozinheira.

– Quanto mais me bates, mais eu gosto de ti, já diz o povo. E no nosso caso isso é bem verdade, senhora Brunnenmayer...

A cozinheira desviou-se e agachou-se para carregar uma braçada de achas de madeira até ao fogão. Auguste e Hanna não tardariam a chegar para engomar a roupa branca e o fogão para os ferros já teria de estar quente.

– A verdade é que eu gostaria muito de voltar à Vila dos Tecidos – disse Maria Jordan com um suspiro preocupado. – E seria tão bom se desse uma palavrinha por mim, senhora Brunnenmayer.

A cozinheira abriu a tampa do fogão e enfiava agora três cavacos lá para dentro, agitou-os com o atiçador de ferro e fechou novamente a tampa. Lentamente, voltou a colocar o atiçador no lugar e então disse:

– Foi por tua vontade que saíste da Vila dos Tecidos. Que mais posso dizer em relação a isso?

Pela janela, Maria Jordan viu Else a passar com o cesto da roupa cheio até cima.

– Já não recebo salário há quatro meses – disse ela baixinho. – Ponho as cartas em todo o lado e leio o futuro das pessoas. É com isso que pago a comida para mim e para a criada da casa, a Gertie. E quando a jovem senhora Von Hagemann toma o pequeno-almoço em casa, então come o

pão que eu comprei com o meu dinheiro. É assim que estão as coisas. Deus sabe que eu gosto muito da família Melzer...

– As coisas parecem realmente estar muito mal – considerou a cozinheira Brunnenmayer. Enquanto, do outro lado, a porta da cozinha se abria e Else avançava com o seu cesto da roupa, murmurou que uma situação assim era uma vergonha para a família e que era preciso fazer alguma coisa antes que rebentasse um escândalo. – Fale com a menina Schmalzler – aconselhou.

Maria Jordan assentiu, apreensiva. Sim, essa seria a melhor forma de fazer as coisas. Se a governanta recusasse o seu pedido, ainda podia tentar junto da esposa do senhor diretor Melzer, que antigamente tinha muita estima por ela. Antigamente – antes de Marie a afastar. Aquela Marie do orfanato, que era agora a jovem senhora Melzer. Às vezes a vida era assim. Mas ela, Maria Jordan, já antes perdera tudo e depois, por fim, salvara-se com uma boa posição de camareira. Com certeza conseguiria salvar-se uma segunda vez da pobreza e da sarjeta.

– Ah, a Maria Jordan! – exclamou Else, surpreendida, pousando o cesto em cima da mesa. – Vens pôr as cartas outra vez? Hoje dava-te um marco inteiro se me lesse o futuro.

Maria Jordan ficou estupefacta com aquela proposta inesperada que, para sua grande pena, não podia aceitar de modo nenhum. Eleonore Schmalzler não via com bons olhos que ela lesse o futuro; uma vez, a governanta até lhe proibira aquela «obra muito pouco cristã». Por sorte, Else não insistira no seu desejo, começando ao invés a enrolar as ligaduras de linho lavadas. O doutor Moebius já perguntara por elas, explicou ela de olhos brilhantes, tinha por isso de se despachar. Quando então também Auguste entrou na cozinha com Liesel, de dois anos e caracóis louros, e Maxl pelo braço, Maria Jordan declarou que ia esticar as pernas no jardim.

– Mas tem cuidado para não assustares nenhum doente – gritou-lhe Auguste enquanto ela saía. – De tarde, os senhores oficiais passeiam no jardim para fumar cigarros às escondidas.

Maria Jordan teve de fazer um desvio insólito para aceder ao terraço pelo jardim, onde imaginava que pudesse encontrar Eleonore Schmalzler. É que entretanto fora ali criada uma grande horta, onde se cultivava couves-brancas e alfaces, rabanetes, ervas de cheiro, cebolas e cenouras e, se os olhos não a enganavam, também lá cresciam ervilhas e feijões de trepar. O velho Bliefert varria os estreitos trilhos entre os canteiros com uma vassoura

enorme que parecia ter sido feita pelas suas próprias mãos. Ele acenou-lhe e ela acenou de volta. Pelo menos aquele ainda me quer bem, pensou ela, animada. Ah, como pudera ser tão estúpida ao largar a sua posição segura na Vila dos Tecidos! Só porque não lhe apetecera obedecer a uma jovem que antes estivera numa posição muito abaixo da sua e que agora se tornara patroa. Entre os arbustos exuberantemente viçosos, descobriu efetivamente dois homens a passear lentamente pelo caminho de areia do jardim. Um estava fardado e tinha uma ligadura no braço direito, o outro trazia camisa e calças compridas, a cabeça envolta numa ligadura. Fumavam ambos. Maria Jordan contornou um enorme arbusto de junípero e passou a conseguir ver o terraço. Que panorama triste! Onde, antigamente, em tempos felizes, se bebia café em família, onde se faziam festas de verão que, à noite, eram iluminadas por archotes, estavam agora três camas de hospital onde jaziam doentes imóveis. Outros tinham-se sentado nos cadeirões de verga e conversavam, na sua maioria tinham ligaduras e estavam descalços. Uma jovem enfermeira conduzia um doente pelo relvado e conversava com ele, enquanto ele estendia as mãos para tocar nos ramos de uma jovem faia. O pobre teria provavelmente perdido a visão.

Aproximou-se do terraço com a devida cautela, cumprimentou amavelmente as enfermeiras espantadas com um aceno de cabeça e perguntou pela menina Schmalzler.

– Na sala de tratamentos. Está numa reunião com os médicos. Ela conhece-a?

Aconselharam-lhe que se sentasse numa cadeira e que esperasse. Não restou a Maria Jordan outra hipótese do que seguir o conselho. Ficou ali sentada sob o sol ardente o que lhe pareceu uma eternidade e sentiu-se infinitamente grata quando um dos doentes, um homem entroncado de meia-idade, lhe ofereceu um copo de água.

– Mas puxe a cadeira um bocadinho para a sombra – observou ele, sorridente. – Hoje o dia está quente...

Apresentou-se como Sebastian Winkler, fora mestre-escola numa aldeia perto de Nuremberga. Fora preciso amputar-lhe o pé direito. Um arranhão inofensivo inflamara-se, e de início nem sequer dera conta. Mas depois o pé começou a inchar e a doer infernalmente. Septicemia. Por um fio não foi tarde de mais.

– E assim também se pode morrer mesmo sem inimigo – observou ele, abanando a cabeça. – E tudo por causa de uma pateta falta de atenção.

Pôs o hospital nos píncaros. Que os médicos eram excelentes e que se esforçavam exceccionalmente, sobretudo o mais jovem, o médico do exército, o doutor Moebius. Mas também as enfermeiras, todas voluntárias e sem formação médica, e que apesar de tudo faziam o seu trabalho de uma forma muito hábil e atenciosa, mereciam o seu máximo reconhecimento. A jovem senhora Von Hagemann emprestara-lhe até alguns livros da sua biblioteca pessoal, já que ele era um apaixonado pela leitura. Conheceria ela as novelas de Theodor Storm?

Maria Jordan disse que não. A conversa estava a ser para ela um pouco cansativa, sobretudo porque tinha de olhar constantemente para a porta da sala de tratamentos para não deixar escapar Eleonore Schmalzler. Mas já se sabe como são as coisas: precisamente no momento em que a menina Schmalzler saiu da sala com os dois médicos, Maria estava distraída a olhar para o jardim de inverno. Estava aí uma pessoa de nariz comprido e boca pequena que olhava com curiosidade lá para baixo, para o terraço. Nunca antes vira aquela mulher – teriam contratado uma camareira?

– Menina Jordan! Estará por acaso à minha espera?

Recompôs-se e, de repente, sentiu a cabeça totalmente vazia. Todos os argumentos inteligentes que preparara, as desculpas, as formulações rebuscadas – não restara vestígios de nada.

– Sim... sim, eu... estava à sua espera, menina Schmalzler – disse com hesitação. – É que... é que eu...

Levantou-se e aproximou-se da menina Schmalzler para que as pessoas presentes no terraço não a ouvissem. Começou a gaguejar como uma garota de cinco anos e tinha a sensação de que o sol lhe tinha derretido o cérebro.

– Compreendo – disse Eleonore Schmalzler, por fim, e voltou-se para uma das enfermeiras, que lhe fizera uma pergunta. – Três das camas podem agora ser feitas de lavado, Herta. E ajude o senhor tenente a arrumar as suas coisas.

– Ele gostaria de se despedir de si, menina Schmalzler.

– Vou já a seguir.

Maria Jordan continuava parada no mesmo sítio, à espera e esperançosa, e temia já que a menina Schmalzler a pudesse ter esquecido.

– Como camareira não a posso recomendar, menina Jordan – disse por fim a governanta. – Mas poderia interceder por si para trabalhar connosco como costureira. Provisoriamente.

– Isso... seria incrivelmente amável da sua parte.

Humbert teve vontade de se esbofetear a si mesmo. Várias vezes. E depois dar um valente pontapé no traseiro. Como era possível ser tão idiota? Fizera uma saudação militar ao major. Uma saudação vigorosa, como lhe fora ensinada.

– É mesmo – disse o major Von Hagemann, que o olhava fixamente no rosto. – Humbert. Ou será que devo dizer: Humbertine?

Esboçou um sorriso bizarro que Humbert nunca lhe vislumbrara na Vila dos Tecidos. Manhoso. Perverso. Maldoso. Humbert refletiu sobre se não teria sido mais inteligente agarrar nas saias e desatar a correr o mais depressa que as pernas lhe permitissem. Mas ficou indeciso e parado onde estava.

– Que estás a fazer aqui? Hum?

O major continuava a sorrir, examinou-o de alto a baixo e pareceu ter vontade de arrancar a touca da cabeça da «rapariga». Mas não o fez. Tê-lo-iam observado das janelas do solar e poderiam ter tirado conclusões erradas.

Humbert decidiu dizer a verdade. Era verdade que nunca tivera aquele Klaus von Hagemann em grande conta, mas sempre era parente dos Melzer. Quem sabe se esse elo familiar na Vila dos Tecidos o levaria a ser brando com ele.

– Eu... estou louco, senhor major. Perdi completamente o juízo. Queriam mandar-nos para a frente. Para as trincheiras... Onde eu desmaio só de ouvir vagamente o rebentar de uma granada.

Von Hagemann escutou o que ele tinha para tartamudear com toda a tranquilidade, enquanto os olhos deslizavam pela fileira de janelas do primeiro andar, como se aí procurasse algo. Ou alguém.

– ... eu não tenho culpa, senhor major. Acontece simplesmente. É o ruído. Aquele estrondo, o rebentamento. Aquele barulho surdo quando uma granada atinge o chão. As explosões... Eu perco simplesmente a consciência. Já não dou conta de nada. Os camaradas têm de me carregar em braços, no início achavam que eu estava morto...

O major encontrara então o que procurava, uma vez que no seu rosto se desenhara um sorriso vitorioso. Passou a mão pela boina e inclinou um pouco a cabeça, cumprimentou alguém, não de forma vigorosa e militar, mas sim um cumprimento amável e encantador, masculino, muito claramente dirigido a uma senhora.

– ... quase me mataram à pancada, senhor major. Acreditavam que eu estava a fingir. Mas não era verdade. Acontece simplesmente que não sou apto para combate... Sou demasiado sensível... Sobretudo a ratazanas. Com elas não consigo de todo lidar...

A pessoa que estava lá em cima à janela ter-se-á recolhido, pois o sorriso encantador do major transformou-se numa expressão de desdém.

– Desertaste... não é?

Uma palavra horrível. Humbert sabia que os desertores tinham direito à pena de morte. À força. Um tiro na nuca. Ponto final.

– Não, não, senhor major – exclamou, agitado. – Eu já lhe disse: eu não estou com o juízo todo. Eu não sei o que me deu para vestir esta roupa.

– Oh, a sério? – replicou Von Hagemann com ironia. – Eu cá achava que já antes tinhas ponderado a ideia de andar por aí vestido de mulher.

Novamente aquele sorriso ofensivo. Maldoso e perverso. Mas que tipo de pessoa era aquela a quem confiava o seu segredo?

– Perdão, senhor major, mas nunca na vida pensei em fazer tal coisa. Posso jurar-lhe. Não sou o tipo de homem que o senhor se calhar estará a pensar que sou.

Von Hagemann ergueu as sobrancelhas, algo irritado, decidindo no entanto não desenvolver aquele assunto. Havia outra questão muito mais importante.

– Estás aqui desde quando?

– Desde ontem à noite, senhor major. Mas só hoje cedo é que me encontraram.

O olhar do major tornou-se mais intenso, parecia querer perfurar a testa de Humbert. Metia medo.

- E os patrões? A condessa contratou-te?
- Não, não, senhor major. Ainda não vi nenhum dos patrões.
- Mas falaste com a criadagem, certo?
- Com as mulheres da cozinha.

As faces de Von Hagemann estremeceram, ele olhou rapidamente para a janela de antes, e depois ordenou-lhe em voz baixa:

- Vem comigo. Para o meu carro. Sem cenas. Entendido?

Humbert teve a vaga sensação de ter cometido um erro fatídico, mas não conseguia compreender qual fora a armadilha. Não tinha hipótese nenhuma, para o bem e para o mal estava entregue às garras daquele homem.

– Espera – sibilou o major em tom autoritário. – Para aí. Finge que me estás a contar alguma coisa.

Três raparigas haviam surgido de uma saída lateral e dirigiam-se para a quinta, carregando tapetes enrolados e espanadores feitos de palhinha. Não era uma delas aquela mais bonita dos olhos azuis redondos e dos caracóis ruivos? Passaram por eles a rir-se baixinho e a tagarelar, fizeram uma vénia ao major, que as encarou com uma expressão serena, e tomaram o caminho empedrado para as traseiras do solar. Haveria provavelmente por ali um prado onde secavam a roupa e desempoeiravam os tapetes.

– Em frente. Vai, vai! Entra. Deita-te no banco de trás. Vá, despacha-te. Para baixo! E tira essa touca ridícula!

Humbert obedeceu às instruções que lhe eram emitidas em surdina. O motor do carro recusou-se por duas vezes a fazer o seu trabalho, mas à terceira tentativa pegou. Von Hagemann tinha um estilo de condução duro. O carro saltava e baloiçava; quando passavam por uma poça de água a toda a velocidade, a água salpicava e batia contra a carroçaria. Humbert era atirado de um lado para o outro entre todo o género de pacotes e caixas. Fez várias tentativas falhadas de desatar os atilhos da touca, acabando simplesmente por a rasgar e arrancar, puxando para baixo esse pano que lhe cobria a cabeça. Estranhamente, depois de o fazer sentiu-se aliviado. Decorrido algum tempo, ousou espreitar por sobre a borda dos assentos. Deslocavam-se ao longo de um rio, um curso de água amplo e de cor castanho-amarelada, que nalguns pontos havia invadido a margem, inundando a estrada. Humbert vislumbrou dois batelões que deslizavam indolentemente sobre a torrente suja, ao longe viu uma vela, seria talvez um

barco de pesca. De resto, a paisagem era monótona, prados e campos cultivados, meia dúzia de vacas, do outro lado do rio uma pequena aldeia. Telhados vermelhos e cinzentos, pelo meio uma pontiaguda torre de igreja. Quando o sol atravessava as nuvens, cintilava sobre as águas acastanhadas, como se ali flutuassem pequenos pedaços de vidro. Do major ele via apenas os ombros e a nuca; quando escorregava um pouco para o lado, via-lhe também as mãos sobre o volante. Usava agora luvas castanhas de pele. Depois encontrou os olhos furiosos do major no espelho retrovisor e ouviu a sua voz a ladrar. Humbert não compreendia as palavras devido ao intenso ruído do carro, mas, por cautela, voltou a deitar-se.

A viagem não demorou muito, o carro saltou por cima de um passeio e Von Hagemann travou tão bruscamente que Humbert foi lançado para o espaço entre os bancos.

– Ei! Onde está o fulano? Maldito seja!

– Aqui... Aqui, senhor major.

Quando se ergueu com dificuldade de detrás de uma caixa de cartão, Von Hagemann declarou, aliviado, que receara que ele tivesse saltado do carro durante a viagem. Se assim fosse, teria sido obrigado a matá-lo imediatamente.

– Sai. Depressa. Com essa fatiota és o palhaço de serviço.

Humbert constatou, horrorizado, que o carro aberto estava rodeado de soldados. Rostos espantados, sorridentes, incrédulos, dedos a apontar para ele. Gargalhadas sonoras que, num primeiro momento, o major tolerou, mas que depois rapidamente tratou de travar.

– Para a cela. E tranquem bem a porta.

– Às ordens, senhor major!

Caminhou penosamente, enfiando os pés no barro molhado, até alcançar um edifício baixo que, pelo cheiro, devia ser um grande estábulo de vacas. Lá atrás, um sargento e dois soldados, com duas armas apontadas na sua direção. De fuga, vislumbrou no espaço escuro algumas vacas malhadas e também vitelos, todos presos, e depois foi tomado pelo fedor do estrume de vaca, algo que sempre o repugnara.

– Deixa-o. É só um truque! – ouviu alguém a gritar.

Logo de seguida, tudo em seu redor desapareceu num turbilhão escuro e rodopiante que o puxou implacavelmente para o fundo. Já conhecia a sensação, sabia há muito que não valia a pena lutar contra o desmaio, tinha

simplesmente de se deixar ir, descer até ao fundo e esperar até que uma triste sina o trouxesse de volta para cima, para o mundo que decidira atormentá-lo até às últimas.

Quando abriu os olhos depois de um sono eterno, discerniu um raio de luz dourado em que inúmeros seres minúsculos faziam uma graciosa dança de elfos. Ficou a assistir a este estimulante espetáculo algum tempo, vendo como os delicados pontinhos subiam e desciam, as suas rodas estonteantes, como deslizavam imponderavelmente – até concluir que um enxame de mosquitos bailava diante da luz da janela do estábulo. Com dificuldade, endireitou-se para se sentar, esfregou a testa, observou a sua estranha aparência e, lentamente, a memória começou a assomar-lhe ao espírito. Fora preso naquela cela, era desertor e seria provavelmente enforcado.

Fixou os olhos nos insetos bailarinos. Aqueles pequenos mosquitos viviam apenas alguns dias, a maioria deles morreria ainda naquele mesmo dia. Mas não tinham consciência disso, não sentiam medo do fim inevitável que se aproximava a toda a velocidade. Seres invejáveis. Tentou imaginar como seria estar pendurado pelo nó corredio e sentir o peso do próprio corpo a deslocar o pescoço. Era rápido, a maioria praticamente nem se chegava a mexer, após uma breve resistência ficavam ali pendentes de braços e pernas frouxos. Por duas vezes, de longe, vira membros da resistência belga ou francesa serem enforcados. A cabeça fora envolta num pano e alguns deles também eram mulheres. As saias esvoaçavam ao sabor do vento e ele virava-lhes as pernas e os sapatos rudes.

Ouviam-se as vacas do outro lado a matraquear com as suas correntes. Esfregou o ombro dorido, constatou que tinha um galo na nuca, o dedo indicador direito sangrara. Já não sabia como lhe haviam surgido tais ferimentos, mas isso não era fora do comum, não era a primeira vez que perdia os sentidos. A cela em que o mantinham prisioneiro era apertada, o chão era de barro calcado. As paredes tinham sido em tempos caiadas, mas agora o revestimento esboroava-se em todo o lado, viam-se tijolos vermelhos, aqui e ali um prego ferrugento, um gancho. Num dos cantos havia um balde de metal, em cuja finalidade Humbert preferia para já não pensar. Ao invés, puxou os joelhos para si, envolveu-os com os braços e fixou o raio de luz. Entrava por uma janela quadrada de vidraças partidas do estábulo, atravessava o pequeno espaço e lançava uma sombra em cruz que surgia deformada na parede oposta. Humbert fixou os olhos na cruz que

perdia lentamente a nitidez e começava a tremer. O céu enevoou-se, não tardaria a cair a noite. Os mosquitos haviam dado por finda a sua dança extática, dando conta de que havia por perto uma fonte de alimento. Passou algum tempo a garantir aos pequenos sugadores de sangue uma morte precoce.

Quando já quase havia escurecido totalmente e começou a fazer frio, ele escutou o ruído de um motor de automóvel. A porta de um carro fechou-se, alguém deu uma ordem breve, outra voz gritou vigorosamente: «Sim, senhor major.»

Teve apenas tempo de se recompor e logo ouviu o trinco ranger e a porta abrir-se. O major Von Hagemann ergueu uma lanterna do estábulo ao alto para melhor iluminar o espaço. Com ele penetrou também uma onda de fedor fresco a vaca.

– Bem dormido? – perguntou ele, mal-humorado, pousando a lanterna no chão mesmo junto a Humbert.

– Eu não estava a dormir, senhor major. Eu desmaiei.

Von Hagemann bufou com desdém. Vai-se a ver e também tinha aqueles dias do mês? Ou enxaquecas? Estávamos no campo de batalha, não no salão das senhoras.

Puxou a porta atrás de si e examinou Humbert de cima a baixo.

– Mas que desgraça. Um rapaz forte e ágil, saudável e vigoroso; podias prestar um bom serviço a Sua Majestade o Imperador. Mas não. O senhor é muito sensível, desmaia quando ouve uma explosão. Um cobarde que rouba saias de mulher enquanto os outros sacrificam o corpo e a vida pela pátria. Que nojo!

Cuspiu e acertou no pé esquerdo de Humbert. Só agora Humbert reparara que as socas de madeira haviam desaparecido e que estava de meias. Era-lhe indiferente. Sentiu formar-se dentro de si uma resistência silenciosa. Que mal fazia ao exército imperial que ele, que de qualquer modo não servia para combater, tivesse decidido fugir? Porque haveria de morrer por isso? Não havia feito mal a ninguém!

O major mordeu os lábios e olhava fixamente para o vazio em silêncio. Humbert esperou, ouviu o martelar da sua própria pulsação, sentiu os segundos a esticarem-se e a tornarem-se minutos. Uma vaga esperança cresceu dentro de si. Von Hagemann tinha dificuldade em encaminhar sem mais o desertor Humbert Sedlmayer para o seu castigo. Teria afinal receio de

arranjar problemas familiares? Era uma ideia absurda. Como viriam os Melzer sequer a tomar conhecimento da sua sorte?

– Ouve-me bem, idiota!

Humbert recompôs-se. A exigência fora proferida em voz alta e num tom de comando desagradável.

– Às suas ordens, senhor major.

– Quero saber qual é a tua unidade. O momento em que fugiste. As circunstâncias. Tinhas bebido? Estavas doente? Tinhas febre ou algo assim?

Humbert podia ser um sonhador, mas estúpido não era. Compreendeu imediatamente.

– Tive de vomitar. Sim, também tinha febre. Via tudo a andar à roda. Também via coisas que não estavam lá.

– Queres dizer que estavas com alucinações? Acabaste por acreditar que o inimigo estava ali mesmo à frente do aquartelamento.

Humbert garantiu que vira fardas francesas. E também russas, eram verdes. Os soldados russos tinham barba, rijas porque estavam congeladas com o frio. Atacaram-no com lança-granadas e ele acreditou que tinha de lhes barrar o caminho.

Von Hagemann ouviu a descrição, sorriu brevemente e considerou que era melhor não exagerar. Mas podia muito bem ter sido uma fantasia causada pela febre. O que por ali não faltavam eram doenças com febres altas, eram transmitidas pelos malditos mosquitos.

– Se eu tentar salvar-te a pele, faço-o unicamente por considerar que Sua Majestade o Imperador precisa de todos e de cada soldado nesta guerra.

Humbert engoliu nervosamente em seco e assentiu várias vezes. De repente, parecia-lhe extremamente louvável lutar na guerra pelo imperador e pela pátria. Não interessava onde. No pior dos cenários, até nas trincheiras. Tudo era melhor do que um pano sobre a cabeça e uma corda à volta do pescoço.

– Eu... eu estou-lhe infinitamente grato, senhor major Von Hagemann. Eu não... eu nunca o esquecerei...

O major semicerrou os olhos, já que teve de olhar através do brilho da lanterna de estábulo para lhe analisar o semblante.

– Podes agradecer-me mais tarde. Se a coisa funcionar. Se tudo correr bem, conto com a tua absoluta discricção. Entendido?

Humbert anuiu de novo. Evidentemente. No seu próprio interesse. Mas sobretudo, naturalmente, para não causar dificuldades ao senhor major.

– Descrição absoluta, Humbert – repetiu Von Hagemann, abafando a voz.

– Agora e depois. Está claro?

– Perfeitamente claro, senhor major.

Von Hagemann assentiu, satisfeito. Deixou a lanterna com ele, desejou-lhe uma «noite agradável» e saiu. O trinco deslizou novamente, os passos afastaram-se, e então Humbert ouviu o carro a trabalhar.

Passou a noite extremamente inquieto, caminhava de um lado para o outro na sua prisão, encostava-se à parede, agachava-se junto à porta escutando as vacas aleitantes a resfolegar e a arrastar as correntes. Algures, ao longe, bateu o relógio da torre de uma igreja, mas o vento levou as badaladas, pelo que ficou apenas com uma ideia vaga de que horas seriam. Com o chegar da manhã, quando a primeira luz pálida entrou pela janela, estava tão cansado que adormeceu.

– Ei! Rapariga preguiçosa! A soneca matinal já acabou!

O já habitual pontapé na canela arrancou-o do sono. Primeiro sentiu a dor na perna, depois uma pontada forte no ombro e, por fim, constatou que tinha dores de cabeça e que os ouvidos haviam sido inundados por um zumbido abafado. Piscou os olhos e discerniu um soldado mesmo junto a si, que lhe dirigia um sorriso de troça e lhe atirou uma trouxa para a cara.

– Lava-te e veste-te. Depois apresentas-te ao major. Rápido, rápido.

– Lavar-me? – grasnou Humbert.

– Já aí vêm água e sabão. A senhora também precisa de perfume e uma lima de unhas?

Entregaram-lhe um balde com água da fonte e um pedaço de sabão e deixaram-no então a sós. O que deixou Humbert muitíssimo satisfeito. Teria sido embaraçoso despir a roupa de mulher diante daqueles tipos. Animou-se e livrou-se das roupas sujas e rasgadas. A farda que lhe haviam trazido era um pouco grande, teve de apertar muito o cinto, o casaco assentava razoavelmente bem. Em compensação, as botas serviam primorosamente, como se tivessem sido feitas para ele, e a boina também era aceitável. Pensou na farda que dois dias antes enrolara e escondera nas águas-furtadas e abanou a cabeça.

Teve de esvaziar a água da lavagem, um dos soldados ficou com o sabão. Em seguida, carregaram vasilhas de leite cheias para cima de um carrinho

de mão. Tinham de se apressar, eram três quilômetros até à quinta mais próxima, onde os senhores oficiais esperavam pelo leite para o café matinal. Humbert empurrou o carrinho de mão ao longo do caminho acidentado. As vasilhas de metal batiam e tilintavam umas contra as outras, as rodas de madeira do carro ficavam constantemente presas nas poças de lama e então ele tinha de empurrar com toda a força. A cabeça latejava-lhe, o ombro doía-lhe, mas cumpriu a tarefa em silêncio, sem uma só observação.

– Mudança de turno... É a minha vez – disse por fim um dos camaradas, quando a quinta já estava à vista.

– Quando estivermos no quartel, vai ao médico. Para ele te pôr um penso no dedo.

O punho de madeira do carro ficara com manchas vermelhas. O dedo mindinho de Humbert estava esfolado em todo o comprimento e sangrava quando o movia.

– Nem tinha reparado – disse ele, admirado.

– Isso pode transformar-se num instante numa septicemia.

Não eram maus tipos. Rudes, mas não cruéis, contavam piadas ordinárias, mas depois eram compassivos e estendiam a mão quando alguém precisava de ajuda. Humbert caminhava agora atrás do carro, contente por já não ter de o empurrar, e, sem querer, começou a ouvir as conversas.

– Mas a mais velha não, essa está para lá do bem e do mal.

– A mais velha não. A mais nova. O Brandl Josef viu-a porque o major o levou ao solar. Bela namorada. O Brandl também gostou.

– Ele tem cá cada ideia! Uma condessa. Nobre. Envolta em refolhos e atada dentro de um espartilho.

– E depois? Debaixo de todas as rendas e refolhos é como todas as outras mulheres.

– Está noiva de um francês, disse o Brandl Josef. Foi o que lhe contaram quando se sentou na cozinha e as raparigas lhe deram de comer.

– Esse foi sempre um porco, o Brandl Josef... deixa-se alimentar com iguarias na cozinha do solar e nós para aqui a comer sopa de ervilhas...

– A condessa está noiva? E está de namorico com o major? As mulheres belgas são todas umas meretrizes.

– Mas o noivo é só um francês. Foi quase uma questão de honra para o nosso major, adiantar-se ao francês...

Riram-se ruidosamente com a piada. Humbert parecia estar completamente esquecido. Só quando o carro ficou novamente preso na lama e ele os ajudou a empurrar é que deram conta da sua presença, sem no entanto lhe dirigirem a palavra. Por ele, ainda bem, já que tinha primeiro de se recompor do que acabara de ouvir. Von Hagemann tinha então um namorico com a jovem condessa do solar? Teria entendido bem? Enfim, afinal de contas estávamos em guerra, e havia muitos que não levavam assim tão a sério a questão da fidelidade, pelo menos em terras inimigas. E porque não? Tanto quanto sabiam, no dia seguinte podiam estar todos estendidos na lama a esvair-se em sangue. Humbert não era moralista; mas, naquele caso, incomodava-o que a esposa traída fosse precisamente Elisabeth, uma Melzer nascida e criada, que pertencia à família dos seus patrões. Ainda há pouco estivera profundamente grato ao major e agora, de repente, estava furioso com ele. As outras conversas dos camaradas continuavam a girar em torno de Von Hagemann, o que não contribuiu para atenuar a fúria de Humbert. O major era um «mulherengo dos diabos». Tinha preferências *gourmet*. Não se ficava por uma qualquer rapariga do campo, ele escolhia as passas do bolo. Passaram algum tempo a discutir se o major preferia as morenas ou as loiras, chegando depois a consenso de que a cor do cabelo não era decisiva na sua escolha. Tinha de ser bonita e muito jovem, elegante e um pouco infantil. Apreciava particularmente as virgens.

Pouco antes de virarem na direção da quinta, um dos camaradas voltou-se e perguntou a Humbert:

– Será que ele te...

As restantes palavras foram abafadas pelos latidos furiosos do cão da quinta. Uma camponesa saiu a correr do estábulo e tirou duas vasilhas do carro para as levar para dentro de casa. Um tenente surgiu de um recanto longínquo da quinta, onde ficava presumivelmente a latrina. Ajeitou o cinto sobre o casaco da farda enquanto caminhava na sua direção sobre a calçada invadida pelas ervas. Levaram as mãos às boinas e bateram os calcanhares.

– Daqui a meia hora, chamada com armas e mochila. E depois partimos.

– Às ordens, senhor tenente. Para onde marchamos?

– Bruxelas. E depois seguimos para sul. Soldado Sedlmayer!

Humbert contraiu-se e fez continência, como aprendera. O tenente apontou com o polegar para a residência.

– Apresenta-te ao major.

– Às ordens, senhor tenente.

Von Hagemann, major e – como Humbert ficara agora a saber – conhecido mulhereiro, estava sentado com mais dois oficiais à mesa comprida da casa rural. Entre chávenas de café e pratos, os senhores haviam estendido mapas em que analisavam a rota que deveriam seguir. A ordem de marcha não era seguramente inesperada, mas tê-los-á surpreendido naquela manhã. Teria presumivelmente chegado por telefone; estavam a instalar fios telefónicos em todos os territórios ocupados, desconfiando das ligações já instaladas.

Von Hagemann ergueu a cabeça quando Humbert entrou, mas manteve a expressão inalterada.

– Soldado Sedlmayer, até indicação em contrário, será nomeado meu ordenança. Suba lá acima, a rapariga mostra-lhe o meu alojamento. Limpar as botas, escovar o casaco. E depois emalar tudo.

– Às ordens, senhor major.

Humbert fez por não pensar no lugar para onde estavam a ser enviados. Não havia vantagem nenhuma em pensar nisso. Como um tolo, andara em círculo com vestes coloridas e regressara ao ponto de partida. O seu único consolo era não estar sozinho.

O primeiro troço da viagem fizeram-no de comboio, os senhores oficiais em assentos almofadados, o resto das tropas amontoado em vagões de mercadorias. A partir de Neuchâtel, seguiu-se a pé, sob o céu negro e a chuva torrencial, por prados e pequenos bosques em que a frescura do verde brotava dos ramos. Muito ao longe, Humbert ouvia murmúrios e estrondos abafados, que se foram intensificando para formar os ruídos bem conhecidos da guerra. O rouco «puf» do lançamento de uma granada, o voo silencioso do projétil e o embate, primeiro apenas o «plop» da penetração no chão e depois a explosão. No lusco-fusco do entardecer, via-se ao longe o clarão, uma brasa vermelho-amarelada, a luz breve, o desvanecimento. No abrigo baixo onde permaneceram até de manhã, agacharam-se muito juntos, a maioria calados, apenas alguns dormiam, alguns embriagavam-se. Von Hagemann, o médico e os dois tenentes estavam muito mais bem alojados do que as tropas, deitados em palha húmida, Von Hagemann oferecia cigarros, e também Humbert teve direito a um.

– Amanhã é a sério, Sedlmayer. Vais poder então mostrar se és um homem ou um mariquinhas.

Humbert acendeu o cigarro com o isqueiro do major. Só raramente fumava e não conseguiu evitar tossir.

Ao romper do dia, a paisagem que lhes surgiu diante dos olhos era agreste e vazia, como se estivessem na Lua ou num deserto longínquo. A artilharia calara-se por momentos. E, agora que iniciavam a marcha, o inimigo parecia despertar novamente, os rebentamentos e os zumbidos soaram mais alto, projéteis rasgavam crateras no chão. Quando o Sol nasceu, o major dividiu os seus homens. Desdobraram-se então, procuraram em vários pontos um caminho de entrada nos complicados túneis de toupeira para não causarem congestionamentos desnecessários. Humbert caminhava atrás do major, meio ensurdecido devido às explosões, aos silvos e assobios, sentia a terra mole e húmida sob as botas, viu diante de si uma superfície despida, acidentada, repleta de crateras, aqui e ali a carcaça preta chamuscada de uma árvore, mais atrás ruínas de muros que já não era possível identificar. Fedia horrivelmente a terra molhada, a fogo e a morte pútrida.

– Para baixo! – gritou alguém, agarrando-o pelo colarinho e empurrando-o para o chão.

Ele pôs-se de gatas, deu por si novamente num corredor estreito, os lados forrados com tábuas, pranchas de madeira no chão. A trincheira. Diante do horror lá fora na negra paisagem lunar, aquele buraco escavado na terra pareceu-lhe um refúgio.

– Quase te acertava – resmungou Von Hagemann.

– Vá. Mexe-te. A nossa posição é mais à frente.

Avançou aos tropeções, passando por soldados imundos, depósitos de munições, caixas de alimentos, camaradas a dormir, homens seminus que catavam piolhos nas fardas. A terra tremia a cada embate, os seus ouvidos zumbiam, os tiros crepitavam. A morte era onnipresente, caminhava a seu lado como uma sombra.

Todavia, o mais estranho foi que Humbert não perdeu os sentidos.

Kitty experimentava já a terceira blusa, mas também esta peça delicada de seda azul-clara, de mangas tufadas e ornada com debruns, não merecia a sua aprovação. Como eram incômodas aquelas blusas, antiquadas, qualquer secretária andava por aí de saia e camisa. Mas também não podia optar por um vestido, sobretudo porque, depois do parto, quase todos os seus vestidos lhe haviam ficado subitamente apertados. Não tanto na barriga, mas mais na zona do peito. Na verdade, ela não quisera de todo amamentar, afinal de contas não era nenhuma vaca leiteira, e o teatro que Marie fizera em volta de toda aquela história era para Kitty absolutamente ridículo. Contudo, infelizmente, logo após o parto o leite subira-lhe com tanta violência que todos os remédios que o médico lhe dera não haviam produzido efeito nenhum. Era simplesmente impossível delegar toda a amamentação numa ama de leite, caso contrário teria explodido. Suspirando, alisou a blusa azul-clara e olhou-se no espelho de parede. Que desespero, com aquelas disparatadas entretelas dentro do corpete parecia uma matrona. Mas tinha de enfiar aqueles pedacinhos de pano para que o leite derramado não lhe encharcasse a roupa.

– Nunca mais quero ter filho nenhum – gemeu. – Como é possível uma mulher ficar contente por inchar como um balão e ser mordida e sugada três vezes por dia?

Furiosa, atirou a blusa inocente para o tapete e tirou outra do cabide. Fora Marie quem lha costurara, quem sabe se lhe servia ao menos aquela criação amarelo-clara de algodão e *chiffon*.

– Minha senhora? Chamou-me?

Mizzi, que na verdade fora contratada como criada de quarto, enfiou a cabeça pela fresta da porta. Dois dias antes, num ataque de fúria, Kitty despedira a sua camareira; desde então, chamava constantemente Mizzi para

a ajudar a vestir-se. Mizzi ficara extasiada só de olhar para os muitos vestidos caros, blusas e saias, o sem-fim de sapatos e botins. E ainda as bonitas bolsas, as luvas, os cintos, os chapéus... Um paraíso abria-se de par em par à rapariga e ela estava empenhada em não perder de novo o acesso àquele elísio.

– Ah, Mizzi – disse Kitty, um pouco irritada. – Já que aí estás, ajuda-me a vestir esta blusa.

– Com certeza, minha senhora.

Tinha talento, a pequena Mizzi. Puxou a blusa amarela para trás e para a frente, até que Kitty suspirou e considerou que, para já, podia ficar mesmo assim. Apesar de estar um bocadinho apertada em cima...

– A pequenina está a dormir?

– Penso que sim, minha senhora. A ama está com ela.

Na verdade, podia ter prescindido da ama de leite. Pelo menos no que dizia respeito ao leite. De resto, ela era realmente uma querida, a roliça Alwine Sommerweiler, que tinha em casa três filhos pequenos e um quarto ainda no berço. Tratava da pequena Henni com muita ternura e com a rotina de uma mãe experiente.

– Diz ao Ludwig que vou sair. E traz-me o casaco vermelho de verão, aquele com as golas largas... – Kitty experimentou dois pares de sapatos, ficou satisfeita com o terceiro e pegou no chapeuzinho vermelho com uma pluma que combinava maravilhosamente com o seu cabelo escuro. Deveria cortar o cabelo? Um corte à rapaz ficar-lhe-ia esplendidamente, pensou, pondo-se a caminho do quarto da bebé.

O quarto apresentava-se todo em tons de branco, rosa e dourado. Descobrira e mandara vir os móveis rebuscados por um catálogo, os tapetes comprara num armazém comercial de Augsburg. Nas duas janelas altas entufavam-se cortinados de *voile* cor-de-rosa que a mamã comprara ainda em tempo de paz. Apenas a ama de leite formava um borrão escuro em todo o conjunto luminoso, já que usava sempre um vestido azul-escuro.

– Está a dormir – sussurrou Alwine Sommerweiler a sorrir quando a senhora entrou no quarto.

Em bicos de pés, Kitty aproximou-se da caminha de grades, sobre a qual oscilava um móvel de estrelas cor-de-rosa e uma lua azul-clara. Ah, como era doce aquela pequena criatura quando estava a dormir. Como era querido o seu pequeno narizinho, tão macios os seus lábios arqueados, a

delicada linha de sombra das pálpebras fechadas. A sua pequena Henni! Não, ela estava infinitamente feliz por ter aquela filhinha. Se ao menos Alfons pudesse ver Henni, uma vez que fosse! Mas já não recebia cartas dele há duas semanas – constava que estava enfiado algures na fronteira entre a França e a Bélgica. Se é que aí ainda havia fronteira alguma... Aquela região não fora há muito conquistada pelo Império Alemão? Kitty não sabia e na verdade não queria saber. O papá tinha razão: o que realmente estava a acontecer nas frentes a leste e a oeste não era em todo o caso mencionado nos relatos de guerra dos jornais. A única coisa certa era que agora também a Itália declarara guerra ao Império Alemão.

– Vou estar em casa dos meus pais uma ou duas horinhas, Alwine. Se houver algum acontecimento importante, telefona para lá, por favor.

O telefone era realmente uma coisa prática. Que pena Lisa não ter ligação telefónica em casa. Mas nos últimos tempos a irmã estava de qualquer modo sempre na Vila dos Tecidos. Por causa daquele disparatado hospital militar. Como se não houvesse hospitais que chegassem em Augsburg. Os mosteiros também haviam instalado hospitais militares, provavelmente agora andavam já a competir pelos doentes.

Quando o seu carro subiu lentamente a alameda que conduzia à Vila dos Tecidos, Kitty foi obrigada a concluir que, afinal, havia muito mais soldados feridos do que pensara. Um camião estava parado à porta da Vila dos Tecidos; as lonas da traseira haviam sido presas de lado, pelo que era possível ver o interior do veículo. Estavam ali deitados vários homens sobre mantas de lã, à espera de serem levados para o hospital. Que horror! Até então, deveriam ser tratados na Vila dos Tecidos apenas os doentes que já estavam em recuperação. Aqueles pobres rapazes tiveram de ser transportados de maca para dentro da Vila, jaziam quase sem se mexer, alguns tinham ligaduras brancas na cabeça que tapavam a maior parte dos seus rostos. Havia sido recortados buracos apenas para a boca e os olhos – tinham um aspeto medonho.

– Pare ali à frente, Ludwig. Eu saio aqui. Depois pode estacionar o carro no pátio ali à esquerda, para não obstruir a passagem.

– Com certeza, minha senhora. Pobres tipos. Pelo imperador e pela pátria... enfim. Ainda bem que já estou velho para estas coisas!

Kitty tinha pouca vontade de ver de perto os feridos e dirigiu-se apressadamente para as traseiras da Vila, a fim de subir ao primeiro andar

pelo jardim de inverno. Céus, como era complicado! Na sua última visita dois dias antes, a saia ficara presa à grade de ferro forjado e ficara com manchas de ferrugem.

– Mamã? Olá? Else! Auguste!

Bateu à porta com irritação, já que estava trancada. Decorrido algum tempo, a governanta abriu-lhe a porta, o que não veio melhorar de modo nenhum a sua disposição. Durante meses a fio, a ajuizada menina Schmalzler tentara aproximá-la dos assuntos de gestão doméstica, fizera-lhe entediantes palestras, recomendara-lhe que mantivesse um livro de gestão da casa. E fora essa evidentemente a ideia da mamã. Mas não dera frutos absolutamente nenhuns.

– Minha senhora, mas que surpresa boa! Chega mesmo na altura certa.

Kitty ouviu o berro de um bebé, seria provavelmente Leo, o pequeno berrão. Mas por que raio a governanta estaria tão entusiasmada – até estava com as faces rosadas –, isso era um enigma. Teria seguramente acontecido algo fora do comum.

– Mas que se passa? Diga-me de uma vez por todas, menina Schmalzler. Porque me tortura desta maneira? Não aconteceu nenhuma coisa má, pois não?

A menina Schmalzler pegou-lhe no chapéu e no casaco e garantiu que se tratava de uma notícia muito boa.

– O correio! – desatou Kitty. – Uma carta do Paul? Sim? Oh, a sério? O meu Paulinho escreveu finalmente? Diga-me que é verdade, menina Schmalzler. Caso contrário, arranco-lhe as orelhas!

– Mas, minha senhora... Menina Kitty...

Estava a rir-se. Era mesmo verdade, Eleonore Schmalzler sabia rir. Era um pouquinho bizarro, já que ela abria a boca apenas até meio.

– Não apenas uma carta – disse ela com um tremor na voz, quase parecia que estava à beira de um soluço.

– Recebemos hoje uma cesta inteira de cartas. Ele deve ter escrito todos os dias e as cartas ficaram perdidas algures. A sua mãe e a senhora Von Hagemann estão na sala de jantar. Agora tenho de descer para o hospital, estamos a receber novos doentes.

Percorreram juntas o jardim de inverno e passaram ao corredor. Aí chegadas, a governanta apressou-se pelas escadas abaixo em direção ao hospital, enquanto Kitty seguiu em frente, para a sala de jantar.

– Mamã! Lisa!

Elisabeth deixou cair a carta que estava a ler nesse momento e levantou-se de um salto para abraçar a irmã. A mãe juntou-se-lhes, envolveu as duas filhas com os braços e todas soluçavam como se algo terrível tivesse acontecido.

– Ele esteve na Galícia... Tão longe. E depois na Masúria. Mas agora vai voltar. Tem ordens de marcha para a França, mas tem esperança de nos poder visitar durante alguns dias antes de partir para a frente ocidental.

– Oh, meu Deus! – exclamou Kitty. – Ele vem para cá. É demasiado bom para ser verdade... Onde está a Marie? De certeza que está louca de alegria!

A mãe explicou-lhe que Marie fora para cima. Queria estar sozinha enquanto lia as cartas de Paul.

– Então e eu? – inquietou-se Kitty. – Ele não me escreveu a mim? Oh, Paulinho, seu maldoso, desleal...

– A pilha de cartas ao lado da cafeteira – disse Elisabeth, abanando a cabeça. – São todas cartas para ti, Kitty. Não te apresses sempre tanto a resmungar.

– Oh, meu Deus! Todas para mim? São seguramente dez, não, quinze cartas!

– Treze – retorquiu Elisabeth. – Eu só recebi cinco, a mamã tem sete. E a Marie...

Kitty já tomara posse da sua pilha de correio e contava. Com efeito, Lisa tinha razão. Deus do céu, recebera mais cartas de Paul do que a mamã e Lisa juntas!

– Quantas cartas recebeu a Marie? – quis ela saber.

– Como são patetas – disse Alicia com um sorriso. – Parecem crianças pequenas!

– À Marie ele enviou mais de cinquenta cartas e postais – informou Elisabeth.

– Ah, sim? Tantas? – observou Kitty, vagamente ciumenta. Adorava Marie do coração, não teria desejado para o seu Paulinho outra pessoa que não a sua amiga Marie. Mas precisamente por isso o seu Paulinho poderia ter distribuído mais uniformemente o correio entre as duas...

A mãe chamou Else e incumbiu-a de trazer a Kitty café fresco e algo para comer, ao que se fez silêncio na sala, já que as três mulheres mergulharam na leitura do correio. Só de vez em quando se ouvia um suspiro ou uma

exclamação de espanto baixinho, uma delas lia meia linha e as outras faziam observações monossilábicas, dado que estavam ocupadas com a sua própria leitura.

A caminho do Leste, 21 de abril de 1916

Minha irmãzinha Kitty,

Ontem estivemos em Königsberg. O comboio parou lá ao nascer do dia, bateram nas portas do lado de fora e nós cambaleámos cheios de sono para a plataforma. Distribuíram comida, arroz com carne de vaca, boa e abundante. Depois ficámos parados à espera naquela madrugada pálida e um comboio deu entrada, com vagões de mercadorias fechados, e lá de dentro ouviam-se pés a bater e ruídos estranhos. Eram prisioneiros russos, foram descarregados vagão a vagão e conduzidos para o posto de alimentação. Estavam pálidos e emagrecidos, muitos fumavam cigarros, os traços do rosto pareciam estranhos, mongólicos. Mais tarde, vimo-los nas aldeias bombardeadas a limpar os escombros. Pobres tipos, arrancados da sua terra e arrastados para um lugar desconhecido. A paisagem que atravessamos agora é monótona, campos baldios, quintas isoladas com casas de madeira e telhado de colmo onde as pessoas vivem no mesmo espaço que o seu gado. Abriu-se diante dos meus olhos todo um mundo novo, é como se o tempo tivesse recuado uma série de séculos. Consta que em Vilkovitz existem vários postos de correio militar, por isso tenho a esperança de que as minhas cartas cheguem rapidamente até vós e que também as vossas cartas cheguem às minhas mãos. Guardo todas as tuas cartas, irmãzinha, na minha mochila, presas com um elástico, um tesouro que abro em momentos mais tristes. Quando as leio, vejo a tua mãozinha e o indicador fletido a empurrar com tanta força a caneta.

Um beijo meu para a tua querida Henni e um abraço para ti do teu irmão mais velho.

PAUL

– O café, minha senhora – anunciou Else, arrancando Kitty dos seus pensamentos. – A cozinheira manda dizer que não lhe pode preparar nada para comer porque tem de alimentar o motorista Ludwig e ainda os motoristas do transporte de doentes e os dois jovens ajudantes. Além do

mais, a menina Schmalzler roubou-lhe a Hanna para agora ajudar no hospital, pelo que esta não pode trabalhar na cozinha...

– Obrigada, Else – disse Alicia com simpatia. – Diz à senhora Brunnenmayer que vou dar uma palavrinha à menina Schmalzler. Já podes levantar a mesa.

Quando Else saiu com uma bandeja cheia de louça, Alicia pôs de lado as cartas de Paul, soltando um suspiro. Tinha de ir lá abaixo pôr as coisas nos eixos. Com o hospital, a habitual distribuição de tarefas entre o pessoal tornara-se infelizmente um pouco caótica.

– Lembra-te por favor de telefonar ao papá, Lisa. Ele deve receber a boa notícia o mais depressa possível.

– Claro, mamã. Vou já tentar outra vez.

Kitty levantou os olhos da leitura, franzindo a testa; esperou no entanto que a mãe saísse da sala antes de fazer a sua pergunta.

– E porque não telefona ela? Os dois voltaram a discutir?

Elisabeth dirigiu os olhos para o teto e gemeu baixinho. Era quase insuportável ver como os pais dificultavam mutuamente a sua vida. Nos últimos dias, o papá levantava-se cedo e corria para a fábrica, só para não ter de se sentar com a mamã à mesa do pequeno-almoço. Não vinha à Vila dos Tecidos à hora do almoço e ninguém sabia sequer o que comia. Lá na fábrica, onde praticamente não se laborava e já nem as duas secretárias apareciam no escritório.

– Por amor de Deus, Lisa! – scandalizou-se Kitty. – A nossa fábrica está na falência?

Elisabeth abanou energicamente a cabeça.

– Não, não, é claro que não. Como podes dizer tal estupidez! Devido à guerra, o papá está diante de alguns estrangulamentos, mas tudo se vai resolver. Ele disse que tem várias encomendas para julho e agosto. Acho que estão a limpar cartuchos de metal e a reparar correias de couro rasgadas. Não sei ao certo, mas as operárias vão estar ocupadas com isso durante algum tempo.

Kitty considerou que esses trabalhos não eram na verdade adequados a uma fábrica de tecidos. Mas enfim, na guerra os cartuchos de metal e as correias de couro eram mais importantes do que bonitos tecidos para fazer roupa.

– Sem dúvida – replicou Elisabeth e lançou-lhe um olhar desdenhoso. – Até porque é difícil fabricar tecidos para roupa sem lã ou algodão.

Kitty teve de admitir que ainda não pensara de todo no assunto. Algumas coisas passavam-lhe à frente dos olhos sem que ela as registasse verdadeiramente. Sobretudo coisas que tornavam a vida problemática.

– Deixa-te ficar sentada, Lisa. Eu telefono ao papá – disse ela, correndo para o escritório para telefonar para a fábrica de tecidos Melzer. Ficou ali parada algum tempo, impaciente, tamborilava com os dedos na secretária do pai, puxava a blusa, constatava que os seus seios já estavam outra vez tensos. Foi-lhe então comunicado que o destinatário da chamada não atendeu.

– Tente outra vez, por favor!

A menina da central telefónica voltou a estabelecer a ligação, mas foi em vão. Irritada, Kitty atirou o auscultador contra o gancho e regressou à sala de jantar para continuar a ler as cartas de Paul.

– E então? Conseguiu falar com o papá?

Kitty encolheu os ombros. Deve estar a andar algures pela fábrica. Que parvoíce as secretárias não estarem no escritório, assim sempre teriam sabido o paradeiro do chefe.

Elisabeth calou-se e serviu-se de café, perdida em pensamentos. Adicionou um cubo de açúcar e ainda um pouco de leite em pó. Mexeu com uma colherzinha de prata, tirou-a para o lado e fixou os olhos na toalha de mesa, onde ainda jaziam meia dúzia de migalhas de pão escuro.

– Também não tens de ir para o hospital, Lisa? – perguntou Kitty, reparando por fim no comportamento estranho da irmã. – Eu achava que eras a coordenadora das enfermeiras? Não? Enfim, devo ter compreendido mal. Diz-me uma coisa, é verdade que o tal jovem médico... como se chamava mesmo, esqueci-me... é incrivelmente atraente? Há pouco tempo, a Tilly ficou toda corada quando lhe perguntei por ele.

Elisabeth fez com a mão um gesto de desdém, que Kitty a poupasse por favor a tais mexericos. O doutor Moebius é um excelente médico, faz muito mais do que a sua obrigação.

– Estou preocupada com o papá, Kitty – disse ela, apreensiva. – Nos últimos tempos, anda incrivelmente tenso. Tão agitado e nervoso. Sou da opinião de que esta contenda com a mamã se está a tornar um

desentendimento sério. E tu sabes muito bem que o papá não se pode enervar...

– Ele emagreceu e anda muito pálido. Pensei que andava preocupado com a fábrica – considerou Kitty com ingenuidade. – Ele anda sempre preocupado.

– E tem todos os motivos para isso, Kitty. Mas não me agrada nada sabê-lo a deambular pela fábrica completamente sozinho para se esconder da mamã. Estou a falar mesmo a sério: se alguma coisa lhe acontece, não vai estar lá ninguém para o ajudar. Só ao final do dia iríamos lá procurá-lo, e aí ele já poderia...

– Por amor de Deus, Lisa – exclamou Kitty, indignada. – Agora para lá de dizer essas coisas horríveis. O papá está outra vez bem de saúde.

Distraída, Elisabeth pousou a colher de café na toalha de mesa em vez de no pires. Uma mancha castanho-clara cresceu no tecido branco.

– O papá pode ter outra apoplexia a qualquer momento – disse baixinho. – Foi o que nos disse o médico. Kitty, estou com um mau pressentimento...

– Consegues estragar até o dia mais belo, minha irmã! – queixou-se Kitty. – Ainda agora estávamos tão felizes por em breve termos o nosso Paulinho de volta...

Elisabeth levantou-se e foi até ao escritório. Kitty revirou os olhos e abriu uma das suas cartas. Mas não conseguiu concentrar-se no seu conteúdo e teve inveja de Marie sentada lá em cima com todo o sossego, a ler uma carta a seguir a outra, sem ser incomodada. Estaria a chorar? Ou estaria a rir-se de alegria? Ou as duas coisas? O Paulinho sabia escrever cartas muito carinhosas, era simplesmente maravilhoso...

Chegou-lhe a voz de Lisa vinda do escritório, interrompendo-lhe os pensamentos.

– Estabeleça novamente a ligação, por favor... Sim, eu sei que já tentou várias vezes telefonar para este número.

Por amor da santa! Lisa estava a deixar-se mesmo levar pelas suas visões angustiadas. Se a mamã soubesse, ficaria provavelmente contagiada e passaria também a preocupar-se. Kitty voltou a dobrar a carta e enfiou-a no envelope. Lisa era mesmo terrível. Não poderia, uma vez na vida, ser realmente feliz? Não, tinha sempre de encontrar defeitos em tudo.

– Ouve-me lá – disse Kitty quando Elisabeth voltou a entrar na sala de jantar com um ar pesaroso. – Vamos num instante até à fábrica e dar

pessoalmente a boa notícia ao papá.

– Ia mesmo sugerir isso – disse Elisabeth baixinho. – Ainda bem que também tiveste a mesma ideia.

Lá fora haviam-se formado entretanto escuras nuvens de trovoadas. Estavam Kitty e Elisabeth a atravessar o jardim quando se viram os primeiros relâmpagos e se ouviu o ribombar do trovão. Uma enfermeira apressou-se a trazer as cadeiras de verga do terraço para um local abrigado, fechando em seguida as duas portas de dois batentes. Mais adiante, no pátio, Ludwig conseguira por pouco fechar a capota aberta do carro, mesmo antes de começarem a cair as primeiras gotas grossas de chuva.

– Foi mesmo uma sorte – declarou Kitty quando já se encontravam sentadas em lugar seco. – Quase estragava o meu casaco novo. Viste como o tecido cai magnificamente? Comprei-o no Rosenberg. Em cima largo e tufado e em baixo mais estreito. Como um rabanete.

Elisabeth parecia nervosa e não estar em condições de apreciar adequadamente a dispendiosa peça de roupa, limitando-se a assentir com a cabeça, de olhos fixos no para-brisas do carro, sobre o qual agora a chuva se abatia. Estremeceram com mais um violento trovão.

– A trovoadas está mesmo em cima de nós, minha senhora – disse Ludwig, em cujo bigode grisalho cintilavam algumas gotas de chuva. – É mesmo uma bela e típica tempestade de verão. Como nos tempos de paz.

– Vamos andando, Ludwig. A minha irmã está um bocadinho nervosa.

– Mas é claro, minha senhora!

Ele avançou lentamente, pois a visibilidade era fraca devido à chuva. O carro tinha, na verdade, limpa-para-brisas, mas tinha de ser movimentado por um dos passageiros e as senhoras iam ambas sentadas atrás. Pararam diante do portão da fábrica de tecidos Melzer. Mal se via a janela da casa do porteiro, mas era muito possível que o velho Gruber já nem sequer viesse trabalhar e tivesse sido o próprio pai a abrir o portão. Se assim fosse, tê-lo-ia seguramente fechado de novo.

– Mas que ideia fantástica esta de virmos aqui – resmungou Kitty, tiritando de frio no seu leve casaco de verão. – Que fazemos agora?

Elisabeth espirrou. Tinha o lado esquerdo do casaco todo encharcado, já que naquela zona a capota não era estanque.

– Buzine, por favor, Ludwig!

Ele carregou na buzina três vezes – e nada. As irmãs entreolharam-se, confrangidas. Um trovão sacudiu todo o bairro industrial, relâmpagos iluminavam os edifícios sob uma bizarra luz azulada.

– Podíamos sair e tocar à campainha – refletiu Elisabeth.

– Isso fazes tu, Lisa. Eu não tenho vontade nenhuma de arruinar o meu casaco. Buzine por favor outra vez, Ludwig. E não seja tímido. Toque isso a rebate!

Tinha um som mesmo muito patético, pensou Kitty. Como um dragão com dores de garganta. Elisabeth acionou o puxador da porta com determinação para se lançar à chuva torrencial, quando Kitty a agarrou pelo braço.

– Olha-me só! – exclamou ela, apontando com o dedo. – Um chapéu de chuva!

– O quê? Onde?

Com efeito, um chapéu de chuva preto aberto estava a atravessar o pátio. Avançava apenas lentamente, já que tinha de lutar com o vento e as torrentes de água, mas então Kitty conseguiu discernir que quem o levava era um homem de fato escuro. O porteiro Gruber estava no seu posto.

– Com aquele chapéu o pobre homem quase levanta voo...

– «... Já com as nuvens voa para o céu, e pelo ar também lhe voa o chapéu.»

– Para com isso, Lisa. Detesto esse livro. Já em miúda não suportava o *Struwwelpeter*⁴. Pode avançar, Ludwig. De que está à espera?

O porteiro abriu os dois batentes do portão e prendera-os de lado para que não se fechassem de novo, já que podiam danificar o carro. Quando o carro passou por ele, fez uma vénia desajeitada com o guarda-chuva. Ficou claramente contente por as duas senhoras lhe acenarem tão alegremente.

– Este não aguenta ficar em casa – considerou Elisabeth, abanando a cabeça. – Não consegue viver fora da sua casa de porteiro, o bom homem.

– E porque haveria ele de ficar em casa? – perguntou Kitty, espantada. – A fábrica continua a precisar de um porteiro.

O carro deixou-as mesmo em frente da entrada do edifício dos escritórios e, para seu grande entusiasmo, encontraram a porta aberta. Nas escadas, os

seus passos ressoavam assustadoramente alto; não se ouvia mais nenhum som, nem sequer o murmurar e rufar da chuva.

– Será que aqui já ninguém trabalha? – perguntou Kitty com apreensão. – Era aqui que ficava a contabilidade, não era? Aqueles tipos esquisitos de mangas de alpaca e óculos redondos...

– Os homens novos estão na guerra, Kitty.

– Certo, já me tinha esquecido. Mas também havia outros mais velhos. Que estranho não virem trabalhar. O gabinete do papá fica no segundo andar, não é? Era sempre empolgante vir cá visitá-lo. Todos tinham de esperar até serem chamados ao gabinete. Mas eu entrava simplesmente por ali adentro.

Chegadas à antessala, as irmãs estacaram, preocupadas. Estava tudo muito silencioso. As duas máquinas de escrever estavam tapadas com capas de tecido, as cadeiras devidamente arrumadas sob as secretárias, uma pilha de pastas de arquivo ganhava pó num carrinho. No cesto de papéis havia um único e solitário pedaço de papel amarfanhado. A chuva batia contra as vidraças.

– Bah, isto aqui está mesmo bafiento. Que pena com este tempo não podermos abrir as janelas para arejar – disse Elisabeth.

Kitty pressionou o puxador da porta que dava para o gabinete do diretor e empurrou a porta pesada. Rangia como num castelo assombrado. Varreu o gabinete do pai com os olhos. Santo Deus, não estava ali ninguém. Todavia, havia indícios de que alguém ali bebera conhaque e fumara charutos.

– Inacreditável! – suspirou Elisabeth, erguendo o cinzeiro cheio da secretária para lhe avaliar o conteúdo. – São pelo menos dez, não, doze beatas de charuto. E no cesto dos papéis há mais restos de cinzas. E sabendo que o doutor Greiner proibiu expressamente o papá de fumar!

– Olha que ele também lhe deu bem no conhaque – disse Kitty. – A garrafa está quase vazia. Olha, Lisa. O papá não estava sozinho.

Na mesa de visitas havia três balões de conhaque usados e mais um cinzeiro, também ele cheio. Desorientadas, as irmãs observaram os vestígios ali deixados. Era evidente que o pai tivera visitas.

– Devem ter sido homens – considerou Kitty. – Senhoras não teriam fumado charutos.

Elisabeth pegou num dos copos de conhaque para analisar as marcas ali deixadas. Não havia batom. Ficou mais descansada.

– É claro que eram homens. Que estás tu a pensar do papá? – disse ela, indignada. – Deve ter assinado um contrato com parceiros de negócios.

– Ora aí está!

Kitty encolheu os ombros e declarou que já sabia de antemão que os receios de Lisa eram apenas fruto da sua imaginação exagerada. Ao que parecia, estava tudo ótimo com o pai.

– Espero mesmo que tenhas razão, Kitty!

– Mas onde estará ele? – refletiu Kitty. – O porteiro deve saber.

– Que disparate! – disse Elisabeth. – Devíamos ter-lhe perguntado.

Saíram do gabinete do diretor e desceram as escadas. Apesar de tudo, o edifício tornara-se sinistro, assim silencioso e sem ninguém. E também um nadinha sujo. Nos cantos já algumas aranhas mais empenhadas haviam tecido as suas teias. E cheirava a lugar vazio.

A chuva entretanto abrandara, pelo que decidiram esperar na entrada enquanto Ludwig ia falar com o porteiro. Se o senhor diretor não estava lá em cima no gabinete, ficaram elas a saber, então só podia estar na fiação. Nos últimos dias ia sempre para lá, aquilo era uma tragédia, ia dar cabo dos nervos do pobre senhor diretor...

– Não pode ser assim tão difícil limpar meia dúzia de cartuchos de metal – considerou Kitty.

– Vem – ordenou Elisabeth. – Quero ver o que se passa.

Arrastou Kitty pela chuva, passando por dois pavilhões, no terceiro ficava a fiação, onde por norma se laborava nos dois pisos. Uma vez, quando era pequena, Kitty entrara a correr num dos pavilhões da fábrica, mas o terrível ruído das muitas máquinas voltara a expulsá-la rapidamente lá para fora.

– Tira os dedos dos ouvidos – gritou Elisabeth. – Está tudo em silêncio. As máquinas não estão a laborar.

– Odeio-te, Lisa – resmungou Kitty. – Por tua causa, o meu casaco novo está agora todo cheio de manchas de água.

Olhou com grande descontentamento para as máquinas de fiar escuras e caladas, eram as máquinas automáticas. Faltava ali o sibilo e o zunido das bobinas, também o silvo dos fios a esticarem e a serem enrolados. Contudo, ali ao lado, ouvia-se o ruído de algo a bater – a máquina a vapor estava sob pressão.

– Lá em cima trabalha-se – determinou Elisabeth.

– Ora muito bem. Então vamos lá subir. Quem é que se rala com mais meia dúzia de manchas de óleo no meu casaco?

Já nas escadas se ouvia a voz encolerizada do senhor diretor. O papá resmungava como nos bons velhos tempos.

– Mas que grande monte de sucata! Mas porque é que este cilindro não se mexe? Para que é que lhe paguei uma pipa de massa?

– É uma coisa de nada, senhor Melzer. É preciso lubrificar melhor o eixo. Também é possível que o orifício esteja demasiado apertado.

– O que está apertado é mas é o seu cérebro, Hüttenberger! Isso é que é. O meu filho desenhou tudo com precisão. Só tem de olhar para lá!

– Agora! Agora está a funcionar!

Elisabeth e Kitty subiram os últimos degraus a passo acelerado, vendo-se em seguida diante de uma incrível estrutura de metal – sem dúvida alguma uma máquina, já que era acionada por uma correia.

– Papel – exclamou Kitty e estendeu o braço. – Aquilo é um rolo de papel. O papá vai fazer tapetes.

O enorme rolo de papel rodava, rangendo e chiando ruidosamente, assobiava, estalava, fazia muito barulho. Uma calha metálica elevou-se no ar, pousou no rolo de papel, ouviu-se um zumbido como se alguém estivesse a cortar papel. Depois a máquina subiu, rangeu e parou.

– Maldição, maldição! – berrou Johann Melzer para os dois mecânicos. – Se o papel se tiver rasgado, amanhã eu mesmo vos corto os narizes com uma tesoura!

⁴ Referência ao livro alemão de contos infantis *Struwwelpeter* (1845), de Heinrich Hoffmann, cujas histórias narram as desastrosas consequências do mau comportamento das crianças. (N. da T.)

Marijampolè, 10 de outubro de 1916

Minha mais amada Marie, minha maravilhosa e carinhosa mulher,

Já não vai acontecer o nosso reencontro, por aqui mudaram os planos e para já terei de ficar na Rússia. Foi uma amarga notícia que recebemos hoje cedo na nossa unidade, e alguns dos meus camaradas, que, tal como eu, tinham a esperança de rever as suas famílias, queixaram-se da sua sorte. Também eu precisei de algum tempo para superar a desilusão, mas somos todos soldados de Sua Majestade e não há lugar a lamentos nem a queixas, aqui dizemos em alto e bom som «Às ordens!» e o resto cada um trata sozinho consigo mesmo.

Se calhar é a vontade de Deus que aqui fiquemos, já que a situação na Lituânia está tranquila, os russos continuam a combater com pouca convicção na Galícia, de resto o seu empenho na guerra parece estar a esmorecer. Na França, sobretudo em Verdun, consta que a situação é totalmente diferente, já que aí os dois lados se enfrentam diretamente e ouve-se dizer que são muito elevadas as baixas de ambas as partes. Também no Somme se combate a sério, mas aí são os ingleses a dar apoio aos seus aliados.

Agradeço de coração as belas encomendas, o chocolate, o cobertor de lã e os mapas, que me são muito úteis. Ainda estamos alojados na quinta onde nos instalaram muito «comodamente» no celeiro. De vez em quando, à noite, vamos à taberna de Marijampolè, cujo dono é alemão e está sempre cheia de gente, de dia e de noite. No entanto, na maior parte das vezes bebemos chá – a bebida nacional russa.

Aqui bebem-no muito forte, com açúcar e... compota! Nos últimos dias houve geada, o que por um lado indica que o inverno vai começar cedo, mas,

por outro, também tem os seus aspetos positivos. O chão é aqui todo ele um grande lodaçal, só podemos passar nos sítios onde foram colocadas tábuas, caso contrário afundamo-nos até aos tornozelos. Mas, se ficar frio, o chão endurece e também desaparecem os incómodos mosquitos. Quando cavalgamos em patrulha, olhamos para a vasta paisagem, aos nossos olhos tão erma e inóspita, e perguntamo-nos o que estamos na verdade aqui a fazer. Mas não nos cabe questionar as decisões do alto-comando do exército.

Penso muitas vezes em ti, minha doce Marie, e também nos nossos filhos, que entretanto já não vejo há longos oito meses. Mando-vos duas pequenas figuras de madeira que comprei a um rapaz camponês. O cavalinho é evidentemente para o meu Leo, o cão fica para a Dodo. Não sei se já conseguem fazer alguma coisa com isto – mas, se lhes mostrares os brinquedos, querida Marie, conta-lhes que foi o papá que os enviou.

Também para ti, minha querida mulher, comprei um bonito presente – era para ser uma surpresa no nosso reencontro. Agora vou guardá-lo para ti, pois não o quero confiar aos correios.

Beijo-te e abraço-te, minha querida. Quando leio as tuas cartas, o teu rosto surge à minha frente e acompanha-me até à terra dos meus sonhos noturnos, onde as nossas almas e os nossos corpos se unem.

Com amor,

PAUL

Marie dobrou a carta que lhe chegara pelo correio militar suspirando baixinho e colocou-a na pasta de cabedal que comprara especialmente para guardar as cartas de Paul. Habituar-se a procurar refúgio naquela pasta em qualquer minuto que tivesse livre, procurando uma carta ao acaso e dedicando-se à sua leitura. Dava-lhe a sensação de ter Paul ali junto dela, sim, parecia até que o ouvia falar, lembrava-se da entoação que punha nas palavras e, se fechasse os olhos, conseguia ver-lhe o rosto. Ah, aquele sorriso malandro, como lhe sentia a falta!

Se ao menos o alto-comando do exército reagisse por fim ao seu requerimento e libertasse Paul do serviço militar. Mas o processo arrastava-se, os dias passavam e a ideia de que, logo agora, alguma coisa pudesse suceder a Paul tirava o sono a Marie. Estava zangada com o sogro por ter demorado tanto tempo a sair da sua zona de conforto. Johann Melzer sentira necessidade de lhe provar que não era um pau-mandado do filho e muito

menos estava às ordens da nora. Mas agora mudara por fim de ideias. Mandara construir três máquinas segundo os desenhos de Paul, já haviam sido superadas as dores de crescimento da construção e já se começara entretanto a tecer os primeiros tecidos. Marie ia todos os dias até à fábrica – o que não agradava propriamente ao sogro – para apreciar os progressos e analisar a qualidade dos tecidos. Secretamente começara até já a conceber estampados simples e, ao mesmo tempo, bonitos. Era importante que os tecidos tivessem uma aparência atrativa, era preciso superar a concorrência, que dispunha agora de mais experiência. Era uma alegria enorme poder colocar em prática as suas ideias e saber que, assim, estava a dar o seu contributo para a sobrevivência da fábrica. Se ao menos Paul ali estivesse com eles...

Ah, era demasiado impaciente! O mais importante era que podiam agora nutrir novamente um sentimento de esperança. Também a permanente e tensa desavença entre os sogros chegara ao fim. Não reinava de todo um ambiente de harmonia e ternura entre Alicia e Johann Melzer, mas voltaram a dirigir-se a palavra e faziam as refeições juntos. Contudo, ao serão, quando Marie e Alicia se sentavam no salão a beber chá e também Elisabeth se lhes juntava, desde que as suas tarefas no hospital lho permitissem, Johann recolhia-se no quarto a ler um livro. Dizia, com um sorriso retorcido, que durante o dia já ouvira ruído e tagarelices suficientes e que o seu sossego noturno era sagrado.

No corredor ouviam-se agora passos apressados, e também lá em baixo, no jardim de inverno, havia alguma movimentação. Estariam provavelmente a chegar os primeiros convidados da festa de família e Else acorria a tomar-lhes os casacos. Muita coisa se tornara trabalhosa com a instalação do hospital. Quando fazia mau tempo, os visitantes traziam todo o tipo de sujidade para o jardim de inverno. E, como é evidente, logo hoje que estava preparada uma pequena festa de família, havia de estar aquele imundo tempo de outono!

– Minha senhora...

Auguste abriu silenciosamente a porta e enfiara a cabeça pela fresta.

– Estou quase pronta, Auguste. Quem chegou?

– O barão Von Hagemann e a sua esposa, minha senhora. E lá à frente acabou de chegar o carro do diretor Bräuer.

– Já desço. Está tudo em ordem na cozinha?

– A senhora Brunnenmayer está a resmungar como sempre e persegue a pobre Hanna por todo o lado. A Else queixou-se por ter de ajudar na cozinha.

– Diz-lhe que monte o parque dos gémeos no salão vermelho. A mamã quer tê-los por perto quando mais tarde servir o moca.

– Eu digo-lhe, minha senhora.

Auguste arranjara-se especialmente bem para aquele dia e colocara até uma touca acabada de engomar. Já há muito tempo que não havia festas na Vila dos Tecidos, até no Natal a celebração fora tranquila e modesta. Mas agora, para total surpresa de todos, Alfons – o marido de Kitty – viera passar dez dias de licença e ela decidira que o aniversário de Alicia, que no ano anterior se passara tranquila e silenciosamente, deveria ser celebrado abundantemente e em família. Mas, como é evidente, apenas na medida do possível em tempos de tamanha escassez.

Marie guardou a pasta na gaveta da escrivaninha e fechou-a. Do outro lado, no quarto das crianças, Leo choramingava, estava irritadiço porque a irmã já conseguia agarrar-se às grades de madeira do parque e ele ainda não. Em compensação, brotava da sua cabecinha redonda uma suave lanugem de caracóis louro-dourados, enquanto a ausência de cabelo de Dodo fazia parecer que trazia uma touca de renda.

– Alimentados, de fralda mudada e prontos para todas as infâmias possíveis – considerou Rosa alegremente quando Marie entrou no quarto. – Se bem conheço a sua sogra, não vai deixar na mesma de empanturrar o seu querido Leo com todo o tipo de comida.

– Oh, pois, vai haver bolos – suspirou Marie e tirou a filha do parque.

A pequena riu-se e mostrou-lhe os seus quatro dentinhos branquinhos e alvos como a neve que já lhe haviam nascido. Dodo estava quase sempre bem-disposta, era uma verdadeira criança feliz, uma pequena bola, como todos diziam. Leo, o herdeiro, também era capaz de ser encantador se o achasse necessário. Passava, todavia, a maior parte do tempo insatisfeito, a choramingar porque lhe rompiam os dentes, queria que lhe pegassem ao colo, tinha fome, tinha dores de barriga ou até se se constipava e tinha febre.

– Pode ir descendo, minha senhora – sugeriu Rosa. – Depois do jantar eu levo as crianças para o salão vermelho.

Marie pousou Dodo no colo de Rosa e desceu as escadas até ao primeiro andar, onde já se instalara a azáfama habitual de uma receção com

convidados. Elisabeth passou a correr por Marie a caminho do andar de cima, trabalhara até àquele momento no hospital e tinha de se arranjar rapidamente para receber os convidados.

– A Else passou-me a ferro o vestido, Marie?

– Dei-lhe essa indicação ontem à noite. Não tens de te apressar, Lisa. A mamã e o papá estão no jardim de inverno e eu vou também agora para baixo para receber os convidados. Veste-te com calma.

– Obrigada, Marie, és uma querida.

Auguste passou à pressa por Marie, levava os casacos húmidos dos convidados para cima para aí os pôr a secar. Hanna chegou das escadas de serviço de faces ruborizadas e olhos trémulos de ansiedade, usava um vestido preto que Marie lhe oferecera e ainda um avental de renda branco e uma bonita touca. Seria a sua primeira vez a servir num jantar e estava terrivelmente nervosa.

– Lembra-te de servir o vinho muito devagarinho, Hanna. E não faças essa cara, rapariga. Eu sei que és capaz.

– Sim, minha senhora. Vou dar o meu melhor.

No jardim de inverno servia-se champanhe, o que, perante um tempo tão pouco simpático lá fora, foi recebido com grande entusiasmo. Apenas Gertrude Bräuer, a sogra de Kitty, anunciou que preferiria um copo de vinho quente. Ofereceram-se as prendas, que foram colocadas sobre uma mesinha diante das estantes de livros, congratularam Alicia pelo seu dia especial, abraçavam-se uns aos outros ou estendiam apenas a mão – consoante o grau de parentesco. O que Marie teve mais dificuldade em fazer foi cumprimentar o casal Von Hagemann com a devida simpatia. Já havia muito que percebera que, para eles, ela tinha uma posição social inferior, mas Marie, que por circunstâncias trágicas nascera fora do casamento e crescera num orfanato, aprendera na sua infância a lidar com o desprezo dos outros, não deixando transparecer o seu desagrado. Muito mais calorosa foi a abordagem de Gertrude e Edgar Bräuer. Estavam ambos muito felizes por saberem que o seu único rapaz, Alfons, passava alguns dias na segura Augsburg.

– Mas onde estão eles? – inquietou-se Gertrude Bräuer. – Ah, os jovens! Desde que o Alfons voltou a Augsburg, praticamente não lhe pomos os olhos em cima. Está sempre de volta da sua jovem esposa. E está completamente doido pela querida Henni.

– É tudo muito natural – disse Alicia. – Os jovens têm a vida deles e nós, os mais velhos, temos de nos conformar, não é, Johann?

Johann Melzer estava hoje excepcionalmente bem-disposto, também se permitira um copinho de champanhe e parecia autenticamente animado.

– Não me admira nada que o bom do Alfons ande sempre de volta da minha filha Kitty – gracejou ele. – Afinal de contas, aqueles dois têm de gerar um varão.

– Ora, Johann – censurou Alicia, com um leve embaraço.

– Bebamos a isso! – riu-se Edgar Bräuer.

Também Christian von Hagemann se mostrou divertido, Riccarda von Hagemann bebericava o seu champanhe e perscrutava pensativamente os copos venezianos nas estantes. Gertrude Bräuer, que nunca tivera papas na língua, considerou que para isso não era preciso o dia todo, era coisa que se despachava em cinco minutos. Riccarda von Hagemann revirou os olhos em direção ao teto.

Continuaram os gracejos ainda algum tempo, deixaram-se tentar por mais um segundo copo e cumprimentaram então o reverendo Leutwien, que celebrara a missa vespertina e por isso chegava um pouco mais tarde.

– Um copinho de champanhe, vossa eminência?

– Com todo o gosto, caro amigo. O vinho da missa caiu-me como vinagre no estômago.

Riccarda von Hagemann referiu que o sacerdote não bebe na verdade vinho, mas sim o sangue de Cristo, o que Leutwien confirmou com um benevolente aceno de cabeça. Logo depois perguntou pelos progressos do filho Klaus, que, entretanto – se bem se lembrava –, teria sido promovido a major.

– O nosso Klaus honra a tradição da família, vossa eminência. Como muito bem sabe, também os meus dois irmãos e dois dos meus primos foram oficiais de Sua Majestade, e a nossa inesquecível vitória sobre o inimigo de longa data, a França, em 1870-1871, deveu-se em parte muito substancial aos préstimos dos Hagemann.

Referiu ainda outros familiares célebres, com exceção do marido, já que a carreira de oficial de Christian von Hagemann fora subitamente encurtada devido a um escândalo funesto. Também o reverendo Leutwien tinha disso conhecimento, enquanto assentia zelosamente ao ouvir as suas explanações e optava por se calar.

Para os cartões de mesa, Marie recortara afetosamente corações de cartolina branca, fazendo neles pequenos desenhos e as inscrições necessárias. Teve direito a grandes elogios, sobretudo Edgar Bräuer considerou que era admirável a naturalidade com que a cunhada de Alfons punha os seus dotes artísticos ao serviço da família. Christian von Hagemann assentiu pensativamente e declarou que nem todas as mulheres eram assim tão inteligentes.

– Minha senhora – informou Auguste, fazendo uma vénia especialmente elaborada tendo em conta os convidados. – A senhora Kitty Bräuer e o esposo acabaram de chegar.

– Que bom – disse Alicia. – Vamos então esperar que eles se sentem antes de servirmos a sopa.

Kitty estava mais bonita do que nunca, pensou Marie. Aumentara um pouco de peso e isso ficava-lhe extraordinariamente bem, parecia mais terrena, absolutamente deste mundo, e não mais aquela distante princesa encantada. E estava feliz, via-se de imediato no seu rosto rosado e encalorado. Que maravilha, pensou Marie. Na altura, Kitty casara-se com aquele homem simpático e algo desajeitado apenas por ter ficado irremediavelmente comprometida devido à fuga com o francês. Mas agora a gratidão inicial parecera transformar-se em amor verdadeiro.

– Mãezinha! – exclamou Kitty, estendendo os dois braços na direção de Alicia. – Deixa-me apertar-te junto ao meu coração, minha querida, querida mamã. Somos todos tão incrivelmente abençoados por termos uma mamã tão amorosa, delicada, preocupada e ainda linda de morrer. Queres dizer-nos quantos anos fazes hoje? Não? Enfim, não são mais do que trinta. Certo, trinta e um. Mas mais não. Podes dizer o que quiseses que ninguém acredita.

Atravessou a sala a correr para se lançar nos braços da mãe e quase derrubou Hanna, que acabava de entrar com a terrina da sopa. Alfons Bräuer seguiu a mulher, sorria com benevolência, como sempre fazia no círculo familiar, e tomou então a liberdade de abraçar também a aniversariante. Emagrecera muito, achou Marie. Também o seu rosto, que antes resplandecia sempre rosado, estava agora estranhamente cinzento e a pele parecia frouxa.

– Faz-me tão bem estar de novo aqui – disse ele. – Que sorte poder estar presente no teu aniversário.

Kitty cumprimentou os demais convidados, distribuiu beijinhos e abraços, tagarelou espalhafatosamente sobre a parva da ama de leite, que não dera de mamar a Henni a horas, sobre uma estátua de mármore que não saíra muito bem, assim como sobre o hospital militar, por culpa do qual já conseguira arruinar nas escadas de acesso ao jardim de inverno dois vestidos, uma saia e um par de sapatos novinhos em folha.

– Se a Maria Jordan não fosse tão aplicada a coser tudo, pura e simplesmente teria de andar por aí nua.

– Kitty! – indignou-se Elisabeth. – Vê lá se te controlas um bocadinho!

Enquanto Hanna enchia os pratos de sopa com grande concentração, Marie ficou a saber que Maria Jordan vinha entretanto três vezes por semana à Vila dos Tecidos para fazer trabalhos de costura.

– Ah – considerou Riccarda von Hagemann, erguendo, espantada, a sobancelha direita. – Mas ela não estava sobrecarregada em tua casa, pois não, Elisabeth? Tu até querias muito contratar essa mulher como tua camareira, não era?

Elisabeth lançou a Kitty um olhar furioso e explicou que, naquele momento, passava mais tempo na Vila dos Tecidos do que em sua casa.

– Mas é claro, o teu abençoado trabalho em prol dos nossos pobres feridos de guerra – comentou Riccarda von Hagemann.

Alicia interveio, dizendo que estava muito satisfeita por empregar Maria Jordan como costureira. Costurou bibes muito bonitos para os gémeos e reformulou-lhe alguns dos seus vestidos.

– Nos tempos que correm, uma boa costureira vale ouro – observou Gertrude Bräuer.

– Sem dúvida – replicou Riccarda von Hagemann. – Ouvi dizer que também a nossa Marie tem um especial talento para a costura. Não é verdade que antes costuravas vestidos para a Lisa e a Kitty?

Marie sentiu o silêncio que se fez na mesa e como todos os olhares se voltavam para ela. Mas que vaca maldosa.

Johann Melzer, que até então estava mergulhado em conversa com o reverendo Leutwien, pousou a colher da sopa e lançou um olhar longo e pouco simpático na direção de Riccarda von Hagemann.

– No que diz respeito à costura – disse ele alto –, tenho pouca coisa a dizer. Mas que a minha nora Marie é uma mulher invulgarmente talentosa, isso posso confirmar. E com todo o respeito que me merece. Recentemente,

ela explicou-me como funciona uma máquina de fabrico de fios de papel... é mesmo filha do meu antigo sócio Jacob Burkard, sem o qual a fábrica de tecidos Melzer não teria existido.

Ele olhou para Marie – que, atónita e, ao mesmo tempo, comovida com aquele inesperado apoio, não encontrou palavras para dizer – e prosseguiu, refletindo sobre a autodeterminação da mulher na atualidade. Ele sempre fora contra as intelectuais e as sufragistas, mas uma mulher que tenha um talento fora do comum deve ter acesso à educação. País nenhum podia dar-se ao luxo de desperdiçar estas capacidades. Ainda para mais agora que tantos jovens estavam a ser sacrificados em vão no campo de batalha.

– Que digno e honroso é morrer pela pátria! – Christian von Hagemann lançou esta frase ao ar num tom cortante, ficou vermelho de indignação e olhou para Melzer como para um súbdito insurreto.

O sogro de Marie emudeceu, não contando com aquela oposição tão enérgica. Em contrapartida, quem tomou a palavra foi Alfons Bräuer.

– Meu caro Christian, não está seguramente ninguém sentado a esta mesa que não tenha amor à pátria alemã. Mas, da forma como esta guerra está a correr, já não posso concordar contigo. O que está a acontecer nos campos de batalha e nas trincheiras não tem nada, absolutamente nada, que ver com honra ou heroísmo.

Ele tinha a intenção de continuar a falar, mas, ao olhar para as senhoras à mesa, optou por não o fazer, preferindo erguer o seu copo de vinho e fazer um brinde ao sogro.

– Não vou levar em consideração essas tuas palavras, caro Alfons – retorquiu Von Hagemann. – Percebo que já levaste com a tua conta de sofrimento emocional, algo que infelizmente acontece a muitos jovens, que não têm treino militar e conhecem apenas a vida frouxa do cidadão normal. A guerra, meu caro Alfons, a guerra é um trabalho duro, é preciso uma mente sã num corpo são, força de vontade e disciplina. Só com a sua disciplina o exército alemão consegue ser superior a todos os outros no mundo inteiro.

Foi falando cada vez mais alto ao longo do discurso, sendo que o rosto e o pescoço foram ficando cada vez mais vermelhos. Esticou então uma vez mais o pescoço, avançou o maxilar inferior e olhou em volta, a ver se alguém tinha mais alguma objeção. Johann Melzer recostou-se na cadeira para que Hanna pudesse levantar o prato de sopa vazio, Alfons Bräuer manteve o

olhar fixo em frente. Parecia ter um sem-fim de coisas na ponta da língua, mas estava evidentemente determinado a não incendiar a festa da sogra com uma discussão familiar. Kitty, pelo contrário, não tinha de modo nenhum esse tipo de escrúpulos.

– Que curioso – disse ela, dando leves pancadinhas nos lábios com o guardanapo de tecido branco engomado –, se somos assim tão superiores, como é que ainda não ganhámos? Não compreendo, caro Christian. Mas isso deve-se seguramente ao facto de eu ser simplesmente uma mulher. Eu acreditei mesmo que esta estúpida guerra estaria acabada em três meses. Mas a verdade é que já andamos nisto há mais de dois anos.

Von Hagemann não ficou nada irritado com aquela ingénua conversa de mulher, à qual agora teria também – afinal de contas, não podia mandar Kitty calar-se nem ignorá-la – de responder com toda a boa educação.

– Os motivos para tal acontecer, minha querida Kitty, são multifacetados e de difícil compreensão por uma mulher. Seria preciso ter conhecimentos militares.

– Deve ter com certeza toda a razão – disse Kitty, dedilhando ao mesmo tempo a gravata do marido, que ficou agradado com a intimidade deste contacto. – Para mim, acontece o seguinte: quando um plano de batalha funciona, é muito fácil de explicar. Se, todavia, o plano não funcionar, torna-se terrivelmente complicado, já que cada um dos envolvidos pensa que a culpa é do outro. Não é assim, papá?

A estas palavras seguiu-se um silêncio embaraçado, Von Hagemann esforçou-se por esboçar um sorriso indulgente, enquanto Johann Melzer reprimiu um sorriso.

– Meus caros convidados – ouviu-se Alicia dizer. – Tenho a enorme satisfação de receber na minha casa dois outros convivas. O doutor Greiner e o seu colega, o doutor Moebius, deram-me a honra de abandonar o seu trabalho no hospital durante uma horinha e subir até à nossa companhia.

Os senhores levantaram-se para cumprimentar os recém-chegados, que não podiam ter chegado em melhor momento, uma vez que Riccarda von Hagemann já esticara os lábios para defender o marido. Mas agora a conversa sobre o sentido da guerra ou a falta dele ficara para já suspensa. Else e Auguste trouxeram cadeiras, enquanto Hanna dispôs pratos e talheres para os dois convidados. Com os dois médicos veio também Tilly, que estivera também a trabalhar no hospital até àquele momento.

– Desejo-te muitas felicidades e bênçãos, querida tia – disse ela, beijando Alicia nas duas faces. – E por favor não fiques zangada, mas não consegui trocar de roupa.

Vestia um vestido de algodão azul-escuro simples e limitara-se a tirar o avental branco; também os sapatos não eram os adequados a uma celebração. Mas Kitty garantiu-lhe que estava fantástica com aquele vestido, já que contrastava maravilhosamente com o seu cabelo louro.

– Além do mais, acho que, nos últimos tempos, pareces muito... mais adulta – continuou Kitty a tagarelar, olhando para Elisabeth do outro lado da mesa, que começou por franzir a testa, acabando depois por anuir com a cabeça. – Estás a revelar-te uma beleza muito sedutora, minha querida – riu-se Kitty. – Senta-te ao meu lado, Tilly. Não é preciso corares. Não é mesmo, Marie? A Tilly tem um toque de pequena sereia. Não queres posar para mim, Tilly? Eu podia pintar-te em cima de um rochedo, de cabelos soltos e uma cauda de peixe com o mar azul-escuro ao fundo.

Apesar de tantos elogios, Tilly ficou bastante constrangida, mas desconcertava-a sobretudo o olhar divertido do jovem médico. O doutor Moebius estava sentado do outro lado da mesa na sua diagonal, respondia educadamente às perguntas de Gertrude Bräuer sobre as suas dores de costas e, entretanto, olhava constantemente para as jovens senhoras. De certeza que era Kitty quem tinha sobretudo na mira, já que esta atraía sempre para si toda a atenção dos homens. Mas Marie reparou que ele olhava frequentemente para Tilly; a expressão do seu rosto revelava também que a escutava com atenção.

É sem qualquer dúvida um homem atraente, pensou Marie. Olhos cinzentos, que pareciam muito claros em contraste com o cabelo negro, sobrancelhas bem desenhadas, nariz direito, barba bonita e bem tratada. Mãos estreitas como as de um artista. Elisabeth contara que ele era um cirurgião extraordinário.

Ainda antes do prato principal, Johann Melzer levantou-se para fazer um pequeno discurso. Era uma obrigação que não cumpria propriamente com gosto, considerando que a relação matrimonial nem sempre era harmoniosa, mas não deixou obviamente transparecer o seu desconforto. Marie teve de

dar um toque no ombro de Hanna, caso contrário, com a emoção, não teria reenchido os copos dos convidados a tempo.

– ... apesar das guerras e tempestades, ergamos os copos e brindemos a este aniversário. Que possa haver mais alegres celebrações como esta na Vila dos Tecidos... a melhores tempos, a tempos de paz.

Brindaram a Alicia, depois ao imperador e à pátria em sofrimento. Pela vitória das tropas alemãs a leste e oeste.

– Mas bebamos sobretudo a uma paz redentora e ao feliz regresso dos nossos soldados – disse o reverendo Leutwien, falando assim diretamente ao coração da maioria dos presentes.

Marie fechou os olhos por um instante para ver surgir à sua frente o rosto sorridente de Paul e fez-lhe um brinde. Em breve, pensou. Em breve tenho-te de volta.

– ... a paz vitoriosa – ouviu Christian von Hagemann acrescentar e logo depois Kitty exclamou atrevidamente que se estava nas tintas se era vitória ou derrota: o mais importante era que a guerra acabasse de uma vez por todas.

– Tem toda a razão, senhora Bräuer – considerou o doutor Moebius, cortando assim a palavra a Von Hagemann. – Esta guerra sacrifica bastantes vidas humanas. Conheço colegas que me disseram que era mais fácil ir para o campo de batalha do que estarem sempre a ser confrontados com as terríveis consequências dos combates. Como médicos, atingimos os nossos limites.

Auguste ajudou Hanna a servir o prato principal, que consistia em almôndegas de batata, couve-roxa e ganso assado; pelo aniversário de Alicia, os Maydorn haviam enviado uma caixa cheia de alimentos. Inteligentemente, o transporte daquela carga preciosa não fora confiado aos serviços ferroviários, mas sim a um conhecido que viajava de carroça para Munique. Durante a refeição, as conversas silenciaram-se quase totalmente. Sobretudo o casal Von Hagemann dedicou-se aturadamente ao ganso assado, mas também os dois médicos e sua eminência atacaram vigorosamente a comida.

– Hoje em dia não é frequente termos uma ave destas no prato – declarou o doutor Greiner, reconhecido. – E a confeção... posso apenas dizer: que requintada. Um grande louvor para a cozinha!

Hanna, que esperava por instruções junto à porta, fez uma vénia, por assim dizer em representação de todo o pessoal da cozinha.

As conversas giravam agora em torno de assuntos do dia a dia, falava-se sobre as crianças, elogiava-se os eventos do Grémio Musical e o doutor Greiner contou histórias animadas sobre o tempo de estudante num passado remoto. Decorrido algum tempo, Alicia convidou os presentes a passarem ao salão vermelho, onde seria servida a sobremesa e um pequeno moca. Estava também à disposição a sala dos cavalheiros, onde era permitido fumar, mas apenas o doutor Greiner, Edgar Bräuer e Christian von Hagemann optaram por o fazer, a fim de aí fazerem companhia ao dono da casa. Sua eminência, o doutor Moebius e Alfons Bräuer preferiram ficar com as senhoras, tanto mais que as duas amas de leite se preparavam para descer com as crianças. Dodo estava bem-disposta como sempre, Leo estava irritado por ter sido acordado e Henriette, de cinco meses, olhava em volta de olhos espantados. O pai pegou-lhe ao colo e em todo o serão não voltou a largar a filha.

– Ah, pois, um varão! – riu-se ele, enquanto a pequena lhe apalpava os óculos com os dedinhos pegajosos. – Eu cá quero pelo menos mais duas menininhas fofas como esta. Vão todas ser tão encantadoras como a minha Kitty. Só depois, quanto a mim, pode nascer um rapaz.

– Oh, Deus do céu – gemeu Kitty. – Tenho de pôr no mundo mais três crianças? E o meu corpo que já perdeu completamente a linha.

– Mas que disparates estás para aí a dizer, querida. Estás mais bonita do que nunca.

Marie olhou para Elisabeth a brincar com Dodo cheia de ternura. Era-lhe penoso ver como, de todas elas, logo Lisa não conseguia engravidar. Como esperado, Leo foi mimado pela avó.

– Mamã, por favor – exclamou Marie. – O Leo não deve comer mais do que um pedaço de bolo!

– Mas hoje eu faço anos e o rapaz gosta tanto.

Tilly conversava baixinho com o doutor Moebius, falava de semblante sério, olhando para ele de olhos muito abertos, como se aguardasse a sua decisão. Devem estar a falar de um dos doentes, pensou Marie. Tilly revelara-se extremamente zelosa e era de total confiança no cumprimento das suas tarefas.

– Viste aquilo – sussurrou Kitty ao ouvido de Marie. – Está ali a desenvolver-se alguma coisa. Aposto o meu melhor casaco de peles em como a nossa Tilly está apaixonada pelo nosso charmoso doutor.

– Oh, Kitty! – repreendeu Marie.

– Não tenho dúvida nenhuma, Marie. A Lisa também acha. Ela tem observado os dois lá em baixo no hospital.

Por volta das nove, despediram-se os primeiros convidados. O casal Von Hagemann desejou um resto de serão agradável, também sua eminência e o doutor Greiner pediram licença para se recolher.

– Na nossa idade, o sono é precioso – gracejou o médico, devidamente animado pelo vinho. – Minhas senhoras... caríssimo senhor diretor... foi uma enorme alegria e um prazer muito especial. O regresso a casa em companhia clerical vai agora purificar-me do pecado da gula e do álcool.

O doutor Moebius também abandonou o convívio, tinha serviço noturno no hospital. Daí a duas horas seria rendido por Elisabeth, já que também ela estava escalada para aquela noite. Dera provas de ser uma cuidadora precavida que mesmo nas situações mais graves se mantinha calma. Nem toda a gente terá pensado que Lisa teria essa capacidade.

– Já abriste todas as prendas, mamã? – perguntou Marie.

– Não sei.

Durante algum tempo reinou nova animação no salão vermelho, já que Auguste teve de trazer os presentes para que Alicia os pudesse abrir sob o olhar curioso da sua audiência. Das paredes ressoavam os risos alegres, as exclamações de admiração e os risinhos tolos. Alicia recebeu bonitos lenços bordados, uma bolsa de cerimónia de seda, várias pregadeiras com pedras preciosas e ainda uma série de bibelôs. O auge das prendas foi um rapaz negro de tanga sentado em cima de um crocodilo que também podia ser usado como pisa-papéis.

– Céus, mas que feio!

– Ora essa, tão bonito, porque é que a mim ninguém oferece uma coisa dessas?

– Bem, podes oferecer à tia Helene no Natal.

Marie não conseguiu evitar rir-se. Aquele serão acabara por ser muito bem-sucedido.

Entretanto, Edgar Bräuer e Johann Melzer estavam sentados na sala de fumo e condimentavam o moca com um copinho de conhaque francês que Alfons trouxera como oferta. Os dois homens conheciam-se há muitos anos, haviam feito alguns negócios juntos, e também agora Melzer voltara a contrair um empréstimo no banco privado Bräuer para financiar as novas máquinas.

– E então? Como estão a correr as coisas?

– Bem – respondeu Melzer. – Os primeiros fardos já estão prontos para ser transportados. Agora vamos ainda refinar os tecidos e estampá-los com padrões. Mas para isso temos de gravar novos rolos, os padrões antigos não ficam bem nos tecidos de papel.

Bräuer assentiu, satisfeito, e pegou na bandeja de doces que estava a ser oferecida. Ambos prescindiram do bolo furado, servindo-se apenas do centro de açúcar. Melzer declarou fervorosamente que havia um enorme mercado para os tecidos de papel, que era possível – consoante a qualidade do tecido – costurar praticamente tudo com aquele material. Das fraldas aos espartilhos, passando por fardas, mochilas e máscaras de gás para cavalos. Infelizmente não era possível lavar, apenas sacudir. Ainda havia espaço para melhorias.

– Ouvi dizer que agora até prisioneiros de guerra estão a trabalhar na fábrica.

– Exato – admitiu Melzer.

Havia algumas tarefas que as mulheres e os homens idosos não conseguiam fazer, sobretudo levantar os pesados rolos de papel e o transporte dos fardos de tecido. Também na máquina a vapor ele preferia ter meia dúzia de rapazes do que homens franzinos e grisalhos. Era no entanto maçador ter de os alimentar, os garotos comiam desenfreadamente.

– Além do mais, temos sempre os guardas à perna, soldados da frente de guerra, que vigiam os prisioneiros para que nenhum fuja. Não dormem aqui, mas sim na fábrica de máquinas, com os outros.

Bräuer anuiu pensativamente e calou-se algum tempo. Depois debruçou-se no cadeirão, olhou cautelosamente para a porta, não fosse algum serviçal estar à escuta.

– Ouve, Johann – sussurrou ele. – Fico contente por a tua fábrica estar de vento em popa. Do meu lado, as coisas não andam a correr tão bem.

Melzer ficou a olhar para ele, constrangido. Já ouvira alguns rumores de que o Banco Bräuer já não estava tão sólido. Não era de admirar, muitos bancos estavam em dificuldades, a guerra consumia todo o capital, já não eram possíveis transações com o estrangeiro e também no país a economia estava de rastos.

– Há de melhorar – considerou Melzer, dando uma pancadinha encorajadora no ombro de Edgar Bräuer. – Se ao menos esta maldita guerra chegasse ao fim.

Maria Jordan estendeu o vestido de noite de seda azul sobre a cama e, de olhos apreciadores, estimou as costuras que teria de abrir. O tecido era delicado e valioso, autêntica seda chinesa, uma coisa assim não se conseguia naquele momento comprar em lado nenhum. Que sorte a jovem senhora Von Hagemann não ter ganho peso, mas sim perdido, uma vez que já não era possível alargar as costuras. Apertar o vestido, pelo contrário, era apenas uma questão de bom sentido das proporções e habilidade com a agulha. Sentou-se numa cadeira junto à janela, pegou na lâmina de descoser e começou a abrir as costuras da cintura. Estava fresco no quarto, lá fora os ventos de novembro varriam a rua e, cá dentro, a salamandra continuava fria. Maria vestira um casaco de lã sobre a blusa, mas nada disso lhe aquecia as mãos frias. Era desagradável ter de trabalhar com os dedos ásperos de frio, sobretudo quando o que se tinha em mãos era seda, um tecido fino que ficava preso a qualquer irregularidade da pele.

– Gertie! – ouviu-se no salão mesmo ao lado. – Onde está o pequeno-almoço?

A jovem senhora Von Hagemann passara excecionalmente dois dias e duas noites em casa e – oh, maravilha – até pagara os salários em atraso da criada de casa e da camareira. Até havia dinheiro para a gestão da casa e, ao que parecia, também havia encomendado carvão. Na tarde anterior, quando Maria Jordan costurava na Vila dos Tecidos, Auguste revelara-lhe em segredo de onde vinha o dinheiro: Elisabeth von Hagemann conversara com o cunhado Alfons e este «emprestara-lhe» um certo montante. Mas enfim, Alfons Bräuer estava entretanto de novo no campo de batalha, em breve a caixa doméstica dos Von Hagemann voltaria a apresentar-se vazia.

– Lamento muito, minha senhora – piou Gertie mesmo ao lado. – Mas estou sempre a queimar os dedos quando sirvo o café. E o pão está tão duro

que parti-lo dá cabo das mãos.

Azar o dela, pensou Jordan e levantou o vestido para ver até onde teria de abrir as costuras. Era um trapinho antiquado, dissera recentemente a atrevida Kitty Bräuer durante uma visita. Que Elisabeth deveria reformulá-lo, que tinha assinado uma revista de moda com cores e cortes totalmente novos. Se Elisabeth quisesse, podia emprestá-la...

– Por amor de Deus, Gertie – irritou-se a senhora lá em cima. – Porque deixaste o pão ficar tão duro? Põe-se dentro de um saco de linho e depois na caixa do pão.

Maria Jordan não tinha dificuldade em imaginar Gertie a encolher os ombros com ar inocente e a fingir que era a primeira vez que ouvia tal coisa.

– Perdão, minha senhora. Tem que ver com o facto de não termos cozinheira, caso contrário não aconteceria.

A senhora Von Hagemann ficou seguramente irritada com a resposta atrevida, sobretudo quando Gertie acrescentou que, afinal de contas, fora contratada como criada de casa e não como ajudante de cozinha. Mas acabou por não dizer nada. A porta que dava para o corredor bateu, Gertie teria sido mandada de volta para a cozinha.

Por um bocado fez-se silêncio. Maria Jordan lambia os dedos e recolhia os restos de fios de seda e, arrepiada de frio, puxou o casaco de lã para se aconchegar melhor. Se entregassem em breve o carvão, talvez pudessem queimar o velho banco da cozinha, assim como assim estava cheio de caruncho e prestes a desmoronar-se.

– Maria?

– Sim, minha senhora. Vou já.

Oh, como ela odiava que a perturbassem a meio do trabalho. Agora teria de pôr de lado a tesoura, a almofada das agulhas, a fita métrica, o tecido e tudo o mais. Depois demoraria um ror de tempo a organizar novamente todas aquelas coisas para continuar o trabalho.

Elisabeth von Hagemann estava sentada à mesa do pequeno-almoço, que se compunha de pão, compota, um pequeno pedaço de queijo e café de bolota. Não parecia estar com grande disposição – numa primeira análise, Maria não conseguiu determinar se tal teria que ver com a carta que tinha dobrada ao lado do prato do pequeno-almoço. Pelo menos parecia ser mesmo muito breve, o major não apreciava grandes efusões românticas.

– Como está a andar o meu vestido de noite, Maria?

- Comecei agora mesmo a abrir as costuras, minha senhora.
- Ótimo. Preciso dele na próxima semana. Eu e a minha irmã vamos à ópera.

Maria Jordan já o sabia há muito. Kitty Bräuer aborrecia-se de morte desde que o marido voltara para a guerra, ia a eventos da associação de beneficência, ia à ópera e – sussurrara-lhe Else em segredo – até fora avistada num evento dos socialistas. Na companhia da sogra! Mas já há muito que se sabia como era Gertrude Bräuer. Tinha origens muito simples, ao que se dizia, o pai fora empregado numa loja de artigos do ultramar. O facto de aquela mulher arrastar uma das filhas do industrial Melzer para um encontro dos socialistas era inacreditável.

- Estou convencida de que vai valer o trabalho, minha senhora. Vai ficar lindíssima com este vestido...

Elisabeth não estava com paciência para receber elogios, assentiu distraída e disse então a Maria que o vendedor de carvão anunciara que passaria por lá naquela tarde e que estivesse atenta quando ele tocasse à porta. O carvão teria de ser guardado na cave, a chave estava no gancho ao lado da porta.

- E depois feche bem a cave, Maria. Já sabe que o carvão pode desaparecer facilmente durante a noite. – Maria Jordan estava entretanto habituada a fazer toda uma série de trabalhos que não faziam parte das tarefas de uma camareira. Mas não restava outra opção além de suportar calada aquela situação. Não conseguia de modo nenhum sobreviver com as poucas horas que trabalhava como costureira na Vila dos Tecidos.

- Com certeza, minha senhora. Esta noite vai regressar a casa ou pernoita na Vila dos Tecidos?

Elisabeth mergulhara no texto da carta, lia as escassas linhas de testa enrugada e então, distraída, levantou os olhos para Maria Jordan.

- Como? Ah, sim. Não, vou passar as próximas noites na Vila dos Tecidos. Trabalho à noite no hospital.

- Muito bem, minha senhora.

- Agora pode continuar com a costura. Depois vou precisar do chapéu de veludo preto com a aba larga e também do casaco. E receio bem que também vá precisar das capas para os sapatos.

Maria Jordan foi até ao quarto de dormir, sentou-se à janela e pegou no vestido de noite. Quase nem valia a pena, já que em breve teria de se levantar outra vez para ir buscar o chapéu, o casaco e as polainas da senhora.

Que triste perspetiva! Ia passar horas a fio a esfalfar-se com aquela costura, depois tinha de ir até à cave com os imundos carregadores de carvão e ainda passar o serão sozinha na sala de estar, enquanto Gertie se divertia com o seu Otto no quarto que partilhavam. Otto era aprendiz de sapateiro e não fora ainda mobilizado, alegadamente por ter um problema nos pulmões. Mas, ao que parecia, a doença dos pulmões não lhe afetara os seus ímpetos masculinos, bem pelo contrário, o escanzelado sapateiro parecia muito enérgico todas as noites. Pelo menos a crer nas gabarolices de Gertie.

– Maria? Preciso do casaco e do chapéu.

– Vou já, minha senhora.

Mais tarde, espreitou da janela para a rua, onde Elisabeth von Hagemann se debatia custosamente para avançar contra o vento. Cinzentas folhas de outono planavam sobre a calçada, sob uma pequena árvore despida aglomerara-se um bando de jovens imberbes que partilhavam alguma coisa entre si. Se calhar tinham roubado um pãozinho numa padaria. Partia o coração de Maria Jordan ver como aquelas criaturas inocentes esfarrapadas e a tremer de frio se juntavam para partilhar uma pequena pilhagem. Porquê?

Era fome. Mas que tempos aqueles! Que mundo aquele!

Pousou o trabalho e foi ter com Gertie à cozinha, onde o fogão ainda ardia e podia aquecer os dedos. Gertie queimara o painel traseiro de uma cómoda – naquele momento não se arranjava mais nada para queimar.

– Não me aguento por aqui muito mais tempo – disse a rapariga. – O Otto já me disse várias vezes que eu devia mas é despedir-me. Especialmente porque temos de esperar uma eternidade até receber o salário. Ele até se casava comigo se eu deixasse de trabalhar aqui.

– Tens a certeza? – perguntou Maria Jordan, erguendo, incrédula, as sobranceiras. Já ouvira muitas vezes aquilo, «Ele diz que quer casar comigo», e depois não dava em nada. – Não seria melhor eu deitar-te outra vez as cartas?

Gertie abriu a boca para lhe responder, mas nesse momento tocaram à campainha e Maria Jordan correu a abrir. Graças a Deus – o carvoeiro! Pelo menos naquela noite teria o quarto quente.

Contudo, ao abrir a porta, viu diante de si o barão Von Hagemann e a esposa. Envergavam ambos roupa invernal e cheiravam intensamente a naftalina, usada para dissuadir as traças.

Maria Jordan esboçou uma ligeira vénia, acompanhada de um sorriso azedo. Se os patrões estavam com ideias de ser convidados para o almoço, estavam bem enganados.

– Bom dia, senhora baronesa, senhor barão...

Riccarda von Hagemann nem pestanejou e passou por Maria como se esta não existisse. O marido manteve-se inicialmente na soleira da porta, mas depois suspirou e passou para o corredor.

– Bom dia, menina Jordan – disse ele, num assomo de simpatia. – A minha nora está em casa?

– Lamento, mas não, senhor barão. A senhora Von Hagemann está de serviço no hospital. Estará de volta depois de amanhã. – Maria Jordan estava já a preparar o seu contentamento diante da expressão de desapontamento da baronesa, mas Riccarda von Hagemann recebeu a notícia com descontração.

– Muito bem – disse ela, perscrutando de olhos críticos o antiquado espelho do corredor, sob o qual estava uma cómoda de estilo Biedermeier. – Calha mesmo bem. Não queremos de modo nenhum causar incómodos à Elisabeth.

– Naturalmente – disse Maria Jordan, sem perceber realmente o sentido daquelas palavras. Ao que parecia, os dois faziam menção de sair logo outra vez. Ainda bem.

– Johann! – chamou Christian von Hagemann com uma cortante voz de comando. – Já podes trazer as duas caixas para cima.

– Porque está aí parada? – disse Riccarda von Hagemann, olhando para Maria Jordan e incitando-a a mexer-se. – Vá lá abaixo, há imensas bagagens para trazer. E a criada de casa? Onde se enfiou ela?

Maria Jordan continuava parada no mesmo sítio, convencida de que tudo aquilo só podia ser um pesadelo. Caixas. Bagagem. Mas quem estava a arquejar e a gemer lá fora nas escadas?

– Porque é que está tanto frio aqui dentro? – queixou-se Christian von Hagemann, que abrira a porta da sala de estar. – Ninguém acende as salamandras?

Gertie espreitou pela fresta da porta da cozinha semiaberta. No seu rosto estreito intensificou-se uma expressão de terror.

– Ali está ela! – bradou Riccarda von Hagemann. – Vamos, vamos, rapariga. Lá em baixo, no corredor, está um ror de bagagens que é preciso

trazer para cima. E aí de ti se deixares cair alguma das caixas. Percebeste, Dorte?

– Eu... eu chamo-me Gertie – balbuciou a criada de casa.

– Ninguém está interessado em saber como te chamas – bufou a baronesa.

– Faz o teu trabalho. Leva as coisas para cima antes que as roubem!

Gertie olhou para Maria Jordan em busca de ajuda, mas esta limitou-se a encolher os ombros, indicando-lhe que também não fazia ideia do que se estava ali a passar.

– Os senhores... os senhores pretendem ficar muito tempo? – perguntou Maria Jordan cautelosamente.

Riccarda von Hagemann ignorou a pergunta. Já entrara pelo gabinete do filho adentro e ouvia-se a sua irritação diante do pó em cima da secretária.

– A partir de agora vamos viver aqui, menina Jordan – explicou Christian von Hagemann com um sorriso condescendente que eliminava à partida qualquer ideia de contestação.

Maria Jordan já não era uma rapariguinha, sabia que a vida preparava todo o tipo de surpresas. Boas e menos boas. Esta era uma das piores.

– Lamento estarmos as duas tão desorientadas, senhor barão. A senhora não nos informou.

Ele não fez menção de lhe responder, dirigindo-se ao invés para a sala de estar para investigar a salamandra. Era evidente: era um assalto. A pobre Elisabeth não fazia quase de certeza a mínima ideia de que aqueles parasitas se estavam a instalar em sua casa. Maria Jordan sentiu uma profunda solidariedade para com a jovem patroa, mas, sozinha, não tinha como impedir aquela agressão. Gertie não era apoio que lhe valesse. A menina Schmalzler, essa, sim, teria sido a pessoa certa. A senhora Brunnenmayer. Também Auguste saberia defender-se. Mas nenhuma delas estava agora...

Os pensamentos de Maria Jordan paralisaram ao ver o homem que agora subia as escadas passo a passo. Um idoso ossudo de cabelo branco pelo queixo, rosto emaciado, os olhos afundados nas órbitas. Nunca antes vira uma figura tão lúgubre. O fato escuro dançava à volta do corpo do criado, que carregava uma grande caixa de madeira sobre o ombro esquerdo. Segurava-a com ligeireza no braço e não parecia minimamente exausto ao arrastar aquela carga.

– Isso vai lá para cima, para o escritório, Johann! – ordenou o barão, voltando-se para as duas mulheres. – De que estão à espera? Andor!

Maria Jordan preferiu esquivar-se a uma discussão e, para já, optou por se resignar. Com uma expressiva lentidão, desceu as escadas, travou também Gertie, que fez menção de passar por ela a correr escadas abaixo, segurando-a pelo braço, e murmurou-lhe que fizesse tudo sem pressas.

– E se alguém roubar mesmo alguma coisa? Depois a culpa é nossa, Maria.

– Quem é que ia querer esta tralha?

– As pessoas andam por aí a roubar como corvos, sabes muito bem disso!

– Lá em baixo, no corredor de entrada da casa arrendada, deram com várias caixas de cartão mal acondicionadas, dois sacos de viagem carcomidos pelas traças, um cadeirão com estofos de veludo algo sujo e quatro caixas de chapéus.

– Será isto todo o conteúdo da casa da senhora baronesa? – refletiu Maria Jordan. – Enfim, espero que não tragam com eles alguma espécie de bicharada.

– Traças já sabemos que têm – considerou Gertie, enojada, agarrando na pega de couro gordurosa de um dos dois sacos de viagem.

– Se calhar também percevejos e piolhos – disse Maria Jordan maldosamente, dando palmadas no cadeirão. Levantou-se uma nuvem de pó. Oh, por favor. Vivem estes na porcaria e depois vêm para aqui resmungar diante de uma secretária quase sem pó nenhum.

Ouviram-se passos nas escadas, a madeira rangeu. Era o criado Johann; arquejava e tossia do fundo do peito, e depois cuspiu.

– Ugh, que nojo – sussurrou Gertie. – Juro-te, Maria, não fico aqui nem mais um dia. Não se este esqueleto passar a trabalhar connosco.

– Parece um fantasma, não é? – alimentou Maria Jordan os seus receios. – Onde é que o vão alojar? Provavelmente lá em cima, no sótão, mesmo ao lado dos nossos quartos.

– Nunca na vida – sussurrou Gertie. – Prefiro passar a noite no jardim da cidade ao relento.

– Fazes tu muito bem. Vai-se a ver e se calhar é sonâmbulo e percorre os quartos todos durante a noite.

– Cala-te lá, Maria. Ele pode ouvir-nos!

Com efeito, a figura do velho criado assomava naquele momento às escadas. Parecia ser totalmente surdo, já que lhes sorriu. Faltava-lhe um dente de cima. Com movimentos bizarramente rígidos, pegou em duas caixas e carregou-as escadas acima.

– Vamos lá. Vamos tratar disto.

Encheram os braços de sacos de viagens e caixas para os carregar para dentro de casa. Por três vezes tiveram de subir e descer as escadas, só então os pertences dos Von Hagemann ficaram a salvo dos ladrões.

Caso estivessem agora à espera de serem deixadas em sossego, estavam muito enganadas. A baronesa assumira o comando da casa, enquanto o marido, desagradado com o bulício de móveis, tapetes e bagagens, se recolhera no escritório. Passava pelas brasas no cadeirão de estofos vermelho, as pernas tapadas com uma manta. Nas salas adjacentes, desviavam-se entretanto armários, penduravam-se quadros, convertia-se um sofá em cama, remexiam-se os lençóis e as toalhas de mesa da jovem senhora Von Hagemann. Johann seguia as instruções da sua patroa com a precisão de um relógio e sem dizer palavra. Também seria mudo? Maria Jordan desembalou caixas que continham vestidos e casacos antiquados, roupa de casa, meias esburacadas, sapatos deformados. Os Von Hagemann estavam de facto totalmente falidos, na verdade até meteriam pena, mas, considerando o seu descaramento, Maria Jordan não conseguiu realmente sentir compaixão. Tinha pena apenas da jovem patroa, que a partir de agora teria de partilhar a casa com os seus importunos sogros. Era muito provável que o major estivesse totalmente do lado dos seus queridos pais.

– Isto aqui tem de ser limpo. O tapete tem de ser varrido. Os cortinados vão amanhã para lavar. Já metem nojo. E porque está apagada a salamandra?

– Não há carvão.

– Então vão buscar madeira!

Gertie teve de confeccionar um almoço, enquanto o velho Johann rachava serenamente o banco de madeira da cozinha aos pedaços. Fazia-o com movimentos hirtos e bruscos, como um boneco articulado. Se calhar tinha reumatismo. Ou então, depois de tantos anos ao serviço dos Von Hagemann, transformara-se num autómato.

– O pessoal da Elisabeth é inacreditável – ouviu Maria Jordan a baronesa lamentar-se na sala de estar. – Vão ter de ser postas na ordem.

Gertie não se esforçou nada na confeção da refeição, afinal de contas não era cozinheira. Os patrões teriam lamentavelmente de se satisfazer com o que a cozinha tivesse para oferecer. Batatas sobrecozidas, um pouco de queijo e um frasco de pepinos em conserva. Maria Jordan não ficou à espera de ouvir o que o casal Von Hagemann teria a dizer sobre aquela refeição

frugal. Subiu para o quarto no sótão que partilhava com Gertie, vestiu o casaco e pôs o chapéu. Ao descer as escadas em bicos de pés, ouviu a resmunguice da baronesa pela casa fora. Pelo meio ia-se ouvindo a vozinha de Gertie a piar, baixinho, mas teimosa e de modo nenhum disposta a emudecer de medo.

Pobre Gertie, pensou Maria Jordan. Mesmo que se casasse com o tal de Otto, que bem lhe havia isso de trazer? Mas enfim, para já tinha de pensar em si mesma.

Tinha ainda pela frente uma valente caminhada até chegar à Vila dos Tecidos e lamentava muito que os elétricos agora só circulassem com restrições devido à escassez da guerra. Ao avançar por Santo Ulrico e Santa Afra na direção da Muralha de Jakob, teve de fincar os pés no chão para o vento não a arrastar, que para ainda maior azar trouxe consigo também finos pingos de chuva. Que estúpida! Devia ter vestido a capa de chuva. Mas para isso já era tarde de mais. Seria sequer inteligente o que pretendia fazer? Parou um instante, já que o vento quase lhe arrancou o chapéu da cabeça, mas depois voltou a avançar depressa. Tenho de agir discretamente, pensou. Seria sem dúvida embaraçoso para a jovem patroa se alguém do pessoal ou até da família ficasse a saber deste acontecimento. Mas eu devo-lhe isto, pensou Maria Jordan. Foi sempre amável comigo, disso não há dúvida. Mas é uma Melzer e contratou-me como camareira.

Quando alcançou a Porta de Jakob, a chuva era tão densa que ela se abrigou sob a porta. Dois carros de bois passaram por ela em direção à cidade. A carga ia tapada, mas pôde ver que eram nabiças. Couves-nabiças, que se podiam cozer com batatas e cenouras e fazer um ensopado. Passado algum tempo, decidiu prosseguir apesar da chuva. Assim como assim estava toda molhada, pelo que até era melhor pôr-se a mexer do que ficar parada a tremer de frio na corrente de ar que atravessava a porta.

Chegou à Vila dos Tecidos totalmente encharcada e tocou à campainha da porta de serviço. Deixaram-na à espera. Quando já achava que se transformara numa tábua de tão fria que estava, Hanna veio por fim abrir.

– Entre depressa, menina Jordan. Tenho de me despachar.

Deixou a porta aberta e correu para a cozinha, onde a senhora Brunnenmayer enchia várias tigelas com um ensopado. Era isso, estavam a servir o almoço no hospital. Maria Jordan inspirou e teve de reconhecer que

a senhora Brunnenmayer sabia como ninguém engendrar pratos saborosos à base de batatas, cenouras, aipo e um pouco de toucinho.

– Virgem Santíssima, parece um gato pingado, Jordan! – disse Fanny Brunnenmayer. – Mas o que faz por aqui? Pensava que vinha às segundas, quartas e sextas. Mas hoje é quinta.

Maria Jordan despiu depressa o casaco ensopado e tirou o chapéu.

– Eu ajudo a levar as tigelas!

A cozinheira ficou tão espantada com aquela rara disponibilidade para ajudar que se limitou a olhar para Maria Jordan sem dizer nada, como quem tentava perceber se ela não estaria doente.

– Vai constipar-se.

– Ora essa.

Da área de serviço acedia-se diretamente à enfermaria, onde Hanna já pousara duas tigelas numa mesa. Uma das jovens enfermeiras vertia sempre uma concha de ensopado numa pequena tigela, enfiava lá dentro uma colher e também uma fatia de pão. Maria Jordan colocou as suas tigelas fumegantes na mesa e olhou em volta. Havia ali duas longas filas de camas, separadas por um corredor central. Aqui e ali fora instalado um anteparo feito de lençóis, pendurado com um cordel esticado. No dia anterior haviam recebido mais quinze novos doentes, todos acamados, alguns tão gravemente feridos que não era certo se conseguiriam sobreviver. Era preciso muita força interior para cuidar daqueles pobres rapazes, para lhes instigar coragem e – se chegassem ao fim do caminho – para os acompanhar no leito de morte. Maria Jordan não sabia se conseguiria reunir tanta força, mas a sua jovem patroa Elisabeth parecia estar a fazê-lo. Quem diria? Lá assomou ela por fim atrás de um dos panos esticados, trazendo na mão uma taça vazia e um copo. Dirigiu-se para a mesa para repartir mais doses de ensopado, quando reparou em Maria Jordan e franziu, admirada, as sobrancelhas.

– Hoje já é sexta-feira?

– Venho fora do meu dia, minha senhora – disse Maria Jordan baixinho. – Aconteceu algo inesperado.

– Falamos depois – retorquiu Elisabeth e seguiu com duas tigelas cheias.

Maria Jordan decidiu esperar por ela na cozinha. Ajudou Hanna a pôr a mesa para as enfermeiras e para as criadas, mas, quando a senhora

Brunnenmayer lhe perguntou se gostaria de comer também, recusou, agradecendo, dirigindo-se de novo para a enfermaria.

– Que se passa? – perguntou Elisabeth com impaciência.

– Uma palavrinha, minha senhora. Há algum sítio onde possamos conversar sozinhas?

Elisabeth suspirou com irritação, mas abriu a porta da sala de tratamentos, que não era usada durante a hora do almoço.

– Então, que aconteceu? Não tenho muito tempo, Maria.

Discrição era uma coisa. Transmitir uma notícia atenciosamente era outra coisa bem diferente. Neste aspeto, Maria Jordan era uma tosca, pois ornamentou os acontecimentos lá de casa com uma série de pormenores que por ora deveria ter simplesmente omitido.

– Desviaram os móveis? Tiraram as cortinas? Apoderaram-se do quarto de casal?

– É o que lhe digo, minha senhora. A sua sogra até remexeu toda a sua roupa de casa. Não tive como impedir. Infelizmente. Mas subiram-me os nervos, juro-lhe. E depois aquele criado tão estranho, que mais parece um morto-vivo.

– Ah, está a referir-se ao Johann? É perfeitamente inofensivo. Trabalha para os Von Hagemann há quase quinze anos.

– Ele rachou o banco da cozinha com um machado.

Elisabeth já nem ouvia. Sentara-se num banquinho e levou a mão à testa, a ponto de Maria Jordan rezear que pudesse desmaiar.

– Oh, meu Deus, eu devia ter tido mais cuidado a dar-lhe a notícia. Mas eu também estava tão enervada... Vou buscar-lhe um copo de água, minha senhora.

– É que nem pensar!

Elisabeth abanou energicamente a cabeça, depois recompôs-se e inspirou fundo. Não tinha nem tempo nem vontade de discutir com os sogros, disse ela.

– Se a Riccarda e o Christoph precisam daquela casa, não sou eu quem lha vai recusar. Mas não estou disposta a viver lá com eles. Ninguém me pode exigir isso.

– Tem toda a razão, minha senhora.

– O meu lugar é aqui, Maria – prosseguiu Elisabeth. – Aqui, junto destes pobres rapazes que sacrificaram todas as suas forças e a sua saúde pela

pátria. Nunca antes na minha vida inteira fiz uma coisa com tanto sentido e estou a pensar dedicar-me totalmente a ela a partir de agora.

Lançou a Maria Jordan um ar triunfante que exalava alívio. Elisabeth von Hagemann havia muito evidentemente superado o susto e operava agora uma fuga para a frente.

– Isso significa... o quê? – perguntou Maria Jordan, apreensiva.

– Enquanto os meus sogros viverem na Bismarckstrasse, vou mudar-me novamente para o meu quarto na Vila dos Tecidos. Trate por favor de fazer chegar a minha roupa e os meus outros pertences à Vila dos Tecidos.

– E... posso voltar consigo para a Vila dos Tecidos?

Elisabeth já tinha a mão no puxador da porta, mas parou então e voltou-se para ela.

– Isso não me cabe a mim decidir. Terá de falar com a minha cunhada.

– Como pudeste fazer isso?!

Marie abanava a cabeça, desesperada. Oh, ela devia ter previsto aquilo. Mas Kitty era simplesmente Kitty, fazia o que as suas emoções mandavam. E as emoções de Kitty eram muitas vezes contraditórias.

– Não é preciso fazer todo esse alarido, Marie – minimizou Kitty. – Afinal de contas, nem sequer chegou a ser uma carta. Meia dúzia de palavras que escrevinhei num papel... Palavreado de circunstância... Na verdade, aquilo não era nada.

Aconchegou-se mais no xaile de lã que Alicia lhe oferecera por precaução. Na Vila dos Tecidos também andavam a poupar no aquecimento, o salão vermelho agora só era aquecido por pouco tempo ao serão. Lá em baixo, no hospital, haviam acendido a lareira aberta para que os doentes não passassem frio, mas o fogo emanava pouco calor e consumia muita lenha. O único aspeto positivo era que o calor que subia pela chaminé aquecia uma parte dos pisos superiores.

– Se não tivesse realmente importância nenhuma, querida Kitty, ele não teria respondido, pois não?

Kitty soltou um suspiro profundo e olhou pela janela. Estavam no final da manhã, o céu pairava como um pano de veludo pesado e cinzento sobre a cidade, no jardim bailavam os primeiros flocos de neve sobre os relvados. Seria em breve Natal, na cidade as lojas já estavam decoradas, apesar da escassez de produtos para vender.

– Sabes perfeitamente como são os homens – declarou ela, encolhendo os ombros. – Dá-se-lhes um dedo... Por amor de Deus, aquilo nem sequer era um dedo. Foi um acenar de longe. Um cumprimento amistoso. A desejar as melhoras.

Marie comportava-se como uma governanta austera. Não queria desempenhar aquele papel, nunca o quisera. Mas Kitty, a sua leviana e adorável cunhada, obrigava-a simplesmente a isso. Kitty precisava de uma pessoa sensata a seu lado e Alfons, que desempenhara esta tarefa silenciosa e afetuosamente, voltara para a guerra. Estava na França, contara Kitty. Algures lá longe, a oeste...

– Também escreveste ao Gérard a dizer que agora és casada?

Kitty revirou os olhos e fez como se tal pergunta fosse perfeitamente escusada.

– Mas é claro que ele sabe que eu sou casada.

– Disseste-lhe, então – insistiu Marie.

– Ora, ele há de reparar logo ao ler o nome no remetente, não é?

Marie desistiu. O que quer que Kitty tivesse escrito a Gérard Duchamps, incitara suficientemente o jovem a escrever uma carta mais longa, que estava agora dentro da bolsa de Kitty.

– Não faças essa cara, Marie – queixou-se Kitty, debruçando-se para lhe servir chá. – Não, a sério, Marie. Se me fazes essa cara tão séria, arrependo-me de te ter mostrado a carta. Além disso, eu só lhe respondi porque achava que ele ia morrer. Ninguém podia imaginar que ele iria recuperar. Não que isso me desagrade... Afinal de contas, é positivo quando um soldado recupera dos seus ferimentos. Mesmo sendo francês.

– Evidentemente – admitiu Marie. – Ninguém quer mal nenhum ao Gérard. Só que ele tem de saber que és uma mulher casada e que não faz sentido escrever-te cartas.

Kitty adoçou o chá com várias colheres de açúcar e fez uma careta quando o provou.

– Mas o que ele escreve é totalmente inofensivo, Marie – considerou então, pousando a chávena, enojada. – Tu mesma a leste. É num tom simpático e não tem alusões nenhuma a... a... ao passado.

Exceto o facto de ele a pôr a par do seu divórcio, pensou Marie, suspirando. Dissesse-se o que se dissesse a Kitty, se não lhe agradasse, ela simplesmente não ouvia. Ainda dez minutos antes Marie lhe explicara que Gérard não era qualquer um. Era o seu antigo amante. O facto de ele fazer chegar aquela carta de um hospital belga através de um amigo alemão era uma coisa impossível e uma bofetada na cara do marido dela. Será que não

conseguia ver isso? Queria ela causar este desgosto a Alfons, o pai da sua pequena Henni?

– Por amor de Deus, Marie. O Alfons está no campo de batalha. Não vai saber de nada disto, por isso também não pode ralar-se com nada. Imagina só, ontem chegou uma carta dele, estão a combater no Marne contra os ingleses. Diz que são soldados muito melhores do que os franceses. Não é interessante? Eu acho os ingleses um tanto ou quanto ridículos, tão tesos e secos...

Marie calou-se e deixou Kitty desenrolar a sua conversa. Pensando melhor na situação, não era na realidade assim tão mau como sentira num primeiro momento. Kitty amava Alfons, os dois tinham uma filha pequena e era muito improvável que Kitty cometesse uma insensatez. Além do mais, tinham o obstáculo da guerra, Gérard estava – assim o dissera – em Lyon. Não viria até aqui nem poderia enviar uma segunda carta clandestinamente para a Alemanha.

– A Elisabeth sabe disto? A tua mãe? Mais alguém?

– Ai, estas roupas feias e tesas de tecidos sucedâneos! Com isto vestido, parecemos autênticas governantas. A única vantagem é que as saias se usam agora mais curtas e eu tenho os tornozelos muito estreitos. Nalgumas mulheres até se veem as barrigas das pernas! Jesus, credo, quem usa essas saias são sempre aquelas a quem não se pode permitir tal coisa.

– Kitty, por favor! Não mudes de assunto.

– Como?

– Se mais alguém sabe da carta.

– Não, és a única, Marie. Queria falar sozinha contigo, porque és a minha amiga do coração e a minha confidente. Tens toda a razão em ralhar comigo, querida Marie. Mas olha, não achei que houvesse problema, já sabes como eu sou.

– Ótimo – disse Marie. – Então ouve o conselho que tenho para te dar. – Kitty fingiu ser toda ouvidos enquanto, distraída, dava voltas no chá com a colher.

– No teu lugar, atirava já imediatamente para a lareira essa carta e nunca mais voltaria a falar dela.

Kitty olhou-a com os seus grandes olhos azuis. Era um olhar infantil que quase comoveu Marie. Um olhar cheio de terror e profunda tristeza.

– Tu queres dizer... queimar?

– Sim.

Os olhos de Kitty deambularam pela sala, pousaram um instante num quadro, uma paisagem de neve, cuja moldura dourada sobressaía sobre o papel de parede vermelho, e depois olhou triste para a sua pequena bolsa ornada de pérolas que pousara no cadeirão.

– Sim – sussurrou ela, com uma inalação profunda que quase pareceu um soluço. – Sim, será melhor assim... Sabes uma coisa, Marie? É realmente uma pena não ser possível amarmos dois homens ao mesmo tempo.

– Kitty! – apelou Marie ao seu juízo. – Vê lá se a Lisa ou a mamã ouvem isso. Na vida boémia dos artistas, essas situações bizarras até podem ser comuns, mas não me parece que o Alfons o fosse compreender de todo.

– O Gérard também não – disse Kitty com um sorriso sonhador. – Não, ele também não, de todo.

Pegou na bolsa, abriu-a e tirou para fora um lenço com debrum de renda, a que se assoou. Retirou também lá de dentro um minúsculo frasco de perfume azul-claro. Desenroscou a tampa dourada, aplicou uma gotinha no pulso e estendeu o braço na direção de Marie.

– Um aroma do paraíso, Marie. Uma brisa de bergamota e âmbar. Ora cheira...

Marie não manifestou vontade nenhuma de cheirar o aroma paradisíaco, pelo que Kitty recolheu o braço e tirou da bolsa a carta dobrada.

– Faz tu, Marie – pediu ela, de semblante lastimoso. – Não consigo. Ele escreve palavras tão amáveis. Ah, eu sei que nunca mais o vou voltar a ver. Mas não deixo de estar muito feliz por ele não ter morrido.

Limpou os olhos dando pancadinhas com o lenço, mas, para alívio de Marie, não chorou. Ao invés, pôs-se a falar ininterruptamente. Que depois da guerra tinha de fazer sem falta uma viagem a Itália com Alfons. Que ele prometera. Milão, Roma, Nápoles. Queria ver o Vesúvio e depois visitar a Sicília. Talvez até atravessassem também para África. Dizia-se que Marrocos era um país empolgante. E evidentemente o Egito, as pirâmides...

Marie assumia o delito apenas de má vontade, esteve prestes a pedir a Kitty que empreendesse ela mesma aquele ato de destruição. Mas receava que Kitty escondesse a carta na caixa de costura em vez de a atirar para a lareira. Não se podia confiar em Kitty, era preciso protegê-la de si mesma. Marie enfiou a carta dentro da manga.

– Eu... eu acho que agora vou para casa – declarou Kitty, que parecia de repente extraordinariamente aliviada. – Já te contei que a Henni se levanta agarrada a todas as cadeiras e sofás? Mais alguns dias e começa a andar. Vou escrever logo uma longa carta ao Alfons e acrescentar alguns desenhos. E mando fazer fotografias da pequenina Henni...

Abraçou a sua «queridíssima Marie», garantiu-lhe que lhe estava eternamente grata e que, muito particularmente, Marie não deveria dizer nada a Elisabeth sobre a carta. Lisa tornara-se terrivelmente severa e patriótica. Mas até melhorara um pouco nos últimos tempos, sobretudo desde que voltara a residir na Vila dos Tecidos.

– Para te dizer a verdade, eu também não me importaria nada de voltar para aqui – considerou, fazendo um ar pensativo. – Mas enquanto este incómodo hospital militar estiver a desfigurar a Vila, prefiro ficar na Frauentorstrasse.

Viera a pé porque, ao que parecia, já não havia gasolina para automóveis particulares. Era algo que não parecia incomodá-la por aí além. Da janela da sala de jantar, Marie ficou a observar Kitty, aquecida com o seu casaco com forro de pelo, a atravessar o jardim em direção à cidade. Enfiara as mãos num pequeno regalo de malha preta e parava frequentemente para olhar para os flocos de neve que pousavam no chão escuro.

Marie sentiu a carta dentro da manga e dirigiu-se para a sala de jantar, onde a salamandra de cerâmica, que Auguste aquecera de manhã, ainda conservava algumas brasas. Abriu a porta da salamandra e enfiou a carta lá dentro, soprou suavemente para espicaçar as brasas, deixando o papel arder até ao fim.

É assim, Monsieur Gérard, pensou ela, satisfeita, fechando a porta. Ponto final. Ficaremos de futuro livres dos seus enredos.

Do jardim de inverno ecoavam alegres gritos de crianças. Rosa vigiava aí, não apenas os gémeos, como também a pequena Liesel e Maxl, para que Auguste pudesse tratar das suas tarefas em sossego. O velho Bliefert estava com uma constipação persistente e ficou muito contente por lhe aliviarem a carga. Só raramente chegavam notícias de Gustav, estava algures na Rússia ou na Roménia, a julgar pelos breves textos das suas cartas, ele próprio não parecia saber muito bem.

– Else! A Hanna já está pronta?

Else estava na sala de fumo a sacudir almofadas e a limpar o pó dos floreados móveis de carvalho. Apareceu de espanador do pó na mão e correu para as escadas de serviço para espreitar a cozinha. À hora do almoço, Hanna levava à fábrica a refeição dos prisioneiros de guerra e entretanto fora também adotada a prática de a jovem senhora Melzer a acompanhar nessa tarefa. Oficialmente, Marie fazia-o para supervisionar Hanna e ajudá-la a empurrar o carrinho de mão, mas a título oficioso era simplesmente uma boa oportunidade para se informar pessoalmente sobre os avanços da produção. Era verdade que Johann Melzer tecera os máximos elogios a Marie diante de toda a família reunida, atestando os seus conhecimentos técnicos, mas não tolerava a sua presença no escritório ou nos pavilhões da fábrica. Perguntara-lhe várias vezes se não tinha mais nada para fazer do que andar a passear-se pela fábrica e até haviam chegado a trocar palavras duras:

– Se calhar achas que tens de controlar os meus trabalhadores?

– Venho trazer-te apenas alguns esboços para os padrões dos tecidos, papá.

– E que andas tu a bisbilhotar na oficina de estampagem dos tecidos?

– Fui olhar para os rolos e conversei com o gravador sobre como poderíamos alterar de forma simples os padrões que já temos.

– Com o meu gravador falo eu e mais ninguém! Caramba!

No peito de Johann Melzer residiam duas almas diferentes. Uma tinha respeito por Marie, pelo seu dom para o desenho, a sua capacidade de compreender o funcionamento de uma máquina. Alicia nunca fizera tal coisa, fora educada para se preocupar com o bem-estar da casa e da família. Para ela, a fábrica nunca deixara de ser uma entidade estranha e incompreensível. Marie era diferente, ela envolvia-se, queria falar sobre a fábrica, pedia ao sogro que lhe explicasse isto ou aquilo. Até fazia propostas de melhorias, contribuía com novas ideias. Por um lado, ele gostava disso, mas, por outro, já não. Teimava obstinadamente em não ceder às suas ideias. Talvez por ser mulher. Mas de certeza também por insistir teimosamente na sua opinião. Ele, Johann Melzer, era o diretor da fábrica de tecidos Melzer, era ele quem tinha a última palavra e não se ia deixar controlar pela nora. Mesmo quando ela tinha razão.

Marie compreendia muito bem toda aquela situação. Tinha de ter paciência, não dizer as coisas de chofre, habituar o senhor diretor lentamente, mas com constância, à noção de que ela exigia desempenhar a sua parte. Que queria participar, não apenas na tomada de decisões, mas também na responsabilidade. No início fizera-o por Paul, para que os seus desenhos não fossem desperdiçados, fossem colocados em prática e pudessem trazer prosperidade aos Melzer. Todavia, entretanto, sentira o fogo a atizar-se dentro de si e, quando agora se dirigia para a fábrica, fazia-o porque queria colocar em prática as suas próprias ideias.

– A Hanna já está no pátio com o carrinho de mão, minha senhora – comunicou Else, que regressara de cara toda vermelha por ter corrido tão depressa.

– Vou vestir o casaco de lã cinzento. O gorro azul-claro e o cachecol que a Tilly me tricotou.

Else observou cautelosamente que seria com certeza mais ajuizado vestir o casaco de peles, pois soprava um frio vento de dezembro, mas Marie abanou a cabeça. Não convinha nada aparecer na fábrica vestida como uma senhora rica quando tantas das operárias nem sequer tinham um casaco de inverno como devia ser.

Hanna esperava obedientemente junto ao canteiro redondo que estava agora coberto de ramos de abeto para proteger do frio os bolbos das túlipas e dos narcisos. A refeição para os prisioneiros de guerra estava num grande tacho de cozinha envolto em cobertores e pousado numa caixa de madeira. Para que o ensopado de cenouras e couves-nabiças não se derramasse durante a acidentada viagem, a tampa do tacho estava presa nas asas com um cordel. Ainda assim, era aconselhável proceder com cautela. A comida era um bem precioso. O prato de ensopado acompanhado com o pedaço de pão era provavelmente a única refeição que os prisioneiros de guerra receberiam naquele dia.

– Na fábrica das máquinas, a comida é muito pior – contou Hanna quando começaram a andar com cuidado. – Lá dão apenas um nadinha de sopa rala de aveia e o pão é feito de serradura.

O caminho até à fábrica não era longo, mas as duas mulheres tinham pressa em lá chegar com o carrinho de mão. Nunca se sabia: na cidade e também nos bairros dos operários havia gente disposta a lutar e até matar por uma ou duas colheres de ensopado.

– Como sabes isso da sopa de aveia?

Hanna ficou um pouco atrapalhada, mas depois disse que ouvira os prisioneiros falar. Que estavam todos muito contentes por poderem trabalhar na Melzer, sobretudo aqueles que trabalhavam lá em baixo, com a máquina de vapor, porque ali se mantinham quentes.

Marie sorriu diante de tanta ingenuidade. Carregar carvão com pás para dentro da máquina a vapor era um trabalho pesado que ninguém deveria invejar a prisioneiros de guerra esfomeados. Mas quem mais o poderia fazer? Os jovens alemães estavam na guerra, estropiavam-se a tiro pela pátria, e se fossem feitos prisioneiros trabalhavam em terra inimiga nas minas de carvão e noutras até não lhes restarem forças. Que loucura!

– Quer dizer que falam alemão contigo? Pensava que só falavam russo ou francês.

Hanna contou que alguns haviam aprendido um pouco de alemão. Não havia outra hipótese, afinal de contas tinham de perceber as ordens em alemão.

– Mas é claro, não tinha pensado nisso.

A vida voltara à fábrica. Quando o porteiro Gruber lhes abriu o portão, Marie viu várias operárias no pátio a carregar enormes rolos de papel em direção à fiação. Do pavilhão ressoava o ruído habitual, silvava-se e polia-se, zumbia-se e rangia-se, fusos zuniam, tudo se misturava num só ruído ensurdecedor que as operárias continuavam a sentir em todo o corpo horas depois de o turno terminar. Hanna rumou para a sala de embalagem com o carrinho de mão, onde duas mulheres a ajudariam a distribuir a comida. Huntzinger, o velho capataz, tratava de garantir que os prisioneiros podiam comer a refeição em sossego sem que se perdesse a pressão na máquina a vapor. Também os dois soldados da frente doméstica, dois rapazes pálidos que nem dezoito anos tinham, haviam sido integrados na tarefa de distribuir a comida e também tinham direito a um prato de ensopado. Os outros trabalhadores assistiam com olhares invejosos à refeição dos prisioneiros e dos seus guardas.

– Esses enchem a barriga enquanto lá em casa os nossos filhos passam fome!

Marie separou-se então de Hanna para fazer uma ronda pelos pavilhões. Passado pouco tempo, já havia inspecionado a fiação e constatara que apenas quatro das máquinas estavam a trabalhar, enquanto a quinta estava

naquele momento a ser carregada com um novo rolo. Tinha assim a oportunidade de observar os trabalhos e tirar as suas conclusões. Todo aquele trabalho podia ser muito mais fácil se se construísse um carro que transportasse o rolo pesado até à máquina. Então os homens só teriam de o levantar e encaixá-lo no eixo. E por que raio se estavam a usar aqueles rolos de papel enormes? O peso causava problemas: no início, era difícil colocá-los em movimento; se depois o papel se desenrolasse, rolava demasiado depressa e dava origem a irregularidades. Os fios assim produzidos não eram os indicados para a produção de tecidos mais finos.

Se os rolos tivessem metade da espessura, as máquinas teriam um funcionamento regular e nós não teríamos refugo, pensou Marie. Pelo contrário, o trabalho teria de ser interrompido mais vezes para se substituir os rolos. Seria preciso fazer os cálculos...

Quando se dirigia para a fição, viu Hanna em frente da porta da sala de embalamento, o xaile de lã apertado contra os ombros, o cabelo escuro coberto de flocos de neve. Conversava com um rapaz, um dos prisioneiros, que segurava um prato de ensopado fumegante. Era um tipo bem-parecido, de cabelo negro encaracolado e olhos negros coriscantes. Pensou involuntariamente em Gérard Duchamps, tinha olhos parecidos e fora um maldito de um sedutor. Aquele era provavelmente russo. Estava tão fervorosamente empenhado em conversar com Hanna que até se esquecera da comida.

– Hanna? – chamou de longe.

A rapariga contraiu-se de susto. O peso na consciência estampado no rosto dizia tudo. Marie ficou horrorizada.

Hanna acabara de fazer quinze anos, era a sua protegida especial e Marie tinha orgulho nela, porque nos últimos meses se comportara prudente e habilmente nas tarefas da casa e do hospital. E havia logo de se meter com um prisioneiro russo.

– Seria melhor irem para dentro! – disse Marie.

Teve direito a um breve olhar zangado de uns olhos negros masculinos e a um «Sim, minha senhora» de Hanna. Lá dentro, sob os olhares atentos dos camaradas e dos dois guardas, o jovem sedutor não teria hipótese nenhuma de meter ideias na cabeça de Hanna. Na oficina de estampagem de tecidos estavam em funcionamento apenas duas das muitas máquinas de estampagem de rolos. Eram por norma operadas por vários homens, mas

agora esta tarefa exigente fora assumida pelas mulheres. Jürgen Dessauer, o velho gravador, estava sentado num banco de oficina e gravava um novo padrão num dos pesados rolos metálicos. O *rapport* – o padrão contínuo no rolo – tinha de ficar impecavelmente alinhado, caso contrário mais tarde ver-se-ia a transição no tecido. Dessauer ligara a luz elétrica, já que a sua vista já não era a melhor.

– Como estão a correr as coisas? – perguntou Marie, pousando os seus olhos curiosos no padrão que ia nascendo.

Dessauer tirou os óculos e limpou os olhos com as costas da mão.

– Vão correndo, senhora Melzer. Um belo padrão. É mesmo. Um dos mais bonitos que já gravei.

– Oh, que exagero, senhor Dessauer, receio apenas que possa ser difícil de gravar. Por causa das gavinhas, são tantas e tão rebuscadas...

Ele sorriu e disse que era para ele um grande prazer. Que sim, na verdade poderia tornar-se a sua obra-prima, mas que não queria de modo nenhum lançar foguetes antes da festa, afinal de contas ainda não terminara.

– E depois tudo depende do aspeto que terá depois de estampado – falou ele em tom doutoral. – Quando estarmos o tecido, esse é que será o momento da verdade, senhora Melzer.

Pôs os óculos, endireitou o candeeiro e voltou ao trabalho. Fascinada, Marie observou o modo como os delicados ramos e folhinhas iam nascendo no metal, como se entrelaçavam, geravam flores e lentamente ocupavam a superfície metálica lisa do rolo. Havia uma única oportunidade para cada motivo: um movimento em falso, uma escorregadela do punção, e todo o rolo ficaria estragado. Mas Jürgen Dessauer gravara padrões para a fábrica ao longo de vinte anos e mesmo agora, com o cabelo e a barba entretanto grisalhos, puncionava cada ponto sempre no local preciso. Marie deu uma olhadela às peças de tecido que estavam a ser estampadas nas duas máquinas: eram padrões agradáveis, mas não tinham nada de especial. Pequenas pintas sobre um fundo de cor única, bastante aborrecidos, pensados para aventais e fatos de trabalho. O tecido tinha uma qualidade boa, firme e, ao mesmo tempo, era muito fino, ainda que um tanto ou quanto hirto. Não se comparava ao algodão, que se podia tecer de tantas formas diferentes, da flanela à macia cambraia. Ainda assim, se o seu padrão ficasse tão bonito no tecido de papel como ela esperava, seria possível fabricar vestidos e blusas. Tinha já na cabeça alguns modelos de corte

simples, mas que assentavam bem, e uma grande quantidade de planos para os colocar em prática, mas para já seria melhor não revelar nada disso ao austero senhor diretor.

Despediu-se, fez mais uma ronda pela tecelagem, onde entretanto estavam a ser produzidas três qualidades diferentes de tecido: tecidos grossos para mochilas, mais finos para toucas e aventais e outros com uma tecelagem especialmente fina para saias, blusas e fatos. Como era evidente, estava-se muito longe da capacidade de produção de antigamente, em todos os pavilhões a grande maioria das máquinas continuava parada. Mas laborava-se e produzia-se, a fábrica estava viva e alimentava uma série de pessoas.

Quando atravessou o pátio para se dirigir para o edifício administrativo, lançou um olhar averiguador na direção da zona de embalamento. Ao que parecia, os prisioneiros haviam terminado a refeição, estavam parados em grupos de dois ou três à frente da porta e batiam com os pés no chão, respiravam o ar fresco do inverno, antes de serem novamente mandados para os ruidosos pavilhões ou para as pazadas de carvão. Não se via Hanna em lado nenhum; estaria provavelmente com as mulheres a lavar a louça antes de regressar à Vila com o carrinho de mão. Marie registou mentalmente a intenção de ter mais tarde uma conversa séria com a rapariga. Era estritamente proibido conversar com um prisioneiro mais tempo do que o mínimo necessário ou sequer tratá-lo com simpatia. Se Hanna se tivesse realmente apaixonado por aquele rapaz bonito, o seu comportamento podia fazê-la ir presa.

Lá em cima, na antessala do gabinete do senhor diretor, Marie foi cumprimentada pela secretária Henriette Hoffmann com um sorriso contido. A colega de Ottilie Lüders estava extremamente concentrada a martelar na máquina de escrever e não pareceu sequer reparar na jovem senhora Melzer. Era evidente que aquelas senhoras – em sintonia com a opinião do seu chefe – não tinham em grande conta as visitas de Marie, percecionando-as como uma perturbação. Mas que megeras ingratas, pensou Marie. Será que sabem quem lhes garantiu a possibilidade de voltarem ao trabalho? Não, não sabem, nem querem saber. Para elas, o senhor diretor é Deus na terra. Todo-poderoso e onnisciente. Ela, Marie, pelo contrário, era simplesmente a inoportuna nora que se metia em assuntos de homens.

– Devo anunciá-la, senhora Melzer?

A menina Hoffmann assumiu rapidamente uma posição diante da porta de acesso ao senhor santíssimo, teria provavelmente recebido instruções no sentido de se desembaraçar daquela visita diária. Ontem, pelo menos, explicara que o senhor diretor estava ao telefone com Berlim e não podia ser incomodado. O que no entanto se revelara mentira.

– Obrigada, senhora Hoffmann. Eu anuncio-me a mim mesma.

Marie caminhou a direito na direção dela e agarrou no puxador da porta. Henriette Hoffmann desviou-se resignadamente para o lado.

– Papá? Não estou a incomodar, pois não?

Ele estava sentado à secretária, com uma série de dossiês abertos e uma pilha de papéis diante do nariz, a par de um copo de conhaque ao alcance da mão. Marie inalou discretamente: ele havia estado sem dúvida a fumar. Alicia constataria recentemente que o humidificador da sala de fumo estava quase vazio, o papá trouxera os charutos em segredo para a fábrica para aí fumar sem repreensões incômodas.

– Incomodar? Como poderia uma artista tão dotada incomodar alguém? – perguntou ele, carrancudo, fechando um dossiê com força. – O Dessauer está extasiado com os teus padrões. Entra lá de uma vez por todas, Marie. Já que aí estás...

– Muito obrigada, papá. Que querido da tua parte teres um tempinho para mim.

Pela cara, ela viu que ele percebera a ironia e que ela também sabia lidar com as suas observações trocistas e antipáticas.

– Com que me vens tu torturar agora?

– Ora, papá! Só quero estar envolvida. Dar-te uma mãozinha quando puder...

Avançou a passo lento na direção da secretária e sorriu a olhar para o caos.

– Tenho a certeza de que também consegues ler os documentos de cabeça para baixo – rosnou ele. – Serão as encomendas de Berlim? Gostarias de saber como as nossas amostras de tecido foram lá recebidas?

Ela sentou-se num dos pequenos cadeirões de cabedal e assentiu. Sim, gostaria muito de saber, mal conseguira dormir de noite, tal era a ansiedade.

– Então – começou ele, levantando-se para se servir de mais um conhaque –, podemos para já fornecer dez fardos de tecido grosso e cinco fardos de tecido para mochilas.

Ela olhou-o cheia de expectativa, mas dali não saiu mais nada. Significava que as amostras de tecido para fardas e boinas não haviam sido aceites.

– E porque não os tecidos finos?

Ele fez uma careta e bebeu o conhaque num só trago. E depois encolheu os ombros.

– Porque a concorrência consegue fornecer com mais qualidade. Por isso. Não te podes esquecer de que somos novatos neste negócio, Marie. A Jagenberg, em Düsseldorf, trabalha há anos com celulose e papel.

Marie abanou teimosamente a cabeça. Não. Simplesmente não batia certo. Eles haviam analisado os tecidos da Jagenberg, não eram de modo algum melhores do que os produtos da Melzer.

– Tem unicamente a ver com o facto de haver alguém lá dentro que conhece outro alguém que tem bons conhecimentos. E assim são eles que recebem as encomendas – resmungou ela.

Ele voltou-se para ela, os traços do seu rosto revelando uma mistura de irritação e reconhecimento, e depois sorriu.

– Menina esperta. Pode muito bem acontecer que tenhas razão. Simplesmente, neste momento não estamos em posição de fazer seja o que for quanto a isso. Vamos ter de oferecer os nossos tecidos finos a outro lado.

– Se calhar assim é melhor – considerou ela em tom desafiador. – Nós quisemos prestar um serviço à pátria, propusemos ao exército tecidos para as fardas, mas não querem os nossos produtos. Azar o deles. Vamos procurar outros compradores. Dos que pagam melhor!

– Quanto a isso... não é lá muito difícil.

Com efeito, o Estado era um cliente fidedigno, mas pouco rentável, já que não pagava grande coisa pelos fardos de tecido que comprava. Melzer já contactara vários dos seus antigos clientes. Marie pediu um bloco e uma caneta e anotou os nomes de algumas casas de moda, além de alfaiatarias. Não foi muito difícil chegar a estes nomes, já que Kitty a assediava constantemente com revistas e brochuras de moda.

– Sobretudo para roupa de homem – disse ela. – Mas também fatos e roupa para as senhoras.

Naquele momento quase deu com a língua nos dentes, mas acabou por guardar para si os seus outros planos. Melzer tirou-lhe o papel da mão, passou os olhos por alto nas empresas aí enumeradas e encolheu os ombros.

– Vamos tentar. A menina Lüders pode procurar as moradas e os números de telefone.

Marie estava satisfeita.

– Vemo-nos logo à noite, papá. Tenho ainda mais algumas ideias que gostava de abordar contigo.

Ele fez um esgar irritado e fechou a garrafa de conhaque. Esta tilintou baixinho, pois a sua mão estava tão agitada que tremia. Em seguida, regressou à cadeira e estava um pouco ofegante quando se sentou.

– Hoje à noite, Marie. Com pão de centeio e chá de hortelã.

Ela atravessou a antessala com um sorriso vitorioso e sentiu satisfação quando o ouviu a gritar bem alto «Lüders!». Ottilie Lüders abandonou a máquina de escrever, agarrou à pressa no bloco e no lápis e foi a correr para atender ao santíssimo.

Quando Marie saiu para o pátio, foi recebida por um denso nevão. Permaneceu alguns instantes sob a proteção da entrada e observou os flocos a rodopiar para cima e para baixo, que já haviam coberto o pátio e os peitoris do edifício com pequenas almofadas de neve. Um Natal branco, pensou. Antes era uma coisa que nos alegrava. E agora?

Há duas semanas que não recebia nenhuma carta de Paul. Estava na Rússia, onde o manto de neve era tão alto que um cavalo se afundava até à barriga. Onde o termómetro descia aos vinte ou mesmo trinta graus abaixo de zero. Era o país onde o exército do grande Napoleão havia morrido de frio e de fome.

E continuava a não chegar resposta ao seu requerimento de chamar o soldado Paul Melzer de volta para Augsburg.

Força, pensou ela, sentindo as garras do desespero a quererem tomar conta dela. Nunca perder a esperança. Vamos voltar a ver-nos. Não pode ser de outro modo... Tenho a certeza... Tenho a certeza...

O silêncio era terrível. Sobretudo durante a noite, quando tentavam dormir num colchão molhado sob uma lona. Apesar da exaustão extrema, Humbert olhava fixamente para a escuridão, sentia o frio em todas as partes do corpo e esperava. Quando a primeira luz lívida reluzia no horizonte, tudo começava de novo. Quase todos os ataques começavam de madrugada.

– Saíste-me cá uma bela peça, tu – gracejou o major. – Tremes tanto que até podíamos pensar que rebentou uma mina.

– É o frio, senhor major.

– Então levanta-te e vai ver se as minhas polainas estão secas.

Humbert levantou-se da cama e acendeu a lanterna de bolso, o que gerou imediatamente manifestações de indignação entre os camaradas.

– Apaga a luz, idiota. Queres apanhar com uma granada na testa?

– Tu cala-te lá. A esta hora não acontece nada.

Uma ratazana passou mesmo ao lado de Humbert a correr, ele ouviu o ruído dos seus pezinhos na madeira. Deixou cair a lanterna ao chão com o susto, que rolou de um lado para o outro sobre as tábuas, e ele deu-se por feliz por não se ter estragado. As ratazanas continuavam a pô-lo em pânico, mas a sua relação com elas mudara entretanto. Eram companheiras de infortúnio dos soldados, agachavam-se com eles debaixo do chão e temiam as trepidações dos tiros, por vezes até corriam com eles quando eles atacavam e eram tão desmembradas e desfeitas pelos morteiros como qualquer pessoa. Eram as suas companheiras, as suas sombras e as suas coveiras, já que comiam os cadáveres.

Humbert apalpou as polainas, que pendurara com um cordel, na esperança de secarem. Mas estavam tão molhadas como antes. Tudo ali estava húmido, da roupa interior aos casacos, mas sobretudo os sapatos e as

meias, já que, apesar das tábuas de madeira, na maior parte do tempo caminhavam dentro de água imunda.

– Ainda não estão bem secas, senhor major.

– Que sorte a minha – rosnou Von Hagemann. – Vai até ao abrigo dos oficiais e espera aí por mim.

Havia vários tipos de abrigos naquele infundável labirinto de valas, trincheiras e estreitos caminhos de ligação. Alguns eram bastante confortáveis, se é que se podia usar tal expressão, feitos de madeira, até tinham lareira e armações de camas. Haviam sido criados na primeira fase dos combates; mais tarde, quando se foram escavando cada vez mais valas e se criou todo um sistema subterrâneo para ratazanas e soldados, os abrigos foram-se tornando mais provisórios, uma lona esticada e meia dúzia de tábuas de madeira, algumas mantas malcheirosas que nunca chegavam a secar – e era tudo. Urinar e outras coisas que tais faziam-se mesmo ao lado num buraco que depois algum deles tapava no dia seguinte, só para cavar outro num outro sítio qualquer. Não era particularmente relevante, já que estavam permanentemente rodeados do fedor a pólvora, terra podre e cadáveres, por isso já ninguém reparava.

– Não te estás a portar nada mal, rapaz – considerou Von Hagemann quando se agachou sob a lona junto de Humbert. – Achei que ias desmaiar logo no primeiro ataque. Mas cumpriste decentemente o teu dever, Humbert. A sério, muito decentemente.

Tossiu, ali estavam todos constipados, o que não era de admirar, considerando a humidade permanente. Com os dedos rígidos, Von Hagemann tirou um maço de cigarros do bolso do casaco, sacou um lá de dentro e estendeu a caixa a Humbert.

– Obrigado, senhor major.

Fumava sempre que tinha oportunidade. Também bebia a aguardente que era servida quando estavam em postos de descanso e empanturrava-se de chocolate. Estavam sempre a alternar de posição entre a frente, o estado de prontidão e o descanso, para permitir a recuperação da fadiga dos combates na frente. Os postos de descanso eram uma maravilha: eram levados para um alojamento atrás da linha da frente, podiam dormir com fartura, recebiam roupa seca, boa comida, podiam tomar banho, para os oficiais havia também um casino e meninas. O estado de prontidão era menos agradável, ficavam agachados uns em cima dos outros atrás das trincheiras,

dentro de buracos cavados na terra, praticamente sem defesa contra os morteiros inimigos, remendavam a roupa, fumavam, catavam piolhos no corpo e esperavam pela ordem: «Tudo para as trincheiras.»

Os piolhos eram particularmente maus, já que transmitiam tifo.

– Nem eu compreendo, senhor major – admitiu Humbert. – Antigamente, só de ouvir uma granada já eu estava no chão.

Von Hagemann estendeu-lhe o isqueiro aceso, Humbert acendeu o cigarro, inalou com prazer a primeira e profunda baforada e sentiu-se tonto. Era uma tontura agradável que se associava a uma estranha clareza de ideias. O filme louco que era a sua vida passava-lhe diante dos olhos com grande precisão, cada uma das imagens com uma nitidez acutilante. Simplesmente, ele não desempenhava nenhum papel nesse filme.

Von Hagemann enfiou a lanterna entre a lona e as traves de madeira, o foco de luz atravessou obliquamente o espaço minúsculo e desenhou um círculo amarelado nas madeiras que fixavam a parede lateral. Com exceção de duas caixas de munições que faziam a vez de bancos, havia ali apenas um monte desordenado de cobertores de lã húmidos, duas caixas com provisões e um fogão a gás com uma panela e copos de café.

– Uma porra de uma ordem que não faz sentido nenhum – praguejou Von Hagemann baixinho. – Manter a posição. Onde já não há nada a ganhar. De reserva. Outros combatem e distinguem-se. E eu estou aqui num posto perdido.

Humbert compreendia a irritação do seu major, mas não era enorme a sua solidariedade. Da sua parte, ele estava felicíssimo por os combates estarem prestes a acabar ali. Se ao menos já tivesse chegado esse momento. Em setembro, dizia-se que os ataques alemães seriam suspensos, mas lamentavelmente os franceses não tinham intenção nenhuma de responder no mesmo tom a esta boa notícia. Bem pelo contrário: lançaram-se ao ataque. O forte de Donaumont estava novamente na sua posse, bem como Fort Vaux, que os alemães haviam conquistado com perdas tão pesadas. Mas que loucura. Tantos pobres tipos esvaídos em sangue no meio da porcaria, os seus cadáveres ainda lá fora nas valas escavadas pelas granadas e presos no arame farpado, pois era demasiado perigoso ir lá resgatá-los. E para quê? Para nada. Os franceses estavam simplesmente a tomar de novo o que já antes lhes pertencera.

– Um homem pode enlouquecer aqui, Humbert – ciciou Von Hagemann. Fumava agitadamente, em muitas pequenas golfadas, apagou o primeiro cigarro e acendeu logo depois o segundo. – Ali em cima está um monte de idiotas que não percebem nada de como se gere uma guerra. Três semanas e teríamos tomado Verdun. Teríamos dado conta dos franceses. Três regimentos, dois nas alas, um ao centro. Cercados e eliminados. E depois rumo a Paris. Mas o tal de Pétain estragou tudo. Esperámos demasiado tempo. Emperrámos nestas malditas trincheiras...

Humbert assentiu e aspirou com prazer o fumo do seu cigarro. Mais dois dias, estimava ele, e então seriam novamente rendidos e levados para um dos alojamentos para repouso. Ia dormir como uma pedra. Dia e noite. Quem sabe se por essa altura já tudo estava acabado. Quanto mais se entregava ao efeito do tabaco, mais firme era a convicção de que o mantivera agarrado à vida nas últimas semanas: ele não ia morrer, era apenas um espectador naquele filme pavoroso, não era um dos atores. O major continuava a gastar conversa sobre a vitória rápida sobre a França que o império havia desperdiçado porque o alto-comando do exército era composto por imbecis e cobardes. Humbert não percebia nadinha das jogadas estratégicas que Von Hagemann descrevia com tanto pormenor e que sem dúvida nenhuma teriam conduzido à vitória, mas deixava-o falar e anuí sempre, como se estivesse a acompanhar as suas explanações com grande interesse. Uma coisa era clara: Von Hagemann não se apoquentava com os muitos jovens que haviam sido dizimados sem sentido nem objetivo nenhum, apoquentava-se com o facto de a sua carreira ter ficado atolada na lama. E pensar que no ano anterior tudo começara com perspectivas tão auspiciosas. A sua promoção a major. A distinção na campanha do Marne. A missão em Antuérpia. A Bélgica em geral...

– Na verdade, já era tempo de nos mandarem de licença a casa, não? – perguntou Humbert inocentemente.

Von Hagemann bocejou e fez um gesto de desdém com a mão. Não, essa não era de todo a sua intenção. Bocejou de novo e estendeu novamente o maço de tabaco na direção de Humbert. Também o major tinha dificuldade em dormir, era realmente chegada a hora de render a guarda. Humbert acendeu um segundo cigarro e, enquanto expelia o fumo, ouviu os passinhos ligeiros que tão bem conhecia. Eram duas ratazanas,

provavelmente ainda jovens, e estariam com certeza sob os cobertores de lã. Oxalá não os comessem.

– Casa – disse Von Hagemann, cismático. – Já não sei onde é realmente a minha casa. Vais agora com certeza dizer-me que a minha casa é em Augsburg, com a minha mulher, os meus pais... Mas isso é só o que parece. Decerto que sou responsável pelos meus pais, tenho de cuidar deles, sobretudo financeiramente... E a Elisabeth?

Soltou um suspiro profundo. Elisabeth era uma pessoa decente, uma esposa de confiança, mas não estava a conseguir engravidar. Mas lá chegariam... Mais tarde, depois da guerra...

Calou-se um instante, perdido em pensamentos, e a Humbert também não ocorreu nada para dizer. O fumo do cigarro flutuava como um espectro no feixe da lanterna, rodopiava, formava figuras e desfazia-se numa névoa cinzenta. Algures alguém ressonava, do lado dos franceses o estrondo de um disparo rasgou a noite, provavelmente accidental. Humbert tossiu, maldita constipação, a garganta doía-lhe novamente ao engolir. Se ao menos conseguisse ter os pés secos.

Von Hagemann estava com disposição para conversar, o que se deveria provavelmente à tensão de quem não conseguira dormir. Sabia-se que os franceses haviam iniciado uma contraofensiva, de madrugada a coisa ia provavelmente dar-se. Aqui ou noutro ponto qualquer da trincheira. Humbert esperava encarecidamente que os franceses atacassem algures bem longe mais para ocidente.

– Na altura, ela era tão enternecedora – retomou Von Hagemann o seu monólogo. – Tão paciente. Tão improvavelmente feliz por eu por fim lhe ter pedido a mão em casamento. A Elisabeth é uma boa pessoa, não posso queixar-me de nada.

Então porque é que a estás a trair, ó patife?, pensou Humbert.

Von Hagemann sentou-se na caixa, de pernas abertas, as costas fletidas, e olhou fixamente para lado nenhum. Mas uma coisa era certa: não fora ela o seu grande amor.

– Sabes como é, Humbert? – disse ele baixinho, olhando-o de lado com um sorriso. – Quando vês uma rapariga e, de repente, já não és o mesmo de antes? Quando comesças a comportar-te como um imbecil porque ela te preenche o coração e o cérebro?

Riu-se. Pois, ele sabia que Humbert fora poupado a tamanhas tolices. Mas se calhar não a outras. Mas ele, Klaus von Hagemann, estava na altura imbecilmente apaixonado.

– A irmã. Foi ela quem fez pouco de mim. A doce e angelical Kitty. Que tremenda malvada!

Humbert achou que aquela declaração fora muito desrespeitosa. Se aquela conversa tivesse tido lugar na Vila dos Tecidos, ter-se-ia erguido para defender a sua jovem patroa. Mas estavam sentados na trincheira, entre um lodaçal e ratazanas, enquanto os inimigos lá do outro lado se preparavam para atacar. Considerando as circunstâncias, teria de deixar passar a ofensa do major.

– Inacreditável! – murmurou Von Hagemann, procurando no bolso do casaco a sua garrafa de uísque. – Que logo aquele rapazola anafado e insosso ficasse com ela. Alfons Bräuer, mas que interesse tem ele além de uma grande pilha de dinheiro?

Desenroscou a tampa da garrafa e tomou um trago, hesitou brevemente e estendeu a Humbert a garrafa. Estava evidentemente satisfeito por ter quem o ouvisse e quis recompensá-lo.

– Uísque – disse ele com um sorriso torto. – Provavelmente contrabandeado. Mas não é nada mau...

Humbert na verdade não gostava daquela beberagem, tanto mais que já tinha a garganta a arder. Mas recusar não era opção, Von Hagemann tê-lo-ia levado a mal. Bebeu então um pequeno gole, sentiu o líquido a arder como fogo na garganta e fez uma careta de dor.

– A coisa aquece, não é? – alegrou-se o major, pegando novamente na garrafa. – Pois é, na vida nem sempre temos aquilo que queremos, certo?

Humbert fez um gesto de negação, não conseguia falar, a garganta estava toda ela em ferida por dentro.

– Caroline – disse Von Hagemann com ternura. – Parece-se muito com a Kitty. Cabelo escuro, olhos grandes, seios pequenos e redondos, magra e ágil. Uns pezinhos bonitos... Caroline de Grignan. Tem apenas dezassete anos e a mãe vigia-a como um dragão.

Interrompeu-se ao ouvir naquele momento uma detonação, um estrondo infernal, mais alto do que tudo a que se haviam habituado até então. E depois um clarão intenso. Atiraram-se para o chão, em seu redor tudo

estalava, caía, rangia, como se a vala quisesse desmoronar-se toda. Os gritos dos soldados arrancados ao sono ouviram-se mais alto.

– Atingiram um depósito de munições!

– Malditos filhos da mãe! Ouvem-nos a celebrar?

Com efeito, entre as explosões ouvia-se a gritaria dos franceses, berravam de excitação, lançavam tiros de espingarda.

– Atenção, eles agora vão atacar – gritou Von Hagemann, que já recuperara a compostura e se levantara do chão, debatendo-se com a lona que tombara. – Todos às posições. Arma em posição de disparo. Repelir o ataque!

Tossia e praguejava porque as pessoas não corriam suficientemente depressa para os seus postos. Humbert desembaraçou-se com dificuldade da lona molhada e tropeçou até ao lugar onde dormira, onde deixara a arma. O negrume da noite estava agora iluminado com clarões amarelos e vermelhos, detonações sucessivas faziam vibrar o chão. O depósito estava no máximo a duzentos metros, enterrado a bastante profundidade e protegido com um muro de alvenaria. Ou haviam acertado por acaso ou alguém revelara ao inimigo onde estavam as munições. No caminho, Humbert chocou contra vários camaradas que corriam para os seus postos, enquanto ele – como sempre retardatário – ainda tinha de ir buscar a arma e provavelmente ainda teria de a carregar. Seguiu-se com efeito o ataque francês. Rebentamentos de minas sacudiram as trincheiras alemãs, estalavam salvas de tiros, zuniam ordens por todo o lado, a madeira estilhaçava-se.

– Estão ali! – ouviu a voz de Von Hagemann a rasgar o caos. – Sem pressas, pessoal. Cada tiro cada melro. Nenhum francês pode passar o arame farpado ou a partir de amanhã o meu nome não é Hagemann.

Humbert tirou o casaco e apalpou em busca da sua arma, mas encontrou apenas o vazio. Incrédulo, ficou a olhar pasmado para a escuridão a tremeluzir de amarelo, a arma já ali não estava, alguém a teria confundido com a sua e levava-a. De cabeça perdida e a sentir frio em todo o corpo, trepou até ao topo do talude de defesa, onde os camaradas, deitados atrás de sacas de areia, disparavam contra os franceses ao ataque. Atacavam em grande número, cada vez mais silhuetas escuras lançavam-se, tropeçavam e cambaleavam na direção das posições alemãs. Corriam agachados e

disparavam as suas armas, atiravam-se ao chão, levantavam-se de novo, alguns ficavam deitados, outros esgueiravam-se como lagartos na lama fria.

Tanto esforço por aquele pedacinho de terra imunda, pensou Humbert. Sentiu-se tomado por um tremor que conhecia demasiado bem e não conseguiu evitar rir-se baixinho. Quem é que haveria de querer aquilo? Durante anos nem sequer a erva iria voltar a crescer ali... A seu lado, um camarada emitiu um som curto e abafado, a cabeça caiu-lhe para o lado. Um tiro certo no pulmão ou no coração. Humbert não sentiu horror nenhum, aquilo era o quotidiano numa guerra, todos estão fora de si, via-se a vida a passar ao lado como num filme. Puxou o corpo sem vida de volta para a trincheira, onde já jaziam outros feridos, e depois voltou a subir para se apossar da arma do camarada, que ficara lá em cima. Sob o clarão do depósito a arder viam-se agora hordas de agressores negros a correr para as suas linhas. Os disparos de ambos os lados eram ensurdecedores, atrás de si, onde estavam as plataformas dos canhões alemães, a artilharia disparava com tudo o que tinha. Humbert sentiu o corpo a ficar estranhamente leve, leve como um fantasma, leve como uma folha soprada ao sabor do vento. Fixou os olhos nos inimigos que se arrastavam na sua direção, tentando desesperadamente passar o arame farpado, falhando um após o outro nessa intenção. Era como na feira anual, pensou ele, rindo-se entredentes. Estava tomado pela loucura, disparou para dentro do formigueiro e constatou que a arma já só continha um cartucho. Na Maximilianstrasse, as barracas eram montadas em frente da Fonte de Hércules. Pintavam-nas de vermelho e azul, além de imagens de lobos e leões. Montavam-se figuras de papelão e as pessoas podiam disparar... Ele ouvia-se a si mesmo a rir baixinho e compreendeu que estava prestes a perder o juízo. Mas era um processo a que ele não conseguia pôr termo por sua vontade.

– Ninguém passa o arame farpado, homens! Retenham-nos aí. Fogo!

Algo se movimentou entre as suas pernas, trepou-lhe pelas costas acima, saltou por cima da sua cabeça e esgueirou-se por entre a escuridão furiosa e a crepitar de balas. Uma ratazana! Sacudiu-se, ergueu-se apoiado nos joelhos, olhou em volta a ver se havia outros roedores atrás de si.

– Para baixo, idiota! – berrou um camarada.

Efetivamente, ali estava outra. A olhar para ele com os seus olhos brilhantes e loucos, de bigodes empolados, o pelo cinzento molhado e eriçado.

– Deita-te, palerma! Queres levar com uma bala na testa?

– Segura-o, ele está-se a passar!

Os ouvidos de Humbert retumbavam, o corpo vibrava, os embates ribombantes passavam por ele, era como um cartucho vazio, leve como um raminho carbonizado...

– Humbert! – berrou uma voz que ele bem conhecia. – Humbert, meu idiota! Aonde é que pensas que vais?

Quem era o dono daquela voz de comando clara e penetrante? Não se conseguia lembrar, tinha a cabeça vazia. A ratazana esgueirara-se por ele e desaparecera algures no meio da saraivada de balas. Humbert foi atrás dela. Correu agachado, as mãos quase a arrastar no chão, pela noite dentro, para a terra de ninguém, onde o chão salpicava sob os disparos.

– Ignorem, homens. Não prestem atenção. Seja como for, aquele já está perdido...

Não era propriamente fácil perseguir uma ratazana, pois a pequena besta via-se muito mal no lusco-fusco. Podia estar em qualquer lado, escondida nas elevações do terreno, entre um ramo ardido, atrás dos soldados estendidos no chão ali à frente do arame farpado. Alguns mexiam-se, gritavam alguma coisa, gemiam, berravam. Um apontou-lhe a arma, mesmo deitado, disparou através do arame farpado e depois deixou-se cair, juntamente com a arma. Nos seus ouvidos tudo eram assobios e silvos, alguma coisa quente rasou-lhe a bochecha.

Ali estava ela, a pequena fugitiva. Sentara-se mesmo à sua frente, olhava-o de olhos brilhantes e negros, limpando os bigodes. Que animalzinho engraçado. Sorria para ele, via-lhe os dentinhos afiados. E depois começou a mexer adoravelmente o nariz para um lado e para o outro.

– A mim não me apanhas – sibilou ela em tom escarninho. – Sou demasiado rápida e esperta.

Ele lançou-se em frente, mas conseguiu agarrar apenas a cauda fina, que lhe deslizou pelos dedos. Ali estava ele estendido no lodo frio, mesmo junto ao arame farpado. Mais meio metro e teria batido contra o arame mesmo em cheio, teria ficado pateticamente preso nos picos. A ratazana, no entanto, pequena como era, esgueirou-se simplesmente para o lado de lá e desapareceu atrás de um francês caído.

– Espera só que já te apanho!

Teve de se deitar firmemente no chão, pois uma granada passou a rasar mesmo por cima da sua cabeça, caindo no chão mais adiante, junto aos franceses. Brffff! Torrões de terra saltavam por todos os lados. Pedras, ramos, membros de corpos humanos. Todo o corpo de Humbert tremia, ele riu-se para dentro da terra molhada, sentiu o seu sabor insosso e um pouco salgado, cuspiu, limpou a boca com a manga suja...

Quando virou a cabeça, viu a aurora lívida e leitosa no horizonte a leste. Demasiado tarde, pensou ele e voltou a rir-se. Saiu-lhe simplesmente sem que nada o pudesse impedir. A gargalhada ganhara autonomia e invadia-o sempre que lhe apetecia.

Aproveitou a breve tranquilidade após a detonação da granada para se levantar e trepar cuidadosamente pelo arame farpado acima. Mas um pedaço do casaco rasgou-se e ele feriu-se no braço esquerdo, apenas porque não quis pisar o corpo imóvel do francês. Como era evidente, a ratazana já há muito se escapara por entre as crateras das granadas.

Continuou a correr em ziguezague, sem destino, seguindo o rasto da ratazana, entre balas e disparos, não sentia os pés, as pernas também não, sentia-se a voar, um voo louco e absurdo sobre a terra revolvida e ensanguentada. Ouviu o ruído de motores de avião e viu dois aviões de reconhecimento ingleses a passar por cima dos combates, acenou-lhes e ficou atónito ao ver um líquido vermelho-claro escorrer-lhe da mão.

Estou a sangrar, pensou, rindo-se como um tolo. Estou ferido.

Agitou os braços, como se quisesse levantar voo como um pássaro, correu para a linha francesa para se lançar aos céus matinais mesmo antes de chegar ao inimigo.

– *Laisse, il est fou!* – alguém gritou.

– *Mais c'est un allemand!*

– *Tant pis!*

Deu por si diante de dois soldados que ostentavam a farda errada. Também as armas apontadas ao seu peito não eram as habituais. Mas a ratazana estava sentada, muito contente consigo própria, num toco de árvore queimado, e limpava o focinho cinzento com as patinhas cor-de-rosa. Vá, anda lá, disse ela. Estes são inimigos. Toma-os prisioneiros. Ou, pelo menos, mata-os.

– *Il n'a pas de fusil...*

Aproximaram-se dele, as armas prontas a disparar. Os seus ouvidos zumbiam, avançou alguns passos na sua direção, e depois aquela gargalhada disparatada tomou novamente conta de si. Debruçou-se de tanto rir, contraiu-se todo, dava pancadas na coxa. Quando a crise passou, tinha diante dos olhos os canos de duas armas. Subitamente, sentiu os membros pesados como chumbo, parecia-lhe que se ia afundar fundo no chão mole.

– *Je suis... allemand...* – ouviu-se ele a gaguejar, admirado por estar a falar francês. – *Nous sommes...* – tentou novamente. – *Sommes... prisonniers de guerre...*

Viu como eles se riam e estava infinitamente orgulhoso por se ter lembrado daquela expressão em francês.

– *Prisonnier de guerre* – disse novamente. Estendeu-lhes as mãos e, quando viu o líquido vermelho-claro que continuava a escorrer e já lhe embebia a manga, sentiu-se maldisposto. Um turbilhão ergueu-se dentro dele, um buraco negro e rodopiante, que acabou por o engolir.

– Que maravilha, senhor Bliefert – elogiou Elisabeth o velho jardineiro, que lançara uma braçada cheia de ramos de abeto no terraço coberto de neve. Tinha também juníperos e espinheirinhas, e até alguns ramos de cedro, dos quais pendiam grossas pinhas.

– Se não for suficiente, posso ir buscar mais, minha senhora – disse Bliefert, contente com o elogio.

Era o empregado mais antigo da Vila dos Tecidos, estivera presente no casamento de Johann e Alicia Melzer três décadas antes e vira os filhos crescerem.

– Os juníperos estão a espalhar-se por todo o lado e as danadas das espinheirinhas não se querem deixar exterminar...

– Penso que chega – disse Elisabeth. – Este ano infelizmente não vai haver uma árvore de Natal grande no vestíbulo; mas em compensação vamos fazer grinaldas e arranjos.

– Não fico nada ralado com isso, minha senhora – afirmou Bliefert. – Sim, se o Gustav pudesse ajudar. Os dois teríamos facilmente abatido um abeto grande e depois carregávamo-lo para o vestíbulo. Mas sozinho não consigo.

– Sem dúvida – assentiu Elisabeth, que tremia ao frio, pois não se agasalhara com um casaco. – Mas um abeto pequenino para pôr lá em cima, isso seria possível, certo?

– Isso sem dúvida! – exclamou Bliefert. – Naquele sítio do salão vermelho onde fizeram sempre uma árvore de surpresa para os seus estimados pais, não é isso? Enfim, é o primeiro Natal que celebram sem o jovem patrão...

– Assim é, infelizmente. Mas não temos motivo para lamentos, já que muita gente neste país está a passar muito pior. Muito, muito obrigada, senhor Bliefert.

Ele assentiu e, no seu passo pesado, atravessou o jardim de volta à sua casinha. Elisabeth sacudiu a tristeza que começava a assomar e, com Else e Auguste, arrastou os ramos de abeto para a cozinha, onde podiam depois ser atados para fazer arranjos e grinaldas. Combinou com Eleonore Schmalzler onde deveriam colocar as decorações natalícias, já que os arranjos deveriam ficar bem visíveis para todos os doentes, mas sem estorvar.

– Uma grinalda larga nas escadas, minha senhora – considerou a menina Schmalzler. – Podíamos prendê-la ao corrimão e atar fitas vermelhas.

– Boa ideia! Por cima das portas também podíamos pôr grinaldas. E um bonito arranjo em cima da mesa, no meio da sala...

Eleonore Schmalzler inclinou a cabeça e ponderou que precisariam da mesa para distribuir as refeições.

– Nesse caso temos de ter algum cuidado, mas vai com certeza ser possível!

– E as grinaldas não devem ficar perto das camas dos doentes, minha senhora. A dada altura, os ramos vão começar a largar as agulhas.

– Vamos ter cuidado com isso.

Eleonore Schmalzler foi-se embora a correr e Elisabeth seguiu-a até ao hospital. Estava anunciada a chegada de novos doentes às onze horas e ela queria estar lá, de lista e lápis na mão, para impedir eventuais irregularidades. Recentemente, haviam de facto recebido um ferido que não constava de todo na lista. Tudo se revelara, na verdade, um erro inofensivo, mas no pior dos casos poderia ter sido um espião inglês. Ou um prisioneiro de guerra foragido. Elisabeth estava satisfeita com o modo tranquilo e inteligente como a governanta lidava com a sua nova tarefa. A ela afligiam-na cada vez mais dúvidas e medos que escondia diligentemente dos demais. Na sua imaginação, o trabalho de enfermeira seria completamente diferente. Ser caridosa. Uma bênção. Um anjo para os feridos. Nunca sonhara como podiam ser feias e banais algumas tarefas e até que ponto teria de ultrapassar os limites do seu pudor. Mas as feridas de guerra não tinham obviamente em consideração a educação pudica das filhas da alta sociedade. O pior era no entanto assistir a toda aquela miséria, ter de consolar quando não havia consolo possível, dar esperança quando ela própria perdia mais e mais a sua confiança. Caminhava por entre as camas, ouvia os desejos, escutava as queixas, encorajava aqui e ali. Diante das portas do terraço haviam instalado duas mesas para que os doentes em recuperação pudessem aí apreciar a

bonita vista do jardim coberto de neve, enquanto conversavam ou escreviam cartas. Naquele momento estavam lá sentados um jovem sargento de Berlim, mergulhado na leitura de um livro, e dois soldados que conversavam animadamente sobre as suas experiências com as jovens francesas. Como parecem inofensivos, pensou Elisabeth, admirando-se com tais pensamentos. A maioria vestia apenas calças e camisa, muitos andavam por ali sob o tormento das ligaduras, apenas os oficiais faziam questão de usar o casaco da farda mesmo no hospital, para que pudessem ser cumprimentados adequadamente. E apesar de tudo eram todos soldados do temível exército alemão que em breve teria conquistado a Europa inteira. Pelo menos se se fosse acreditar no que Klaus sublinhava vezes sem conta nas suas poucas cartas. Oh, Klaus! Se no início da guerra ainda arranjava forma de lhe dirigir meia dúzia de palavras ternas, entretanto as suas mensagens limitavam-se a relatar a sua própria situação, as suas necessidades (roupa interior quente, impermeável, cobertor de lã, etc.) e algumas palavras secas sobre a vitória já próxima da pátria. Assinava as cartas com «O teu amado esposo». No início, Elisabeth esforçara-se por lhe descrever a vida em casa com episódios alegres, falando sempre das suas saudades, da esperança de o ter novamente a seu lado. Uma vez que, todavia, ele praticamente não respondia às palavras dela, também ela entretanto optara por comunicações breves e factuais. É por causa da longa separação, pensou ela. Cria distância entre as pessoas. E se calhar ele pode estar a passar por experiências terríveis que não me pode contar. Quando estivermos novamente juntos, tudo vai ser diferente. Nessa altura vamos encontrar também uma solução para os problemas financeiros. E quem sabe... Deus queira... teremos filhos. É como a mamã diz. Alguns casais precisam de mais tempo. E com frequência tudo acontece precisamente quando já se perdeu a esperança.

Ajudou um soldado ferido na cabeça a beber o chá de hortelã de uma chávena de bico longo e dirigiu-se então para a cozinha. Como era evidente, Eleonore Schmalzler já há muito havia combinado o plano semanal com a senhora Brunnenmayer, mas Elisabeth queria ainda assim ouvir como estava a situação do aprovisionamento. A situação era muito difícil no país inteiro. Em tempo de paz nunca ninguém teria acreditado que a fome afetaria, não apenas os bairros pobres, mas também os mais abastados. Com a humidade do outono, as batatas haviam apodrecido ainda nos campos, estragara-se metade da safra do ano e logo haveria isto de acontecer neste

terrível tempo de guerra. Em vez de batatas, eram entregues couves-nabiças, que eram forragem de gado em períodos normais e agora constituíam a única salvação de pessoas famintas. Farinha, banha e leite eram bens escassos, as rações de pão nas mercearias eram cada vez mais reduzidas. Quem ainda vivia melhor eram os camponeses. É verdade que tinham de ceder os produtos alimentares, mas toda a gente sabia que guardavam às escondidas os melhores pedaços de toucinho e de manteiga para dar de comer aos seus. As encomendas da Pomerânia, para grande pesar dos Melzer, também já só raramente chegavam – eram provavelmente desviadas pelo caminho, algo que os correios não conseguiam explicar. Pelo menos as entidades como os hospitais militares recebiam ajudas especiais em géneros, pelo que a alimentação dos feridos estava garantida.

Permaneceu um instante parada diante da porta da cozinha, a olhar para a moldura de madeira da porta, e refletia se seria preciso espetar dois pregos para segurar a grinalda de Natal, quando ouviu uma frase que a deixou desconcertada.

– Esse infértil? Deixa-me rir. Já olhaste bem para a Liesel?

– A Liesel? Ah, estás a falar da pequena da Auguste. Ora, a criança tem três anos, que é suposto ver na cara dela?

Elisabeth manteve-se atrás da porta, apesar de não considerar próprio ouvir a conversa das duas enfermeiras que estavam a fazer ali a sua pausa para o pequeno-almoço. De quem falavam elas? Seguramente do jardineiro Gustav Bliefert, que estava agora na guerra. O marido de Auguste e pai da pequena Liesel. Que era, aliás, sua afilhada.

– Isso é porque não conheces o major tão bem como eu. A minha mãe foi ama em casa da baronesa Von Hagemann, por isso pude conhecer desde muito cedo o galante senhor. Aliás, não andou longe de me acontecer exatamente o mesmo que aconteceu à Auguste.

– E como se safou ela, a Auguste?

A jovem enfermeira – era Herta, aquele pedaço de maldade – começou a soltar risinhos baixinho e disse então que Auguste era uma verdadeira especialista.

– Deu ao Gustav um filho ilegítimo para criar. Mas ele é um rapaz de boa índole e não ficou incomodado.

– Estás a querer dizer que a menina é filha do major?

– Sim, evidentemente. O bem-parecido Klaus fez a miúda por fora.

- Oh, que disparate. Não vejo nada na miúda que...
- E eu sei bem aquilo que sei.
- Ainda assim, a cozinheira... Essa tem ouvidos de tísica. Mesmo que finja sempre que não quer saber de nada.

Elisabeth ficou paralisada por dentro. Deu meia-volta e voltou para o hospital. Mas que calúnia tão feia. Mentiras maldosas. Tinha de pedir satisfações àquela pessoa. Proibi-la de disseminar tamanhas maldades. Também por Auguste. Auguste... Na altura ela dissera que a criança era de Robert, o laçao de então. Mas é claro, Robert era o pai da pequena Elisabeth. Muito embora ele na altura tenha jurado a pés juntos que não o era. E se, afinal...

Certos pensamentos era melhor não levar até ao fim. Mas ainda assim. E se Auguste também tivesse estado com...

- Senhora Von Hagemann? Peço desculpa se a estou a incomodar. Chamo-me Winkler. Sebastian Winkler. Estive internado no hospital militar, talvez se lembre de mim?

Tinha diante de si um homem grande e entroncado, de olhar tímido atrás das lentes redondas dos óculos de aros metálicos, e que sorria. Ela tinha-lhe na altura emprestado a *Odisseia*, na tradução de Voss e também no original em grego. Fora para ele uma revelação, estava imensamente grato.

Elisabeth vasculhou a memória. Céus, por que razão não se lembrava? Que embaraçoso. Olhou para os pés e, de repente, teve uma iluminação. Pé direito amputado devido a gangrena.

- Mas é claro – disse ela e sorriu. – Como vai o pé?
- Ele estendeu a perna direita para a frente e recuou-a novamente.
- Está tudo a correr muito bem com a prótese, só a ferida de vez em quando ainda me dá problemas. Mas com o tempo certamente tudo se resolverá.
- Está a ver? – disse ela a sorrir. – Na altura estava com receio de nunca mais voltar a andar.

- Eu corro por aí como uma doninha. Só que mais devagar.

Ambos sorriram um pouco, o seu humor negro era comovente. Basicamente, ele estava melhor do que os pobres rapazes com lesões cerebrais ou que haviam perdido a visão.

- Posso ajudá-lo nalguma coisa, senhor Winkler? Terá de me desculpar, mas tenho infelizmente pouco tempo. Daqui a alguns minutos vamos

receber novos doentes.

Ele endireitou-se e levantou os ombros, o que lhe conferia uma postura algo submissa. Ela compreendeu que ele tinha origens muito simples e que, a seus olhos, a mulher de um major estava abismalmente acima dele. E no entanto ele era mais alto do que ela pelo menos a altura de uma cabeça.

– Peço imensa desculpa por aparecer assim em tão má altura, minha senhora. Não quero de modo nenhum incomodá-la nem abusar do seu tempo. Tem que ver com as crianças...

O seu olhar tornou-se algo mais determinado, o assunto parecia ser importante para ele.

– Crianças?

– Os meus órfãos... Perdão, esqueci-me de referir que entretanto assumi a gestão de um orfanato. O reverendo Leutwien, que nos visitava no hospital, ajudou-me a conseguir esse emprego e estou-lhe imensamente grato. Ah, cara senhora Von Hagemann, não imagina quantas crianças sem pais chegam até nós. É certo que a Igreja faz o que pode, também o município e as associações de beneficência nos ajudam a alimentar todas aquelas pequenas bocas. Mas, como é evidente, estamos dependentes de donativos.

– Compreendo, senhor... senhor... Wiesler.

Ele enrubesceu e explicou que se chamava Winkler, não Wiesler. Elisabeth irritou-se com a sua própria distração. Mas depois reparou numa agitação ao fundo da enfermaria, era provavelmente o veículo com os novos feridos a chegar.

– Senhor Winkler, mil perdões. Vou abordar o assunto com a minha família.

Ele percebeu claramente que ela se queria desembaraçar dele, mas manteve-se persistente.

– Os tempos difíceis que vivemos são especialmente cruéis para os mais fracos, minha senhora. Afinal, também tem filhos...

Ela sentiu-se desagradavelmente comovida. Ele tê-la-ia talvez visto a brincar com Leo e Dodo no jardim e partira do princípio de que eram seus filhos.

– Eu quis dizer que sim, que vamos falar sobre isso. Um orfanato, foi o que disse? Aqui em Augsburg?

Ele também olhou para a entrada, por onde naquele momento o primeiro ferido estava a ser carregado para a enfermaria.

- Se me permitir, ainda antes do Natal voltarei a passar por cá – disse ele.
- Cumprimentos às enfermeiras, que cuidaram tão bem de mim. E também à menina Jordan.

Elisabeth fazia já menção de se despedir com um gesto simpático, mas então estacou.

- Conhece a Maria Jordan?

Ele voltou a corar. Era por causa da sua pele clara, que mostrava qualquer emoção. Para ele era provavelmente desagradável, mas a ela agradava-lhe. Um homem grande e forte e, apesar disso, tão tímido e desajeitado.

- Conhecer é dizer demais. Encontrámo-nos uma vez lá fora, no terraço, e ela contou-me que trabalhava aqui como camareira.

Olhem só, pensou Elisabeth. A Jordan. A retratar a sua situação em tons muito mais cor-de-rosa do que a realidade.

- Eu transmito os cumprimentos à menina Jordan, senhor Winkler.

Ele agradeceu e fez um movimento que fazia lembrar uma vaga reverência. Elisabeth sorriu com benevolência. Mas que homem simpático. Pusera simplesmente de lado o grave ferimento de guerra e encontrara uma nova missão na vida. Admirável. Encorajador. Mas não lhe agradara por aí além a ideia de Maria Jordan lhe ter causado uma profunda impressão. Por outro lado, na situação em que se encontrava naquele momento, seria para ela uma sorte encontrar refúgio num casamento. A pobrezinha continuava a andar para cá e para lá entre a casa da Bismarckstrasse e a Vila dos Tecidos, queixava-se dos maus-tratos da baronesa, mas não ousava pedir para falar com Marie. Ao invés, esquivava-se o mais possível, cuidava em silêncio dos trabalhos de costura que ia recebendo e sentava-se com as demais à mesa na cozinha. A senhora Brunnenmayer, que antes discutia amiúde com Maria Jordan, tratava-a agora com toda a compaixão – pelo menos era o que contava Auguste – e alimentava-a com ensopado de couves-nabiças. Os pensamentos de Elisabeth começaram a baralhar-se, de repente viu o rosto sorridente e rosado de Auguste e sentiu uma fúria tremenda. Aquela pessoa era capaz de tudo. Até de um engano tão monstruoso...

- Senhora Von Hagemann! Vamos ter de operar! – Elisabeth sobressaltou-se, assustada, e correu para a sala de tratamentos. Do outro lado da enfermaria veio Tilly a correr, já que também se revelara uma ajudante de confiança nas operações. Um desagradável odor a pus encheu a sala onde o ferido já havia sido estendido na mesa de tratamento. O doutor Greiner

colocara-lhe uma máscara de éter sobre o rosto, enquanto o doutor Moebius observava de olhos enfurecidos a ferida aberta e purulenta na coxa do jovem.

– Sem penso, sem tratamento... isto está cada vez pior – resmungou. – Uma ferida assim tem pelo menos de ser protegida com uma ligadura. Mas, ao que parece, os colegas estão lentamente a ficar sem material...

Elisabeth agarrou no pulso do jovem desconhecido para lhe sentir a pulsação. Estava invulgarmente acelerada, o pobre tinha febre.

– Comece a contar, senhor tenente... Bem alto, para conseguirmos ouvir...

– Um... dois... três... quatro...

A voz do ferido soava baça, é verdade que o pano também abafava o som. Contudo, Elisabeth tinha a sensação de que já ouvira aquela voz nalgum lado.

Greiner ia aplicando éter gota a gota sobre o pano, ao chegar a dez o tenente já estava no reino dos sonhos e o doutor Moebius começou a sua tarefa laboriosa. Dentro da ferida havia vários estilhaços de granada que tinham de ser removidos com uma pinça. Ouvia-se um som metálico quando ele deixava cair os pequenos pedaços de ferro na taça que Tilly lhe estendia.

– A pulsação está mais fraca – disse Elisabeth.

– Feche a ferida, doutor Moebius – disse o doutor Greiner. – Não o podemos manter mais tempo a dormir, corremos o risco de o perder.

Elisabeth começou a sentir tonturas. O cheiro a éter, misturado com o fedor repugnante da ferida purulenta, era uma prova dura para qualquer enfermeira. Não te entregues à fraqueza, pensou. De modo nenhum podes cair para o lado. Se eu agora desmaiar, a Herta vai rir-se de mim para sempre.

Olhou para Tilly, que estava muito pálida e aparentemente se debatia com problemas similares. O doutor Greiner resmungou, dizendo que estava tão farto das feridas purulentas como daquela maldita guerra sem sentido. Apenas o doutor Moebius estava completamente concentrado no seu trabalho, volta e meia dava breves instruções às duas assistentes e os seus dedos movimentavam-se rapidamente e com segurança.

– Estamos quase. Já pode ligar a ferida. Sem apertar. Não pressionar demasiado...

Ele endireitou-se e dirigiu-se para o lavatório para lavar as mãos.

– Como se chama? – perguntou por sobre os ombros. – Era um nome que soava muito prussiano. Von Klitzing... Von Klausewitz...

– Von Klippstein – disse Tilly, que ajudava Elisabeth a colocar a ligadura.
– Ernst von Klippstein. Vem de Berlim, acho eu. Mais prussiano não há...

Olhou a sorrir na direção do doutor Moebius, que secava as mãos a uma das toalhas de algodão bem conservadas. Os seus olhares ficaram presos por um momento, ansiosos e ao mesmo tempo resignados, e depois Tilly dedicou-se novamente ao trabalho e o doutor Moebius agarrou no pulso do doente.

– Ernst von Klippstein? – disse Elisabeth, mais espantada do que assustada. – Mas é um conhecido nosso. É até parente do Klaus.

– A sério? – perguntou Tilly, franzindo a testa. – Tens razão, Lisa. Já me lembro. Até acho que ele esteve na vossa festa de noivado.

– Com a mulher. Como se chamava ela?

– Adele – respondeu Tilly. – Uma pessoa horrível.

– Chiu, Tilly! Se ele nos ouve...

O médico removera o pano do rosto do tenente e as duas mulheres olharam uma para a outra com consternação. Sim, era sem dúvida nenhuma Ernst von Klippstein, o jovem tenente de Berlim, parente dos Von Hagemann. Mas a guerra transformara-o numa sombra de si mesmo. O rosto e o corpo estavam magros, as faces caídas, os lábios sem cor. Uma curta barba loura cobria o queixo e as faces, como tantos outros doentes, desde que fora ferido já não pudera fazer a barba.

– Ele não a ouve – disse o médico secamente. – Possivelmente nunca mais ouvirá... As perspetivas não são grande coisa, Moebius. É muito possível que no jogo contra a ceifeira nos calhe novamente o pau mais curto.

– Que ceifeira? – perguntou Tilly com inocência.

– A Morte Ceifeira, rapariga. A única que, nos tempos que correm, consegue uma rica colheita.

Hanna apoiara os braços no tampo da mesa e debruçara o tronco para a frente, para garantir que não deixava escapar nada. O dedo indicador direito de Maria Jordan passeava pelas fileiras de cartas e batia brevemente em cada carta.

– ... quatro... cinco... seis... um jovem... um... dois... três... quatro... cinco... seis... um longo caminho... um... dois... três... para tua casa... sim, pois, Brunnenmayer...

A cozinheira estava sentada à cabeceira da mesa da cozinha, mesmo junto ao quente fogo do fogão, e olhava para as cartas com pelo menos tanta expectativa quanto Hanna. Atrás de si, no fogão, fervilhava um resto de ensopado de couves-nabiças; guardara-o para o velho jardineiro Bliefert e os dois pequeninos da Auguste.

– Mas que disparates está para aí a dizer? – ralhou ela com Maria Jordan. – Se calhar pensa que, com a minha idade, ainda quero andar com um amante às costas? Olhe para mim, parece-lhe?

Maria Jordan fez uma cara de pessoa conhecedora e continuou a contar. Else aproximou-se, vinda das escadas de serviço, já que trazia a louça suja dos patrões do elevador para a cozinha.

– Não se pode acreditar numa palavra do que a Maria diz – disse ela à cozinheira. – É tudo uma carrada de mentiras!

Hanna abriu a boca para defender as artes de previsão de Maria Jordan, mas travou-se. Seria seguramente mais inteligente não se descoser.

– Porque no teu caso ainda estás à espera do amor? – atirou Maria Jordan na direção de Else. – Pois, e será isso de admirar? Os homens estão todos na guerra. Como é que haveríamos de ter sorte no amor?

Else pousou a pilha de louça no lavatório e prescindiu de responder. Pobrezinha, pensou Hanna. Mantinha sempre o doutor Moebius debaixo de

olho, mas esse foi-se apaixonar por Tilly Bräuer. O que não admira, pois não só é jovem e muito bonita como ainda por cima é rica.

– Eu queria mas é que nos dissesse coisas sobre o Humbert, Maria! – resmungou a senhora Brunnenmayer. – Foi dado como desaparecido, o pobre rapaz. Mas eu sei que ainda está vivo. Algo me diz isso cá dentro.

Maria Jordan recomeçou a contar as cartas.

– ... um longo caminho... três... quatro... cinco... seis... Ai, Jesus, agora apareceu o rei de paus...

– Que quer isso dizer? Ouça-me lá bem, Maria. Não vou pagar por más notícias.

– Fique lá sossegada, senhora Brunnenmayer... Ah! A dama de ouros e o sete... um casamento até... Quem diria...

Fanny Brunnenmayer tirou para fora o lenço para se assoar copiosamente. Já devia ter sabido, disse ela então. Else tinha razão, toda aquela coisa de pôr cartas era um perfeito disparate.

– Em todo o caso, ele vai voltar – insistiu Maria Jordan, habituada a clientes descrentes e não se deixando abalar assim tão facilmente. – Mas ainda vai demorar um bocadinho. Pode muito bem acontecer que esteja preso algures, o pobre coitado. Tem de trabalhar para o inimigo. São assim as coisas.

A senhora Brunnenmayer arrebitou o nariz e enfiou o lenço de assoar novamente no bolso do avental. Podia agora voltar a guardar as cartas, disse ela a Maria Jordan. E que não pensasse que ela ia pagar um tostão que fosse por aquilo. Lançou um olhar irritado para o carrinho de mão carregado com o tacho junto ao fogão.

– Vais deixar os pobres rapazes a passar fome, Hanna? Não te esqueças de que tens de ir à fábrica!

– Mas a senhora ainda não me chamou.

– Ela hoje não vai – comunicou Else. – Está lá no hospital com um conhecido. Um tenente Von Klapprot ou coisa assim. A Herta diz que ele não vai resistir muito mais tempo.

– Ah, pois então.

Hanna levantou-se do banco e foi até ao corredor para vestir o casaco e calçar as botas. A neve começava a derreter, os caminhos estavam cheios de uma lama amarela. Condições nada boas para a viagem com o carrinho de madeira. Apalpou o bolso do casaco a ver se ainda lá tinha o pequeno

embrulho, depois arrastou o carrinho rangente lá para fora. Na verdade, até lhe dava jeito que hoje a senhora não a acompanhasse. Nos últimos dias tivera de ouvir uma série de avisos e bons conselhos e estava bastante farta daqueles discursos sensatos. Afinal de contas, já não era uma criança, tinha quase dezasseis anos e ganhava o seu próprio dinheiro. Não ganhava muito, mas ainda assim. E o que um homem fazia a uma mulher, isso não era preciso ninguém vir dizer-lhe, já percebera tudo isso muito bem quando era miúda, quando a mãe trazia para casa os «tios». E que por causa disso se podia engravidar, isso sabia também. Não vinha propriamente da parvónia.

O tacho de ferro sobre o carrinho de mão ainda estava quente, constatou ela tocando-lhe cautelosamente. Na viagem de regresso, traria algumas pazadas de carvão para o fogão da cozinha. Na fábrica tinham agora um enorme monte de carvão para a máquina a vapor, por isso era possível tirar um pouco para a Vila dos Tecidos.

Cuspiu nas mãos antes de agarrar na pega, porque assim não escorregava tanto, e fez-se ao caminho. Sentia de novo aquela inquietação maravilhosa e irritava-se quando as rodas ficavam atoladas na lama e tinha de puxar com todas as suas forças para conseguir libertar o carrinho. Tantas vezes o cântaro vai à fonte que um dia lá deixa a asa, pensou ela, varrendo imediatamente o pensamento. Ninguém ia dar conta, eles tinham cuidado. Quando alcançou o portão da fábrica e o porteiro veio a correr abrir-lho, sentia o coração a bater com força.

– E então, rapariga? – disse o porteiro. – Já te esperam ansiosamente. Agora chamam-te a Hanna Couve-Nabiça...

– Hanna Couve-Nabiça? – exclamou ela, indignada. – Quem é que disse isso?

O porteiro Gruber encolheu os ombros.

– Não faço ideia. Alguém começou e depois ficou. Não leves a mal.

Hanna atravessou o portão com o carrinho e pensou que só podiam ter sido as operárias. Os prisioneiros de guerra de certeza que não, não sabiam suficientemente alemão para engendrarem uma alcunha tão maldosa. Como se ela fosse tão roliça como uma couve-nabiça!

Na sala de embalamento estavam já duas mulheres à espera, que naquele dia iriam ajudar a distribuir a comida e a lavar a louça. Os dois guardas também ali estavam, dentro das suas fardas pareciam rapazinhos pequenos, apesar de já terem dezassete anos, um ano mais velhos do que ela.

- Estás outra vez atrasada.
- Mais vale tarde do que nunca – retorquiu ela prontamente.

Esfregou os dedos rígidos do frio, enquanto as duas mulheres levantavam o tacho do carrinho e abriam a tampa. O aroma de batatas cozidas, aipo e couves-nabiças tomou conta da sala de embalamento e Hanna percebeu que ainda tinha fome. Era um estado permanente, estava simplesmente sempre com fome, as doses na Vila dos Tecidos não eram propriamente grandes.

– O pão está duro como pedra – criticou uma das mulheres. – Vamos precisar de um machado para o conseguir cortar em fatias.

Hanna deixou às mulheres a tarefa de encher as taças metálicas com sopa e tratou ela do pão. Não estava de facto mole, mas ainda se conseguia cortar. Além do mais, podia ser embebido na sopa. Tinha de ter cuidado para a faca não escorregar, pois tinha as mãos nervosas. Atrás de si, os prisioneiros foram entrando na sala de embalamento, cada um pegou numa taça, agarrou numa colher e sentou-se a comer num banco ou numa caixa.

Ela sentiu o olhar dele nas suas costas. Era uma sensação excitante, como se alguém lhe estivesse a tocar com um ferro incandescente. Com dificuldade, obrigou-se a continuar a sua tarefa, cortou o pão até ao fim, colocou as fatias num cesto de verga e então voltou-se. Ali estava ele, sentado numa caixa a comer a sopa, sem levantar os olhos para ela, mas ela sabia que ele lhe dedicava toda a sua atenção. Uma vez ele dissera-lhe que não podia olhar para ela quando havia outras pessoas presentes, o seu olhar iria denunciá-lo. Circulou para distribuir o pão, cada um dos homens pegou numa fatia, agradeceu e continuou a comer. Grigori agarrou devagarinho no cesto e, quando tirou a sua fatia, roçou a mão na dela. Foi trespassada por um relâmpago com aquele toque, sentiu os pelos todos eriçados. Como era possível que um simples movimento fugaz com a mão pudesse ter um tamanho efeito nela? Não seria ele um mágico? Tê-la-ia enfeitiçado a ponto de ela lhe pertencer a ele e só a ele? Pele e pelos incluídos? Oh, se fosse mesmo assim!

Estava frio naquela sala não aquecida, conseguia ver-se a respiração, ainda no dia anterior se haviam formado cristais de gelo nas janelas. Mas os homens comeram sem pressa, saboreavam o período de descanso e a refeição quente, mastigavam vagarosamente, limpavam as taças com o resto do pão. Grigori foi o primeiro a devolver a taça, depois saiu devagarinho para esticar as pernas no pátio. Os guardas deixaram-no ir, era mais do que

improvável que fugisse. Mesmo que conseguisse trepar pelo muro da fábrica, onde se haveria de esconder em plena luz do dia? Todos sabiam o que acontecia a um prisioneiro de guerra que tentasse fugir e falhasse.

Hanna observou as mulheres e os dois guardas que se aglomeravam em volta do tacho de ferro. Se ainda restasse alguma sopa, reparti-la-iam entre eles. Nesse caso, cada um cuidaria de não sair prejudicado, pelo que nenhum tinha os olhos na porta. Os restantes prisioneiros russos já sabiam há muito o que se estava a passar, mas não iam denunciar o companheiro. Mesmo os três franceses se mantinham calados. Chegara o momento. Uma das duas mulheres levantara a tampa do tacho, a outra juntava os restos com a colher. Hanna mexeu-se sem pressa, mas o mais inaudivelmente possível, na direção da saída. A porta já não rangia desde que Grigori aplicara óleo nas dobradiças sem ser visto.

Ele esperara por ela. Um relance dos seus olhos negros fê-la tremer por dentro. Ela passou por ele e entrou no exíguo gabinete do supervisor do embalamento, onde se guardavam em estantes etiquetas, cordéis, papel de seda, películas protetoras e outros artigos, para que ninguém os usasse sem autorização. Estava abafado, as duas janelas altas praticamente nunca eram abertas. Numa secretária que já vira melhores dias estavam pilhas de diversos formulários, carimbos e lápis-tinta. Antigamente trabalhava-se aqui o dia inteiro a tratar da expedição dos tecidos Melzer para o mundo inteiro. Agora as mulheres só embalavam da parte da tarde, já que a fábrica laborava a meio-gás.

Permaneceu ali com o coração a bater desenfreado e esperou. Teria acontecido alguma coisa? Um funcionário, uma operária, teria atravessado o pátio? Grigori era ágil, conseguia abrir a porta num ápice e esgueirar-se lá para dentro, mas tinha de ter cuidado. O que eles estavam a fazer podia custar a vida dele.

A porta chiou baixinho e ali estava ele. Sorriu-lhe, um sorriso malandro e terno, a sua presença enchia a pequena sala. Cheirava a óleo e a carvão, a suor masculino e ao seu cabelo negro. Quando ele se aproximava lentamente dela, era como se algo se contraísse dentro da sua barriga.

– Channa!

O primeiro abraço era o melhor. Duro, era quase doloroso agarrarem-se um ao outro, respirarem um com o outro, sentirem o calor do outro, o louco e sonoro bater dos seus corações. Os seus lábios furiosos, a sua língua que

lhe percorria a boca, o gemido baixo e escuro da sua garganta, a sua respiração ofegante. No início, ela não sabia o que fazer, deixara-se simplesmente conduzir por ele, só à terceira ou quarta vez ela ousara tocar-lhe com as mãos, as faces cobertas de barba, os lábios, o pescoço forte. Também aquela coisa dura e fina que se lhe espetava na barriga através da roupa, que a magoava e lhe fazia nódoas negras. Quando ela lhe tocava, ele afastava-lhe a mão devagarinho e beijava-a para a distrair. Ainda não, sussurrava ele então. Aqui não...

– Tenho um presente, Grigori.

Teve de dizer a frase duas vezes, ele abriu-lhe a blusa sob o casaco e ela sentia a sua língua quente no pescoço.

– Um presente?

– Sim, um presente. Uma coisa pequenina.

Ela tirou o embrulho do bolso do casaco e entregou-lho. Tinha lá dentro biscoitos de gengibre que surripiara para ele da cozinha.

– Tens de os comer ainda hoje. Porque à noite vocês são revistados.

Ele pôs-se a cheirar as guloseimas e sorriu como uma criança. Biscoitos de gengibre. Homenzinhos de gengibre. Natal. *Roshdestvo*. O nascimento de Jesus.

– *Spasibo... maiá Channa... Golubka maiá...*

Os olhos dele eram agora doces, aveludados, envolviam-na como um véu escuro. Beijou-lhe as mãos, chamou-lhe *krasivaia*, *milaia*, *malenkaia koshka*... Minha bela, minha amada, minha pombinha, minha gatinha... A sua voz tinha a capacidade de a embriagar, nunca antes alguém lhe falara num tom tão encantatório, ninguém jamais lhe dissera coisas tão maravilhosas. Oh, ela sabia que eram mentira, ela não era bonita, e que também não era uma pombinha, e muito menos uma gatinha. E, apesar de tudo, não conseguia fazer outra coisa que não fosse entregar-se àquele feitiço. Mais tarde poderia ser sensata, mas agora queria saborear aquela felicidade, agarrá-la com as duas mãos, antes que passasse.

– Também tenho *podarka*... Prasente...

Ela riu-se baixinho.

– Diz-se «presente», não «prasente». – Ele repetiu a palavra com um ar muito sério, disse três vezes e depois assentiu com satisfação.

– Um presente para ti, *maiá Channa*...

Ele simplesmente não conseguia dizer «Hanna», como também não conseguia dizer nenhuma palavra que começasse com «h». Punha sempre um «ch» antes, apesar de se esforçar imenso.

– Tens um presente? Para mim?

Ele abriu-lhe a blusa e beijou-lhe o pescoço, a cava da garganta, continuou a deambular mais para baixo e afastou a blusa para o lado. Ela não usava espartilho, nunca tivera tal coisa. Também não precisava, pois tinha seios pequenos e firmes, que ela achava muito feios. Os seios voluptuosos de Auguste, esses sim, atraíam os olhares dos homens, já ela parecia uma menininha de blusa larga. Grigori dissera-lhe que era bonita, que ficava louco quando lhe tocava no corpo. Ela contraiu-se quando ele encontrou o mamilo e o envolveu com os lábios. Fechou então os olhos e sentiu o doce alvoroço do seu corpo. Oh, era este o presente que ele me queria dar. Entretanto ele dava-lhe aquele presente todos os dias, ela estava viciada, ansiava por coisas insensatas e proibidas.

– Um presente – disse ele baixinho e afastou-se dela. – Só para ti. Para a Channa. Espera...

Ele levantou os braços e mexeu no pescoço, abriu o fecho minúsculo de um fio muito fino em que ela nunca reparara. Tirou-o do pescoço e colocou-o no dela.

– É prata. *Serebro*. Da *mats maiá*. A minha mãe. Ela deu-me este fio para eu pensar nela.

Falava baixinho e com grande seriedade. Debateu-se algum tempo com o fecho e teve de deslizar ao longo do pescoço os seus caracóis castanho-escuros que estavam a estorvar, mas depois conseguiu. O fio ainda estava quente da pele dele. Tinha preso um pendente preto muito pequenino, ela não viu o que representava. Mas seria seguramente de prata, já que estava tão negro da oxidação.

– Da... da tua mãe? Mas, Grigori, queres oferecer-me o fio que a tua mãe te deu? – Ela estava tão comovida que lhe assomaram as lágrimas aos olhos.

Estaria a mentir-lhe? Teria roubado algures aquele fio? Ou estaria a dizer a verdade? Ora, que importava, estava a oferecer-lhe um fio de prata. A ela, à pequena Hanna, a ajudante de cozinha, a rapariga do bairro pobre.

– Quando guerra acabar, mandar-nos de volta. Para *Rossía*. *Maiá ródina*, meu país. Tu, Channa, vem comigo. Queres?

Ela precisou de um instante para compreender. Para a Rússia? Com ele? Oh, ela seguiu-lo-ia para qualquer lado, para a Rússia, a Sibéria, até para o inferno ela iria com ele...

– Sim – sussurrou. – Sim, quero ir contigo. Quando a guerra acabar. Mas quando vai ser isso? Às vezes penso que vai durar para sempre.

Grigori endireitou o pendente e abotoou-lhe cuidadosamente a blusa. Teve alguma dificuldade, já que os botões eram muito pequenos e as suas mãos eram ásperas e estavam cheias de calos de carregar carvão.

– Guerra não dura para sempre. *Nie vsegdá budet voiná*. Quando guerra acabar, vivemos em Petrogrado. Cidade bonita... muita água, muitos rios... canal...

Ela fechou o casaco e aconchegou-se nele. Era chegada a hora, não podiam demorar-se mais, senão podiam começar a desconfiar. Sim, ele já falara muitas vezes de Petrogrado, a sua cidade natal. Do czar que ficava frequentemente alojado no seu palácio. Do Neva, o grande rio. Dos seus pais, que tinham lá um comércio qualquer, não compreendera o quê...

– Tu minha *zhená*. Minha mulher. *Liubliú tibiá*... Amo-te, Channa... *na vsegdá*... para sempre.

A sua mão deslizou por dentro da abertura do casaco e, por cima da saia, tocou-lhe naquele sítio entre as pernas que, até agora, ela sempre lhe recusara. Desta vez, ela deixou e sentiu-se percorrida por um raio, compreendendo então que estava a correr o risco de cometer uma insensatez.

Marie, pensou. Tenho de contar à Marie.

Mas isso era impossível. Marie, a querida e atenciosa Marie, a camareira que antes se sentava com ela na cozinha – essa pessoa já não existia. Marie tornara-se entretanto a jovem patroa e agora dava-lhe conselhos sensatos...

– Para... Não... – defendeu-se ela. – Temos de ir. Primeiro tu, Grigori!

Obedientemente, ele retirou a mão, mas abraçou-a uma vez mais e pressionou-se contra ela. Ela não compreendeu o que ele estava a murmurar, mas parecia uma desesperada revolta contra aquela separação que se sucedia dia após dia. Tinham apenas alguns minutos para eles, um ínfimo instante de felicidade pelo qual um dia, quem sabe, teriam de pagar bem caro.

Mas pelo menos esse dia ainda não chegara. Com cautela, Hanna olhou pela fresta da porta. Quando viu que não estava ninguém no pátio, fez sinal

a Grigori e este esgueirou-se lá para fora muito rapidamente. Hanna esperou alguns minutos antes de também ela sair do gabinete do supervisor. Ainda lhe sentia a presença, a sua boca nas faces, as suas mãos no peito. Verificou rapidamente a roupa, ainda tinha a pulsação acelerada, mas não tardou a ser tomada pela preocupação de ser descoberta. Como eram imprudentes. Que ingênuos. Cegos de amor. Que lhes aconteceria se fossem apanhados? Ela seria despedida, seria expulsa da Vila dos Tecidos, seria considerada uma meretriz e uma traidora, talvez até a prendessem. E Grigori? A ele esperava-o o cadafalso.

Pela fresta da porta viu que as duas trabalhadoras estavam agora a sair da sala de embalamento, atravessaram o pátio e desapareceram no interior da fábrica. Quando abriram a porta do pavilhão, o horrível ruído da fábrica extravasou para o pátio, muito embora abafado, mas ainda assim desagradável. Hanna conhecia aquele barulho ainda do tempo em que tinha de atar novamente os fios que se rompiam e depois foi apanhada pelo descarregador da máquina de fiar. Na altura tinha treze anos. A mãe trazia-a para a fábrica de tecidos e ela gostava de poder faltar às aulas e, em vez disso, ganhar algum dinheiro. Era na altura uma rapariga tola e não é que tivesse ganho mais juízo desde então.

Sim, *liubliú tibiá*, pensou, enquanto atravessava o pátio para regressar à sala de embalamento. Amo-te, Grigori. *Na vsegdá*. Para sempre. Mesmo que tivéssemos de morrer...

Lituânia, dezembro de 1916

Minha querida e muito amada mulher,

Finalmente, finalmente vamos poder encontrar-nos. Mal ousa ainda acreditar, parece apenas uma miragem feliz diante dos meus olhos que a qualquer momento se pode esfumar em nada. Mas é mesmo verdade, tem de ser verdade, de outro modo eu não suportaria tal desilusão uma segunda vez.

Logo após o Natal vou estar em Augsburg. Infelizmente, não poderei estar no Natal, o que é pena, mas que isso não nos turve de modo nenhum a nossa felicidade. Põe-te bonita para mim, minha querida, pois pretendo cumprir diligentemente os meus deveres matrimoniais, não te vou dar uma noite de sossego. Anseio há demasiado tempo pelo teu abraço, quase fico tonto só de pensar que vou voltar a sentir o teu doce corpo e que o vou possuir.

Deixa-me terminar antes que ponha no papel mais disparates e promete-me que não mostras esta carta a ninguém e que a vais queimar imediatamente.

Diz a todos que estou infinitamente feliz com a perspetiva de os ver e dá um abraço apertado aos nossos dois pequenos. Quase tenho receio de lhes pegar ao colo, já que não conhecem o pai...

Até ao nosso reencontro.

O teu Paul, a quem a alegria deu a volta à cabeça.

Hoje, na véspera de Natal, não, refletiu Kitty. Na noite de Ano Novo, talvez. Sim, é isso. No fim de ano, quando estiverem todos em minha casa... Ou não seria afinal melhor já hoje à noite? Mas nesse caso teria de ser com grande estardalhaço...

O carro sacudiu-se, ouviram-se estrondos e estalidos sob o capô, começou a sair um fumo escuro.

– Ludwig! – berrou Kitty. – Que se passa? Que foi que fez com o automóvel?

O motorista estava sentado, hirto e quieto, atrás do volante, de olhos postos no fumo que se elevava no ar.

– Fique tranquila, minha senhora. Fique tranquila. Só uma pequena falha de ignição...

– Falha de ignição, é isso que lhe chama? – gritou ela, enervada. – Olhe que ainda vamos pelos ares! Faça alguma coisa, por amor de Deus...

– Isto passa já, minha senhora.

Tinham ficado parados a meio da viagem. Ao longe, entre as invernosas e agrestes árvores nuas, via-se o edifício de tijolo vermelho da Vila dos Tecidos. O vento fustigava as gotas de chuva contra o para-brisas do carro, nos caminhos e nos relvados do jardim formavam-se largas poças de água deixadas pela neve derretida. Kitty remexia-se sobre os estofos do banco traseiro. A ideia de caminhar até à Vila não era propriamente a mais auspiciosa. Além de que trazia no carro uma série de embrulhos, presentes de Natal, que não se podiam molhar de modo nenhum.

– Passa já? Quem me dera... aaahhhh!

Mais um rebentamento, acompanhado de uma ligeira sacudidela, e ambos ficaram petrificados.

– Deve ser por causa da mistura, minha senhora. Estou desolado. Enfie lá dentro alguns restos porque não há combustível à venda e hoje tive de ir duas vezes à Vila dos Tecidos, primeiro com a pequena Henni e a senhora Sommerweiler e agora consigo, minha senhora...

Kitty pôs com determinação a mão no puxador da porta, não importava se metesse os seus sapatos caros de marroquim diretamente numa poça. Não se estava seguro dentro daquele carro, exclamou na direção do infeliz motorista. Que deveria levar os presentes até à Vila, não importava como, mas, em todo o caso, secos. Quanto a ela, seguiria a pé.

Mal deu os primeiros passos e sentiu o vento gelado que atravessava o sobretudo, logo se arrependeu desta decisão. Mas agora era tarde de mais. Obstinação, percorreu a custo o caminho até ao grande redondel coberto com ramos de abetos. Com exceção do facto de ter o sobretudo completamente arruinado e o chapéu amachucado de o agarrar com tanta força, até achou divertido aquele passeio involuntário. Recordou-lhe os tempos em que corria com Lisa e Paul pelo jardim, quando trepavam às árvores e brincavam à apanhada no relvado entre as velhas árvores. Oh, fora já há tanto tempo! Dez, quinze anos, sem dúvida. Uma eternidade. Agora o vento uivava em torno do edifício de tijolo vermelho-escuro, uma vidraça do jardim de inverno tremia dentro dos caixilhos de aço, e o terraço, onde em tempos haviam celebrado noivados e casamentos, jazia ermo e abandonado à mercê da chuva.

Como é evidente, o sobretudo ficou novamente preso na estúpida da grade de ferro quando subiu as escadas que davam para o jardim de inverno. Contudo, lá em cima, tinha à sua espera o calor agradável da lareira e uma Auguste preocupada até à exaustão.

– Jesus Maria, minha senhora! Ficou mesmo toda encharcada, ainda morre dentro dessa roupa toda molhada. Dê-me o sobretudo. E o chapéu. Oh, que pena, ficou todo amachucado. E os sapatos...

Kitty despiu o sobretudo a pingar e tirou da cabeça o que restava do que fora o seu chapeuzinho caro e viu então Marie vir na sua direção para a cumprimentar, lançando-se encantada nos seus braços.

– Jesus do céu, Kitty – riu-se Marie. – Estás toda molhada. Anda, vamos num instante lá acima e vestes um dos meus vestidos.

– Ainda temos tempo? Achei que já tinham começado.

– Dez minutos...

De mãos dadas, subiram as escadas até ao segundo andar e desapareceram no antigo quarto de Kitty, que agora era utilizado como quarto de visitas. Que pena terem de se apressar, era tão agradável deixar-se cuidar por Marie. Ela trouxe vários vestidos, saias e blusas, também roupa interior de seda e meias, e ainda as bonitas pantufas bordadas que Kitty lhe oferecera.

– Imagina só, desde que deixei de amamentar, a minha roupa serve-me toda outra vez – disse Marie.

Agora Kitty quase se descaía, dizendo que a prova disso mesmo é que ela aumentara novamente de tamanho cá em cima. A blusa de seda azul-clara de Marie dava para abotoar à justa, mas a saia a combinar servia na perfeição. Que estranho uma pessoa engordar primeiro no peito no início de uma gravidez.

– O pastor Leutwien acabou de chegar – informou Marie, que espreitava da janela para o jardim. – Primeiro vamos ter uma pequena celebração no hospital e depois dar presentes aos empregados... Trouxeste as partituras?

– Partituras? Que partituras?

– Oh, Kitty! Tu e a Lisa iam tocar a quatro mãos. Arrastámos de propósito o piano para junto das escadas, para que os doentes no hospital pudessem usufruir de um pouco de música de Natal!

Oh, céus, tinha-se esquecido completamente. Sempre aquele horrível hospital! Antigamente tinham um abeto enorme no vestíbulo de entrada, todo decorado com bolas vermelhas e douradas e biscoitos de gengibre. Era sempre tão festivo quando o papá e a mamã entregavam os presentes de Natal aos empregados.

– Lamento imenso, Marie. Sou mesmo uma galinha tonta!

– Não é grave. Acho que a Tilly trouxe partituras. Senta-te no banquinho diante do espelho, minha galinha tonta. Quero arranjar-te o cabelo.

E imediatamente estava tudo bem. Marie, a sua querida Marie, simplesmente não conseguia ficar irritada ou ofendida, como tantas vezes acontecia com Lisa. Já antigamente Kitty se afeiçoara muito a Marie, quando ainda era ajudante de cozinha na Vila dos Tecidos, e também agora sentia uma profunda afeição pela sua amiga e cunhada.

Marie tirou-lhe todos os ganchos do cabelo, desembaraçou o cabelo húmido, penteou-o e voltou a fixá-lo com os ganchos. Fez então habilmente dois caracóis anelados que ficaram suspensos nos lados.

– Achas que devia cortar o cabelo curto? – refletiu Kitty.

Marie encolheu os ombros e considerou que Alfons seguramente se assustaria de morte quando voltasse e desse com a mulher de cabelo curto.

– O Alfons é tão querido – disse Kitty com ternura. – Mesmo que não gostasse, jamais me repreenderia. Oh, quem me dera tê-lo finalmente aqui comigo, Marie. Sem ele, não sei o que fazer da vida.

Marie assentiu, ajeitou o cabelo de Kitty e disse então baixinho que sentia exatamente o mesmo. Tinha ela ouvido dizer que o doutor Moebius agora também tinha de ir para a frente?

– Oh, céus! – exclamou Kitty, assustada. – Pobre Tilly. Que achas, Marie, achas que ele ainda a pede depressa em casamento?

Marie estava novamente à janela, mas entretanto escurecera tanto que mal se conseguia discernir fosse o que fosse. As velhas árvores do jardim haviam-se transformado em figuras negras, apenas no terraço brilhava um clarão que atravessava as vidraças das portas de dois batentes.

– Não sei, Kitty – disse ela em tom de dúvida. – O doutor Moebius tem origens muito simples e a Tilly é filha do rico banqueiro Bräuer. Não sei se terá coragem para tanto.

– Por amor de Deus – gemeu Kitty, calçando as pantufas. – Eles amam-se. Quem pode hoje em dia ainda ser tão antiquado? Ainda para mais nestes horrendos tempos de guerra!

– Sou da mesma opinião, Kitty. Mas pergunta à mamã e vais ver que ouves uma perspectiva diferente.

Kitty fez um gesto de desdém e verificou a silhueta no espelho. Não, a barriga ainda estava totalmente lisa, apenas o peito... Não podia de modo nenhum inspirar fundo, os botões podiam saltar todos.

– A mamã, enfim, é uma Von Maydorn. Quase mais antiquada do que o papá! Se calhar eu devia dar uma palavrinha ao doutor Moebius. Afinal de contas, ele quer ser meu cunhado, eu podia...

– Não sei, Kitty – disse Marie, hesitando. – Pode não ser bom ficarem noivos agora. Afinal de contas, ele tem de ir para a guerra.

Kitty estava indignada. Era precisamente porque o doutor Moebius ia ser enviado para a frente que precisava de saber que Tilly o amava e que esperaria por ele.

Marie parecia ser de outra opinião, mas não mostrou intenção de discutir o assunto naquele momento.

– Vamos descer. Já estou a ouvir o piano. Não queremos que comecem sem nós.

Oh, era uma festa de Natal absolutamente maravilhosa! Não como costumava ser antes, mas ainda assim tão tocante, tão contemplativa. Nas escadas de acesso ao vestíbulo onde estava agora o hospital encontraram, para seu grande espanto, o doutor Moebius sentado ao piano, que dava início aos festejos com improvisações sobre cânticos de Natal. E como tocava bem! Jesus Senhor, ele nem sequer olhava para os dedos e também não precisava de partitura. Ao invés, dirigia o seu sorriso singularmente triste na direção dos doentes, que o escutavam com total devoção. Quando por fim parou de tocar, porque o reverendo Leutwien já por três vezes clareara a garganta em alto e bom som, ouviu-se lá de baixo um caloroso aplauso.

– Bravo, senhor doutor!

– É um pianista a sério!

– *A Filha de Sião*, lá em casa cantávamos sempre esta canção no Natal.

Demorou um pouco até se acalmarem os clamores gratos e entusiasmados, dando oportunidade a Marie e a Kitty de descerem o mais discretamente possível as escadas e assumirem o seu lugar junto dos restantes familiares. Havia sido instaladas cadeiras para os Melzer, para não terem de ficar de pé durante as celebrações, como os empregados.

– Hoje nasceu o nosso Salvador – começou o reverendo Leutwien o seu discurso. – Por isso, é enorme a alegria...

Kitty escutou as suas palavras com total devoção. Sim, ele tinha razão. A partir de hoje tudo seria diferente, já que veio ao mundo uma criança, um rapaz, o filho de Deus que salvaria o mundo do pecado e da aflição. Oh, que belo. Desta vez tinha a certeza de que teria um rapaz...

Logo depois ecoou a voz límpida de Tilly, que leu uma história de Natal. Kitty olhou com curiosidade para o doutor Moebius. Confirmava-se, ele olhava fixamente para Tilly, não havia dúvida nenhuma, a ternura naquele olhar dizia tudo. Que casal tão encantador! Se ao menos ele se declarasse. Ou talvez até já o tivesse feito? Não, Tilly ter-lhe-ia contado de certeza. Era preciso ajudar os dois a dar o salto, pensasse Marie o que quisesse...

As palavras do reverendo deslizaram-lhe pelos ouvidos sem que as escutasse realmente. Era sempre o mesmo. Nascido de uma virgem, envolvido em panos numa manjedoura... Credo, pensou. Por que raio

Maria não segurara no bebé ao colo, em vez de o deitar numa manjedoura imunda?

De resto, enfim, dar à luz num estábulo deitada num monte de feno. À frente de toda a gente. E sem parteira. Não, hoje em dia era tudo muito melhor. Desta vez chamaria a parteira a tempo. Oh, ainda faltava. Quando nasceria sequer? Em maio? Por essa altura talvez a guerra já tivesse acabado, estariam em paz e Alfons estaria com ela. Que diria ele ao ver que agora era mesmo um rapaz?

O doutor Moebius fez ressoar as teclas do piano para dar início à canção de Natal que todos agora iriam cantar.

– *Noite feliz, noite feliz...*

Kitty acompanhou o canto a plenos pulmões. Só depois da terceira estrofe olhou discretamente para os botões da blusa. Tudo a correr bem, graças a Deus. Quando finalmente puderam subir, os muitos feridos deitados nas camas ficaram a olhar para ela como quem admirava a maior maravilha do mundo. Mas então Lisa levantou-se para agradecer aos médicos, às enfermeiras e a todos os restantes ajudantes que possibilitavam o trabalho no hospital. Disse aos doentes que lutaram corajosamente pela pátria que Jesus Cristo, nascido naquele dia, haveria de acorrer a ajudar a Alemanha. Mas quando depois disse que seria bom que passassem as próximas festividades de Natal numa Alemanha vitoriosamente em paz no círculo das famílias de cada um, teve direito a um aplauso retumbante. Lisa estava tão orgulhosa. Aquele hospital fora criado por instigação do seu marido e agora ela colhia os louros.

– A senhora Von Hagemann preocupa-se incessantemente com os nossos feridos de guerra – diziam sobre ela na associação de beneficência.

– A senhora Von Hagemann é o anjo dos feridos. – Lisa gostava de ouvir tais palavras, sentia-se grandiosa. Kitty sentia que estava a ser injusta. Teria ciúmes? Porque a irmã era admirada em público enquanto ela permanecia na sombra da família Bräuer? Ora essa, não, que disparate. Estava à espera de bebé, só isso contava. Seria um doce e louro rapaz. Louro como o Paulinho. E evidentemente como o Alfons.

Foram distribuídos presentes, primeiro aos dois médicos e às enfermeiras, muito embora só duas tivessem comparecido, as restantes celebravam as festas com as suas famílias. Depois Lisa, Marie e Tilly saíram para também oferecer presentes aos doentes.

– Que se passa, Kitty? – sussurrou-lhe Lisa. – Ficaste pregada à cadeira?

Deu um salto repentino, pegou nalguns embrulhos e participou na distribuição. Fora ela quem oferecera a maioria daqueles pequenos embrulhos, continham maçapão e doces, uma pequena garrafa de aguardente, lâminas de barbear, sabonete ou papel de carta e canetas. Alguns tinham também roupa interior, um cachecol quente, meias tricotadas à mão ou um livro, eram os donativos que haviam recolhido na associação de beneficência. Quem não gostasse do presente podia sempre trocá-lo mais tarde com um dos camaradas.

– Mil obrigados, minha senhora – disse o doente em cujo cobertor acabara de pousar um dos embrulhos. – Nem imagina a alegria que me dá. Não apenas com esta pequena oferta... É tão incrivelmente agradável poder apertar a mão a uma jovem tão encantadora.

Ela sobressaltou-se e quis recolher imediatamente a mão, mas não o fez. A testa do ferido estava envolta numa espessa camada de ligaduras, o pobre tipo devia ter apanhado um tiro na cabeça. Tinha os olhos cheios de lágrimas, mas, quando disse aquelas palavras algo empoladas, Kitty compreendeu que estava a falar a sério. Que experiências teria ele vivido para que um simples toque e um sorriso o comovessem tanto? Oh, aquela guerra monstruosa e cruel! O que fazia aos homens!

– Sim, estávamos muito preocupados consigo, caro senhor Von Klippstein – ouviu ela a voz de Marie muito próxima. – Não lhe vou esconder que estava por um fio. Mas, agora que a febre desapareceu, tudo só pode melhorar.

Kitty olhou discretamente. Com efeito, também Ernst von Klippstein estava profundamente emocionado, ergueu os olhos para Marie como se ela emanasse toda a beatitude na terra. Devia ser por estarem na véspera de Natal: tudo era inundado por lágrimas de comoção. Fungou e presenteou o ferido com um sorriso afetuosos. Muito em breve estaria seguramente recuperado e poderia regressar à sua família. Ele assentiu e apertou-lhe a mão. Ela estendeu-lhe o embrulho na esperança de que ele então a largasse.

– Tem consciência de que é tudo apenas mérito seu, senhora Melzer? – ouviu Von Klippstein dizer. – Eu já tinha prestado contas à vida, queria apenas morrer. Não havia mais nada neste mundo pelo qual eu pudesse lutar, que eu pudesse amar. Sem mulher, sem filhos, sem esperança alguma de levar uma existência feliz. E então a senhora apareceu junto à minha

cama e falou-me. Foi como um milagre, uma advertência dos céus. Ainda nem tudo acabou, a vida continua...

Ui, pensou Kitty. O pobre homem parecia ter passado por muita coisa. Teria a mulher acabado por morrer? A... como se chamava ela? Adelheid? Annette? Alice? Não, nada disso. Adele! Isso, chamava-se Adele. Se estivesse morta, não deveriam dizer nada de mal sobre ela, mas a verdade é que fora sempre uma pessoa muito desagradável. Não tinha grande pena dela. Ter-se-ia ele agora apaixonado por Marie? Parecia que o rapaz tinha mesmo azar, já que com Marie não teria mesmo hipóteses nenhuma.

Dirigiu um caloroso sorriso de despedida ao soldado com o ferimento na cabeça e continuou a distribuir embrulhos. Quando terminou a tarefa, constatou aliviada que já não sobravam mais presentes, pelo que voltou a sentar-se no seu lugar. Estava já um bocadinho tonta e o estômago também não estava bem. Enfim, havia coisas piores. Com a pequenina Henni quase não conseguira ingerir alimentos sólidos durante três meses, o que por sorte desta vez não acontecia. Teriam finalmente terminado? Mais uma canção de Natal, desta vez *Es ist ein Ros entsprungen*. Quando era pequena acreditava sempre que a canção falava de um cavalo que teria fugido...⁵ Oh, como Lisa fizera troça dela. A mamã levantou-se então e fez o discurso habitual para os empregados, agradeceu a sua lealdade e o seu empenho, lembrou que todos juntos formavam uma grande família. Na verdade, há anos que dizia sempre o mesmo, mas estranhamente os empregados ficavam sempre contentes com aquelas palavras. Depois também para eles houve presentes, algo que a mamã ponderava sempre cuidadosamente, pois não apenas tinham de ser do agrado dos destinatários, como também deveriam fazer jus ao seu estatuto na casa. A ajudante de cozinha Hanna recebeu um vestido que Marie já não usava, meias de lã quentes e um par de sapatos novos em folha com solas de madeira. Pelo contrário, a menina Schmalzler, que, na qualidade de governanta, assumia a posição mais elevada, foi presenteada com vários metros de tecido de lã azul-escuro da reserva da mamã, uma pregadeira de prata em que fora gravado o seu monograma e um pequeno valor em dinheiro. A mamã aproveitou para tecer os mais rasgados elogios à sua atuação no hospital, cuja missão abençoada ela promoveu e conduziu de forma muito sensata. A menina Schmalzler agradeceu por fim à família Melzer em nome de todos os empregados e declarou que todos os que

trabalhavam na Vila dos Tecidos tinham consciência de que era uma posição privilegiada. Kitty sorriu, uma vez que este ano também à menina Schmalzler não ocorrera dizer nada de novo. Mas na verdade ela parecia muito abatida, muito mais magra do que antes e com pregas à volta da boca.

Finalmente! Entretanto também o papá dera sinal de vida, como de costume ainda tivera assuntos a tratar na fábrica, e dedicou algumas palavras festivas como dono da casa e patrão.

– Um Feliz Natal a todos os aqui reunidos e também a todos os que têm de estar longe de nós e que recordamos com afeto!

Um aplauso retumbante, lágrimas, agradecimentos, as improvisações ao piano do médico... Kitty foi a primeira a subir as escadas para o segundo andar, onde ficava a casa de banho. Não deveria de modo nenhum ter bebido tanto chá em casa.

– Kitty? Estás aí dentro? – ecoou a voz de Lisa do outro lado da porta.

– Estou quase a acabar. Para lá de sacudir o puxador da porta!

Ela, com efeito, obedeceu. Por amor da santa, tantas vezes antigamente haviam discutido em situações como aquela. Uma vez, Lisa até arrancara o puxador da porta, alegando que agora Kitty teria de ficar sentada na casa de banho até ao resto dos seus dias.

– Ocupada? Imaginei que já viria tarde. – Era Marie, que parecia encarar a situação com boa disposição.

– A Kitty está lá dentro. Agora vamos ter de esperar horas. Mas já que estamos aqui sozinhas, Marie, gostava de te dizer uma coisa...

Kitty estava já junto à porta, mas parou, pois ficou curiosa. Infelizmente, já não conseguiu ouvir bem a conversa, as duas ter-se-iam seguramente afastado um pouco da porta da casa de banho. Muito baixinho, baixou o puxador da porta e espreitou pela frecha. Agora conseguia ouvir tudo.

– Mas isso não é possível, Lisa! – lamentou-se Marie. – Eu proibi-a, expliquei-lhe várias vezes como isso seria perigoso.

– Ao que parece, ela ficou pouco impressionada.

– Tens mesmo a certeza?

Lisa anuiu com um ar muito sério. Oh, santo Deus, pensou Kitty. De quem estariam elas a falar?

– A senhora Bremer esteve várias vezes aqui no hospital para visitar o marido. Ela trabalha como operadora na fiação e viu-o com os próprios olhos. E não apenas ela. A Hanna e o amante não primam pela cautela.

– Numa sala exígua, foi o que disseste? Totalmente sozinhos? Meu Deus do céu! Mas que rapariga tonta, tão tonta!

Ah, pensou Kitty, desapontada. Estavam a falar sobre a ajudante de cozinha, que arranjou um caso amoroso. Como se isso fosse grande coisa. Fechou a porta ruidosamente atrás de si, ao que Marie e Lisa se separaram e olharam na sua direção.

– Eu vou indo para baixo – disse ela, apressando-se para as escadas.

Na sala de jantar, o *buffet* já fora preparado pelos empregados. Segundo a tradição, na véspera de Natal tomava-se uma refeição fria, ia-se à missa e, depois, sentavam-se algum tempo a conviver na cozinha. Estava tudo muito bonito, a senhora Brunnenmayer era uma verdadeira artista, a cozinheira de Kitty não estava de todo à altura. Essa só se queixava por não haver especiarias nem carne decente, pouca manteiga e natas e também quase nenhum toucinho para lardear a carne assada. A senhora Brunnenmayer, por seu lado, era capaz de fazer uma sopa saborosa a partir de um seixo da calçada. Que teria ela desencantado desta vez? Língua de vaca, onde teria ela arranjado tal coisa? E salada de batata com ovos cozidos. E até salada de arenque com maionese. Como cheirava bem! E beterraba recheada e pepinos de conserva. Kitty não conseguiu resistir, enfiou um dos pequenos pepinos na boca e mastigou com prazer. Lembrou-se então daquela vez em que a mamã os apanhara, a ela e a Paul, quando surripiavam a decoração da salada de arenque. Ah, Paulinho, como lhe fazia falta. O seu irmão mais velho e protetor! Na altura ele assumira imediatamente todas as culpas...

Devolveu rapidamente o segundo pepino ao seu lugar, já que a mamã acabara de entrar na sala de jantar. Trocara de roupa para as festividades em família e, na opinião de Kitty, usava agora um vestido de seda bastante antiquado, de cintura cingida e renda de Bruxelas no decote. E ainda aquele vermelho-escuro – ui, assim a mamã parecia pelo menos dez anos mais velha.

– Kitty, meu amor. Deixa-me abraçar-te. Estás tão pálida... Sentes-te bem?

Kitty engoliu a observação que tinha na ponta da língua e aconchegou-se na mãe. Oh, a mamã era uma mulher maravilhosa, percebia logo quando alguma coisa não estava bem. Seria ela alguma vez uma mãe tão boa assim?

– Sinto-me lindamente, mamã. Raramente me senti melhor.

Quase se denunciou, mas por sorte Lisa e Marie entraram na sala de jantar, seguidas do papá, que, apesar da ocasião festiva, não tivera qualquer

problema em vestir o casaco de trazer por casa. A mamã registou o facto com um olhar de soslaio, mas não disse nada, para não perturbar o ambiente natalício. Sentaram-se, brindaram uns aos outros. O papá ainda tinha um borgonha na cave e depois beberiam vinho branco, provavelmente um mosela, de que a mamã tanto gostava.

– Acho bem que não estejas a pensar fazer discursos agora, papá – opinou Kitty, de olhos inocentes. – Estamos todos terrivelmente esfomeados!

O ambiente descontraíu-se, riram-se, até o papá sorriu e disse que não imaginava a noite de Natal sem as observações dos seus filhos. Serviram-se no *buffet*, apenas o prato do papá foi servido pela mamã, pois ele não suportava aquela «grande confusão». Falaram sobre as festas, manifestaram-se tocados por tantos doentes se terem comovido até às lágrimas e lamentaram que o doutor Moebius tivesse de partir daí a poucos dias.

– Um jovem tão dotado – disse Alicia com um suspiro. – Se pensarmos que tinha um futuro tão auspicioso à sua frente...

Não terminou a frase, mas todos sabiam o que ela queria dizer. Planos para o futuro, como aqueles que antes se traçavam, em tempo de guerra eram pura fantasia sem sentido. Quem estava no campo de batalha ocupava-se simplesmente em sobreviver ao dia que tinha pela frente, à semana seguinte, ao tempo necessário até que a guerra finalmente chegasse ao fim. Quando quer que isso fosse.

– A Tilly parece ter-lhe ganho muita afeição – disse Kitty descontraidamente. – Os dois são um perfeito...

– Querida Kitty – interrompeu-a Alicia, de sobrolho franzido. – Não deves de modo nenhum encorajar a tua cunhada a ponderar uma tal relação. Sei muito bem que te pareço antiquada, mas a Tilly Bräuer vem de uma família rica e é demasiado bonita para se desperdiçar com um médico. Tem todas as condições para se casar com um nobre, como aconteceu com a Lisa.

Lisa esboçou um sorriso estranhamente débil, quando na verdade deveria agora sentir-se triunfante. Kitty teria de bom grado respondido que o ponto de vista da mãe era coisa de há dois séculos e que Alfons, se ali estivesse, teria com toda a certeza encorajado a irmã a seguir o seu coração. Mas era a noite de Natal e, além disso, Marie explicou alegremente estar de todo convencida de que um grande amor superaria todos os obstáculos.

– Porque o amor vem de Deus – disse ela de olhos a brilhar. – E porque Deus protege todos aqueles que se amam verdadeiramente.

– Ámen – murmurou Johann Melzer. – Trazes-me por favor mais salada de batata com uma fatia de língua, querida Alicia?

Marie não se deixou perturbar pela sua observação, provavelmente já conhecia de ginjeira o seu estilo rabugento, considerando que ia todos os dias até à fábrica para, como costumava dizer, lhe prestar apoio. Kitty achava aliás extraordinário que Marie percebesse tanto daquelas máquinas e que soubesse lidar tão bem com todas aquelas miudezas dos negócios da fábrica, mas não deixava de sentir que era uma pena. Marie tinha um enorme talento artístico e que fazia ela com isso? Desenhava padrões de estampagem para tecidos de papel. Deus do céu! Círculos e roscas, linhas entrelaçadas e pontos intrincados. Em vez de se sentar num museu a copiar os grandes mestres, a aprender com eles...

– Passemos à outra sala, meus queridos – disse Alicia, perdida nos seus pensamentos. – Estou com curiosidade de ver as surpresas que nos prepararam este ano.

Segundo a tradição, cabia aos jovens montar uma árvore de Natal no salão vermelho, decorá-la e dispor os presentes sob os seus ramos. Antigamente era sempre Paul quem montava o pequeno abeto. Oh, Paulinho, não havia como não voltar a pensar nele. Onde estaria? Conseguiria ele sequer celebrar o Natal, lá fora na gelada Rússia?

A mamã terá pensado exatamente o mesmo, já que, quando estavam no salão vermelho e Marie acendeu as velas do abeto, lhe assomaram as lágrimas aos olhos. O papá olhava para o vazio de semblante irritado, era a sua forma de manifestar emoção. E Lisa parecia um poço de preocupação. Que sensação estranha, todos de olhos dolorosos postos na árvore de Natal, sem que ninguém dissesse nada. Só quando Rosa e a senhora Sommerweiler chegaram com as crianças se desfez o ambiente de tristeza.

Deu-se início ao habitual ritual de abertura dos presentes. Fazia-se por ordem, cada presente era devidamente admirado, agradecia-se cortesmente ou com entusiasmo, por vezes até com absoluto deleite, se o efeito de surpresa tivesse sido bem-sucedido. Kitty recebeu um colar com uma pedra de granada que a mãe usara em nova e que fora retrabalhada especificamente para ela. Do pai recebeu um anel a combinar, de Marie um álbum ilustrado sobre arte da Idade Média, de Lisa uma macia almofada de sofá. Que maravilha observar o espanto dos mais pequenos diante das velas acesas junto à verde árvore de Natal. Dodo gatinhou corajosamente até

àquela maravilha e quis agarrar nas bolas brilhantes, Leo manteve-se a uma distância de segurança e remexia no soldado de chapa colorido que Lisa lhe oferecera. A pequena Henni guinchava de prazer e ia mordiscando biscoitos de gengibre um a seguir ao outro. O querido presente da mamã, um coelho de pano castanho e felpudo, não despertou o seu interesse. Ao invés, agitava entusiasmadamente a colher de café de um lado para o outro e esperneava com tanta força que Kitty já não conseguia mantê-la ao colo e a mamã agarrou na pequena. Ufa, todo aquele esforço pusera-a mesmo maldisposta, se calhar também tinha comido demasiada salada de arenque. Fez várias inspirações profundas, o que deixou o estômago razoavelmente melhor, embora o perigo agora residisse nos botões da blusa. Não, não ia conseguir aguentar muito mais tempo a sua surpresa. A ternura com que a mamã brincava com Henni. E o papá estava mesmo a dar biscoitos de gengibre à sua neta mais nova. Kitty observou Marie, que naquele momento desembrolhava o seu último presente, era um conjunto de tintas a óleo que Kitty lhe comprara, uma indireta muito vigorosamente direta. Marie sorriu ao ver as tintas e dirigiu-se então a Kitty para a abraçar.

– Ah, minha querida, quem me dera ter tempo para me dedicar inteiramente à pintura. E tu podias voltar a ser a minha professora – sussurrou-lhe ao ouvido.

– Basta começar – retorquiu Kitty. – O primeiro passo é sempre o mais difícil. E aqueles que passam a vida a dizer que não têm tempo para a arte estão a desperdiçar uma parte da sua vida.

– És uma rapariga sensata, Kitty!

– Não, sou simplesmente teimosa e não quero que desperdices o teu talento!

Marie agora quase lhe fez lembrar Montmartre, o pequeno apartamento, o seu ninho, onde ela e Marie haviam pensado viver a pintar. Mas falar no assunto teria sido bastante inconveniente, já que na altura ela havia fugido com Gérard e gerara todo aquele escândalo. Além do mais, os franceses eram agora seus inimigos e sobretudo Lisa ter-se-ia irritado com uma tal observação.

– Já abrimos todos os presentes? – perguntou a mãe, olhando para todos.
– Ou será que nos esquecemos algures de alguma surpresa de Natal?

Era a sua deixa. Kitty endireitou-se, quase rebentando de expectativa ao pensar na reação que a sua feliz notícia iria desencadear.

– Eu tenho... – começou.

Mas Marie foi mais rápida. Pusera-se de pé e posicionara-se em frente da árvore de Natal, o rosto irradiava uma tal felicidade que Kitty não terminou a sua frase.

– Tenho uma surpresa maravilhosa para todos – disse Marie solenemente.

– E eu, tão cruelmente, carreguei-a comigo o dia todo, quis guardar esta alegria só para mim. Mas agora, aqui, diante da árvore de Natal, quero partilhar convosco esta felicidade.

Fez uma breve pausa e olhou em volta. Dodo chuchava no dedo, Leo soltava bolhas de saliva para o avental branco de Rosa. Henni ruminava no colo da mamã, estava provavelmente com dores de barriga devido aos biscoitos.

– O Paul vai estar connosco daqui a poucos dias. Tem quatro dias de licença para vir a casa.

A notícia desencadeou manifestações de júbilo e lágrimas, a mamã soluçava de alegria, o papá pigarreou e murmurou que quatro dias era melhor do que nenhum. Lisa fungava e limpava as lágrimas das faces. Kitty estava tão empolgada que deu um salto e fez menção de se atirar ao pescoço de Marie, mas sentiu-se repentinamente tão maldisposta que se deixou afundar novamente no sofá. Viu tudo negro diante dos olhos e o coração batia como louco. Jesus, seria possível desmaiar de alegria?

– Kitty! – exclamou Marie, sentando-se no braço do sofá. – Não te sentes bem? Lisa, aí ao teu lado está o jarro de água. Céus, Kitty, estás branca como a cal. Será que não estás grávida?

– Eu? – balbuciou Kitty e bebeu, comprometida, um gole de água. – Grávida? De onde te vem essa ideia, Marie?

A surpresa já estava de todos os modos estragada, uma vez que o anúncio de Marie já fora motivo de entusiasmo suficiente. Oh, pronto, lá teria de lhes contar no fim do ano.

⁵ Jogo de palavras em alemão com *Ros* (*Ross* = cavalo; *Rose* = rosa) e o verbo *entspringen* (que significa «escapar», mas também «nascer» ou «brotar»). Neste caso, o título da canção significa «Uma rosa brotou». (*N. da T.*)

Tilly detestava o seu nome, que era um diminutivo de Ottilie. Detestava também o banco e as muitas residências e moradias que pertenciam ao pai. Detestava o dinheiro, que desempenhava um papel tão central na vida do pai e do irmão. Capital, juros, contas, ações, empréstimos, promissórias, hipotecas – tudo conceitos que Alfons e o pai lançavam com tanto à-vontade à hora das refeições e dos quais ela nada entendia e aliás nem queria entender. Quanto a isso, sentia-se mais próxima da mãe quando esta explicava tranquilamente que um banco era uma instituição imoral, já que pedia de volta mais do que havia emprestado. Quando era pequena, acreditara sempre por isso que o trabalho do pai era uma intrujice, algo que a envergonhava muito, já que adorava o pai, ainda que ele só raramente tivesse tempo para ela e se ocupasse muito mais de Alfons. Era frequente sonhar que o pai largaria o banco para abrir um grande estabelecimento na Karolinenstrasse ou na Maximilianstrasse. O melhor seria um grande armazém onde se pudesse comprar tudo quanto fossem coisas bonitas a preços acessíveis. Mais tarde, mais crescida, percebeu que esses sonhos eram muito disparatados e sentiu-se aliviada por nunca os ter comentado com ninguém. O seu refúgio era a rica biblioteca do pai, lia até horas tardias Goethe, Brentano, Jean Paul e Theodor Storm, o que levava a mãe, que tinha pouca compreensão para tais excessos, a chamar-lhe «intelectualoide». No colégio interno haviam vaticinado que ela teria de usar óculos de lentes grossas, pois era sabido que a leitura em excesso dava cabo dos olhos das jovens.

A guerra catapultara-a como um relâmpago para fora do seu romântico mundo de fantasia e para dentro da realidade. O pai já muitas vezes referira que estariam à beira de uma guerra, mas ninguém queria realmente acreditar nisso até que estivessem por fim nela enterrados. Era edificante e,

ao mesmo tempo, terrível o combate dos soldados alemães contra os inimigos que, como dissera o imperador, haviam assaltado o país de surpresa em pleno tempo de paz. No entanto, a guerra conduziu-a a um novo caminho, dera-lhe novas forças que antes não imaginava de todo ter em si. No princípio, só quisera trabalhar no hospital militar para se tornar de algum modo útil e preocupara-se terrivelmente com a ideia de poder concluir que não suportava ver sangue e que não seria de todo apta para aquela tarefa. Mas havia acontecido exatamente o contrário. Para sua surpresa, não teve dificuldade em tratar até os ferimentos mais graves, ajudar o médico no seu trabalho, limpar a mesa de operações no final das cirurgias e esterilizar os instrumentos. A medicina era uma ciência maravilhosa, a única que era realmente útil ao ser humano, que tinha a capacidade de lhe conservar a vida e poupar-lhe sofrimentos. Se não fosse mulher, teria de bom grado estudado medicina.

E depois abatera-se sobre ela o amor. Não como um relâmpago caído do céu, como se descrevia tantas vezes nos livros, mas antes de forma suave e paciente. Um sorriso que ela retribuía com naturalidade. Um cumprimento pela manhã que lhe era dirigido num tom estranhamente comovido. O seu modo de a elogiar quando ela o ajudava no seu trabalho. A sua rápida capacidade de compreensão. As suas mãos hábeis. A sua prudência sensata. Nunca ninguém antes a tratara com tanto respeito como o jovem doutor Moebius. Por vezes conversava um pouco com ela, quando preparavam a sala de tratamentos e o doutor Greiner tinha assuntos a tratar noutro lado. Nesses momentos, sentia que seria preciso agarrar o coração com força, já que batia acelerado e agitado. Contudo, nunca ele a colocou numa situação conflagradora, manteve-se sempre tranquilo, afável, confiava-lhe coisas que seguramente não contava a qualquer um e ela sentia orgulho nisso. Que o pai era sapateiro, que fora um padre da sua pequena aldeia natal quem tratara de garantir que ele faria os seus estudos de Medicina. Que vivera num sótão com um músico que tocava Beethoven ao piano e que aquela música o fascinara tanto que teria largado tudo para se tornar músico. Oh, como ela o compreendia, já que também ela se teria imerso simplesmente nos seus livros, já havia feito as suas primeiras e secretas tentativas de escrita, para se tornar escritora. Todavia, agora a medicina era a sua grande paixão e – oh, maravilha – o doutor Moebius encorajara-a a fazer o exame do liceu e a estudar numa universidade.

Quando ele lhe pegou na mão pela primeira vez, sentiu-se perpassada por um terror quente e esteve prestes a fugir a correr. Lembrava-se: estavam sozinhos na sala de tratamentos, mas a qualquer momento uma enfermeira ou o doutor Greiner poderia entrar.

– A Tilly é muitíssimo importante para mim – disse Moebius baixinho. – Por favor, não se assuste com a minha sinceridade. Jamais voltarei a tocar no assunto se mo proibir.

Ela ficou parada, sem dizer nada, olhando-o nos olhos e sem saber o que responder. Ele inclinou-se então e tocou as costas da sua mão lentamente com os lábios. Foi apenas um sopro, o bater de asas de uma borboleta, mas ela tremia como varas verdes, já que aquele toque desencadeara uma tempestade em todo o seu corpo. Quando logo depois a porta se abriu e um ferido foi introduzido na sala, teve de se concentrar energicamente para conseguir realizar o seu trabalho da forma habitual. Todavia, ainda que ela não lhe tivesse dado resposta, o elo estava estabelecido e, de ora em diante, qualquer olhar, qualquer movimento, qualquer sorriso assumia um significado entre eles e, sempre que estavam sozinhos – o que, infelizmente, acontecia muito poucas vezes –, trocavam algumas palavras entre si. Nada mais do que isso. Mas eram palavras que a embriagavam e a faziam feliz, que lhe tiravam o sono à noite e que, de manhã, lhe traziam sonhos doces e assustadores.

- Tenho pensado constantemente em si...
- Que sorte a minha de a poder conhecer...
- Nunca disse algo assim a nenhum homem...
- Tenho consciência de que não tenho o direito...
- Tem direito a tudo neste mundo...

Por duas vezes, ele beijara-lhe a mão. Não como as asas de uma borboleta, mas sim com lábios quentes, a ponto de toda ela ser atravessada por um doce arrepio. Há muito que ansiava pelo seu toque, esperava pacientemente pela oportunidade de estar sozinha com ele e sabia que também ele aproveitava qualquer ocasião para estar breves momentos com ela sem testemunhas. Quando reuniria ele a coragem para a beijar? E se o fizesse, será que a abraçaria? Encostar-se-ia a ela? Sentiria ela o bater do seu coração como se descrevia nos romances? Ou quem sabe ela até perderia os sentidos?

No meio das suas mais doces esperanças caiu como um estrondo a notícia de que ele seria enviado para a frente de combate. Estávamos em guerra, como pudera ela esquecer-se de tal coisa, levada pela sua paixão? Não tinha este facto todos os dias diante dos seus olhos no hospital? Como pudera ter tanta certeza de que ela e os que ela amava seriam poupados aos horrores da guerra?

Ele contara primeiro, não a ela, mas sim ao colega, o doutor Greiner. Depois ficaram a saber a menina Schmalzler e Elisabeth, que o comunicou às enfermeiras. E assim, no meio de toda aquela calamidade, sentiu ainda o ciúme e a irritação por ela ter sido uma das últimas pessoas a tomar conhecimento. Porque não optou por lho contar quando estivessem sozinhos? Tivera receio de que ela pudesse desfazer-se em lágrimas e lançar-se ao seu peito? Nunca na vida teria feito algo tão disparatado. Mas ele nada disse, evitou estar sozinho com ela, sim, até no trabalho quotidiano parecia esquivar-se dela, dava preferência a outras enfermeiras quando precisava de ajuda numa intervenção.

Hoje era o seu último dia no hospital. Tilly entrara ao serviço mais cedo do que o habitual, tinha olheiras por ter dormido mal e de manhã refrescara o rosto inchado de choro com um pano frio. O doutor Moebius já estava a trabalhar, cumprimentou-a afavelmente como sempre, mas sem sorrir.

– Menina Bräuer? Uma vez que aqui está, poderia preparar a mesa de operações? Fomos informados da chegada de três novos doentes, uma troca de inválidos por prisioneiros de guerra russos.

– É claro, senhor doutor.

Ordenou os instrumentos, preparou o frasco de éter, as toalhas, as taças, as ligaduras... A troca de feridos graves era um empreendimento da Cruz Vermelha de que tomavam parte quase todas as partes em guerra. Eram todos casos perdidos, homens terrivelmente decepados e desfigurados, dos quais muitos não sobreviviam. Garantia-se com especial cuidado que não se devolvia à pátria nenhum homem ainda com capacidade de combate.

A porta fechou-se atrás de si, ela ouviu os seus passos, mas não se voltou para o encarar. Era assim. Sentiu os dedos gelados, tremia.

– Está zangada comigo, não é verdade? – ouviu ela a sua voz.

Ela não respondeu. Não, não estava zangada. Estava triste e sentia-se magoada.

– Não a posso levar a mal, Tilly. A minha única desculpa é que também eu me entreguei a um sonho que nada mais era do que um castelo no ar.

Um castelo no ar! Agora sim, ela virou-se para ele, indignada.

– Que quer dizer com isso?

Por um breve instante, os traços do rosto dele revelaram o mais profundo desespero, mas depois ele recompôs-se e esforçou-se por fazer um sorriso. Assomou-lhe ao rosto artificialmente como uma máscara atrás da qual se escondiam os verdadeiros sentimentos.

– Quero dizer que nós os dois, eu e a Tilly, nos deixámos levar por uma coisa que não tem futuro. Perdoe-me, Tilly. É tudo culpa minha. Nunca me perdoarei por lhe ter despertado esperanças que não posso cumprir...

Ele fez menção de continuar a falar, mas alguém baixou o puxador da porta e logo Elisabeth entrou na sala.

– Ah, estás aí, Tilly! – disse ela. – Sobe depressa comigo, tens um telefonema para ti. Não se vai zangar, doutor Moebius, se a Herta substituir a Tilly?

– De modo nenhum, senhora Von Hagemann.

Tilly lançou-lhe um olhar que o obrigou a baixar os olhos com sentimento de culpa. Oh, estava capaz de matar Elisabeth por logo agora se lhe atravessar no caminho. Esperanças que ele não podia cumprir... Como não? Que receava ele? Que ela o desprezasse por ser apenas filho de um sapateiro? Achava que ela era assim tão covarde? Ou então, o que seria muito pior, não a amaria de todo? Estivera apenas a brincar com ela?

– Anda lá, Tilly – disse Elisabeth. – Vem comigo. Vais ter de ser forte. Temos todos de ser fortes. Não podemos nunca esquecer que há um sem-fim de pessoas na nossa pátria alemã que partilham esta nossa sorte.

Em vez de se apressar, Tilly ficou parada a meio das escadas. Que conversa era aquela de Elisabeth?

– Aconteceu... aconteceu alguma coisa má? – balbuciou, aterrorizada.

– Lá em cima. Está lá a Marie e a mamã. Agora temos de nos manter juntas...

Envolveu Tilly com o braço e puxou-a pelas escadas acima, onde Else, de semblante carregado, levava uma bandeja com três chávenas e um bule de chá.

Paul, pensou Tilly. Oh, céus, ele devia ter chegado ontem. Apressou-se no encalço de Elisabeth, que se dirigiu para o salão vermelho, mas depois

parou.

– Estamos em guerra, Tilly – disse ela. – É um tempo de heróis e de mulheres de luto...

– Para com isso!

Na sala estava ainda a pequena árvore de Natal, que entretanto já espalhava as suas agulhas pelo tapete.

Alicia estava à janela de olhos fixos no jardim, no sofá estavam Marie e... Paul. Tilly soltou um grito baixinho e correu para ele, abraçaram-se e Paul explicou que chegara muito cedo naquela manhã.

– Por sorte a enfermeira da noite abriu a porta do hospital, senão teria de esperar até às cinco para bater à porta...

Alicia veio na sua direção e tomou-a nos braços, pedindo-lhe que se sentasse num sofá. Elisabeth distribuiu as chávenas de chá, a louça tilintava baixinho nas suas mãos.

– Que se passa, por amor de Deus?

– A tua mãe telefonou, Tilly – disse Alicia suavemente. – Receberam hoje a notícia de que o Alfons... que ele tombou...

Ela quisera ainda acrescentar mais alguma coisa, mas a voz falhou-lhe e levou o lenço à boca. Tilly ficou ali sentada, como que petrificada, o cérebro não estava a responder. Teria alguém acabado de dizer que o irmão morrera? Alfons, sempre tão tranquilo e ponderado. Tão tímido e, ao mesmo tempo, tão inteligente. Alfons, o filho único. O grande orgulho do pai, o futuro do banco. Alfons, o seu irmão mais velho. Ele estivera consigo toda a sua vida...

– Quando? – balbuciou, ciente de que não dizia coisa com coisa. – Onde? Onde aconteceu?

– Não sabemos, Tilly – disse Marie, preocupada. – A tua mãe disse que foi no Somme. É... é inacreditável que logo ele tivesse de morrer. Ele nunca quis ser soldado, detestava esta guerra. Mas a verdade é que ninguém lhe perguntou a opinião.

Tilly começou a soluçar. A dor brotava-lhe do fundo do peito e abriu caminho sem que ela o pudesse impedir. Alfons estava morto. Nunca mais regressaria. Jazia algures, rígido e encarquilhado numa padiola... Sentiu os braços que a envolviam. Marie sussurrou-lhe palavras de consolo ao ouvido. Afagou-lhe o cabelo. Alicia ajoelhou-se à sua frente, tomou-lhe a mão, falou

amavelmente com ela. Também Elisabeth dizia alguma coisa sobre «sacrifício pela pátria».

– Vamos levar-te a casa, Tilly – disse Paul. – Os teus pais precisam agora de ti.

Ela abanou a cabeça. Não, não queria ir para casa. Não era preciso ninguém acompanhá-la.

– Mas não nos custa nada, Tilly – insistiu Alicia com brandura. – O Paul leva o carro. Temos de ir ter com a Kitty.

– É claro – disse Tilly rapidamente. – Pobre Kitty. E a pobre pequena Henni... Não, não se incomodem, eu fico aqui até ao fim do meu turno e não vou abandonar o meu posto. Em todo o caso, sinto-me melhor se estiver ocupada. A mamã saberá com certeza consolar o papá.

– É uma decisão que muito te dignifica, Tilly – disse Elisabeth. – Vamos descer. Também eu quero cumprir o meu dever. Mamã, vou ter convosco logo que me consiga libertar...

– Como queiras, Tilly – disse Marie. – Compreendo evidentemente que não queiras deixar o teu trabalho em mãos alheias. Mas não te sobrestimes. Vai descansando de vez em quando, prometes?

Tilly anuiu, encontrou um lenço no avental branco e assoou-se. Viu então que Paul e Marie estavam de mãos dadas ao sair da sala e, apesar de eles o fazerem com discrição, achou que era estranhamente inadequado.

Subiu até à casa de banho e lavou o rosto com água fria. Quando levantou a cabeça e se olhou no espelho, assustou-se com as olheiras escuras que haviam surgido sob os olhos e o tom pálido do rosto.

Sou horrivelmente feia, pensou. Mas quem se importa agora com isso? O Alfons está morto. E o meu amor foi apenas um castelo no ar. A vida acabou. Já não tenho de ser bonita para ninguém.

Desviou para trás das orelhas as madeixas de cabelo que haviam escorregado para o rosto e fixou a touca de enfermeira. Que tinha dito Elisabeth? Que tinha de ser forte. E ia sê-lo. Agora ia fazer o seu trabalho, como se nada tivesse acontecido. Era bom estar com outras pessoas e poder fazer alguma coisa. Tudo seria muito mais difícil quando voltasse a casa e tivesse de encarar o desespero dos pais.

Lá em baixo, no hospital, já esperavam por ela. Os novos doentes haviam dado entrada, e havia ainda dois jovens que tinham febre há dias e o doutor Greiner mandara-os separar dos demais, temendo que pudesse ser tifo. Tilly

ficou satisfeita por ninguém perguntar onde estivera e por que razão interrompera o seu serviço. Lançou-se ao trabalho, ajudou a mudar ligaduras, distribuiu o almoço, aplicou ligaduras acabadas de lavar. Mais tarde, o doutor Greiner chamou-a à sala de tratamentos e ela ajudou-o em vários tratamentos de feridas difíceis. Não perguntou pelo doutor Moebius, mas o doutor Greiner, que a tratava como um pai, informou-a sem que ela perguntasse que lhe era difícil a despedida do seu colega mais novo.

– O coração dele fica aqui connosco, menina Bräuer. Parece que ele o perdeu definitivamente, o pobre rapaz.

– É assim a vida – observou ela, apertando os lábios. De modo nenhum podia dar parte de frac. Caso contrário, desmoronaria.

Trabalhou como uma possessa, ajudou na lavandaria, sentou-se à cabeceira de um rapaz com alucinações e que falava de ratazanas com rostos de pessoas. Leu-lhe poemas e sentiu o som e o ritmo dos versos a tranquilizá-lo, até que finalmente adormeceu. Olhou para o seu rosto sofrendo e ela mesma sentiu um cansaço tremendo que tudo dominava.

– Menina Bräuer?

Levantou os olhos na sua direção com uma expressão quase indiferente. Que queria ele? Estava exausta, era hora de ir para casa.

– Tem energias para mais uma intervenção? Peço-lhe encarecidamente.

A sua voz soou suave, quase afetuosa. Herta, que passava naquele momento com uma bandeja, olhou para os dois com um ar reprovador.

– Mas é claro – murmurou Tilly.

Ele estendeu-lhe a mão para a ajudar a levantar-se da borda da cama, um gesto que até então nunca se permitira. Ela deixou-se levar, seguiu-o até à abafada sala de tratamentos, agarrou como habitualmente em rolos de ligaduras e na tesoura.

– Acabou de perder o seu irmão – disse ele sem delongas. – Lamento mesmo muito. Eu sei que as palavras nada significam, mas ao meu alcance está apenas dizer-lhe...

Calou-se, já que ela se voltou para o encarar. Os seus olhares mergulharam um no outro, ânsia e tristeza, esperança e desespero misturaram-se, não houve como escapar à magia daquele momento. Não foi o abraço terno com que teriam sonhado, foi violento, quase doloroso, e o beijo queimou-lhes os lábios.

– Amo-te – sussurrou ele. – E só isso conta diante desta morte sem sentido.

Ela permaneceu como que anestesiada dentro dos seus braços, mal ousando mexer-se, com receio de fazer algo errado. Fora educada para nunca prejudicar a sua reputação, nunca poderia mostrar a um homem como era desejado. E, todavia, ela sentia que era precisamente isso que ele esperava.

– Porquê... Porque é que nunca mo disseste?

– Porque sou um covarde – suspirou ele, pousando a cabeça no ombro dela. – Porque tive medo de ser rejeitado. Há uma distância muito grande entre nós, como poderia eu ousar...

Subitamente, ela foi tomada por uma enorme ternura por aquela pessoa afetuosa que sofrera tanto tempo por ela. A sua rigidez desfez-se, ela afagou-lhe suavemente o pescoço, passou os dedos pelo seu cabelo.

– A culpa é minha, Ulrich. Eu nunca te encorajei...

Que sensação nova e maravilhosa aquela de poder tratá-lo pelo primeiro nome. Como tantas vezes fizera em sonhos. Ele fechara os olhos para se entregar completamente ao seu toque delicado. Pegou então na mão que o afagava e beijou-a.

– Mas sim, Tilly, encorajaste-me – disse ele a sorrir. – Os teus olhos disseram-mo, senti-o em cada um dos teus gestos...

Ele afastou-a ligeiramente e olhou-a nos olhos, perscrutando-os com alguma insegurança. Só quando ela lhe sorriu é que ele pôde voltar a respirar.

– Diz-mo... – pediu. – Diz-mo, para que o leve comigo quando tiver de partir.

– Amo-te, Ulrich. Vou esperar por ti até ao fim desta guerra e muito mais. Até que possamos reencontrar-nos.

Ele abraçou-a precipitadamente e pressionou-se contra ela, o seu beijo foi desajeitado e os seus dedos atrapalharam-se nos atilhos cruzados do avental nas suas costas. Foram então separados por uma pancada enérgica na porta.

– Senhor doutor Moebius! – chamou Herta. – Venha depressa. Uma hemorragia...

– Eu estou bem – disse Kitty, sorrindo distraidamente. – Que queridas por passarem por cá. Mizzi! Onde é que estás? Traz-nos chá. E alguns bolos. Como assim? Não há farinha? Mas isso é um disparate. Até parece que somos qualquer um...

Marie viu Paul fechar os olhos com força, tinha uma enorme preocupação estampada no rosto. Conhecia bem a irmã mais nova e a sua tendência para explosões histéricas e, em seguida, estados depressivos. Também Alicia soltou um suspiro contido e acenou impercetivelmente a Marie. Eram precisas paciência e a maior das atenções.

– Oh, que bom ter de novo o meu querido Paulinho ao meu lado – exclamou Kitty pela enésima vez, abraçando o irmão, que se sentara a seu lado na *chaise longue*. – Fizeste-me tanta falta, irmão do meu coração. Nem sei como consegui dar conta da minha vida sem ti. Já viste a pequena Henni?

– Só uma fotografia.

– Oh, vamos então ao quarto dela... Senhora Sommerweiler? Que está a fazer a Henni? Está a dormir? O tio Paul está aqui.

Foram todos no seu encalço em direção ao quarto da criança, onde a ama tricotava tranquilamente enquanto Henni dormia saciada e satisfeita na sua caminha.

– Não a acordes, Kitty – pediu Paul. – Deixa-me só ficar a ver. É tão rosadinha. Está ali aconchegada como num pequeno ninho. Tão segura e protegida.

Ah, mal tivera tempo de ver os seus próprios filhos, de brincar com eles, pensou Marie, apreensiva. Que reencontro funesto. Estávamos tão ansiosos pelos poucos dias que íamos passar juntos e agora tudo mudou.

Kitty não parava de falar. Se tinha visto os caracolitos louros? Agora já tinha quatro dentinhos de rato. E as grandes bochechas, essas, eram as do pai...

Calou-se imediatamente, ainda com o sorriso no rosto, com o olhar ausente e fixo na janela. Flocos de neve passavam a esvoaçar, estava outra vez mais frio e os relvados estavam agora cobertos de uma fina camada branca.

– O Alfons morreu – disse ela baixinho, como se falasse com um fantasma. – Morreu pela nossa pátria alemã. Como tantos outros. Não é, Paulinho? Não tenho nenhum direito de me queixar quando me acontece algo que já milhares de outras mulheres tiveram de suportar.

Paul anuiu e olhou para Alicia, que observava a filha com um ar angustiado. Marie envolveu Kitty com o braço e afagou-lhe a face. Kitty aconchegou-se na cunhada. Disse que Marie era, afinal, a sua melhor e mais querida amiga. Marie sabia sempre o que lhe ia no coração. Apenas Marie a compreendia...

– Vamos para a sala, Kitty. Temos o chá à espera. E aqui ainda vamos acabar por acordar a Henni.

– Sim, tens razão – balbuciou Kitty. – Vamos tomar chá. Um estúpido chá de hortelã que nos deixa na boca um sabor desenxabido. O Alfons não gostava de chá... Bebia sempre só café com leite. *Café au lait*, costumava ele dizer. E depois lembrava-se de quando deambulámos os dois juntos por Paris. Ah, ele comprou-me quadros maravilhosos na Kahnweiler...

Cuidadosamente, Marie conduziu-a até à *chaise longue*, sentou-se a seu lado e serviu-lhe o chá. Kitty segurou a chávena na mão, sem beber, falou da última visita de Alfons, da sua loucura com a filhinha, que trazia permanentemente ao colo. Que desejava ter três ou quatro filhas. Que ele fora tão amoroso e carinhoso como nunca. Mas ao mesmo tempo tão pensativo. E por vezes também triste.

– Ele prometeu escrever uma carta pormenorizada pelo Natal. Mas acabou por só enviar um postal, um triste postalinho com uma estúpida de uma árvore de Natal...

Tomou então finalmente consciência da horrível verdade. Deixou cair a chávena e todo o seu corpo se sacudia enquanto chorava. Marie abraçou-a e embalou-a como uma criança.

– Nós estamos aqui, Kitty – sussurrou-lhe ao ouvido. – Estamos todos contigo. Não estás sozinha, és a nossa única, querida e amada Kitty...

– Graças a Deus – disse Alicia em voz baixa a Paul, que observava as duas mulheres, comovido e fascinado ao mesmo tempo. – O primeiro obstáculo está superado. Que achas, Paul? Não deveríamos levá-la connosco para a Vila dos Tecidos?

– Sem falta, mamã. Agora não podemos de modo nenhum deixá-la sozinha.

Kitty não chorou muito tempo, em breve exigia já um lenço de assoar, dizia que amaria sempre Alfons, enquanto vivesse, e quis imediatamente correr para a escrivãzinha para ler as suas cartas. Marie foi com ela, ficou por momentos desorientada diante do caos da escrivãzinha Biedermeier e então sugeriu que Kitty colocasse todas as cartas dentro de uma caixa.

– Levamo-las connosco para a Vila dos Tecidos, Kitty. Lá vamos estar todos juntos outra vez, tu e a Henni, a mamã e o papá, a Lisa, o Paul e eu também. A Henni fica sempre contente quando pode estar com a Dodo e o Leo.

– Sim – disse Kitty, ausente, baixando ao mesmo tempo a carta dobrada que tinha na mão. – Vai voltar a ser tudo como dantes. Não é? Só que melhor...

Elisabeth acabara de chegar para ajudar a fazer as malas, já que Kitty queria levar consigo um milhar de coisas, das quais noventa e nove por cento eram perfeitamente supérfluas.

– Nesse caso podes levar tudo no carro, Lisa – disse Paul, agarrando na mão de Marie. – Como é preciso levar tanta coisa, eu e a Marie regressamos a pé.

– Mas podemos mandar vir buscar mais tarde a bagagem da Kitty – objetou Alicia. Mas olhou então para aqueles dois de mão dada e compreendeu. – Mas é claro. Boa ideia, Paul. Afinal de contas, há quase um ano que não vês a nossa Augsburg. Muitas lojas desapareceram e nas ruas... Não devem de modo nenhum andar pelas ruelas da cidade antiga.

– Não te preocupes, mamã.

Caía ainda alguma neve sobre os telhados e cornijas das velhas casas patrícias que eram testemunho de séculos de bem-estar na velha cidade dos

Fugger⁶. Estreitamente abraçados, com os olhos cansados de quem muito vivera, iam observando o rebuliço das ruas, decididos a sobreviver também à guerra e às inclemências dos novos tempos. Paul não largou a mão de Marie. Deambularam lentamente pelos passeios, olhavam-se de quando em vez, sorriam e sentiam a felicidade de estarem um com o outro.

– Está tudo ainda no sítio – gracejou Paul, apontando para os pináculos da catedral quando passavam ao lado. – É verdade que faltam algumas lojas e os produtos nas montras são muito pobres. Mas de resto...

Marie assentiu com a cabeça. Era verdade que ali no Império Alemão estavam protegidos da destruição, mas não da fome e do frio.

– Nos bairros pobres grassa o tifo, a disenteria, a tuberculose, o edema... Neste inverno há bebés e crianças pequenas a morrer de fome, e também idosos. E nós pouco podemos fazer para o evitar. A colheita de batatas estragou-se, também na Vila dos Tecidos comemos couves-nabiças e legumes cozidos. As quantidades nas senhas de racionamento de comida são cada vez mais pequenas e quem não tiver dinheiro nem sequer estas poucas coisas pode comprar.

Mordeu os lábios, tivera a intenção de não se queixar de nada a Paul, pois sabia que ele vira e vivera muito pior. Mas acerca disso ele não dissera uma só palavra até então, a alegria do reencontro tivera precedência. Ele esgueirara-se muito cedo de manhã do quarto do casal, silencioso como um ladrão, já que não queria perturbar-lhe o sono. Oh, como ela o repreendera por isso. Estivera simplesmente a dormir duas horas inteiras do precioso tempo que tinham para estar juntos; é verdade que a seu lado e nos seus braços, mas sem o saber, sem o poder acariciar, tocar naquele corpo amado que tão bem conhecia, respirar com ele, tornar-se uma com ele. Algo que eles já tratavam de recuperar abundantemente quando se ouviu Auguste a caminhar às apalpadelas pelo corredor em busca de uma toalha de mesa da lavandaria.

Auguste pusera a salamandra da casa de banho a funcionar e enchera a banheira. Paul não descansou enquanto Marie não se lhe juntou dentro da tépida água com sabão, nua como Deus a pusera no mundo, onde fizeram coisas maravilhosas e altamente chocantes e consideradas indecentes mesmo para as pessoas casadas. Apenas as pancadas iradas do dono da casa na porta vieram pôr fim ao banho matrimonial. Sentaram-se dentro da água

que baloiçava para cima e para baixo, como crianças apanhadas a fazer asneira, e riram-se como tolos.

– Sim, papá. Nós já vamos!

O pequeno-almoço tornou-se uma feliz festa de reencontro, o pai e a mãe apertaram o filho contra si, e apenas Lisa, que se lhe lançou nos braços a soluçar, perguntou mais tarde se Paul teria trazido consigo da França certas «inovações» no que respeitava aos seus hábitos de higiene. Era sabido que os franceses tinham costumes muito relaxados... Mas Paul estava demasiado ocupado para se deixar irritar, já que Dodo e Leo se haviam simplesmente apoderado dos seus joelhos.

O telefonema de Gertrude Bräuer veio acabar com o alegre pequeno-almoço em família e tanto Paul como Marie souberam que não teriam direito a mais felicidade nenhuma.

Talvez por isso mesmo, agora que passeavam pelas ruas da cidade, Marie só conseguisse falar de coisas tristes em vez de lhe transmitir coragem, de lhe mostrar que a vida em Augsburg seguia o seu caminho, apesar da guerra e da fome.

– O elétrico já não anda, pois não? – reparou ele, de olhos postos nos carris abandonados, que há muito haviam deixado de ser polidos pelas rodas do elétrico.

– Só raramente. Às vezes na Vila dos Tecidos também não temos eletricidade, mas depois passa. Há algumas semanas, na Maximilianstrasse, houve manifestações de socialistas e outras pessoas. Mas por sorte não houve tumultos como noutros sítios.

Paul era da opinião de que esses distúrbios constituíam um grande perigo para todos. Nada era pior do que uma revolução que derrubasse a ordem do Estado e desse à população todo o poder. Quem mais sofreria com isso seriam os mais fracos e inocentes. As pessoas tinham razão nas suas exigências, havia muitas coisas que deviam ser debatidas, não podia nem devia acontecer que uns passassem fome enquanto outros serviam à mesa porco assado com almôndegas de batata.

– Mas não digas isso à mamã... Ela estava tão orgulhosa do jantar de Natal. Passámos semanas a poupar as senhas de mantimentos.

Percorreram a Karolinenstrasse e tiveram dificuldade em avançar. Havia estropiados de guerra sentados e abrigados junto às casas, sobre mantas esgaçadas, a pedir pequenas esmolas, a sapataria Max Ginsberger tinha à

venda sapatos de pele com solas de madeira, enquanto mesmo ao lado eram oferecidos dois pares de botas com «solas de borracha genuínas» a preços exorbitantes.

Havia crianças aglomeradas em pequenos grupos e Marie sabia que algumas eram hábeis ladrões. Faziam-no por fome, alguns daqueles pequenos eram só pele e osso.

Paul pestanejou de encontro ao sol oblíquo do meio-dia que procurava raiar por entre as nuvens cinzentas. A torre de Santo Ulrico, com a sua cúpula verde em forma de cebola, rasgava o céu, alheia ao destino dos homens, e também o Hércules da fonte baloiçava a sua maçã como se tivesse a obrigação de atirar ao chão todos os inimigos do império.

– É muito possível, Marie... – disse Paul sem olhar para ela. – É muito possível que seja alcançado um acordo de paz. Está a haver esforços por iniciativa do governo dos Estados Unidos, até mesmo propostas concretas, é o que se diz. Podemos apenas manter a esperança de que vençam a sensatez e a ponderação.

Marie também ouvira falar desses esforços. Johann Melzer referira-os e adicionara ainda que tinha pouca fé neles. Que os generais Hindenburg e Ludendorff eram demasiado obstinados, os militares continuavam convencidos de que poderiam ganhar aquela guerra sem saída. Bastava na verdade ler os jornais, repletos de notícias a relatar os muitos êxitos em todas as frentes. Quem sabe se esses êxitos diriam respeito apenas aos casos em que se conseguira repelir o ataque do adversário...

– Os soldados há muito que já não querem combater – disse Paul. – Não se pode dizer isto em voz alta, Marie, mas a maioria não deseja outra coisa do que poder regressar a casa em paz. E não são apenas os combatentes alemães a pensar assim. Houve rebeliões na França, na Itália também há agitações e na Rússia as tropas abandonam os seus oficiais. A terra está saturada de sangue e cadáveres, jazem todos na lama a decompôr-se, sem sepultura, sem que seja honrada a sua memória. São simplesmente dados como desaparecidos e os familiares mantêm a esperança, quando há muito já não há esperança nenhuma...

Ele parou e abanou a cabeça, como se visse algo diante de si total e absolutamente inconcebível. Preocupava Marie que ele tivesse vivido e sofrido tanto, uma carga que ela não podia dividir com ele. Era um abismo

entre eles, uma terra cinzenta feita de silêncio na qual ele talvez nunca a deixaria penetrar.

– Vamos passear pela cidade antiga – sugeriu Paul. – Gostava de passar pela Árvore Verde e andar pelas ruelas até à Porta de Jakob, como costumávamos fazer.

Marie acedeu ao seu desejo, apesar de ter pouca vontade de rever as casas velhas e o restaurante degradado. Haviam passado entretanto três anos desde que o jovem senhor Melzer defendera ali a ajudante de cozinha Marie contra um empregado furioso. Na altura nenhum dos dois fazia ideia de que Marie era filha do genial construtor Jacob Burkard, a quem a fábrica de tecidos Melzer devia as suas extraordinárias máquinas. Quando Paul depois a acompanhou até à Porta de Jakob, estava já tão apaixonado que, ao despedir-se, quase sucumbiu à tentação de a beijar. Isso foi algo que só veio a acontecer mais tarde.

Virou na Maximilianstrasse para uma das ruelas estreitas e logo poucos passos mais adiante haviam entrado num mundo diferente. Aqui as construções baixas e decadentes inclinavam-se umas sobre as outras, os telhados haviam sido tomados pelo musgo e estavam esburacados, regos profundos haviam sido escavados na estrada, nas entradas das casas havia figuras que observavam fixamente aqueles passeantes bem vestidos. Marie sabia que alguns dos operários das fábricas de têxteis despedidos se haviam instalado naquele bairro. Mulheres e crianças, velhos e doentes residiam ali em quartos húmidos, os homens estavam na guerra, apenas meia dúzia de estropiados haviam regressado a casa.

– Está com pior aspeto do que antes – disse-lhe Paul baixinho. – O papá não mandou remendar os telhados e arranjar as salamandras?

Noutros tempos, Johann Melzer comprara a Árvore Verde e alguns edifícios adjacentes. Mas Marie duvidava que tivesse despendido dinheiro em obras de renovação. A situação da fábrica não era de todo famosa, como haveria de sobrar dinheiro para investimentos supérfluos como esses? Tanto mais que os habitantes mal conseguiam pagar a renda.

– É melhor voltarmos para trás, Paul.

Ele abanou a cabeça e continuou em frente, olhou com repugnância a imundície que fora vertida no meio da rua, desviou-se de uma ratazana que se esgueirou para fora de um respiradouro.

– Não está a sair fumo de quase nenhuma chaminé.

– É claro que não – retorquiu Marie. – Aqui ninguém tem dinheiro para comprar carvão e a lenha também é cara.

Contornaram a esquina e foram forçados a desviar-se de um grupo de garotos que não fizeram menção nenhuma de lhes abrir caminho. Não teriam seguramente mais do que catorze ou quinze anos, usavam os casacos e os gorros dos pais e estavam ali parados de mãos enfiadas nos bolsos numa atitude desafiadora e hostil.

– É o diretor Melzer. Da fábrica de tecidos – disse um rapaz mais crescido de cabelo crespo ruivo. – Prometeu um aumento de salário à minha mãe. E que fez ele? Despediu-a!

– Cala essa boca! – ciciou um rapaz baixinho, vestido com um casaco demasiado largo.

– É que nem penses! Este vem aqui cobrar a renda, é por isso que aqui está.

Marie sentiu que Paul queria parar, mas puxou-o e incitou-o a continuar. Não era possível conversar com aquela gente desafortunada. As dificuldades haviam-nos deixado cegos e surdos, estavam cheios de ódio e não queriam ouvir nenhum tipo de explicações.

– Não levas de nós um só tostão, sua sanguessuga!

– Vem, vem até nossa casa, seu empertigado vaidoso. A minha irmã tem três amantes todas as noites para nos poder comprar pão. Quem sabe se também tens vontade de a visitar.

– Vê lá se te calas, Andi. Está uma senhora com ele.

Paul parou para dizer alguma coisa, mas mal abriu a boca uma pedra passou a rasar a seu lado, embatendo contra a parede de uma casa. Um cão ladrou, alguém abriu uma janela, a voz quebradiça de uma velhinha derramou um sem-fim de insultos sobre eles.

– Vão-se embora, seus estafermos! Mandriões! Cobardes! Bêbedos e fornicadores...

Não era totalmente claro se ela se referia aos rapazes ou ao casal bem vestido, mas o balde que pousou então no parapeito da janela fez os rapazes procurarem abrigo nas entradas das casas.

– Corre! – gritou Marie energicamente, arrastando Paul consigo.

Precipitaram-se a correr pela ruela fora, passando por residentes curiosos que haviam aberto portas e janelas devido ao ruído. Enquanto passava por eles a correr, Marie reparava nos seus rostos pálidos, nas faces chupadas, nos

olhos sem esperança. Crianças choravam, ouviam-se imprecações, uma ou duas vezes uma pedra voou em sua perseguição.

Sem fôlego, deram por si novamente na Jakoberstrasse, permaneceram na paragem abandonada do elétrico e procuraram acalmar-se.

– Perdoa-me, Marie. Fui eu quem nos colocou numa situação tão infeliz e tão perigosa.

– Eu ainda me lembro de como era esta zona antigamente. Já antes as pessoas aqui eram pobres, mas com a guerra instalou-se uma miséria terrível.

Seguiram lentamente na direção da Porta de Jakob, encontraram o lugar onde em tempos estiveram lado a lado, mas as recordações românticas simplesmente não queriam voltar. Paul estava zangado, sentia-se injustamente acusado e irritava-se por ninguém lhe ter dado a oportunidade de repor a verdade. Porque ninguém explicava nada a estes jovens? Ele, Paul Melzer, dar-lhes-ia de muito bom grado trabalho e pão, mas era soldado e a fábrica debatia-se para sobreviver. Teria ele culpa de ter de cumprir serviço militar na Rússia? Era ele o responsável por aquela terrível escassez de alimentos? Por as batatas se terem estragado? Marie teve dificuldade em acalmá-lo. Não era possível conversar com aquela gente desafortunada, era preciso ajudá-los. Mas como? As sopas dos pobres e as recolhas de donativos das associações de beneficência e de senhoras eram uma gota de água sobre uma pedra a esquentar. A maior parte dos alimentos, a roupa quente, tudo isso seguia para a frente da guerra para conservar as energias dos soldados para o combate. Nas cidades, entretanto, as pessoas passavam fome.

– Isto não acontece apenas na Alemanha – disse Paul, que enfiara as mãos nos bolsos do casaco e caminhava ao lado dela ligeiramente curvado. – Também na Rússia há pessoas a morrer de fome. E nos outros países passa-se a mesma coisa. Meu Deus, ansiamos todos tanto pela paz!

Marie manteve-se em silêncio. O céu carregava-se de novo de cinzento e pesava sobre a cidade, o sol desaparecera, o dia prometia ser frio e nublado. Também ela abrigara as mãos rígidas de frio nos bolsos do casaco, caminhava a passos largos e olhava constantemente para os edifícios da fábrica de máquinas, onde as chaminés estreitas e altas lançavam um fumo escuro de encontro ao céu. A quantidade de carvão que ali se queimava para as máquinas a vapor podia ser usada para aquecer uma boa parte das casas da cidade velha. Mas depois lembrou-se de que também na fábrica de

tecidos Melzer havia uma máquina a vapor alimentada a carvão que servia para fabricar tecidos de papel e ficou sem saber se era ou não correto o que estavam a fazer.

– Céus! – exclamou Paul subitamente quando já haviam alcançado o grande portão de acesso à Vila dos Tecidos. – Amanhã é o fim de ano. Quase me esquecia!

– Sim – confirmou ela e olhou-o, sorridente. – Um novo ano. Tenho a certeza absoluta de que 1917 vai ser um ano de paz.

⁶ Família da alta burguesia alemã sediada em Augsburg que desempenhou um papel dominante na vida económica alemã e europeia nos séculos xv e xvi. (*N. da T.*)

Oh, como odiava os Melzer! Aqueles arrogantes porcos industriais que achavam que podiam mandar na sua vida. Não tinham o direito! Não era da conta deles se ela ia parar à prisão ou se seria enforcada como meretriz dos russos. Era a vida dela. O seu amor. A sua morte!

Hanna percorreu o caminho todo a soluçar num desespero desorientado, arrastando o maldito carrinho de mão pela neve acabada de cair, como se fosse um inimigo rebelde. Eram tantas as lágrimas que nem viu Gerda a caminhar na sua direção.

– Hanna! Que te fizeram eles? – abordou-a Gerda, que era a ajudante de cozinha na casa do doutor Wiesler.

– Absolutamente nada – respondeu ela em tom de desafio. – É só o frio, dá-me sempre vontade de chorar.

– Ah, pois... Pensei que fosse por causa do senhor Bräuer. Morreu em combate, não foi?

Hanna fungou e limpou o rosto com as costas da mão. Não melhorou grandemente as coisas, já que tinha o nariz a correr.

– O senhor Bräuer? Sim, morreu.

Lembrava-se apenas vagamente de Alfons Bräuer. Era simpático, e também generoso, deixava sempre várias moedas grandes no prato destinado aos serviçais. Não era um homem bonito, era um tanto ou quanto anafado e também usava óculos. Se calhar fora esse o motivo, era seguramente um estorvo quando um soldado não via bem.

– Enfim, todos os dias são anunciadas mortes. A minha pobre patroa perdeu três filhos, tombaram logo no início. Estavam tão entusiasmados com a ideia de salvar o imperador e a pátria e atiraram-se para a frente das balas...

Hanna esfregou as mãos frias, com esperança de que Gerda seguisse finalmente o seu caminho. Mas ela tagarelava simplesmente sem parar, dizendo que também no hospital da esposa do coronel Von Sontheim se morria até mais não, no dia anterior o tifo levava dois pobres rapazes e três outros estavam nas últimas cheios de febre.

Por um instante surgiu diante dos olhos de Hanna a terrível imagem de um Grigori doente e febril, lívido, o cabelo negro colado à testa, o peito a subir e a descer a intervalos curtos. Mas não, ninguém dissera que ele estava doente. Simplesmente não estava na fábrica. Por momentos ela nutrira a esperança de que apenas tivesse sido incumbido de um trabalho que não pudesse interromper. Mas os olhares maldosos das duas operárias e a pena nos rostos dos camaradas haviam-lhe indicado que não havia motivo para ter esperança.

– Estás à procura do teu amante, Hanna Couve-Nabiça?

Ela conhecia aquela operária, uma cabra ressequida de cabelo eriçado e um comprido nariz aquilino, como uma bruxa. Já há muito tinha inveja e agora celebrava o seu triunfo.

– Esse já não volta. Mandaram-no embora. Porque tinha piolhos. Não se lavava, o fulaninho.

Era uma mentira maldosa. Grigori aproveitava todas as oportunidades para se lavar minuciosamente, o que, com o frio que fazia, não era seguramente agradável. Fazia-o por ela, para que não emanasse nenhum odor desagradável. Lavava até o cabelo.

– Até parece que sabes alguma coisa! – berrou ela na cara da mulher.

Mas esta limitara-se a soltar uma gargalhada e depois dissera que se podia dar por felizarda por o assunto ter acabado tão bem para ela. Tinha a agradecer à senhora Melzer, fora ela a garantir que o russo fosse levado dali para fora.

Oh, agora Hanna odiava tanto Marie Melzer! Divertia-se com o marido na casa de banho, mas invejava à ajudante de cozinha a sua felicidade no amor. Hanna tinha conhecimento porque Auguste no dia anterior havia descrito com grande pormenor o estado em que ficara a casa de banho.

– Tenho de ir andando! – disse ela a Gerda e empurrou o carrinho de mão, fazendo tilintar a tampa do tacho.

Onde estaria ele? Não quisera perguntar às operárias, ter-se-iam apenas deleitado com o seu desespero. E os guardas encolhiam os ombros. Mas de

certeza que eles sabiam muito bem onde ele estava. Mas não diziam nada. Provavelmente os Melzer haviam-lhes proibido de revelar o paradeiro de Grigori. Suspirou profundamente, ajustou o lenço mais junto à cabeça e olhou para a fábrica de papel Hayndl. Tê-lo-iam levado para trabalhar ali? Ou então na MAN, onde fumegavam as chaminés? Tinha os pés mortinhos por correr até lá à sua procura. Por lhe dizer que o amava. Que sem dúvida nenhuma depois da guerra iria com ele para Petrogrado. Mesmo que agora já não se pudessem ver, quando a guerra terminasse ela pôr-se-ia a caminho. Grigori Shukov, era assim que se chamava. Sabendo o seu nome, seria fácil encontrá-lo em Petrogrado.

Mas se calhar teria sido mandado para a prisão? Os Melzer haviam feito queixa dele e ele agora estaria à espera do fim. Um tiro na nuca. O cadafalso. Mas nesse caso teria sido julgado. Não, não queria acreditar que Grigori tivesse de morrer. Depois de amanhã, quando se voltasse a laborar, ela tentaria questionar os camaradas. É verdade que não falavam uma palavra de alemão, mas decerto compreenderiam.

Subiu a custo com o carrinho de mão o acesso à Vila dos Tecidos e irritou-se com a neve que caíra durante a noite. Logo de manhã tivera de limpar a entrada da Vila com a pá; seguramente agora receberia ordens de libertar de todo aquele manto branco o caminho de acesso à entrada das traseiras. Enquanto não estivessem disponíveis criados de casa e também o jardineiro, sobrecarregava-se a ajudante de cozinha com todos os trabalhos pesados. Auguste havia entretanto brincado com as crianças na neve, puxara-os no trenó e construía bonecos de neve. A Vila dos Tecidos transformara-se num infantário, andavam por ali à solta, não apenas os pestinhas de Auguste, como também os gémeos já caminhavam sobre as suas perninhas gordas, e a pequena Henriette, a quem chamavam sempre apenas «Henni», gatinhava mais depressa do que os outros conseguiam correr. Ora, agora estava a ser mesmo injusta, ela gostava dos pequenos, mas naquele momento não tinha vontade nenhuma de ouvir aquela berraria feliz.

Na cozinha, Else e a senhora Brunnenmayer estavam sentadas a mexericar sobre a situação no hospital, onde uma das enfermeiras andava entretanto metida com um oficial. Hanna levantou o tacho vazio do carrinho e levou-o para a pia, lavou-o muito bem com água quente que havia sempre na gamela

do fogão da cozinha e voltou a colocá-lo no lugar. Dado que as duas mulheres não lhe ligaram nenhuma, esgueirou-se pelas escadas de serviço e subiu o mais silenciosamente possível até ao terceiro andar, onde ficavam os quartos dos serviçais.

Nem que fosse por apenas meia horinha, queria soltar imprecações na sua cama, enfiar a cabeça na almofada e tapar-se com o cobertor. Permanecer deitada naquele inferno escuro, onde ninguém a poderia encontrar nem alcançar. E depois simplesmente chorar. Deitar cá para fora o desgosto, a saudade e o desamparo, o desespero, até não lhe restar um pinga de água no corpo. Depois sentir-se-ia melhor.

Contudo, quando abriu cautelosamente a porta do quarto, para seu grande espanto deu com Maria Jordan.

– Que está a fazer no meu quarto?

Maria Jordan sobressaltou-se com a entrada repentina de Hanna, mas recompôs-se rapidamente.

– O teu quarto? – perguntou, erguendo as sobrancelhas bem alto, como fazia a menina Schmalzler quando algo não lhe agradava. – Morei neste quarto praticamente vinte anos, minha querida. E, já que falamos nisso, este quarto é mais meu do que teu.

Hanna já não compreendia o mundo. É certo que no início tivera de partilhar aquele quarto com Maria Jordan. Mas depois ela fora para a casa dos Von Hagemann e Hanna ficara com o quarto só para si.

– Não tem... Não tem nada que estar aqui – gritou ela, revoltada. – Afinal de contas já não trabalha na Vila dos Tecidos.

Maria Jordan abriu muito calmamente o fecho da sua mala de viagem azul-clara e separou os cabides. Com um movimento enérgico, trouxe à luz uma pilha de compridas camisas de noite engomadas e pousou-as na segunda cama que estava por utilizar. Seguiu-se um estojo de tecido com lenços de assoar, três pares de meias de seda, cuecas compridas com rendas...

– Não tem o direito de se instalar aqui – resmungou Hanna, agarrando nas camisas de noite para as enfiar de novo dentro da mala.

– Eu trabalho aqui, por isso moro também aqui! – insistiu Maria Jordan, agarrando-se à sua roupa de dormir.

– Isso é mentira! Vem cá três vezes por semana para costurar. No resto do tempo trabalha em casa da senhora Von Hagemann.

– A senhora Von Hagemann vive aqui na Vila dos Tecidos!
– Mas tem uma casa na Bismarckstrasse!
– Mas não mora lá!
– Mas é onde a Maria mora! – berrou Hanna, furiosa. – Tem lá o seu quarto.

Maria Jordan tirou-lhe as camisas de noite com um sacão firme, deixando um botão preso nas mãos de Hanna.

– Não faças barulho – disse ela a Hanna, esticando os lábios. – Que te incomoda se eu dormir aqui? Ou querias trazer o teu amante russo aqui para o quarto?

Hanna ficou petrificada de horror. Como sabia aquela serpente acerca de Grigori?

– Na sala de costura ouve-se todas as conversas que se tem no corredor, minha querida – disse Maria Jordan com um sorriso maldoso, abrindo a gaveta do meio da cómoda. – Mas eu não sou o tipo de pessoa que dá com a língua nos dentes. Eu não conto a ninguém o teu caso das couves-nabiças e tu não dizes nada sobre o sítio onde passo a noite. – Sem se deter, tirou a roupa interior de Hanna da gaveta para aí guardar as suas coisas. Hanna ficou a observá-la com uma fúria impotente. Mas que dia aquele! Aquele ano ia acabar mal, disse não havia dúvida.

Lá em baixo, na cozinha, a cozinheira dera entretanto início aos últimos preparativos para o jantar de fim de ano. Fora antes intenção dos patrões fazer a festa em casa dos Bräuer, mas na sequência da notícia da morte iam ficar na Vila dos Tecidos para «receber o ano novo com toda a tranquilidade». Com inveja, Hanna observou a cozinheira a tirar três gordas carpas, cortando-lhes as cabeças, as caudas e as barbatanas, para com elas fazer uma sopa, tirando ainda da prateleira diversas latinhas com especiarias saborosas e bem guardadas que só havia à venda às escondidas e por muito dinheiro.

– Vai à cave buscar um cesto de cenouras. Cinco cebolas grandes. Um pote cheio de batatas... E depois também preciso de lenha.

A senhora Brunnenmayer passou a tarde toda a pressioná-la e a ralhar com ela pela mínima coisa. Hanna já sabia como era, a cozinheira tornava-se sempre insuportável quando cozinhava uma grande refeição, tinha mas é

de ficar de boca fechada, caso contrário só pioraria ainda mais as coisas. Abrir latas de legumes, cortar cebolas, lavar cenouras, descascar batatas... Na cave da Vila dos Tecidos eram guardados muitos alimentos que a jovem senhora Melzer providenciava em quantidade. Mais tarde, Auguste juntou-se a elas com as crianças e ajudou a misturar a salada de peixe destinada aos internados no hospital, que continha na verdade mais couves-nabiças e beterraba do que propriamente arenque. Hanna tinha permissão para decorar a grande taça com ovos cozidos e polvilhar com um pouco de salsa.

A sopa de peixe emanava um aroma decididamente saboroso a folhas de louro, pimenta-da-jamaica, grãos de pimenta e alho. Agora também Else chegava à cozinha, estivera lá em cima a pôr a mesa na sala de jantar e mais tarde deveria servir à mesa com Auguste. De início, Hanna ficara desiludida, pois gostava de servir, mas agora estava contente por ter sido poupada à tarefa. Os seus pensamentos estavam constantemente em Grigori, onde poderia estar, se estaria bem, se pensaria nela. Sobretudo, passava o tempo a matutar numa forma de o encontrar...

Quando as festividades começaram lá em cima, Auguste comunicou que a jovem senhora Bräuer não chorava assim tão seriamente a perda do marido. Estava bastante divertida, bebia vinho branco e tomava conta das conversas.

– Se o meu Gustl tivesse morrido, não ia conseguir andar por aí tão contente – disse ela com desdém.

Entretanto também o velho Bliefert viera até à cozinha, já que não queria passar o fim de ano sozinho na casa do jardim. Como contributo para a conversa disse apenas que não se deveria julgar a jovem senhora pelas aparências.

– Sim, decerto, avô – troçou Auguste. – Tomas o partido da linda Kitty. A pobre viúva que vai herdar com a cunhada todo o património dos Bräuer. Se querem saber: é uma pessoa fria e sem coração.

– E tu transpiras inveja por todos os poros! – repreendeu-a a cozinheira.

Apesar de tudo, foi uma noite muito divertida. Quando a governanta por fim apareceu, começaram a sua refeição, composta pelos restos da mesa dos patrões e um gulache para o qual todos haviam oferecido as suas senhas de carne. Hanna comeu com apetite, nem o seu desgosto amoroso lho conseguia tirar. Teria no entanto gostado de pôr um pouco de lado para Grigori, mas com todos ali sentados juntos dificilmente seria possível naquele momento. E também não sobraria nada, isso era certo.

Depois da refeição, quando Hanna punha a louça dentro da pia e o grande jarro de ponche dava a volta à mesa, Maria Jordan tentou convencer a menina Schmalzler a permitir-lhe deitar as cartas só naquela noite. Mas como praticamente ninguém tinha vontade, foi uma tentativa em vão. Ao invés, a menina Schmalzler decidiu questionar Maria Jordan intensivamente, perguntando se já falara com a jovem senhora Melzer e, quando a inquirida respondeu com hesitação que tinha a intenção de o fazer no ano novo, a menina Schmalzler abanou a cabeça com irritação.

– Não me agrada esta situação, menina Jordan. Passa o dia aqui sentada na cozinha com o pessoal da Vila dos Tecidos, mas na verdade pertence ao pessoal da casa dos Von Hagemann. Falou pelo menos com a senhora Alicia Melzer?

Não, Maria Jordan andara a evitá-lo até então. Defendeu-se dizendo que, afinal de contas, Elisabeth von Hagemann vivia ali na Vila dos Tecidos e que precisava dela como camareira.

– Mas posso partir do pressuposto de que pernoita na Bismarckstrasse?

– Mas é claro, menina Schmalzler.

Como sabe mentir, pensou Hanna. Na verdade, eu devia mas é atirar-lhe as coisas todas pela janela, era muito bem feito. Mas depois ela vai contar a toda a gente sobre o Grigori...

– No seu lugar eu não esperaria muito tempo para ter essa conversa – aconselhou Eleonore Schmalzler. – Neste momento o jovem patrão está de licença em casa e a jovem senhora Melzer está seguramente muito contente.

– Lá isso é verdade, Jordan – opinou a cozinheira. – Devia aproveitar a boa disposição.

Else observou que não era de crer que a jovem senhora Melzer guardasse ressentimentos em relação a Maria Jordan, recebendo um olhar maldoso da parte desta. Hanna já há muito compreendera que era a própria Maria Jordan quem não conseguia perdoar, a velha bruxa.

– Mas acabou-se esta conversa! – decidiu Eleonore Schmalzler. – Vamos distrair-nos com alguns jogos. E que tal o jogo do anel?

Ela própria estendeu o seu anel de ouro, que foi enfiado ao longo de um cordel comprido cujas extremidades foram depois atadas. Um jogador ficava ao meio e todos os outros tinham de tocar no cordel e mexer as mãos de um lado para o outro, de modo a deslocar o anel o mais discretamente possível. E cantava-se «Anelzinho, anelzinho, sempre a avançar...».

Quando a canção terminava, todos paravam e o jogador ao centro tinha de adivinhar quem tinha o anel naquele momento. Um jogo tolo, pensou Hanna. Mas, como a menina Schmalzler gostava tanto, apenas por ela jogaram durante algum tempo. Em seguida, o velho jardineiro pediu a tradicional molibdomancia, a arte da adivinhação com chumbo derretido, e a governanta viu-se num conflito com a sua consciência, já que aquele antigo costume era na verdade muito pouco cristão e não particularmente bem-visto pela Igreja.

– Há que manter as velhas tradições – insistiu Bliefert.

Por fim, Eleonore Schmalzler acabou por ceder.

Quase lhes passava ao lado a celebração da passagem de ano. Só quando os patrões chamaram Auguste a pedir o champanhe fresco eles deram conta de que faltavam apenas poucos minutos.

Prepararam-se todos, uma vez que, segundo o costume da casa, pouco depois da meia-noite os empregados eram chamados a subir por breves instantes. Haveria um copo de champanhe e um breve discurso do senhor da casa, e ainda uma oferta de Ano Novo, por norma um pequeno valor em dinheiro.

Mas naquele dia tudo foi diferente.

Um grupo de jovens decidira fazer um passeio de trenó e, não muito longe da Vila, lançaram fogo de artifício. Não era nada de invulgar, também lá adiante em Augsburg se viam subir os foguetes, como quem anuncia de longe: Não nos deixamos abater – e agora muito menos!

– Menina Schmalzler! Ajuda! Venha por favor... – A enfermeira do turno da noite do hospital abriu a porta da cozinha de rompante, tinha o rosto lívido e apavorado.

– Que aconteceu, Thilde?

Nem era preciso explicar mais nada, uma vez que até na cozinha se ouviam agora os gritos.

– Estão fora de si. Batem nos outros doentes. Nas mesas, nas camas...

Alguns dos doentes, ao ouvir os estrondos, haviam sido tomados pela alucinação de que estavam novamente na frente de batalha. Um jovem soldado arrancou as ligaduras, outro sacudia o corpo todo e gritava muito alto: «Ao ataque! Em frente! Vamos lá, seus mariquinhas preguiçosos. Em frente!» Um soldado que acabara de ser operado fora particularmente afetado, já que saltara da cama e logo depois colapsara, tendo perdido os

sentidos. A menina Schmalzler chamou Else, Hanna e a cozinheira, também o velho Bliefert tentou ajudar. Unindo as suas forças e muita arte de persuasão, conseguiram por fim sossegar os homens.

– Malditos foguetes! – praguejou a cozinheira. – Como se lá fora nos campos de batalha já não se ouvissem disparos suficientes.

Exceccionalmente, os empregados subiram lá acima em pequenos grupos para receber os seus presentes, já que alguns tinham de permanecer no hospital, para o caso de eclodirem novos tumultos. Hanna ficou uma hora na enfermaria, sentada numa cadeira diante das portas do terraço. E, apesar de lhe ter sido oferecido um cobertor de lã, tremia miseravelmente de frio. O pior era o medo de algum daqueles pobres feridos começar de novo a gritar e a deambular por ali como um louco. Mas tudo permaneceu em sossego, talvez porque a menina Schmalzler teve a ideia de dar aos homens alguns copinhos de aguardente. Tudo por uma questão de saúde, evidentemente.

Cerca das duas horas, Else veio render Hanna, que adormecera na cadeira mal se sentara. Hanna tinha à sua espera a louça para lavar e passava já das três da manhã quando finalmente subiu para o seu quarto. Aí chegada, constatou que Maria Jordan já se deitara e que tomara posse do edredão de penas novo. Hanna estava demasiado cansada para se aborrecer com isso, nem o ruidoso ronco da antiga camareira a incomodava. Ainda meio vestida, enfiou-se dentro da cama e encolheu-se toda a tremer, já que estava frio no quarto por aquecer. Fechou os olhos e viu o rosto de Grigori diante de si, mas o sono chegou tão depressa que nem sequer teve tempo de lhe desejar «Boa noite» e «Bom Ano Novo». Caiu como uma pedra num domínio escuro e sem sonhos, liberta de todas as preocupações e alegrias.

– Hanna! Acorda! Depressa!

Só vagamente ouvia as palavras que a apressavam, plenamente convencida de que seria um sonho. Não podia mesmo ser a menina Schmalzler quem lhe batia à porta.

– Hanna! Estás acordada? Veste-te, tens de ir chamar o médico. Ele não atende o telefone...

Piscou os olhos na penumbra do quarto. Era ainda noite ou, no máximo, de madrugada. Alguém abrira uma frecha na porta do quarto, via-se um feixe de luz.

– Diz que te vais levantar, sua estúpida – sibilou Maria Jordan na cama a seu lado. – Rápido. Antes que ela ilumine o quarto com o candeeiro!

A cabeça de Hanna estava cheia de um nevoeiro cinzento, conseguia perceber apenas que a estavam a acordar a meio da noite. Que se passava? Ir chamar o médico? Caminhar na neve com aquele frio gelado de inverno?

– Vou... vou já.

– Veste roupa quente! – ordenou a menina Schmalzler, que agora espreitava para dentro do quarto pela frecha da porta. – Botas e gorro. Tens de ir buscar o doutor Greiner!

– Despacho-me num instante, menina Schmalzler.

A porta fechou-se novamente e Hanna acendeu o candeeiro a gás para se vestir. Na cama do lado surgiu novamente o rosto pálido de Maria Jordan sob o edredão. Que pena a menina Schmalzler não a ter descoberto! Nesse caso, não teria sido culpa sua.

– Ir buscar o médico – sussurrou Maria Jordan. – Aconteceu alguma desgraça. Se calhar perdemos o velho senhor Melzer.

Hanna não se dignou a dirigir-lhe qualquer palavra. Furiosa, pôs o vestido, o casaco, envolveu-se com o xaile de lã. A bota esquerda tinha um buraco, mas disso ninguém queria saber. Porque tinha de ser logo ela a caminhar no escuro? Porque não Else ou Auguste? Oh, se Humbert ainda estivesse na Vila dos Tecidos, teria de ser ele a sair agora.

– Toma cuidado para que ninguém te mate no escuro – alertou Maria Jordan compassivamente, virando-se então de lado para continuar a dormir.

Hanna desejou que tivesse pesadelos e desceu as escadas de serviço aos tropeções. Não havia vivalma na cozinha, no fogão havia um jarro com um resto de chá de hortelã morno. Verteu um pouco num copo e bebeu, para pelo menos melhorar o sabor que tinha na boca.

– Aí estás tu!

A menina Schmalzler estava de camisa de noite branca, trazia uma manta de lã axadrezada aos ombros e, na cabeça, tinha uma touca de renda antiquada. Hanna achou que tinha o rosto enrugado, o nariz parecia mais comprido do que antes e também mais fino.

– O doutor Greiner mora na Annastrasse, número trinta e três. Sabes como lá chegar? Leva o candeeiro, ainda está escuro. E vai depressa!

– Mas que aconteceu?

– A senhora Bräuer ficou de repente muito doente. Não está nada bem.

Mais um dos seus caprichos, pensou Hanna invejosamente. Quando eu chegar com o médico, aposto que já está toda bem-disposta.

Apertou mais o lenço e saiu para o pátio pela porta de serviço. Foi recebida por um vento gelado misturado com cristais de neve finos como agulhas. A iluminação elétrica estava ligada, pelo que se via o redondel coberto de neve e, mais adiante, uma parte da alameda que conduzia do jardim até à rua. Com o seu manto de neve, as árvores pareciam espíritos bizarros a erguer os seus braços nodosos que a tentariam agarrar.

– Hanna!

Voltou-se, sobressaltada. O jovem senhor Melzer saíra pela entrada principal de gorro de pelo e casaco vestido.

– Sim, senhor... Estou a caminho.

– Fica aqui – disse ele. – Vou eu.

À luz do candeeiro exterior, ela viu que ele estava muito preocupado. Ainda assim, sorriu-lhe brevemente e apressou-se a ir-se embora.

Quando voltou à cozinha, encontrou aí a cozinheira a atizar as chamas no fogão.

– Teve um aborto – disse. – Está a esvair-se em sangue, a pobre miúda.

– *Il est complètement fou!*

Humbert ouviu a frase em francês por entre rugidos e estrondos, ouvia constantemente palavras, exclamações, piadas, grandes conversas, tudo em francês, cujo significado ele não compreendia, e até insultos. Era aquele ruído ensurdecedor que o impedia de ouvir como deve ser e compreender pelo menos parte.

– *Mais non... il fait le malin... veut nous entuber...*

Era um vigarista, um intrujão. Devia mesmo ser verdade, eles haviam descoberto e agora iam executá-lo. Era um desertor. Teria de ser enforcado por isso. Mas eles eram franceses. Deviam na realidade estar satisfeitos por ele ter desertado.

O ribombar intensificou-se, apagou-lhe os pensamentos baralhados do cérebro e ele acreditou estar preso com cordas a um avião. Por cima dele, o motor urrava e vibrava, debaixo dele estendia-se a cinzenta paisagem lunar, repleta de crateras e árvores queimadas, arame farpado, partes de corpos humanos, trincheiras como que desenhadas a régua em que se sucediam filas de capacetes cinzentos. Queria abrir os braços para sentir o vento, mas uma dor fê-lo encolher-se.

– *En avant...!*

Estava pendurado entre dois camaradas, as botas militares cinzentas arrastavam-se pelo chão. Estavam em marcha. Mais devagar do que o habitual, de forma menos determinada, os rostos desprovidos de esperança, cobertos de sujeidade, muitos usavam ligaduras. Mas marchavam.

– Olha, este recuperou os sentidos – disse o camarada à sua esquerda. – Bom dia, rapaz. Dormiste bem?

Engoliu em seco e teve de tossir, tinha a boca seca, sabia a terra.

– Vê lá se consegues andar sozinho – encorajou-o o camarada do outro lado. – Não te preocupes, nós ajudamos.

As pernas queriam ceder, à segunda tentativa já conseguiu melhor, a consciência do corpo foi regressando lentamente. Tinha a mão direita envolta num pano em que se viam manchas escuras de sangue.

– O que... – murmurou, tentando manter o passo. – Quem... Onde...

– Este caiu da Lua – observou um.

– Somos prisioneiros de guerra, rapaz.

Compreendeu e ficou aliviado. Os prisioneiros de guerra já não tinham de combater. Eram fechados em campos e dava-se-lhes comida e roupa para vestir, era um costume internacional. Tinham de trabalhar, mas já não eram mandados para a guerra. Quem fosse prisioneiro de guerra teria já passado o pior.

– Ora vês... bem, estás a andar todo trôpego.

– Levaste com um tiro na mão?

Ele não sabia ao certo. Fora atingido repentinamente, sem dor, apenas um grande abanão. E depois o sangue. E fora então que desmaiara. Mas agora sentia o palpar forte na mão ligada e, quando tentou mexer os dedos, gemeu de dor.

Nunca mais poderia voltar a servir à mesa, pensou, apreensivo. Também não poderia conduzir o automóvel. Já nem sequer consigo escovar um fato.

– Não abrandes o passo, camarada. Senão o francês armado lá atrás torna-se manifestamente desagradável. Ainda agora um pobre rapaz levou um soco no nariz do maldito apreciador de coxas de rã.

Humbert aguentou até ao campo onde passariam a noite, basicamente um prado lamacento onde os prisioneiros se deitaram muito juntos para dormir. Procurou escutar o ruído que o acompanhava permanentemente nos últimos dias e imaginou que estava junto ao mar e que o que ouvia era o som da rebentação das ondas. Quando fazia esforços, o ruído aumentava e diminuía novamente, como se uma grande onda tivesse batido contra a areia. Os camaradas em seu redor gemiam constantemente, alguns tossiam, outros tremiam de frio. Quando devagarinho amanheceu, a erva do prado estava coberta de fios brancos e delicados de geada, mas ele não sentia frio. Estava tomado pela febre.

Na tarde do dia seguinte, tiveram de o carregar, a mão parecia ter aumentado, estava enorme. Sentia como se um ferreiro estivesse ali

a martelar contra uma bigorna, enquanto o resto do corpo era apenas uma pele vazia sacudida por crises de frio e de febre. Falava incessantemente, a maioria em francês, era espantosa a quantidade de frases que o seu cérebro guardava sem que disso tivesse consciência. Agora saíam todas a jorros como um bando de pássaros selvagens e esvoaçavam pela boca fora e rumo ao céu.

Estava sempre a chover. Por vezes nevava, e então os delicados flocos de neve pousavam-lhe no rosto quente e faziam-lhe cócegas.

– *Mettez-le là! Laissez-le dormir!*

– Tem febre. *La fièvre... Sa main est cassée...* Mão estragada.

Ficou muito contente quando finalmente o deixaram em paz. Era agradável ficar deitado num posto de descanso, muito quieto, sem abalos, sem marchas, sem ninguém a arrastá-lo de um lado para o outro, a exigir que desse pelo menos alguns passos. Viu diante de si um vasto prado de verão, as ervas e as flores baloiçavam suavemente ao sabor do vento, as papoilas vermelhas estavam resplandecentes, pelo meio havia agriões-dos-prados, os dentes-de-leão amarelos espreguiçavam-se em hastes altas e flexíveis. Pequenas borboletas azul-claras bailavam sobre as flores, enxameavam-se em redor como nuvens fofas, pousavam nas ervas finas que se vergavam sob o seu peso esvoaçante. Ascendia um odor de erva fresca e terra quente, uma brisa suave de essência de rosas... Essência de rosas... Era o sabonete que usavam na Vila dos Tecidos, pousado sempre na saboneteira sobre a banheira, uma saboneteira de porcelana branca com a forma de uma folha, fixada à parede de azulejos brancos. Ele aspirou o aroma e quis agarrar o pedaço rosado de sabonete, mas uma dor infernal na mão direita veio apagar subitamente todas as suas belas fantasias. Piscou os olhos perante a luz intensa de um candeeiro, à sua frente estava o rosto de um homem. Largo, coberto de suor, olhos pequenos e atrás daquela luminosidade acutilante usava óculos redondos com armação metálica.

– A ferida gangrenou... esperou-se demasiado tempo... porque não disseram logo...

Humbert abriu a boca e disse algo que nem ele mesmo compreendeu realmente. Sabonete. Papoilas. *Merde. La guerre. Cochon allemand...*

Os pequenos olhos eram azul-claros e, ao centro, havia um ponto preto. Penetravam-lhe o crânio e vasculhavam-lhe o cérebro. Lá dentro estava tudo

baralhado, isso ele sabia. Mas sentia-se confrangido por aquela pessoa ver toda aquela desordem e por o julgar.

– Pouca esperança... tirar a mão... única hipótese...

– *Il ne comprend pas... ne pardons pas notre temps.* – Humbert avistou um jovem vestido de branco, magro, de cabelo escuro e suíças, os olhos escuros brilhavam sob a luz do candeeiro. Então, pouco antes de lhe estenderem um pano branco sobre o rosto, viu algo a relampejar. Aço polido, estreito e afiado.

– Não! – berrou e encolheu-se. – Não, não me tirem a mão! Não quero. *Je ne veux pas.* Prefiro morrer. *Mourir. Laissez-moi ma main!*

De repente, assomou dentro de si uma força descomunal. Esperneou e ouviu tilintar, bateu com os punhos, contorceu-se como uma enguia e deslizou da mesa de operações para o chão. Endireitou-se, apoiou-se na mão doente sem sentir a dor, sacudiu uma mão que o agarrava pelo ombro, quis sair porta fora e acabou por embater num soldado gigantesco. O corpo do huno louro não se mexeu um milímetro, agarrou em Humbert pelo colarinho do casaco e segurou-o como um coelho capturado.

Já não deu conta do que lhe aconteceu a seguir. Abrira-se diante dos seus olhos uma massa de água azul-escura em cujo centro rodopiava um violento redemoinho. Não havia escapatória possível. O movimento rotativo acelerava, ele sentiu-se maldispuesto, o oceano à solta berrava-lhe dentro dos ouvidos e arrastava-lhe o corpo para o fundo. Aí andou à deriva entre algas e burgalhões, batia suavemente, aqui e ali, contra um cadáver de peixe cinzento, deslizava sobre os conveses de navios naufragados e viu raias pretas de asas majestosas a esvoaçar. Por vezes uma corrente marítima trazia-o à tona, onde a água se apresentava azul e cristalina sob a luz do Sol. Então o murmúrio surdo do mar desapareceu-lhe dos ouvidos e escutou vozes humanas.

– Deixamo-lo em paz... Pobre coitado... Não vai durar muito.

– Mas está a respirar.

– Três ou quatro horas. Depois levem-no lá para fora.

Humbert sentiu uma profunda compaixão pelo pobre rapaz que estaria para morrer em breve. Ninguém o poderia ajudar? Mas o mar suave e profundo não tardou a tomar novamente posse de si e ele mergulhou nas profundezas, sentiu a frescura e deixou-se levar para o fundo. Plantas

rodeavam-lhe o corpo, afagavam-lhe os braços e as pernas, puxavam e esticavam-lhe o cabelo.

– Já não vai ser preciso pentear este, enfermeira. Assim como assim, não tarda nada já se foi.

– *C'est un allemand? Quel est son nom?*

– Ninguém aqui sabe de onde vem nem como se chama. Fala uma baralhão de alemão e francês tudo misturado.

– *Tant pis. Un joli garçon...*

– Então e nós? Também somos rapazes bonitos!

– *Ah, tais-toi!*

Assomou vagamente à mente de Humbert que a conversa versaria talvez sobre ele. Em todo o caso, alguém lhe remexia o cabelo e, quando abriu os olhos, viu o rosto severo de uma enfermeira loura. Era efetivamente uma enfermeira, já que tinha uma touquinha branca e também um avental branco.

– *Bonjour, monsieur* – disse ela. – *Vous allez mieux?*

Se se sentia melhor? Ele levantou o braço direito para lhe tirar o pente da mão, já que lhe repuxava terrivelmente os cabelos, ele sempre fora muito sensível na cabeça. Viu então a ligadura e foi trespassado por uma memória aterrorizadora.

– A minha mão – grasnou ele. – *Ma main...*

Ele deve ter olhado para ela com um tão terrível pavor que ela pousou o pente obstinado. Pousou-lhe a mão fresca na testa e ele inalou o odor a sabão.

– *Tout va bien, mon petit. Votre main est encore là.*

Ainda tinha a mão?

– Mas... mas não a tinham...

Ela abanou lentamente a cabeça e sorriu. Um sorriso muito sério, não tinha nada de afetuoso, mas ela era na verdade uma pessoa severa, de grandes olhos azul-acinzentados e lábios finos. Ele gostou dela. Era como uma irmã mais velha perto da qual se sentia seguro.

– *Votre nom?*

– Humbert Sedlmayer... *Et vous?*

Ele teve de lhe soletrar o seu apelido quando ela o registou numa lista. Pronunciava o seu nome como «umbérr». Quando acabou de escrever, já o mar entrava ruidosamente pelos seus ouvidos adentro e, ainda que desta vez

ele se tenha defendido para não se afundar, não o conseguiu impedir. A última coisa que ainda ouviu foi o nome dela. Susan... Susanne...

Ele teria preferido ficar no fresco fundo do mar, onde não sentia dor, mas ele era como uma rolha, a força de impulsão trazia-o sempre à superfície. Aí recebeu um morno chá de camomila de uma taça com bico e também uma papa nutritiva que sabia a cenouras, batatas e castanhas. Por vezes havia café com leite, muito ralo e misturado com chicória, mas melhor do que tudo o que bebera nos últimos tempos.

Sonhou com ratazanas agachadas em buracos no chão imundo a olhar para ele de olhos brilhantes e esfomeados. Algumas saltavam para cima dele e transformavam-se em figuras humanas, espectros cinzentos e sem cabeça, meio terra, meio cadáver, amiúde também apenas fardas sem pessoas lá dentro, capacetes dentro dos quais se escondiam rostos cinzentos de ratazanas com bigodes compridos. Tinha pena daqueles animais, mas estes rosnavam-lhe e mordiam-lhe os braços e as pernas. Quando despertava destes sonhos, acreditava ouvir o ribombar dos canhões e o silvo das granadas, e mesmo quando Susanne lhe garantia que estava perto de Paris, que a frente ficava muito longe, convencia-se de que não estava enganado. Talvez aqueles ruídos estivessem tão profundamente impregnados no seu ser que de ora em diante os ouviria sempre todas as noites. Encolhia-se em pânico sob o cobertor e gemia baixinho, mas só raramente era salvo pelo desmaio libertador.

Uma manhã, quando bebia o seu café com leite, um ferido apoiado em duas muletas veio a coxear pelo corredor central da enfermaria. Fora-lhe amputado o pé esquerdo, mas parecia ter superado bem a terrível operação e avançava muito habilmente sobre as suas três pernas. Humbert só o reconheceu quando virou um pouco a cabeça e mesmo então não tinha bem a certeza de estar a ver coisas apenas nos seus sonhos.

– Gustav?

O soldado assim abordado quase perdeu o equilíbrio, mas controlou-se a tempo, deu meia-volta e, satisfeito como um miúdo pequeno, postou-se à cabeceira da cama de Humbert.

– Não acredito! Humbert! Meu velho amigo! Meu Deus, mas que coincidência!

Chorou de alegria com o reencontro e os vizinhos de cama de Humbert ficaram tão comovidos que também tiveram de limpar as lágrimas. Gustav

Bliefert, neto do velho jardineiro. Soldado há mais de dois anos, primeiro na Rússia, depois mandado para a França. Verdun custara-lhe o pé esquerdo, foi-lhe simplesmente arrancado por uma granada, levando-lhe a bota e metade das calças. Se os camaradas não o tivessem arrastado de volta para a trincheira, ter-se-ia esvaído miseravelmente em sangue algures em terra de ninguém. Um dia depois fora feito prisioneiro de guerra, quando os feridos estavam a ser transportados em camiões para o abarracamento e o motorista foi lançado para fora da estrada.

– De repente, estavam por todo o lado e disparavam sobre nós – contou ele, bem-disposto. – Naquele momento eu queria lá saber, achei que de qualquer modo já chegara ao fim. Mas a vontade do bom Deus foi outra.

Teve de coxear um bocadinho para o lado porque uma enfermeira ia a passar pelo corredor central com uma bandeja na mão para recolher os copos de café vazios. Ela deu-lhe uma descompostura, não tinha nada de estar ali e que fosse passear no outro corredor onde não se atravessava no caminho. Gustav fez repetidas vénias, sorriu e disse:

– *Oui, madame... Merci, madame... D'accord, madame.*

Não tinha intenção nenhuma de ir para o outro corredor. Ao invés, sentou-se aos pés da cama de Humbert, segurou nas muletas com uma mão e cruzou as pernas, para que o coto não tocasse no chão. Já estava bastante bem cicatrizado, só havia um sítio que ainda não estava bem. E era tão estranho acordar durante a noite com dores no pé esquerdo. O pé que algures em Verdun ficara perdido numa cratera...

Humbert assentiu cortesmente, mas achou aquela ideia muito arrepiante. Era surpreendente a descontração com que Gustav lidava com tudo aquilo, como gracejava e punha a rir os camaradas das camas ao lado.

– Antigamente eu achava que as mulheres prussianas eram as piores. Mas essas são anjinhos comparadas com estes dragões franceses.

Contou como a enfermeira francesa, uma semana depois da operação, lhe administrou óleo de rícino e o empurrou lá para fora, para a latrina. Disse que ele era um «*grand garçon*» e que seguramente conseguiria. Enfim, foi por um triz, mas ainda assim correu bem...

– Que se passa com a tua mão, Humbert? Perdeste dedos? A bala entrou e saiu?

Comparado com os muitos feridos graves, Humbert sentiu-se muito ridículo. Sim, entrou e saiu. O médico era um tipo fantástico, conseguiu

salvar-lhe a mão. A inflamação já praticamente desaparecera, até já conseguia mexer o polegar e o mindinho.

– Melhor do que nada – opinou Gustav com ar de entendido. – Assim ainda podes pelo menos segurar num prato ou numa travessa.

– Certamente... Tive muita sorte.

– Escreveste alguma vez para a Vila dos Tecidos? Eles enviam correio pela Cruz Vermelha, é verdade que demora uma eternidade, mas acaba por lá chegar. Eu escrevi um postal à minha Auguste há três semanas.

Gustav tagarelava invulgarmente muito, o que era estranho para Humbert, já que antes não era assim. Talvez tivesse que ver com o facto de acreditar que lhe havia sido oferecida uma segunda vida. Humbert, pelo contrário, ficava enjoado a ouvi-lo falar, o ruído e o zumbido nos ouvidos intensificava-se e ele fechou os olhos. Vagas verde-escuras oscilavam diante de si, podia ser um campo de milho novo, um prado, quem sabe também o oceano...

– Estás cansado, não é? – disse a voz de Gustav. – Então eu vou andando... Mais tarde vão dar-me uma prótese, foi o médico que disse. E então vou poder andar como antes. Só que mais charmosamente... Ah, ah!

Humbert sentiu Gustav a levantar-se da cama num impulso, ouviu as muletas de madeira a bater no chão e mergulhou num mar azul-claro transparente em cuja superfície brilhava a luz do Sol.

Nos dias que se seguiram, Gustav visitava-o regularmente, sentava-se a seu lado e conversava sobre isto e aquilo. O jardim da Vila dos Tecidos de que o avô não conseguiria de todo cuidar sozinho, a sua Auguste e Maxl, que só vira uma vez quando fora de licença a casa no ano passado. Que tinha tremendas saudades de casa, como todos os que ali estavam.

– Se tivermos sorte, Humbert – disse ele baixinho, esperando que os vizinhos das camas ao lado não o ouvissem. – Se Deus estiver do nosso lado... Troca de inválidos... Já ouviste falar nisso? A Cruz Vermelha e os países em guerra negoceiam uns com os outros, baralham os números e depois escolhem quem pode regressar a casa. Como é evidente, apenas os feridos mais graves. Os casos mesmo muito maus...

Humbert sorriu como se aquela notícia fosse muito promissora. Na realidade, não queria de todo voltar a casa. Que iria lá fazer? Os pais já não estavam vivos e a irmã não queria saber nada dele. Basicamente só tinha Fanny Brunnenmayer, era a única pessoa para quem gostaria de regressar.

Mas ele agora já não era o mesmo de antes e já não estaria apto a trabalhar como lacaio. Não era tanto a mão ferida, mas antes aquele zumbido e ruído permanente nos ouvidos. Ele precisava do oceano, do silêncio das águas azuis, que o protegiam dos terríveis sonhos. Também gostava da enfermeira loura e robusta, apesar de ela nem sempre ser simpática com ele. Já por várias vezes ela lhe ralhara zangada, quando ele voltava a encolher-se sob o cobertor, dizendo-lhe que não havia bombardeamento nenhum.

– *Fini avec ça! Il n'y a pas de bombardement!*

Envergonhava-se diante dela, porque, dissesse ela o que dissesse, ele ouvia e até sentia claramente os estrondos das granadas.

Passou-se uma semana e então ela disse algo que o assustou tremendamente.

– *Il faut se dire adieu, mon petit...*

– *Pourquoi?* Porque temos de nos despedir? – Ela sorriu e não disse nada.

– Mas que grande sortudo! – disse Gustav com inveja. – Enfim. Além disso, a Susanne tem uma afeição especial por ti. Daqui a duas semanas voltas para casa. Maldito sejas. E pensar que só tens um arranhão na mão.

– Bvvv... Ba... Bvvv... Baba... Bababa... Bvvv...

Dodo guinchava de prazer e fazia grandes bolhas de saliva. Leo estava de pé no parque, segurava-se só com uma mão e batia com um soldado de metal contra a balaustrada de madeira.

– Pa... pá... – dizia Paul pacientemente. – Diz papá, pequenina.

– Bvvv... Pfff... Bafffa...

– Diz papá... diz papá...

Dodo saltitava feliz em cima do seu joelho e queria brincar ao cavaleiro. Leo disparou o soldado contra a parede pintada de branco e gritou energicamente:

– Sosa! Sosa!

Referia-se a Rosa Knickbein, a ama. Paul pegou-lhe ao colo, sentou uma criança em cada joelho e teve dificuldade em não perder nenhum dos seus rebentos em plena cavalcada. Quando por fim parou, Leo começou a chorar, enquanto Dodo o olhava de olhos brilhantes.

– Mamã! – disse ela. – Mamã, mamã, bbbaaaa...

Ele suspirou. Em tão pouco tempo não ia conseguir levar os seus filhos queridos do coração a dizer a palavra «papá». Mas chamarem-lhe «mamã» era, afinal de contas, um elogio.

– Oh, céus, senhor Melzer – disse Rosa Knickbein, espreitando pela frecha da porta. – Esses dois ainda não têm a fralda mudada, eu ia agora mesmo acordá-los e prepará-los para o pequeno-almoço.

Paul examinou as calças e constatou que tivera sorte. Deixou os gémeos ao cuidado de Rosa e saiu para o corredor para se dirigir para o quarto de Kitty. Ninguém reagiu quando bateu muito baixinho, pelo que ousou baixar suavemente o puxador da porta. O quarto estava na penumbra. Marie, sentada num sofá junto à cama de Kitty, levantou a cabeça.

– Ah, és tu – sussurrou com ternura.

Ele aproximou-se e beijou-a na face. Via-se que estava extremamente cansada, tinha olheiras escuras sob os olhos.

– Como é que ela está?

Olharam ambos para a ampla cama de dossel azul-clara onde o corpo delgado de Kitty parecia tão perdido. O seu cabelo escuro fora arranjado numa larga trança para não se emaranhar enquanto ela estivesse acamada.

– Dormiu a noite toda – cochichou Marie. – Se ao menos comesse alguma coisa. Ontem à noite só bebeu um pouco de água misturada com vinho...

– Ainda tem febre?

– Desde ontem à tarde já não. Espero que assim se mantenha.

Paul afagou-lhe o pescoço e disse ter a certeza de que Kitty muito em breve estaria melhor.

– Vai dormir, Marie. Rogo-te.

Ela anuiu, apreensiva. Sim, estava tão exausta que até cabeceava um pouco de sono, uma ou duas horas de sono iam fazer-lhe bem.

– Não te quero voltar a ver até à hora do almoço, Marie. Ninguém consegue manter-se acordado três noites seguidas. Se não dormires agora ficas doente e isso não ajuda ninguém!

Tornara-se enérgico e falara um pouco mais alto do que fora sua intenção. Kitty soltou um suspiro profundo, resmungou algo e gemeu um pouco e depois voltou-se para o outro lado.

– Anda... A Auguste pode cuidar dela, para o caso de ela precisar de alguma coisa.

Esperou até que Marie se levantasse do sofá. Passou-lhe então o braço pelos ombros, conduziu-a para fora do quarto e fechou a porta silenciosamente. No corredor, os seus lábios encontraram-se e ele sentiu a doce atração do seu corpo morno. Que tristeza que fosse tão difícil roubar algumas horas para estarem juntos. Ele prometera ao pai que hoje, o último dia da sua licença, passaria novamente pela fábrica a ver como estavam as coisas.

– Até depois, querido... Oxalá eu não estivesse tão cansada.

– Recupera o sono, Marie. Eu estou sempre a teu lado.

– Nos meus sonhos, sempre – gracejou ela, desaparecendo no quarto de dormir que partilhavam.

Ele suprimiu o desejo de ir atrás dela, de se deitar a seu lado e de a segurar dentro dos seus braços. Não podiam ser egoístas em tempos tão difíceis, havia outros que também precisavam dele.

– Bom dia, mamã!

Entrou na sala de jantar de cara alegre e baixou-se para a beijar.

– Oh, Paul – disse ela com ternura. – Senta-te e come em sossego, rapaz. O papá já foi para a fábrica, mas a Elisabeth não tarda está aqui connosco. E a Marie?

– Foi-se deitar. A Kitty parece estar melhor.

– Louvado seja Deus!

Ele agarrou no jornal *Augsburger Neuesten Nachrichten*, que entretanto lhe parecia muito fino, e leu com grande interesse o artigo «Que alimentos recebem diariamente os habitantes da cidade?». Ao que parecia, cada habitante de Augsburg tinha direito a 200 gramas de farinha, 250 gramas de batatas, três quartos de litro de leite, 35 gramas de carne e oito gramas de manteiga, e a cada três semanas dois ovos. Pelo menos segundo a senha de racionamento. Para quem todavia não tivesse dinheiro, as senhas não valiam de nada. Preocupado, olhou para a mesa do pequeno-almoço ricamente preenchida, onde até queijo e enchido de fígado tinham, e ainda pãozinhos do dia, feitos pela própria cozinheira.

– Eu só fico aliviada por a Kitty dar sinais de começar a recuperar – suspirou Alicia. – A Lisa encomendou uma pedra tumular para o pequenino Jonathan. Oh, e pensar que a Kitty não contou a ninguém sobre a gravidez. Já estava no quinto mês.

O bebé morto fora levado a sepultar no cemitério, no jazigo de família dos Melzer, o reverendo abençoara-o e dera-lhe o nome «Jonathan». Gertrude Bräuer estava completamente fora de si, o marido teve de a segurar. Para Paul, a cerimónia fora absurda. Tanto pesar por um feto por nascer quando, ao mesmo tempo, um grande número de homens se esvaía em sangue nos campos de batalha da Europa e a morte grassava nos bairros pobres da cidade.

A mãe serviu-lhe café e referiu a sorrir que hoje, apenas exceccionalmente, se davam ao luxo de tomar aquela bebida cara e que normalmente bebiam o café sucedâneo à base de bolotas. Paul sentiu um peso na consciência. Era

evidente que se lançaram em despesas por causa dele, e em contrapartida, na frente, café e chá eram coisas que abundavam. Também cigarros e tabaco, até aguardente e uísque inglês «confiscado».

– Queria dar-te uma palavrinha sobre o papá, Paul.

– Estás preocupada com ele? – perguntou, levantando os olhos do jornal.

Ela assentiu, começando por não dizer nada, já que Else entrara a trazer o correio.

– A sua filha manda dizer que só virá tomar o pequeno-almoço mais tarde.

– A Lisa? Não está doente, pois não?

– Não, minha senhora. É por causa do correio... Havia uma carta para ela.

– Compreendo. Provavelmente uma carta do marido... Que bom para ela.

Paul dirigiu um sorriso afável a Else e o seu rosto, que lhe fazia sempre lembrar um homem velho e melancólico, ficou imediatamente radiante. Eram tão comoventes, os empregados da Vila dos Tecidos. Haviam-no cumprimentado tão calorosamente, a senhora Brunnenmayer tivera de limpar os olhos e a menina Schmalzler apertara-lhe a mão com força. Rezava à noite por ele, confessou-lhe. Que alma tão leal!

– Não é com satisfação que digo isto, Paul – disse Alicia em surdina. – Mas receio bem que o papá ande a beber. Vejo perfeitamente as estantes da cave a esvaziarem-se. Conhaque francês, aguardente de genciana, uísque escocês... tudo o que foi guardando ao longo de anos lá em baixo está a desaparecer a uma velocidade alarmante. E a Marie confirmou-me que no seu gabinete há sempre copos usados. Entretanto, ele vai escondendo as garrafas, para que a Marie não o chame à razão.

Paul riu-se da mãe. Tinha estado agora várias vezes com o pai na fábrica e nunca dera conta de que o pai bebesse mais do que a conta.

– Ele não fica embriagado, Paul – explicou, abanando a cabeça. – Mas precisa constantemente do álcool. Um gole aqui, um copinho ali. Também aqui na Vila, à noite, faz questão de beber o seu vinho tinto, tu próprio já o viste. E sabes muito bem que o doutor Greiner lhe proibiu de todo as bebidas alcoólicas.

Paul inspirou fundo para se libertar da preocupação que crescia dentro dele. E disse então que não havia seguramente motivo para preocupações. O papá sempre gostara do seu conhaque, isso nunca lhe fizera mal nenhum.

– Ele teve a apoplexia porque carregava um fardo emocional, mamã. Mas esse fardo pertence graças a Deus ao passado. A Marie tornou-se minha mulher e somos os dois mais do que felizes.

Contou cheio de orgulho que a sua Marie se revelara uma hábil empresária, que até nos pavilhões supervisionava se tudo estava a funcionar como devia ser e sabia como funcionavam as máquinas. E ainda se ocupava das operárias e tentava cuidar das suas famílias.

– Sem dúvida, a Marie é uma grande ajuda para o papá – disse Alicia. – Ele próprio o reconhece. Mas receio bem que ele se esteja a exceder, Paul.

– Queres que tenha uma conversa com o papá?

– Seria um descanso. Já sabes que ele não escuta o que eu lhe digo.

– Oh, mamã! O papá ouve o que tu dizes, só que não dá parte de fraco.

Ele ficou contente por a ter feito rir com aquela sua observação e desviou a conversa para os netos que eram toda a sua alegria. Sobretudo, naturalmente, Dodo e Leo, tão queridos. Mas também a pequena Henni era um amor, já começava a pôr-se de pé no parque, tal como Kitty, que começou a andar ainda nem um ano tinha... E também tinha os caracolinhos de Kitty. Enfim, só que é loura, como o pai. Pobre Alfons, oh, ele andava tão feliz com a filha...

Paul pegou novamente no jornal para passar rapidamente os olhos pelas notícias sobre a frente da guerra. A oeste, as tempestades e a chuva haviam reduzido os combates ao mínimo, apenas junto ao rio Ancre houvera fogo de artilharia. A leste, o marechal de campo príncipe Luitpold da Baviera resistira aos ataques russos a sudoeste de Riga, na Roménia o general de brigada arquiduque José obrigara o inimigo a recuar junto a Casinu. Havia tombado seis oficiais e novecentos homens, haviam confiscado três metralhadoras... Que noticiazinha imbecil. Heróis defensores da pátria que lançavam os seus soldados nos braços da morte por nada e mais nada. O facto era que o inimigo ganhava terreno a oeste e também a leste; se não se negociasse em breve uma paz sensata, seria uma catástrofe. Qualquer um que estivesse a combater lá fora já compreendera entretanto este facto; só que não se podia dizer em voz alta.

Dobrou o jornal sem olhar para os anúncios de óbitos que preenchiam duas páginas inteiras. Havia sem dúvida entre eles alguns colegas de escola, mas ele não queria saber. Também não queria pensar no desafortunado Alfons, pois não servia de nada deixar-se afundar. No dia seguinte

encontrar-se-ia novamente sentado no comboio com os camaradas. Destino desconhecido, mas seguramente como reforços. Seria seguramente na frente.

– Oh, Paul – suspirou a mãe. – Quisemos tanto garantir que estes teus poucos dias connosco fossem agradáveis. Para que pudesses recuperar como deve ser. Mas infelizmente tudo foi diferente.

Ele acabou de beber o café e declarou que nunca tivera qualquer intenção de vir preguiçar para casa. Pelo contrário, estava muito contente por ter estado com eles precisamente naqueles momentos difíceis.

– Estou tão orgulhosa de ti, meu querido Paul.

Um abraço breve e ele saiu para o corredor, sentindo-se um pouco cruel por ficar contente por escapar às preocupações e angústias da mãe. Nas escadas cruzou-se com Lisa, que lhe pareceu estranhamente transtornada e que o cumprimentou apenas de raspão. Que por favor não fosse mais nenhum anúncio de morte, pensou ele, angustiado. Klaus von Hagemann era uma velha raposa, com certeza não correria perigo...

– Está tudo bem? – perguntou com uma alegria artificial.

– Tudo.

Ele percebeu que ela estava a mentir, mas não a quis pressionar mais. Já em criança, Lisa lidava sozinha com os seus problemas. Não se queixava, tratava do assunto.

– É admirável o teu empenho com os feridos de guerra, Lisa. O hospital é uma tarefa incrivelmente importante.

– Obrigada.

Ela ficou sinceramente contente com as suas palavras elogiosas, mas a tensão no rosto não desapareceu. Provavelmente a carta não fora exatamente o que ela estava à espera. Pobre Lisa, queria tanto um filho, mas até então não conseguira engravidar.

– Posso falar num instante com o Ernst von Klippstein? Ou está neste momento a ser lavado e barbeado pelas enfermeiras?

– Se calhar achas que as enfermeiras aproveitam a ocasião para ver coisas indecentes?

Teria ela lido no seu rosto como ele sentia pena? Detestava que tivessem pena dela, por norma isso tornava-a respondona.

– Foi isso que eu disse?

Ela mordeu o lábio e reprimiu qualquer outro comentário. Tanto quanto sabia, Ernst von Klippstein estava na sala de tratamentos a mudar as ligaduras, depois teria de se deitar a descansar.

– A cama dele é ali. A terceira a partir da esquerda. Mas agora dá-me licença, por favor.

No dia anterior, o seu amigo Von Klippstein subira até ao andar de cima para estar meia hora com eles, haviam almoçado juntos e bebido um copo de vinho, mas depois o seu ferimento obrigara-o a recolher-se novamente à cama. Pobre tipo. Marie acompanhara-o um pouco, visitara-o algumas vezes no hospital. O nosso destino podia realmente mudar de um momento para o outro, todos achavam que ele tinha um casamento feliz. Mas, ao que parecia, Adele apaixonara-se pelo feitor e pedira o divórcio, reclamando a guarda do filho pequeno.

Paul consultou o relógio de bolso e questionou-se por que raio ia passar aquele dia a correr quando seria, pelo menos para já, o último que passaria com os seus mais queridos. Era impossível recuperar tudo o que perdera nos últimos meses e muito menos conseguiria deixar providências para o futuro próximo. No dia seguinte de manhã já não lhes pertenceria, seria um soldado cinzento-esverdeado, um combatente pela pátria, que queimava aldeias e matava pessoas inofensivas. Se ele sobrevivesse àquela guerra, nunca poderia contar a Marie e aos filhos o que fizera.

Ernst von Klippstein viu-o logo que saiu da sala de tratamentos. Fez-lhe então sinal e sentaram-se numa das mesas dispostas em frente da porta do terraço.

– Está a sarar bem – disse Von Klippstein com um sorriso e fez uma careta quando se sentou.

Paul anuiu e não fez mais perguntas, mas sabia que Klippstein não apenas tinha um grande buraco na anca como também tinha estilhaços de granada no corpo inteiro. No seu íntimo admirou-se por ele próprio ter sido até então brindado com uma tamanha sorte. Num dos ataques fizera uma luxação na mão direita e por duas vezes meia dúzia de arranhões nos ombros. De resto, nada.

– Tu vais conseguir, Ernst...

Von Klippstein elogiou o jovem médico que tão bem dele tratara e que agora infelizmente também fora chamado para a batalha. Chamava-se doutor Moebius. Deus o proteja.

– Tenho andado a pensar em ti, Ernst.

Von Klippstein olhou para ele com surpresa, parecia incomodado com o cuidado de Paul, mas este não se deixou desviar da sua ideia.

– É provável que para já fiques no país. Pelo menos até os teus ferimentos sararem, não é?

– Provavelmente. A menos que me voluntarie para combater na frente.

Era mesmo dele, um prussiano fanático. Por sorte, neste caso iriam examiná-lo minuciosamente, não se enviava um inválido para a guerra.

– Tive uma ideia – começou com cautela.

Teria de apresentar a sua proposta habilmente, para que Ernst não a encarasse como uma tentativa piedosa de o ajudar a recompor a sua vida. Paul argumentou com a situação da fábrica, a falta de pessoal qualificado, sobretudo nas áreas financeira e da contabilidade, são áreas problemáticas. E, como é evidente, faltava também pessoal masculino para supervisionar os pavilhões de produção.

– Aonde estás a querer chegar, Paul?

Von Klippstein olhou para ele com um sorriso meio atormentado, meio irónico, provavelmente o amigo já há muito havia lido nas entrelinhas.

– Pensei que não terás grande vontade de voltar à tua quinta. A menos que queiras exigir reparação...

Esta última observação não fora correta, mas, enfim, já estava cá fora. Ernst ficou ainda mais pálido do que já estava e disse apenas muito brevemente que não tinha intenção nenhuma nesse sentido. Já não viviam no século XIX e a sua mulher não se chamava Effi⁷.

– Parece-me sensato, Ernst. Por isso te pergunto se não queres ficar algum tempo como nosso hóspede na Vila dos Tecidos. Podias, se tiveres vontade, prestar apoio na fábrica ou simplesmente entreter as senhoras nos serões de inverno. Há lugar para todos.

O amigo sorriu-lhe e Paul acrescentou que os pais apoiavam aquela ideia. Sobretudo a mãe recebera a sugestão com muita satisfação. Ernst recostara-se na cadeira; para se debruçar para a frente, teria de recorrer aos braços, já que os músculos da barriga só funcionavam mediante um esforço bastante doloroso. Ficou calado algum tempo, parecia ter primeiro de digerir a proposta.

– Falaste também com a tua mulher?

– Evidentemente. Ela alegre-se com a ideia.

Era um pequenino exagero. Ele explicara a ideia a Marie e ela começara por franzir a testa. Mas depois, quando percebeu como ele levava a ideia a sério, dera o seu aval.

– Agradeço-te muito, Paul – disse Von Klippstein languidamente. – És um verdadeiro amigo, se calhar o melhor e mais desinteressado que alguma vez tive. Vou refletir sobre a tua proposta.

Paul ficou aliviado, ajudou o ferido a levantar-se e conduziu-o até ao seu catre para que pudesse descansar. Quando se dirigia para a saída, olhou novamente para o relógio. Quase meio-dia. Almoçariam em família, depois iria uma última vez à fábrica com o pai: analisar as encomendas, examinar a contabilidade, fazer a ronda pelos pavilhões, sentir-se um estranho entre as operárias. Ver os prisioneiros de guerra obrigados a carregar carvão às pazadas e a arrastar caixas pesadas. Regressar o mais cedo possível para ter pelo menos uma ou duas horas sozinho com Marie. É certo que na maior parte do tempo as crianças estavam presentes, mas a verdade é que faziam parte deles. Os seus filhos que nem sequer sabiam dizer «papá»...

Enquanto caminhava até à fábrica, mal sentia o frio cortante. Marie. Como ia ela dar conta de tudo? Os pais, as crianças. A fábrica. E agora também Kitty. Estava tudo nos seus ombros. Não lhe prometera no altar que estaria sempre a seu lado? Que a protegeria e salvaguardaria? Que a apoiaria? Mas que grande farsa! Não podia fazer nada por ela além de lhe escrever meia dúzia de cartas. Em todas aquelas noites não a possuía verdadeiramente uma única vez, o que não fora fácil. Mas não a queria deixar com mais uma gravidez em tempos tão difíceis.

Ele era soldado, um estranho na sua própria casa, já não tomava parte no destino dos seus entes queridos. E no entanto eles eram tudo o que, no meio da crueldade dos combates e da morte, o mantinha agarrado à vida.

^Z Referência ao romance *Effi Briest*, de Theodor Fontane, cuja personagem principal, Effi, casada com um homem que se rege pelas rigorosas normas sociais e morais prussianas, acaba por desenvolver uma relação extraconjugal. (N. da T.)

II

Setembro a dezembro de 1917

Estava escuro como breu dentro do quarto, mas Hanna não se atreveu a acender o candeeiro para ver o mostrador do despertador. Deitou-se de costas sem se mexer e tentou ouvir as badaladas distantes da Igreja de São Maximiliano, algo que podia muito bem acontecer se o vento estivesse de feição. Mas os roncos troantes de Maria Jordan sobrepunham-se a todos os demais ruídos. Tomada pelo rancor, Hanna ficou a escutar a dança rangente do véu palatino, os assobios longos em cada expiração, os ávidos movimentos com os lábios quando por momentos perdiam a noção de ritmo. Que nojo ter de dormir no mesmo quarto com uma velha carcaça assim. É verdade que a sua falecida mãe cheirava sempre a aguardente, mas só raramente ressonava, além de que não usava um barrete de dormir pontiagudo tão ridículo.

Hanna considerou que o melhor era sair já lá para fora. Por sorte, chovia pouco, o céu estava coberto de nuvens e a Lua, aquela velha traidora, não mostraria o rosto. Tão silenciosamente quanto possível, deslizou para fora do cobertor e vestiu a roupa que já tinha preparada. Quando Maria Jordan interrompeu o seu concerto por instantes, Hanna estacou todos os seus movimentos. Mas então as fungadelas e resfolegadelas prosseguiram e Hanna continuou a vestir-se. Por sorte estava calor, para se proteger da chuva levaria um xaile sobre a cabeça e os ombros.

Conseguiu alcançar a porta quase sem fazer chiar as tábuas do soalho. Só se ouviu um ruído alto quando pressionou o puxador da porta. Também não se atreveu a alumiar o corredor, já que alguém poderia ver a luz pelo buraco da fechadura de um quarto. Foi avançando pé ante pé às apalpadelas, encontrou por fim a porta que dava para as escadas de serviço e desceu, aliviada, até à cozinha. Cheirava a ensopado e a chá de hortelã, e também às

especiarias secas usadas na cozinha, que a senhora Brunnenmayer pendurara por um cordel.

Enfim Hanna ousou acender um dos candeeiros a gás. Viu no relógio da cozinha que já era uma e meia da manhã. Era mais do que hora! Tinha de retirar rapidamente a chave do gancho e sair dali para fora.

A porta de saída para o pátio era trancada por dentro. Tinha de regressar antes de a senhora Brunnenmayer chegar à cozinha logo de manhã cedo, caso contrário estava o caldo entornado. Como é evidente, o trinco de cima (eram dois) estava preso, ela começou a suar e acabou por bater com força com a palma da mão. Doeu tremendamente, mas o trinco cedeu e ela esgueirou-se para o exterior. Na noite anterior escondera as coisas sob as achas de lenha da cozinha, ela era a única que ali ia. Mesmo na noite escuríssima encontrou o caminho até ao telheiro da lenha, tirou alguns cavacos e puxou para fora a mochila completamente cheia. Um ratinho correu pela sua mão, ela soltou um grito baixinho e, assustada, tapou a boca com a mão.

Mas que parva, pensou ela, furiosa. Dás cabo de tudo por causa de um ratinho tão pequenino.

Nesse preciso momento, a chuva parou e o luar tremeluzia por entre as camadas de nuvens que se iam desvanecendo. Hanna conseguia discernir vagamente o jardim, as velhas árvores como sombrias e gigantescas figuras, pelo meio as claras extensões relvadas, três cadeirões de verga esquecidos que as crianças haviam usado na tarde anterior para brincar aos comboios. Pôs a mochila a tiracolo e decidiu que o melhor era não apanhar o caminho de acesso, mas sim ir avançando entre as árvores. Era ainda assim possível que a senhora Alicia não conseguisse dormir e estivesse à janela a olhar para o jardim. Na tarde anterior, a senhora voltara a sofrer de enxaquecas.

Era tão boa a sensação de caminhar sobre os relvados macios. Infelizmente, ficou com os sapatos completamente molhados, mas isso não era importante. Chegada ao portão, tentou vislumbrar a estrada de olhos semicerrados, o que não era fácil com aquele luar difuso. A iluminação a gás dos candeeiros de arco fora evidentemente há muito desligada.

Ora essa, pensou. Quem haveria de andar na rua a esta hora? Tomou o caminho em direção à fábrica das máquinas. O coração batia cada vez mais alto e, quando alcançou a velha cocheira, estava completamente sem fôlego. Ofegante, procurou abrigar-se atrás do edifício degradado, tirou a mochila

das costas e sentou-se no chão. Só raras vezes haviam tido oportunidade de se encontrar, haviam trocado algumas palavras através da vedação, e nessa altura ele revelara-lhe o seu plano. Agora podia apenas rezar para que ele tivesse conseguido escapar da barraca onde estavam alojados os operários estrangeiros da fábrica das máquinas e que conseguisse trepar a vedação. Se fosse apanhado, era o fim. Para sempre.

– Channa! – sussurrou ele. – *Maiá Channa!* Meu anjo.

Ele escondera-se na cocheira e observara-a por uma fenda entre as tábuas. Ágil e silencioso como um jovem lobo, deslizou até ela, ajoelhou-se à sua frente e beijou-a tempestuosamente. Ele era como uma tormenta, não lhe escapou um só milímetro do seu rosto, beijou-lhe também as palmas das mãos, a cavidade do pescoço, abriu-lhe os botões da blusa e rasgou-lhe a camisa.

– Não... tens de ir... não podes perder tempo.

Ele pousou uma mão na sua boca e, de lábios ávidos, tomou posse do alvo do seu desejo. Ela arrepiou-se, deixou de se defender e só queria que o tempo parasse. Se ao menos ele pudesse ficar. Ficar com ela para sempre. Deitar-se a seu lado todas as noites, beijá-la, despir-lhe a roupa toda, passear as mãos e os lábios por todo o seu corpo. E também fazer aquilo que os homens faziam com a sua mãe. Quando era pequena via-o pela frecha da porta, ficava terrivelmente assustada, mas a mãe dissera-lhe mais tarde que era bom. Sobretudo se fosse feito por um homem como deve ser.

– *Liubimaia maiá.* Minha querida. Minha pomba...

– Podes fazer... eu quero-o... faz, se és homem – disse ela.

Foi muito mais rápido do que ela imaginara. Mas isso deveu-se seguramente apenas ao facto de terem tão pouco tempo. Grigori arrastou-a e empurrou-a, puxou-lhe a saia para cima, pôs as mãos onde ainda tinha as cuecas vestidas. O que ele fez desencadeou um louco fogo de artifício pelo seu corpo fora, ela arreganhou os dentes para não gritar alto e agarrou-se a ele com força. Depois ele magoou-a, repetidamente, não abrandava, apesar de ela choramingar baixinho e lhe pedir para parar. Ele murmurou palavras em russo, ofegava com o esforço, endireitou-se de repente e tombou para cima dela com um suspiro profundo.

– *Maiá zhená...* minha mulher... minha Channa... eu vou voltar. *Posle voiní,* quando a guerra acabar.

Ela permaneceu deitada, imóvel, enquanto ele analisava o conteúdo da mochila sob a luz difusa da Lua. Pão, presunto, salsichas, um pedaço de queijo, que ela roubara da despensa para ele. Uma garrafa de conhaque francês a que conseguira deitar a mão porque o senhor diretor se esquecera de fechar a adega. Andava bastante esquecido nos últimos tempos, o velho senhor Melzer. Roupa interior, meias, sapatos e um fato completo, com colete. Roubado do armário do jovem patrão. Ele estava na guerra e agora não precisava daquelas coisas. Também um gorro e uma pasta. Lá dentro estava todo o dinheiro que ela tinha. Cento e trinta marcos e vinte e três *pfennig*.

– *Nie ostorozhno*, estás a ser imprudente. Eles vão castigar-te, Channa.

– Não me importa. O essencial é que chegues à Suíça em segurança. A partir daí podes regressar à Rússia. *Ponimaesh? Shveitsaria... Rossía...*

Ele assentiu e despiu a roupa. Estava assim nu diante dela, sob o luar prateado, delgado e forte, uma jovem chita que retesava já os músculos para desatar a correr. A roupa do jovem patrão estava-lhe um pouco grande, mas ela fora inteligente e trouxera um cinto para as calças, e dentro da biqueira dos sapatos enfiara papel de jornal.

– Vem cá.

Tirou a tesoura do bolso de fora da mochila e empenhou-se a cortar-lhe o cabelo e a aparar a barba. Ele submeteu-se sem se mexer, olhando-a e sorrindo-lhe. Um sorriso terno. Se não a tivesse magoado tanto ainda há pouco, ela tê-lo-ia puxado para si e beijado.

– *Krasivi málchik* – disse ela, passando os dedos pelo cabelo curto. – Um senhor muito bonito.

– Senhor, não – retorquiu ele. – *Muzh*. O teu homem, Channa. Eu volto quando a guerra acabar. Prometo.

Tirou-lhe a tesoura da mão e sacudiu os cabelos do colarinho e do casaco. Deu-lhe então um beijo longo, penetrou-lhe a boca com a língua, mas agora ela já não sentiu nenhum prazer. Quando ele a largou, reparou que tinha cabelos cortados dentro da boca.

– Tens de te ir embora. Pega na mochila. Deixa a roupa velha aqui, eu enterro-a. Vai!

Ele não a queria largar, disse que ela se estava a livrar dele e quis ouvir da sua boca que ela esperaria por ele.

– Promete-me, Channa!

– Eu espero por ti, Grigori. Eu fico à espera de que voltes para mim e que me leves para a tua terra. Não quero pertencer a mais ninguém enquanto viver.

Ele pegou-lhe na mão esquerda e entrelaçou os seus dedos com os dela, como se fosse rezar.

– Tu e eu, *na vsegdá vmeste*. Juntos para sempre!

Ele abanou a mão e apertou-lhe os dedos, como se assim quisesse reforçar a sua promessa. Depois recuou um passo, pôs a mochila a tiracolo, enfiou o gorro bem fundo sobre o rosto.

Não disse «adeus», nenhum «*do svidania*»: voltou-se e foi-se embora, mantendo-se junto à estrada, rumo à estação de comboios de mercadorias. Aí chegado, esconder-se-ia dentro de um vagão para virar as costas o mais depressa possível a Augsburg, onde depois o procurariam. Mais tarde, compraria um bilhete para Friedrichshafen ou Constança e atravessaria de barco o lago de Constança, rumo à Suíça. Lá, assim ouvira dizer, os prisioneiros de guerra russos eram bem recebidos e ajudados a regressar ao seu país.

Hanna demorou algum tempo a ajeitar novamente a roupa, depois procurou uma pedra lisa e escavou um buraco no chão. Por sorte, a chuva amolecera a terra, mas não deixou de ser uma tarefa trabalhosa e suja. Antes de pôr lá dentro a camisa rasgada, as calças e a roupa interior, cheirou-as, aspirou uma vez mais o odor do seu corpo e, por momentos, foi como se ele ainda ali estivesse com ela. Enfiou então tudo no buraco, tapou com terra, voltou a colocar o pedaço de relva e alisou tudo batendo com força com os pés. Podia apenas ter esperança de que o vento soprasse os cabelos negros espalhados por todo o lado, era impossível apanhá-los sob o lusco-fusco do luar.

Foi-lhe penoso fazer o caminho de volta para a Vila dos Tecidos. Por ela, teria preferido correr para a estação dos comboios de mercadorias e viajar com ele. Mas isso era impossível, só o teria colocado em perigo. A chuva começara novamente a cair e receou que a roupa boa que lhe dera pudesse agora ficar molhada. Se assim fosse, ele voltaria a ter mau aspeto e seria fácil alguém suspeitar que era um prisioneiro em fuga.

Na escuridão da noite quase passara para lá do portão de acesso à Vila dos Tecidos, deu mesmo a tempo com a moldura de pedra em que haviam sido engastados os dois batentes de ferro forjado do portão. Desta vez não lhe

apetecia caminhar pelos relvados, a excitação nervosa que antes sentira transformara-se num profundo sentimento de desânimo. Correria tudo bem. E no entanto, por algum motivo, estava desiludida e terrivelmente triste. Talvez porque não fora nada bom, doera simplesmente. Mas talvez também porque passara tão depressa. Mas de certeza porque não o voltaria a ver durante muito tempo. Fosse como fosse, ela estava encharcada como um ratinho e, além disso, completamente exausta. Quanto mais depressa tirasse aquela roupa e conseguisse voltar para dentro da cama quente, melhor.

Contra o céu noturno, a Vila era discernível apenas como um escuro colosso, mas no piso térreo algumas janelas estavam debilmente iluminadas. Apurou a visão. Tudo bem, eram as janelas do lado direito, onde ficava o hospital, aí estava por norma acesa uma luz de presença. Nas zonas de serviço do lado esquerdo, na cozinha e na despensa, estava tudo escuro. Atravessaria rapidamente o pátio, abriria a porta de serviço que dava para a cozinha, voltaria a fechar o trinco por dentro e depois subiria silenciosamente como um fantasma até ao seu quarto.

Tudo correu lindamente até ao momento em que deslizou o segundo trinco da porta por dentro. Aquela coisa estúpida ficou presa e ela teve de usar o método eficaz de lhe bater com a palma da mão. Pás! Pronto!

– Alarme! – berrou uma voz esganiçada. – Protejam-se! Ratazanas e ratos... Baixem a cabeça... Granadas. Eles vêm aí... estão a atacar... enfiem a cabeça no chão.

Hanna estacou, paralisada como uma coluna de sal, e, por um brevíssimo instante, chegou mesmo a acreditar que alguém havia lançado uma granada na direção da Vila dos Tecidos. Só depois percebeu que a berraria angustiada vinha de debaixo da mesa e então compreendeu. Humbert estava a sofrer uma das suas crises. E logo havia de ser naquela noite, mas que azar!

– Humbert? Estás aí em baixo?

Ajoelhou-se no chão, mas estava demasiado escuro para ver fosse o que fosse. Ouvia contudo a sua respiração acelerada e angustiada e achou que estava a tremer. Pobre tipo, a guerra deu-lhe cabo do juízo.

– Vamos... vamos... Vai cair não tarda nada... Troa por todo o lado... vêm aí os aviões!

– Não, não, Humbert. Sou só eu, a Hanna. Estavas a sonhar.

Ele não parava de tremer e ela percebeu de repente que não fora inteligente mencionar o seu nome. Além do mais, a senhora Brunnenmayer

estaria aí a chegar não tardava nada, ela aparecia logo a correr quando Humbert tinha uma das suas crises.

– Vai... rápido... esconde-te... Eles vêm aí... – rosnava Humbert do seu esconderijo.

Hanna teve apenas tempo de se esgueirar pela porta que dava para o hospital e logo em seguida ouviu os passos pesados da cozinheira nas escadas. Olha que maravilha, pensou. Se ele agora lhe contar que eu estava na cozinha, é o meu fim. Espero apenas que ela não acredite em nada, tendo em conta que ele só diz disparates quando tem aquelas crises.

Seguiu o desvio pela lavandaria e conseguiu chegar às escadas sem ser vista. Era bom que a menina Schmalzler ou Else não tivessem entretanto acordado e não tivessem tido a ideia de ver se estava tudo bem; nesse caso apanhá-la-iam logo. Subiu com cuidado degrau a degrau, ansiosamente à escuta de qualquer ruído suspeito, mas ouvia apenas a voz da senhora Brunnenmayer a conversar com Humbert lá em baixo na cozinha. Fez por fim das tripas coração e subiu os últimos degraus a correr, precipitou-se pelo corredor fora e parou diante da porta do quarto. Estava sem fôlego, ouvia o martelar do coração. Maldita Jordan. Ressonava? Ou estaria acordada? Nada se ouviu durante algum tempo, depois um ronco baixo, seguido de outros sons. Muito bem, uma verdadeira serração.

Ugh, o ar dentro do quarto estava pesado! Que chatice não poder abrir a janela, Maria Jordan proibira-o por causa do seu ombro direito sensível às correntes de ar. Hanna enfiou-se dentro da cama e despiu a roupa molhada, encontrou a camisa de noite sob a almofada e vestiu-a. Mas que consolo poder esticar-se sob o edredão. Empurrou ainda rapidamente as roupas húmidas para debaixo da cama para que Maria Jordan não as visse de manhã. Virou-se de lado, levou os joelhos ao peito e endireitou a almofada. Apenas uma ou duas horas de sono, às seis tocava o maldito despertador.

– Onde estiveste?

De súbito, estava absolutamente desperta. Aquela velha bruxa maldosa não estava nada a dormir! Pusera-se a ressonar só para a enganar.

– O quê? – gemeu ela, como se acabasse de acordar.

– Onde estiveste. Ouvi-te chegar.

Hanna refletiu muito rapidamente. Devia revelar o menos possível e mentir o melhor possível.

– O Humbert teve outra vez uma crise.

Permaneceram em silêncio por instantes. Estaria provavelmente a pensar, aquela carraça asquerosa. Hanna ouviu-a virar-se na cama e inspirar alto.

– O Humbert – disse Maria Jordan. – Inacreditável.

Meu querido,

Não recebo cartas tuas há cinco longas semanas, mas já fizemos travessias no deserto mais longas, pelo que quero acreditar que já há muito leste todas as minhas cartas e que daqui a poucos dias encontrarei na mesa do pequeno-almoço uma grossa pilha de correio.

Enganámo-nos os dois, já que este ano, que acolhemos juntos com tanta confiança, afinal não se revelou um ano de paz. Bem pelo contrário, parece ser um ano de desgraça: desde abril que os americanos vieram reforçar as fileiras dos nossos adversários e, na Rússia, a população tomou o poder. Nutro pouca simpatia pelo czar russo, mas parece-me mau augúrio para toda a Europa ter sido obrigado a abdicar. Em todo o lado, os sociais-democratas estão a ganhar força, instigam os operários das fábricas à revolta e a greves, algo que na situação atual de dificuldade que vivemos pouca utilidade tem.

Marie passou os olhos pelo último parágrafo com um olhar crítico e abanou a cabeça, insatisfeita. Para quê sobrecarregar Paul com todas aquelas lamúrias? Queixar-se das greves nas fábricas. Desejava mesmo que ele ficasse preocupado com ela? Lixo.

Com um suspiro, amarfanhou o papel. Mesmo ao lado, no quarto das crianças, ouvia-se a choradeira de Henni, um objeto duro embateu contra a parede, os gritos de Henni tornaram-se estridentes e irados. Era a mais nova dos três pequenos, mas sabia muito bem impor a sua vontade com energia e em grande volume. Dodo, o pequeno raio de sol, era de boa índole e cedia quase sempre, apenas Leo se opunha à pequena gritona e não hesitava em usar a sua superioridade física. Mas até agora servira-lhe de pouco, já que Rosa tomava o partido de Henni.

Marie esperou até o barulho sossegar novamente, tirou uma nova folha de papel e começou do início.

... sobre nós há pouco a contar. Os miúdos são saudáveis e crescem a olhos vistos, a Dodo teve há pouco tempo uma constipação, o Leo arranhou o joelho, estão ambos bem recuperados, graças a Deus. A mamã vai estando benzinho, manda-te um beijo carinhoso, e também o papá anda bem, muito embora o trabalho na fábrica exija muito dele e já o tenha convencido a ir lá só de dois em dois dias. A produção de tecidos de papel vai de vento em popa, não conseguimos sequer produzir o suficiente para as encomendas. Eu criei novos padrões e encorajei também a Kitty a pôr as suas ideias no papel. Até agora, infelizmente, sem êxito.

Recostou-se na cadeira e refletiu sobre se deveria escrever algumas palavras sobre Kitty. Infelizmente, havia poucas coisas positivas a dizer. Depois do aborto, Kitty passara semanas a fio na penumbra do quarto e não queria ver ninguém. Marie acabara por fim por penetrar no seu domínio e repreendera-a. Que não tinha o direito de se entregar totalmente ao seu desgosto. Que tinha uma filha, uma menina pequena, se entretanto isso deixara de importar de todo? Desde então, Kitty passara pelo menos a comparecer na mesa do pequeno-almoço, voltara a participar na vida familiar e passara a tratar de Henni. Mas perdera totalmente a sua maneira de ser tão viva e exuberante. Kitty deslizava pela Vila dos Tecidos como uma sombra de si mesma, pálida, taciturna e de olhos quase sempre chorosos.

A Kitty está a esforçar-se valentemente por suportar a sua difícil perda. Na semana passada, fomos as duas a uma reunião da associação de beneficência, onde ela participou intensamente nas atividades planeadas.

Paul ficaria seguramente contente, mas era um grande exagero. Com muito poder de persuasão, conseguira impedir Kitty de cortar totalmente o cabelo para o oferecer na reunião. Dizia que em todo o lado estavam a recolher cabelo de mulher para fazer vedantes e correias de transmissão. E era também oferecida toda uma série de «dádivas de amor» para os soldados (de bolsas de couro para levar ao pescoço a punhos de lã, suspensórios,

ceroulas e canecas de cerveja, passando por licores, charutos e chocolate) que eram depois enviadas para a frente.

Na semana passada chegou uma carta de Brandeburgo, do Ernst von Klippstein. Conseguiu tratar lá com êxito de todos os seus assuntos, ou seja, o divórcio vai ser proferido em breve, para que a Adele se possa casar novamente. Dado que o Ernst não está em condições de saúde de assumir a gestão de uma quinta com criação de cavalos, eles concordaram que ele deixa a quinta nas mãos dos dois. O filho foi registado como herdeiro da propriedade. Na carta ele não diz nada dos seus planos para o futuro, mas receio bem que ele se apresente novamente como voluntário para o serviço militar. Por isso mesmo convidei-o novamente a ficar na Vila dos Tecidos.

Ela tinha um peso na consciência, já que, no seu íntimo, ficara aliviada por Von Klippstein não ter aceitado o convite de Paul. É claro que o pobre homem dava pena, não apenas sofrera um ferimento grave como também se vira privado da sua felicidade pessoal. Mas ficara enervada com a sua entusiástica veneração. Mas, enfim, demonstrara boa vontade e convidara-o novamente. Mas não estava a prever que ele na verdade acabasse por vir.

Para nossa grande alegria, entretanto também o Gustav voltou para casa, apareceu à nossa porta uma bela tarde completamente sem avisar. O pobre rapaz perdeu o pé esquerdo devido a uma granada, mas puseram-lhe uma prótese de madeira com que ele consegue deslocar-se bastante bem. A boa da Auguste estava completamente fora de si de alegria, dei-lhe três dias de licença para que os dois pudessem celebrar juntos o reencontro como deve ser.

Entretanto o Gustav e o pai estão a dedicar-se aos fundos do jardim, já que o querem transformar numa grande horta. Uma trabalhosa e constante escavação em que também o Humbert participa e que só dará frutos – com exceção do jardim de ervas – lá para o fim do próximo verão. Nessa altura vamos ter uma colheita abundante de batatas, cenouras, couves-brancas e rabanetes e passaremos a viver no país das maravilhas.

Sorriu. Ele ia gostar de saber que Gustav estava tão ativo. Refletiu um momento se deveria escrever algumas palavras sobre Humbert, mas achou melhor não. Estava basicamente tudo na mesma, Humbert prestava

diligentemente o seu serviço e, apesar de os três dedos do meio da mão direita terem ficado rígidos, conseguia dar conta do recado espantosamente bem. Continuavam no entanto a ocorrer aquelas «crises» estranhas, uma espécie de alucinações que o acometiam sem motivo discernível a qualquer hora do dia ou da noite. Tremia-lhe então o corpo todo, ele encolhia-se e agachava-se. Por várias vezes, Gustav tivera de o convencer a sair de debaixo da cama do seu quarto, mas na maioria das vezes ele escondia-se na cozinha, sob a grande mesa.

Marie conversara com o doutor Stromberger, que entretanto havia assumido o hospital juntamente com o doutor Greiner. Stromberger tinha já mais de cinquenta anos, mudara-se com a mulher para Augsburg e arrendara um apartamento onde, a par do trabalho no hospital militar, também oferecia tratamento a outros doentes. Prescrevera a Humbert bromo como calmante, mas que revelou produzir pouco efeito.

Tudo vai levando assim o seu curso aqui por casa e desejamos apenas uma coisa: que a nossa pátria que por tanto passou possa finalmente assinar um acordo de paz que seja digno. Esta guerra dura já há três anos, quando de início imaginávamos que estaria terminada em poucos meses. Meu querido Paul, eu nem sequer sei quando e onde estas linhas chegarão até ti, mas estou ainda assim firmemente convicta de que nos voltaremos a ver em breve. O meu amor por ti é mais forte do que toda a miséria desta guerra, és meu e não desisto de ti, encontro-te onde quer que vás. Nas minhas noites tenho-te a meu lado, como se nunca tivesses partido. Sinto os teus braços que me abraçam e vejo a tua boca sorridente.

MARIE

Leu de novo as últimas linhas e refletiu se não soariam ridículas ou até empoladas. Mas tinha a certeza de que Paul as compreenderia como deve ser, era simplesmente o que ela sentia, não o conseguiria expressar de outra forma, afinal de contas não era poeta. Dobrou a carta e meteu-a num envelope onde, em letras gordas, estava impresso «Correio militar», escreveu o nome de Paul e a sua unidade e fechou o envelope. Onde quer que Paul estivesse, em dado momento aquela carta acabaria por chegar às suas mãos. Queria acreditar muito nisso.

Levantou-se e olhou para o pequeno relógio de pêndulo de jade verde que Alicia lhe oferecera. Eram quase duas horas, mais do que hora de ir até à fábrica.

– Auguste? Entregue por favor esta carta ao Humbert, para ele levar juntamente com o resto do correio.

Auguste estava com um ar resplandecente, as ancas estavam mais largas e quase pareceu a Marie que estaria novamente de esperanças. Não seria de admirar, Gustav era um marido apaixonado e zeloso.

– Sim, minha senhora.

– O Humbert está outra vez bem, não está?

Duas noites antes, o pobre homem tivera uma das suas crises e só depois de muita persuasão a cozinheira conseguira tirá-lo de debaixo da mesa.

– Está ótimo, minha senhora. A sua sogra é que continua com uma enxaqueca.

Era já o terceiro dia consecutivo. Pobre Alicia, de certeza que fora a carta da cunhada Elvira, da Pomerânia, a deixá-la assim. Rudolf von Maydorn, o seu único irmão ainda vivo, estava gravemente doente e Alicia teria gostado de viajar até lá para o ver uma vez mais, quem sabe se a última. Contudo, com a situação atual da guerra e com as más ligações ferroviárias, não era recomendável empreender uma viagem até à Pomerânia.

– Diz à minha sogra que volto por volta das seis horas.

Vestiu o casaco, colocou o chapéu, aquele preto pequenino de aba direita que se assemelhava a um chapéu de homem. Para grande pavor da geração mais velha, as saias haviam-se tornado muito mais curtas, era considerado moderno mostrar os tornozelos e uma parte da barriga da perna. Mas sair de casa sem chapéu seria mais do que indecoroso.

Marie passava entretanto tarde sim, tarde não no escritório e também lá ia regularmente de manhã. Ainda poucos meses antes sentira uma enorme alegria a conceber novos padrões para os tecidos, mas entretanto sobrepunha-se a preocupação com a sobrevivência da empresa. É certo que a fábrica de tecidos Melzer continuava a laborar, fiavam fios de papel e produziam tecidos. Mas que aconteceria se as operárias se deixassem contagiar pelas greves que se inflamavam em todo o lado? Naquela manhã, Marie estivera a analisar a contabilidade e, apesar de não ter compreendido

inteiramente a complexa contabilidade de dupla entrada, era-lhe evidente que o sogro mantinha os salários o mais baixos que podia.

Quando o porteiro lhe abriu o portão da fábrica, Hanna estava a atravessar o pátio com o carrinho de mão. A refeição dos prisioneiros de guerra era confeccionada na cozinha da Vila dos Tecidos, mas era paga pelo Ministério da Guerra.

– E então, Hanna? Está tudo bem contigo? Estás com o nariz um bocadinho pálido, rapariga.

– Obrigada, minha senhora. Estou bem.

A resposta de Hanna foi curta e concisa, não dirigiu um só olhar a Marie, continuando a direito rumo ao portão. Marie ficou irritada. É claro que a rapariga estava furiosa porque ela tratara de transferir o prisioneiro Grigori Shukov para a fábrica das máquinas. Na verdade, Hanna devia estar-lhe grata, sabia-se lá no que aquilo podia ter dado.

Marie dirigiu-se para a fição para averiguar se o trabalho se desenrolava como habitualmente e depois viu se tudo estava bem na tecelagem e ficou satisfeita com os primeiros fardos de tecido impressos com os seus novos padrões. A qualidade dos tecidos de papel continuava infelizmente a não ser a melhor, eram rígidos, vincavam-se facilmente e as cores nunca eram vivas. Sobretudo, no entanto, era difícil lavar a roupa, já que os tecidos se dissolviam. Recomendava-se por isso que as peças fossem penduradas ao ar livre e escovadas com uma escova macia.

Acenou afavelmente ao capataz Gundermann. O pavilhão era simplesmente demasiado ruidoso para se manter uma conversa, mas Gundermann não estava propriamente desejoso de conversar com a «jovem senhora diretora». Como todos os operários, encarava Marie como uma visita e, se lhe chamavam «jovem senhora diretora», o título dizia respeito ao marido, Paul Melzer, e não propriamente a ela. Também há muito que as trabalhadoras não demonstravam o mesmo respeito submisso com que tratavam o senhor diretor. Apenas poucas entre elas haviam compreendido que fora Marie quem salvara a empresa com a sua persistência. Lá em cima, na sala de estar, o panorama era já outro. Tanto a menina Lüders como a menina Hoffmann haviam entendido os ventos da mudança. Quando Marie lhes pedia para registarem um ditado, mostravam-se zelosas, entregavam-lhe as cartas já prontas e de manhã, sem hesitação, traziam-lhe o correio.

– Ficamos sempre contentes quando cá vem, senhora diretora – dissera recentemente a menina Lüders. – Tudo se põe a funcionar como deve ser. Se é que me entende.

Marie ficou apenas meio satisfeita com aquele elogio, mas tal revelava algo em que ela própria já vinha a reparar há algum tempo: Johann Melzer afastava-se cada vez mais da gestão corrente, entregando a Marie os aprovisionamentos e preocupando-se muito pouco com as vendas dos tecidos de papel produzidos. Ela provara ser uma empresária prudente e sensata e isso parecia bastar-lhe. De resto, só a sua assinatura era válida, por isso todos os documentos tinham de lhe ser apresentados para receber a sua aprovação.

Hoje, exceccionalmente, estava sentado à secretária do gabinete de Paul, com várias pastas e livros à sua frente.

– Voltaste a não almoçar connosco, papá – disse ela em tom reprovador. – Subsistes à base de quê? Do ar e dos números?

Ele fechou o livro com força e tirou os óculos. O seu rosto enrugara-se muito. Quase parecia que o seu corpo, até então tão vigoroso, decidira encolher-se, até o casaco parecia de repente demasiado largo.

– Para que vieste ver estes livros, Marie? Tem que ver com a tua obsessão pela arte da contabilidade de dupla entrada?

Ele deveria na verdade estar orgulhoso por a sua nora se ocupar de coisas tão aborrecidas como a contabilidade. Estranhamente, ele elogiava-a amiúde diante de pessoas conhecidas como uma «arguta empresária»; mas, quando se tratava de lhe explicar alguma coisa, esquivava-se.

– Pedi ao senhor Bruckmann da contabilidade que me emprestasse alguns dos registos.

Ele soltou uma gargalhada breve e entrecortada e depois teve de tossir. O velho Bruckmann era mesmo a pessoa certa, a esse ela conseguia levar pelo beicinho.

– E então? Ele explicou-te o ofício dele? Dever e haver? Tudo direitinho com os transportes de saldo numa caligrafia minúscula? Escreve tudo com dedinhos finos, o rapaz. Como um monge a copiar a Bíblia.

O velho contabilista explicara-lhe muita coisa. Todavia, como entrara em grandes pormenores, ela não ficou com a sensação de ter compreendido tudo. E por isso pedira para trazer aqueles livros.

– Sim, é um funcionário diligente e leal.

Os seus olhares encontraram-se no copo meio vazio pousado na secretária à direita da pilha de livros e que não fora ela a usar. Melzer pigarreou, pegou no copo com um movimento quase de desafio e bebeu até ao fim.

– Estás basicamente à espera de que eu desocupe a minha cadeira para ti, não é? – disse ele então, não sem ironia.

– Não te levantes, papá. Eu queria de qualquer modo conversar contigo sobre uma coisa.

Tirou o chapéu e despiu o casaco, depois sentou-se num dos cadeirões de cabedal. Quase cruzou as pernas e balançou as pontas dos dedos, mas achou melhor não, sabia que ele não o toleraria.

– Trata-se das tuas criações? Ora, se quiseses saber a minha opinião, não gosto quando as mulheres se vestem como homens.

Ela criara fatos e casacos fáceis de confeccionar com os tecidos de papel. Eram formas direitas, simples e sem arabescos e, ainda assim, achava ela, com um toque chique feminino.

– Não, não é sobre isso, papá. Queria falar contigo sobre os salários.

Ele fez uma cara como se ela tivesse acabado de falar russo.

Marie percebeu claramente que não seria uma conversa fácil.

– Não precisas de dar a volta à cabeça com isso, Marie. Desde que esta fábrica existe, os meus trabalhadores foram sempre pagos decentemente.

Ela tinha uma opinião diferente. Só que não era agora oportuno terem uma discussão a falar do passado, num instante acabariam por se desviar para coisas que desde logo envenenariam a conversa.

– Se tomarmos como referência a fábrica das máquinas ou a fábrica de papel, claro que sim – começou ela cautelosamente. – Mas eu acho que os operários de lá não têm de se contentar com uma miséria de salário.

Ela olhou para ele a tentar perceber a sua reação. Ele manteve-se impassível, segurava nos óculos pela armação e, de sobrolho trocista erguido, parecia estar à espera de alguma coisa.

– Seguramente já ouviste falar dos tumultos e das greves – prosseguiu ela.

– Eu acho que muitos dos trabalhadores vêm para a rua por pura miséria.

– Achas que sim? – interveio ele com sarcasmo. – Olhem-me só. A minha nora a defender os comunistas. Se calhar até estiveste numa das reuniões deles? Levantaste o punho e confraternizaste com os da Aliança de Espártaco? Lá na Rússia, infelizmente, derrubaram o czar e proclamaram uma república soviética. Uma república onde a população é quem detém o

poder! É o fim de qualquer cultura. Profanaram igrejas, mataram pessoas. Lá as mulheres transformam-se em hienas.

– E porquê? – exclamou ela, exaltada. – De certeza que não foi por as pessoas viverem muito bem. Estas revoltas nascem da fome e da miséria. Já alguma vez viste como são as coisas nos bairros pobres da nossa cidade?

Ele tinha o rosto vermelho como um tomate, a ponto de ela recear tê-lo enervado em demasia. Furioso, bateu com o punho na secretária. Se os seus trabalhadores vivessem realmente na miséria, ele seria o último a recusar-lhes um aumento do salário. Ele financiara um bairro para os trabalhadores. Um infantário. Ele cuida dos seus trabalhadores como da sua família.

– Nesse caso, deves dar-lhes um aumento antes de terem a ideia de exigir o dinheiro com uma greve. Os preços dos alimentos estão constantemente a subir.

– Isso é um disparate. Os preços são fixados pelo Estado.

Ela teve de inspirar fundo para controlar a sua fúria. Ele não sabia que a maioria dos alimentos eram vendidos «por baixo do balcão»? Não, não podia ser tão ingénuo assim.

– Tanto quanto pude ver na contabilidade, estaríamos absolutamente em condições de pagar um aumento dos salários dos operários e dos funcionários.

– Ah, então é isso! – escarneceu ele. – É por isso então que andas a analisar a minha contabilidade! Minha querida menina, as tuas fantasias românticas de uma classe operária feliz através de aumentos salariais andam longe da realidade. Mais dinheiro não faz trabalhadores mais felizes. Cria apenas novas cobiças, uma espiral que nunca mais acaba. No final querem ficar com tudo, a fábrica, a Vila dos Tecidos, o nosso património, tudo!

Céus, como era casmurro. Se ao menos tivesse Paul a seu lado, tinha a certeza absoluta de que ele seria da mesma opinião. Mas Paul estava longe, tinha de lidar com aquilo sozinha.

– O que acontece aos lucros que sobram no final do mês? – teimou ela.

– Precisamos de reservas – rosnou ele. – Ninguém sabe o dia de amanhã.

– Se queremos que a fábrica sobreviva, precisamos de riqueza de ideias, intuição para o negócio e trabalhadores zelosos. Trabalhadores dispostos a dar tudo por tudo por nós!

– Precisamente – retorquiu ele com maldade. – E precisamente por isso não podemos mimar a nossa gente. Caso contrário, será muito fácil eles

virem a exigir mais do que aquilo que lhes conseguimos pagar.

Assim não se chegava a lado nenhum. Zangada, ela pôs-se de pé, agarrou nos livros e levou-os para a antessala. Pediu então à menina Hoffmann que os entregasse ao senhor Bruckmann na contabilidade. A expressão de susto na cara da menina Hoffmann irritou-a ainda mais – era evidente que as duas estavam à escuta atrás da porta e haviam assistido à sua derrota.

Quando fez menção de voltar ao gabinete de Paul, Johann Melzer veio ao seu encontro com um vago sorriso no rosto. Estaria ele a divertir-se à sua custa?

– Como agora com certeza queres pôr-te a ditar cartas, vou fazer-me à estrada – disse ele. – Menina Lüders, já recebi hoje a pasta com os documentos para assinar?

– Não, senhor diretor – respondeu a menina Lüders com excesso de zelo. – Queria primeiro escrever as cartas que a sua nora... Mas posso naturalmente desde já...

Ele dirigiu-se para a porta do seu gabinete dando passinhos estranhamente curtos. Marie reparou na sua postura rígida, o ligeiro alto no lado esquerdo do peito. Mas é claro, ele escondera uma garrafa no bolso de dentro.

– Não há pressa nenhuma – disse ele. – Tenho tempo.

Elisabeth repreendeu-se a si mesma por ser tão tola, mas o bater do coração que a surpreendia sempre que fazia aquele caminho não o conseguia nunca acalmar. Passou pela Igreja de Jakob, depois virou duas ruas à esquerda mais adiante, passou por uma pequena praça e lá estava. Não muito longe do velho bairro Fuggerei ficava o Orfanato das Sete Mártires, um edifício maciço e rebocado com uma cor clara, com janelas altas e estreitas. O orfanato onde Marie passara a infância. Desde que Elisabeth o frequentava mais regularmente, tornara-se-lhe evidente que a infância de Marie fora com certeza bastante triste.

Usou o batente antigo para bater à porta, o qual fazia sempre um barulho tremendo, e depois esperou e tentou, em vão, controlar o nervosismo. Que ridículo tudo aquilo. Ela era uma mulher casada que ia ali para cumprir o seu dever patriótico, nomeadamente oferecer um donativo para os órfãos. Uma das raparigas mais velhas, uma menina magra e pálida de dez anos, veio abrir a porta e debruçou-se numa vénia.

– Bom dia, Coelestina. Como estás?

– Estou bem, muito obrigada, senhora Von Hagemann.

A submissão que algumas das crianças mais velhas manifestavam não era de todo do agrado de Elisabeth. Sabia muito bem que os que faziam as vénias mais fundas eram precisamente os que usavam da pior má-língua. Mas a antiga diretora do estabelecimento, uma tal de senhora Pappert, devia ser mesmo uma grande bruxa a mandar em todas aquelas pobres criaturas com mão de ferro. Considerando o que ficara a saber entretanto, Elisabeth ganhara um enorme respeito por Marie. Ela fizera frente àquela mulher diabólica. Muito respeito.

Elisabeth passou suavemente a mão pelo cabelo liso da rapariga, que estava penteado com duas tranças. Reparara entretanto que a maioria

daquelas crianças gostava do contacto físico, sobretudo os mais pequenos ansiavam especialmente por isso. Não era de admirar: com exceção da resoluta cozinheira, que trabalhava ali algumas horas, havia apenas duas senhoras mais velhas que podiam muito bem ter sido verdadeiros marechais. Não havia de todo ali uma figura maternal. Mas em compensação tinham um pai carinhoso: Sebastian Winkler.

Como era imensa a entrega com que se dedicava àquela tarefa, como era atencioso, e tinha muito afeto por cada uma daquelas pobres criaturas! Não, ele era realmente uma pessoa incrivelmente amável.

– O senhor Winkler está lá adiante, ao pé dos doentes – disse Coelestina com um precoce olhar penetrante. – A Clara e o Julius têm sarampo.

– Sarampo? Oh, Jesus.

– Eu já tive sarampo, quando tinha sete anos – explicou a rapariga com orgulho. – O doutor Greiner disse que por isso já não volto a ter.

Elisabeth tentou por momentos lembrar-se se ela própria tivera aquela doença em criança, mas não conseguiu. Tinha apenas a certeza em relação a Kitty, ainda hoje lhe ecoava nos ouvidos a gritaria da irmã mais nova quando viu no espelho a cara cheia de pintas.

Passaram por um corredor estreito e bastante escuro. De ambos os lados abriam-se portas devagarinho e apareciam os rostos de crianças curiosas. Pequenos fedelhos com o dedo no nariz, rapazinhos pálidos e delicados de olhos grandes, meninas de vestidos largos sem sapatos, raparigas mais velhas com vestidos demasiado grandes. Os mais pequeninos estavam lá em cima, onde ficavam as duas grandes camaratas e onde eram acompanhados por uma das mulheres. Elisabeth conhecia entretanto todas as crianças, chamava-as pelo nome, tinha as suas preferidas e aquelas de que gostava menos.

O diretor do orfanato, Sebastian Winkler, saiu do seu gabinete para o corredor e, apesar de momentos antes o seu rosto se ter apresentado muito preocupado, cumprimentou-a calorosamente. Estaria ela apenas a imaginar ou ele irradiava realmente de alegria quando a via?

– Senhora Von Hagemann! Que bom que nos veio visitar novamente. Não... dê-me por favor um momento para lavar as mãos. Temos cá infelizmente casos de sarampo. Instalei os dois pequenos doentes no meu gabinete para que não contagiem os outros.

Fechou a porta atrás de si, conduziu-a à sala de refeições que também funcionava como sala de estar e sala de aulas e disponibilizou-lhe uma cadeira. Depois, com um pedido de desculpas à pressa, correu a lavar as mãos. Estava plenamente convicto de que as doenças contagiosas só podiam ser travadas com hábitos de absoluta higiene.

Elisabeth foi imediatamente cercada, teve de responder a mil perguntas, ouviu um sem-fim de histórias e, porque os dois mais pequenos, um rapaz ruivo e uma menina muito pequenina quase sem cabelo, não a deixavam em sossego, puxou-os para o seu colo.

– Trouxeste chocolate, tia Lisa?

– Quando for grande quero ser soldado e andar a cavalo.

– Hoje ao jantar temos papa grossa com açúcar, tia Lisa. Queres jantar connosco?

– Eu também quero ir para o teu colo.

– Ó tia... Eu tenho taaaaaaantas dores de garganta!

– A minha mamã é uma índia que vive num castelo e tem um gato dourado.

– Ó tia Lisa... O tio Sebastian fica sempre muito vermelho quando falamos de ti.

Quando ele voltou, ficou um instante parado junto da porta a observar a agitação em torno da sua convidada, decidindo-se por fim a pegar numa cadeira e a sentar-se a seu lado. Baloçava um pouco ao andar, fora-lhe feita uma prótese de madeira com a qual – dizia ele – se entendia lindamente. Só mais ao fim do dia, admitia, a perna lhe doía um pouco.

– Tenho sempre a sensação de ser terrivelmente interesseiro – disse ele a sorrir. – A verdade é que já tem trabalho que chegue no hospital e, ainda assim, estou sempre a pedir-lhe que nos venha cá visitar. É por causa das crianças, estão encantadas consigo.

Elisabeth riu-se, lisonjeada, e respondeu que tinha um enorme prazer em estar com os pequeninos e por poder fazer algo por eles.

– O trabalho no hospital é muitas vezes muito opressivo – reconheceu ela.

– Ontem morreu mais um soldado com tifo. Já não o conseguimos ajudar. Ele ditou-me uma longa carta de despedida dirigida aos pais e à noiva.

Dois rapazinhos engalfinharam-se, ouviam-se insultos e gritos furiosos e Sebastian saltou para separar os galos.

– Mas que vergonha, em frente da senhora Von Hagemann! Já que lá fora está tudo em guerra, ao menos aqui dentro seria bom mantermos a paz. Façam as pazes!

Elisabeth assistiu aos dois rapazes imberbes a estenderem a mão enquanto, ao mesmo tempo, trocavam olhares sinistros. Aquela paz não duraria muito tempo, era assim também antigamente com ela e Kitty.

– Trouxe algumas coisas. Nada de especial, mas será melhor que as tiremos do saco na cozinha.

Tinha dez sabonetes bons, várias latas de carne de vaca de conserva, um saco de rebuçados de framboesa e um boião de mel de abelhas, verdadeiras preciosidades que tirara da despensa da Vila dos Tecidos. Era decerto apenas uma gota de água no oceano, já que naquele momento havia mais de quarenta crianças no orfanato, mas sempre era melhor do que nada. Sebastian Winkler sentara-se à sua frente à mesa da cozinha e recebia as dádivas manifestamente enternecido. Quando, além do mais, ela ainda lhe passou por cima da mesa um envelope com um pequeno montante em dinheiro, ele segurou a mão dela por momentos.

– É um genuíno anjo, senhora Von Hagemann. Eu sei que estas palavras soam empoladas e sem graça, mas não me ocorrem outras que se apliquem melhor a si.

Elisabeth abandonou-se ao formigueiro agradável que o seu contacto desencadeou. A sua mão era quente e firme e com um toque tão tremendamente masculino. Macia e forte. Um protetor e, ao mesmo tempo, um adorador. Uma pessoa amável e de alma pura. Ainda bem que ele não sabia das fantasias bem terrenas que atormentavam naquele momento o seu «anjo». É certo, ela era casada. Há não muito tempo estava basicamente louca por Klaus von Hagemann. Entretanto, contudo, fora obrigada a engolir uma série de desilusões. Não, ela tinha mais do que o direito de se entregar aos seus sonhos.

– Assim fico envergonhada, senhor Winkler.

– Posso oferecer-lhe um chá? Por favor, dê-me essa satisfação.

Deus do céu, estavam sozinhos na grande cozinha, a cozinheira já se fora embora. Sebastian Winkler levantou-se e tirou duas chávenas da prateleira, pousou-as em pires que não combinavam de todo e levantou então a placa de fogão redonda usando um gancho de ferro, a fim de colocar lenha lá dentro.

– Deixe-me fazer isso! – exclamou ela num impulso.

– Mas jamais – retorquiu ele com determinação. – Deixe-se estar sentada, eu não sou tão desajeitado como pareço.

Naquele momento a tampa de ferro redonda escorregou do gancho e caiu com grande estrondo em cima do fogão. Oh, Deus, pensou Elisabeth, intimidada. Eu não faço mesmo a mínima ideia de como se acende um fogão de cozinha. Porque nunca fui à cozinha aprender? Bom, porque a mamã o proibiu.

– Peço muitas desculpas – gaguejou ele. – Não queria assustá-la. Como pode ver, estou ainda a dar os primeiros passos nas artes da cozinha. Mas está tudo bem. Não tarda nada já está.

Pôs mais lenha lá dentro e arrastou a tampa novamente para o seu lugar. Depois encheu a chaleira e colocou-a em cima do fogão. Gotas de suor haviam-se formado na sua testa, o seu rosto largo de traços algo grosseiros estava vermelho com o esforço. Elisabeth deu por si novamente a ter pensamentos inconvenientes. Como seria ser agarrada por aquelas mãos grandes e robustas? Assim bem firme, como um homem que agarra uma mulher que deseja?

– Estou muito contente por ter o privilégio de a conhecer – disse ele quando voltou para a mesa. Sentou-se à frente dela e limpou a testa com um lenço. – Não me leve a mal, senhora Von Hagemann. Há um tipo de afeição entre um homem e uma mulher que nada tem que ver com uma simples corporalidade. Uma afinidade entre almas, patente muito antes da nossa existência física. Como expressou Goethe no seu poema dedicado a Charlotte von Stein, «... pois em tempos longínquos e perdidos foste minha irmã, foste minha...».

Não terminou a citação, saltando, ao invés, confrangido, para ver da água para o chá. Agora ela já achava que aqueles discursos eram algo exagerados, sua irmã era coisa que ela não queria de todo ser. Mas, em todo o caso, as suas palavras faziam-lhe bem. Era agradável ser cortejada por um homem, desse ponto de vista ela estava absolutamente em privação. Inclusivamente no que tocava à alma.

Ele voltou com um bule de chá de hortelã e contou com orgulho que havia apanhado as ervas nos prados com as crianças. E depois passou a abordar outro assunto.

– Como sabe, a minha antecessora foi dispensada do seu cargo. Através do reverendo Leutwien, tive agora conhecimento em pormenor das circunstâncias aqui vividas e tenho de dizer que estou horrorizado.

Fora do pastor Leutwien a iniciativa de promover a investigação que acabaria com a expulsão da senhora Pappert. Fora também ele quem propusera Winkler como seu sucessor.

– Imagine só, senhora Von Hagemann. Aquela mulher desviava sistematicamente os dinheiros da união e também os muitos donativos particulares para a sua conta pessoal. Juntou uma verdadeira fortuna com esta vigarice, dinheiro destinado às crianças e que tanto era preciso. Quando iniciei aqui as minhas funções, os pequenos pouca roupa tinham no corpo, sapatos praticamente não havia e as camas estavam num estado deplorável.

– E onde para esse dinheiro? É possível confiscá-lo e devolvê-lo ao orfanato?

Ele bufou de raiva e abanou a cabeça. Não, ela era uma pessoa incrivelmente astuta. Alegou ter entregado todos os seus bens para empréstimos de guerra e em casa dela nada foi encontrado.

– Não é nada improvável que tenha mandado tudo para a Suíça. A verdade é que ela viajou até lá pouco antes de a guerra começar. Sabemos isso porque a união teve de arranjar quem a substituísse durante três dias.

– Mas que besta – escapou a Elisabeth. – E que lhe vai acontecer agora?

– Está presa. A polícia está a trabalhar para esclarecer todo o caso. Ao que parece, a senhora Pappert tem conta num banco privado.

– E será esse o Banco Bräuer?

Ele pousou um passador sobre a chávena de Lisa e verteu o chá. O aroma intenso a hortelã fresca subiu-lhe ao nariz e recordou-lhe o macio creme esverdeado de hortelã que antigamente a senhora Brunnenmayer fazia nas festas de aniversário das crianças. Com uma cobertura de chocolate que estalava tão maravilhosamente entre os dedos.

– Sim, no Banco Bräuer. O que não quer dizer naturalmente que o banco tenha alguma culpa. E muito menos o seu cunhado que tombou pela pátria.

Ele estava naturalmente a par das relações familiares. Elisabeth mexeu o chá e respondeu que esperava sinceramente que fosse possível recuperar pelo menos uma parte do dinheiro.

– Caso ela tenha realmente subscrito empréstimos de guerra...

Não proferiu a frase até ao fim, mas estavam os dois a pensar o mesmo. Ninguém de perfeito juízo acreditava ainda na alardeada vitória e nos territórios que o império iria conquistar. Não, o dinheiro que tanta gente empenhara em empréstimos de guerra estava perdido.

– Eu próprio entreguei o meu dinheiro em prol do imperador e da pátria – confessou Winkler. – Não me arrependo, já que fiz o que tantos outros também fizeram. Em última análise, somos todos leais à nossa pátria alemã, com ela viveremos ou morreremos.

Ela sorriu e refletiu que havia muitos súbditos do império a ganhar muito dinheiro com aquela guerra. Sobretudo as siderurgias de Augsburg, onde se construíam motores para submarinos e canhões para a artilharia, as fábricas de munições e as fábricas Rumpler, onde se produziam aviões, os chamados «pombos Rumpler». Também a fábrica de tecidos Melzer se estava a sair bem com os seus tecidos à base de papel, já que estava em produção enquanto as outras fábricas de têxteis tinham as máquinas paradas. Como filha de um industrial, ela sabia que no mundo dos negócios era sempre o mais competente a levar a melhor, ou pelo menos era isso o que o papá dizia sempre. Mas que um homem pobre e decente como Sebastian Winkler, regressado inválido da guerra, ainda por cima tivesse de perder todo o seu dinheiro, isso ela achava uma injustiça.

– Muito, muito obrigada pela sua hospitalidade. Infelizmente, tenho de voltar, o meu serviço no hospital começa daqui a menos de uma hora.

Ele teria gostado de conversar com ela mais um pouco, mas entretanto apareceu a cozinheira e começou os preparativos do jantar com um grande ruído de bater de panelas. Quando se despediu dela no corredor, ela estendeu-lhe a mão e gostou do facto de ele não a levar aos lábios, como costumavam fazer os senhores do seu meio. Também não lhe teria ficado bem, pelo que ele se limitou a envolver e apertar a mão.

– Deus a proteja. Tem tido notícias do seu marido? Está na frente, na França, não é?

A pergunta foi acompanhada de um olhar ingénuo; parecia estar realmente preocupado com o bem-estar do major Von Hagemann. Ela teve de se controlar para ocultar o seu mal-estar. Nos últimos meses, nutrira pouco interesse pelo destino do marido, mas dificilmente lho poderia admitir. Em casa, bem no fundo da gaveta da sua escrivaninha, tinha uma carta enviada da Bélgica que chegara até ela por vias travessas. Nessa carta,

uma tal de duquesa de Grignan comunicava que o major Klaus von Hagemann havia seduzido e engravidado a sua filha Caroline. Partindo do pressuposto de que o senhor major era um homem de honra, exigia-lhe que assumisse a sua responsabilidade. Caso contrário, o seu irmão que vivia na França iria pedir-lhe reparação. A questão do duelo era evidentemente um disparate, mas a sedução de certeza que não era. A Bélgica era um país mais ou menos ocupado, os senhores oficiais não se faziam rogados quando se tratava de seduzir uma rapariga. Nem que fosse uma princesa de Grignan. Elisabeth lera aquela carta com uma fúria amarga e não contara nada a ninguém. Depois dos rumores maldosos em torno de Auguste, aquela acusação levava para lá do limite a dimensão das humilhações que lhe estavam a ser impostas.

– Sim, está em Reims a combater contra os soldados do general Nivelles.

Aquela notícia já tinha algumas semanas, ela atirara as duas últimas cartas, por abrir, para dentro da gaveta da escrivaninha. Mas ainda assim ouvia falar dos seus atos heroicos pela boca da sogra, quando volta e meia se apresentava na Vila dos Tecidos por estar em falta o pagamento da renda.

– Vou incluí-los aos dois nas minhas orações – disse Sebastian Winkler à despedida, e ela agradeceu-lhe as palavras calorosas.

Não, não havia ninguém a quem ela pudesse confiar o seu segredo. Mas isso não era novidade nenhuma.

Kitty levantou a cabeça com esforço e piscou os olhos. Uma vez mais, Auguste não fechara bem os cortinados e agora uma faixa de luz resplandecente entrava pelo quarto adentro.

– Kitty, meu amor – chamou a mãe para dentro do quarto. – Desce até à sala, recebemos café em grão. E também há torta de noz com mel.

Na faixa de luz bailavam minúsculas partículas de pó, faisczinhas douradas que rodopiavam alegremente para cima e para baixo, como se celebrassem algum acontecimento feliz. Kitty contorceu dolorosamente o rosto e levou as costas das mãos à testa.

– Não tenho fome, mamã.

Conseguiu ouvir a mãe a suspirar. Mas porque a punham todos de consciência pesada só porque estava a sofrer? Será que achavam que ela gostava de se sentir infeliz? Nem Marie a compreendia; em vez de a consolar, viera com repreensões. Como assim, ela não tinha o direito de se entregar à sua dor? Porque tinha uma filha? Mas que imbecilidade. A senhora Sommerweiler cuidava da pequena Henni, ela brincava com Dodo e Leo; quando a mãe volta e meia aparecia no quarto das crianças, a menina estava bem acompanhada.

– Ora, Kitty. Não me deixes lá sozinha. A Marie e o papá estão na fábrica e a Lisa está no hospital.

A mamã era hábil a fazer aquilo. Agora a má era ela, Kitty. Deixava a sua pobre e velha mãe no salão vermelho a tomar café e torta de noz sozinha. Endireitou-se na cama e atirou duas das pequenas almofadas de seda para o chão num gesto irritado.

– Mamã, eu não me sinto bem. Gostaria de ficar sozinha. Por favor, compreende. Não tem nada que ver contigo.

– Mas é claro... Melhoras, meu amor. Dorme como deve ser. O sono é o melhor remédio. Queres que chame o doutor Schleicher?

– Não!

Era o que mais faltava. Aquele indivíduo bisbilhoteiro e convencido que lhe fazia todas as perguntas possíveis e impossíveis. Se tinha sonhos. Se gostava de dar passeios na floresta. Se tinha medo de cobras e minhocas. No início ela dizia-lhe sollicitamente tudo o que ele queria saber, mas, agora que o destino a tratara tão duramente, ele bem que podia guardar para si as suas perguntas idiotas. E também os comprimidos para dormir. Ele que enfiasse essas coisas pela sua própria garganta abaixo.

Sim, ela tinha sonhos. Mais do que gostaria. Surgiam na maioria das vezes quando já dormia há algum tempo, então assomavam da suave escuridão como espíritos maus e tomavam conta dela. Amiúde ela via um lago de montanha diante dos seus olhos, águas límpidas e infinitamente profundas, em que se refletiam os cumes cobertos de neve das montanhas. Era um panorama bonito, tranquilo e, sem a mínima oscilação, as imagens pairavam à superfície das águas. Mas, quando ela se aproximava, a água escurecia repentinamente, a erva dos prados nas margens transformava-se numa lama castanha e as ondas feias e sujas do lago chapinhavam até aos seus pés. Mas o pior era que as águas enlameadas estavam cheias de inúmeras criaturas, lagartos de caudas compridas e peixes escorregadios que a fixavam com os seus olhos redondos. Desesperada, ela tentava então fugir, mas já sabia de antemão que os braços secos dos lagartos se enrolariam à volta do seu corpo, acabando por fazê-la cair. Não sabia ao certo o que lhe acontecia em seguida, mas era em todo o caso horrível, provavelmente era devorada. Acordava então, encharcada em suor de terror, permanecendo depois muito tempo deitada de costas sem se atrever a adormecer novamente.

Uma vez, Humbert trouxera-lhe ao quarto uma malga de caldo de galinha e, por algum motivo, ela perguntara-lhe se ele tinha sonhos tão terríveis assim. Se calhar ela percebera-lhe no rosto que o pobre homem estava bastante emagrecido e que na cara trazia uma expressão diferente.

– Sonhos? Oh, sim, minha senhora. Todas as noites. Não há nada que se possa fazer, sabe? Algures na minha cabeça há uma porta que, quando se abre, os deixa entrar.

Ela ficou fascinada. Era exatamente o que lhe acontecia. E que sonhava ele, quis ela saber.

– Sobretudo com ratazanas, minha senhora. São animais muito engraçados, sentam-se sobre os quadris, seguram num pedaço de pão com as duas patinhas e vão mordiscando. Ficaria espantada se visse a sua habilidade a rodar o pedaço de pão nas patas. E a ver como o nariz cor-de-rosa e os bigodes balançam enquanto o fazem.

Ela achou que toda aquela descrição era extraordinária. Uuu! Ratazanas! Que nojo. Que tinham elas de engraçado? Podiam transmitir a peste.

– Muitas vezes também vejo ondas pretas, vales e colinas feitos de um lodaçal castanho. Mexem-se como um grande mar e atiram muitas pessoas para a margem. Pessoas cinzentas de olhos grandes e estáticos deitadas na erva verde. Veem-se aí também capacetes estragados, armas partidas, cartuchos e, pelo meio, crescem papoilas vermelhas.

Soava horripilante e fazia-lhe um pouco lembrar o seu ameaçador lago de montanha. Ela quis saber o que Humbert fazia quando era invadido por tais sonhos durante a noite.

– Não sei, minha senhora. Volto a adormecer. Na maioria das vezes, acordo mais tarde na minha cama. Mas às vezes também estou na cozinha, debaixo da mesa, e posso jurar-lhe que não tenho noção nenhuma de como lá fui parar.

– É realmente muito estranho. Ponha o caldo de galinha aí na mesa, Humbert. E muito obrigada...

Ele segurava na malga com a mão esquerda, com medo de o caldo poder transbordar. A mão direita ainda estava rígida. Mas quando ele fazia uma vénia parecia tão elegante como antes.

– É claro que sim, minha senhora. Desejo-lhe tudo de bom. E também para os seus sonhos.

Mas que ave rara. Absolutamente encantador, mas também um pouco estrambólico. Alfons dizia-o sempre. Alfons... Sentiu a dor habitual que a perpassava quando pensava em Alfons. Começava na zona do estômago, subia então rapidamente e permanecia como uma coisa grossa na garganta que a obrigava a engolir. Na maioria das vezes, ela começava então a soluçar, todo o seu corpo se contraía e só depois de chorar algum tempo a dor desaparecia novamente. Oh, havia tantos motivos para pensar em Alfons. Por todo o quarto havia pequeninas coisas que ele lhe oferecera durante o seu breve período de noivado. Um lençinho de seda, frascos de perfume, um abre-cartas com cabo de marfim, uma bolsa verde-alface de pele de cobra

tingida, sete pequenos elefantes de alabastro. Na altura, ele dissera que lhe trariam sorte.

Ela só se apaixonara por ele quando já estavam casados. Que loucura. Que injustiça. Nem um mês chegaram a ter de lua de mel e logo ele foi mobilizado. Ela nunca teria pensado que sentiria tão infinitamente a sua falta. Naquele único mês de felicidade, ele fora tudo para ela. Pai e irmão, amigo, amante. Fora a sua outra metade, tudo o que ela fazia, em que ela acreditava e todas as suas esperanças diziam-lhe respeito a ele e ele devolvia-lhe a confiança a multiplicar. Como fora desajeitado na noite de núpcias! Não, não era um amante experiente, mas foi precisamente isso que lhe agradou. Ela foi a sua professora e ele aprendeu depressa... Não fora sensato pensar nas noites passadas com Alfons, agora sentia de novo aquela dor horrível a subir por ela acima, daí a nada estaria a chorar. O choro punha-a feia, as pálpebras inchavam, as bochechas ficavam gordas e às manchas, mais se parecia com uma panqueca mal-amanhada. Mas a quem importava a sua aparência? Ela estava infeliz; sem Alfons não queria continuar a viver!

– Kitty? Kitty!

Ela soluçava tão alto que não reconheceu imediatamente a voz de Marie. Oh, Marie, também já não era a sua doce amiga do coração de antes. Marie revelara ser uma pessoa insensível, não queria que ela entrasse no quarto.

– Não... não... não entres... – conseguiu dizer entre os soluços.

Marie não pareceu ter ouvido, pois já estava junto da sua cama.

– Não achas que é um exagero estar na cama em pleno dia a chorar?

Apesar das convulsões do choro, Kitty ficou indignada com tais palavras. Mas que maldade! O cúmulo da insensibilidade! Oh, como Marie estava mudada! Transformara-se numa bruxa má que se divertia com o seu sofrimento.

– Por amor de Deus, Kitty! Todos compreendemos e respeitamos a tua dor. Mas não és a única pessoa nesta guerra a perder o marido. É um destino que afeta mulheres na Europa inteira, até na América, nas colónias...

Em resposta, Kitty atirou uma almofada de seda a Marie, mas esta não se deixou impressionar. Agarrou na almofada e pousou-a no sofá azul-claro. Dirigiu-se então para a janela e abriu os cortinados. O sol dourado do outono invadiu o quarto, tão quente e cheio de vida que chegava mesmo a ser um atrevimento.

– Fecha... fecha já... fecha já esses cortinados.

Kitty não conseguiu continuar a falar porque tinha o nariz a pingar. Remexeu sob a almofada de dormir e tirou lá de baixo um lenço.

– E... e depois... depois trata... trata de te ires... ires embora... sua bruxa... megera... sua peste – disse ela a chorar para dentro do lenço.

– Não tenho intenção nenhuma de fazer isso!

Kitty chorou mais alto, menos de dor de coração, mas mais de fúria. Intensificou o seu desespero ao máximo, bateu na testa, no coração, atirou-se para as almofadas e, ao ver que Marie ainda estava impassível junto à cama, começou a gritar.

Marie permaneceu obstinadamente no mesmo sítio e esperou. Atrás de si, abriu-se a porta do quarto, Lisa olhava pasmada para toda aquela cena.

– Fora! Todos fora... Aaaaaaah.

Marie voltou-se para Elisabeth e trocaram um longo olhar. Kitty via o rosto escarninho de Lisa. Aquela pessoa má encolheu os ombros e disse quatro palavras a Marie antes de se retirar.

– É tudo só teatro!

Kitty sentiu-se no fim das suas forças. Iria desmaiar já de seguida e então Marie veria o que ela tinha arranjado. Cravou os dedos no edredão e inspirou fundo.

– O que diria o Alfons se te visse assim!

Deixou-se cair na almofada, totalmente esgotada e desamparadamente desesperada.

– Ele não me vê. O Alfons está morto... morto... morto... – resmungou ela.

Marie sentou-se então na borda da cama e abraçou-a. Sabia infinitamente bem ser embalada como uma criança e ouvir as palavras suaves de consolo de Marie. Kitty aconchegou-se na cunhada, que ainda antes insultara dizendo que era uma bruxa e uma megera, e entregou-se plenamente à sua ânsia por afeto e sentimento de proteção.

– Querida, nós sabemos todos o quanto estás a sofrer. Mas o Alfons não teria desejado que tu te transformasses numa velha viúva feia e ressequida vestida de preto.

Kitty engoliu em seco. Doía-lhe terrivelmente a garganta de chorar tão alto. Estava tudo inchado. Ela parecia certamente uma almôndega de batata amassada.

– Eu... eu não sou ressequida – resmungou ela.

Marie sorriu e apertou-a.

– Se continuares assim, não tarda nada ficas. Olha como tu estás. Despenteada e de roupão. Quando foi a última vez que te vestiste como deve ser?

– Há alguns dias... ou há uma semana.

Gertrude Bräuer viera de visita com o marido. Estavam os dois profundamente de luto, especialmente Edgar Bräuer parecia muito abatido, a ponto de se preocuparem com ele. Quis ver a pequena Henni e brincou algum tempo com ela. Kitty aparecera num vestido azul de trazer por casa que estivera pendurado no armário anos a fio e que há muito pusera de lado. Quando os sogros lhe pediram que fosse com eles visitar o túmulo no cemitério de Hermanfriedhof, ela recusou.

– Foi cobarde da tua parte, Kitty. Os dois estão muito desesperados, tinhas a obrigação de lhes prestar apoio.

Kitty refrescou as faces com um paninho que embebera em água-de-colónia.

– Detesto túmulos, Marie – defendeu-se ela, chorosa. – E, além do mais, o pobre do Alfons não está lá sepultado. Ninguém sabe onde é a sepultura dele. Enterraram-no algures na França. Nesse caso, para que é precisa uma sepultura em Augsburg?

– Acho que precisam de um lugar onde descarregar a sua dor.

– Eu cá prefiro fazer isso na minha cama – rosnou Kitty.

O abraço de Marie tornou-se mais enérgico, chegou mesmo a sacudir Kitty.

– Vais acabar imediatamente com isso!

– Porquê? – lamuriou-se Kitty.

– Porque não leva a nada. Encolheres-te na cama como um bebé não traz o pobre do Alfons de volta. Acorda de uma vez por todas, Kitty! Ainda és jovem, és bonita e recebeste um talento inato!

Kitty pestanejou e limpou os olhos. As pestanas estavam muito grossas. Doíam-lhe quando as esfregava.

– Mas que talento?

– E ainda perguntas? – exclamou Marie, enervada. – Já te esqueceste de que és uma artista? Uma pintora?

Com desânimo, Kitty encolheu os ombros, mas desviou os olhos para o cavalete, que esperava há meses a um canto. A ideia de pegar num pincel

tinha algo que a paralisava. O cheiro das tintas. A paleta suja. Terebintina. A tela vazia.

– Ah, então é isso. Isso não é nada de especial. São só uns gatafunhos.

Marie agarrou-lhe nos braços e puxou-a para cima até se sentar. Os seus olhos escuros agora perfuravam-na a sério. Marie tinha uma tal força de vontade que metia medo!

– Não tens o direito de desperdiçar este dom que Deus te deu, Kitty. Lembra-te sempre de que o Alfons te admirava por isso. Ele queria que te dedicasses à pintura, não te lembras?

Lá isso era verdade. Quase começou a soluçar outra vez, mas o olhar penetrante de Marie impediu-a. Alfons ficava muitas vezes a vê-la pintar e encorajava-a sempre. E comprara na França todos aqueles quadros fantásticos.

– Sim – murmurou, deixando tombar a cabeça. – Tu tens razão, Marie. Já... já me tinha esquecido.

– E então?

Kitty soltou um suspiro longo e fundíssimo.

– Posso sempre tentar.

Os traços duros no rosto de Marie dissolveram-se, sorriu e afagou o cabelo de Kitty. Aconselhou-a a primeiro pentear o cabelo, já que estava todo enrijado. E um banho também seria boa ideia. Pôr-se bonita. Ver como estava Henni. E depois estar um bocadinho com a mamã, está tão só e precisa de companhia.

– Sim, sim... – disse Kitty.

Fez a tentativa de um pequeno sorriso, apesar de recear que pudesse ficar com uma aparência horrível ao fazê-lo. Inchada e chorosa. Realmente, não levava a nada chorar todos os dias. Marie tinha razão. Podia chorar todas as pedras da calçada e nada mudava com isso. No dia seguinte podia simplesmente começar de novo.

– Vou mandar-te a Auguste para te preparar um banho e tratar do teu cabelo.

– Sim, sim.

Marie apertou-a de novo firmemente contra si, disse-lhe ao ouvido que ela era uma rapariga valente e uma artista extraordinária. Depois saiu e Kitty ouviu-a no corredor a chamar por Auguste.

Lentamente, pôs o edredão para o lado, sacudiu o cabelo solto, coçou-se, pestanejou de encontro aos raios de sol. Entravam obliquamente pela janela, um sol de outono. As folhas do jardim já estariam coloridas?

Percorreu o quarto descalça, encontrou por acaso o roupão e lançou-o pelos ombros. Não, o jardim estava ainda verde-escuro, apenas o velho carvalho ostentava meia dúzia de folhas amarelo-avermelhadas. Voltou as costas à janela e aproximou-se, hesitante, do cavalete. Passou duas vezes por ele, pegou numa escova com pouca determinação para começar a arranjar o cabelo, mas voltou a pousá-la no toucador. Reuniu então coragem e olhou para o quadro já começado. Bah, uma paisagem primaveril algures na Itália, copiara-a de uma fotografia que encontrara num livro.

Tirou uma tela nova, afastou-se dois passos e ficou a encarar a superfície branca. Ali estavam eles. Cresciam daquele nada branco e punham-se a olhar para ela. Os lagartos e os peixes. Movimentavam-se todos juntos, cabeça com cabeça, parecia faltar-lhes o ar. Uma confusão castanho-acinzentada de cabeças escamosas e olhos redondos esbugalhados e acusadores.

Quando, meia hora depois, Auguste entrou no quarto para anunciar que preparara um banho quente, Kitty estava diante do cavalete e desenhava contornos com um lápis fino.

– Sim, sim... – disse ela com desdém.

Nem sequer se voltou, de tão ocupada estava com os seus esboços.

– O jardim todo, sim, senhor!

Gustav agarrou na chávena azul que a senhora Brunnenmayer lhe enchera com café de cevada e bebeu um gole prolongado. E depois limpou o bigode louro. Viera com ele da guerra e não o queria rapar, ainda que Auguste se queixasse de que a arranhava sempre ali naquela zona.

– Por amor de Deus – disse a senhora Brunnenmayer. – Isso é que seria uma pena, Gustav. As árvores tão antigas e tão bonitas!

– Ora essa! – teimou Gustav, pegando na pequena Liesel para a pôr ao seu colo. A menina de três anos esticou os braços na direção do prato com biscoitos de noz que os patrões haviam deixado para os empregados e ele pôs-lhe meio biscoito na mão. – Chupa – disse ele. – Essas coisas são duras como cimento.

Fez acompanhar esta afirmação de um olhar maldoso na direção da cozinha. A verdade é que ela não podia contestar: os biscoitos haviam efetivamente saído muito duros. Devia ter que ver com a farinha, quem fazia ideia do que ali teriam misturado. Provavelmente gesso ou algo assim.

– Antigamente o jardim era só mesmo relvado. E campo de cultivo. É solo fértil. E temos água suficiente. É um prado com muitos lençóis de água.

A senhora Brunnenmayer deixou de lhe prestar atenção. Pegou na grande concha de sopa que Hanna acabara de lavar e submeteu-a a um exame minucioso.

– Não está limpa. Abre os olhos, rapariga. Olha, aqui, lava outra vez!

Hanna pegou na concha sem dizer nada, segurou-a contra a luz e removeu os restos de sopa agarrados usando o pano de lavagem húmido.

– Nos últimos tempos andas sempre com a cabeça no ar – continuou a cozinha a resmungar. – Partiste duas chávenas, não foste buscar lenha e o balde das cinzas também está cheio. Em que andas tu a pensar?

– No amante dela! – exclamou Maria Jordan, que acabara de entrar na cozinha.

Hanna olhou-a com fúria, mas não disse nada, continuando a esfregar a concha com o pano. Logo depois apareceu Auguste com o pequeno Maxl e, do outro lado, entrou na cozinha a governanta Eleonore Schmalzler para tomar uma rápida chávena de café com os outros empregados. Também Humbert se lhes juntou, conseguira dormir três noites quase sem sonhos angustiados, pelo que voltara a dizer os seus gracejos.

– Onde está a Else?

Com um olhar rápido em volta, a governanta constatara que não estavam todos.

– Está provavelmente lá em cima no quarto dela a chorar baba e ranho – presumiu Auguste cruelmente. – Porque o belo doutor Moebius foi dado como desaparecido.

– O doutor Moebius? – perguntou a cozinheira, abanando a cabeça. – E eu que achei sempre que aos médicos não acontecia nada. Porque não são mandados para a frente.

– Mas ficam logo atrás – explicou Gustav com conhecimento de causa. – O hospital é construído logo a seguir à linha da frente para que possam tratar dos feridos. E se for atingido por uma granada, lá se foi!

– Vamos esperar pelo melhor – disse a governanta com um suspiro. – É um médico extraordinário e um ser humano ainda melhor.

Serviram-se de café de cevada e os biscoitos foram distribuídos equitativamente pelos presentes. Como a governanta dizia sempre: eram como uma grande família. Ali na cozinha da Vila dos Tecidos sentiam-se protegidos das iniquidades dos tempos que corriam, no fogão o fogo crepitava e eles conversavam e riam-se disto e daquilo. E que sorte poderem ter Gustav e Humbert de volta.

– Lavrar todo este belo jardim para plantar trigo e batatas? Perdeste o juízo, Gustl? – riu-se Auguste. – Ias precisar de todo um regimento de jardineiros.

Não havia como dissuadir Gustav da sua ideia. Árvores antigas eram coisa de tempos de paz, mas agora estavam em guerra e era preciso arranjar alimento. Não apenas trigo e batatas, mas também legumes e frutos, quem sabe até milho, os americanos viviam disso e até dava para fazer pão.

Humbert achava que pão e milho eram coisa de galinhas e começou a cacarejar como uma galinha que acabou de pôr um ovo.

Maria Jordan disse muito alto que ele era perverso.

– Não gosto de afirmações dessas à mesa, menina Jordan – disse a menina Schmalzler. – Há crianças aqui na cozinha e também devemos respeitar a Hanna...

Nesse momento, alguém lá fora tocou à campainha da porta de serviço e Humbert parou de cacarejar para ir abrir a porta.

– Muito bom dia – disse uma voz rouca de homem. – Procuro uma tal de Hanna Weber, que trabalha como ajudante de cozinha em casa do industrial Johann Melzer.

O dono da voz teve de tossir, estaria provavelmente muito constipado. Contudo, a sua pergunta soou desagradavelmente oficial.

– Fizeste alguma? – sussurrou Auguste na direção de Hanna.

– Calados! – sibilou a governanta. Todos aguçaram os ouvidos para escutar o que se dizia na entrada.

– Posso perguntar de que se trata?

O tom de Humbert era invulgarmente cortês, só quem o conhecia conseguiria detetar a ironia.

– Não está a ver que venho em missão oficial? A pessoa em causa está presente?

– Hanna Weber, foi o que disse?

– Isso mesmo. Hanna Weber.

O polícia sofreu novo ataque de tosse e Auguste lançou um olhar indignado na direção do marido.

– O tipo ainda nos pega a tuberculose. Vou levar os miúdos para casa do avô.

– É melhor ficares aqui – disse Gustav baixinho.

Todos olharam para Hanna, que ficara lívida e tinha os olhos cheios de medo fixos na chávena de café.

– Mas que é isto? Está a querer impedir um procedimento das autoridades, jovem? Olhe que isso lhe pode sair caro.

– Ora essa – exclamou Humbert, assustado. – Queria só garantir... Sabe como é, senhor polícia, nos tempos que correm todo o cuidado é pouco.

Ouviu-se o ruído de botas duras a bater no chão de pedra, depois um golpe surdo quando Humbert embateu com as costas na parede. O polícia

tinha estatura média e não usava capacete, o casaco verde da farda fazia pregas, já que o corte fora pensado para um tronco mais largo, as calças de montar enfunavam-se sobre os bordos das botas. Deu dois passos dentro da cozinha, parou e estudou as pessoas sentadas à mesa.

– Quem dos aqui presentes é a Hanna Weber?

– Eu... eu sou a Hanna... Hanna Weber.

A voz de Hanna soou muito débil. Levantou-se do banco e não sabia se deveria fazer uma vénia ao senhor polícia ou se era melhor não.

– Pode apresentar a sua identificação?

Ela olhou para ele, angustiada e, com o nervosismo, não compreendeu o que ele queria dizer.

– Identificação...?

– Documentos... Um bilhete de identidade.

– Sim, sim – assentiu ela. – Lá em cima, no meu quarto. Vou lá buscá-lo?

– Por favor!

Na boca dele, a expressão «por favor» soou como uma ordem e Hanna saiu a correr.

Os outros permaneceram na cozinha e dedicaram olhares pouco amistosos ao polícia. Fosse o que fosse que Hanna tivesse aprontado, não lhes agradava de todo aquele guarda. Humbert esfregou as costas, ao entrar o senhor guarda empurrara-o rudemente para o lado. A cozinheira, que cuidava sempre de Humbert como uma mãe desde o seu regresso, bufou de raiva. Apenas a governanta teve a presença de espírito de oferecer uma cadeira para o senhor polícia se sentar.

– Obrigado. É amável da sua parte, mas prefiro ficar de pé. Gosto de ver as coisas de cima.

Fez menção de se rir da sua própria piada, mas teve de tossir.

– Está constipado, senhor polícia – disse Auguste num tom solidário. – Enfim, é este vento fresco do outono. Tome uma chávena de café de cevada, senhor polícia.

Ele lançou um olhar de lado para a chávena que Auguste lhe servia solicitamente, mas depois explicou que não podia beber em serviço.

– Acho que também há uma aguardente de fruta – disse Gustav, de entendimento mais rápido do que os outros.

– É mesmo o melhor quando se está assim tão constipado.

– É um verdadeiro medicamento.

– Uma dádiva de Deus.

O polícia declarou-se então finalmente disposto a aceitar a simpática oferta e Humbert desencantou num ápice a garrafa com a aguardente de ameixa caseira.

– À sua, senhor polícia. As melhoras.

A aguardente pertencia às reservas da Vila dos Tecidos e não era nada má. O polícia verteu o copinho destemidamente para dentro da garganta dorida e declarou guerra ao bacilo.

– Mais outro para o caminho, senhor polícia – disse Humbert, servindo mais uma dose.

Else, que aparecera entretanto de olhos vermelhos para beber o seu café, parou espantada no limiar da porta.

– Senta-te e cala o bico – murmurou Auguste, puxando-a para o banco da cozinha.

– Nada má, esta pinga... ainda do tempo de paz, não?

– Não, não, senhor polícia – respondeu a governanta amavelmente. – Aqui em Augsburg continuamos a fazer cerveja e a destilar uma boa aguardente. Nem o inimigo nos pode tirar isso!

Um sorriso quase assomou ao rosto do polícia, mas nesse momento Hanna entrou na cozinha, pálida de morte e a tremer de medo. Uma tal manifestação de peso na consciência levou o guarda a recuperar a atitude oficial. Enfiou um terceiro copinho de aguardente à pressa pela goela abaixo e pegou no documento que Hanna lhe entregava.

– Tudo em ordem – rosnou ele. – Enviámos-lhe uma intimação para comparecer na esquadra, menina Weber. Porque não compareceu?

Hanna remexia as mãos e olhou em volta em busca de ajuda.

– Eu... não sei nada sobre uma intimação, senhor guarda.

Ela mentia exceccionalmente mal. O guarda dirigiu-lhe um ar severo e torceu o nariz.

– Quem é que recebe o correio? – perguntou ele, olhando para as pessoas sentadas à mesa.

Lá atrás, no banco da cozinha, ouviu-se um som breve, como um grito abafado. A senhora Brunnenmayer acabara de pisar com força o pé de Else, que era quem recebia o correio de manhã.

– Ora, senhor guarda – disse Humbert, preocupado. – Nós recebemos todos os dias um cesto cheio de cartas, particulares e também correio

empresarial do senhor diretor. É muito fácil ocorrer alguma confusão.

O polícia ficou agora irritado e quis saber o seu nome.

– Humbert Sedlmayer. Décimo Primeiro Regimento de Cavalaria de Württemberg, ferido em Verdun, prisioneiro de guerra, internamento em hospital militar, troca de inválidos.

– Muito bem então.

Nada havia a dizer para ripostar contra uma tal enumeração de atos heroicos pela pátria, pelo que o polícia se limitou a grunhir qualquer coisa e a pedir para falar sozinho com Hanna, caso contrário teria de a levar até à esquadra.

– Ali, na despensa – sugeriu a menina Schmalzler. – Estamos infelizmente com algumas limitações de espaço, já que instalámos um hospital militar na Vila dos Tecidos.

– Quanto a mim, serve lindamente.

Hanna seguiu à frente com ar de quem estava a ser conduzida diretamente para o cadafalso, o polícia endireitou o cinto e alisou o casaco da farda antes de seguir atrás dela. Fechou a porta atrás de si com força, fazendo soltar-se um pouco de gesso do enchimento da porta.

– Isto não pode ser – afirmou Eleonore Schmalzler, a quem haviam aparecido manchas vermelhas nas faces e na testa com o alvoroço. – Eu vou lá acima informar a senhora Melzer. Polícia ou não, ele não pode simplesmente entrar por aqui adentro sem pedir autorização aos patrões!

Mal saiu da cozinha, Auguste, Else e também Humbert correram para a porta da despensa. Auguste assumiu o lugar junto ao buraco da fechadura, pelo que aos outros dois restou apenas a possibilidade de encostar a orelha à porta.

– Consegues ver alguma coisa? – cochichou Else.

– Credo, salsichas gordas da Pomerânia... e o presunto... vai ficar com inveja, o empertigado do polícia.

– Queremos saber se consegues ver a Hanna, sua pateta – ciciou Else.

– Sim, claro. Está a fazer um ar de indiferente e a revirar os olhos. Credo, é mesmo parva.

– Calem-se lá, vocês as duas! – ralhou Humbert.

Gustav esforçou-se por manter as crianças sossegadas e ofereceu-lhes o resto do seu café de cevada, a senhora Brunnenmayer reabasteceu o forno de lenha e começou a pelar as batatas cozidas, só para ter alguma coisa que

fazer. Maria Jordan cruzou os braços diante do peito e fingiu que não estava nadinha interessada em tudo aquilo.

– Estão a falar de roupas velhas – informou Humbert. – Um buraco num relvado.

– A Hanna encolheu-se toda para trás – lamentou-se Auguste. – Agora só vejo as costas verdes do guarda. Tem a farda cheia de nódoas, o porcalhão.

– Cala o bico, Auguste – queixou-se Else. – Não consigo ouvir nada se estiveres a falar.

– Mas que buraco? – perguntou Gustav com alguma dificuldade, já que Liesel lhe estava a puxar o bigode.

– Nesse sítio... houve um prisioneiro de guerra que fugiu – informou Humbert. – Um russo. Encontraram as roupas dele. Lá ao pé da velha cocheira.

– Olhem-me só – sussurrou Maria Jordan e inalou fundo, como quem tem de suprimir uma exclamação que lhe subia naquele momento pelo gotto acima.

A porta de acesso ao hospital abriu-se e a menina Schmalzler apareceu com Alicia Melzer atrás de si. Auguste precipitou-se para longe do buraco da fechadura e chocou contra Else. Humbert conseguiu desviar-se para o lado com elegância.

– Aqui? – perguntou Alicia.

Acenou para os presentes. Noutros tempos ter-se-ia sem dúvida desculpado por entrar na cozinha, já que a zona de serviço era a área de atuação dos criados. Contudo, com a criação do hospital, esses costumes haviam relaxado um pouco.

– Na despensa, minha senhora – respondeu a governanta.

Alicia dirigiu-se de imediato para a porta em causa e bateu. Não especialmente baixo. Mas antes energicamente.

– Entre.

Ela empurrou a porta e abriu e Gustav viu o polícia entre dois salames pendurados. Hanna estava tapada por ele, via-se apenas o pé esquerdo, enfiado numa soca de madeira.

– Estou estupefacta! – disse Alicia Melzer com veemência. – É hábito da polícia entrar na propriedade de uma família respeitável usando secretamente a entrada de serviço?

O polícia enfiou a caneta no bolso do peito e fechou o bloco de notas. Que estava em missão oficial, que se tratava de um crime contra as forças militares do império e a segurança interna.

– O que quer que seja – observou Alicia majestosamente –, seria de esperar que se anunciasse primeiro a mim e me tivesse informado das suas intenções. A polícia também tem de cumprir a lei e as regras das boas maneiras.

O polícia nada respondeu. Os Melzer continuavam a ter boas relações em Augsburg, ele não queria de modo nenhum arranjar problemas.

– Em todo o caso, já terminámos – disse ele e voltou-se para Hanna. – Pode voltar para o seu trabalho, menina Weber.

Num primeiro momento, Hanna não ousou passar por ele para sair para a cozinha. Só quando ele se desviou para o lado é que ela saiu da despensa, sentando-se no banco junto ao fogão.

Dado que todos os olhares estavam pousados nela, ela encolheu-se toda, como se assim pudesse ficar invisível.

– Podemos saber do que se trata? – quis saber Alicia.

O polícia hesitou, mas depois decidiu-se por responder. Seria sempre melhor para ele não irritar ainda mais aquela senhora já nervosa.

– Um interrogatório, minha senhora. Mexericos... nada mais do que isso. A acusação de uma das trabalhadoras da fábrica.

A senhora ficou impaciente. Leo tinha um pouco de febre e Henni acabara de vomitar novamente o pequeno-almoço. Estava preocupada, o doutor Stromberger deveria vir do hospital para ver as crianças. E agora aquele homem vinha com as suas respostas vazias.

– E que acusação foi essa, senhor guarda?

– Bom – começou ele, tossindo. – Alguém alegou que a menina Hanna Weber teria mantido uma relação próxima com um dos prisioneiros de guerra. Um tal de... Grigori Shukov. O rapaz fugiu na noite de 13 para 14 de setembro.

A senhora Melzer retesou-se. Ajudar na fuga de um prisioneiro de guerra dava direito à pena de morte. As mulheres que se envolvessem com os prisioneiros eram mandadas para a prisão e era-lhes cortado o cabelo. Uma vergonha horrível, algo assim não podia nem devia acontecer na Vila dos Tecidos.

– Mas que calúnia maldosa, senhor guarda! As nossas empregadas não andam a passear-se por aí durante a noite. A Vila está fechada à noite.

– Seguramente, minha senhora. Ainda assim, uma empregada poderia ter acesso a uma chave.

– Dia 13, isso foi numa quinta-feira, há duas semanas – disse a menina Brunnenmayer. – Nessa noite estávamos todos acordados.

Hesitou, já que não queria magoar Humbert, mas era evidente que estavam acordados, já que ele tivera uma vez mais uma das suas crises.

– Ah! – disse o polícia. – Nesse caso podem testemunhar que a menina Weber estava aqui na Vila dos Tecidos?

Silêncio. Por mais que quisessem ajudar Hanna, um falso testemunho devia ser bem ponderado. Auguste explicou que não vivia na Vila com a família, pelo que não podia dizer nada sobre o assunto. Else encolheu os ombros, insegura, a senhora Brunnenmayer hesitou, e também Eleonore Schmalzler estava indecisa.

Maria Jordan estava num aperto. Se Hanna fosse presa, então também contaria que Maria Jordan dormia há meses no quarto dela. Mas se interviesse agora em defesa de Hanna, também revelaria a sua posição. Que dilema.

– Eu – interrompeu Humbert o silêncio. – Eu posso testemunhar. Eu vi-a. Aqui na cozinha. Perguntou-me como me estava a sentir.

– Ah! – exclamou o polícia com um sorriso de incredulidade. – E que fazia o senhor na cozinha a meio da noite, senhor Sedlmayer? Apeteceu-lhe se calhar descascar batatas?

Humbert olhou para ele cheio de ódio. Aquele fulano pérfido que escapara ao serviço militar e que dificultava a vida de pessoas decentes no próprio país!

– Tenho crises de ansiedade, senhor polícia. Trauma de guerra. Todos nesta sala são testemunhas.

– Infelizmente, é verdade – disse a governanta. – Temos vários casos tristes destes aqui no hospital.

– A guerra, que miséria – manifestou-se a senhora Brunnenmayer.

– Com certeza tem conhecimento disso, senhor guarda. Decerto também serviu o império e a pátria – disse Gustav com um ar inofensivo.

– Naturalmente – murmurou o guarda. – Nesse caso estaria esclarecido que a menina Hanna Weber estava na Vila dos Tecidos na noite em causa.

Todos assentiram em solene consenso. Lembravam-se perfeitamente. Hanna estava ali, na Vila dos Tecidos. Hanna também assentia com a cabeça no banco da cozinha.

– Isso já eu lhe tinha dito – observou Alicia Melzer num tom irritado. – Os nossos empregados são leais à nossa pátria alemã, garantimos isso mesmo na Vila dos Tecidos. Quem quer que tenha caluniado a Hanna mentiu com maldade.

Ele bateu determinadamente com os calcanhares para se dar ares de militar.

– Minha senhora, não me leve a mal. Eu tenho de cumprir o meu dever, mesmo que por vezes seja desagradável.

– Seguramente – disse Alicia com frieza. – Todos cumprimos o nosso dever! Cada um no seu sítio.

No hospital, Elisabeth fizera por várias vezes referência ao doutor Moebius, mas Tilly andava calada, não partilhava com ninguém o seu sofrimento. Comparecia pontualmente ao seu serviço no hospital, zelosa como sempre, e o doutor Stromberger observara mais do que uma vez que a menina Bräuer tinha um extraordinário dom para a cirurgia. Quando o assistia nas operações, Tilly entregava-lhe os instrumentos necessários sem que ele tivesse de pedir. Ela acompanhava o que estava a acontecer, aquela jovem. Uma vez, ele brincou com ela dizendo que ia num instante ao jardim fumar um cigarro e que ela podia à vontade ir começando a operação.

Elisabeth sabia muito bem que Tilly e o doutor Moebius haviam trocado cartas. Gertrude Bräuer contara-lho, lamentando-se ao mesmo tempo, numa visita que fizera, dizendo que um médico não era nada adequado à família, afinal de contas alguém tinha de continuar a gerir o banco. Não se podia atirar de cabeça para o primeiro que aparecesse só porque se tinha apaixonado. Noutro tempo, Elisabeth teria desprezado uma tal declaração como «terrivelmente antiquada». Mas hoje via as coisas de outro modo. Também ela se apaixonara perdidamente, mas esse grande amor só lhe trouxera mágoa e desilusão.

– Foi dado como desaparecido na Rússia? – disse ela a Tilly. – Bom, dizem que entre os russos reina de qualquer modo o caos. Deram cabo dos czares e agora quanto tempo o governo provisório se aguenta contra aqueles horríveis bolcheviques, isso é coisa que ninguém sabe. Em breve vão depor as armas e mandar os prisioneiros de guerra de volta para a Alemanha.

– Pode muito bem acontecer – disse Tilly com amabilidade, mas via-se perfeitamente que não acreditava. No hospital havia alguns doentes que haviam ficado feridos em Riga e o que contavam sobre a Rússia era pouco encorajador. Aldeias queimadas, gado morto e camponeses assassinados.

Francoatiradores emboscados a disparar sobre os alemães. Água envenenada e depois ainda o inverno russo.

– Senhora Von Hagemann? – disse a enfermeira Hedwig. – Penso que a estão a chamar.

Elisabeth voltou-se, presumindo que o doutor Stromberger precisava de ajuda, mas ele estava a fazer a sua ronda pela enfermaria e conversava naquele momento bem-disposto com um dos doentes.

– Ali. Na entrada.

Passou o corredor para sair lá para fora e sentiu-se invadir novamente por aquela agitação tola e, ao mesmo tempo, maravilhosa. Só podia ser Sebastian Winkler. Ela prometera escolher-lhe alguns livros da biblioteca, poemas de Hölderlin e um volume de Eichendorff, além de contos do poeta russo Turguéniev, que ele apreciava particularmente. Ela já há muito pusera de lado os livros para lhos levar naquela tarde, mas agora ele próprio viera buscá-los.

Todavia, o homem que tinha à sua espera à porta da Vila dos Tecidos não era de modo nenhum Sebastian Winkler. Era magro e usava uma farda que lhe assentava no corpo como tendo sido feita mesmo à medida.

– Cá estás tu! – exclamou Klaus von Hagemann na sua direção. – Estava a contar ser recebido pela minha querida mulher com ardentes lágrimas de alegria. Mas ao que parece o teu dever tem prioridade face à alegria do reencontro.

Ela ficou tão surpreendida que começou por acreditar que se tratava de um sonho. Um pesadelo.

– Klaus... – gaguejou. – Como é possível? Porque é que eu não soube...

Hesitou ao perceber com clareza que ele teria enviado para a sua casa a informação de que viria de licença. Os maldosos dos seus sogros não lhe haviam dito nada. Ele inclinou a cabeça e perscrutou-a com um olhar avaliador.

E depois riu-se e aproximou-se dela.

– Não pareces lá muito entusiasmada por me ver, meu amor. Como devo interpretar isso? Será que houve outro a roubar-me a minha querida mulher? Mostra-mo, vou desafiá-lo para um duelo.

Ele achou extremamente engraçada a sua piada e continuou a rir-se enquanto a abraçava. O seu beijo foi realmente apaixonado e deixou-a confusa. Assomaram novamente à superfície sentimentos há muito

suprimidos. Os seus olhos azuis que olhavam para ela com tanta altivez e cheios de desejo. Lamentavelmente, não olhavam apenas para ela, isso percebera entretanto.

– Mas que disparate – disse ela. – Eu não sabia da tua vinda e estou completamente baralhada.

Ele beijou-a novamente, desta vez com menos paixão, mas sim como alguém que toma posse do que é seu. Disse então que não compreendia por que razão ela estava a viver na Vila dos Tecidos e não na sua casa matrimonial, como era devido à sua esposa. Que os pais estavam indignados e que compreendia muito bem o seu azedume.

– Falamos sobre isso mais tarde com calma, Klaus.

– Ótimo. Vamos subir, quero cumprimentar a tua mãe e oferecer algumas palavras de conforto à pobre Kitty.

Ele já escrevera três vezes a Kitty, mas a irmã deixara as cartas em cima da mesa do pequeno-almoço sem lhes ligar importância, não chegando sequer a abrir a última.

– Mas eu estou de serviço até às quatro horas.

Ela proferiu esta frase sem nenhum tom especial, mas também sem pena. Uma comunicação objetiva, estava de serviço.

– E depois? – disse ele, franzindo a testa, insatisfeito. – O teu marido voltou da frente e está em casa, isso parece-me motivo suficiente para arranjar alguém que te substitua.

Subitamente, deu conta de como ele era autoritário. Como era possível que antes isso nunca a tivesse incomodado? Muito simples: porque estava apaixonada e achava maravilhoso tudo o que ele fazia. E mesmo naquele momento ainda sobrava um resto desse amor, ainda sentia o coração a bater quando estava perto dele. Mas já não lhe paralisava o cérebro, estava capaz de usar a razão.

– Para os próximos dias de certeza que será possível organizar isso – disse ela amavelmente. – Mas para hoje, lamento, já é tarde. Encontramo-nos às quatro lá em cima, na Vila?

Os seus bonitos olhos azuis estreitaram-se, via-se neles a irritação e o desapontamento. Elisabeth ficou com um peso na consciência, já que obviamente teria sido possível reorganizar o serviço naquele dia. Mesmo que com dificuldade. Simplesmente não lhe apetecia seguir as ordens dele.

– Como queiras – disse ele com frieza, encolhendo os ombros. – Tens assegurada a gratidão da pátria, minha querida. Se depois não me encontrares na Vila dos Tecidos, estou a pensar ir visitar alguns conhecidos.

Ela ferira-lhe o orgulho e aquela era a sua moeda de troca. Elisabeth esboçou um sorriso hirto, assentiu com a cabeça e dedicou-se novamente ao trabalho. Quando se dirigiu aos doentes acamados com as tigelas de lavagem para pelo menos os refrescar um pouco, a enfermeira Hedwig fazia a ronda para recolher e esvaziar os recipientes de urina.

– Não era o seu marido? O major Von Hagemann?

Aquela bisbilhoteira estivera a espreitar pela divisória. Hedwig era uma das mulheres que Elisabeth simplesmente não conseguia suportar. Aparentava sempre ser uma pessoa zelosa e devota, mas na realidade era a perfeita intriguista.

– Sim, veio de licença da frente.

– Oh, céus, nesse caso não tem de trabalhar, senhora Von Hagemann. Vou já perguntar à Tilly se ela pode ficar com as suas tarefas.

– Muito obrigada – interrompeu-a Elisabeth. – Eu mesma trato disso.

Pronto. O mais tardar no dia seguinte estariam todas a cochichar coisas sobre ela. Levou a água de lavagem para as portas do terraço, que por norma estavam fechadas devido ao vento frio do outono. Novembro era húmido e desagradavelmente fresco, só raramente o sol outonal iluminava um pouco as últimas folhas coloridas. Lá fora, no terraço, havia ainda algumas cadeiras de verga, haviam sido tapadas com uma lona, de modo a não se estragarem com a chuva. Com um balanço, Elisabeth verteu a água de lavagem para o relvado, limpou a tigela com um pano e, sem intenção nenhuma em especial, olhou para cima, para o jardim de inverno.

Viu ali Klaus von Hagemann, o casaco da farda subido no lado direito porque enfiara a mão dentro do bolso das calças. A sua atitude corporal pareceu-lhe invulgarmente reprovadora, e até provocadora, e aguçou a vista para perceber quem era o seu interlocutor por entre as folhas da esparmânia e da árvore-da-borracha. E era: Auguste. Ela gesticulava com as mãos, explicava-lhe muito evidentemente uma situação muito importante. Não o fazia na sua qualidade de criada de quarto, caso contrário nunca teria evidenciado aqueles gestos de quem exige alguma coisa. Era uma conversa privada e Elisabeth tinha um forte pressentimento quanto ao assunto tratado. Se Klaus fosse efetivamente pai da pequena Liesel, Auguste, aquela

pessoa sem escrúpulos, iria exigir-lhe uma pensão de alimentos. Klaus, por seu lado, recusar-se-ia, o soldo mal chegava para as suas próprias necessidades, já para não falar das dívidas e do estilo de vida luxuoso dos pais.

Estou a enlouquecer, pensou, regressando à enfermaria. Agora até já invento conversas que provavelmente nunca existiram. Se calhar Auguste estava a dizer-lhe coisas completamente diferentes.

Acabou por fim por aceder à oferta de Tilly de ficar com o seu serviço, pendurou o avental branco no cabide, tirou a touca e subiu as escadas até aos aposentos no piso de cima. Antes de entrar no corredor, alisou o vestido. Perdera alguns quilos, infelizmente não nos sítios onde teria desejado.

Humbert veio na sua direção com uma bandeja e fez-lhe uma ligeira vénia. O seu semblante pareceu a Elisabeth estranhamente inseguro, quase culpado.

– Os patrões estão na sala de jantar – informou-a ao cruzar-se com ela.

Ela devia ter sabido, mas era uma grande pateta e recuou de susto quando entrou na sala. Evidentemente, os sogros também ali estavam para celebrar condignamente os atos heroicos do filho no círculo familiar. À custa dos Melzer, como sempre. Havia café, um bolo feito à pressa com maçãs, biscoitos de aveia com recheio de compota e um prato com enchidos fumados da Pomerânia, presunto e pepinos condimentados. E ainda uma terrina de banha de ganso, igualmente da Pomerânia, e o pão confeccionado em casa, que a senhora Brunnenmayer condimentava com sal e cominhos. Christian von Hagemann já enchera completamente o prato e fez apenas uma vaga menção de se levantar quando Elisabeth entrou, a sua mulher presenteou a nora com um sorriso falso.

– Lisa! Finalmente chegaste! – exclamou Kitty com indignação. – O Klaus está já plenamente convicto de que entretanto arranjaste um amante. Mas eu garanti-lhe que, além dele, a tua paixão é só uma: o teu hospital.

Elisabeth obrigou-se a sorrir e sentou-se ao lado da mãe. Klaus, rodeado de Kitty e da mãe, não fez gesto nenhum que indicasse que se iria levantar para lhe arranjar uma cadeira ou sequer para se sentar a seu lado.

– Estou espantado por ver que tu, querida Kitty, participas tão pouco nesse empreendimento tão valoroso – disse ele. – Só de olhar para ti, muitos daqueles pobres rapazes ficariam curados.

Ainda estaria zangado com ela? Pelo menos ali à mesa, ele só tinha olhos para Kitty. Era uma mulher tão frágil e corajosa. Um tão grande talento. Vira duas das suas obras no corredor e ficara assombrado com a energia que aquelas imagens irradiavam.

– A sério, querida Kitty. Senti um arrepio pelas costas abaixo quando vi aquelas lindas cabeças de peixe. Fez-me lembrar aquela loja no centro da cidade onde antes comprávamos as carpas, lembras-te, mamã? Havia um aquário cheio de carpas bem alimentadas.

Kitty ficou a olhar para ele como se nunca o tivesse visto antes e depois virou-se para colocar no seu prato os dois últimos bolinhos. Christian von Hagemann assistiu a esse ato com pesar, parecia estar morto de fome e mastigava com a boca completamente cheia.

– Mas lamento tanto que a Marie não esteja aqui connosco – manifestou Riccarda von Hagemann. – Ouvimos dizer que passa muito tempo na fábrica.

– É certo – confirmou Alicia, que percebeu claramente a tensão que reinava à mesa e sentia já os primeiros sinais de uma enxaqueca. – O meu marido está muito contente com este apoio. A Marie sabe imenso sobre produção e vendas.

Riccarda von Hagemann olhou na direção do filho, como quem diz: ouve-me só isto!

– Bom, eu cá sou antiquado – observou Klaus, presenteando Elisabeth com um sorriso débil. – A minha mulher vai limitar a sua área de atuação ao lar, não gosto nada da ideia de mulheres que trabalham ou até que fazem estudos superiores. Só espero que o Paul tenha uma opinião diferente.

– O Paulinho tem imenso orgulho da Marie – intrometeu-se Kitty.

Equilibrou com ar triunfante um pedaço de bolo no garfo e explicou que nas universidades alemãs um terço dos estudantes eram mulheres. Fora o doutor Stromberger quem o dissera, tendo um irmão na Universidade Goethe de Frankfurt.

Como é evidente, o pedaço de bolo acabou por tombar do garfo, caiu na chávena de café de Klaus e esta transbordou. Klaus teve a presença de espírito de recuar, caso contrário o caldo castanho teria apanhado a farda.

– Continuas exuberante e distraída como sempre, minha querida? – disse ele a Kitty, sorrindo. – Sabes bem que com isso já partiste muitos corações, incluindo o meu.

– Sim, houve por aí muitos patetas a acreditar que estavam ardentemente apaixonados por mim – retorquiu Kitty. – Mas o amor verdadeiro, isso só conheci quando me casei com o Alfons. É algo absolutamente precioso, uma felicidade tal que me vai bastar para o resto da vida.

Klaus observou em silêncio a mãe a pescar o bolo de dentro da chávena de café e a colocá-lo no prato do marido. Pela primeira vez na vida, Elisabeth ficou impressionada com a irmã mais nova. Falou tão bem! E como devia ser maravilhoso poder viver um amor assim. Mesmo que por apenas pouco tempo.

– E que dizes tu, meu amor... – Klaus virou-se agora na direção de Elisabeth – ... se agora deixássemos esta agradável companhia para nos refugiarmos um pouco na nossa casa? Não nos levam a mal, pois não?

Kitty encolheu os ombros e declarou que de qualquer modo tinha coisas para fazer, ao passo que Alicia lhe garantiu que compreendia perfeitamente.

– Não têm de ser mal-educados por nossa causa – disse Klaus aos pais, que faziam menção de também se despedir. – Fiquem à vontade mais um bocadinho, para que a Alicia não fique tão sozinha. Seria uma pena deixar estragar o belo café e os enchidos.

Riu-se e enfiou rapidamente mais um pedaço de enchido na boca, mastigou e afirmou que há anos não comia um enchido tão bom. Fumado em madeira de faia, como deve ser.

– Oh, a vida no campo – suspirou e levantou-se da cadeira. – Os extensos prados e as florestas. O gado a pastar. E depois, no outono, quando sopram as trombetas da caça... Invejável!

– Seguramente – disse Kitty com ironia. – E depois o bonito monte de esterco sob a janela do quarto de dormir. E as moscas. E o fedor do estábulo das vacas.

Humbert foi encarregado de levar no carro o senhor major e a sua bagagem, bem como a esposa, até à Bismarckstrasse.

– Mas é claro, minha senhora – disse ele, fazendo uma vénia mais funda do que o necessário. – Chamo apenas a atenção de que temos pouco combustível e de que uma boa reserva para emergências...

– Eu sei, eu sei – afastou Alicia as suas reservas com um gesto. – Faça por favor o que lhe peço.

– Muito bem, minha senhora.

Elisabeth ainda estava irritada com Klaus, mas agora que ele expressara claramente intenções matrimoniais, sentiu o sangue a ferver. Sim, ela desejava-o. Ansiava por sentir a sua masculinidade. Oh, Deus, se ao menos tivesse tomado banho de manhã. Lavado o cabelo. Vestido roupa interior bonita e salpicado o pescoço e os pulsos com algumas gotinhas de perfume. Mas agora era demasiado tarde para isso, além do mais de certeza que não havia lenha em casa para aquecer a salamandra da casa de banho.

– Que bom ver-te de novo são e animado, caro Humbert – disse Klaus quando entraram no carro. – A guerra não é só facetas bonitas, pois não? Também tem experiências que guardamos sempre para nós mesmos. Não é assim?

Humbert segurou a porta do carro para Elisabeth entrar e ela achou que o seu sorriso estava invulgarmente hirto. Será que tivera novamente uma crise?

– É isso mesmo, senhor major – disse Humbert. – A guerra tem as suas próprias regras, acontecem lá coisas que ninguém acharia possível. Mas temos de esquecer isso tudo, senhor major.

– Exatamente, Humbert – retorquiu Klaus von Hagemann. – És um bom homem. Ainda chegas longe.

– Obrigado, senhor major.

Elisabeth não conseguiu discernir o sentido secreto que se escondia atrás daquelas palavras, já que, no banco traseiro, Klaus pousou o braço sobre os seus ombros e beijou-lhe avidamente a face. Humbert conduziu lentamente pelo centro de Augsburg, com os seus muitos peões e ciclistas, aqui e ali passava-se por uma carroça. Com exceção deles, circulava apenas um outro automóvel, ocupado pelo senhor Von Wolfram, o presidente da câmara. Klaus von Hagemann cumprimentou-o com um aceno amável de cabeça, mas o velho senhor não lhe devolveu o cumprimento, talvez não o tivesse reconhecido. Pouco antes de chegarem a casa, o motor falhou, pelo que tiveram de percorrer o último troço a pé. Por ter carregado a bagagem, Klaus von Hagemann recompensou Humbert com uma gorjeta extremamente generosa.

– Não era preciso, Klaus. É o criado lá de casa. – Mordeu a língua e desejou não ter feito aquela observação.

Mal Humbert saiu e fechou a porta, Klaus rosnou-lhe imediatamente que ela não tinha nada que lhe dar instruções.

– A tua mesquinhez ultrapassa tudo o que alguma vez vi!

Ela procurou manter uma atitude pacificadora, ainda na esperança de um terno reencontro, mas a acusação foi injusta e irritou-a. Não tinha ele já gasto o seu dote – que não era nada pequeno – logo ao fim do primeiro ano de casamento? E em quê? Nunca chegara a saber, já que ele e os pais estavam, como sempre, endividados.

– Eu não sou mesquinha, Klaus – afirmou ela. – Mas na minha família estamos habituados a gerir os recursos disponíveis.

– Ah, sim? – disse ele em tom de escárnio.

Ele observou a criada a pegar-lhe no chapéu e no casaco e a pendurar tudo no guarda-fatos. Mal Gertie desapareceu para dentro da cozinha, continuou a dar largas ao seu mau humor.

– Os meus pais nem sequer uma cozinheira têm, quanto mais um laçao ou uma camareira. É uma vergonha! A minha mãe queixou-se amargamente de ti!

Ela calou-se para não intensificar ainda mais a sua fúria, mas com grande dificuldade.

– Por favor, Klaus. Falamos sobre isso mais tarde com calma.

– Muito bem. Mas fico muito magoado por teres os meus pais em tão pouca consideração.

Ele despiu o casaco da farda e deu ordens a Gertie para que o escovasse e o pendurasse cuidadosamente num cabide. Depois percorreu Elisabeth com um olhar breve e desdenhoso. A pulsação dela acelerou – o que quer que acontecesse entre eles, ele era seu marido e ela desejava-o. De repente, estava louca por fazer com ele aquelas coisas vergonhosas e embaraçosas sobre as quais uma mulher não falava nem sequer com a melhor amiga.

– Emagreceste – constatou ele. – Espero que não tenha sido no peito, isso seria uma pena. Nas ancas podias perder à vontade.

Ela soltou um risinho e sentiu-se terrivelmente tonta. Mas que significava tudo aquilo? Ele desejava-a. E ele não era pessoa para estar com rodeios. Sem mais demoras, ele entrou primeiro no quarto, fechou os cortinados e desabotoou a camisa.

– Despe-te, minha querida – ordenou. – Totalmente. Estou com pouca vontade de me debater com os colchetes do espartilho.

Passou a camisa por cima da cabeça e começou a desabotoar as calças. Como tinha pressa. Elisabeth estremeceu de expectativa ansiosa. Devagar,

começou a abrir os colchetes do vestido, que, estupidamente, eram nas costas. Por norma, Maria Jordan ajudava-a, tinha dedos hábeis, já ela...

– A cama bem que podia ter sido feita de lavado.

Ela parou o que estava a fazer e olhou para a cama, que na penumbra ainda não tinha discernido verdadeiramente. Ficou de cabelos em pé. A cama fora apenas alisada o mínimo possível; na almofada, dobrada, estava a camisa de noite da sogra. A seu lado, uma antiquada camisa de noite de homem que há muito precisava de ser lavada. Diante da cama via-se também um par de pantufas de feltro cinzentas, e mesmo ao lado o penico de metal esmaltado branco.

Os sogros haviam-se instalado no seu quarto de casal! Elisabeth sentiu um tal nojo que teve de se afastar.

– Pode ser onde quiseses – disse ela rapidamente. – Mas aqui não. Não nos lençóis onde os teus pais dormiram.

Também ele contorceu o rosto, mas depois disse que ela não devia fazer aquela fita.

– Afinal de contas, a culpa é tua. Por que razão saíste de casa? É mais do que compreensível que os meus pais tenham preferido ficar aqui do que no quarto de hóspedes.

– Não me importa o que os teus pais fazem, mas eu não me deito nesta cama. Por nada deste mundo.

Ela sentiu que a voz ficara estridente, já perdera o controlo. Como era possível ele exigir-lhe tal coisa? Seria totalmente insensível? Ou lá fora, na guerra, ficara com o espírito tão embotado que se estava nas tintas se se deitava com a mulher numa cama feita de lavado ou num monte de imundície?

– Para lá de resmungar, caramba. Nesse caso, a Gertie deve fazer a cama num instante – disse ele, furioso, voltando a abotoar as calças. – Gertie! – berrou ele logo de seguida no salão. – Mas que grande porcaria é esta? Roupa de cama lavada, e é já.

Os dedos de Elisabeth estavam dormentes, ela simplesmente não conseguia fechar novamente os colchetes nas costas do vestido. Lá longe, Gertie queixava-se de que não havia roupa de cama lavada. O segundo conjunto estava para ser lavado, mas a lavadeira não o tinha levado ainda.

– E porque não? – quis saber Klaus.

– Eu acho que... – sussurrou Gertie, hesitando depois.

– Tu achas o quê? Diz lá, eu não te como.

– Acho que ela não recebeu dinheiro nenhum. Por isso recusou-se. Porque era já a terceira vez que acontecia.

– E não há mais roupa de cama nenhuma? Como é que isso é possível?

– Isso... isso eu não sei, senhor.

Elisabeth compreendeu que os sogros haviam usado os bens da sua casa. Oh, céus, como pudera ser tão ingénua? Havia vendido as toalhas de mesa e os lençóis. Onde estava aquela bonita comodazinha que havia no quarto? E, no salão, a escrivaninha marchetada?

Ela abriu a porta de rompão e ficou pasmada a olhar para o sítio onde antes estava o móvel. Uma ténue silhueta na alcatifa ainda assinalava os seus contornos. Um olhar para a vitrina informou-a de que também o serviço de porcelana de Meissen, o presente de casamento da irmã Kitty, havia desaparecido.

– Tu não deste aos meus pais nem sequer o dinheiro para lavar a roupa? – interpelou-a ele com toda a fúria. – Viveram aqui como pedintes. É esse o respeito que me deves a mim e à minha família?

Agora ela sentia a cabeça clara e a pulsação surpreendentemente calma. Acabou-se qualquer ideia de doce desejo. Ela não era uma pessoa qualquer. Ela era uma Melzer e não deixaria que a tratassem como uma subalterna qualquer.

– Os teus pais desfizeram-se substancialmente das minhas coisas. As pratas, o serviço de porcelana de Meissen, a minha escrivaninha marchetada, só para referir algumas das coisas que venderam sem o meu conhecimento!

Ele ficou confuso por momentos, não estaria provavelmente à espera. Mas, se isso o irritou, não o deixou transparecer.

– Não são as tuas coisas, são as nossas coisas – afirmou ele. – É lamentável que os meus pais tenham sido obrigados a vendê-las. Eu envio um monte de dinheiro todos os meses e pergunto-me o que fazes com ele!

Mas que desaforo inacreditável. O dinheiro que ele enviava mal chegava para a renda, tudo o resto, inclusivamente as coisas que teve de lhe enviar, ela pagara com o dinheiro dos pais.

– Se calhar era melhor dizeres tu o que fazes com o teu dinheiro, Klaus – bufou ela. – Em pensões de alimentos? Usaste-o para pagar à Auguste?

Como podia ficar feio o seu rosto, por norma tão bonito, quando ficava deformado pelo terror e pela fúria.

– Mas que estás para aí a dizer? – sussurrou ele em tom ameaçador. – De que me estás a acusar?

Ela tinha quase a certeza de que o simples terror nos traços do seu rosto já dizia tudo.

– És o pai da filha da Auguste! Entretanto não há quem não o saiba na Vila dos Tecidos. E essa ordinária tem o atrevimento de me convidar para madrinha da criança e de dar o meu nome à tua filha ilegítima! – Caso fosse esperança sua que ele se comportasse agora como um pecador apanhado em flagrante delito, enganara-se redondamente.

– Oh, por favor, Elisabeth! Esse tipo de coisas está sempre a acontecer. Achas que houve algum tipo de sentimento entre mim e a Auguste? Uma criada de quarto, oh, por amor de Deus. Além do mais, foi antes de nos casarmos.

Então era mesmo verdade! Apesar desta amarga certeza, sentiu-se insegura, já que o tom de voz de Klaus mudara. Soava agora mais brando, procurava compreensão, apelava à sua magnanimidade. E tinha razão: fora antes do casamento, inclusivamente antes do noivado.

– Eu não sou um santo, meu amor – prosseguiu ele. – Sou um homem e por vezes passo dos limites. Mas isso não significa que te ame menos.

Ela conhecia aquela mentalidade. Fora a que regera a vida do tio Rudolf, também a mãe fora criada assim.

Os homens de vez em quando extraviavam-se do caminho, uma boa esposa tinha de se conformar com isso. Contudo...

– Então e se tivesse acontecido comigo algo assim?

Ele arregalou os olhos e fixou-a como se fosse uma aparição.

– Nesse caso, serias uma meretriz! – atacou ele.

Eram assim as coisas. Ele podia extraviar-se porque era homem. Se ela fizesse o mesmo, era uma meretriz.

Ele avançou para ela em pose ameaçadora, levantou os braços e agarrou-a firmemente pelos ombros.

– Não me queres por acaso dizer que... fizeste de mim um corno? – arfou ele, extremamente agitado. – Que te andaste a divertir com outro enquanto eu sacrificava a minha vida pelo imperador e pela pátria?

Estava a ser tão ridículo. Ela tentou escapar ao seu aperto, mas estava a agarrá-la com tanta força que a magoava. Foi dominada por uma vontade de o provocar até às últimas.

– E se o tivesse feito?

Ele soltou um sibilo furioso e afastou-a de si, empurrando-a com toda a força. Ela cambaleou alguns passos para trás e bateu contra a parede.

– Nesse caso, restar-te-ia apenas a vergonha. E o divórcio!

Ela batera com a nuca na parede, mas não sentia dor, apenas a aguda humilhação de ele ter ousado levantar-lhe a mão. Para sua própria surpresa, a sua voz soou calma e fria.

– Acalma-te, Klaus. Eu não fiz tal coisa. Mas concordo com o divórcio!

– Ponha mais um pouco de carvão, Humbert – disse Alicia. – E depois pode recolher-se. Já é tarde.

– Muito bem, minha senhora.

Lá fora abatera-se uma tempestade, ouviam-se as velhas árvores a gemer e as portadas das janelas a bater. Humbert pousou o balde do carvão. Enquanto alimentava a salamandra da sala de jantar com algumas pás de carvão, as suas mãos tremiam.

– Está tudo bem, Humbert? – perguntou Marie, preocupada.

– Obrigada por perguntar... é apenas a tempestade... e estes barulhos... Mas já passa, minha senhora.

– Deita-te na cama e tapa os ouvidos com algodão – aconselhou Kitty. – Assim já não ouves nada e dormes como uma pedra.

Humbert fechou a porta da salamandra e voltou a colocar a pá do carvão no balde, sem fazer ruído. Sorriu e todas acharam que ele parecia um pouco desorientado. Mas a verdade é que estava a conseguir melhorar, nas últimas semanas não voltara a ter crises.

– Obrigada pelo conselho, senhora Bräuer. Vou tentar. Desejo então a todas uma boa noite. Durmam bem.

Fez uma vénia e saiu. Os seus movimentos eram, como sempre, de uma elegância contida – havia esperança.

– Avisaste também a Else?

– Sim, mamã – disse Marie. – Também a Hanna e a senhora Brunnenmayer sabem que hoje já não vamos precisar mais delas. E a Auguste já foi há muito para a casa do jardineiro.

Permanecia apenas a menina Schmalzler, que estava de serviço no hospital e que provavelmente passaria depois para dizer «boa noite». Era uma pessoa

que entretanto já estava estreitamente ligada à família há mais de quarenta anos – podiam contar com a sua discrição.

Elisabeth fizera o seu anúncio durante o jantar e Alicia ficara tão horrorizada que lhe pedira para só falar sobre aquela situação tão delicada quando o pessoal já se tivesse ido deitar. Todos se resignaram, ainda que Johann Melzer rosnasse irritado que não tinha vontade nenhuma de perder a noite de sono por causa de uma tal insignificância.

– Lamento muito – disse Elisabeth. – Gostaria verdadeiramente de nos ter poupado a todos a isto...

– Serve-me mas é mais uma chávena deste repugnante chá de hortelã, Alicia – interrompeu-a Johann Melzer. – E se é que alguém se importa com a minha opinião: foi a melhor decisão que tomaste em muito tempo, Lisa. Só é pena que tenhas chegado a casar com esse tipo. Custou-nos uma pipa de massa, aquele caçador de dotes e a sua corja sôfrega!

Fez-se silêncio por algum tempo em redor da mesa, já que nem Kitty soube o que acrescentar a estas palavras muito claras. Ouviram o chá a verter pelo bule de porcelana, depois Alicia enfiou o bule de novo no abafador e estendeu a chávena a Johann. Ele adicionou duas colheres de açúcar, mexeu e olhou em volta, de mau humor.

– E então? Perderam todas a língua? Kitty? Alicia? Marie? Onde está o vosso protesto?

Kitty decidiu ser a primeira.

– Tens toda a razão, papá – disse ela e sorriu alegremente na direção de Alicia. – Mesmo quando tu, como sempre, o expresas de forma algo drástica. O Klaus von Hagemann portou-se mal com a Lisa e os pais dele, oh, céus! Fico felicíssima por nos vermos livres daquela gentalha!

– Kitty! Por favor! – fez-se ouvir Alicia. – Se o papá usa esse tipo de expressões, isso é responsabilidade dele. Mas tu não deves esquecer que és uma senhora.

– *Pardon*, mamã. Eu na verdade queria dizer: aqueles parentes nobres que enchem a barriga à nossa custa em qualquer celebração familiar e que disseminam opiniões de há dois séculos.

Não disse que a irmã lhe pedira repetidamente dinheiro emprestado para dar aos sogros e Elisabeth ficou contente com isso. Afinal, Kitty prometera-lhe nunca proferir qualquer palavra sobre o assunto.

– Ora bem, mas nós já não vivemos no século XIX – tomou Marie a palavra. – Se um casamento chega ao fim, a mulher não deve hesitar em pedir o divórcio. No entanto...

Hesitou e olhou para Elisabeth com um ar de dúvida.

– Que queres dizer com «no entanto»? – perguntou Lisa de volta, desafiadora. – Achas que tomei esta decisão de ânimo leve? Eu sei muito bem o que me vai acontecer. Mas parece-me que aqui na família ainda tenho direito a uma jogada, não é, Kitty?

Soou verdadeiramente provocatório e lembrava muito o tempo em que Kitty e Lisa discutiam como cão e gato. Na altura, Kitty fugira para Paris com o amante francês, Gérard.

– Queres dizer que tens direito a um escândalo – disse Kitty, divertida. – Por mim, à vontade. Assim como assim, estou farta de ser a ovelha negra da família.

Elisabeth estava extremamente sensível, isso era evidente para todos à volta da mesa. No início da tarde regressara a pé à Vila dos Tecidos, o cabelo despenteado pela tempestade, o chapéu estragado, o casaco e a saia completamente encharcados. Fechara-se então no quarto e Auguste informara que a senhora Von Hagemann estava deitada na cama, desfeita em lágrimas. Sabia-o porque Elisabeth lhe pedira um bule de chá de camomila quente. Mais tarde, o major Von Hagemann telefonara várias vezes, mas a sua esposa não estava disposta a atender o telefone. O major não se apresentara pessoalmente na Vila dos Tecidos.

– Não me compreendas mal – retomou Marie o fio da meada. – Só quero evitar que tomes uma decisão precipitada de que te possas arrepender mais tarde. Vocês discutiram, não foi? Não seria sensato deixar passar alguns dias antes de dares este passo, Lisa? Se a tua decisão estiver correta, então não faz diferença nenhuma se passas a vias de facto já amanhã ou só daqui a algumas semanas...

Alicia assentiu, concordando. Marie acertara na muche.

– Estamos em guerra, Lisa – disse ela com brandura. – Vocês os dois quase não tiveram oportunidade de se habituarem um ao outro. Tiveram agora a vossa primeira discussão... Oh, céus. Se eu tivesse pedido o divórcio depois de cada discussão, não estaríamos agora todos aqui.

Elisabeth revirou os olhos. Agora a mãe ia dizer que uma esposa tinha de aprender a colocar em segundo plano as suas necessidades egoístas. Que era

preciso magnanimidade e contenção para garantir um bom casamento. Que os homens têm a sua maneira própria de pensar, mas que uma mulher devia agir com uma flexibilidade inteligente para, por fim, acabar por fazer valer os seus desejos...

– Para mim não há mais nada sobre o que refletir – disse Elisabeth. – E para o caso de ainda não saberes, Marie: não é só desde esta tarde que eu penso no divórcio. Estou farta!

Agora sim, decidiu fazê-lo. Tirou a carta que chegara da Bélgica, pousou-a na mesa e estendeu-a na direção da mãe, que no entanto teve primeiro de procurar os óculos. O pai pegou na carta em vez dela e, como tinha os óculos à mão no bolso do casaco, não teve dificuldade nenhuma.

– Ora, ora... Quer pedir reparação, o irmão. Muito bem, à vontade! Quanto mais cedo, melhor!

– Não foi esse o único motivo – disse Elisabeth, enquanto era a vez de a mãe ler a carta. – Mas foi a última gota que fez o copo transbordar.

Alicia pousou a carta de novo na mesa e abanou, apreensiva, a cabeça. Kitty passou rapidamente os olhos pelas linhas e passou a carta a Marie. Elisabeth mordeu os lábios, não era agradável tornar-se alvo da piedade geral. Mas, infelizmente, era necessário.

– E se não for verdade? – perguntou Alicia, com insegurança. – Pode ser uma acusação falsa.

– Mamã! – indignou-se Kitty. – Não estás a falar a sério, pois não?

Alicia suspirou fundo e olhou para Marie em busca de ajuda. Marie encolheu os ombros. Já fizera uma sugestão, mais não podia fazer.

– No meu tempo não era normal uma jovem pedir o divórcio – disse Alicia com apreensão. – Muito menos nos círculos da aristocracia.

– Vamos sobreviver, Alicia – considerou Johann, pousando-lhe a mão no braço, em jeito de consolo. – Do ponto de vista financeiro, só temos a ganhar.

– E humano também! – exclamou Kitty. – Estou do lado da Lisa. Manda esse caríssimo senhor para o inferno, minha irmã. Ele não merece uma mulher como tu. E também não merece uma cunhada como eu!

Elisabeth ficou profundamente comovida com tanta solidariedade fraternal. E pensar que havia apostado muito mais em Marie do que em Kitty. Abraçou Kitty e verteu no seu ombro grossas lágrimas de gratidão.

– Se estás mesmo decidida, Lisa – considerou Marie –, acho que devemos todos apoiar-te. Tu também, mamã.

– Isso mesmo! – exclamou Kitty. – A Lisa é uma Melzer, é uma de nós e não vamos dececioná-la. Não é assim, papá? Anda lá, mãezinha. Não resistas. Um divórcio não é o fim do mundo. Pode até ser uma grande sorte.

Alicia levou as mãos às orelhas e disse que um dia ainda perdia o juízo com as coisas que Kitty dizia. Então pôs-se de pé e abraçou Lisa.

– Claro que estou ao teu lado, minha filha. Minha Lisa. Ah, por que razão as coisas têm sempre de ser tão difíceis para ti... Johann, temos de chamar o doutor Grünling para tratar deste assunto, ele já está recuperado e já abriu o escritório de advocacia.

– Deus do céu – gemeu Kitty. – Por favor, esse macaco empertigado não! Não haverá algum...

Foi interrompida quando alguém bateu à porta.

– Entre, menina Schmalzler!

A porta abriu-se um pouco e viu-se um rosto pálido de nariz bicudo. Não era a governanta, como Alicia pensara, mas sim... Maria Jordan.

– Jordan? – exclamou Elisabeth, espantada. – Mas que faz aqui? Porque não está na Bismarckstrasse?

Maria Jordan não respondeu àquela pergunta legítima.

– Por favor... minha senhora. Temos de ir chamar um médico...

Dirigiu-se a Elisabeth e o seu tom era tão teatral que se pensaria que era uma situação de vida ou de morte.

– Um médico? Está doente?

– Eu não, minha senhora. A Hanna. Por favor... Tem de chamar o doutor Greiner ou o doutor Stromberger.

Marie levantou-se, assustada, do lugar onde estava sentada e fez menção de sair a correr da sala de jantar, mas Maria Jordan segurou a porta com firmeza a partir do lado de fora.

– Não... Espere até eu sair. Peço-lhe...

– Mas que se passa consigo, Jordan? – resmungou Johann Melzer. – Estará porventura aí no corredor vestida só com uma combinação? E o que está a fazer aqui durante a noite?

Ouviram-se passos apressados e, quando Marie abriu a porta de par em par, viu-se uma silhueta branca de camisa de noite esvoaçante a correr pelo corredor em direção às escadas de serviço.

– Isto... isto é incrível – exclamou Alicia. – Ela parece estar a passar a noite aqui na Vila dos Tecidos. Mas só está contratada à hora como costureira. Lisa, como é isso possível?

– Não faço ideia, mamã.

Marie estava já no corredor e já subia também em direção ao quarto de Hanna. Kitty seguiu-a, muito agitada.

– Credo, que inclinado. E tão frio. E sujo... Não vás tão depressa, Marie.

Lá em cima, alguém acendera o candeeiro do corredor. Sob a luz débil amarelada, Marie reconheceu a cozinheira Fanny Brunnenmayer, que, na sua larga camisa de noite, fazia lembrar uma grande cafeteira. Relanceou por momentos o rosto enrugado de Else sob uma touca de dormir antiquada; mas esta recolheu-se rapidamente no seu quarto quando viu Marie e Kitty chegar.

– Que aconteceu? Que se passa com a Hanna?

– Precisa de um médico, minha senhora – disse a cozinheira. – Se é que não é já tarde de mais. Oh, aquela Jordan! Eu bem lhe disse que ela devia largar as malditas...

Marie passou por ela a correr e bateu com os punhos na porta de Hanna. Conhecia aquele quarto muito bem, afinal ela própria residira ali.

– Vou já... vou já...

Marie não esperou, abriu a porta num repente e entrou no quarto. A luz elétrica do teto estava ligada, a lâmpada despida iluminava a cama de Hanna. Estava deitada de costas, pálida de morte, de olhos fechados, com o cobertor puxado até ao pescoço.

– Oh, céus – sussurrou Kitty, que entrara com Marie. – Está com um aspeto, como se já...

Os olhos de Hanna estavam rodeados de um círculo escuro, o nariz parecia muito bicudo, os lábios lívidos. Maria Jordan estava ao lado da cama e agarrava na almofada diante do corpo. Aparentemente, tentara vestir-se à pressa, mas Marie interrompera o processo.

– Que lhe deste?

Marie avançou ameaçadoramente para Maria Jordan, que se desviou com medo, sentando-se por fim na sua cama, e disse em tom de lamento que não lhe havia dado nada.

– Nada? – gritou Marie, enfurecida. – Nenhum remediozinho? Tanaceto, sênega ou um veneno qualquer?

– Eu... dei-lhe... com boas intenções...

– Marie! – disse Kitty, com a voz trémula. – Olha para isto.

Ela puxara o edredão de Hanna para baixo. A camisa de noite branca estava enrolada numa bola ao nível da barriga, que ela enfiara entre as pernas. Parecia ter tentado estancar assim a hemorragia, mas em vão. A camisa de noite estava vermelha até ao peito, também o lençol estava encharcado...

Marie lançou apenas um olhar breve para aquele panorama terrível e depois empurrou para o lado a cozinheira, que, curiosa, entrara no quarto, e correu lá para baixo. Ouvia-se a sua voz nervosa a ecoar no corredor.

– O número do doutor Greiner, depressa. Vai buscar a menina Schmalzler, Lisa. Deve trazer algo para estancar o sangue. Está lá? Uma ligação urbana... Três, oito, nove, quatro... Não atende? Tente novamente, por favor.

– É assim tão grave, Marie? – perguntou Alicia. – Devemos informar o reverendo Leutwien?

Kitty continuava diante da cama de Hanna, de olhos fixos no sangue vermelho-claro. Hanna mexeu-se, com a mão procurou o edredão e gemeu baixinho.

– Sinto-me tão mal...

– Vai ficar tudo bem – disse Kitty. – Agora estamos aqui contigo. Vamos ajudar-te.

Puxou o edredão outra vez para cima e, como Hanna tremia de frio, indicou a Maria Jordan que deveria cobrir Hanna também com o seu próprio edredão. Maria Jordan obedeceu, muito embora contrariada.

– O bonito edredão... Só espero que não se suje.

– Mas que amor de pessoa, menina Jordan – disse Kitty, furiosa. – Quanto mais cedo se for embora desta casa, melhor! – E com estas palavras saiu a correr para junto de Marie.

Eleonore Schmalzler viera entretanto do hospital, explicou que havia remédios para estancar o sangue, mas a que só o médico podia aceder. Um

preparado com tormentilha que era bastante eficaz.

– Temos de ser cautelosas, minha senhora – disse para Alicia. – Se a rapariga tiver feito um aborto, isso não se pode saber lá fora, de modo nenhum. Sabe como...

– Obrigada, menina Schmalzler – disse Alicia.

Também Marie e Elisabeth haviam compreendido, apenas Kitty mostrava uma expressão perdida.

– Foi aquela história estúpida com o prisioneiro de guerra russo – disse Marie baixinho. – Esperemos que a Hanna não tenha engravidado desse fulano.

– Deus do céu! – sussurrou Kitty. – Mas isto é tremendamente empolgante. Um russo? E a Hanna foi com ele para a...

– Trava por favor, por uma vez na vida, a tua língua descontrolada, Kitty – suplicou Alicia. – Olhem! Estão a tocar à porta. O doutor Greiner. Oh, estou tão nervosa. Não aguento uma noite destas...

Mergulhou numa cadeira e, como nem Auguste, Humbert ou Else estavam ao serviço, Marie desceu para abrir a porta.

Apesar da idade avançada e da hora tardia, o doutor Greiner correra até à Vila dos Tecidos, nem a chuva miudinha o conseguira travar. Quando Marie lhe abriu a porta, num primeiro momento viu apenas um grande guarda-chuva preto a ser puxado pelo vento.

– Boa noite – ouviu-se sob o chapéu. – Ou melhor: bom dia. Já estava a contar que alguma coisa assim pudesse acontecer. Bom, despachemo-nos. Onde está ele?

Marie ajudou-o a despir o impermeável e ficou-lhe com o chapéu. Não, não se tratava do sogro, esse estava bem de saúde, graças a Deus. Era Hanna.

O doutor Greiner tirara um lenço para limpar os óculos. Mas agora parou a meio da tarefa.

– Hanna? Quem é?

– A ajudante de cozinha. Já a viu várias vezes, senhor doutor. Cabelo escuro, olhos castanhos. Quando o Humbert estava na guerra, ela por vezes servia à mesa.

– Ah!

Parecia irritado. Por mais próxima que fosse a sua ligação àquela família, tirá-lo da cama a meio da noite por causa de uma ajudante de cozinha não lhe parecia nada ajustado.

– E que tem ela? Febre? Um acidente?

– Quase se esvaiu em sangue.

Ele pôs os óculos, endireitou-os no nariz e fez uma cara mal-humorada.

– Fez um desmancho, é isso?

Até esse momento, Marie tivera o velho senhor sempre em grande conta, o seu trabalho no hospital era exemplar e não era raro exigir-lhe mais do que as forças que tinha. Mas agora teve vontade de lhe dar uma estalada na cara.

– Será que nos pode ajudar, doutor Greiner? – perguntou o mais amavelmente possível.

– Só porque mo pede, minha senhora.

Tiveram de atravessar a enfermaria para aceder ao primeiro andar, onde o médico cumprimentou muito educadamente as restantes senhoras da casa. Johann Melzer fora entretanto deitar-se, declarando que o incidente era «assunto de mulheres».

O médico esteve pouco tempo lá em cima com Hanna. Quando voltou à sala de jantar, encolheu os ombros e disse que era preciso esperar.

– Dei-lhe uma injeção, mas sabe Deus se vai ajudar. Podem arrefecer-lhe a barriga com gelo. Mas a sério: houve ali ao lado soldados a perder mais sangue e não se fez este teatro todo!

– Estamos-lhe infinitamente gratas, doutor Greiner – disse Alicia. – Seria para nós muito importante se tratasse este assunto com a máxima discrição.

Ele disse que isso era uma evidência, havia sempre o sigilo médico.

– E agora gostaria de lhes pedir um sítio para passar o resto da noite, o meu serviço no hospital começa daqui a exatamente quatro horas, não compensa voltar agora para casa...

– Mas é claro. Contentar-se-ia com o sofá do escritório do meu marido?

– Eu adormeceria até de pé encostado ao relógio de parede, minha senhora.

Marie chamou Else para que trouxesse almofadas e roupa de cama lavada, mas no corredor chocou com uma aparição de vestes escuras. Era Maria Jordan, de sobretudo e chapéu, uma mala de viagem na mão.

– Depois dos incidentes de hoje, decidi procurar um novo trabalho – disse ela a Elisabeth. – Volto daqui a alguns dias para receber os meus papéis.

Saudou respeitosamente com a cabeça todos os presentes, voltou-se e desceu as escadas. Ninguém a impediu de sair.

15 de dezembro de 1917

Meu querido,

Foi com um enorme alívio que recebemos a tua breve mensagem da Flandres. Rezo todas as noites para que o destino nos seja misericordioso e que te traga de volta. Ah, tu sabes que gostaria muito mais de estar aí ao teu lado do que andar para aqui sentada sem poder fazer nada além de esperar. Porque não tenho eu asas para chegar até ti? Por que razão o voo dos pensamentos não me pode levar para junto de ti? Mas basta, encho-me de paciência, tal como milhares de outras mulheres têm de fazer.

Hoje lia-se nos jornais que continuavam as negociações de paz com a Rússia. Assim, também a terrível queda do Império Russo tem as suas vantagens, os novos detentores do poder não querem disputar esta guerra até às últimas e amargas consequências. Quem sabe se agora as restantes nações também tomam consciência e põem um fim à chacina sem sentido de toda uma geração nos campos de batalha.

Aqui no país preparamo-nos para as festas, será o quarto Natal em guerra. Tive de discutir arduamente com o teu pai, mas consegui finalmente um aumento dos salários dos nossos trabalhadores. Os negócios continuam a correr satisfatoriamente, só é pena que a capacidade das máquinas seja limitada e que não possamos ir ao encontro de todas as encomendas. Contudo, para os nossos trabalhadores (setenta por cento são mulheres), muito mais importante do que o aumento salarial será a refeição quente diária que lhes tem sido servida nas últimas semanas. Também isto foi uma árdua conquista junto do teu pai, aplicando muito poder de persuasão. É certo que é apenas uma sopa quente, sobretudo batatas e cenouras, muito pouca carne e quase nenhuma gordura. Mas muitas mulheres prescindem desta refeição, vertem a sopa para uma panela que trouxeram de casa e levam-na para casa e dão-na aos filhos.

Na Vila dos Tecidos está tudo bem, felizmente. A Kitty recompôs-se, está totalmente empenhada nas suas pinturas. Os quadros dela ganharam uma nova profundidade, se calhar o sofrimento que suportou fez a tua irmã mais nova amadurecer e tornar-se uma artista a sério. Também a Elisabeth está mudada e receio bem que vás ficar assustado com a decisão que ela tomou. Ela está totalmente determinada a divorciar-se do Klaus. Os motivos são de diversa índole. Mas todos nós, e até a mamã, estamos de acordo com a

decisão da Lisa e acho que também vais compreender quando tiveres conhecimento das circunstâncias. Uma vez que o major Von Hagemann está neste momento em combate em Ypres, o divórcio só poderá ser levado a cabo quando ele voltar para casa. A Lisa continua empenhada no hospital, que está mais do que cheio e, basicamente, precisaria de mais espaços que, no entanto, não estão disponíveis. Além do mais, a Lisa engendrou um plano para fazer formação como professora e assim dar aulas numa escola primária. Mas naturalmente só no fim da guerra. Imaginas certamente que a mamã não vê este projeto com bons olhos, por isso o assunto ainda não está encerrado. Quem sabe o que esta guerra ainda nos trará a todos. Não é certamente sensato traçar planos antes do tempo que depois se podem transformar em nada mais do que poeira.

Tenho também para te contar que a nossa Hanna esteve muito doente, mas que agora, felizmente, está a caminho da recuperação. A Maria Jordan, que trabalhava como camareira na casa da Lisa e fazia trabalhos de costura na Vila dos Tecidos, despediu-se. Consta que, por intercessão da Lisa, conseguiu um emprego como auxiliar num orfanato, o que seguramente não corresponde às suas expectativas, mas pelo menos garante-lhe um rendimento. O nosso Humbert recuperou a sua alegria de antes. Não é raro entreter o pessoal da cozinha imitando certas pessoas de forma extraordinariamente genuína, um talento que lhe é evidentemente inato. Quando há uma tempestade ou trovoadas, pode no entanto acontecer ele ter uma crise. Também continua muito sensível ao barulho, ontem a cozinheira deixou cair por acidente a tampa de uma panela e o pobre quase morreu de susto.

O nosso jardim, que o Gustav e o avô arranjaram com tanto carinho, está sob um espesso manto de neve.

No preciso momento em que te escrevo estas linhas há flocos brancos de neve a rodopiar em torno da Vila, fazem almofadas nos peitoris das janelas e transformam as velhas árvores do jardim em bizarros gigantes de contos de fadas. Na primavera, o Gustav vai construir uma estufa para aí cultivar verduras e ervas frescas. É nessa altura também que a Auguste terá o terceiro filho.

É tanta a alegria que vivemos com os nossos três pequeninos! Infelizmente, a senhora Sommerweiler teve de nos deixar, pelo que agora são acompanhados apenas pela Rosa, mas a mamã, com o apoio da Else, é uma

avó empenhada, embora também algo preocupada. Já há muito que os três traquinas exploraram toda a Vila, andam nas escadas para cima e para baixo, investigam os cortinados e as toalhas de mesa penduradas e, sob a liderança da Liesel, já conquistaram a cozinha. Depois de durante muito tempo se ter mantido careca, a nossa Dodo tem agora um denso cabelo louro encaracolado e até se confunde com o irmão, de tão parecida que é. A Henriette também tem uma cabecinha louira – é incrível como os traços dos pais são aqui dominantes! Incluo aqui dois desenhos que fiz enquanto a mamã e a Rosa brincavam com os pequenos. São só instantâneos garatujados à pressa com um lápis. Não tenho tempo para os trabalhar com maior pormenor. Mas o papá fez algumas fotografias novas que quer revelar e enviar-te.

Por último, mas não menos importante, uma novidade que seguramente te vai alegrar. Na semana passada recebemos uma carta do teu amigo Ernst von Klippstein. Passou algum tempo em Berlim e está a pensar fazer uma visita à Vila dos Tecidos. Ao que parece, gostaria de oferecer os seus préstimos aqui, mas apenas se não for um incómodo para nós. Escrevi-lhe a dizer que o acolheremos com gosto. Tudo o resto se verá depois.

Meu querido Paul, pergunto-me se não te aborreço com tanta coisa sem importância. Anseio pela tua presença, mas isso também já te disse incontáveis vezes. Não é verdade que hoje em dia todas as esposas escrevem cartas iguais? Milhares e milhares de mulheres amaldiçoam esta guerra que lhes tira os seus mais queridos neste mundo. E no entanto cá nos resignamos a este estado de coisas, aceitamos caladas o nosso destino, na esperança de que os poderosos da Europa, quer seja Ludendorff ou Hindenburg, o imperador, o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico Balfour ou o primeiro-ministro francês Clemenceau, demonstrem alguma compreensão.

Serei eu uma rebelde? Não me falta vontade de correr pelas ruas e exigir em alto e bom som a paz e a justiça. Mas não te preocupes, não o farei. Vou manter a esperança e aguardar. Quero, com todas as minhas forças, contribuir para que a fábrica de tecidos Melzer sobreviva até que estejas de novo connosco.

Abraço-te, meu amado.

A tua fiel MARIE

III

Novembro de 1918 a janeiro de 1920

Ela era então assim! Rosa Menotti, a grande artista que na noite anterior, no teatro municipal, gerara um entusiasmo tão retumbante. Contudo, ali, no quarto de hotel, de vestido matinal e sem maquilhagem, não parecia de todo tão empolgante.

– Exceccionalmente, caro jovem. E só porque gosto do seu nariz!

O seu riso era fundo e rouco, tal como a sua voz quando cantava. As canções e as pequenas representações teatrais que Humbert ouvira na noite anterior no teatro eram terrivelmente atrevidas. Provocantes. Impudicas. Uma parte do público, mas apenas uma pequena minoria, fizera soar assobios e apupos indignados e depois acabaria por se ir embora. O resto do público gritava de entusiasmo e pediu *encore* atrás de *encore*. Humbert superara a sua maneira de ser e esperara por Rosa na saída dos artistas. Se lhe poderia dar uma palavrinha...

– Estou-lhe incrivelmente grato, minha senhora, por me dedicar algum do seu tempo. Muito sinceramente, nem ousei esperar tanto...

Ela movia-se vagorosamente, nada que se comparasse com o andar provocante que revelara na noite anterior em cima do palco. Agora arrastava-se com cómodas pantufas de feltro pelas tábuas do soalho em direção ao piano e, com um movimento acostumado, abriu a tampa do teclado.

– Não diga disparates, mostre mas é o que sabe fazer. O meu comboio parte daqui a uma hora.

Ela sentou-se no banco do piano e tocou alguns acordes. Tinha partitura? Não? E então?

Ele sentiu-se a ficar com calor. Mas que bicho lhe mordera?

Ia fazer uma triste figura.

– Eu queria apresentar-lhe uma coisa.

– Ande lá, então – disse ela, rodando na sua direção sobre o banco do piano. Tinha olhos estreitos e um tudo-nada tortos, o nariz era delicado e adunco, os lábios muito cheios. Havia ironia no seu olhar. Altivez. Vá lá, miúdo, vamos lá ver isso... Isso irritou-o. Mas que tinha ele a perder?

Ele representou um *sketch* que concebera na noite anterior. Uma cena com piada sobre um major, um tenente e um soldado que queriam a mesma rapariga para si. Divertiu-se a fazê-lo, assumiu verdadeiramente o papel, o major arrogante, da alta aristocracia, o tenente ambicioso e limitado, o soldado um espertalhão. Também conseguiu representar a rapariga, sabia imitar muito bem as mulheres...

Ela assistiu a tudo sem alterar o semblante e só quando terminou ele constatou que ela sorria.

– Quem escreveu a cena?

Ele não compreendeu de imediato. Mas depois percebeu que não era a famosa Rosa Menotti quem escrevia as suas cenas.

– Eu. Ontem à noite. Depois do seu espetáculo...

Ela ergueu por instantes as sobrancelhas e examinou-o com atenção, queria presumivelmente perceber se ele estaria a mentir.

– Também sabe cantar?

– Sou antes de mais um ator.

Ela fez menção de dizer alguma coisa, mas depois não o fez devido ao ruído da rua que entrava pela janela. Outra vez uns malucos quaisquer que andavam pela cidade a erguer cartazes, a berrar e a guinchar, a gritar palavras de ordem. Era assim há meses. Em Munique, haviam mandado embora o rei Luís da Baviera, o imperador abdicara, não era de admirar que já não houvesse quem pusesse ordem naquilo tudo. Uma república, quem é que queria uma coisa dessas?

Rosa Menotti levantou-se para abrir os pesados cortinados de veludo e ligou o candeeiro elétrico.

– Com certeza saberá cantar uma música qualquer.

É claro que sabia. Mas qual? Enfim... canções de copa, essas, sabia-as bem. A senhora Brunnenmayer gostava de as cantar enquanto trabalhava. Eram sentimentais. E tristes.

– «Linda Sabine, uma mulher virtuosa e cheia de graça» – entoou ele cheio de energia.

Ela conseguiu acompanhar ao piano, arranhou uma melodia e instigou-o a cantar a segunda estrofe. Enquanto ele dava tudo o que tinha, ela observava-o de lado com atenção.

– Isso pode dar nalguma coisa – foi a sua sentença. E depois espremeu-o completamente. Como se chamava. O que tinha feito até agora. Porque gostava de subir ao palco. Se estava a contar tornar-se rico e famoso. Se já alguma vez se apresentara diante de um público. Se não preferia manter o seu emprego seguro como lacaio.

Ele foi respondendo com hesitação, embrulhou-se em contradições, dizia coisas pouco refletidas e, quando ela lhe perguntou maldosamente se também se apresentaria vestido com roupa de mulher, aí ele perdeu a compostura.

– Espero que se tenha divertido muito, minha senhora. Nesse caso, despeço-me...

Ela permaneceu imóvel, como quem não ouvira de todo o que ele dissera, e esperou até ele alcançar a porta.

– Quem quiser agarrar esta profissão tem de estar obcecado por ela – disse ela com uma voz dura. – Para essa pessoa só podem existir três coisas na vida. O teatro. O teatro. E o teatro. Pelo teatro, vai dormir num quarto minúsculo e tomar as refeições no meio da maquilhagem e das pestanas falsas. Pelo teatro, vai ficar acordado noites inteiras, ser alvo de troça, suportar as maldades de colegas invejosos, lambe o cuspo do senhor diretor e dar tudo pelos seus sonhos...

Humbert tinha a mão no puxador da porta. Para que lhe dizia ela tudo aquilo? Ele não era fanático. Não tinha vontade nenhuma de viver uma vida de pobreza, fome e desilusão.

– O que não faltam por aí são loucos que não se deixam assustar por tudo isto. Daqueles que continuam constantemente a tentar, sem nunca chegarem a lado nenhum. Porque lhes falta uma coisa: talento.

Humbert já ouvira o suficiente. Baixou o puxador e a porta abriu-se. Barravam-lhe o caminho vários ramos de flores e três presentes – ele passou-lhes por cima.

– O senhor, meu jovem, tem disso de sobra!

Ele ficou parado a meio do corredor e questionou-se se ela estaria a fazer pouco dele. Mas aquela afirmação era demasiado tentadora. Ele tinha talento. Até de sobra. Foi o que ela disse. Ou teria compreendido mal?

Quando ele se virou, ela estava junto à porta, uma mão no bolso do roupão. Um pequenino sorriso maldoso era visível no canto esquerdo da boca.

– Se quiseses mesmo a sério – disse ela. – Mas só mesmo nesse caso!

Ela tirou a mão do bolso e entregou-lhe um cartão de visita. Uma morada em Berlim.

– Um teatrozinho – disse ela. – Diz-lhes que fui eu quem te recomendou.

Ele revirou o pequeno pedaço de papel nas mãos. Berlim! Mas qual era a ideia dela? Quando levantou os olhos, Rosa já desaparecera. Uma jovem funcionária estava agachada no chão a recolher flores e embrulhos, olhou para ele, sorriu e carregou tudo para dentro do quarto. A porta fechou-se definitivamente.

Ele percorreu o corredor, desceu as escadas, atravessou um átrio de entrada onde um empregado de libré escura lhe perguntou se o podia ajudar. Humbert respondeu uma coisa qualquer e andou duas vezes em círculo dentro da porta giratória até encontrar a saída para a rua. Ia a flutuar sobre todas as coisas, tomado por um sentimento de triunfo e o cúmulo da alegria, caindo depois em desespero, perdendo a coragem, para depois encontrar de novo a esperança. Ele tinha talento. O público iria rejubilar na sua presença. Ele ia conseguir. Em Berlim.

Não conheço ninguém em Berlim, pensou ele, apreensivo. Como vou fazer isto? Totalmente sozinho. Se pelo menos a senhora Brunnenmayer fosse comigo. Mas não há como a afastar da Vila dos Tecidos. Muito menos para ir a Berlim. E depois teria de me despedir. Desistir do meu bom emprego...

Subitamente, deu conta de que estava no meio de um grupo de pessoas e foi arrastado por elas. Ouviam-se piadas grosseiras, gargalhadas, cheirava a aguardente barata.

- Contra os exploradores!
- O poder aos soviets!
- Desarmem a polícia!
- Anulem os empréstimos de guerra!

Só quando alguém lhe gritou ao ouvido que devia por favor manter o passo é que percebeu que fora parar a uma das manifestações de rua. Assustado, olhou em volta. Ficara encurralado dentro de uma densa massa de gente, homens e mulheres de todas as idades avançavam pela

Maximilianstrasse em direção a Perlachberg, seguiam de braço dado, faziam barulho, gritavam, entoavam canções que ele não conhecia. A maioria eram trabalhadores, também soldados regressados da guerra, pelo meio mulheres que se comportavam como homens e esticavam os punhos. De vez em quando, via homens mais bem vestidos, estudantes de olhos loucos e rostos fervorosos, vociferando sempre novas palavras de ordem que arrebatavam os demais.

– Viva a revolução internacional!

Humbert soltou-se de um jovem trabalhador que lhe dera o braço e, em vão, fez uma tentativa de escapar àquela massa pegajosa. Tropeçou no passeio e quase caiu ao chão, agarrou-se ao casaco de um homem e levou algumas pancadas nas costelas.

– Polícia! – gritou alguém. – Parem!

– Continuem! – ouvia-se gritar do outro lado. – Ninguém nos para. Vamos marchar até à câmara municipal.

– Não disparem!

Humbert sentiu-se novamente tomado por aquela sensação: o zunido nos ouvidos. O sibilo dos aviões. O ruído surdo das granadas a explodir. Todo o seu corpo tremia, procurou um sítio onde se abrigar, mas sabia já que estaria perdido se agora se encolhesse no chão no meio da multidão.

– Porcos! Disparam contra pessoas desarmadas! Contra mulheres!

Ele ouviu disparos isolados, as pessoas berravam em pânico, a massa parou, compactou-se mais.

– Para trás! Recuem!

– Para a frente, minha gente. Avancem!

O grito penetrante de uma mulher jovem entrou-lhe dolorosamente pelos ouvidos dentro e deu-lhe asas. Começou a remar com os dois braços, nadou por entre a multidão, lutou contra a corrente, tropeçou, caiu, recompôs-se, chocou contra corpos, quando passava a voar via rostos, olhos, bocas e mãos contorcidos pelo medo e pela fúria...

Acocorou-se no chão, atrás de si havia a parede de uma casa. Granadas passavam por ele a silvar, saltava terra por todo o lado, braços decepados, casacos de fardas, capacetes, cabeças humanas com rostos de ratazanas... Dentro dos seus ouvidos, murmurava o oceano.

– Humbert! O senhor é o Humbert, não é? O lacaio da Vila dos Tecidos.

Ele ouviu aquelas palavras muito pouco nitidamente. Alguém se debruçava sobre ele. Uma mão pousou-lhe no ombro, uma mão quente, reconfortantemente pesada.

– Calma, calma – disse a voz do homem, e a mão movimentava-se suavemente para trás e para a frente. – Já saiu de lá. Ninguém lhe vai fazer mal.

Só então teve consciência de que estava a apertar os olhos com força. Piscou-os e viu a calçada cinzenta do passeio diante do nariz, depois o rodapé de arenito da casa diante da qual se acorara, e depois duas pernas com umas calças de tecido escuro com algumas manchas de pó cinzentas aqui e ali.

– Vá – disse o homem. – Muito devagarinho. É o Humbert, não é?

Ele olhou para cima, o rosto do homem era largo e tinha ar de camponês. Conhecia-o, já o vira várias vezes, mas não lhe vinha simplesmente à mente o contexto. Devia ser por causa dos tremores convulsivos que o continuavam a atacar.

– Humbert Sedlmayer – disse ele mecanicamente. – Décimo Primeiro Regimento de Cavalaria de Württemberg...

– Isso já lá vai, camarada.

O homem agarrou-o pelas axilas e içou-o. Humbert arquejava e tremia ainda contra a parede da casa quando olhou para o rosto do seu ajudante.

– Sebastian Winkler, vimo-nos algumas vezes na Vila dos Tecidos. Lembra-se? A senhora Von Hagemann é uma simpatia e volta e meia empresta-me alguns livros.

Humbert abria e fechava as pálpebras para fazer desaparecer a névoa esbranquiçada que lhe obstruía a visão. Isso mesmo, agora começava lentamente a recuperar o entendimento. O senhor Winkler até bebera chá na biblioteca com a senhora Von Hagemann e haviam conversado muito tempo. Humbert ouvira também que Alicia Melzer repreendera a filha por isso mesmo e que quase houvera uma discussão, não fosse a intervenção da jovem senhora Melzer...

– Senhor Winkler... Estou-lhe muito grato. É um trauma de guerra, sabe? Volta e meia sou acometido por estas crises. – Winkler assentiu e sacudiu uma mancha de pó do braço de Humbert. Como era atencioso. É isso... ele era diretor de um orfanato.

– Sei muito bem como é. Eu também andei por lá.

O olhar de Humbert desanuviou definitivamente e ele sorriu com amabilidade para o seu salvador. Não perdera ele um pé? Andava com uma prótese? Em todo o caso, um rapaz absolutamente simpático e decente.

– Mas que multidão descontrolada! – disse Humbert. – Comunistas, provavelmente.

– Sim. Muitos adeptos da Aliança de Espártaco. Está aqui gente extraordinária. Mas não vão conseguir fazer valer as suas ideias...

Humbert compreendeu que aquele tipo simpático, o diretor do orfanato, nutria simpatia pelos comunistas. Não admirava que a senhora Melzer tivesse ficado tão indignada quando a filha se pôs a beber chá com aquele homem. Os comunistas eram malvistas na Vila dos Tecidos, ao passo que os adeptos do USPD eram designados por «doidos de esquerda» e a Aliança de Espártaco era equiparada ao Diabo e a Belzebu.

– Ah, sim? – murmurou Humbert, atabalhado.

Winkler disse-lhe que devia ver se conseguia andar. Se fosse necessário, ele podia agarrá-lo por baixo dos braços, iam fazer o mesmo caminho uma boa parte do percurso.

– Estão a ultrapassar os limites, é o que acho. É ainda muito cedo, mas estou convencido de que uma república soviética é a melhor de todas as formas de governo. Mas com calma, não convém apressar as coisas. Já alguma vez ouviu o Ernst Nickisch a falar? Não? Um homem extraordinário... Antes era mestre-escola, tal como eu.

Humbert deixou-o falar e foi avançando lentamente a seu lado. Era agradável ouvir a sua voz, ainda que Humbert estranhasse muito o significado do seu discurso. Assembleias. Decisões por maioria. A vontade do povo. O discurso empenhado de Winkler afugentou os aviões e as granadas, já não havia explosões, e também o oceano deixou de murmurar. Quando chegaram à Jakoberstrasse e já se via a grande porta ao longe, Humbert sentia-se na verdade exausto, mas de resto de novo normal.

– Estou muito orgulhoso... uma grande responsabilidade a que me submeto de bom grado.

Tanto quanto Humbert conseguira compreender, Sebastian Winkler era membro de um Conselho de Trabalhadores, Camponeses e Soldados que, de ora em diante, passaria a ter uma palavra decisiva no destino da República da Baviera. Quase passou a venerar aquele homem que, visto de fora, parecia tão simples e modesto.

– O mundo vai mudar, Humbert – disse Winkler, ao despedir-se dele, e os seus olhos iluminaram-se. – Acabaram-se os imperadores e os reis. O povo vai assumir o poder. Todas as pessoas são iguais, não vai haver patrões e empregados, o capital e os meios de produção vão ser distribuídos equitativamente, ninguém terá de passar fome, mas também ninguém vai nadar em riqueza...

Soava tudo decididamente ousado e, se era permitido a Humbert falar com franqueza, a ideia não lhe agradava nada. Tinha pena do velho rei Luís e também não se teria importado de ter de volta o imperador Guilherme. Contudo, tratou de não o dizer em voz alta.

– Nem patrões nem empregados? – perguntou, com insegurança.

Sebastian Winkler sorriu e disse que era uma visão de futuro. Uma tocha que nos guia o caminho. Uma esperança...

– Com efeito, a sua profissão é um ofício destinado a desaparecer – disse ele, sorridente, apertando a mão de Humbert em despedida.

Chovera intensamente durante a noite, pelo que nos estreitos caminhos entre as sepulturas se formara um lodaçal. O sol matinal raiava apenas brevemente por entre as nuvens escuras, para logo depois o temporal seguinte se abater sobre o pequeno grupo de visitantes do cemitério. Abriram-se os guarda-chuvas, puxaram-se os chapéus mais para a testa, ergueram-se os colarinhos dos sobretudos.

– Detesto cemitérios – disse Kitty. – Ainda por cima logo de manhã tão cedo.

– Posso oferecer-lhe o meu braço? – perguntou Ernst von Klippstein, o sempre solícito amigo da família.

– Obrigada, Klippi. Seja como for, os meus sapatos já estão todos estragados. Se calhar é melhor ir ajudar a Marie, ela queria ainda ir buscar flores.

Ernst von Klippstein parou no caminho para esperar por Marie, que surgia agora à porta do cemitério com um arranjo de heras e lírios-brancos. As flores eram caras naquela altura do ano, mas os Melzer haviam decidido que também na infelicidade estariam sempre ao lado dos amigos e familiares. O Banco Bräuer, antes todo-poderoso, entretanto já não existia. Para evitar um humilhante processo de falência, Edgar Bräuer aceitara a proposta de fusão do Bayerische Vereinsbank. Assinara os contratos uma semana antes. Logo nessa noite, pegara numa arma e suicidara-se.

– Não o posso julgar – dissera o reverendo Leutwien. – Mas a Igreja tem as suas regras e eu tenho de as cumprir. Ainda que me custe de coração... – O caixão fora baixado à terra logo de manhãzinha, num canto remoto do cemitério, onde eram sepultados os pobres e os suicidas. E mesmo isto foi uma concessão da Igreja: antigamente, quem tirasse a sua própria vida era sepultado fora das portas da cidade.

Apesar de ser tão cedo – ainda não eram nove da manhã –, a sepultura já fora tapada, restara apenas um monte de terra castanho-acinzentado sobre o comprido, sem cruz nem nome. Os visitantes tinham de caminhar pela lama que rodeava as sepulturas fechadas à pressa. Trovejava, a chuva tamborilava nos guarda-chuvas e escorria por eles abaixo em densos regatos, caindo depois no chão.

– Descansa em paz, Edgar Bräuer!

Johann Melzer disse-o muito alto, para que todos pudessem ouvir. Já que nenhum sacerdote queria conduzir o amigo até ao seu eterno descanso, seria ele a tomar a palavra junto à sua campa.

– O Senhor Deus vê os nossos corações, Ele sabe distinguir os justos dos hipócritas. Todos nós aqui reunidos sabemos como te pesou o infortúnio, já não conseguiste suportar. Ninguém o compreende melhor do que nós, que a ti estamos ligados pelo amor e pela amizade. Deus te conceda a sua misericórdia e a paz eterna...

Tilly teve de apoiar a mãe, que, ao ver o monte despido que constituía a sepultura, se desfez em lágrimas. Kitty debatia-se com a vontade de espirrar, Elisabeth estava ao lado do pai para lhe segurar o guarda-chuva. Marie pousou o arranjo no montículo e também Tilly trouxera flores. Em seguida, avançaram outras pessoas que também haviam trazido ramos e coroas. A senhora Wiesler, que perdera três filhos na guerra, o casal Manzinger, o doutor Greiner, o doutor Grünling, o advogado e alguns dos funcionários do banco que se mantiveram leais ao seu diretor. Só Deus sabia se o banco de Munique os manteria ao serviço.

Apenas muito poucos aceitaram o convite dos Bräuer para um pequeno-almoço no restaurante Zum weissen Schwan, estavam todos encharcados e preferiram regressar rapidamente a casa para evitar uma eventual pneumonia. Apenas os Melzer fizeram companhia a Gertrude e Tilly. Marie tivera a magnífica ideia de pedir a Ernst von Klippstein que fosse com o carro até à Vila dos Tecidos e que trouxesse roupa, meias e sapatos secos.

– O Klippi é mesmo o anjo da guarda da Vila dos Tecidos – considerou Kitty. – Como é que fazíamos antes, sem ele? Ajuda na contabilidade, oferece os seus préstimos no hospital, compra-me tintas de óleo e pincéis novos, percebe das coisas do pomar e da horta e, ainda por cima, está sempre a postos para ajudar a sua querida e venerada Marie...

Marie fez uma careta, era evidente que considerava que aquela conversa de Kitty era algo inconveniente tendo em conta a circunstância séria em que se encontravam, mas Tilly sorriu, aliviada, e disse que Kitty era um raio de sol num dia nublado. Sentou-se ao lado da cunhada e encetou com ela uma conversa sobre os seus quadros.

– Entusiasmo-me sempre e repetidamente, Kitty. As coisas que pintas são maravilhosas e assustadoras ao mesmo tempo.

– Lamento muito se te assustam, Tilly. Mas não o consigo evitar, percebes? Aquelas imagens surgem-me na cabeça e só me consigo libertar delas quando as pinto.

– Isso é arte, querida Kitty. Disso tenho absoluta certeza. Devias expor as tuas obras.

Kitty ficou visivelmente lisonjeada e disse que pintava apenas para ela mesma.

– É estranho, Tilly. É como se fossem meus filhos, aqueles quadros. Neste momento pertencem-me todos só a mim. Mas, se eu os expuser, é como se os fosse perder.

Tilly abanou a cabeça.

– Não queres em dada altura começar a ganhar dinheiro com eles? – perguntou baixinho, para que Alicia não ouvisse.

– Dinheiro? Bom, isso seria... isso não seria nada parvo.

Era verdade que Kitty possuía a casa da Frauentorstrasse, que Alfons lhe oferecera, e ainda alguns quadros e objetos de valor, mas a principal parte da herança ficara no Banco Bräuer e agora perdera-se para sempre.

– Se calhar é preciso começar com passinhos pequenos – refletiu Tilly. – Uma exposição privada com bons amigos...

– Achas mesmo, Tilly? Oh, não teria nada contra tornar-me uma pintora famosa. Sabes, quando penso nisso como deve ser, eu também acho que os meus quadros são muito bons. Não, a sério, são extraordinários... Talvez, mas só mesmo talvez, eu pudesse separar-me de um ou outro quadro. Se isso fizer alguém feliz...

Na sala ao lado fora posta a mesa para o grupo ali presente. Foi servido café de cevada quente com açúcar, acompanhado com pão fresco, compota, manteiga suadânea e algumas fatias de queijo. Era uma refeição algo frugal,

mas na verdade era o que pouco restara da imensa riqueza do banco. Naquele momento vários advogados estavam ainda ocupados a ponderar dívidas e bens, mas as perspectivas não eram boas para os herdeiros. O declínio do banco estendera-se ao longo de vários anos e depois o último ano da guerra e o colapso do império vieram dar o derradeiro empurrão num banco já debilitado.

– Isto não teria acontecido se o Alfons não tivesse morrido – disse Gertrude Bräuer com amargura. – Só espero que o vosso Paul regresse a casa são e salvo. Consta que terá sido feito prisioneiro pelos russos. Os russos são imprevisíveis. Vai-se a ver e mandam-no para a Sibéria e põem-no a partir pedra.

A notícia de que Paul fora feito prisioneiro de guerra chegara havia cerca de um mês à Vila dos Tecidos, depois de um longo período de incerteza, tendo desencadeado sentimentos extremamente discordantes.

– Estou contente e feliz por ainda estar vivo – dissera Marie. – Tudo o mais não tem agora importância. Temos novamente esperança e é a isso que nos devemos agarrar.

Os Melzer estavam determinados a não levar demasiado a sério as palavras de Gertrude. Já antes ela nunca tivera papas na língua e, agora que fora tão duramente afetada pelo infortúnio, deveriam ser especialmente benevolentes.

– Já houve soldados a regressar depois de terem sido prisioneiros dos russos – disse Alicia com brandura. – Estamos todos os dias à espera de ouvir o Paul a bater à porta da Vila dos Tecidos.

– Mas que tempo este que vivemos! – exclamou Gertrude, que não escutara de todo as palavras de Alicia. – As autoridades viraram as costas ao seu papel e a população toma o poder nas suas mãos. Greves, tumultos, revoltas, greve geral... Mas que pensa esta gente? Que ficamos ricos sem trabalhar?

– Acalma-te, mamã – disse Tilly, tomando-lhe as mãos. – As greves também têm aspetos positivos. Tornaram possível o armistício.

– Mas que disparates estás para aí a dizer, filha? – ralhou Gertrude, embora um pouco mais baixo. – Que aspeto positivo é que uma greve pode ter?

Nos meses anteriores, as greves de protesto dos trabalhadores na fábrica de máquinas da MAN foram constantes. Os trabalhadores não queriam

continuar a fabricar produtos para a indústria do armamento que mantinha ativa aquela guerra sem sentido. Até Johann Melzer, para quem de outro modo uma greve era um pecado mortal, afirmara que as pessoas haviam finalmente ganho sensatez. O que fez Marie suspeitar que ele estava antes de mais invejoso da MAN: ao contrário das fábricas de têxteis, os fabricantes de máquinas e as siderurgias haviam lucrado muito com a guerra.

– Que bom que pelo menos na vossa fábrica se continua a laborar – disse Gertrude, de ânimo leve. – Continuam a fabricar aqueles feiosos tecidos à base de papel?

– É claro – retorquiu Johann Melzer com brusquidão, debruçando-se para a frente para espreitar pela janela. As gotas de chuva haviam desenhado um padrão complexo nas vidraças, que se assemelhava a um emaranhado de caminhos entrelaçados.

– Não tenho nada contra os vossos tecidos – disse a incansável Gertrude. – Mas com este tempo essas coisas desfazem-se totalmente, ou não? E não há nada melhor do que um bom algodão ou uma boa lã.

Melzer manteve-se teimosamente calado e também Marie não se manifestou. Só poucas pessoas sabiam como estava difícil a situação na fábrica de tecidos Melzer naquele momento. O negócio com os tecidos de papel iria em breve chegar ao fim. Quando se alcançasse a paz, a concorrência da Inglaterra e da França iria invadir o mercado com os seus tecidos. Para conseguirem acompanhar, iriam investir, comprar matérias-primas, colocar novamente em funcionamento as máquinas há tanto tempo paradas e enfrentar a concorrência com preços baixos. Mas as reservas não chegavam para tanto, seria preciso encontrar um credor, e o Bayerische Vereinsbank, que adquirira o Banco Bräuer, não oferecia condições nem de perto tão favoráveis como as concedidas em tempos por Edgar Bräuer. Além do mais, Klaus von Hagemann exigira valores exorbitantes, sem os quais não estaria disposto a divorciar-se. Seria preciso ir a tribunal. E, ao que parece, tanto Kitty como Lisa não tinham absolutamente recursos nenhuns e iriam permanecer na Vila dos Tecidos; era também possível que Tilly e a mãe precisassem da ajuda dos Melzer. O único raio de esperança naquela situação tão sombria era Ernst von Klippstein. O amigo de Paul, que arrendara uma casa em Augsburg, possuía carro próprio e estava disponível sempre que dele precisavam. Parecia dispor de dinheiro, quem sabe se poderiam convencê-lo a investir na fábrica de tecidos Melzer...

– Deus do céu! – exclamou Kitty, apontando para a janela. – Até parece que vamos emigrar para o ultramar!

Ernst von Klippstein chamara o empregado do restaurante a pedir ajuda para carregar as malas cheias para dentro. Foi disponibilizada às senhoras uma sala para poderem mudar de roupa, enquanto Johann Melzer trocou apenas de sapatos e meias, considerando energicamente que as calças se secavam sozinhas.

– Uma pessoa sente-se logo mais confortável – disse Elisabeth quando se sentaram por fim todos de roupa seca. – Ontem o senhor Winkler contava que no orfanato já têm quatro doentes com gripe. Não é de admirar, com um outono tão frio e húmido.

Conversaram algum tempo sobre a triste situação dos órfãos, elogiaram o trabalho do senhor Winkler e, por fim, Gertrude perguntou se era verdade que Elisabeth pretendia estudar para se tornar professora.

– Efetivamente. Quero ganhar o meu dinheiro e não viver às custas de ninguém!

Aquela frase audaz foi recebida de várias formas. Alicia limitou-se a suspirar, Johann Melzer mordeu o pão com compota com fervor e Gertrude Bräuer revirou os olhos. Kitty e Marie, pelo contrário, consideraram que Elisabeth tinha toda a razão. Já lá iam definitivamente os tempos em que uma mulher de boas famílias ficava sentada em casa a bordar lenços.

– O mesmo com as saias compridas e as velhas tranças! – exclamou Kitty energicamente, erguendo a chávena de café. – Eu sou artista e quero vender os meus quadros. E porque não? Há outros que também o fazem!

– Deus Senhor – gemeu Gertrude. – Achas mesmo que alguém te vai dar dinheiro por isso? Que diz a isso, senhor tenente? Sentir-se-ia confortável se a sua mulher ganhasse dinheiro como uma operária?

Ernst von Klippstein viu que estava num aperto, já que não queria deixar de estar nas boas graças de nenhuma das senhoras.

– Bom, dado que neste momento não estou a pensar casar-me, não estou em condições de dizer grande coisa sobre o assunto, minha senhora...

– Ah, mas que cobarde! A minha Tilly é que não vai de modo nenhum pôr-se ao nível de operárias e secretárias.

Tilly escutara até ao momento sem dizer nada, mas então ousou uma investida em voz baixa.

– Eu já pensei em contribuir um pouco para o orçamento, mamã. Os correios oferecem a jovens de boas famílias a possibilidade de trabalharem como telefonistas... – Gertrude inspirou profunda e sonoramente. Era inacreditável.

Telefonistas, presas fáceis para os homens funcionários dos correios.

– Nem penses, não enquanto eu for viva! Oh, céus, se o teu pai tivesse ouvido isto. Mas ele era assim mesmo. Sempre ocupado unicamente com o seu banco, os problemas da família eram todos comigo. E agora deixou-nos definitivamente sozinhas...

Começou então a soluçar. A dor que contivera com tanta energia apanhava-a agora traiçoeiramente.

– Mas os homens são mesmo assim – fungou ela. – Ou vão para a guerra ou passam o tempo nos seus gabinetes. E quando precisamos deles...

– Está tudo bem, mamã – disse Tilly com doçura. – Acalma-te. Vamos aguentar as duas juntas. Também o vamos conseguir sozinhas.

Gertrude limpou o rosto com um lenço e acariciou o braço da filha.

– Mas tu não vais trabalhar nos correios, Tilly. Estás proibida.

– Como queiras, mamã. Foi só uma ideia.

Trouxeram mais um jarro de café de cevada e ainda um cesto de doces e bolinhos recheados com creme de avelãs e compota. Constataram então que Ernst von Klippstein havia encomendado e pago aquelas iguarias.

– É mesmo muito amável da sua parte – disse Marie.

– Fico feliz por vos fazer a todos um agrado.

Kitty trocou um olhar altivo com a irmã – mas que fiel paladino. Comeram com prazer os bolinhos e falaram sobre os acordos de paz tão duramente negociados e que traziam péssimas perspectivas para a Alemanha.

– *Vae victis*, ai dos vencidos! – disse Johann Melzer. – Quem perde paga.

Ernst von Klippstein contestou. Do ponto de vista militar, a Alemanha estava longe de ter esgotado os seus recursos, ainda teria sido possível lutar para alcançar uma melhor posição de negociação.

– E quantas pessoas teriam ainda de morrer para isso? – exclamou Marie, indignada. – Bem pelo contrário, já deveríamos ter estabelecido a paz há muito tempo. Há anos. E melhor ainda teria sido se nem sequer tivéssemos começado esta desgraçada guerra.

Von Klippstein deu-lhe apenas parte da razão. Decerto que, se se tivesse aceitado as propostas de paz dos Aliados no ano anterior, a Alemanha

estaria hoje numa melhor situação. No entanto...

– Agora já é tarde de mais para isso – rosnou Johann Melzer, empurrando um bolinho com um trago de café de cevada. – Vamos ter de pagar reparações. Durante anos. Vão todos estender a mão, primeiro os franceses, mas depois também os russos, os malditos ingleses, os polacos e os italianos... Já para não falar dos americanos.

– Mas é injusto querer atribuir ao nosso país todas as culpas por esta guerra, não pode ser! – exaltou-se Von Klippstein. – Para isso devem começar por ir falar com a Áustria. E com os sérvios, que foram quem desencadeou a guerra. O traiçoeiro assassinio em Sarajevo...

– Não nos exaltemos – disse Marie, que temia uma discussão sem fim. – Penso que já vai sendo hora de voltarmos para casa.

Von Klippstein ofereceu-se imediatamente para levar a senhora Bräuer a casa, oferta essa que foi aceite com gratidão. O casal Melzer também tinha ainda lugar no carro.

– Se tiverem a paciência de esperar mais um pouco, minhas senhoras, como é evidente eu volto para garantir que regressam à Vila dos Tecidos com os pés secos.

– Isso seria encantador – disse Kitty com um piscar de olhos sedutor. – Mas aqui as quatro meninas gostariam de ir a pé.

– Ah, sim? – escapou a Lisa.

Sentindo o salto do sapato da irmã a perfurar-lhe o pé, garantiu apressadamente que precisava mesmo de ar fresco. Despediram-se, vestiram os casacos húmidos e colocaram os chapéus.

– Não se constipem, meninas! – gritou Alicia pela janela do carro.

– Credo, mamã! Já somos crescidinhas.

– Certo. Estou sempre a esquecer-me...

Kitty riu-se baixinho. Quando o automóvel arrancou rumo ao centro da cidade, deu o braço a Marie e explicou que agora é que vinha a parte mais agradável do dia. Ou antes: a parte empolgante.

– Que queres dizer com isso? – perguntou Marie, que conhecia as ideias espontâneas de Kitty e estava algo apreensiva. Também Lisa demonstrava manifesta curiosidade, apenas Tilly ia calada.

– Já vão ver – disse Kitty com secretismo. – Garanto-vos um espetáculo empolgante. Até põe o *Maria Stuart* a um canto!

Caminharam as quatro lado a lado, pelo que quem se cruzasse com elas tinha de passar para a estrada para avançar.

– Em todo o caso, a Maria Stuart acabou por ser decapitada – disse Elisabeth.

– A minha ideia é mesmo uma coisa desse género.

– Agora é que perdeu mesmo o juízo – disse Elisabeth a Marie.

Caminharam ao longo de algumas ruas secundárias e foram dar à Annastrasse. Marie, Lisa e Tilly iam fazendo todo o tipo de suposições. Kitty estava a participar em segredo numa peça de teatro. Não? Então arrendara ali um ateliê onde desenhava pessoas nuas. Não? Um filme novo. Não? Um amante? Credo, não!

– Vocês são todas tão tontas... tontas... tontas... – cantarolava Kitty. Depois parou diante de uma loja, tão repentinamente que Tilly, que ia de braço dado com ela, quase tropeçou e caiu. – Aqui! – anunciou.

– Aqui? E o que é isto?

Marie foi a primeira a compreender. E depois também Tilly percebeu. Elisabeth foi de compreensão mais lenta.

– Isto... isto é um salão de beleza... um cabeleireiro... – Kitty entrou no pequeno estabelecimento com ousadia.

O proprietário, um homem baixo de olhos castanhos redondos e sobrancelhas negras, dobrou-se quase todo em manifestações de cortesia, conduziu-a a uma cadeira e esfregou as mãos, como se tivesse de encher-se de habilidade diante do grande empreendimento.

Hesitantes e com o coração a bater muito, as suas acompanhantes seguiram-na e entraram no estabelecimento, ficaram paradas junto à porta e trocaram olhares apreensivos.

– Sabes bem que a mamã vai ter um colapso – disse Lisa, aflita. – Já o papá...

– Vão sobreviver. Comece, por favor. Cabelo à rapaz. Com franja. Ou como é que o papá costuma dizer? Com uma crista...

– Como desejar. Faz um bocadinho de pena, com um cabelo tão bonito...

Soltou o penteado de Kitty e o seu cabelo negro e resplandecente fluiu em ondas suaves sobre os ombros e as costas.

– De que está à espera? Que caia sozinho?

Elisabeth deixou ouvir um suspiro baixinho e doloroso quando a tesoura cortou as primeiras madeixas. Pelo som, parecia que estavam a cortar filamentos de vidro.

– Não queres também, Marie? – perguntou Kitty, que acompanhava todo o procedimento com entusiasmo no espelho. – Ia ficar-te a matar.

Não, Marie não queria de modo nenhum sacrificar o seu cabelo comprido. Que diria Paul quando regressasse? Oh, agora, depois do armistício, seguramente não tardariam muito a reencontrar-se. De certeza que já não faltava muito, não podia faltar muito... A esperança podia ser dolorosa.

– E tu, Tilly? Um cabelo louro à tigela seria de sonho...

Tilly achou que a mãe já tinha preocupações suficientes, que não era preciso acrescentar mais uma. Quem sabe depois, mas não desdenhava nada da ideia. E além disso também era prático.

Kitty soprou os cabelos cortados do rosto e olhou-se, espantada com a sua nova «crista». Fantástico. Mal podia esperar até que o cabeleireiro se desse finalmente por satisfeito com o corte de cabelo.

– Fica-lhe simplesmente maravilhoso, minha senhora. É como se este corte de cabelo tivesse sido pensado especificamente para si...

Ele tinha razão. O cabelo de Kitty caía exatamente como exigia a moda, moldava-se flexivelmente com uma bonita onda, terminando com duas pontas encantadoras sobre as orelhas. A franja realçava de modo especialmente sedutor a forma dos seus olhos azuis.

– E então? Que acham? – disse ela, triunfante, abanando a cabeça e passando os dedos pelo cabelo curto.

– Impressionante! – suspirou Tilly.

– Nada mal – foi a avaliação de Marie.

Elisabeth calou-se. Aproximou-se de Kitty. Tocou-lhe no cabelo, apalpou-o, limpou meia dúzia de cabelinhos cortados da capa escura com que o cabeleireiro tapara Kitty.

– O mesmo para mim, por favor! – disse ela então em alto e bom som.

– Olha agora é que estamos feitos – disse Fanny Brunnenmayer.

A cozinheira estendera diante de si, em cima da mesa da cozinha, o jornal *Augsburger Neuesten Nachrichten* e analisava o editorial com a ajuda dos óculos de Else.

– Que foi que aconteceu agora? – gemeu Else. – Quase que desejamos a guerra de volta. Pelo menos aqui em Augsburg havia paz e sossego. Mas desde que temos uma república e o nosso querido imperador Guilherme nos deixou, instalou-se o caos em todo o lado. Uma pessoa já nem se atreve a sair à rua.

A cozinheira ralhara, que não dissesse disparates. Ninguém queria com certeza ter a guerra de volta. Mas a república, dessa também não precisava para nada.

– Agora temos uma república soviética, Else – disse ela. – É o que diz no jornal.

Else olhou de soslaio para os títulos impressos, não estava claramente com vontade de ler o artigo em pormenor. Tanto mais que a senhora Brunnenmayer de qualquer modo tinha os seus óculos pendurados no nariz.

– E o que é isso, uma república soviética?

Apesar de já ter lido duas vezes, Fanny Brunnenmayer não conseguira compreender o significado mais fundo desta nova modalidade. Apenas que, de ora em diante, quem teria uma palavra a dizer seriam os representantes do povo e dos trabalhadores e que a pobreza da população conheceria em breve o seu fim. Mas nos últimos tempos também o antigo governo havia prometido um regime assim.

– Vamos viver à russa – disse a cozinheira com tristeza. – Elegeram um Conselho Revolucionário dos Trabalhadores. É ele que agora manda.

Else fez um ar assustado. Tinha um medo de morte dos trabalhadores que estavam sempre em greve e que percorriam as ruas. E ainda por cima aquela palavra terrível, «revolução». Como na Rússia. Lá os revolucionários andavam a matar-se uns aos outros, os bolcheviques e os outros, como se chamavam eles? Não lhe vinha agora à cabeça. Mas que importava, eram todos maus, os russos...

– Sempre os trabalhadores – gemeu. – Por que razão têm eles de passar a mandar? Não sabem nadinha de nada. Só andam à bulha e a rachar as cabeças uns dos outros. Ah, ainda se vão arrepender de terem mandado embora o nosso bom imperador Guilherme.

Humbert entrou na cozinha com uma bandeja cheia de louça e equilibrou habilmente a carga até à pia. Os patrões lá em cima queriam ainda café, anunciou.

– Parece que lá na fábrica está outra vez tudo parado. Greve geral, dizem eles. A jovem senhora Melzer e o senhor diretor estão com os outros à mesa do pequeno-almoço e falam sobre a nova república. Agora também foi proclamada em Munique.

– Uma república soviética – atirou Else e recebeu de Humbert um olhar espantado. Não era habitual Else ter conhecimento da situação política.

– Sim, acho que é assim que se chama. A senhora Von Hagemann está muito empolgada, porque o senhor Winkler está a participar nesse processo. Ele agora vai tornar-se um homem poderoso aqui em Augsburg.

– O senhor Winkler, que dirige o orfanato? – admirou-se a senhora Brunnenmayer. – Esse, um homem poderoso... deixem-me rir!

A cozinheira preparou café fresco, café verdadeiro com grãos, que o tenente Von Klippstein arranjava algures e oferecera à família Melzer. Para os empregados, no entanto, restava apenas a segunda infusão, mas sempre era muito melhor do que o bafiento café de cevada.

Como que atraídas pelo aroma do café, surgiram então também Auguste e Hanna para passar na cozinha a breve pausa da manhã.

– Há café? – perguntou Auguste e observou com inveja a cozinheira a verter água quente para a cafeteira. – Ou é outra vez para as «senhoras do hospital»?

– Este é para os patrões – rosnou a senhora Brunnenmayer.

– Dá-me cá a cafeteira, Humbert.

No fundo da cafeteira que os patrões haviam esvaziado acumularam-se borras de café. A cozinheira verteu então água a ferver em cima.

– Lembram-se de como a Maria Jordan nos lia o futuro nas borras de café? – referiu Auguste, estendendo a chávena vazia na direção da senhora Brunnenmayer. – Previu para ti um grande amor, não foi, Else?

Else calou-se, envergonhada. Não queria na verdade que lhe recordassem tais tontices.

– Isso ela leu nas cartas – disse Hanna. – E quem sabe... se calhar um dia destes até acontece...

– Que trazes aí no bolso do avental, Hanna? – quis Auguste saber. – Uma carta ou quê? Do teu lindo amante. Bom, estás cheia de sorte por a guerra já ter acabado. Podias ter acabado na prisão...

Em jeito protetor, Hanna pousou a mão sobre o bolso do avental, de onde saía efetivamente um envelope. Por nada neste mundo ela abriria na cozinha aquela carta que acabara de chegar no correio.

Que pena, pensou Auguste, teria gostado de saber o que lá dizia.

– E tu que na altura acreditaste nos disparates da Jordan, eu cá não acreditei. E ainda bem – prosseguiu ela. – Desde sempre que a Maria vendia os seus remediozinhos, nem quero pensar na quantidade de pobres raparigas que ela traz na consciência.

Ela vira Maria na tarde anterior na Maximilianstrasse. Estava a passear um grupo de órfãos, tudo raparigas, maiores e mais pequenas.

– Iam sempre duas a duas e tinham de dar as mãos. Foram andando muito obedientes, como soldados, só que menos ruidosas. E a Maria Jordan seguia à frente, a velha carcaça...

Humbert informou que o senhor Winkler deixava frequentemente a gestão do orfanato nas mãos dos seus funcionários porque tinha de estar presente nas assembleias do Conselho.

– Ele tem lá umas ideias malucas, o senhor Winkler – disse, abanando a cabeça. – Por exemplo: as pessoas são todas iguais, não haverá patrões nem empregados... E que a minha profissão já não tem futuro.

Auguste escutou de olhos arregalados.

– Se prometerem não dizer nada a ninguém... – disse ela baixinho, inclinando-se um pouco para a frente, para que todos à volta da mesa a pudessem compreender melhor.

– Que é? – perguntou Hanna, curiosa.

Auguste olhou em volta, agradava-lhe ter os olhos todos postos nela.

– Oh, não sei – disse, recostando-se de novo na cadeira. – É melhor não dizer nada. O Gustl matava-me se soubesse que quase dei com a língua nos dentes... – Consequira assim elevar a tensão aos píncaros.

– Primeiro fazes-te de importante e depois deixas-nos pendurados.

Else deu-lhe um encontrão para o lado com o cotovelo. Auguste não se deixou incomodar, ganhara uma boa almofada desde o terceiro parto no ano passado. Como é evidente, fora novamente um rapaz, do Gustl ela só tinha rapazes.

– Muito bem então. Mas jurem-me que não passa para fora da cozinha, lá para cima para os patrões, uma palavra só sobre isto...

Recebeu essa garantia. Só a cozinheira rosnou, tinha coisas para fazer e Auguste devia mas é acabar com todo aquele teatro patético.

– O Gustl quer abrir um negócio. Comprar um pedaço de terreno aos Melzer e criar um horto. Com flores e verduras para vender no mercado. E se calhar também galinhas e gansos.

Foi grande o espanto em redor. A cozinheira disse que quem tinha esse tipo de minhocas na cabeça tinha mas é de ter cuidado, não fossem elas transformar-se em borboletas e esvoaçar dali para fora. Else riu-se baixinho algo tolamente, Humbert encolheu os ombros e Hanna achou que os Melzer nunca venderiam um pedaço de bom terreno a Gustav.

– Mas, mesmo que vendam, como pensam pagar? – perguntou Humbert.

– A Auguste tem vindo a poupar zelosamente – disse Else com malícia. – A Liesel deu-vos sorte.

– Ah, cala-me mas é esse bico!

Auguste não ficou muito irritada com a observação maldosa, tanto mais que Else tinha razão. Foi guardando numa meia a pensão de alimentos que o major lhe pagara durante algum tempo, não gastara um tostão. Era preciso pensar no futuro, mas nesse campo o Gustl era infelizmente demasiado ingénuo. Ela, Auguste, não era parva nenhuma. Já há muito percebera o caminho que as coisas levavam. As fábricas de tecidos estavam todas de rastos, algumas tiveram de ser vendidas, outras aguentavam-se à tona de água apenas com grande dificuldade. Também aos Melzer as coisas não corriam de feição, porque não haveriam de entregar um pedaço de terreno em troca de um bom dinheiro?

– Se vocês acham que vão ser alimentados pelos Melzer até ao fim das vossas vidas, estão muito enganados – disse ela, erguendo a voz. – Antigamente teria sido assim, mas agora vivemos numa nova era. O senhor Winkler tem toda a razão. Em breve já não haverá criados de casa e cada um terá de se virar sozinho...

– Tu não estás a funcionar com os parafusos todos – observou a cozinheira secamente.

– Vais ver, querida Brunnenmayer!

– Lá para fora, já – resmungou a cozinheira. – Já são dez horas. Vai ao hospital, Else, e pergunta à menina Schmalzler quando é que ela vem com as enfermeiras para a merenda. Ainda tenho de ir à cidade comprar pão.

Foi com pouca vontade que Else se separou do seu agradável banco de cozinha. Auguste observou que o dia prometia ser soalheiro e que Humbert podia levar os tapetes do salão vermelho lá para fora para serem batidos.

– As pratas estão a precisar de ser polidas – retorquiu Humbert, que não suportava quando Auguste atirava para cima dele os trabalhos sujos. – Os talheres bons estão todos oxidados. É uma vergonha quando se põe os talheres na mesa.

Else entrou a arrastar-se e comunicou que no hospital reinava uma grande confusão, já que duas das enfermeiras não haviam comparecido ao serviço. O elétrico, que de algum tempo a esta parte estava novamente a funcionar, ficara parado devido a uma greve.

– A menina Schmalzler pede que lhes levem o café e a merenda. Está a trabalhar sozinha com a menina Tilly Bräuer e não tem tempo para vir à cozinha.

Hanna foi incumbida de levar a merenda ao hospital, enquanto a senhora Brunnenmayer ia às compras com Else. Constava que, desde ontem, na loja do Rosel Steinmayer havia especiarias exóticas. Pimenta-da-jamaica, caril e noz-moscada... Nada baratas, mas o dinheiro da caixa devia chegar para um saquinho.

Auguste e Humbert foram para o salão vermelho para aí enrolar os tapetes. Hanna ficou assim sozinha na cozinha. Atiçou as chamas no fogão e colocou o fervedor de água na placa para fazer café, cortou o pão em fatias e barrou com enchido de fígado. Como a água ainda tardava a ferver, sentou-

se num banco de cozinha e tirou a carta do bolso do avental. À escuta, ergueu a cabeça: não, não estava ninguém nas escadas de serviço e no hospital toda a ajuda era pouca. Estendeu a carta diante de si e analisou uma vez mais a morada.

*Menina Hanna Beber
Fábrica Casa Tecidos Melzer
Augsburgo
Germânia*

Era de admirar que o carteiro a tivesse encontrado. Tocou nas linhas com o dedo, estavam escritas a tinta e eram estranhamente rebuscadas. Quem as escrevera não estava habituado ao alfabeto latino, era russo e escrevia em caracteres russos. Como se chamavam mesmo? Cirílicos. O seu coração batia como um pássaro a esvoaçar loucamente. Devia abrir a carta? Ou atirá-la para o fogão? Bastaria levantar-se, afastar o fervedor para o lado, levantar a placa com o ferro para as chamas flamejarem e fora com aquilo. Nenhuma carta, nenhum arrependimento, nenhuma esperança. Mas, ao invés, virou a carta e olhou para o remetente. Estava em cirílico e só lhe saíam coisas sem sentido quando tentava ler «zpuzopuu» e «vikob». Mas o nome da cidade estava escrito em caracteres russos e latinos: «Petrogrado.»

Limpou os olhos e empinou o nariz. Não valia a pena desatar a chorar. O passado já lá ia. Ela matara a criança, o bebé de Grigori estava morto. Como lho poderia explicar? Oh, ele nunca lhe devia ter escrito aquela carta.

Pegou por fim numa faca e rasgou o envelope. A carta era um pedaço de papel com linhas, rasgado de um bloco e dobrado a meio. Lá dentro, vinha uma nota.

Minha amada Hanna. Cheguei de Zurique em Petrogrado em comboio faz quatro dias. Meus pais e família são e contentes. Tu vem para Petrogrado, espero por tu. Usa rublos para comprar bilhete de comboio. Amo-te. Grigori

Teria alguém escrito por ele aquela mensagem com a escrita latina? Teve de ler várias vezes as poucas frases para compreender o que queriam dizer. Ele conseguira portanto fugir para a Suíça e de lá viajara para Petrogrado. Quatro dias depois de chegar ao seu país já ele lhe escrevia. E até enviava

dinheiro. Olhou para a nota de rublos, um pedaço de papel cinzento em que se via uma mulher muito bem vestida. Era bonita e jovem. Usava uma coroa com véu, segurava na mão um escudo e uma espada. Seria a czarina? Mas dizia-se que tinham expulsado os czares. À esquerda, ao lado da czarina, estava um número impresso. O número um com três zeros ao lado. Mil rublos. Oh, céus, quanto seria aquilo em marcos?

Alguém tossiu nas escadas de serviço e ela apressou-se a guardar a nota e a carta de volta no envelope. A água já estava a ferver há bastante tempo, o fervedor cuspiam gotas de água para a placa do fogão, que aí se transformavam em vapor com um sibilo. Humbert entrou na cozinha, tossiu e espirrou duas vezes.

– Tapetes... Pó... Repugnante... – resmungou. – Ainda sobrou algum café?

Hanna enfiou precipitadamente a carta no bolso do avental e apressou-se a verter água a ferver na cafeteira previamente preparada. Encheu uma chávena de café e estendeu-a a Humbert.

– Aqui está... O açúcar está aí ao teu lado.

– Obrigado...

Enquanto ele soprava o café quente, ela pousou a cafeteira e o prato dos pães com enchido de fígado numa bandeja e fez menção de os levar para o hospital.

– Olha – disse Humbert, agachando-se. – Deixaste cair uma coisa.

Sobressaltada, ela pousou a bandeja na mesa da cozinha e tirou a carta amarfanhada da mão de Humbert.

– Da Rússia? – perguntou ele.

Humbert era diferente dos outros. Hanna gostava dele. Quando o polícia suspeitara dela e quase morrera de medo, Humbert salvara-a. Nunca esqueceria isso.

– Sim – disse baixinho.

Humbert olhou para ela e calou-se por momentos.

– Do Grigori?

Ela assentiu. Solto um suspiro profundo e tentou alisar o papel vincado.

– Ele quer que eu vá ter com ele. Até mandou dinheiro. Mil rublos...

Humbert olhou admirado para a nota amarrotada.

Valeria muito? Hanna encolheu os ombros.

– De qualquer modo, não posso ir para lá.

– Porque não?

Ela engoliu em seco e não tinha a certeza se lhe devia contar. Mas, afinal, ele estava farto de saber. Todos sabiam.

– O bebé – respondeu. – Porque o abortei. E porque o médico me disse que nunca mais vou poder ter filhos.

Humbert olhou-a com pena e depois abanou a cabeça.

– Pode nem ser verdade.

Hanna sorriu com tristeza. Sim, o médico podia ter-se enganado. Só que o bebé estava morto, uma alma por batizar. E isso era um pecado terrível. Não, não podia juntar-se a Grigori em Petrogrado. Que diria a família dele?

– Se quiseres, dou-te os mil rublos, Humbert. Podes trocá-los e usar o dinheiro para ir para Berlim.

Ele contara-lhe sobre Rosa Menotti. Apenas a ela. Mediante a promessa de manter segredo.

– De modo nenhum – exclamou ele. – Esse dinheiro é teu, Hanna.

– Mas eu não preciso dele. Preferirias que eu o atirasse para dentro do forno?

Ele fez com os braços um gesto desamparado e resmungou, dizendo que ela era uma pessoa terrivelmente burra.

– Mas não o amas?

Hanna agarrou na bandeja e levantou-a da mesa com um impulso.

– Isso já não é relevante! – disse ela, saindo da cozinha com a bandeja.

– O Senhor ressuscitou! Aleluia! Ide em paz!

A mensagem pascal ecoou pela igreja repleta de gente, logo depois o órgão começou a tocar o cântico de saída e os fiéis levantaram-se dos bancos para se dirigirem para a porta.

O banco da família Melzer estava bem à frente, perto do altar, um privilégio concedido a famílias ilustres. À saída, contudo, comprovava-se o devoto dizer de que os últimos eram os primeiros, já que, enquanto o sacristão não abrisse as portas laterais, os Melzer tinham de esperar muito tempo até finalmente se libertar o caminho até ao exterior. Aguentavam pacientemente, cumprimentavam amigos e conhecidos, desejavam-se mutuamente uma Páscoa feliz e Rosa Knickbein não tinha mãos a medir a manter os gémeos bem-dispostos. Dodo, especialmente, começara a chorar com frequência logo que as primeiras nuvens de incenso haviam começado a percorrer a nave da igreja. Kitty preferira não ir à missa da Páscoa com Henni, já que a pequena estava com febre.

– Por onde anda o nosso fiel paladino? – perguntou Johann Melzer com ligeira ironia.

– O Klippi já se esgueirou lá para fora por entre a multidão porque queria trazer o carro mesmo para a porta da igreja – informou Elisabeth. – Tem receio de que nos possamos constipar.

– Ele é tão amável – suspirou Alicia. – É inacreditável que a tal de Amanda tenha traído o pobre homem de forma tão ultrajante.

– Adele, mamã. Ela chamava-se Adele – retorquiu Elisabeth.

– Isso, Adele. Oh, meu Deus, Lisa. Devias voltar a deixar crescer o cabelo.

– Mamã, por favor!

Elisabeth usava um chapéu escuro cilíndrico sob o qual assomava o cabelo curto. Não, aquele penteado moderno não lhe ficava tão bem como a Kitty,

considerava Marie. Sebastian também tivera uma reação hesitante. Apesar de lutar pelo progresso da humanidade e pelo poder do povo, em assuntos privados era terrivelmente conservador. Uma mulher não devia dar ares de «mundanidade», devendo pelo contrário manter-se «natural». Cabelo comprido, saia comprida, brandura de temperamento. Fumar, então, uma mulher não podia de modo algum, isso seria vulgar. E rejeitava também o uso de batom ou verniz de unhas.

– Vamos ver se conseguimos passar – disse Marie, que levava ao colo a pequena Dodo aos berros. – A minha menina precisa de apanhar ar fresco.

– Precisa de quê? – perguntou Johann Melzer, que não a conseguia perceber bem sob a música do órgão a tocar.

– Ar fresco! – disse Marie muito alto.

Olhou então em volta, sobressaltada, já que o órgão se calara precisamente nesse momento e as suas palavras ressoaram por toda a igreja. Foi alvo de olhares divertidos. A senhora Wiesler perguntou se a pequena estava doente.

– Não, não... É só o incenso. Sempre que...

Marie calou-se, já que lá à frente, junto à porta da igreja, se gerara alguma agitação. As pessoas abriam caminho e passavam pelos dois acólitos, ignorando o saquinho de esmolas que seguravam, e saíam a correr lá para fora, enquanto outros pareciam tentar regressar ao interior da igreja.

– Protejam-se. Protejam-se todos! – alguém bradou.

Uma mulher gritou porque fora empurrada contra um pilar. Crianças choravam, lá fora ouviam-se cães a ladrar.

– Mas que se passa? – balbuciou Alicia.

Tilly e a mãe já estavam no corredor central, mas agora, com medo, pararam onde estavam.

– Estão a ouvir? – gritou Tilly na direção de Marie. – Quase parece que lá fora estão a disparar tiros.

– Mas que dispare – disse Johann Melzer, irritado.

Nesse momento, ouviu-se o ruído de uma detonação e toda a gente entrou em pânico.

– Tropas governamentais... Estão a disparar por todo o lado!

– Fiquem na igreja, aqui é seguro!

– Abram alas. Os nossos filhos estão sozinhos em casa... Deixem-nos passar!

Os puxões e empurrões perto da saída tornaram-se mais violentos, uma criança foi atirada ao chão e gritava desesperada, mulheres resmungavam em alto e bom som, o sacristão correu para fora da sacristia com um grosso molho de chaves na mão.

– Vamos todos acalmar-nos, meus irmãos – ouviu-se a voz do reverendo Leutwien. – Quem quiser sair, avance devagar e não empurre ninguém. Quem quiser permanecer aqui na casa de Deus, afaste-se por favor para o lado para deixar os outros passar.

– Ele está a abrir as portas laterais – sussurrou Elisabeth à mãe. – Depressa, vamos sair.

Mas não foram os únicos a reparar no sacristão. Formou-se logo uma multidão diante das portas laterais. Ainda assim, os Melzer conseguiram sair para o adro da igreja relativamente ilesos. Aí encontraram o advogado Grünling numa conversa empolgada com o casal Manzinger e o doutor Greiner.

– Tratem de ir para casa! – gritou-lhes o doutor Greiner. – As tropas governamentais entraram em Augsburg. Entraram simultaneamente pelo norte e pelo sul, há escaramuças em Lechhausen...

Marie empalideceu. Em Lechhausen. Isso ficava a apenas poucos quilómetros da zona industrial onde se situava a Vila dos Tecidos.

– E vão disparar contra a casa? Prender os residentes? – exclamou a sogra.

– Mas como é que isto é possível? – enervou-se o sogro. – Houve negociações. A república soviética foi dissolvida. Foram cumpridas todas as condições do governo do Hoffmann...

O advogado encolheu os ombros. Quem poderia saber? A república soviética aguentara-se cinco dias, mas o antigo governo, que fugira para Bamberg, decretara um bloqueio alimentar a Augsburg, pelo que por fim fora necessário negociar. Tudo parecia resolvido, haviam chegado a acordo, Augsburg ficou disponível para o antigo governo. Para quê então as tropas?

– Estão a caminho de Munique e pelo caminho arrastam-nos a nós.

– Dizem que não confiam nas gentes de Augsburg e que preferem pôr-nos de joelhos pelas armas.

– Isso é vergonhoso!

– Ainda mal a guerra acabou e já nós, alemães, começamos a matar-nos uns aos outros!

– Ora, não vai chegar a tanto...

– Deus o ouça, senhor doutor Grünling!

Marie contornara a igreja com a pequena Dodo ao colo, chegara à entrada principal e agora acenava-lhes, nervosa. O senhor Von Klippstein esperava por eles com o carro. Tinham de se despachar a chegar a casa antes de os soldados vedarem o centro da cidade. Os Melzer apressaram-se a seguir a indicação de Marie, também Tilly e Gertrude Bräuer correram para a entrada principal de São Maximiliano. O pequeno Leo berrava furiosamente a ponto de se ouvir em todo o adro da igreja, queria ir pelo seu próprio pé e não ser carregado por Rosa.

– Que se passa contigo, Lisa?

Tilly voltou-se para Elisabeth, que não seguira o grupo. Lisa fez a Tilly um gesto de quem não dá importância e disse então algo ao doutor Greiner. Ele inclinou-se e fez três vénias, seguindo a passo apressado atrás dos Melzer. Era evidente que ela lhe concedera o lugar no carro. Tilly soltou-se da mãe e chamou por Lisa.

– Porque não vens? Não estás por acaso a pensar em ficar aqui na cidade? Não ouviste? As tropas vão tomar o centro da cidade, a câmara municipal, a estação de comboios. Pode haver escaramuças...

Elisabeth parecia muito determinada, o que se deveria possivelmente às madeixas de cabelo curto que se entreviam sob o chapéu. Ao contrário de Kitty, que com aquele penteado se tornara ainda mais sedutora, em Lisa parecia algo temerário.

– Eu vou ficar, Tilly. Não te preocupes e vai a correr ter com os outros.

Tilly ficou pasmada a olhar durante alguns segundos, mas depois percebeu. Ainda que por vezes parecesse um pouco fora do mundo, ela era na verdade uma rapariga inteligente.

– Vais avisar o senhor Winkler?

Lisa não disse nada, mas o leve rubor que lhe assomou ao rosto disse tudo. É claro que se preocupava com Sebastian Winkler. Trocavam livros, bebiam chá juntos, ele convencera-a a fazer a sua formação de professora...

– Mas ele já deve saber há imenso tempo, Lisa. Não vais poder ajudá-lo.

– Ele tem de se esconder, Tilly. Se o encontrarem, vão prendê-lo. Ele assumiu um papel de destaque nesta desgraçada república soviética...

Tilly percebeu.

– Que pretendes fazer?

– Ele tem de vestir roupa velha e atravesso com ele o rio Lech por ruas secundárias. Escondemo-lo na Vila dos Tecidos até esta agitação passar. Ninguém o vai reconhecer se estiver como doente no hospital.

Tudo aquilo soava muito arriscado. Tilly hesitou um momento, mas, quando Lisa partiu na direção da Jakoberstrasse, correu atrás dela.

– Eu vou contigo, Lisa.

– Mas tu não podes ajudar, Tilly.

– Não é bom uma mulher jovem andar totalmente sozinha na rua.

Elisabeth não era da mesma opinião, afinal de contas já percorrera muitas vezes sozinha o caminho até ao orfanato para visitar Sebastian. Mas aquele não era o momento para discutir convenções, pelo que correu disparada e, embora Tilly caminhasse bem, teve dificuldade em acompanhar-lhe o passo. Em toda a cidade havia movimentações, a notícia da aproximação dos soldados espalhara-se como o vento de boca em boca e as pessoas estavam tomadas pelo medo. Estava ali ainda um homem idoso à espera com um cesto cheio de narcisos amarelos que pretendia vender aos fiéis; mas agora já não compreendia este mundo, já que todos passavam por ele a correr todos nervosos. Na Jakoberstrasse, os comerciantes pregavam tábuas nas montras, outros levavam mercadorias das lojas para os armazéns, com receio de pilhagens. Às janelas havia um sem-fim de curiosos, a ver se vislumbravam algum soldado.

– Porque haveriam eles de invadir um orfanato? – disse Tilly, sem fôlego com aquela corrida apressada. – Ele só tem de se manter quieto e nada lhe vai acontecer...

Mas Elisabeth já estava à entrada do Orfanato das Sete Mártires e tocou à campainha.

– Todos conhecem o nome dele e o cargo que ocupou, patetinha – respondeu ela. – Ele pertencia à delegação de negociadores. Virão cá à procura dele.

Tilly tinha dúvidas, mas não insistiu, para não enervar Lisa ainda mais.

– Abram, por favor! Sou eu, a senhora Von Hagemann...

Ouvindo Elisabeth a tocar à campainha e a bater na porta tão impacientemente, abriu-se uma janela no andar de cima. Apareceu a cabeça de um rapaz louro, com grandes orelhas.

– Nós somos um orfanato – piou ele. – Não temos nada que ver com os soviets.

Elisabeth ergueu os olhos na direção do garoto e pousou as mãos nas ancas.

– Thomas Benedictus! Não me reconheces?

O rapaz esticou o pescoço para ver melhor quem estava lá em baixo, mas era muito pequeno e tinha de ter cuidado para não cair da janela abaixo.

– Não temos nada que ver com os soviets – repetiu ele a frase que decorara.

– Com mil raios! – ralhó Elisabeth. – Nós não somos soldados! Diz ao senhor Winkler que pode abrir a porta sem problemas!

Apareceu agora um segundo rosto e Tilly reconheceu o queixo pontiagudo de Maria Jordan. Tinha óculos postos para melhor reconhecer as visitantes.

– Ah, é a senhora Von Hagemann! Já tínhamos ter soldados à porta, ao ouvir bater com tanta força.

Elisabeth revirou os olhos. Até agora ainda não se vira um soldado sequer, Maria Jordan não devia exagerar.

– Vou já, vou já – disse Maria Jordan. – Tem de compreender, estou aqui sozinha com as crianças, tenho de ter cuidado e não gosto de...

– Está sozinha? – exclamou Elisabeth, sobressaltada. Mas depois abafou a voz, para que os vizinhos não pudessem ouvir. – Quer dizer que o diretor Winkler não está cá?

– E quando é que ele alguma vez está cá? – resmungou Maria Jordan lá de cima da janela. – Ele só se preocupa com as suas reuniões, vai às assembleias de trabalhadores e faz grandes discursos. E eu tenho de fazer aqui todo o trabalho...

– E onde está ele agora?

Maria Jordan já ia toda lançada, por isso teve pena de ter de lhe interromper o discurso. Tanto mais que ela sabia muito bem por que razão a senhora Von Hagemann estava tão nervosa.

– Onde é que havia de estar? Na câmara municipal, provavelmente. Se é que não o levaram já e enforcaram com os outros soviets.

– Mas que está para aí a dizer, menina Jordan? – perguntou Elisabeth, sentindo-se empalidecer. – Porque haveriam eles de prender os representantes eleitos ou mesmo... condená-los?

– Eu sei lá! – disse Maria Jordan, encolhendo os ombros. – O cangalheiro que mora aqui ao lado disse que as tropas governamentais iam enforcar em Augsburg e Munique todos os homens que tivessem participado na

república soviética. Esse já está a contar com um belo negócio, o ganancioso...

Tilly envolveu Lisa com o braço e afastou-a da entrada do orfanato, puxando-a para a rua. Era mais do que tempo, os disparos aproximavam-se e era muito provável que as tropas governamentais alcançassem em breve o centro da cidade.

– Vem, Lisa. Se ele estiver na câmara municipal, não há nada que possamos fazer. Não vais ajudar em nada se te colocares em perigo.

Mas Elisabeth soltou-se dela e correu na direção de Perlachberg. Não restou a Tilly outra hipótese senão correr atrás dela para a impedir de fazer algo irrefletido.

– Ouve a voz da razão, Lisa... Peço-te... Pensa nos teus pais. Se te acontecer alguma coisa...

– Eu não te pedi que viesses comigo! – retorquiu Lisa, irritada, apressando o passo.

Sem fôlego, subiram as ruelas do Berg a correr, passando por pessoas amedrontadas, entradas de casas barricadas à pressa, cães abandonados.

– Senhora Von Hagemann! – alguém chamou de uma janela. – Menina Bräuer! Sim, aonde querem ir? Por Deus, fiquem onde estão!

Viraram uma esquina e pararam as duas, como que pregadas ao chão. Lá estavam eles. As tropas haviam tomado completamente a praça da câmara municipal. Divisões a cavalo avançavam em pequenos grupos pelas ruelas adentro, as tropas de infantaria haviam vedado a câmara municipal e os edifícios adjacentes, da Maximilianstrasse vinha uma divisão de artilharia que trazia vários canhões pequenos.

– Tarde de mais! – gemeu Lisa, desesperada, encostando as costas à parede de uma casa. – Oh, meu Deus, eles vão prendê-lo. Mas ele só o fez porque acreditava na justiça para todos. Porque defendia os pobres e desamparados. Oh, Tilly, não se pode enforcar um homem por isso...

A praça foi chicoteada por disparos, mais longe, na Karolinenstrasse, gerara-se um tumulto. Ao que parecia, estavam a lutar, mas àquela distância era difícil dizer quem se opunha às tropas governamentais em superioridade. Tilly puxou Lisa para a entrada de uma casa mais próxima, um grupo de soldados montados acabara de entrar na ruela. Avançavam a trote, as ferraduras embatiam contra a calçada, os soldados usavam ainda as fardas do exército imperial, muito embora algo coçadas e nem sempre

completas. Estavam armados com espingardas e baionetas e vigiavam atentamente as entradas das portas e as janelas. As duas mulheres, encostadas uma à outra cheias de medo, não lhes pareceram perigosas. Aqui e ali, um dos cavaleiros fardados dirigia-lhes um sorriso, inclinava a cabeça, como quem as cumprimenta, e seguia caminho.

– São os mesmos soldados que combateram pelo imperador e pela pátria – disse Tilly, zangada. – E agora disparam contra a sua própria gente.

Elisabeth também estava furiosa. Não se havia já derramado sangue suficiente? Mas pelos vistos ainda havia homens que gostavam da profissão de soldado e que não a queriam largar. Parecia ser-lhes indiferente combater na França, na Rússia ou no próprio país.

Cada vez mais cavaleiros entravam pela rua adentro. Os combates no outro lado da praça haviam-se alargado e Tilly conseguia agora perceber que jovens trabalhadores haviam bloqueado uma ruela lateral com barricadas. Defendiam-se com veemência dos soldados, disparava-se violentamente, ouviam-se vozes de comando cortantes, os canhões foram colocados em posição.

– Espero bem que não se ponham a disparar os canhões – gemeu Elisabeth. – Não no meio da nossa tão bonita Augsburg. Há nas ruas imensa gente que não está envolvida. Mulheres e crianças...

Nas suas costas ouviu-se uma chave a rodar numa fechadura, alguém abriu uma frecha na porta de entrada. Na penumbra do vestíbulo, Elisabeth discerniu uma figura delgada e um rosto pálido de barba pontiaguda.

– Senhora Von Hagemann, menina Bräuer, entrem depressa. Sou eu, Sibelius Grundig. Venham, venham. Antes que comecem a disparar...

Tilly não fazia ideia de quem era aquele homem, mas Elisabeth conhecia-o bem. Era o fotógrafo a quem o pai tantas vezes dera trabalho. Fizera para os Melzer inúmeras fotografias de família, mas também brochuras para a fábrica...

– Senhor Grundig? Peço muita desculpa, a princípio não o reconheci no escuro. Muito obrigada...

Ele conduziu-as por um corredor estreito até ao seu ateliê, indicou-lhes que se sentassem e chamou a mulher e a filha para se colocarem à disposição das senhoras.

– Que terrível... diz-se que em Oberhausen já há dez mortos – lamentou-se Grundig, que também pregara com tábuas e fechara o seu estabelecimento.

– Se aqui também estourar, Deus tenha piedade de nós – lamentou-se a senhora Grundig. – Eles vão partir e destruir tudo.

Elisabeth teve pena dos Grundig. Era um homem competente, o velho Sibelius, era judeu. Conseguira alcançar uma boa situação de vida e tivera a esperança de que o filho assumisse o ateliê. Mas este tombara no Marne pela pátria. Restara-lhe apenas a filha, Elise, mas esta ficara cega na sequência de uma doença na infância.

– Só têm de atravessar o jardim e subir o muro – disse a rapariga cega. – E descer o Berg até à muralha. Junto à Igreja de Santa Úrsula, passar a ponte estreita e atravessar os prados...

Lisa olhou para ela, surpreendida. A rapariga erguera um pouco a cabeça e sorria. Os olhos estavam quase fechados e viam-se as pupilas brancas.

– Fiz muitas vezes esse caminho quando era pequena – disse ela baixinho. – Ainda consigo ver cada casa e cada pedra da calçada diante dos meus olhos. Também os prados verdes e os ribeiros...

– Ela tem razão, minha senhora – disse Sibelius Grundig. – As tropas vão vedar em breve o centro da cidade e nessa altura já não poderá regressar à Vila dos Tecidos. É claro que lhe daremos abrigo, mas nem nós sabemos se seremos poupados...

Tilly lançou a Lisa um olhar encorajador. Esta hesitou ainda, refletiu se deveria tentar chegar à câmara municipal para interceder por Sebastian Winkler. Afinal de contas, era uma Melzer. Mas os oficiais de Munique não conheceriam possivelmente de todo os notáveis de Augsburg...

– De que estás à espera, Lisa? – pressionou Tilly.

– Muito bem...

Jamais esqueceriam aquela fuga precipitada em pleno domingo de Páscoa. Como duas vagabundas, esgueiraram-se pelo jardim da cidade antiga em cujos canteiros já despontavam rebentos de aipo e onde as groselhas brotavam em tons verde-lima. O muro devia ser ainda da Idade Média, esboroava-se e estava coberto de musgo. Quando superaram este obstáculo, procuraram o caminho por entre o emaranhado de ruelas, desceram a judiaria Judenberg e seguiram até à muralha. Não eram as únicas. Em todo o lado se via gente em fuga, carregavam caixas e malas, arrastavam carroças

com crianças sentadas, puxavam os seus bens em carrinhos de mão. Eram constantemente sobressaltadas por disparos de espingarda, salvas que estalavam em rápida sucessão para depois se acalmarem de novo. Por diversas vezes pensaram ouvir o ruído de granadas a rebentar, explosões abafadas seguidas de gritos estridentes.

Junto ao Convento das Ursulinas, atravessaram a vala e seguiram por veredas que iam dar à zona industrial. Estava extremamente frio, tinham os sapatos encharcados, os casacos cheios de salpicos de lama. Aqueles homens tinham de entrar pela cidade adentro logo no domingo de Páscoa, quando as pessoas se arranjavam para ir à igreja.

Na fábrica de papel conseguiram por um triz esconder-se atrás de um muro, já que vinha um esquadrão de homens a cavalo na sua direção. Tiveram de ficar paradas e esperar muito tempo ao frio, até que o último retardatário já tivesse passado para a estrada calcetada que conduzia à cidade. Só então puderam encetar o último troço daquela sua viagem tão difícil.

– Um banho quente – gemeu Lisa quando entraram no jardim da Vila dos Tecidos. – A Auguste vai ter de me preparar um banho imediatamente. Já não consigo pensar em mais nada...

Tilly não disse nada. Mas achou que aquela era a coisa mais sensata que Lisa dissera naquele dia.

Hamburgo, 3 de maio de 1919

Cara senhora Melzer,

Escrevo-lhe estas linhas a pedido do seu marido, Paul Melzer, meu bom amigo e camarada. Em abril do ano passado fomos feitos prisioneiros dos russos em Sebastopol, tendo sido levados para um campo em Ecaterimburgo, nos Urales. Não lhe vou descrever em pormenor as circunstâncias do nosso cativeiro, por mais de uma vez o Paul ajudou-me e salvou-me a vida. Há um mês, fui trazido de volta à Alemanha juntamente com outros prisioneiros. Não lhe sei dizer por que motivo eu, entre tantos outros, fui contemplado com essa possibilidade. Mas prometi ao meu amigo Paul Melzer que enviaria notícias à família o mais brevemente possível. O Paul está bem-disposto, o ferimento no ombro começa a sarar, a febre irá sem dúvida começar a descer em breve. Ele manda calorosos cumprimentos a todos, sobretudo à sua amada mulher Marie e às crianças, Dodo e Leo. Quando estiver curado e conseguir resistir à longa viagem de comboio, também ele regressará a casa.

Deixo-lhe cumprimentos, um desconhecido,

JULIUS LEBIN

Comerciante de artigos coloniais em Pinneberg/Hamburgo

– Meu Deus – suspirou Alicia, passando a mão pelos olhos. – É tão bom receber finalmente notícias. Mesmo que não sejam propriamente motivo de felicidade.

Marie concordou. Estavam há tanto tempo em suspenso, na incerteza quanto ao destino de Paul! Nenhuma carta, mais nenhum postal, apenas uma breve mensagem do alto-comando do exército, dizendo que o soldado

Paul Melzer fora feito prisioneiro pelos russos. Agora já sabiam um pouco mais: estava ferido e em Ecaterimburgo, nos Urales. Os Urales (Marie fora de imediato consultar o atlas) ficavam a leste de Moscovo, mas ainda não ficavam na Sibéria.

– Que pena que a Lisa e a Kitty não vieram tomar o pequeno-almoço, senão também teriam podido ler a mensagem – lamentou-se Alicia. – Não me agrada nada ver a nossa vida familiar desintegrar-se. Hoje em dia toda a gente entra e sai quando lhe apetece e eu sinto-me como se a nossa casa fosse o restaurante da estação de comboios!

Ela tinha alguma razão. Nos últimos dias, Kitty andava ocupada com a sua exposição em casa do diretor Wiesler, uma atividade que a absorvia a tal ponto que nem sequer se dava ao luxo de tomar o pequeno-almoço. E Lisa, juntamente com algumas senhoras da associação de beneficência, andava a cuidar dos funcionários da república soviética que haviam sido presos e estavam à espera de julgamento.

– Daqui a nada a Rosa vem com os três pequeninos, mamã – consolou Marie. – As coisas vão ficar seguramente animadas e já não vais ter motivo para chorar por tempos idos.

Alicia sorriu e disse que os netos são, realmente, uma grande alegria. Sobretudo Dodo tagarelava de manhã à noite e fazia imensas perguntas, tantas vezes muito tolas, por vezes admiravelmente profundas, mas na maioria das vezes muito sensatas. Até ver, Leo continuava a não dar grande valor à arte da conversa, limitava-se às coisas que queria mesmo muito, mas pedindo-as num tom de voz bastante elevado. Henni palrava toda uma série de coisas incompreensíveis que apenas Kitty e Rosa conseguiam compreender. Em contrapartida, tinha um sorriso incrivelmente encantador. De quem o teria herdado?

– O papá já foi para a fábrica?

Alicia dobrou a carta cuidadosamente e entregou-a a Marie.

– Sim, foi logo cedo. Se o vires por lá, mostra-lhe a carta. O Johann anda muito fechado no que diz respeito ao Paul. Mas eu sei que deposita nele todas as suas esperanças.

Marie assentiu e guardou a carta. Era um momento propício para sair, já que se ouviam nesse momento as vozes das crianças no corredor. Marie acenou alegremente a Alicia com a cabeça e desejou-lhe uma manhã agradável e não demasiado cansativa.

Ainda era preciso atravessar o jardim de inverno para sair de casa, embora o hospital estivesse prestes a ser desmantelado, algo que Elisabeth e sobretudo Tilly lamentavam muito. Marie, pelo contrário, via-o como um sinal de esperança e de recomeço. Quatro longos e terríveis anos de guerra já bastavam, e podiam apenas ter a esperança de que as armas se silenciassem por fim e que não houvesse mais vítimas. E também os prisioneiros de guerra regressariam em breve a casa. Oxalá tudo se tornasse realidade!

No pátio, deu com Humbert, que levantara o capô do automóvel e remexia no motor.

– Só um segundo, minha senhora – disse ele, removendo o apoio para voltar a fechar o capô. – Num instantinho podemos ir.

Ela abanou a cabeça. Não valia a pena, com aquele bonito tempo de maio preferia ir a pé.

– Diga-me uma coisa, Humbert – disse ela então, aproximando-se ligeiramente, para poder abafar um pouco a voz. – Chegou-me aos ouvidos uma coisa estranha. Será provavelmente um engano, por isso peço desde já desculpa pela pergunta...

Todo o corpo de Humbert paralisou e ele fez uma expressão tão culpada que já nem foi preciso perguntar. Fora então efetivamente o seu criado Humbert Sedlmayer quem Ernst von Klippstein vira num espetáculo de cabaré. O jovem fora extraordinário a imitar o antigo imperador e até a imperatriz, pondo toda a sala a rir. Von Klippstein contara que a senhora três lugares à direita do seu quase sufocara de tanto rir.

– Quer dizer que está a atuar em espetáculos de cabaré?

Ele estava tão confrangido que deixou cair o capô. Este bateu com um estrondo metálico e despertou-o da sua paralisia.

– Isso... isso foi apenas uma experiência, minha senhora. Eu nem queria, mas o senhor Stegmüller, que dirige o cabaré, quis ver primeiro se eu também conseguia atuar diante de um público. E então... então... eu deixei... deixei-me convencer...

Marie não ficou propriamente contente com aquela novidade. Muito embora, para ser sincera, tivesse percebido logo desde o início que aquele rapaz singular tinha latentes alguns talentos invulgares.

– Eu não estou zangada consigo, Humbert – disse ela a sorrir. – Mas certamente sabe que um criado de casa que atua em espetáculos de cabaré

não é uma situação tolerável na Vila dos Tecidos. Vai ter de tomar uma decisão.

Ele engoliu várias vezes em seco e, a gaguejar, disse que estava infinitamente grato à família Melzer, que se sentia ali em casa e não conseguia imaginar de todo abandonar a Vila dos Tecidos. E pedia-lhe muito encarecidamente que não contasse nada aos sogros. E também não era preciso enervar desnecessariamente a menina Schmalzler com aquela ninharia.

– Até ver, não vou dizer nada – disse ela. – Mas se o seu nome aparecer em grandes letras num cartaz, aí já não poderei garantir nada!

– Claro que não, minha senhora. Foi apenas aquela vez. Nunca mais vou voltar a subir ao palco, juro-lhe...

Ela fingiu que acreditava e tomou o caminho em direção à rua. A primavera brotava agora por todo o lado com muita intensidade. Enquanto abril ainda fora frio e inóspito, os primeiros dias de maio haviam feito maravilhas. Prímulas e amores-perfeitos floresciam nos canteiros, em toda a parte brotavam novas folhagens verdes. Kitty dissera recentemente que se ouviam os rebentos das faias-púrpuras a despontar com um «plop» baixinho. Mais ao fundo do jardim, Gustav e o avô estavam atarefados a introduzir plantinhas nos canteiros.

Ao ver o edifício da fábrica de tecidos Melzer, o espírito primaveril de Marie quebrou-se. Nos anos de guerra, os pavilhões, os muros e o edifício administrativo haviam-se tornado ainda mais cinzentos e lúgubres, em vários pontos via-se o reboco a cair das paredes e os caixilhos das janelas estavam deformados. Não havia naquele momento dinheiro para reparações ou para renovar a pintura. A situação era desesperada, mas não apenas devido às greves frequentes: os tecidos à base de papel tinham apenas escassos compradores, havia novamente algodão e lã no mercado, mas eram demasiado caros para uma produção economicamente viável.

– Bom dia, senhor Gruber!

– Muito bom dia para si, senhora Melzer! O senhor diretor já perguntou por si. Já viu que os relvados estão cheios de lírios-do-vale a florescer?

– Sim, lírios-do-vale e dentes-de-leão!

– Esses nunca morrem, senhora Melzer. O dente-de-leão vai continuar a nascer aqui muito depois de já estarmos todos mortos e enterrados...

Há anos que o velho porteiro não tirava um dia de folga, continuava a apresentar-se ao serviço mesmo quando a fábrica estava em greve. Marie sorriu-lhe e, no pátio, parou na entrada.

Laborava-se apenas em dois dos seis pavilhões e mesmo nesses a maioria das máquinas estava parada. Estavam a ser processadas algumas encomendas, tecidos de papel usados para costurar roupa de trabalho, sacas de batatas, revestimentos de parede para escritórios – uma ideia de Marie e que vendera muito bem durante algum tempo. Entretanto, todos os bloqueios ao comércio haviam sido levantados e o mercado alemão estava a ser inundado por tecidos baratos vindos da Inglaterra e da Índia.

Apesar da situação difícil, faziam tudo para ocupar pelo menos parte do pessoal, sobretudo os retornados da guerra que pretendiam agora recuperar os seus antigos postos de trabalho. Lá em cima, nos serviços administrativos, viam-se no entanto muitas mesas vazias e as duas secretárias, Hoffmann e Lüders, partilhavam um posto.

– O senhor diretor está à sua espera, senhora Melzer. Penso que ele está um pouco... agitado.

Com efeito, Johann Melzer estava vermelho-escarlate de fúria. Para acalmar os nervos, servira-se de aguardente de ameixa local, de que bebeu um grande trago sem temer pela sua saúde. Para sua ainda maior irritação, acrescia ainda o facto de que as suas reservas de conhaque francês e uísque escocês se haviam esgotado.

– Aí estás tu finalmente! – rosnou ele para Marie. – Olha aqui, lê isto. Não, senta-te primeiro, vais precisar de uma cadeira.

Ele pegou na carta escrita à máquina que tinha em cima da secretária e estendeu-a a Marie, com um gesto tal que mais parecia tratar-se de um trapo sujo.

– Dos Estados Unidos... Greenville... Onde é? – perguntou Marie, que se sentara obedientemente e analisava o cabeçalho da carta.

– Algures no meio dos Estados Unidos. Indústria têxtil há muitos anos. E então? Já se fez luz?

A princípio, Marie não estava a compreender nada. A carta estava redigida num alemão mal-amanhado, mas a intenção de quem a escrevera era muito clara.

Estamos por isso muito interessados em comprar patente de suas extraordinárias máquinas. Sobretudo tecelagem de tecidos com padrões, mas também máquinas de fiagem automáticas para fiar diversos fios.

Uns anos atrás, alguns de nossos técnicos tiveram a oportunidade de ver a qualidade das máquinas. Temos certeza que chegaremos a bom consenso. No Alemanha, sabemos bem, a situação económica é difícil, mas estamos confiantes que em breve podemos fazer negócio entre nós.

*Assinado, JEREMY FALK,
Chief Director*

Johann Melzer sentara-se na borda da secretária e tomara mais um gole do líquido translúcido. Enquanto bebia, observava a reação de Marie ao ler a carta.

– Eles viram as máquinas? – admirou-se ela. – Quando foi isso?

– Foi ainda antes da guerra – respondeu ele com uma fúria contida. – No outono de 1913, se não me engano. Sim, foi na altura em que chegaste à Vila dos Tecidos.

Quando ela levantou os olhos na sua direção, a sua fúria desvaneceu-se por momentos, e ele sorriu. Ela viera para a sua casa, na altura como assistente de cozinha, uma criança magricela de olhos negros muito grandes. Ele detestava-a e temia-a. Ela quase o levara à morte, obrigara-o a confrontar-se com a faceta sombria da sua existência. Ele tinha a sua dose de culpa no fim terrível que os pais dela haviam tido, uma culpa que, durante anos, não quisera enfrentar. E agora? Agora ela era o seu apoio, a única que o compreendia, que estava a seu lado com todas as suas forças.

– Este Jeremy Falk quer portanto comprar as patentes das máquinas do meu pai? – perguntou ela, semicerrando os olhos, por se sentir insegura. – Mas... as máquinas têm sequer patentes?

Johann Melzer abanou a cabeça. As máquinas haviam sido concebidas na altura pelo seu pai e montadas na fábrica. Mais tarde, ele fizera todas as melhorias possíveis e registara nos seus planos ainda outras invenções. Esses planos andaram desaparecidos durante anos.

– Eu sei, papá. Tu tinha-los na verdade mesmo à frente do teu nariz durante esses anos todos, mas não os vias!

Ele rosnou-lhe que aquele não era o momento para se divertir à sua custa. Em todo o caso, o pai nunca levara as suas invenções ao instituto de patentes

e também ele próprio não registara a patente depois de encontrar os planos.

– Ou seja, basicamente, qualquer um pode construir uma máquina igual?

Melzer sorriu com malícia. Para isso essa pessoa teria de ter os planos e, em segundo lugar, também teria de os conseguir interpretar. Porque Jakob Burkard – que lhe perdoasse a expressão – tinha uma caligrafia de cão e só especialistas conseguiam compreender os seus desenhos.

– Outra possibilidade seria desmontar algumas das máquinas para aceder ao seu segredo – acrescentou. – Na verdade, trata-se apenas de pequenas melhorias. Mas são tão geniais que produzem um efeito imenso.

Marie devolveu-lhe a carta e observou, com um encolher de ombros, que não sabia por que razão estava tão enervado. Se os senhores americanos queriam comprar patentes, então azar o deles. O negócio não se conseguia fazer por falta de mercadorias. Ponto final.

Ele olhou para ela alguns instantes e ficou desiludido com a sua descontracção. Não havia reparado na manha daqueles tipos arrogantes? Que na Alemanha a situação económica era difícil... Era evidente que sabiam que ali estavam todos de rastos e que se viam obrigados a agarrar qualquer réstia de esperança. Aquilo era uma desprezível tentativa de extorsão.

– Mas nós não vamos cair nessa, papá! Esquece. Tenho notícias melhores.

Tirou a carta do comerciante de artigos coloniais Lebin do bolso do casaco e entregou-a a Johann para que a lesse. Alicia tinha razão: os traços do seu rosto descontraíram, toda a fúria e toda a desorientação diante do mundo malvado desapareceram. Como devia estar atormentado de preocupação com Paul.

– Sempre nos traz esperança – disse ele por fim.

Nada mais disse sobre o assunto, mas rolhou a garrafa de aguardente de ameixa e guardou o seu ajudante de primeiros socorros de novo no arquivador.

Marie levantou-se para ir para o gabinete de Paul, onde instalara entretanto o seu posto de trabalho. Tinha algumas ideias novas para usar tecidos de papel, mas que ainda não havia amadurecido devidamente e que para já não revelara ao sogro. Além do mais, havia recebido a carta de um inventor, um retornado de guerra de Rosenheim, que alegadamente sabia como usar glicerina e uma cera qualquer para fabricar fios têxteis. Era provavelmente um tresloucado. Mas o papá tinha uma certa razão: naqueles tempos difíceis, era preciso agarrarem-se a toda e qualquer réstia de

esperança. Acabara de tirar a carta do envelope para a ler novamente quando a menina Lüders bateu à porta.

– Senhora Melzer? O senhor Von Klippstein manda perguntar se tem um minuto...

Ernst von Klippstein passara meses a tratar da contabilidade da fábrica, mas entretanto dois dos contabilistas haviam regressado aos seus postos, pelo que a sua ajuda voluntária deixou de ser necessária. Desde então aparecia volta e meia no seu gabinete para lhe apresentar propostas de sobrevivência da fábrica. O motivo por que não se dirigia ao sogro era um mistério para ela.

– Ele que entre, menina Lüders.

Como sempre, ele permaneceu um momento à porta, com a mão ainda no puxador, como quem quer garantir a possibilidade de bater em retirada. Olhou para Marie com um sorriso, analisou-lhe o semblante para garantir que não estava a ser inconveniente.

– Recebeu boas notícias, Marie?

Ela ficava sempre estupefacta com o instinto certo com que ele lhe captava o estado de espírito.

– Com efeito, recebi – respondeu ela. – Entre e sente-se.

Ele fechou a porta e dirigiu-se para o pequeno conjunto de sofás, mas só se sentou depois de também ela assumir o seu lugar. O seu rosto revelava uma tensão expectante.

– Temos notícias do Paul. Está num campo de prisioneiros em Ecaterimburgo, nos Urales.

Teria ficado aliviado com aquela notícia? Pelo menos afirmou ficar muito contente. Agora já se podia contar em breve com o regresso de Paul a casa. Mas depois calou-se por momentos e pareceu abatido. Seria a expressão feliz dos olhos dela que o deixava contrariado? Mas ele sabia o quanto ela amava o marido. E também ela tinha a certeza de que ele considerava Paul o seu melhor amigo. E no entanto...

– Nas últimas semanas tenho vindo a refletir muito – disse ele então. – Gostaria de lhe fazer uma proposta, Marie.

Mais uma, pensou. Que andou ele desta vez a engendrar, o solícito ajudante? Ela observou-o sentado no sofá com as pernas cruzadas, as costas apoiadas, o olhar expectante pousado nela. Já não se comparava nada com o ferido infeliz que dois anos antes havia sido levado para o hospital da Vila

dos Tecidos. Na altura, ele confessara que não tinha esperança nenhuma e que só queria morrer. Entretanto, havia recuperado dos ferimentos, já quase não sentia limitações nos movimentos, superara bem o divórcio e parecia estar repleto de planos para o futuro.

– Dispare à vontade...

Ele não tirou os olhos dela enquanto apresentava a sua ideia e ela compreendeu que para ele o assunto não era apenas importante, mas também muito sério.

– Como bem sabe, querida Marie, deixei à minha mulher, de quem me divorciei, a quinta com todos os terrenos, edifícios e também a criação de cavalos...

Fez uma breve pausa e Marie observou em voz baixa que fora uma extraordinária generosidade da sua parte. A quinta não era uma velha propriedade da família?

– Com efeito – admitiu. – Por isso mesmo ficou também estipulado que o meu filho seria o único herdeiro. Até lá, os rendimentos da quinta pertencem integralmente à minha ex-mulher e ao seu segundo marido. Mas eu não saí do negócio com as mãos a abanar: exigi o pagamento de um valor mais elevado em dinheiro e depusitei-o num banco.

Vejam só, pensou Marie. O bom do Ernst não é tão magnânimo como nos pareceu à primeira vista. Mas enfim, ele tinha toda a razão. Tudo o resto era puro disparate.

Ele endireitou-se no sofá, assentou os braços nos apoios acolchoados e continuou com afã.

– A situação económica na nossa pátria infeliz não é, como bem sabe, a mais otimista. Por isso temo bem que o meu património no banco possa em breve perder valor. Estive a refletir em formas de o investir sensatamente...

Ela compreendeu. Ele queria emprestar-lhes dinheiro, quem sabe até tornar-se sócio e conferir um novo ímpeto à fábrica com capital renovado. Poder-se-ia comprar algodão, lã de qualidade, relançar a produção. Gerir margens curtas, conquistar novos clientes com padrões e cores criativos e bater a concorrência estrangeira. Quem sabe ela até poderia concretizar o seu sonho de abrir um ateliê, fazer novas criações de moda e vendê-las em série...

– E pensei naturalmente na fábrica de tecidos Melzer...

Disse-o com uma expressão na voz que ela achou tão adorável quanto incrivelmente comovente. Soava como um pedido acanhado e de modo nenhum como uma proposta que, basicamente, seria um inacreditável golpe de sorte para a fábrica.

– Isso... isso seria naturalmente muito bem-vindo – gaguejou ela, arrebatada. – Contudo, primeiro devia analisar a situação da fábrica em pormenor e só depois decidir se quer mesmo correr o risco de investir o seu precioso dinheiro.

Ele apressou-se a garantir que estava muito bem informado sobre a situação da fábrica, conhecia os registos contabilísticos e sabia que a situação desfavorável atual se devia unicamente à escassez de matérias-primas devido à guerra. Com o fabrico de tecidos à base de papel (uma ideia genial), a fábrica conseguira manter-se de alguma forma à tona de água, mas agora eram necessários novos investimentos...

– E de que forma desejaria investir?

Ele voltou a recostar-se, deixou os braços pender descontraidamente por fora dos apoios do sofá e declarou, com candura no rosto, que ponderara uma sociedade. Melzer & Klippstein. Ou simplesmente Melzer & Sócio. Seria nesse caso talvez preciso obter aconselhamento jurídico.

– Não obstante, não exijo de modo nenhum qualquer tipo de formalidade – garantiu ele, olhando para ela de semblante sincero. – Para mim a única coisa importante seria a estreita relação com a família Melzer. Um futuro comum, profissional e pessoal. Seria essa a minha expectativa.

Aos ouvidos de Marie aquela parecia ser uma proposta honesta, inspirada num espírito de amizade e simpatia. Mas fazer com que o sogro a aceitasse, era algo que lhe parecia, no mínimo, duvidoso. Melzer & Klippstein, não lhe ia agradar muito...

– Quis falar primeiro consigo – disse Ernst von Klippstein num tom insistente. – É para mim muito importante saber que posso contar, querida Marie, com o seu consentimento. Espero que não me compreenda mal. Não quero de modo nenhum fazer alguma coisa que lhe desagrade. Ou que possa sequer sentir como uma impertinência...

Os seus olhos azuis ostentavam agora uma expressão inteiramente diferente. Penetravam nos dela, perscrutadores, esperançosos, com a obstinação de um homem que decidira conquistar para si uma mulher e que

nunca mais a largaria. Subitamente, Marie compreendeu de onde vinha aquela proposta generosa – e como deveria agora lidar com ela.

– Se me permite que seja sincera consigo, caro Ernst...

Ele ergueu as sobrancelhas e o seu corpo retesou-se. Ele arranjava-se com efeito para aquela visita com especial cuidado, o fato era novo em folha e trazia uma flor enfiada na casa de um botão.

– Peço-lhe que o seja, Marie!

– Ótimo – disse ela e inspirou fundo. – Eu, pessoalmente, estou contra a sua proposta. Mas a decisão, evidentemente, não é minha.

– Pois – disse ele baixinho.

Ele conteve-se extraordinariamente bem. Conversaram ainda um pouco sobre o tempo primaveril e o tratado de paz que ainda não fora assinado e que poria um fim definitivo à guerra. Só quando ele já abrira a porta e acreditava não estar a ser observado é que ela discerniu a expressão apagada dos traços do seu rosto e sentiu um peso na consciência. Ela seguiu um instinto e fizera infeliz uma pessoa amável, tendo provavelmente também lesado a fábrica de tecidos Melzer.

– Oh, como detesto andar de elétrico – gemeu Elisabeth quando saiu com Tilly na Königsplatz. – Este cheiro a alcatrão e sujidade e ainda por cima vamos todos apertados. E depois o degrau para subir é demasiado alto, ainda partimos uma perna...

Tilly enfiou o braço no dela e disse que, comparada com a sua fuga pela cidade antiga e por prados lamacentos, a viagem de elétrico era puro luxo.

– Nem me lembres disso!

Viraram à direita, para a Annastrasse, e volta e meia paravam a olhar para uma montra parcamente apetrechada. Não, as coisas ainda não haviam voltado a ser como antigamente, como antes da guerra. Nessa altura as lojas transbordavam de todo o tipo de produtos, as montras do centro da cidade ostentavam iluminações coloridas à noite e então os restaurantes, os pequenos teatros, os espetáculos de ópera e os concertos de verão no parque da cidade...

Melancolicamente, olharam para a única peça em exposição de um estabelecimento de sanitários: uma alvíssima e elegante sanita. Já com algum pó, uma vez que até esse momento não encontrara comprador. Não era de admirar: os preços subiam todos os dias, ninguém sabia aonde tudo aquilo iria parar.

– E pensar que até já se pode encontrar tudo à venda – disse Tilly, indignada. – Infelizmente, não é para todos. Quem tem dinheiro suficiente pode comprar no mercado negro tudo o que desejar.

Continuaram a deambular mais um pouco e a visão das árvores altas que agora ostentavam plenamente a sua folhagem primaveril apaziguou-as um pouco. Não podiam estar simplesmente felizes por aquela maçadora guerra já ter acabado? Do mesmo modo que a natureza se renovava

constantemente, também o país e as suas gentes iriam erguer-se de novo e florescer uma vez mais.

– O Sebastian não queria nada disto – não conseguiu Lisa refrear. – Queria justiça. Ninguém deveria passar fome e ninguém deveria viver com abundância. E por isso está agora atrás das grades. Como se tivesse cometido um crime. Isso fizeram os outros, que atacaram a nossa querida Augsburg com soldados e canhões.

Tilly apertou-lhe o braço e aconselhou-a a acalmar-se. Infelizmente, nem sempre se faz justiça neste mundo, mas pelo menos agora a situação estabilizara-se, as tropas haviam retirado.

– De certeza que o vão libertar em breve, Lisa.

Elisabeth soltou um suspiro profundo. Tentara várias vezes visitar Sebastian Winkler na prisão, mas em vão. Deixara comida, roupa e sapatos para lhe entregarem. Não sabia se ele os teria recebido. Até lá mandara o advogado Grünling, mas depois ele explicara-lhe que o senhor Winkler era incorrigível, pelo que pouco podia fazer por ele.

– E mesmo que o libertem – disse Lisa com amargura. – Como vai ele ganhar a vida? Entretanto o orfanato é dirigido pela Maria Jordan.

Essa era uma novidade para Tilly.

– A Jordan como diretora do orfanato? Isso é que é uma ascensão inesperada para uma antiga camareira.

– Uma absoluta má atribuição de funções, queres tu antes dizer – resmungou Lisa. – Para isso mais valia terem mantido a outra megera, a Pappert. Oh, Tilly, o Sebastian era como um pai para aquelas crianças, um protetor, um educador afetuoso...

Tilly começava a ficar um pouco farta dos queixumes de Lisa.

– Mas que se passa contigo? Não devias na verdade estar tão preocupada com o senhor Winkler, Lisa. Estão a querer professores em todo o lado, vais seguramente encontrar emprego nalgum lado...

Lisa calou-se. Evidentemente, Tilly tinha razão. Em muitas profissões faltavam homens, haviam ficado na guerra ou regressado estropiados. Viam-se sentados em filas no chão da Maximilianstrasse a mendigar meia dúzia de tostões. É verdade que Sebastian perdera um pé, mas conseguia trabalhar, essa era a sua sorte. Só que ali em Augsburg não encontraria de certeza nenhuma colocação como professor. E o divórcio de Lisa continuava por proclamar. Klaus von Hagemann passara os últimos dias da guerra num

hospital militar na Prússia Oriental e desde então não voltaram a receber notícias dele.

– Se calhar já está morto há muito – dissera Kitty com um encolher de ombros. – E aí poupas-te ao divórcio.

Kitty, a sua irmã mais nova. Como mudara nos últimos quatro anos. Uma miúda mimada transformada em esposa apaixonada e mãe. E quando, depois da morte de Alfons, todos acharam que seria tomada pela melancolia, ela lá conseguira sair do casulo como uma colorida borboleta e agora era... pintora. Elisabeth por vezes nem sabia se havia de admirar ou de irritar-se com Kitty por isso. Em todo o caso, a sua irmã mantivera-se fiel a si mesma em muitos aspetos. Sobretudo as suas afirmações insensíveis, disso não prescindira.

– Estamos quase lá, Lisa. Olha: já lá estão três, não, quatro automóveis. Vêm mesmo pessoas ver a exposição da Kitty...

Lisa aguçou o olhar e reconheceu Humbert a ajudar uma senhora a descer de um carro. Seria a mamã? Não, era a senhora Von Sontheim, a mãe da sua amiga Serafina. Elisabeth animou-se logo. Era tão bom voltar a ver a amiga. A pobrezinha perdera o pai e um dos irmãos...

– Está ali o incansável Klippi – gracejou Tilly. – Mas que homem amável. Trouxe os teus pais e a Marie.

Encontraram-se na entrada da grande casa arrendada na Karlstrasse e cumprimentaram-se efusivamente. Que primavera maravilhosa! Os lilases já estavam plenamente em flor. Só podia ser um bom augúrio...

– Já viu as cerejeiras nos prados? – perguntou Von Klippstein, oferecendo o braço a Tilly para a conduzir até ao primeiro andar, onde ficava o apartamento do diretor Wiesler. – Parecem estar cobertas de espuma branca.

– Sim – disse ela a sorrir. – Se as abelhas trabalharem com afinco, vamos poder apanhar cerejas com abundância e fazer bolo de cereja.

– Mas que agradável encontrar uma jovem com tanto sentido prático.

– De todo – riu-se ela. – Eu cá deixo que outros façam o bolo...

Lá em cima, no apartamento, foram recebidos pela senhora Wiesler, vestida toda de negro e ornada de pérolas. Tilly achou-a terrivelmente empolgada, cumprimentava todos os visitantes pessoalmente e declarava como estava feliz por ter amigos tão queridos e amantes de arte. Dois

criados (um dos quais era Humbert) entregavam-lhes champanhe em bandejas de prata e Von Klippstein só descansou quando Tilly bebeu pelo menos um copo meio cheio.

– A uma artista temos de brindar com champanhe a sério, caríssima menina Bräuer. E a sua cunhada é uma verdadeira artista. Tenho de confessar que estou entusiasmado!

Tilly conhecia a maioria dos quadros de Kitty, mas tinha de admitir que, depois de emoldurados e distribuídos pelas paredes, produziam um efeito ainda mais impressionante. Sobretudo as silhuetas da cidade sob a vasta cúpula do céu. Sim, Kitty sabia pintar o céu. Nuvens tenebrosas e enraivecidas, cordeiros ternurentos diante de uma névoa azul-clara, uma neblina rasgada por uma tempestade, o firmamento profundo e tremendo em azul-escuro...

– Tilly, minha querida! Que bom que vieste! Trouxeste a tua mãe? Não? Oh, que pena. Ela tem de finalmente começar a sair de casa... Deus do céu, Tilly. Já vendi três quadros. E ainda nem sequer começámos... O jovem lá adiante, aquele com a borbulha vermelha no nariz e os óculos metálicos, é do jornal...

Kitty estava mais animada e bonita do que nunca. O cabelo curto esvoaçava sempre que rodava a cabeça, de vez em quando punha-o atrás da orelha com um gesto encantador, mas o cabelo simplesmente não queria lá ficar. E a saia justa... Oh, céus, só com um palmo a tapar o joelho. Meias de seda pecaminosamente caras e encantadores sapatos brancos...

– Oh, nem acredito! – clamou ela e foi-se embora a correr. – Senhor Kochendorf, já não nos víamos há tanto tempo. A senhora sua esposa? Seja muito bem-vindo. Sabia que antigamente lhe chamávamos «Hermanesfomeado»? Ah, mas que crianças disparatadas e patetas éramos na altura...

Tilly percorreu as salas devagarinho, com o copo meio cheio na mão, e observou atentamente os quadros de Kitty. Eram muitos, os Wiesler haviam removido todos os seus próprios quadros das paredes para poderem expor esta imensidão de obras de arte. Eram tão diferentes uns dos outros. As horrendas cabeças de peixe – ou seriam monstros parecidos com lagartos? – haviam sido desenhadas a pincel fino. Havia também caranguejos, ratazanas e, num dos quadros, aglomeravam-se repugnantes aranhas. Tilly sentiu arrepios. Quem compraria tal quadro? Uma coisa assim poderia ir no

máximo para uma sala de jantar quando houvesse convidados inoportunos. Numa fase posterior, Kitty pintara paisagens lindíssimas inundadas pelo sol. Fora no verão passado, quando se pusera a deambular pelo jardim de cavalete na mão.

– Meus queridos e caríssimos convidados e amigos – fez-se ouvir a senhora Wiesler no salão.

Tilly não a conseguia ver, mas a sua voz ressoava sem dificuldade até ao mais extremo recanto do apartamento. Ao contrário do marido, um erudito de poucas falas e diretor do Liceu St. Anna, a senhora Wiesler gostava de aparecer em público. Como é evidente, não perdeu então a oportunidade de fazer o elogio da jovem artista, tanto mais que disponibilizara a sua casa de forma tão altruísta.

– ... um talento singular. Meus queridos amigos, tenho absoluta certeza de que em breve o nome Katharina Bräuer vai ser conhecido em todo o império...

Tilly divertia-se. Era tanto o entusiasmo que a senhora Wiesler se esquecera de que entretanto viviam numa república. O imperador estava a viver no exílio na Holanda. Constava que por lá se dedicava a derrubar árvores.

– ... tudo começou num pequeno quartinho num sótão de Montmartre. Sim, em Paris, na altura ainda reinava a paz e a arte pertencia às ruas da cidade...

– Inacreditável – sussurrou Lisa, que se aproximara de Tilly com Serafina a seu lado. – A artista de Montmartre. Esta mulher consegue mesmo fazer omeletas sem ovos!

Serafina von Sontheim cumprimentou Tilly com bastante frieza e puxou logo Lisa para a sala seguinte, onde estavam alguns seus conhecidos. Tilly percebeu que estavam a sussurrar entre si, mas calaram-se rapidamente ao ver Lisa.

Magoava-a sempre ser o alvo inocente de toda aquela gente que havia perdido o seu dinheiro com o colapso do Banco Bräuer. Era por isso que a mãe praticamente não saía de casa, rejeitando até os convites bem-intencionados dos Melzer. Era injusto. Nem ela nem a mãe haviam sabido da situação em que o banco se encontrava. E o pai estava morto. Será que as queriam acusar também disso?

– ... estas paisagens grandiosas, mergulhadas num sol dourado e quente, uma sinfonia viva e vibrante de esperança e avassaladora beleza. Vejam por favor a vigorosa pincelada...

Tilly estava a ficar enervada com as palavras empoladas da senhora Wiesler, aproximou-se da porta para se escapular para o corredor se sentisse necessidade. Foi aí apanhada por Ernst von Klippstein, que fazia menção de entrar na sala nesse momento.

– Não se vai já embora, pois não? – perguntou baixinho. – Isso seria uma pena. Estava aqui a congratular-me com a ideia de a levar no meu carro. A senhora Melzer convidou-nos a todos para jantar.

Fora provavelmente Marie quem o incumbira daquela tarefa, já que ela pensava sempre em todos. Tilly estava grata por isso. Era bom saber que tinha amigos que estavam fielmente a seu lado.

– Não, não, só queria afastar-me um pouco – sossegou-o ela. – Não gosto de estar no centro dos acontecimentos, aqui junto à porta sinto-me melhor...

Ele ficou com ela, bebericou do copo e disse que sentia o mesmo. Também ele não era pessoa que gostasse de brilhar em público, preferia recolher-se e dar passagem a outros.

Tilly estava a ter alguma dificuldade em compreender o que ele dizia tão baixinho, já que a voz da senhora Wiesler continuava a encher a sala. Ao mesmo tempo, estava admirada por Klippi lhe estar a dedicar tanta atenção naquela tarde, já que todos os que o conheciam melhor sabiam que ele adorava Marie. Será que ela o havia posto no seu lugar e, por isso, ele precisava de uma rápida substituição? A ideia divertiu-a. Pobre homem, como pudera ele deixar-se levar por uma paixão tão sem esperança?

– ... penso que foi a senhora Von Hagemann que me falou da sua vocação, cara Tilly.

– Da minha... vocação?

Ele sorriu, inibido, provavelmente por receio de ter dito algo disparatado.

– Do seu interesse pela medicina. Até se disse que queria tornar-se médica.

Ah, então era por isso. As coisas que Lisa dizia...

E no entanto ela estava convencida de que teria guardado aquele sonho só para si.

– Ora, infelizmente, isso é um pouco irrealista. Primeiro teria de fazer o exame do liceu e depois fazer o curso...

– E o que a impede? – perguntou ele com inocência.

Ela ia precisamente referir o facto de que para fazer uma tal formação era preciso recursos financeiros que, entretanto, se haviam tornado escassos na casa Bräuer. Ao invés, todavia, o seu olhar pousou num visitante tardio que naquele momento entrara pela porta e ela calou-se, surpreendida.

De onde conhecia aquele homem? Estava vestido de forma nada conveniente para aquela ocasião, não usava traje de tarde, mas sim um casaco cinzento esfarrapado e calças castanhas largas. Um artista? Era o que indicavam o seu cabelo encaracolado despenteado e a barba curta. Aproximou-se então das portas de dois batentes abertas que davam para o salão onde a senhora Wiesler proferia as últimas frases da sua elegia. Ficou aí parado, esticou-se um pouco para ver por cima das cabeças dos convidados que tinha à sua frente e, de um tabuleiro que fora pousado junto à porta, tirou um copo de champanhe.

– Mas que ave rara – disse Von Klippstein em voz baixa. – Vai-se a ver e só subiu até cá acima para comer qualquer coisa e beber um copo de champanhe...

No instante seguinte, surgiu uma figura delicada a esvoaçar, puxou Von Klippstein para o corredor e, dado que Tilly estava muito perto dele, foi também arrastada.

– Eu imploro-lhe, Klippi – sussurrou Kitty, agitada. – Ele tem de sair já imediatamente desta casa. Vá falar com ele e diga-lhe isso mesmo. Se o papá o vê... ou a mamã...

Von Klippstein só compreendeu a quem ela se referia quando ela apontou com o dedo para o homem desconhecido.

– Mas porquê? Quem é ele? Não posso simplesmente mandar embora uma pessoa que não conheço de lado nenhum, minha senhora. Ainda por cima numa casa que não é a minha.

– Por favor, Klippi! Eu morro já aqui se não o fizer. Caio morta, aqui mesmo no tapete persa... – Kitty tremia de alto a baixo, a ponto de se recluir que ela pudesse ter um colapso nervoso.

Subitamente, Tilly compreendeu.

– Venha – disse ela baixinho e pegou no braço de Von Klippstein para o afastar alguns passos para o lado.

– Mas o que... como assim...
– É o Gérard Duchamps. Compreende? O francês com quem Kitty fugiu há uns anos...

Ele olhou para ela, pasmado, e depois olhou para o homem esfarrapado que se encostava agora à moldura da porta e bebia champanhe.

– Deve ter sido feito prisioneiro de guerra dos alemães e está a caminho da França...

– Deus do céu! – exclamou Von Klippstein, tossindo levemente. – Mas que embaraçoso. Muito bem, não vou desapontar a senhora.

Ele endireitou-se, com um breve aceno fez sinal a Kitty, que parecia desesperada, para lhe indicar que iria cumprir o seu desejo e atravessou o corredor. Sem fôlego, Tilly e Kitty foram acompanhando os acontecimentos.

Foi muito pouco espalhafatoso. Von Klippstein abordou Duchamps e este voltou-se para ele com um gesto inquiridor. Nesse momento, Von Klippstein fez uma ligeira vénia, ao que parecia estava a apresentar-se. Também Duchamps disse o seu nome e depois escutou tranquilamente o que o seu interlocutor tinha para lhe dizer.

– Mas sobre o que conversam eles? – gemeu Kitty. – Porque não se vai embora? Oh, estou uma pilha de nervos. O Klippi é demasiado simpático. Devia simplesmente pô-lo a andar. Já!

– Chiu, Kitty. É muito mais inteligente não despertar as atenções, certo?

– Como é que ele me pode fazer isto? – murmurou, chorosa. – E logo hoje, no meu grande dia. Aparece aqui como um espírito malévolo. Uma sombra do passado. Ele fez de propósito. Só para me magoar...

No salão gerara-se alguma movimentação. Aplaudia-se efusivamente a oradora e erguiam-se os copos a brindar à jovem pintora.

– Senhora Bräuer? Onde é que se enfiou? Onde está a artista?

Tilly agarrou no braço de Kitty e empurrou-a pela porta dentro. No momento em que Kitty viu tantos olhares pousados nela, assomou ao seu rosto um sorriso feliz e radioso.

– Aqui! – exclamou ela em tom alegre, esticando um dedo indicador no ar, como se estivesse na escola. – Aqui. Presente! Feliz e orgulhosa. Pronta a receber todas as infâmias... Oh, adoro-vos a todos.

Divertida, Tilly assistiu à sua marcha triunfal pelo salão até ao local onde a senhora Wiesler a apertou contra o seu peito maternal, verteu lágrimas de comoção e, depois, pediu um brinde em sua honra.

– À nossa jovem artista, rebento de uma família de Augsburgo e filha da minha querida amiga Alicia...

Quando Tilly voltou ao corredor, Gérard Duchamps já se fora. Ernst von Klippstein estava junto à porta de entrada de semblante aflito, parecia muito aliviado por Tilly ter regressado.

– Pobre tipo – disse ele. – Tive pena de o pôr na rua. Foi efetivamente prisioneiro de guerra e só há pouco tempo foi libertado.

– Mas que queria ele?

Von Klippstein encolheu os ombros. Devia ter visto os cartazes e o nome de Kitty.

– É muito evidente que ainda nutre sentimentos por ela. Imagine só, Tilly: ele perguntou se era verdade que o marido dela tombou na guerra.

– Oh – murmurou Tilly. – E que lhe respondeu?

Von Klippstein deixou a pergunta por responder. Ao invés, ofereceu-lhe o braço para ambos se dirigirem para o salão.

– Onde está o seu champanhe, Tilly? Temos de beber em honra da artista.

A pequenina Dodo tapou os ouvidos com as duas mãos e fez uma careta. No vestíbulo de entrada da Vila dos Tecidos martelava-se, arrumava-se e arrastavam-se coisas, gritava-se e praguejava-se.

– Rooosaaa! – queixou-se Henni, estendendo os dois braços para que lhe pegassem ao colo.

Rosa Knickbein satisfez o desejo da pequena. A menina era extremamente sensível aos ruídos, fora um erro atravessar o vestíbulo para ir para cima. Mas a chuva havia inundado de novo o caminho pelo jardim e teria sido preciso secar e engraxar três pares de sapatos de criança...

– Leo! Vem já aqui! Larga esse martelo. Não me ouviste?

Leo olhou de mau humor para a ama. Mas é claro, tinham de lhe estragar a diversão uma vez mais. Ergueu o martelo ao alto com dificuldade, teve de aplicar todas as suas forças e ficou admirado por os homens oscilarem aquela coisa tão habilmente como se fosse leve como uma pena.

– Leo! Nããão!

Rosa foi demasiado lenta porque, antes de o conseguir agarrar, teve primeiro de pousar Henni no chão. Leo aproveitou esse tempo para bater com o maravilhoso martelo contra uma das peças de ferro encostadas à parede. O efeito foi tremendo. O martelo caiu-lhe das mãos, o estrado da cama de ferro pintado de branco escorregou para a frente, seguiram-se duas outras peças e espalhou-se tudo com grande estrondo no chão. Duas das caixas de cartão empilhadas contendo roupa de cama e cobertores de lã oscilaram fortemente, mas depois pararam.

– Leo! Por amor de Deus! Leo! Onde estás?

Rosa quase teve um ataque cardíaco. Teria o rapaz ficado debaixo das armações de ferro da cama? Teria sido esmagado? Estaria morto? Desfigurado para toda a vida?

Leo estava sentado ao lado do caos que ele próprio gerara e chorava a plenos pulmões. Não parou de chorar enquanto Rosa o apalpava em busca de ferimentos, lhe perguntava desesperada onde lhe doía. Na cabeça? Na barriga? No pé?

– Buaaaaaahhh!

Dois dos ajudantes passaram por ali, viram aquele lindo serviço e disseram que o rapaz tinha mas é tido muita sorte. Com meia dúzia de movimentos encostaram novamente as cabeceiras e o estrado da cama contra a parede e aconselharam Rosa a ter mais atenção aos miúdos.

– Aqui trabalha-se – gritaram na sua direção quando ela se dirigiu para as escadas com as três crianças a chorar. – Aqui não é o recreio!

Na larga escada principal, viu Marie Melzer vir na sua direção, ia a caminho da fábrica. Do outro lado vinha Elisabeth von Hagemann a correr, e também a menina Schmalzler se aproximava, assustada com o estrondo e os gritos das crianças.

– Que fez ele agora? – perguntou Marie, pegando no braço do seu menino.

Leo encostou o rosto lavado em lágrimas contra a sua blusa branca acabada de lavar e da sua boca saíam sílabas que ninguém compreendia.

– Du... ah... ah... fi... auaaaah!

Lisa pegou em Henni ao colo, a menina soluçava, a sua queridinha, o seu torrãozinho de açúcar...

– Como é possível, Rosa! – ralhou ela, revoltada. – As crianças podiam ter morrido!

– Mas não aconteceu nada – queixou-se Rosa. – O Leo só está a chorar porque se assustou.

– Não – disse Marie –, ele tem uma lasca no dedo. Está a ver?

– Oh, Deus meu...

A menina Schmalzler disse que todas as crianças têm um anjo da guarda que as protege para que não lhes aconteçam coisas más. Ao que Rosa acrescentou baixinho que o anjo da guarda de Leo tinha muito que fazer dia e noite. Marie teve dificuldade em entregar à ama o rapaz choroso. Ele só se deixou convencer com a informação de que lá em cima a avó estava à sua espera com biscoitos de mel.

– Este sai ao nosso pai! – escapou a Lisa quando a ama se foi embora com os três pequenos.

Marie olhou para as manchas húmidas na blusa e observou que Leo tenha saído à sua mãe.

– Lembro-me muito pouco dela – disse ela a sorrir. – Mas diz-se que tinha uma vontade de ferro.

– Oh, entre os Von Maydorn também havia uma série de gente que não se deixava enganar – interveio a menina Schmalzler. – Penso muitas vezes naquele tempo em que ainda vivia na quinta, na Pomerânia, quando o abençoado barão Von Maydorn ainda era quem mandava nas coisas...

Os pensamentos de Lisa já só se ocupavam novamente do trabalho. Felizmente, as divisórias de madeira haviam sido removidas, depois de despedaçadas serviriam de material combustível para as salamandras. Se ao menos os camiões chegassem de uma vez por todas para levar as armações das camas e os colchões! A ideia era distribuir tudo por diversos hospitais e o resto oferecer a famílias carenciadas. A roupa de cama e os cobertores de lã seriam recolhidos pela Cruz Vermelha, bem como toda uma série de outros objetos, como baldes, penicos, taças, chávenas de bico e muletas de madeira. Todas estas coisas estavam para já empilhadas junto à entrada.

– Foi um trabalho abençoado – suspirou Eleonore Schmalzler, que também olhava para dentro do vestíbulo. – Mas agora o que mais desejava era ver só mais uma vez este bonito vestíbulo como era originalmente.

Lisa concordou. Eram só mais alguns dias. Até lá, contudo, o pessoal tinha ainda muito trabalho pela frente. Só os trabalhos de limpeza... O bonito pavimento ladrilhado estava em péssimo estado...

– Que quis dizer com «só mais uma vez», menina Schmalzler? – perguntou Marie.

A governanta mantinha ainda a sua postura ereta, mas nos últimos meses emagrecera assustadoramente e nas suas mãos haviam surgido veias grossas e azuladas. Eleonore Schmalzler estava perto de completar setenta anos.

A governanta olhou para Marie e Elisabeth com os seus sensatos olhos cinzentos. Aquele olhar continuava a ter a capacidade de penetrar fundo numa pessoa, ainda que Lisa estivesse também convicta de que nos últimos meses a íris se tornara mais turva.

– Tem um ouvido atento, senhora Melzer – disse ela, sorrindo pensativamente. – Ainda se lembra da nossa primeira conversa há tempos?

Passaram quase cinco anos desde que uma rapariga apavorada e magra pediu emprego como ajudante de cozinha na Vila dos Tecidos. Oh, eu soube imediatamente que tinha algo de especial. E tinha razão.

– Na altura eu tinha um tremendo respeito pela poderosa governanta – observou Marie com um sorriso.

– E agora? – perguntou Eleonore Schmalzler.

– Agora continuo a achar que é o maior pilar da Vila dos Tecidos. Nem sei o que faríamos sem si...

– Bom – disse Eleonore Schmalzler. – Tanto eu como a senhora sabemos que chegou o momento da despedida.

Marie calou-se e Elisabeth fez o mesmo. É claro que sabiam. Já por várias vezes haviam conversado com Alicia sobre a menina Schmalzler e haviam concordado oferecer-lhe um lugar para passar a reforma ali na Vila dos Tecidos. Além da casinha onde Auguste vivia com a família, havia ainda duas outras pequenas casas. Uma delas seria renovada, dois quartos pequenos, aquecimento com salamandra, cozinha, sótão, um pequeno jardim. Se fosse necessário, podia abastecer-se na cozinha da Vila dos Tecidos ou continuar aí a sentar-se à mesa...

– Não estamos a pensar numa despedida, menina Schmalzler – disse Elisabeth.

Ela ficou agradada por terem pensado nela. Enquanto Marie lhe explicava o que tinham planeado para ela, assomou uma luz de felicidade aos seus olhos. Estava tremendamente grata à família, sentia-se estreitamente ligada a todos eles, como se fossem familiares seus...

– Todavia, eu decidi partir de Augsburg, querida senhora Melzer...

Elisabeth fez uma expressão assustada.

– Vai deixar-nos? – exclamou ela. – Mas não nos pode fazer isso, menina Schmalzler. Esteve sempre aqui connosco, desde que tenho memória!

– Os anos foram passando, senhora Von Hagemann. E eu não fui ficando mais nova.

– Ora essa! Está com um aspeto deslumbrante. Só um pouco cansada de todo o trabalho aqui no hospital. Mas isso agora acabou.

– Sim, acabou – disse a governanta amavelmente. – No outono vou viajar para a Pomerânia e viver com o meu sobrinho. Na terra onde nasci, mesmo junto à quinta dos Von Maydorn. Consegui poupar algum dinheiro, que pretendo usar para ajudar a família do meu sobrinho. Sabe, tenho muita

vontade de voltar àquela paisagem. Seguramente ainda se lembra. Antigamente costumavam passar o verão na quinta com a sua mãe...

Lisa dirigiu a Marie um olhar desamparado. Queria ir para a Pomerânia. Mas não era o seu lar ali, a Vila dos Tecidos, onde vivera e trabalhara mais de trinta anos? Além do mais, o irmão da mamã, o tio Rudolf, falecera havia poucas semanas e a tia Elvira estava a pensar vender a quinta.

– É claro que me lembro – disse. – É muito bonito. Mas não deixe de refletir bem sobre o assunto, menina Schmalzler. Muito em breve a quinta vai deixar de pertencer aos Von Maydorn e a família do seu sobrinho...

Sentiu a mão de Marie no seu braço e calou-se. Mas que estava ela para ali a dizer? A menina Schmalzler estava decidida e ela conhecia a governanta suficientemente bem para saber que havia refletido bastante antes de tomar a decisão.

– Se me permitem, vou regressar ao trabalho – interveio a menina Schmalzler amavelmente, como se nada tivesse acontecido.

– Mas é claro, menina Schmalzler...

Marie suspirou profundamente. Agora teriam de conversar em família, já que havia vários empregados a querer sair da Vila dos Tecidos ao mesmo tempo. Humbert tinha planos de viajar para Berlim e queria levar Hanna consigo. Auguste e o marido tinham a intenção de comprar uma parcela do jardim e aí criar um horto. E agora também a governanta.

– Não pode ser assim tão difícil encontrar novos empregados – considerou Lisa.

– Difícil não é – disse Marie baixinho. – A questão é apenas se lhes podemos pagar. A situação da fábrica neste momento é tudo menos otimista. Temos de informar cuidadosamente a mamã de que no futuro teremos de passar com menos pessoal.

Elisabeth assentiu. Pobre mamã, ia ser um rude golpe, desistir do estatuto a que estava habituada. Em todo o caso, Lisa queria fazer o mais rapidamente possível a sua formação como professora para não estar dependente da família.

– Vemo-nos ao almoço... – disse Marie e desceu rapidamente as escadas.

Lisa ficou a observá-la, vendo como se movimentava entre caixas e armações de camas em direção à saída, como aí parou um instante para trocar algumas palavras com Tilly e depois abriu uma das bonitas portas de dois batentes esculpidas.

Estava uma senhora do lado de fora. Teria provavelmente tocado à campainha, mas, com todo o barulho que se fazia no vestíbulo, ninguém ouvira. Lisa reconheceu imediatamente o chapéu preto antiquado com penas de garça e o fato de veludo verde-escuro. Também o guarda-chuva verde com bordo de renda preto não lhe era desconhecido.

Riccarda von Hagemann parecia estar com pressa. Mal parou para cumprimentar Marie Melzer e logo, logo o chapéu com penas de garça avançava aos ziguezagues pelo vestíbulo, na direção de Elisabeth.

Lisa foi tomada por um mau pressentimento. Havia mais de um ano que não via os sogros, mais precisamente desde aquela funesta discussão com Klaus na sua antiga casa da Bismarckstrasse. Nunca mais entrara naquela casa desde então e também nunca mais pagara a renda. Queria agora Riccarda von Hagemann apresentar-lhe uma conta choruda? Foi invadida por perspectivas lúgubres. No final de tudo, ainda teria de pagar as dívidas dos sogros?

Riccarda von Hagemann parou a alguns passos de distância dela, apoiou o guarda-chuva fechado no chão e olhou para Elisabeth com um desprezo evidente.

– É mais do que tempo – disse Riccarda. – Já que decidiste quebrar a tua promessa matrimonial, debes combinar com o meu filho os pormenores.

Elisabeth olhou-a, pasmada. Aquela mulher tinha o seu quê de anunciadora de agouros, só aquela expressão acusadora! «Quebrar a tua promessa matrimonial...» Mas que moralista.

– Teria todo o gosto – retorquiu. – Há alguma forma de o contactar?

– Chegou ontem de manhã cedo a Augsburg e para já vive connosco.

– Mas que bom – disse Elisabeth com frieza. – Vou então informar o meu advogado. O senhor doutor Grünling irá marcar uma reunião com ele...

– Penso que seria melhor falares tu pessoalmente com o Klaus!

Parecia ser muito importante para ela, já que ia abanando a cabeça enquanto falava e as penas de garça baloiçavam para trás e para a frente. Ah, pensou Lisa. Ela agora deve estar à espera de que o seu lindo filho use de todo o seu charme e poder de persuasão para me dissuadir das minhas intenções.

– Não me parece necessário. Só volto a encontrar-me com o Klaus diante de um juiz de divórcio. E essa será a última vez que nos encontramos.

Os olhos de Riccarda estreitaram-se, os lábios apertaram-se um contra o outro. Seria fúria? Ou outra coisa? Teria Elisabeth acabado de deitar por terra a sua última esperança?

– Eu quero que tu te confrontes com ele, Elisabeth!

Houve algo naquela frase que lhe chamou a atenção. Como era obstinada aquela mulher. Teria sido Klaus a enviá-la ali? Elisabeth não conseguia imaginar tal coisa. Por mais razões de queixa que tivesse do marido, a verdade é que não era pessoa para mandar a mãe resolver um problema.

– Lamento mesmo muito, cara Riccarda – disse Elisabeth com falsa cortesia. – Mas não vou aceder ao teu desejo. E agora ficaria muito contente se pudesse não ser mais importunada com o assunto...

Riccarda expirou com força. Estava a tremer? As penas de garça abanavam no ar sobre o chapéu.

– Eu... rogo-te, Elisabeth – arquejou ela. – Peço-te encarecidamente. Também por ti. É muito possível que venhas a arrepender-te da tua crueldade...

Soava tremendamente patética e Lisa estava quase convencida de que tudo aquilo não passava de teatro. Mas ficou insegura. Nunca antes a sogra lhe pedira fosse o que fosse. E então... Que mal podia fazer voltar a ver Klaus? Não mudaria nada, mas talvez houvesse a possibilidade de chegarem a consenso pacificamente.

– Espera um momento. Vou buscar um casaco. E um guarda-chuva.

O guarda-chuva revelou-se supérfluo, já que Humbert reparara na sua intenção e perguntou se deveria levar as senhoras de carro. Lisa permitiu-lho. Sabia muito bem que ele só estava à espera de uma oportunidade para se escapar ao trabalho desagradável no vestíbulo e ela concedeu-lhe essa folga.

– Não vamos para a Bismarckstrasse. Vire à esquerda. Lá em baixo novamente à esquerda...

Ah, pensou Elisabeth. Quer dizer que saíram da casa cara e mudaram-se. Pois bem, sem o dinheiro da nora a situação ficou apertada para se pagar a renda e as dívidas acumuladas.

Riccarda indicou a Humbert que parasse perto de Milchberg e Elisabeth pediu-lhe que esperasse por ela no carro. Não estava a contar demorar-se.

A nova residência dos Von Hagemann ficava no segundo andar de um edifício estreito entalado entre outros edifícios de habitação. Não era

seguramente uma residência à altura da posição social de uma família nobre, mas corresponderia provavelmente às suas possibilidades financeiras. Um gato malhado cinzento saltou para a sua frente no corredor, bufou-lhes e esgueirou-se por eles em direção à rua. Nas escadas cheirava a sopa de couve e a madeira bolorenta. A porta da latrina no piso intermédio estava apenas encostada e rangeu nas dobradiças quando passaram. Diante da porta no segundo andar, Elisabeth teve de inspirar fundo, por um lado por terem subido muito depressa, mas por outro porque os odores daquela casa a repugnavam. Riccarda von Hagemann tirou então um molho de chaves do bolso do casaco e abriu a porta.

– Entra e espera no corredor até eu te chamar – indicou a sogra.

Elisabeth arrependeu-se da sua transigência. Como era possível ter-se deixado convencer a ir até ali? Agora estava parada num corredor bafiento a seguir as instruções da senhora sua sogra. Teria sido necessário? Ah, era uma galinha tonta que caía sempre na mesma armadilha...

Na sala ao lado, para onde Riccarda von Hagemann desaparecera, ouviam-se vozes. Elisabeth contraiu-se. Era Klaus, sem sombra de dúvida. Como estava tranquilo, falava muito lentamente e o tom de voz era sereno. Ela admirou-se. Em todo o caso, tinha pela frente uma conversa com a sua mulher determinada a obter o divórcio. Mas teria esperado encontrar um pouco mais de resistência. Contudo, ao que parecia, ela tornara-se-lhe entretanto totalmente indiferente. Teria seguramente já outros planos, se calhar teria na Bélgica uma certa jovem belga à sua espera para o prometido noivado...

A porta abriu-se e Riccarda von Hagemann fez-lhe sinal para entrar. Elisabeth olhou para lá dela, para a pequena sala de estar, encontrou aí os seus cortinados e uma bonita cómoda que também lhe pertencia. E depois viu o marido. Estava de pé junto à janela e virara-lhe as costas.

– Klaus – disse a mãe. – Olha, encontrei o abre-cartas...

Só mais tarde Elisabeth compreendeu o porquê daquelas palavras. Nos segundos que se seguiram, paralisou de terror e não conseguia pensar em nada. Klaus voltara-se para ela.

O seu rosto era uma máscara roxa atravessada por linhas escuras. A boca não tinha lábios, o nariz era um coto, os olhos afundavam-se em escuras

cavidades. Uma parte do crânio também ficara queimada, o cabelo desaparecera, o couro cabeludo era uma ferida rosada.

Ele precisou de algum tempo para compreender que a mãe usara um truque para ele se mostrar à sua visitante. Será que ele a reconhecia? Será que a conseguia ver sequer? Ou estaria cego?

– Mas que é isto, mãe? Porque fazes isto? – soltou-se da sua boca. – Eu disse-te que não queria ver ninguém...

Elisabeth teve de se encostar à soleira da porta, tremia como varas verdes. Seria um sonho mau? Um terrível pesadelo?

Ele virara-se de novo e ela pôde ver que ele cobria com as mãos o rosto destruído.

– Agora já podes ficar satisfeita, Elisabeth – disse ele com uma ironia amarga. – Não é verdade que a providência me castigou exemplarmente? O sedutor desfigurado. O homem da máscara de ferro. Não é romântico? Deve haver por aí senhoras que se apaixonam por carantonhas feiosas como a minha...

Os seus ombros tremiam. Estaria a rir-se? Ou estaria a ser abalado por soluços histéricos?

– Para com isso... – disse ela. – Para com esse cinismo. Eu... eu lamento mesmo muito.

– Poupa-me à tua pena, não preciso dela. Vemo-nos diante do juiz, minha querida. E depois nunca mais. Jamais. Precisamente como tu queres...

Elisabeth não sabia o que responder. No seu íntimo reinava uma terrível confusão composta por terror, pena, repugnância, sentimento de culpa e milhares de outros sentimentos. Cambaleou alguns passos para trás e ficou parada no corredor, desorientada, com dificuldade em respirar.

– Eu queria que soubesses – disse Riccarda von Hagemann, fechando a porta da sala. – E agora vai-te embora!

Naquela manhã cedo, Alicia Melzer dissera que o vestíbulo de entrada nunca antes estivera tão bonito e nunca resplandecera tanto de luz como depois da renovação. As últimas caixas haviam sido levadas, as divisórias de madeira haviam sido desfeitas e também as zonas de serviço que haviam sido usadas como salas de tratamento e quartos de internamento do hospital voltaram às suas funções originais. Dois dias antes, os pintores haviam libertado as paredes, duramente desgastadas, das estantes e dos ganchos que aí haviam sido aparafusados e aplicaram-lhes uma nova camada de tinta. Alicia aconselhara-se com Kitty e Marie sobre a cor e, depois de algumas discussões, haviam-se decidido por um suave verde-claro. Criava a ilusão de uma frescura primaveril, combinava na perfeição com os quadros emoldurados a ouro, com os armários esculpidos de madeira de carvalho e as duas cómodas encimadas por um espelho oval. Todas as mulheres da família Melzer estavam habituadas a lançar um último olhar averiguador naquele espelho antes de saírem da Vila.

Naquela tarde, Gustav e Humbert pendurariam os quadros e colocariam os móveis nos seus devidos lugares. Mas antes era preciso limpar exaustivamente o chão e tratá-lo com um óleo especial, para que os embutidos voltassem a destacar-se com a frescura de antes.

– Vocês esfregam aqui à frente e eu começo daquele lado – comandou Auguste. – E tenham lá cuidado para não riscarem ainda mais o mármore.

Hanna pousou os baldes de limpeza cheios no chão a seu lado e foi logo repreendida. Não pouses com essa força toda. Fazes riscos e estrias. E não esfregues com o pano do chão. Põe-te de joelhos e passa o pano suavemente...

– Se calhar também devíamos beijar este chão tão precioso? – rosnou Else, que, a título preventivo, trouxera um chumaço para proteger os joelhos

sensíveis.

– Chiu, Else – sussurrou Hanna. – Vem aí a menina Schmalzler.

Else, que era sempre corajosa quando não havia perigo por perto, encolheu os ombros e foi-se embora com o seu balde de limpeza em direção às portas do terraço. Perdera entretanto todo o respeito pela menina Schmalzler, assim como assim ia reformar-se.

– Humbert? – chamou a governanta. – Encha três garrafinhas com este produto e distribua-as pelas mulheres. Devem aplicar em caso de sujidade resistente, friccionar suavemente e depois enxaguar com água limpa...

Tocaram à porta. Humbert pegou no produto e saiu a correr para abrir a porta ao carteiro. Trouxe o maço de cartas para a cozinha, onde se fazia uma seleção prévia, colocando em seguida o frasco com o produto maravilha diante do nariz de Hanna.

– Ali! Procura três garrafas vazias na despensa e enche-as. E... olha, tens uma carta para ti... Eh, lá... de Petrogrado!

Hanna secou as mãos ao avental e enfiou a carta na blusa. Pegou então no frasco que continha um líquido branco algo espesso e saiu com ele em direção à despensa. Aí chegada, fechou a porta atrás de si e ligou a luz elétrica – uma lâmpada fixada ao teto que iluminava, mas pouco, as prateleiras repletas.

De Petrogrado... Mas desta vez a morada fora escrita à máquina. Hanna Beber. Porque escrevia ele Beber e não Weber? Tinha os dedos inchados da água de lavagem e foi preciso algum tempo até conseguir abrir o envelope. Teve então de parar, sentindo o coração a bater com tanta força que ficou tonta. Oh, ele estaria zangado por ela não ter ido. Na verdade, ela tentara enviar-lhe uma carta, mas no correio diziam-lhe que a morada não estava completa. E, pelos mil rublos, no banco queriam dar-lhe apenas três marcos e cinquenta *pfennig*. Preferira então guardar a nota. Como recordação.

Tirou a carta tão desajeitadamente do envelope que ficou com um canto rasgado. Quando a desdobrou, as letras pareciam desfocar-se diante dos seus olhos. Letras escritas à máquina. Com grossuras diferentes. O «e» mal se via, mas em contrapartida o «o» esburacara o papel. Em cima, à esquerda, estava a sua morada. Do outro lado, a data: 8 de maio de 1919.

Menina Hanna Beber
Augsburgo

*Casa Melzer, «Vila dos Tecidos»
Junto ao Proviantbach
Germânia*

Ex.^{ma} Senhora Hanna Beber,

*Com esta carta venho comunicar-lhe que, desta data em diante, não
mantereis mais nenhum contacto consigo.*

*Por desejo dos meus pais, irei casar-me com uma jovem russa e servirei
com todas as minhas forças a República Socialista Federativa Soviética da
Rússia.*

Com os melhores cumprimentos,

GRIGORI SHUKOV, oficial do exército russo

Sob a última linha lia-se o nome de Grigori escrito a tinta em caracteres cirílicos. Ela olhou fixamente para aquelas poucas linhas e leu-as uma e outra vez. Nenhum contacto... uma jovem russa... com todas as suas forças a República Soviética... Depois de superar o primeiro momento de dor, Hanna percebeu que estava tudo bem. Ela não tivera de qualquer modo a intenção de viajar para Petrogrado. Uma jovem russa... Se calhar teria preferido não saber disso. Porque lhe escreveu ele aquilo?

Ergueu o papel e segurou-o contra a luz. Em todos os pontos onde a máquina escrevera um «o», a luz emanada pela lâmpada atravessava o buraco. Se Grigori tinha uma máquina de escrever com letras alemãs, por que razão a sua primeira carta fora escrita à mão? E como conseguia ele de repente expressar-se tão bem em alemão? Não havia um só erro na carta toda. Tirando o ridículo «Beber».

Subitamente, percebeu claramente que não era de todo possível que Grigori tivesse escrito aquela carta. Fora redigida por outra pessoa, que o levara a assinar sob aquelas linhas. Tê-lo-ia feito de livre vontade ou teria sido obrigado? Veio-lhe à mente todo o tipo de incríveis fantasias. Grigori na prisão, mãos e pés com correntes de ferro. Grigori desmaiado e a sangrar no chão. Se te casares com essa meretriz alemã, acabamos contigo. Os alemães queimaram as nossas aldeias, espancaram os camponeses, violaram as mulhe...

– Hanna? – ouviu-se a voz estridente de Auguste vinda do vestíbulo. – Onde é que te enfiaste, sua preguiçosa? Achas que queremos fazer sozinhos

o trabalho todo?

– Vou já – gritou ela. – Tenho de encher o produto...

– Que disse ela? – guinchou Else, que nos últimos tempos já não ouvia muito bem.

– Está sentada na despensa a rezar os salmos!

Hanna voltou a enfiar a carta no envelope e dobrou-o várias vezes, até que ficou muito pequenino. Escondeu-o então no bolso do avental para o atirar ao fogo na próxima oportunidade. Quando por fim distribuíra o líquido esbranquiçado e malcheiroso por três garrafas, teve direito a olhares zangados.

– Demoraste-te à vontade, não é?

Ela calou-se e pôs-se a trabalhar. Sabia bem esfregar as placas de mármore encardidas, aplicar todas as suas forças naquela tarefa e, com o esforço, não ter de pensar em mais nada. Quando as estrias pretas simplesmente não queriam desaparecer, vertia um pouco daquela papa branca e esfregava com força até ficarem limpas. Era bonito o padrão embutido no chão. Quase parecia os tapetes lá em cima nos aposentos dos patrões. Uma sequência infinita de losangos e estrelas, círculos, roscas, quadrados – uma pessoa podia perder-se ali.

Cerca das onze horas, o chão estava esfregado e limpo e brilhava com a sua camada de óleo de linhaça, que depois teria de ser de novo cuidadosamente esfregado com um trapo velho. Na cozinha, a senhora Brunnenmayer preparara café e sanduíches, para que todos recuperassem as forças para os trabalhos que ainda tinham pela frente.

– Vou dar em doida! – exclamou Auguste, batendo com as mãos. –

Chegou a Maria Jordan. A senhora diretora do Orfanato das Sete Mártires digna-nos com a sua visita...

Hanna teria preferido ficar sozinha com Humbert, uma vez que ele era o único a quem contara os seus desgostos. Mas Humbert estava hoje com bichos-carpinteiros porque iria atuar nessa noite no cabaré. Um espetáculo mesmo a sério, dissera ele. Vinte minutos só para ele.

– Como poderia eu esquecer-me dos meus velhos amigos? – disse Maria Jordan, que já tinha à sua frente uma chávena de café com leite. – Trabalhei aqui na Vila dos Tecidos uns bons quinze anos...

Sentaram-se com ela e a cafeteira deu a volta por todos. Maria Jordan elogiou o trabalho dos empregados: o chão do vestíbulo estava ainda mais

bonito e brilhante do que antes. E depois quis saber se era verdade que a menina Schmalzler se iria reformar.

– Sim, é mesmo verdade – exclamou Auguste com petulância antes de a própria governanta conseguir responder. – Se te despachares, ainda te podes candidatar ao posto de governanta, Jordan.

Else soltou um risinho e a senhora Brunnenmayer lançou a Auguste um olhar reprovador. Era o tipo de coisa que não se devia dizer nem a brincar!

– Obrigada – retorquiu Maria Jordan, mordaz. – Estou muito satisfeita com a minha posição neste momento e não estou a pensar mudar isso. É uma tarefa muito compensadora...

– Os pobres bichinhos – murmurou Else baixinho. – Não se podem defender.

– A guerra deixou um grande número de crianças sem pais – prosseguiu Maria Jordan sem se deixar perturbar. – É por isso uma verdadeira bênção que a Igreja mantenha este tipo de instituições. Se soubessem as tristes vidas que aquelas lastimáveis criaturas sofreram...

Escutaram-na algum tempo e ficaram espantados por ela saber tanto sobre os seus protegidos. Um rapaz havia perdido o pai na guerra e a mãe morrera de desgosto; uma rapariga fora entregue no orfanato pela tia porque ela tinha um novo amante e este estava de olho na pequena sobrinha...

– É tão importante dar uma educação moral sólida a estas crianças.

– E a menina é seguramente a pessoa certa – disse a cozinheira secamente.

Maria Jordan calou-se por momentos e perscrutou a cozinheira. Dado que esta nada mais disse, Maria Jordan explicou que estava a dedicar-se àquela missão com todas as suas forças.

– Nesse caso tem mas é cuidado para não seguires o mesmo caminho da tua antecessora – interveio Auguste com um sorriso retorcido. – Consta que a Pappert continua na cadeia.

Maria Jordan ignorou o reparo e, ao invés, agarrou num saboroso pão com enchido de fígado que a senhora Brunnenmayer guarnecera com pepinos de conserva cortados em fatias finas.

– Mas se anda assim tão ocupada, menina Jordan – disse a governanta, de testa franzida –, como é que tem tempo para vir aqui lanchar connosco? Quem está a tomar conta dos seus protegidos?

Maria Jordan mastigava devotamente o enchido de fígado da Pomerânia e explicou que andava na rua a tratar de alguns assuntos administrativos e

decidira passar só um quarto de horinha ali pela Vila dos Tecidos. As crianças estavam entretanto com um ajudante em regime de voluntariado.

– Olhem só para ela – exclamou Auguste em tom malicioso. – Um ajudante em regime de voluntariado.

– De certeza que é jovem e bem-parecido – disse Else, maldosa.

– Ou um velho corcunda – gracejou Humbert, correndo a saltar pela cozinha de joelhos fletidos e costas tortas. Todos se riram, pois fazia lembrar um macaco.

– De modo nenhum – retorquiu Maria Jordan com uma fria calma. – É o Sebastian Winkler, o antigo diretor. Libertaram-no da prisão na semana passada, muito tranquila e discretamente, sem grande alarido. E como o pobre homem não sabia para onde ir, eu acolhi-o no orfanato.

Hanna não compreendeu imediatamente as implicações, também Else precisou de algum tempo, mas os outros foram mais rápidos. Auguste, que tinha a língua mais comprida, disse-o logo em voz alta.

– Mas que bonito, senhora diretora. Deixas o pobre homem a trabalhar em troca de nada para poderes passear e beber café.

– Afinal de contas, ele dorme no orfanato e também recebe de comer – defendeu-se Maria Jordan. – Para alguém que saiu da prisão e só possui aquilo que traz no corpo, foi uma verdadeira sorte.

Acrescentou ainda que havia acolhido aquela pessoa por puro amor ao próximo, colocando até em risco a sua posição, já que, afinal de contas, ele era um criminoso político.

– É mesmo boa pessoa, menina Jordan – disse a governanta, sorrindo tão amavelmente que não ocorreria a ninguém que ela poderia estar a ser irónica.

Os pães no prato grande desapareceram bastante depressa. Auguste comunicou que tinham efetivamente comprado um pedaço de terreno, um prado que ficava entre dois regatos, que até então pertencera à fábrica Aumühle. Naquele momento estava por lá tudo parado, precisamente como em tantas outras fábricas. O facto de na fábrica de tecidos ainda haver produção era uma espécie de milagre – mas a jovem senhora Melzer tinha sempre ideias novas. Agora faziam tecidos de papel que podiam ser usados para as pessoas revestirem as paredes.

Auguste não disse que inicialmente quisera comprar um pedaço de terreno aos Melzer, mas que lhe fora recusado. Alicia Melzer teria preferido

cortar o dedo mindinho a vender uma parte do seu jardim.

– O Gustav está com grandes planos – disse Else. – Vamos ver se consegue, tendo aquele pé de madeira.

– É melhor um pé de madeira do que uma cabeça de madeira – retorquiu Auguste, zangada. – E daqui a alguns anos os rapazes e a menina também já podem ajudar.

– Ah, pois, a Liesel. Aí a madrinha de batismo também podia dar o seu contributo, a senhora Von Hagemann. Na altura ela ficou muito comovida por tu teres dado o nome dela à menina – observou Maria Jordan mordazmente, pegando na cafeteira para se servir ainda de meia chávena. Infelizmente, teve de constatar que já não havia café, já que caíram na chávena apenas borras espessas.

Auguste ficou toda vermelha. Era entretanto um segredo conhecido de todos que Gustav não era o pai da sua Liesel, mas sim outro. Também por esse motivo tinha a esperança de poder ter em breve o seu horto, para deixar de estar dependente dos Melzer.

– A senhora Von Hagemann tem neste momento outras preocupações – defendeu-se ela.

– Ele voltou, não é mesmo? – disse Maria Jordan em tom inocente.

– Quem?

– O bonito major. De quem a Elisabeth se quer divorciar.

– Ah, esse...

Auguste alegou não saber nada do assunto. Corria por aí todo o tipo de rumores, mas não sabia nada ao certo.

Todos os olhos se voltaram para Humbert, pois era ele quem mais sabia sobre esta matéria. Como era evidente, não escapara aos outros que recentemente ele levara Riccarda von Hagemann e a nora à cidade. Quando, mais tarde, haviam questionado Humbert, ele dissera apenas que se limitara a esperar à porta de casa e que não dera conta de nada.

– E então? Ela não contou nada? Aos pais também não? – sondou Maria Jordan.

Humbert franziu o sobrolho e conferiu ao rosto a expressão indiferente e altiva de um mordomo inglês.

– Não tenho por hábito escutar os patrões às escondidas, menina Jordan – disse ele em tom nasalado.

– Credo – disse Maria Jordan, irritada. – És mesmo o criado perfeito! Discrição acima de tudo... Acontece que eu tenho os meus próprios informadores.

Recostou-se na cadeira e brindou os outros com um sorriso superior. Sim, senhores, ela sabia algo que os outros não sabiam e quase rebentou tanta era a vontade de abrir a boca. Ora, como é evidente, seria preciso pedir-lhe como deve ser.

A menina Schmalzler levantou-se e anunciou que a hora do lanche terminara, todos deviam voltar ao trabalho. Também a senhora Brunnenmayer se pôs de pé, agarrou na cafeteira e fez sinal a Hanna para trazer as chávenas e os pratos para a pia. Mas Auguste e Else ficaram sentadas, consumidas pela curiosidade. Também Humbert não saiu do sítio, não gostava nada da ideia de Maria Jordan se pôr a tagarelar sobre coisas que nem todos ali na cozinha precisavam de saber.

– Olhem só para ela. Mas que tipo de informadores? Espiões, é? – troçou Auguste.

– Nada disso. Contou-me a Hedwig. Os Von Hagemann chamaram-na porque era enfermeira aqui no hospital.

– A Hedwig, essa é uma grande bisbilhoteira.

– Queres saber ou não?

– Desembucha lá!

Maria Jordan calou-se um momento para garantir que todos a escutavam. E depois prosseguiu, ignorando os olhares de aviso de Humbert.

– Ele está deformado – sussurrou. – Está com um aspeto horrível. Como uma caveira. Foi atingido na cara. O cabelo ardeu, não tem nariz, os olhos...

– Para! – exclamou Auguste, tapando as orelhas. – Isso é tudo mentira, Jordan. Estás a inventar isso, és mesmo malvada!

– Só acreditas se quiseres!

Maria Jordan cruzou os braços e apreciou o efeito da sua notícia. Quase todos olhavam para ela assustados, apenas Humbert a olhava furioso. Quer dizer que ele já sabia há muito. E Auguste – quem o teria imaginado – começou a soluçar. Olhem só, gostava mais do belo Klaus do que se pensava.

– Acho que agora deve ir tratar das suas funções de diretora do orfanato, menina Jordan – disse Eleonore Schmalzler, irritada, acrescentando com dureza na voz: – De resto, não quero voltar a vê-la por aqui.

Foi com grande satisfação que Humbert viu o rosto de Maria Jordan descair e o queixo tornar-se-lhe um pouco mais pontiagudo. Sem dizer palavra, levantou-se, agarrou no chapéu e fixou-o ao cabelo.

– Desejo-lhe uma feliz reforma, menina Schmalzler. Felizmente já não falta muito, não é verdade?

E voltou-se para se ir embora. Ouviram-na bater a porta da rua atrás de si.

Auguste continuava desfeita em lágrimas, o seu olhar procurava agora Humbert, que teria gostado de se escapar, não encontrando no entanto coragem para tal.

– É mesmo verdade? – sussurrou ela, olhando-o com uma súplica.

Ele assentiu com a cabeça, mas não disse nada.

– Oh, céus! – gemeu Auguste, desfazendo-se em soluços. – Só espero que ele não faça algum disparate! Não seria o primeiro a...

Limpou o rosto com a manga e saiu a correr.

Humbert passou a mão pelo cabelo e abanou a cabeça, como que a libertar-se de um pensamento mau.

– Aquela mexeriqueira tinha de aparecer aqui logo hoje – resmungou ele.

– Estragou-me a boa disposição. Acontece que hoje à noite tenho de ser bom. Tu vens, não é, Hanna? E tu também, Fanny? Mandeï reservar dois bilhetes especialmente para vocês!

– É claro que vamos, Humbert. E entramos lá a desejar-te sorte.

Hanna aproveitou a ocasião. Correu para o fogão da cozinha, abriu a tampa e atirou a carta lá para dentro.

– Temos de entrar com o pé direito, Hanna. *Toi, toi, toi...*

Naquela manhã, Marie sentia-se esgotada. Não era de admirar, pensou, enquanto observava no espelho da casa de banho as manchas escuras sob os olhos. Passara metade da noite a discutir com dois homens e depois não conseguira dormir até de madrugada. Penteou o cabelo e aplicou pó de arroz no rosto – mas não ficou com um aspeto muito mais tonificado. De onde vinham aquelas rugas na testa? Também as tinha junto aos olhos. Será que, aos vinte e quatro anos, já poderia ser velha?

Era aquela longa espera, pensou. Aquela apreensão debilitante. Um ferimento no ombro. Febre traumática. Estaria sequer ainda vivo? Ou estaria há muito...? Não, não queria acreditar nisso.

Apanhou o cabelo na nuca e analisou-se novamente no espelho. Ainda era bonita. Se Paul voltasse, não repararia em nenhuma mudança e seria tão apaixonado e terno como sempre fora. Se voltasse...

Fizera das tripas coração, pusera de lado as suas reservas contra a proposta de Von Klippstein e contara tudo ao sogro. Johann Melzer ficara imediatamente entusiasmadíssimo. Ao que parecia, há muito que nutria secretamente a esperança de uma ajuda financeira da parte de Von Klippstein. Apenas o desejo de passar a ser sócio lhe agradou menos. Longa foi a discussão na noite anterior na sala de fumo da Vila dos Tecidos. Johann Melzer falava de uma promissória, Von Klippstein queria ter uma palavra a dizer na gestão da fábrica, Marie tentou mediar. Chegou até mesmo a referir-se a possibilidade de a fábrica passar a ser gerida como uma sociedade anónima, à semelhança do que haviam há muito feito outras fábricas de Augsburg. Todavia, por fim, os dois homens perceberam que, na situação catastrófica atual, uma tal transação era muito pouco recomendável. Os jornais estavam cheios de notícias sobre a «paz vergonhosa» a que a Alemanha fora forçada em Versalhes. Para quê tanto

sofrimento e tanta morte? Para quê todas as vítimas? Todo o heroísmo no combate pela pátria? Fora tudo em vão. Os responsáveis por toda aquela calamidade haviam fugido cobardemente e haviam abandonado as pessoas à sua sorte. O sogro e Von Klippstein quase haviam encetado uma discussão absolutamente supérflua, já que o prussiano, apesar de tudo, mantinha a lealdade ao imperador e ao alto-comando do exército, ao passo que o industrial Melzer declarava furioso que eram todos imbecis e criminosos. Que haviam ludibriado e convencido as pessoas a assumir os empréstimos de guerra, tirando-lhes a última camisa que traziam no corpo e até os anéis de casamento. Que haviam mentido às pessoas dizendo que, um dia, tudo lhes seria devolvido e mais. Quando os inimigos fossem derrotados e tivessem de pagar reparações. E quem estava agora a pagar as ditas reparações? Os alemães. E isso significava apenas que a economia alemã nunca mais se iria erguer ao longo dos próximos anos...

Marie acabara por se zangar. Estavam ali para se lamuriarem de que a economia alemã não tinha futuro? Se toda a gente no país pensasse assim, podiam desde já todos enfiar-se numa concha. Não, precisamente naquele momento eram precisas ideias, coragem, espírito empreendedor e... capital fresco. Os dois homens concordaram, dizendo que era precisamente essa a sua ideia, que ela o havia formulado muito certeiraamente. Von Klippstein ergueu o copo e declarou que ela era uma mulher extraordinária, que o amigo Paul tinha de se dar por muito feliz. Johann Melzer declarou, com um sorriso irónico, que tinha uma nora de cabeça dura, mas que até então as suas ideias haviam trazido benefícios à fábrica. Marie deixou-os falar e ficou contente quando finalmente alcançaram um consenso sensato. O nome da «fábrica de tecidos Melzer» não se alteraria, Von Klippstein entraria como sócio, receberia uma remuneração e teria uma participação nos lucros. O acordo foi selado com um aperto de mão, devendo ser celebrado por escrito e assinado nos dias seguintes. Então, por fim, seria possível adquirir as matérias-primas tão urgentemente necessárias e iniciar-se-ia a produção. Como era evidente, Marie já havia criado novos padrões modernos para os tecidos, mandar-se-ia gravar os rolos de estampagem e venceriam a concorrência com ideias contemporâneas.

Se ao menos fosse tudo assim tão simples! Depois de Von Klippstein se despedir – como habitualmente, com um respeitoso beijo na mão – e de Johann Melzer subir para o quarto, Marie ficou a cismar num sem-fim de

preocupações. E se não conseguissem vender os tecidos? Se os custos de produção fossem superiores aos lucros? Se os operários continuassem a fazer greve e exigissem salários cada vez mais altos?

Acabara de decidir energicamente não se permitir a mais nenhum mau augúrio quando Kitty surgiu no corredor. Marie sabia, na verdade, que a cunhada havia ido a um espetáculo de cabaré com Lisa e Tilly, mas Lisa já regressara havia muito.

– Marie? – sussurrou Kitty, correndo na sua direção. – Oh, não. Já estás acordada. Não me digas que estiveste até agora a discutir com o Klippi e o papá! Pobre Marie! Estás mesmo pálida e com um ar cansado...

Kitty levava os sapatos na mão e caminhava de meias – era evidente que tivera a esperança de se esgueirar para dentro do quarto sem que ninguém desse conta.

– Sim, estivemos a negociar até agora... E tu? De onde vens tão tarde?

– Eu? – perguntou Kitty, enfiando o cabelo curto atrás da orelha. – Sabes bem que estive no cabaré com a Lisa e a Tilly. Oh, Marie! Quem me dera que tivesses vindo connosco. Foi mesmo sensacional! O nosso Humbert! Que artista. Nem vais acreditar, no princípio nem o reconheci... Imitou o imperador e o nosso novo presidente da câmara... e até a Asta Nielsen, esse foi mesmo o ponto alto.

Marie estava na verdade demasiado cansada para fazer perguntas curiosas. Além do mais, Kitty era uma mulher adulta e sabia tomar conta de si mesma. Ou pelo menos assim esperava. E no que dizia respeito a Humbert – bom, tudo indicava que o iriam perder. Era triste, já que aquele jovem tão singular conquistara o coração de todos. Mas tinha de seguir o seu destino...

– Depois foste ainda a casa da Tilly? A tua sogra anda melhor?

Kitty olhou-a sem compreender com os seus olhos grandes e sinceros. Não, não estivera na casa de Tilly. Lisa levava-a a casa logo a seguir ao espetáculo. Porque a mãe continuava a padecer da sua grave bronquite e sofria do coração.

Marie não disse nada. Sentia os olhos a fecharem-se de cansaço, mas tinha por certo que Kitty lhe queria contar alguma coisa. Havia algo de que Kitty precisava urgentemente de se libertar, caso contrário nunca mais a deixaria em sossego. A noite toda.

– Pois é, imagina só... fui ainda sair depois do cabaré.

– Ah, sim? E aonde se pode ainda ir àquela hora?

Kitty fez um sorriso angelical e explicou que há no centro da cidade alguns pequenos bares muito agradáveis onde até à meia-noite ainda se pode tomar um café ou beber alguma coisa.

– Bebemos espumante. E até champanhe...

– Bebemos?

– Sim, mas claro – disse Kitty com uma indignação magnânima. – Não estás por acaso a achar que fui sozinha a um bar?

Marie começou a sentir-se um pouco tonta, o que se deveria ao sono que lhe estava a ser negado. Ou à preocupação crescente de que Kitty pudesse ter-se entregado a uma leviana vida boémia e que andasse a frequentar lúgubres bares com homens desconhecidos.

– Não faças essa cara, Marie – sussurrou Kitty ternamente, afagando-lhe a face. – Minha querida Marie. Minha amiga do coração. A minha única confidente...

Oh, céus, pensou Marie. Agora vem de certeza uma terrível confissão. Quem me dera já estar na minha cama...

– Eu saí com o... Gérard – cochichou Kitty.

– Com... com quem?

Marie não estava a compreender. Estaria Kitty mesmo a falar de Gérard Duchamps? Não podia ser...

– Não penses que fiz de propósito, Marie... Foi um mero acaso. Ele estava sentado no cabaré a dois lugares do meu, não é engraçado? E também estava com muito melhor aspeto do que daquela vez na minha exposição. Nessa altura estava desganhado e esfarrapado como um duende da floresta, metia medo...

No fim do espetáculo, Gérard Duchamps abordara-a e convidara-a para um breve reencontro num bar. Provavelmente nunca mais a perdera de vista desde a exposição em casa da senhora Wiesler. Que persistência inacreditável. Qual era na verdade a sua ideia? Ele era francês, estaria porventura convencido de que seria recebido de braços abertos? Ou teria simplesmente a esperança de viver uma aventura com a encantadora Kitty?

– Ele mudou completamente, Marie. Oh, estive às portas da morte no hospital e, mais tarde, viu tanta miséria na guerra. Ele contou-me que não eram coisas que pudessem ser contadas, era preciso estar lá e vivê-las. E imagina só: o pobre zangou-se completamente com a família. Deserdaram-

no. Não tem absolutamente nada, mas não quis aceitar o meu dinheiro, de maneira nenhuma. Até foi ele a pagar o espumante... E não... é evidente que não aconteceu nada entre nós. Como poderia ter acontecido tal coisa? Havia apenas umas mesas pequeninas e uns incómodos sofás de pelo de um vermelho horroroso...

A tontura de Marie intensificou-se. Por hoje, já bastava...

– E agora o que vai acontecer? Com vocês os dois, quero eu dizer.

Kitty sorriu com um ar sonhador e encolheu os ombros. Oh, isso o futuro trataria de dizer.

– Ele disse que o Alfons Bräuer era um homem extraordinário. Antes da guerra, o Gérard lidou várias vezes com o Banco Bräuer, por isso conhecia-o.

Marie abraçou-a impulsivamente.

– És uma mulher adulta, Kitty. Agarra a tua vida nas tuas mãos. Segue o teu coração se achares que é isso que deves fazer. Mas também não te esqueças de que tens uma família e uma filha pequena. E que todos gostamos muito de ti.

– Oh, Marie, a minha incomparável Marie...

Aos soluços, Kitty apertou a cunhada com força, sussurrou-lhe ao ouvido que já sabia que Marie a compreenderia e foi finalmente, consolada, para o seu quarto.

Quando, de manhã, Marie entrou na sala de jantar, encontrou lá sentadas Alicia e Elisabeth a tomar o pequeno-almoço. A julgar pela expressão dos seus rostos, a conversa era pouco alegre. O que as levou ainda mais a cumprimentar Marie com um sorriso amável.

– Bom dia, querida Marie – disse Alicia. – Estás tão pálida. Os homens esgotaram todas as tuas forças ontem à noite?

– Bem pelo contrário, mamã – gracejou ela. – Quando acabei de tratar deles, caíram mortos de cansaço nas respetivas camas.

Elisabeth abriu o topo de um ovo quente e polvilhou-o com sal. Alicia sorriu com a piada de Marie, mas referiu que não terá sido assim tão mau, uma vez que Johann havia muito tomara o pequeno-almoço e já fora para a fábrica. Nem sequer se demorara a ler o *Augsburger Neuesten Nachrichten*.

– É compreensível – observou Elisabeth, enquanto Marie se sentava no seu lugar e desdobrava o guardanapo de tecido branco. – O que lá se lê neste

momento não é propriamente edificante. Os abutres a atirarem-se à nossa pobre Alemanha.

– Caso estejas à espera de desviar o assunto com essa observação, estás muito enganada – disse Alicia. – Insisto na minha opinião, Elisabeth. Há certas regras que uma senhora de boas famílias deve cumprir. Mesmo nos tempos que correm. E isso inclui não se desviar do bom caminho indo a um estabelecimento como um cabaré. E caso, ainda assim, o faça, apenas se acompanhada de um senhor.

Ah, bom, era essa a conversa. Marie estendeu a mão para agarrar num dos pãozinhos que tinham voltado a estar disponíveis, muito embora ao quádruplo do preço. Simplesmente quase tudo se tornara mais caro com uma rapidez angustiante. Ernst tinha toda a razão: não se devia de modo nenhum deixar o dinheiro parado no banco...

– Éramos três – lançou Elisabeth.

– Isso não altera grande coisa, Lisa!

Marie captou um olhar irritado vindo da direção de Elisabeth e fazia menção de intervir de modo apaziguador quando Lisa explodiu.

– Se queres mesmo saber, mamã, eu estive lá na companhia de um senhor. Ficas agora satisfeita?

Ui, ui! Marie cortou o pãozinho e barrou as duas metades com compota. Bebeu um gole de café e esperou calada pela pergunta que se seguiria inevitavelmente.

– Podemos saber quem te acompanhou? Afinal de contas, oficialmente ainda és casada com o Klaus von Hagemann, não deves esquecer-te disso.

Lisa atirou a colherinha de madrepérola para dentro da casca de ovo vazia, pelo que ficou de pé dentro do copo.

– Com certeza que não me esqueço disso, mamã. Penso nisso noite e dia, caso te interesse saber. Mas ontem quem me acompanhou foi o senhor Winkler.

Alicia inspirou fundo e percebeu-se no seu rosto que teria toda uma série de coisas a dizer sobre o assunto. Limitou-se no entanto a servir-se de café, acrescentou natas e açúcar e nada disse. Marie sabia muito bem o que Alicia pensava da amizade de Lisa com o professor Sebastian Winkler. Não era digna da sua posição. Já que uma mulher se divorciava de um marido da nobreza, não deveria ainda para mais descer tão baixo a ponto de dar o seu «sim» a um mero mestre-escola. Mas, evidentemente, hoje em dia tudo era

diferente. As jovens tinham uma mentalidade «moderna», usavam saias curtas e cortavam o cabelo. De que valiam ainda as opiniões de uma mãe que, como dissera recentemente Kitty com tanta falta de consideração, nascera no século passado.

– O senhor Winkler? – quis saber Marie. – O que dirigiu o Orfanato das Sete Mártires? Só ouço dizer bem dele. Conseguiu entretanto encontrar um novo emprego?

– Infelizmente, não. Ninguém aqui o quer contratar numa escola. Ele sente-se muito infeliz com isso.

– Enfim – observou Alicia. – Muito embora o senhor Winkler, ao que se diz, possua boas competências pedagógicas, o nosso Estado tem bons motivos para lhe recusar um emprego...

Elisabeth não disse nada a esse respeito. Era inútil discutir com os pais sobre opiniões políticas. Uma república já era suficientemente mau. Uma república soviética, a seus olhos, seria a hecatombe certa para a pátria.

– Mas onde está a Kitty? – quis Alicia saber. – Nem sequer ouvi quando entrou em casa. Aquela rapariga é silenciosa como um gatinho.

– A Kitty? – disse Lisa com um sorriso enigmático. – Oh, acho que ainda deve estar a dormir como uma pedra.

– Eu cá acho que às oito e meia já era mais do que adequado estar aqui sentada a tomar o pequeno-almoço – disse Alicia, insatisfeita. – Mesmo que o serão se tenha prolongado. A Marie também está...

Interrompeu-se ao ouvir o telefone tocar no escritório. Refletiu um instante se se deveria levantar para atender a chamada. Mas, como Humbert entrou nesse momento a trazer o correio, foi ele incumbido de atender o telefone.

– Muito bem, minha senhora.

– Ontem foi sensacional, Humbert! – exclamou Elisabeth. – Quase morremos de riso.

Ele curvou-se brevemente ao passar, sempre o perfeito mordomo. Apenas os seus olhos brilhavam. Um êxito. Um êxito em toda a linha. Fora aplaudido durante vários minutos, chamaram repetidamente por ele. Agora sabia que um aplauso significava a felicidade máxima, uma felicidade viciante...

– Muito obrigado, minha senhora.

Alicia suspirou de novo longamente. Enquanto folheava a pilha de cartas, lançou a Marie um olhar cheio de significado. As coisas não podiam continuar assim, seria preciso contratar um novo lacaio, era o que o seu olhar parecia dizer. Que triste ver aquele jovem a colocar tão levianamente em risco um emprego seguro para atuar num cabaré...

Ouviram Humbert a falar ao telefone na sala ao lado e logo depois voltou a assomar à sala de jantar.

– A menina Lüders solicita que vá até à fábrica o mais depressa possível – disse ele a Marie.

– Obrigada, Humbert. Ela não disse mais nada?

– Não, minha senhora. Apenas que era urgente...

Teriam afinal os dois senhores acabado por se voltar a pegar, sendo ela necessária para arbitrar a discussão? Marie levantou-se e gracejou, dizendo que nunca mais se livrava dos espíritos que ela convocara.

No corredor, deu com Humbert à sua espera e compreendeu que na sala de jantar ele lhe dissera apenas parte da verdade.

– É melhor eu levá-la de carro, minha senhora. Parece-me que estão a ocorrer coisas estranhas lá do outro lado.

– Mas o quê, por Deus?

A menina Lüders falara de um assalto. Que teria chamado a polícia. E que o senhor diretor estava totalmente desesperado...

Marie tirou o chapéu do roupeiro e nem sequer se demorou a vestir o casaco. Também não era preciso, já que o sol de agosto escaldava.

– Um assalto, foi isso que disse? Mas isso é ridículo.

Outra vez uma greve dos operários da fábrica? Teriam acabado por invadir o gabinete do sogro? Tê-lo-iam ameaçado? Mas Von Klippstein estava lá. Não era ele o tipo de homem que sabia lidar com este tipo de situações?

Teve de esperar um pouco junto ao portão do jardim antes de poderem virar para a estrada. Passaram por eles vários camiões em direção à cidade, nuvens de poeira amarelada erguiam-se dos pneus ressequidos, envolvendo os veículos.

Humbert tossiu. Avançaram algum tempo por entre o remoinho de poeira e só depois vislumbraram a fábrica mesmo em frente.

– Mas que se passa ali? – murmurou Marie.

O portão da fábrica estava aberto de par em par. À esquerda, diante da entrada, havia quatro camiões muito claramente à espera de entrar em ação. Pela faixa da direita, os veículos já carregados iam saindo do pátio da fábrica.

- Podes parar atrás dos camiões, Humbert...
- Se quiser também podemos entrar no pátio, minha senhora!
- Não. Eu saio aqui.
- Nesse caso, espere. Eu vou consigo.

Ninguém reparou neles. Quando, envoltos em nuvens de pó, se dirigiram para o portão, os camiões carregados passaram por eles a rugir com indiferença. Junto ao portão, alguém gritava a perguntar o que queriam dali.

– É a senhora Melzer – ouviu-se a voz assustada do porteiro. – Ela gere aqui os negócios...

O camião atrás deles ligou o motor e passou por eles em direção ao pátio da fábrica. O que ali sucedia era tão inacreditável que, num primeiro momento, Marie acreditou estar diante de um pesadelo.

Uma horda de operários arrastava peças de metal para as plataformas de carga. Grandes e pequenas, pesadas, que tinham de ser transportadas por várias pessoas, utensílios pequenos reunidos em baldes. Alavancas brilhantes, rodas dentadas, barras com dispositivos montados, varas cintilantes, correias, tubos lubrificados com óleo. Foi preciso um bom momento até Marie compreender que estavam a desmontar as máquinas de fiar, os teares e as máquinas de estampagem, peça a peça, e a carregá-las para os camiões.

– Eles... estão a roubar as suas máquinas... – gaguejou Humbert. – Não pode ser... Não é permitido...

Marie tentou reconhecer alguém no meio de todo aquele formigueiro de gente. Não era Von Klippstein na entrada do edifício administrativo? O homem que lhe voltava as costas e, irritado, falava insistentemente com alguém?

– Anda! – ordenou a Humbert e procurou abrir caminho por entre os operários. Ele seguiu-a de muito perto, preocupado com a possibilidade de lhe acontecer alguma coisa e, ao mesmo tempo, cheio de medo de se ver envolvido numa rixa ou coisa semelhante. Não era um herói, de todo.

Ainda antes de Marie alcançar os dois homens, assomou-lhe ao espírito uma suspeita. Seria possível? Coisa honesta não seria de certeza. O que é

que Lisa dissera? Os abutres...

– Isto é ilegal! – ouviu a voz furiosa de Von Klippstein. – Não têm o direito de desmontar estas máquinas. Existem acordos. Este tipo de ações está regulado por contrato.

– *We don't care, Mr. Klichen... You lost the war, so you will pay the debt...* Têm de pagar... porque perderam a guerra... É a vida, *my boy*.

– A polícia vai tratar deste assunto!

– *We are not afraid of the German police...* Nós comprámos as *machines...* Com contrato, assinado pelo senhor Melzer...

– Isso só pode ser uma falsificação. O senhor diretor Melzer nunca vos teria vendido as suas máquinas...

– Isso eu posso confirmar! – bradou Marie. – Posso até prestar juramento!

O homem com quem Von Klippstein estivera a discutir usava um fato de corte estranho e um chapéu amarrotado que caía obliquamente pela testa suada abaixo. Era anafado, o rosto brilhava com o calor.

– *Who are you?*

– Este é o senhor Jeremy Falk, de Greenville, nos Estados Unidos – disse Von Klippstein a Marie, furioso com a falta de polimento do americano. Só depois se voltou para Falk. – A senhora Marie Melzer, nora do diretor e vice-diretora da empresa.

– *I am very sorry, Mrs. Melzer* – disse o homem anafado sem de modo nenhum cumprimentar Marie ou sequer tirar o chapéu. – *The game is already over...* É pena, mas acabou...

Nesse momento, ouviu-se um grito. Alto e desenfreado, de um desespero impotente.

– Não! Seus canalhas, não me vão levar as minhas máquinas. Não as máquinas que o Jakob construiu. As minhas máquinas não... As minhas...

– Por amor de Deus – murmurou Marie. – Pai! Onde está ele? – Von Klippstein desatou a correr por entre a azáfama do pátio. Formara-se entretanto aí uma multidão, os operários tinham ficado lá parados, encostados uns aos outros, conversavam, pousavam a carga, apontavam com os dedos.

– Um médico! Chamem um médico! – alguém gritou.

Marie empurrou os homens para o lado, avançou agarrando-lhes nas mangas, usou os seus cotovelos para alcançar o centro do grupo. Aí viu Von Klippstein ajoelhado junto a uma figura deitada no chão, braços estendidos,

as mãos estranhamente contorcidas. Marie reconheceu o fato de verão cinza-claro, os sapatos cinzentos de atacadores, o relógio de pulso de prata com a bracelete de cabedal de que o sogro tanto se orgulhava.

Aproximou-se, ajoelhou-se a seu lado no chão, viu o seu rosto pálido, a boca semiaberta de onde escorria um regato de sangue.

– Ainda está a respirar – ouviu Von Klippstein dizer. – Onde tem o carro? Temos de o levar ao hospital...

Marie captou algo nos olhos quase fechados de Johann Melzer. Somente uma centelha, quem sabe um último reconhecimento, possivelmente apenas uma reação da íris diante da morte que se lhe espalhava pelo corpo.

– Humbert! – chamou Von Klippstein, enervado. – Humbert! Onde é que se enfiou? Traga o carro até aqui. Rápido. – A sua voz foi abafada pelo ruído de um motor, o motorista do camião ali ao lado havia premido o acelerador.

– *I'm so sorry, Mrs. Melzer* – alguém disse junto a Marie. – *We didn't touch him. He just fell down...*

Ela praticamente não ouviu. Suavemente, pousou a mão no rosto de Johann Melzer, com um movimento terno de despedida afagou-lhe a testa e fechou os olhos. Chorou. Contudo, em todo o alvoroço geral, entre gritos e ruído de motores, ninguém reparou.

– É o fim de uma era – disse a senhora Wiesler com a voz a tremer. – Os meus mais profundos e sinceros pêsames, minha querida...

Abraçou Alicia Melzer e teve rapidamente de secar os olhos com o lenço. O diretor Wiesler apertou a mão de Alicia sem palavras e limitou-se a assentir com a cabeça, como se tivesse já expressado a sua solidariedade e quisesse apenas reforçá-la. Alicia sorriu, esgotada, e agradeceu-lhe, para depois receber a pessoa que a seguir lhe queria apresentar condolências. Sempre as mesmas palavras. Muito, muito obrigada. Que bom que vieram. Agradeço do coração. Sim, foi um rude golpe para todos. Sim, foi totalmente inesperado. Agradeço muito. Entregue por favor as flores ao Humbert. Sim, esta tarde, já de seguida...

Johann Melzer fora colocado em câmara-ardente no vestíbulo da Vila dos Tecidos. Aí, o caixão aberto fora colocado sobre uma plataforma negra sob a azulada luz do lusco-fusco, ladeado por oito velas em candelabros de prata. Grossos cortinados encobriam as portas de vidro de acesso ao terraço e, além disso, Alicia ordenara também que se tapassem todos os espelhos com panos escuros. Johann Melzer repousava de rosto severo entre as rendas brancas, as mãos cuidadosamente postas, rodeado de um mar de flores.

– Devemos tudo isto aos nossos amigos – dissera Alicia. – Em Augsburg, os Melzer sempre tiveram uma palavra a dizer, isso foi sempre importante para o Johann. Deverão vir todos despedir-se dele.

Marie estava admirada com o modo como Alicia aceitou a morte do marido, junto a quem vivera tantos anos felizes, mas também difíceis. Alicia censurar-se-ia seguramente pelo alheamento que se instalara no casamento nos últimos anos e que talvez tivesse podido evitar com um pouco mais de compreensão. Marie sabia que Alicia amava o marido. Agora, no momento da mais funda tristeza, Alicia Melzer revelava-se forte. Consolava as filhas,

ambas descontroladas com toda a sua dor, falava com os funcionários, juntamente com Marie tratava dos procedimentos do enterro.

O próprio Mr. Falk ficara assustado com o incidente. Depois de andar para cá e para lá, ordenara que colocassem o corpo inconsciente, com todo o devido cuidado, na plataforma de carga de um dos seus camiões. Apenas Marie sabia havia muito que Johann Melzer estava já no reino dos mortos, mas não contestara as ordens de Falk. Mais tarde, quando os médicos no hospital declararam o óbito do doente, telefonara a Alicia. Fora preciso procurar Kitty no centro da cidade, onde andava a fazer compras, Lisa estava no orfanato com Sebastian Winkler.

Alicia fez questão de velar o marido durante a noite antes do enterro, como ditava o costume. Ninguém a contradisse. O reverendo Leutwien celebrou a cerimónia fúnebre e permaneceu longamente diante do caixão, mergulhado em oração. Posteriormente, Kitty, Elisabeth e Marie foram-se revezando, sentavam-se ao lado de Alicia em bancos desconfortáveis, de olhos postos no rosto estranho e de cera do morto e sentiam nas suas costas a escuridão do grande vestíbulo. Também a menina Schmalzler e Fanny Brunnenmayer cumpriram este ritual durante algumas horas. Mais tarde, garantiram que eram regularmente servidos café, chá e água. Apenas poucos dos residentes da Vila dos Tecidos dormiram naquela noite, até as três crianças estiveram agitadas e choraram.

A partir das onze horas do dia seguinte, compareceram as primeiras pessoas a dar condolências: notáveis da cidade, amigos e conhecidos, também operários e funcionários da fábrica. Quem manifestava aos familiares o seu pesar e pousava a coroa de flores subia depois ao primeiro andar para aí cumprimentar conhecidos e comer alguma coisa.

Humbert trabalhou sem cessar, fez os arranjos de flores diante do caixão, carregou inúmeras bandejas com café e aperitivos para as diversas salas, encontrou óculos e bolsas esquecidos e, ainda para mais, fazia por responder a inúmeras perguntas.

– Querem saber tanta coisa – queixou-se ele lá em baixo, na cozinha, onde a cozinheira decorava ovos com mostarda e pães com fiambre com a ajuda de Auguste.

Hanna e Else estavam destacadas para a lavagem da louça, era necessária uma quantidade infindável de chávenas, copos e pratinhos.

– Sim, o álcool – murmurou Humbert num tom antiquado. – O falecido senhor Melzer apreciava muito frequentemente um bom conhaque!

Prosseguiu então com a voz grave dos magistrados.

– Agora é que a fábrica vai definitivamente à falência, não é?

E sem qualquer transição imitou a senhora Von Sontheim:

– Não consigo compreender por que razão a senhora Von Hagemann não se divorciou há mais tempo.

Else limpou os olhos com a toalha da cozinha. As pessoas sabiam ser tão mazinhas! A fábrica na falência! Isso queriam eles.

– Ah, se tivéssemos sabido para que estávamos nós a esfregar e a lavar tão bem o vestíbulo... Lá está ele agora, rígido e mudo no caixão. Ainda na segunda-feira logo de manhã me chamou à atenção, dizendo que eu tinha de levantar os pés e não arrastar...

A menina Schmalzler, vestida toda de preto e com uma fita de luto no cabelo, entrou na cozinha. Aplicara no rosto um pouco de pó de arroz e *rouge* para não parecer tão pálida depois da noite passada em claro. Dirigiu um sorriso encorajador às mulheres da cozinha. Como nos seus melhores dias.

– Está tudo a correr muito bem. A senhora Melzer está muito contente por ter vindo tanta gente. Estamos todos a dar o nosso melhor para preservar o prestígio da Vila dos Tecidos. Mesmo neste momento tão triste. Precisamente agora, meus queridos...

– Au! – gritou Auguste, enfiando na boca o dedo indicador a sangrar. – Jesus, senhora Brunnenmayer, as suas facas são mais afiadas do que lâminas de barbear.

– Se não fizesses tantos disparates...

A menina Schmalzler virou-se para Humbert.

– O presidente da câmara, o senhor Von Wolfram, e a esposa acabaram de chegar. Lá em cima no salão faltam copos e um jarro de água fresca.

– É para já, menina Schmalzler.

Humbert passou pela governanta e conseguiu levar os copos pelas escadas de serviço sem o mínimo tilintar. Chegou assim substancialmente mais depressa lá acima do que o elevador de serviço, que em todo o caso estava ocupado com louça suja.

Cerca da uma da tarde, a torrente de visitas abrandou um pouco; era a hora de muitas famílias almoçarem. O tempo estava desagradavelmente quente, instalando uma certa apatia no corpo e no espírito. A terra estava ressequida do calor duradouro, nalguns pontos surgia até gretada, nalguns dos ribeiros mais pequenos já não corria água e apenas as velhas árvores do jardim, cujas raízes chegavam bem fundo, conseguiam contrariar a secura sem uma só folha amarela.

– O céu encobriu-se – disse Ernst von Klippstein a Marie. – Esperemos que não venha aí um temporal.

– Ora essa – disse Kitty com amargura. – O papá teria adorado ser enterrado sob raios e trovões. Ter-se-ia divertido à brava se toda esta gente saísse daqui encharcada...

– É muito possível – disse Marie, passando o braço sobre os ombros de Kitty. – Em todo o caso, desta vez levamos os guarda-chuvas, certo?

Kitty anuiu e aconchegou-se a Marie. Passara a maior parte da noite anterior no quarto da cunhada, falara incessantemente, chorara, lamentara-se, para depois voltar a dar risadinhas tolas. Oh, paizinho! Passou-se tudo tão depressa. Nem sequer pôde despedir-se dele.

– Esse americano devia ser preso. Como se chama mesmo? James Fork ou coisa assim? Não importa. Um maldito canalha. Um miserável assassino...

– Chiu, Kitty – sussurrou-lhe Marie ao ouvido. – Agora não. Aqui não...

– Como assim? – soluçou Kitty. – O papá ia gostar. Se tivesse podido, teria atirado o fulaninho ao chão com um soco bem dado. Esta gente só pode ser tratada assim, lá no Oeste Selvagem só conhecem a violência pura e crua...

Marie sabia que fazia pouco sentido tentar pôr Kitty na ordem, pelo que lhe afagou ternamente o cabelo e lhe beijou a face. Ernst von Klippstein estava a seu lado de semblante contido – a acusação de Kitty afetara-o profundamente. Censurava-se por não ter intervindo de forma mais enérgica quando Jeremy Falk conseguira entrar na fábrica. Confiara na intervenção da polícia, que fora avisada pela secretária. Quisera evitar uma escalada dos ânimos. Fracassara, pura e simplesmente.

– Olha ali, Kitty – disse Marie. – A Tilly e a mãe estão a chegar. Queres ir lá cumprimentá-las?

– Oh, sim – suspirou Kitty. – É muito mais agradável do que estas gralhas pretas do conselho municipal, que só sabem grasnar «Os meus sinceros pêsames».

Von Klippstein ficou junto de Marie.

– Queria dizer-lhe uma coisa, Marie – expressou-se ele, com a voz embargada. – Nada mudou na minha decisão de participação na fábrica. Cumpro a minha palavra. E manter-me-ei ao seu lado na gestão da fábrica. Agora mais ainda, Marie.

– Agradeço-lhe muito.

Marie escondeu o seu desagrado atrás de um sorriso amistoso. Era fácil prever a evolução dos acontecimentos. Sem a autoridade de Johann Melzer, que, mesmo que nem sempre de boa vontade, lhe dera constantemente o seu apoio, ela não poderia gerir a fábrica. Precisava de Von Klippstein para ser aceite pelos funcionários e operários. Também precisava do seu dinheiro para garantir a subsistência da fábrica. Mas acederia ele aos desígnios dela a longo prazo? Defenderia ele as suas decisões no exterior? Ajudá-la-ia a implementar novas e ousadas ideias? Talvez até o fizesse. Mas mais cedo ou mais tarde iria exigir contrapartidas.

Paul. Se ao menos, por fim, ele regressasse! Sentia-se tão infinitamente esgotada, tão desprotegida, sem coragem nem esperança. Mas tinha de ser forte. Que outra pessoa restava para lutar pela conservação da fábrica? Ela e só ela. Nos seus ombros assentava toda a responsabilidade.

Cerca das duas horas, o calor sufocante atingiu o seu auge, o céu ficou envolto numa pálida neblina, ouvia-se ao longe trovejar baixinho. Havia surgido no vestíbulo seis homens robustos vestidos de preto, enviados pela agência funerária. Seriam eles a transportar o antigo senhor da Vila dos Tecidos do vestíbulo, pelo jardim, até à estrada. Aí estaria à espera uma vetusta carruagem puxada a cavalos que levaria o caixão até ao cemitério de Hermanfriedhof, onde Johann Melzer anos antes havia adquirido uma campa de família. Foi uma cena comovente quando ergueram lentamente o féretro agora fechado e o carregaram a passo lento e solene através do vestíbulo. Para prevenir, Marie envolvera os ombros de Alicia, Kitty e Elisabeth apertavam as mãos uma da outra, Tilly dava apoio à mãe, que estava muito impressionada com aquele enterro.

– Que solene. Veio até o presidente da câmara. E toda esta pompa... e nós que tivemos de enterrar o teu pai tão discretamente – cochichou Gertrude Bräuer.

– Por favor, mamã...

– É verdade, não é?

– Chiu!

Quando o caixão passou por ela, Gertrude disse em alto e bom som:

– Era um osso duro de roer, mas um bom amigo... o melhor que alguma vez tivemos.

Começou a chorar ruidosamente e Tilly fez todos os esforços por a acalmar.

Lá fora, a trovoada troava mais alto, a oeste parecia pender um pano preto sobre a cidade, já se sentia o tremor dos relâmpagos. Aqui e ali levantava-se um vento quente que fazia girar o pó e as folhas secas, criava rodopiantes seres fantasmagóricos que corriam pelos caminhos do jardim fora, deixando-os depois tombar de novo. Lenta e solenemente, um longo cortejo de pessoas vestidas de preto deslocou-se atrás do caixão, a maioria imersa numa profunda tristeza, apenas algumas olhavam constantemente, apreensivas, para o céu. Humbert, o último do cortejo, fechara cuidadosamente as portas de entrada da Vila dos Tecidos. Não ficara ninguém para trás, todos os empregados seguiam o patrão até à sua última morada, também Rosa e as três crianças acompanharam a caminhada até aos portões do jardim.

Elisabeth e Kitty seguiam ao lado da mãe, logo atrás dos transportadores do caixão, e Lisa sentiu como se Alicia se tivesse tornado um nadinha mais pequena. Mas a verdade é que se mantinha ereta, de costas direitas, a cabeça erguida – como aprendera em criança na propriedade dos Von Maydorn. Lisa invejava a atitude contida da mãe. Ela, por seu lado, fechara-se no quarto, dominada pela dor. A sua maneira de ser não lhe permitia confiar as suas mágoas a alguém, como Kitty, que se lançava ao pescoço de Marie. Lisa chorara solitariamente contra a almofada. Não havia na Vila dos Tecidos ninguém que a pudesse consolar. O único que o poderia fazer, a quem ela teria permitido dar-lhe consolo e coragem, não tinha acesso à sua família.

Naquele dia vira Sebastian apenas brevemente, quando ele – vestido com um fato emprestado – se dirigira para ela e expressara a sua solidariedade com a devida formalidade. Apenas por um ínfimo instante estiveram em perigo de se esquecerem de onde estavam. Ela vira os seus ombros estremecer, como ele a queria puxar de encontro a si, sem no entanto o

ousar. E também ela esteve prestes a atirar-se ao seu peito. Mas as convenções haviam vencido e ficaram-se por um simples aperto de mão.

Agora ele seguia o cortejo lá atrás, no lugar dos empregados e dos operários da fábrica. Também teria ele sentido aquele instante? E, se sim, que pensava, que sentia ele naquele momento?

Lisa afastou aqueles pensamentos e tentou concentrar-se na cerimónia solene. Meu Deus, ali à frente, no caixão, estava estendido o seu pai. Perdera-o... perdera-o para sempre. Nunca mais o veria sentado no seu escritório. Nunca mais tomaria o pequeno-almoço com ele nem ouviria os seus gracejos rabugentos. Nunca mais ele a abraçaria...

Um sonoro trovão fez toda a gente encolher-se. Quando, logo depois, um relâmpago iluminou o céu com um zigiguezague cintilante, viu-se a preocupação nos rostos. Uma rajada de vento perpassou as velhas árvores e fez restolhar as folhas, dois chapéus voaram pelo ar, rolaram pelo caminho poeirento e voltaram a ser apanhados.

– Estamos mesmo quase junto ao portão – disse alguém. – Graças a Deus! Aqui sob as árvores é fácil sermos atingido por um raio.

Na cabeça de Lisa reinava uma terrível confusão. Quando foi que aconteceu? Na semana passada? Ou teria sido há ainda mais tempo? Por que razão lhe vinha precisamente agora à mente aquela conversa com o pai?

– Ele não tem nada, Lisa. E não te posso dar um segundo dote.

– Mas quem se importa com isso? Nós vamos trabalhar.

– Se ele arranjar emprego...

– Então trabalho eu pelos dois!

– Logo que terminares a tua formação. E quando comesas?

– Em breve!

– Então desejo-vos muita paciência!

– Obrigada!

– Porque és tão teimosa, Lisa? És uma rapariga inteligente. Que tens contra a minha sugestão?

– Tudo, papá!

O caixão chegara ao portão e o cortejo dispersou-se lentamente. Muitos dos presentes mais ansiosos apressaram-se a voltar para casa, outros acompanharam os esforços dos homens que levantavam a carga para cima da carruagem a cavalo. Era mais complicado do que o esperado, já que,

devido ao temporal, os cavalos estavam extremamente agitados, abanando fortemente a carruagem.

Rosa e Else correram com as crianças de volta à Vila dos Tecidos, os restantes empregados esperaram até a carruagem se pôr em movimento, altura em que também eles deram meia-volta.

A família e os amigos mais próximos rumaram ao cemitério. Lisa sentou-se ao lado da mãe no banco traseiro do carro conduzido por Humbert, sendo seguidos por outros automóveis na lenta viagem até ao cemitério. Mesmo atrás deles estava Klippi, que levava Tilly e Gertrude Bräuer, e ainda a menina Schmalzler e o doutor Greiner. Lisa não conseguia discernir quem ia sentado nos restantes automóveis, mas presumia que ninguém teria levado Sebastian Winkler. Não era certo que fizesse a pé o longo caminho até ao cemitério de Hermanfriedhof – afinal de contas, perdera um pé e usava uma prótese. Muito possivelmente estaria naquele momento a regressar ao orfanato.

O papá tinha razão, pensou ela, preocupada. Ele não tem nada e ninguém o respeita. Neste mundo não basta ser uma pessoa decente...

A longa cerimónia foi uma verdadeira tortura. Era inacreditável a força com que a mãe aguentara tudo aquilo. Foram tantas as pessoas a reunir-se no cemitério para se despedirem de Johann Melzer. Os cavalos estavam espantadiços e puxavam a carruagem, pelo que por um triz o caixão não escapou das mãos dos carregadores. A par de tudo, os trovões ressoavam lá em cima nos céus como um barril vazio, os raios tremeluziam, negras nuvens cerravam-se sobre o cemitério.

A cerimónia foi acelerada para, se possível, terminar antes de começar a chover. Com uma pressa quase indigna, os homens arrastaram o caixão através do portão do cemitério, quase derrubaram uma senhora idosa que levava uma vasilha à fonte, e pousaram a carga sobre as tábuas que haviam sido estendidas sobre a sepultura aberta. Lisa sentiu a mão gelada de Kitty a enfiar-se na sua e envolveu os dedos da irmã. O vento puxava as vestes compridas do sacerdote. Quando este ergueu os braços, pareceu a Lisa que estava prestes a levantar voo como uma ave. Então viu Marie abraçar Alicia com ambos os braços e ouviu Kitty soluçar alto. As tábuas haviam sido removidas e, usando duas cordas, baixaram o féretro lentamente até à terra.

A chuva começou a cair quando estavam diante da sepultura aberta e Alicia atirava uma mão-cheia de terra. Caíram primeiro apenas algumas

gotas grossas, mas depois a água precipitou-se torrencialmente sobre eles e foi uma sorte Klippi ser providente e ter trazido um guarda-chuva. Nas nuvens sobre as suas cabeças, rebentaram rochedos de granito, luzes ofuscantes deixavam ver claramente por segundos as pedras tumulares, a ponto de se conseguir discernir cada uma das letras. Logo de seguida mergulhava tudo na penumbra cinzenta e raiada pela chuva.

– Chegue-se muito a mim – ouviu Klippi dizer. – O meu carro está mesmo junto ao portão do cemitério...

Lisa não queria saber se se molhava ou não. À sua volta, as pessoas corriam, apressavam-se, fugiam para a saída, os guarda-chuvas passavam a pairar por ela, chapéus e casacos a proteger os penteados. Foi então que discerniu indistintamente três pessoas a caminhar em sentido contrário. Faziam-no com dificuldade, tinham permanentemente de se desviar das pessoas a correr em fuga, subir para a relva para não serem atropeladas.

– Lisa! – chamou Kitty, enervada. – Porque estás aí parada? – Lisa não quis saber. Por entre a chuva intensa ia observando os três visitantes, sem saber ao certo porque o fazia.

Riccarda von Hagemann e o marido pararam diante da sepultura aberta de Johann Melzer, deram as mãos e ficaram a olhar para dentro da campa. Percebeu que Christian von Hagemann disse algo à mulher, Riccarda anuiu com a cabeça. Klaus parou atrás dos pais, puxara o chapéu a tapar o rosto, e agora abria superfluamente um guarda-chuva.

Não estavam à espera de ver Elisabeth e ergueram atónitos a cabeça quando ela se lhes dirigiu. Klaus virou-se para o lado, não queria que ela visse o seu rosto destruído.

– Seguramente já ouviste estas palavras muitas vezes – disse-lhe Riccarda. – Mas não há muitas formas de expressar o que se sente nestes momentos. Lamentamos imensamente, Elisabeth.

Ela agradeceu e tomou a mão que lhe estava a ser estendida. Por fim, também Klaus se virou na sua direção. Segurava a aba do chapéu com a mão, como que desejando puxá-lo ainda mais para baixo para esconder o rosto.

– Aconteceu muita coisa, Lisa – disse ele. – Muitas vezes desejo que fosse possível começar de novo. Mas é demasiado tarde.

Ela não conseguia ter a certeza da sinceridade daquelas palavras. Tanto mais naquele momento, em que um forte trovão se abateu sobre eles, como

que um aviso dos céus.

– Tenho uma proposta a fazer-te, Klaus. Ouve-me calmamente e depois terás tempo para refletir e decidir.

– Chiu!

A estúpida da porta rangia terrivelmente. Dodo enfiou a cabeça pela frecha e tentou discernir alguma coisa no escuro.

– Sai daí! – ordenou Leo atrás dela a puxar-lhe o vestido.

– Deixa-me...

– Nós não podemos espreitar aí para dentro!

A porta rangeu novamente, já que Leo se encostou à irmã. O quarto da avozinha estava meio na penumbra, tinham puxado os cortinados nas janelas. Conseguia distinguir-se a cama de casal com os arabescos dourados, a seu lado os contornos do conjunto de sofás, do toucador com os três espelhos móveis, da cómoda com tampo de madeira. A avozinha parecia muito pequenina naquela cama tão grande. Estava deitada de costas e o rosto estava muito pálido.

– Está morta? – sussurrou Leo.

– Não – cochichou Dodo. – Está a fazer a sesta. Tem uma enxaqueca...

– Mas olha que pode morrer disso.

Dodo fez-lhe um gesto para lhe dizer que ele não tinha juízo nenhum. O irmão era mesmo muito burro.

– Ela está a respirar. Vê com atenção...

Leo cerrou os olhos e constatou que o peito da avozinha subia e descia regularmente. Não soube muito bem dizer se estava contente ou desiludido com isso.

Seguramente contente. Muito embora a morte fosse um segredo que lhe ocupava muito os pensamentos.

– Não a podemos acordar! – decretou Dodo, com ar de inteligência precoce. – A avozinha precisa de dormir!

Leo resfolegou, irritado. Dodo é que sabia sempre. Não podemos entrar na despensa. Não podemos pintar com os pincéis da mamã. Não podemos arrancar folhas das plantas do jardim de inverno... As meninas tinham a mania de que eram muito espertas.

– Se calhar acorda sozinha – refletiu ele.

– Sim, mas só depois – cochichou Dodo. – Ela prometeu brincar connosco ao «papá, mamã, filho e avó».

Leo fechou de novo devagarinho a porta do quarto. Que rangeu ainda mais alto do que antes. Não tinha vontade nenhuma de brincar àquele jogo tão parvo. Tinha sempre de fazer de papá. Ou de filho. E nenhum era nada divertido. Preferia antes ser ladrão. Ou pirata. Só a mamã brincava a esse jogo com eles, mas nunca tinha tempo...

– Não podes fazer isso!

Virou-se de repente para ela e pôs-lhe o indicador à frente dos lábios. Dodo calou-se e ficou a ver o que ele fazia, com uns grandes olhos enervados. Era estritamente proibido entrar naquele quarto. Rosa já os avisara repetidamente. Ninguém podia ali entrar a não ser a avozinha. E Else, que volta e meia ia lá limpar. Mas mais ninguém. Nem mesmo a mamã.

Leo decidira ser ladrão. Baixou o puxador e empurrou a porta do quarto com o corpo. Mas esta não queria abrir-se.

– Trancada – sussurrou Dodo atrás dele. – Estás a ver...

Mas um ladrão a sério não se deixava dissuadir com um «estás a ver». Empurrou com toda a força, usou os ombros e, subitamente, abriu-se. Quase caiu para dentro do quarto juntamente com a porta, e Dodo, que se agarrara a ele, teria ido logo atrás.

Um cheiro bafiento atingiu-os no rosto. Cheirava a alcatifa, cortinado, roupa de cama e um nadinha ao avô. Era aliás a sua sobrecasaca que ali estava pendurada no roupeiro.

– Nós não podemos! – sussurrou Dodo, entrando no entanto atrás dele, cheia de curiosidade, para dentro do secreto reino proibido.

Os cortinados azul-claros estavam apenas semifechados, pelo que se conseguia ver o céu pesado e cinzento. Estava tudo como se o avô ainda estivesse com eles. A cama com as muitas almofadas, as pilhas de revistas e livros na mesa de cabeceira, também os óculos de ler estavam pousados mesmo ao lado. As pantufas estavam no tapete de pelo macio junto à cama.

E o despertador redondo de chapa metálica fazia tiquetaque muito alto. O avô usava-o para acordar de manhã. Leo questionou-se se o avô ainda viveria ali. Se calhar estar morto era apenas não estar visível?

– Se a avó dá conta...

O relógio de pulso estava pousado na cómoda, em frente do espelho velado. A seu lado estava o pincel de barbear, a lâmina de barbear fechada encontrava-se dentro de uma taça de vidro. Leo hesitou, pois sentia-se atraído pela lâmina, mas acabou por pegar no relógio. Não era fácil lá chegar, já que a cómoda era alta e Leo ainda não tinha sequer quatro anos.

O relógio era feito de um metal claro e era totalmente redondo, atrás do vidro viam-se os ponteiros e os números. Leo já sabia todos os números até cem. Quase todos. Não os sabia escrever, só dizer.

– Dá-se corda nessa rodinha aí – disse Dodo, sempre atenta. – Depois começa a andar.

– Eu sei – resmungou ele.

Rodou uma vez brevemente, ouviu um ligeiro estalo, achou que era melhor não mexer mais. Uma vez, a avó tinha dito que, um dia, aquele relógio seria para ele. Mas antes disso seria do papá. Quando voltasse da Rússia. Leo não se lembrava bem do papá. Dodo também não. A mamã tinha muitas cartas dele na escrivaninha dela. E também imagens que ele tinha desenhado. Casas e árvores e pessoas, era bastante aborrecido. E havia também um cavalinho esculpido em madeira a que faltava uma perna...

– Dodooo! Leooo!

Os irmãos deram um salto de susto e Leo devolveu tão precipitadamente o relógio à cómoda que este caiu por um dos lados. Por sorte, foi cair no tapete e não se estragou.

– Dodooo! – gritava Henni, andando às apalpadelas no corredor. – Leooo!

Contra Henni, os gémeos mantinham-se ferreamente unidos. Dodo pegou no relógio de pulso e colocou-o novamente no lugar, Leo estava já junto à porta para a fechar o mais silenciosamente possível atrás de si.

– Vocês não podem entrar aí.

Como era evidente, ela havia-os visto. Henni estava a meio do corredor, um anjinho de caracóis louros de olhos grandes, tão azuis que pareciam refletir o céu. Contudo, na verdade, era um terrível diabinho. Pelo menos às vezes.

– Nós não estávamos lá dentro – mentiu Leo.

Por momentos, Henni ficou baralhada. Os seus olhos perscrutadores saltaram de Leo para Dodo, e ela parecia estar a refletir.

– Eu vi-te a fechar a porta – disse ela a Leo.

– E depois?

– Quer dizer que vocês estavam lá dentro – concluiu a pequena detetive.

– Não estávamos, não!

– Então porque é que a porta estava aberta?

Leo lançou um breve olhar na direção da irmã para garantir que ela estava do seu lado. O semblante de Dodo mostrava uma firme determinação.

– Só espreitámos lá para dentro – afirmou Leo ousadamente, e Dodo anuiu com a cabeça.

– Também é proibido espreitar – disse Henni, contente. – Vocês vão levar palmadas!

Leo sentiu o sangue a ferver. Sempre aquela fedelha. Quando brincavam com ela, tinham de fazer tudo o que ela mandava. Quando depois se chateavam, corria para Rosa a chorar. E acabava sempre por conseguir o que queria. Porque Henni era a mais pequenina e as crianças crescidas tinham de aprender a ceder.

– Primeiro quem te dá uma palmada sou eu! – ameaçou ele, cerrando os olhos.

Henni inclinou a cabeça para o lado e tentou avaliar até que ponto aquela ameaça era para levar a sério. Afinal de contas, Rosa estava lá em baixo na cozinha e não a podia proteger. A avozinha estava a dormir ali ao lado e de certeza que interviria se ela gritasse muito alto. Mas não era assim tão fácil dar a volta à avozinha, já que Leo era o neto preferido.

– Depois quero brincar também convosco – exigiu ela. – Eu vou ser a filha, está bem?

Leo olhou para Dodo e ficou aliviado ao ver que ela concordava com a cabeça.

– Muito bem. Mas vais para cima do carrinho e eu posso empurrar-te.

– Mas não com muita força – exigiu Henni.

Da última vez, o velho carrinho de brincar tombara para o lado e Henni caíra num monte de cubos de madeira. Doera imenso e desde então já não quisera voltar a ser a filha...

Na outra ponta do corredor abriu-se uma porta, de onde surgiu a mamã de Henni. Estava arranjada para sair e até já vestira o sobretudo. Mais um

sobretudo de lã vermelho que dava pouco abaixo dos joelhos. Era muito estreito em baixo, por isso a mamã de Henni parecia-se com um grande balão vermelho.

– Hennizinha? Anda cá, meu amor. A Rosa vai já tratar de te mudar de roupa, vamos juntas à cidade.

O rosto dos gémeos foi tomado pelo entusiasmo. Assim livravam-se dela! Henni correu para a mãe, puxou-lhe pelo sobretudo e perguntou por que razão a gola era tão grande.

– Para a poder puxar para cima, meu amor. Estás a ver? Assim!

A gola tapava quase toda a cabeça, só o cabelo ficava a espreitar cá para fora.

– Vou receber rebuçados?

– Se te portares bem... Anda, querida. Não faças barulho, a avozinha está com uma enxaqueca.

Kitty voltou ao quarto porque se esquecera da mala de mão, remexeu lá dentro e tirou algum dinheiro do compartimento secreto da escrivaninha, enfiando-o em seguida no porta-moedas.

– Rosa? Calce-lhe as botas. E o casaco branco com a gola de pelo. O gorro de lã...

– Nããão – debateu-se Henni. – O gorro de lã não, mamã! Pica muito!

– Mas está a nevar lá fora...

– Eu puxo a gola para cima. Como tu.

Kitty ordenou que levasse um cachecol quente. Gorros de lã ásperos eram uma má memória da sua própria infância. O pior eram as meias altas de lã. Já para Henni ela comprava apenas meias de algodão.

Pegou na filha pela mão e desceram as escadas. O vestíbulo estava já decorado com folhas de abeto e estrelas douradas de papel feitas pelas crianças. O Natal estava aí à porta, finalmente um Natal sem guerra, mas, ao que parecia, também sem o seu Paulinho. Ainda não havia sinais de vida dele, ninguém lhes sabia dizer se estava de saúde e quando o deixariam finalmente regressar a casa. Uma vez a mamã dissera baixinho que era mau sinal o facto de nunca mais ter voltado a escrever. Mas a verdade é que, desde a morte do papá, a mamã andava com uma disposição muito sombria, completamente pessimista, contava sempre com o pior.

– Vamos ter uma árvore de Natal, mamã?

Kitty não tinha a certeza de que a mãe fosse permitir essa iniciativa tão poucos meses após o falecimento do pai. Por outro lado, seria extraordinário para as crianças, pois nos últimos três anos, devido ao hospital militar, não fora possível montar uma árvore grande no vestíbulo. Oh, como era bonito naquele tempo, quando Gustav e o avô traziam o abeto do jardim e toda a gente decorava a árvore em conjunto. Era tão esplêndida aquela grande árvore de Natal. No vestíbulo inteiro pairava o aroma da árvore e, na véspera de Natal, Auguste e Else penduravam biscoitos de gengibre caseiros nos ramos verdes.

– Sim, acho que sim, Henni. E vai ser gigantesca. Quase até ao teto...

– Até ao céu! – rejubilou a filha, descendo os degraus da entrada aos saltinhos.

Humbert estava lá em baixo à sua espera no pátio. Tinha removido a neve do automóvel e limpava o para-brisas com um pano.

– Faça favor, minha senhora – disse ele, abrindo-lhe a porta do lado do condutor com um movimento gracioso.

– Mas o Humbert vai ter de se sentar atrás com a Henni.

– Não se preocupe, minha senhora. E arranque muito devagarinho. Não acelere demasiado. Com jeitinho...

Kitty sentou-se ao volante sem dar atenção aos gritos de protesto de Henni. Nas últimas semanas, Humbert andava a ensiná-la a conduzir, o que não era propriamente simples, já que a intuição de Kitty para as máquinas era pouco aguçada. Mas estava fortemente empenhada, afinal de contas Lisa também aprendera.

– Não quero que a mamã vá a conduzir – lamuriou-se Henni, sentada ao colo de Humbert no banco de trás. – Tenho medo!

– Ignição... mudanças... primeira... muito bem. Acelerar suavemente... Deixar andar... suavemente... suavemente...

A primeira tentativa falhou. O carro pulou, Henni guinchou e agarrou-se a Humbert. A segunda tentativa já foi melhor. Kitty meteu a primeira mudança e conseguiu colocar o carro em movimento. Percorreram lentamente o acesso ao jardim, que estava coberto de neve, e dirigiram-se para o portão. Ela até conseguiu meter a segunda e até mesmo a terceira mudança sem mais nenhum acontecimento catastrófico. Só não conseguiu

travar pouco antes do portão, o carro fletiu para o lado e foi parar ao relvado.

Mas aí a culpa foi da neve.

– Já foi muito bom, minha senhora. Mais alguns dias e já anda a conduzir por aí à solta. Puxe por favor o travão de mão...

– Ah, sim, quase me esquecia.

Trocaram de lugares. Humbert colocou novamente o carro no caminho e conduziu-o sem esforço até à cidade. Flocos de neve colavam-se aos vidros, Humbert tinha de acionar constantemente o limpa-para-brisas para poder ver melhor.

– Tu não podes conduzir o carro, mamã – resmungou Henni. – Abana sempre muito.

– Mas, minha querida, eu tenho de aprender, em janeiro o Humbert vai para Berlim. Ou queres que andemos todos a pé?

– Nesse caso, a tia Lisa conduz o carro.

Kitty calou-se, irritada. Infelizmente, não havia como negar que Lisa conduzia o carro calmamente e com segurança. Mas Lisa tinha planos esquisitos, ninguém sabia se em breve não estaria de saída da Vila dos Tecidos.

– Deixe-nos lá em cima na Maximilianstrasse, Humbert. O último pedaço fazemos a pé. Está a nevar tão maravilhosamente...

– Como desejar, minha senhora.

Apesar da situação económica difícil, a cidade preparava-se para os festejos natalícios. Na ampla Prachtstrasse haviam sido montadas barracas decoradas com ramos de abeto, onde os comerciantes vendiam os seus produtos. Podiam comprar-se brinquedos esculpidos, velas, guloseimas coloridas e castanhas assadas, numa barraca havia até anjos dourados cintilantes, quebra-nozes com a forma de um homem com farda de gala e todo o género de brinquedos de lata com corda. Bandos de crianças de roupas esfarrapadas e demasiado largas cercavam a barraca dos brinquedos, lançavam olhares desejosos aos carros de lata e às bonecas de porcelana, mas os comerciantes enxotavam-nos sempre.

– Rebuçados, mamã! Ali há rebuçados de framboesa!

Kitty comprou um saco de papel pontiagudo cheio de rebuçados coloridos e pegajosos e insistiu expressamente com a filha que desta vez tinha de

prestar muita atenção enquanto chupava os rebuçados. Havia pouco tempo engolira acidentalmente um rebuçado de framboesa e quase asfixiara.

Sob os olhares invejosos de um bando de crianças pobres, Henni enfiou os doces na boca e foi atrás da mãe por entre a neve, até ao estúdio de Sibelius Grundig. Kitty detestava ter de passar por entre os muitos pedintes e estropiados, mas na altura do Natal estavam por todo o lado. Até na neve havia alguns sentados, haviam estendido uma manta e cobriam-se com uma capa puída. Kitty juntou os trocos que tinha e distribuiu-os – haviam trazido os pobres rapazes da guerra e agora estavam para ali sentados, estropiados, cegos ou surdos. Era esta a gratidão da pátria. Havia sido todos tão traídos.

Como teria sido se Alfons tivesse voltado aleijado? Ah, nem sequer queria imaginar tal coisa.

O sino da loja tilintou quando Kitty abriu a porta do estúdio fotográfico de Sibelius Grundig. Lá dentro haviam removido quase todos os móveis, o pequeno fogão de ferro espalhava um calor agradável na sala vazia. Kitty constatou que os seus quadros ainda estavam embalados e encostados à parede – havia por isso ainda muita coisa a fazer.

– Cá estás tu! E trouxeste a pequena Henni! – Tilly saiu da sala ao lado e pegou em Henni ao colo, que saíra a correr na sua direção. Aquele cumprimento fora do coração, Tilly era a tia preferida de Henni. – Ui, as tuas bochechas estão mesmo pegajosas – riu-se Tilly.

– Rebuçado de framboesa – balbuciou Henni com orgulho.

– Queres ajudar-nos?

Henni queria. Podia segurar na caixinha com os pregos enquanto a mamã e Tilly tiravam os panos dos quadros que os haviam protegido durante o transporte.

– Tecido de papel da fábrica – disse Kitty a rir-se. – Já não conseguiam vender esta coisa, por isso fiquei eu com ele. É ótimo como capa de proteção.

Tilly dobrou cuidadosamente as capas de tecido castanhas e observou Kitty a dispor os seus quadros ao longo das paredes. Eram combinações bizarras de paisagens floridas e rostos, Tilly nunca vira uma coisa assim. Os rostos eram de soldados, viam-se os capacetes e os gorros. Eram todos cinzentos ou azulados, os olhos fundamente encovados, muitas vezes as bocas estavam deformadas.

– Receio bem que ninguém vá querer comprar estes quadros – disse Kitty.
– As pessoas acham-nos extraordinários, mas isso não significa que queiram pendurar uma imagem assim sobre o sofá da sala. Querem algo que lhes fale ao coração e à alma. E ainda por cima as cores têm de combinar com a casa... Levanta mais um pouco, Tilly... mais alto... para a esquerda... muito bem.

Foram buscar um escadote e Tilly tirou um prego da caixinha. Curiosa, Henni observou Tilly a subir ao escadote e a enfiar o prego na parede com alguns toques com o martelo.

– Perfeito – disse Kitty. – A senhora é sensacional, senhora doutora Bräuer!

– Não digas isso que dá azar, Kitty. Ainda tenho um longo caminho até lá chegar.

– Tu consegues, Tilly. Primeiro o exame do liceu e depois, em Munique, o curso de Medicina. Eu ajudo-te, como te prometi.

– Oh, Kitty... Não me sinto nada bem a pedir dinheiro a toda a gente.

– Não digas disparates... Depois podes curar-nos a todos de graça e aí poupamos uma pipa de dinheiro.

Tilly suspirou e pegou no quadro que Kitty lhe estendia, para o pendurar no prego. Andava naquele momento a estudar para o exame do liceu, que queria fazer na primavera como aluna externa do liceu masculino St. Anna – naquele momento a única hipótese de uma mulher fazer aquele exame. Se tudo corresse bem, no semestre de inverno do ano seguinte poderia começar o curso. Mas apenas se os Melzer lhe derem apoio financeiro porque, como já se imaginava, ela e a mãe haviam ficado sem nada. Tinham a agradecer a Kitty o facto de poderem viver na casa da Frauentorstrasse, já que Alfons havia transferido o imóvel para o seu nome logo após o casamento. Kitty não pedia renda à cunhada e à sua mãe, de vez em quando até lhes dava algum do dinheiro que conseguia ganhar com a venda dos quadros. Oficialmente, o dinheiro destinava-se à manutenção da casa.

– Senhora Bräuer?

A senhora Grundig enfiou o nariz pela frecha da porta, lançou um olhar crítico aos quadros de Kitty e depois descobriu Henni, ao que lhe assomou um sorriso caloroso ao rosto.

– Oh, trouxe a pequenina consigo. Ora, a Elise vai ficar contente. Posso levá-la comigo?

– Se ela quiser...

Henni não gostou de se separar da caixinha com aqueles pregos tão bonitos, além de que Elise, com os seus olhos esquisitos, era um bocadinho assustadora, Kitty sabia isso. Apesar de ser muito querida e de lhe fazer barcos e pássaros de papel.

– Está aqui uma pessoa que lhe quer dar uma palavrinha breve, senhora Bräuer.

A senhora Grundig proferiu esta frase baixinho, num tom conspirativo, mas levou então Henni para a sua casa e deixou a porta aberta atrás de si. Tilly desceu do escadote e ficou sem saber o que fazer por momentos. Mas depois disse que tinha de ir ali ao lado à loja de ferragens comprar alguns ganchos de metal, vestiu o casaco e saiu.

Kitty permaneceu ali com um misto de sentimentos. Como era penoso tudo aquilo. Em plena luz do dia. Ainda por cima numa loja onde qualquer pessoa podia ver pela montra. Por momentos sentiu-se tentada a fugir dali para fora, mas já era demasiado tarde.

– Só dois minutos, Kitty – disse Gérard. – Não queria partir sem te dizer *adieu*.

Fechou a porta atrás de si e ficou parado, sem saber como ela reagiria àquele encontro de surpresa. Kitty mirou-o de olhos muito abertos.

– Vais voltar para França?

– Não faz sentido continuar aqui.

Ela não disse nada, consternada. É claro que ele tinha razão. Haviam-se encontrado secretamente durante meses, sobretudo no pequeno café na orla da cidade, que tinha apenas duas mesas e quatro cadeiras. Haviam sido encontros de cortar a respiração, horas demasiado curtas em que falavam de coisas desvairadas e nunca diziam o que lhes ia na alma. Amiúde encontravam-se apenas no parque ou na rua, caminhavam um pouco lado a lado, conversavam sobre coisas sem importância e despediam-se com palavras alegres. Kitty acreditara que nada daquilo tinha significado – meia dúzia de encontros com um velho conhecido, um bom amigo. De maneira nenhuma era aquilo um namoro ou coisa semelhante. Esses tempos já lá iam. Mas agora tornava-se-lhe subitamente claro como sentiria a falta da sua presença.

– Mas... que pena – disse ela, sabendo imediatamente que não era aquilo que sentia.

– Tem de ser, Kitty. Caso contrário, eu ficaria dilacerado. – Ele ousou dar alguns passos na direção de Kitty e ela teve de se conter para se manter calma sem sair do sítio. Dissera a si mesma centenas de vezes que estava a ser pateta. Que teria ele que ela já não conhecesse? Naquela altura, em Paris, haviam-se amado todos os dias, várias vezes ao dia até, oh, as loucuras que haviam feito juntos... Mas nessa altura ela não passava de uma criança e agora era uma mulher adulta e, por sua vez, tinha uma criança pequena.

– Não! – exclamou ela, enervada. – Não continues... De modo nenhum... Nem mais um passo!

Obediente, ele parou, olhou-a com uma expressão de dúvida e depois sorriu.

– Não precisas de ter medo de mim, Kitty – disse baixinho. – Já não sou aquela pessoa que era antes. Os meus anos rebeldes já lá vão. Olha...

Levou uma mão ao seu denso cabelo encaracolado e mostrou-lhe as madeixas mais claras que tinha nas têmporas. Com efeito, já tinha alguns cabelos grisalhos, apesar de ter apenas trinta e poucos anos. Kitty não sentiu que isso o tornasse menos atraente – bem pelo contrário.

– Ambos crescemos – disse ela, abanando a cabeça com seriedade.

Ele continuou a olhar para ela a sorrir. Ela sentiu-se desconfortável sob o seu olhar, já que se reconhecia cada vez menos sob controlo. É claro que sentia a falta de ser abraçada por um homem. Mas não era isso. Era muito mais o que a atraía para ele. Era uma intimidade singular, a ânsia de chegar a um lugar que se buscou desde sempre em vão. De chegar a casa...

– Sim, crescemos – disse ele. – Mas foi sobretudo a guerra que nos mudou. Passámos ambos por experiências difíceis...

Durante os seus encontros, haviam por vezes falado de Alfons e depois também do pai de Kitty. Gérard oferecera-lhe palavras de consolo e compreensão, mas só raramente falara da sua própria sorte. Ela sabia apenas que a fábrica de sedas dos pais também estava de rastos e que odiavam profundamente os alemães por tudo o que haviam feito na França.

– Que vais fazer agora? – perguntou ela. – Vais voltar para a tua família?

Sim... devia-lhes isso. Apesar do seu desentendimento, os pais ficariam contentes por o ver de novo são e salvo. Tudo o resto se resolveria. Já lhes escrevera a comunicar-lhes a sua chegada.

Ocorreu a Kitty pouco que pudesse dizer. Muitas saudades dos pais ele não tinha, caso contrário não teria permanecido meses em Augsburg em vez de regressar imediatamente à França. Era para ela um enigma como conseguira ele manter-se financeiramente à tona durante todo aquele tempo. Ela oferecera-lhe dinheiro algumas vezes, mas ele recusara.

– Nesse caso...

Ela teve necessidade de pigarrear, já que de repente sentia um nó na garganta.

– Nesse caso, é a última vez... que nos vemos?

A sua voz soou muito fina, quase patética. Os olhos negros de Gérard pareciam ampliar-se, engoliam-na toda inteira, acariciavam-na, sussurravam-lhe coisas de amor e saudade...

– É isso que queres, Kitty?

Ela engoliu em seco, passou a mão pelo cabelo e depois pelo rosto. Mas era impossível escapar ao poder dos seus olhos negros.

– Não – sussurrou ela. – Eu gostava que ficasses, Gérard...

Aconteceu o inevitável. Dois passos e já ela estava nos seus braços, abraçava-o, soluçava-lhe contra o peito, suplicava-lhe que não a abandonasse e só se calou quando ele lhe cobriu os lábios. O seu beijo foi mais maravilhoso do que alguma vez imaginara nos seus sonhos. Foi um beijo novo e totalmente desconhecido, cheio de paixão e, ao mesmo tempo, controlado, amargo e infindavelmente terno.

– Não é possível, amor do meu coração – disse-lhe ele ao ouvido. – Nunca me senti tão próximo de ti como agora, Kitty. Nunca te amei mais do que nestes meses em que não estavas ao meu alcance. Mas não há hipótese para nós. Não agora que a guerra envenenou com o ódio as almas dos nossos povos...

Ela aconchegou-se nele, inalou o seu odor, que tão bem conhecia, mas que, ao mesmo tempo, lhe era tão novo. Passou os dedos pelo seu cabelo, desenhou suave e ternamente a linha das suas sobrancelhas.

– Ora essa – contestou ela. – Ninguém na minha família se vai incomodar com o facto de seres francês. Sobretudo a Marie, que gere agora a fábrica com o Klippi. Tu percebes um pouco de tecidos de seda. Vem trabalhar connosco...

Ela sentiu que o corpo dele vacilou. Ele riu-se dela. Mas ela estava mesmo a falar a sério. Não era uma ideia fantástica? Gérard como diretor-adjunto

da fábrica de tecidos Melzer.

– És uma sonhadora – murmurou ele e beijou-a. – Não, minha querida. Se for possível, vou recuperar a nossa fábrica em Lyon e entrar no mercado com tecidos de seda.

Por instantes, Kitty viu vários rostos do outro lado da montra – um bando de crianças pressionava o nariz contra os vidros. Mas como só lá viram grandes telas pintadas, perderam rapidamente o interesse e desataram a correr.

– Muito bem – disse Kitty e fungou, ofendida. – Se é isso mesmo que queres, então adeus. Tive a esperança de que aceitasses a minha sugestão.

Ele apertou-a mais contra ele e, muito embora fingindo que se queria afastar, ela deixou-o. Oh, ela não queria deixá-lo ir outra vez. Quando ele chegasse à França, nunca mais o voltaria a ver. Não se dizia que as fronteiras estavam fechadas para os alemães?

– Não agora e não desta forma, meu amor – disse ele, muito sério. – Tornaste-te uma artista e eu tenho por ti uma admiração sem fim. Mas quem sou eu? Ninguém. Um prisioneiro de guerra libertado que sobrevive à custa de pequenos negócios no mercado negro. Um homem que não pode abordar em público a mulher que ama. Com quem ninguém pode ser visto... Queres ouvir mais?

Ela abanou energicamente a cabeça e tapou os ouvidos com as mãos. Ele não prestara atenção nenhuma ao que ela dissera, ralhou ela. Quando se tornasse diretor da fábrica de tecidos Melzer...

– Não digas nada, meu amor – sussurrou ele ternamente. – Prefiro que me digas se vais esperar por mim. Mesmo que se passem meses ou até anos.

– Anos? – repetiu ela, abalada.

– És o meu único e grande amor, Kitty. Naquela altura e hoje: nada mudou. Tomaste conta de todos os meus pensamentos quando achei que ia morrer. E, se agora regresso, faço-o apenas para ganhar o direito a pedir-te em casamento.

Um grito estridente interrompeu-lhe o discurso, vinha da goela de Henni, que estava evidentemente entediada e chamava pela mãe. Gérard sorriu e deu a Kitty um beijo de despedida no nariz.

– A pobre da Tilly já deve estar enregelada na loja de ferragens – disse ele meio a brincar, meio com pena. – Está na hora de eu partir.

Kitty sentiu frio quando ele se separou dela. Tentou reter o seu olhar. Pelo menos só mais um bocadinho...

– Eu espero por ti – segredou-lhe ela. – Escreve-me.

– Vou tentar.

O sino da porta da loja tilintou quando ele saiu. Ela correu para a montra e viu-o correr como uma sombra por entre os flocos rodopiantes.

Oh, tão bonito, pensou Elisabeth. É mesmo assim que eu quero e não de outra forma. Vai ser este abeto. E vamos todos decorá-lo juntos...

Estava de sobretudo e de chapéu postos junto à entrada e observava Gustav e Humbert a arrastar o grande abeto para dentro do vestíbulo. Atrás deles vinha um bando de crianças a uma distância de respeito, já que Gustav lhes dissera que quem tocasse no abeto ficava lá colado até ao Natal.

– Tia Lisa, tia Lisa! – chamou Dodo, lançando os braços à volta de Elisabeth, decorando o seu sobretudo de inverno claro com algumas manchas húmidas. – Cada um de nós pode pendurar uma bola. Tu também!

Elisabeth pegou nela ao colo e contou-lhe que, no dia de Natal, também iam ser pendurados biscoitos de gengibre a sério, mas isso já Dodo soubera por Henni.

– É verdade que em breve te vais embora, tia Lisa?

– Quem disse isso?

– A Auguste disse à Else.

Evidentemente. Os empregados tinham ouvidos em todo o lado.

Auguste, a velha fala-barato!

– Não acredites nelas.

Voltou a pousar a menina no chão e Dodo saiu a correr, consolada. No cimo das escadas viu-se por fim Marie, que trocou meia dúzia de palavras com a menina Schmalzler e desceu então para o vestíbulo. Teve aí de fazer um cuidadoso desvio à volta do abeto, que estava estendido no chão à espera de ser instalado na armação de madeira.

– Onde é que te enfiaste? – repreendeu-a Lisa. – Vamos chegar atrasadas...

Marie não respondeu, pois nesse momento os gémeos caíram-lhe em cima e não paravam de lhe encher os ouvidos. Onde estavam as bolas coloridas. E

os passarinhos de vidro. E as fitas prateadas...

– Sabem uma coisa? Vão lá acima ter com a avó que ela mostra-vos tudo...

– Siiiiim!

Liderados por Liesel, a alegre caçada prosseguiu em tropel pelas escadas acima. Alicia teria muita dificuldade em sossegar aquele bando excitado.

– A mamã não sabe de nada? – perguntou Elisabeth baixinho.

– Não lhe disse. Não queria alimentar-lhe esperanças que depois pudessem não dar em nada.

Elisabeth percebeu no rosto de Marie que não pregara olho naquela noite com os nervos. Também ela dormira mal. Kitty tinha dores de cabeça terríveis e fora deitar-se.

– Tenho a certeza de que vai correr bem, Marie. Tenho esse pressentimento – disse ela e deu o braço à cunhada. – Trazemo-lo hoje triunfantemente de volta à Vila dos Tecidos!

– Deus queira que tenhas razão, Lisa!

Na tarde anterior chegara uma mensagem dizendo que, no dia seguinte, um comboio de prisioneiros libertados da Rússia chegaria pelas onze horas à estação de Augsburg. Não fora emitida nenhuma confirmação oficial, nem aparecia nenhuma referência no jornal. Mas a verdade é que meia Augsburg estava em grande agitação e podiam ter a certeza de que a estação estaria pejada de gente à espera e cheia de esperança.

Enquanto desciam as escadas exteriores, Lisa e Marie sentiram vários olhares pousados nas suas costas. Já se espalhara há muito entre os criados a notícia – estavam todos nervosos e esperançosos. Humbert preparara o carro, abastecera-o com gasolina e óleo e limpou os vidros. Na tarde anterior, Gustav e o avô haviam limpado a neve do acesso à estrada. Ninguém lhes dera essa indicação, haviam-no feito por sua iniciativa.

Lisa conduziu o carro devagar, olhando cuidadosamente para não se desviar do caminho, para não cometer nenhum erro pateta. Tiveram de esperar um pouco junto ao portão do jardim, já que estavam a passar várias carroças com cenouras e batatas em direção à cidade. Marie seguia a seu lado numa postura concentrada, de olhos fixos na estrada, sem falar. Também a Lisa não ocorria nenhum possível tema de conversa. Tinha os dedos gelados, teria sido melhor calçar as luvas de pele.

Como se imaginava, a estação estava cercada por inúmeras pessoas, pelo que estacionaram o carro na Prinzregentenstrasse e fizeram o último troço a

pé. Fora acionada a polícia, para que a massa de gente não se descontrolasse, em todo o lado se ouviam instruções gritadas em voz alta no sentido de caminharem devagar, não empurrarem, segurarem as crianças pela mão.

– Já são onze horas – disse Marie, olhando para o relógio da estação.

– Eu bem te disse que estávamos atrasadas!

Desalentada, Marie parou junto à entrada principal e perguntou a Lisa se não seria melhor esperar ali. Contudo, as pessoas que vinham atrás foram empurrando para a frente, pelo que tiveram de andar até ao cais, quer quisessem quer não. Eram sobretudo mulheres, jovens e mais velhas, mulheres casadas, mães, avós, que se viam ali amontoadas no cais da estação, acompanhadas de crianças imberbes de olhos grandes e ansiosos e bebés a chorar. Algumas estavam bem vestidas, outras usavam casacos puídos e os sapatos tinham solas de madeira, mas todas, em geral, tinham uma esperança desesperada estampada no rosto.

Lisa e Marie foram transportadas pela multidão, passaram por inúmeras pessoas à espera e arranjaram por fim um lugar no cais diante das linhas vazias. O comboio vinha com atraso. Não era de admirar, se o panorama fosse aquele em cada estação onde parasse.

Como é que vai ser possível encontrar alguém no meio de tanta gente, pensou Lisa, angustiada. Estamos tão cá atrás que nem sequer vemos os soldados a sair do comboio.

Agarrou na mão de Marie e apertou-a para lhe dar coragem.

– Devíamos ter ficado em casa – disse Marie. – Tanta gente! Ainda morre alguém atropelado.

Com efeito, a multidão empurrava para um lado e para outro, soltavam-se exclamações de irritação, crianças choravam. Ainda assim, a maioria das pessoas estava calma e tentava, na medida do possível, não incomodar os outros. Aos que estavam mais à frente perguntava-se repetidamente se já conseguiam ver o comboio, mas até ao momento ainda não chegara a notícia que traria alívio a todos.

– Lembras-te? – perguntou Marie. – Há cinco anos e meio estivemos aqui as duas. Tu distribuístes pães e eu corri ao longo do comboio para dar aos soldados copos de café quente.

– Deus do céu – gemeu Elisabeth. – Nem me lembres disso. Os colegas de escola do Paul estavam na altura entre os primeiros a sair. E depois também o pobre Alfons...

– Sim – disse Marie com amargura. – Estávamos todos tão entusiasmados. Tão certos da vitória. Os rapazes riam-se para nós e acenavam-nos muito contentes, e nós sentíamos-nos extraordinárias por termos a honra de distribuir pão e café aos futuros heróis.

– No Natal já estão todos de volta a casa – murmurou Elisabeth. – No Natal de há cinco anos...

A multidão foi percorrida por um movimento; lá à frente, na borda do cais, ouviram-se clamores enérgicos.

– Para trás! Cuidado. Puxem as crianças para trás!

Alguém pisou o pé de Lisa, Marie foi empurrada para trás com algumas jovens mulheres, pelo que se perderam de vista. Lisa viu então o fumo cinzento da locomotiva e o seu coração começou a martelar de expectativa. Paul. O seu irmão Paul. Paulinho. Ah, oxalá seja verdade.

– Por favor, meu Deus – sussurrou ela para si mesma. – Por favor, meu Deus...

O comboio deu lentamente entrada na estação. Muitas das janelas estavam descidas, os homens acotovelavam-se para ver as pessoas que os esperavam no cais. Aqui e ali um grito estridente, um nome, um soluço. Alguém reconhecera o marido, o filho, o irmão. Depois o guincho sonoro dos travões sobrepôs-se a qualquer outro som.

Lisa foi lançada para a frente por algumas mulheres, bateu contra o poste de um candeeiro de arco e manteve-se nesse sítio. Não muito longe dela abrira-se uma das portas, homens de calças e casacos esfarrapados desciam do comboio, os rostos cinzentos e cavados, alguns nem sequer tinham sapatos, traziam trapos a envolver os pés. Lisa teve um arrepio. Seriam estes os mesmos rapazes que na altura haviam partido tão alegres? Como estavam velhos, emagrecidos, muitos coxeavam, outros usavam ligaduras, vendas nos olhos, avançavam com dificuldade nas muletas. Muitos deles, num primeiro momento, ficaram simplesmente parados, desorientados, mas foram depois obrigados a avançar, já que havia outros atrás deles, apenas poucos felizardos eram abraçados pelas mulheres e pelas mães. Lisa tentou imaginar o aspeto de Paul depois de toda aquela estafa. Será que o reconheceriam sequer? Olhou para os retornados que passavam por ela, mas nenhum deles era o irmão.

Que grande confusão! Lisa decidiu ficar simplesmente parada e esperar até a multidão dispersar. Viam-se constantemente pessoas a chorar, abraçadas

umas às outras, mulheres a soluçar, crianças a chorar, homens que mal conseguiam acreditar que estavam de volta a casa. Passado algum tempo, sentiu uma mão no braço. Era Marie, que a reencontrara.

– Ele há de sair nalgum lado e esperar por nós – disse ela. – Vai seguramente imaginar que viemos...

Seguraram a mão uma da outra e foram olhando com atenção, tanto quanto lhes era possível. Algumas das pessoas que já se haviam reencontrado deslocavam-se agora em direção à saída. Outras estavam ali exatamente como elas, à espera e cheias de esperança. Os retornados que não tinham ninguém à espera avançavam lentamente pelo cais, alguns traziam trouxas com o pouco que lhes restara. Passado um tempo, ouviu-se a locomotiva a assobiar e a bufar, novamente a soltar vapor. As portas fecharam-se, os rostos nas janelas haviam desaparecido, um revisor puxou as janelas para cima.

Marie e Lisa esperaram até o comboio sair da estação e depois percorreram lentamente o cais, olhando sempre em volta, observavam com atenção cada um dos retornados e prosseguiram, desiludidas. Pararam algum tempo no átrio da estação, caminharam por entre as pessoas, procuraram, deambularam sem rumo, tentaram conservar a última réstia de esperança.

– Pode ter-nos escapado – disse Lisa sem expressão. – Não seria de admirar no meio de todo este alvoroço. Se calhar já foi de elétrico para a Vila dos Tecidos.

– Seria possível – respondeu Marie, cabisbaixa.

Era uma possibilidade remota a que ambas se agarraram com todas as suas forças. Paul ainda se iria rir delas valentemente quando chegassem a casa. Haviam estado horas na estação à espera quando já há muito ele estava sentado em casa a beber café.

Precipitaram-se pela rua fora em direção ao automóvel, passando por famílias alegremente reunidas, mulheres solitárias de olhos desapontados, crianças que não compreendiam por que razão as haviam arrastado até ali. No caminho viram Tilly, que também estivera na estação, e chamaram o seu nome, mas ela não se voltou.

– O doutor Moebius não foi dado como desaparecido? – perguntou Marie, consternada, quando já estavam sentadas no carro.

– Penso que sim – respondeu Lisa. – Mas ela tinha esperanças na mesma.

A esperança. Elisabeth conduziu o carro devagar pelas ruas, parou sempre para deixar passar peões ou ciclistas, seguia aos estremeções atrás de carroças puxadas por cavalos. Quando deixaram para trás a Porta de Jakob, começou a nevar. Quando viraram para o jardim, o acesso estava de novo coberto por uma fina camada de neve. Lisa contornou o canteiro redondo ao centro do pátio e parou a alguma distância da escadaria de entrada. Ficaram as duas sentadas no carro alguns instantes, agarraram-se ao último e precioso pedacinho de esperança. Lá em cima, junto à entrada, apareceu então Humbert, abriu as portas e, a seu lado, surgiu também Auguste. Os seus rostos esperançosos disseram tudo.

– Pode também acontecer que ainda esteja a caminho – disse Elisabeth.

Cansada, Marie abanou a cabeça.

– Receio bem que não, Lisa. Ainda bem que não contámos nada à mamã.

– Mais cedo ou mais tarde há de chegar – teimou Elisabeth. – Tenho a certeza absoluta, Marie!

Abraçaram-se antes de saírem do carro. Subiram então as escadas, inspiraram o aroma natalício do abeto no vestíbulo e ainda conseguiram ver Else, a cozinheira e Hanna a desaparecer rapidamente. Estariam a postos para cumprimentar o «jovem patrão»? Bom, entretanto já todos haviam percebido que Paul Melzer não regressara naquele comboio.

– Aí estão vocês! – ouviu-se a voz de Alicia. – A Kitty já perguntou por vocês. Disse que tinham ido à cidade tratar de um assunto.

Alicia sorria-lhes, sem de nada suspeitar, no patamar da escada principal que dava para o primeiro andar e acompanhava os esforços de Gustav para, com uma tesoura de poda e uma serra, conferir ao abeto instalado uma elegante forma piramidal.

– Eu já vou lá acima ter com a Kitty – disse Marie. – Quero só passar num instante pela fábrica para fazer um telefonema.

– Hoje não devias de todo ir à fábrica, Marie – repreendeu-a Alicia. – Amanhã é a véspera de Natal e esta tarde queremos decorar a árvore. As crianças já estão todas empolgadas.

Marie não disse nem que sim nem que não, subindo pelo contrário as escadas com um sorriso amável para fazer o telefonema no escritório.

– Diz ao senhor Von Klippstein que teremos todo o gosto em recebê-lo na véspera de Natal e também nos outros dias de festa – disse-lhe Alicia já depois de ela passar. Virou-se então para Elisabeth, como se se tivesse

lembrado de algo importante. – Ah, é verdade, tens aquele professor à tua espera, Lisa. Mande-o entrar para a sala de fumo e disse-lhe que almoçamos à uma hora.

– O senhor Winkler? Por amor de Deus, porque não disseste logo, mamã?

Alicia soltou um suspiro e disse, com um leve tom acusador, que considerava aquela visita extremamente inconveniente. Não causa nada boa impressão se as pessoas ficarem a saber que a família Melzer mantém contactos com um socialista condenado e antigo membro da república soviética.

Elisabeth despiu depressa o sobretudo, tirou o chapéu e correu lá para cima. Diante da porta da sala de fumo, parou um instante para recuperar o fôlego. Agora tudo se decidiria. Tinha de se manter calma. Amável. Bondosamente preocupada com o amigo. Aquela que ajuda num momento de necessidade...

Ele sentara-se num dos sofás e folheava uma revista. Quando ela apareceu à porta, ele atirou a revista para cima da mesa e pôs-se de pé. Continuava muito magro! Era verdade que a maldita da Maria Jordan o deixava fazer as refeições no orfanato, mas o que lá comia dificilmente chegava para saciar um homem adulto. Seguramente também era atormentado pela preocupação com o futuro. Talvez também pelo amor a uma mulher que lhe era inacessível...

– Sebastian! Lamento muito por ter tido de esperar. Estivemos na estação, eu e a minha cunhada.

Ele compreendeu imediatamente. É claro que também ouvira falar do regresso de prisioneiros de guerra da Rússia. E, pelo semblante apreensivo de Lisa, percebeu que Paul não fora um deles.

– Não perca a esperança, Elisabeth – disse ele. – Haverá mais transportes. No que a mim me toca, pouco me importou a espera. Receei apenas que pudesse ser um fardo para a senhora sua mãe...

Falou lentamente, parando por vezes para refletir sobre a frase seguinte, procurar a expressão adequada. Elisabeth gostava dos seus modos cuidadosos, o sorriso tímido que trazia no rosto sem que dissesse consciência. E admirava a determinação que residia atrás desta aparência discreta.

– A mamã está um pouco atrapalhada – disse ela com ligeireza. – Os preparativos do Natal são uma verdadeira dor de cabeça. Mas não

falemos disso, Sebastian. Sente-se.

– Com a sua licença.

Esperou até que ela se sentasse e só depois se sentou defronte dela. Elisabeth começou a sentir calor. Não eram decentes as suas intenções com ele. Não, não eram de todo. Sob vários pontos de vista...

– Precisei de algum tempo para refletir na sua proposta – começou ele, hesitante. – Foi para mim uma grande surpresa e receei poder acabar por a prejudicar se aceitasse. Foi essa a minha principal preocupação, Elisabeth. Nunca me perdoaria se a sua reputação se visse de algum modo lesada por minha causa...

Era tão comovente. Teria gostado tanto de lhe pegar na mão para a acariciar. Lançar os braços ao seu pescoço... Mas esse tipo de intimidades só o teriam desorientado.

– Posso tranquilizá-lo a esse respeito – disse ela. – Ninguém ficará a saber. E a Pomerânia fica longe...

Ele sorriu e anuiu com a cabeça. Não parecia estar feliz. Mas também não era essa a ideia. Estaria decerto absolutamente infeliz, o seu Sebastian. Ela estava a mandá-lo embora.

– É como diz, Elisabeth – prosseguiu ele e tirou o lenço para limpar a testa. – A Pomerânia fica longe. E eu não fiz por merecer melhor.

Debruçou-se para a frente e deixou cair a cabeça. Quando então ergueu os olhos aflitos na direção dela, Lisa sentiu o coração a bater até à garganta. Mas tinha de se manter forte. Ele nunca participaria naquele jogo voluntariamente. Ela tinha de o conduzir para o caminho da felicidade com astúcia e artimanhas.

– Eu achei que ficaria feliz pela oportunidade de organizar a imensa biblioteca da minha tia – disse ela, com esperança. – Foi criada pelo meu bisavô e foi sendo ampliada por todas as gerações posteriores. Estão lá verdadeiros tesouros, Sebastian...

Ela sabia que ele era um bibliómano, mas o seu entusiasmo foi contido. Certo, a quinta dos Von Maydorn era bastante remota, para ir a Kolberg era preciso viajar três horas de carroça. E o correio só era entregue uma vez por semana...

– Se eu aceitar este trabalho, Elisabeth, fá-lo-ei essencialmente para, um dia, lhe entregar uma biblioteca devidamente organizada.

O coração dela deu um salto. Ela ganhara.

- Quer dizer que aceita? – perguntou, ofegante.
- Como poderia eu recusar uma oferta tão bondosa e altruísta?

Ele esforçou-se por sorrir, mas na verdade estava abatido. A sua sentença fora proferida, ia ser mandado para o deserto. Para a Pomerânia, no meio do nada. Elisabeth lutou com o peso na consciência, mas depois disse que era também tudo no melhor interesse dele.

– Estou muito contente, Sebastian – disse ela com um suspiro profundo. – Fico evidentemente a contar com um relato regular dos progressos do seu trabalho.

Era uma sugestão de que deveriam trocar correspondência. Uma sugestão que lhe terá agradado, já que olhou para ela com gratidão. Mas logo depois o seu olhar endureceu e ele ficou a olhar para o vazio.

– Em tempos, Elisabeth, cheguei a engendrar toda uma série de planos loucos na minha cabeça. Sonhos de um mundo em que um industrial rico e um professor pobre pudessem mirar-se olhos nos olhos. E acreditei realmente que teria a oportunidade de unir o meu destino ao seu...

Abanou a cabeça, como quem não compreende a sua própria ingenuidade em retrospectiva.

– Também eu sonhei assim, Sebastian – disse ela baixinho. – Mas a realidade venceu-nos. O mundo é como é e não é sensato contrariar o seu curso. Foi o que nos demonstraram os mais recentes acontecimentos.

Foi gratificada com um longo olhar após aquela confissão. Ele tinha um olhar tão caloroso e profundo. Subitamente, sobrevieram-lhe dúvidas sobre o seu projeto. Teria o direito de lhe exigir tal coisa? Ele era um homem tão digno. Um homem com princípios morais. Não estaria a desperdiçar o seu amor?

– É verdade que agora optou por não se divorciar, não é? – perguntou ele inesperadamente.

Ela mencionara-o apenas uma vez de passagem, mas sabia muito bem que aquela notícia o deixara apreensivo.

– Sim – respondeu ela e refletiu rapidamente no que poderia dizer. – O meu marido sofreu ferimentos de guerra muito graves, pelo que já não tive coragem de exigir o divórcio. Nós, as mulheres, somos criaturas compassivas. Vou manter-me ao seu lado, mesmo que este casamento signifique para mim apenas frieza e solidão.

Ela percebeu no seu rosto que ele se sentia compelido a tomá-la nos seus braços. A dar-lhe consolo e calor, toda a ternura que lhe fazia tanta falta. Mas não o ousou e ela nada fez para o encorajar.

– A menina Schmalzler, a nossa governanta, também irá viajar para a Pomerânia em janeiro para lá passar a sua aposentação. Talvez pudessem viajar juntos.

Ele anuiu resignadamente e declarou que seria realmente muito prático, já que a senhora conhece a região. Pegou então no chapéu que pousara no sofá a seu lado e levantou-se.

– Estou inteiramente ao seu dispor, Elisabeth – disse ele com uma breve vénia. – Farei tudo para lhe agradar e lhe ser útil.

– Meus queridos...

Alicia parou e pigarreou, tomada pela comoção. Era a primeira vez que fazia o discurso natalício à mesa do almoço. Em todos os outros anos, Johann ficara sempre incumbido da tarefa.

– Meus queridos convidados – prosseguiu, olhando para os ouvintes que ali se haviam reunido, solenemente vestidos para a ocasião. Não podia ela ser feliz no seio da sua grande família? Decerto que sim, tinha de estar grata a Deus por isso. Mesmo na falta de alguns amados rostos à mesa festiva. – É para mim uma enorme alegria vê-los a todos aqui reunidos à minha volta no dia de Natal. Queremos celebrar o primeiro Natal depois dos difíceis anos da guerra com devoção e gratidão, por isso...

Um grito desagradável interrompeu-a. Do outro lado, onde Rosa se sentava junto das crianças, caiu um garfo ao chão, ouvindo-se os sussurros agitados de Rosa.

– Hennizinha, larga isso. Por favor! Devolve ao Leo a colher. Henni, peço-te, por favor. Senão a avozinha fica triste...

– Nãããoooo! Eu querooooo...

Geraram-se cochichos entre os adultos, cabeças abanaram, a tia Helene disse que teria sido melhor deixar as crianças lá em cima. Kitty levantou-se e pegou no braço da sua filha refilona.

– Silêncio! – ralhou ela com a criança. – Senão levo-te para a cama!

Henni fungou ainda algumas vezes e, já que se podia sentar ao colo da mamã, resignou-se. Do lado de lá, Leo segurou numa mão triunfante a colher de sobremesa que conseguira defender com êxito.

Alicia assistira à cena de testa franzida. Como era possível que hoje em dia as crianças pudessem ser tão rebeldes? Ah, fazia-lhes falta um pai.

– Alegro-me muito especialmente por o meu cunhado Gabriel e a sua querida esposa Helene estarem de novo na nossa companhia, dando seguimento à velha tradição de nos visitarem no Natal.

Kitty usou o guardanapo de tecido engomado para assoar o nariz da filha, que ainda fungava. Nunca suportara a tia Helene e o tio Gabriel e ficara na verdade muito contente por as incertas ligações de comboio terem impedido esta visita nos anos anteriores. No entanto, agora faziam-lhe pena. Os dois filhos mais velhos haviam tombado na guerra, o terceiro morrera de pneumonia, restando-lhes apenas a filha enfermiça. O tio e a tia estavam com um aspeto amargurado, quase encarquilhados, achou Kitty. Seria interessante desenhá-los. Com tantas rugas e pregas. A pálpebra pendurada do tio. Não, não era nada parecido com o papá, apesar de ser o irmão mais novo. E a tia tapava sempre a boca com a mão quando falava, porque lhe faltava um dente incisivo...

Enquanto a mamã saudava o reverendo Leutwien e o doutor Greiner na qualidade de queridos convidados de longa data, Kitty olhou para Marie. Oh, imaginava bem como a querida Marie estaria infeliz naquele momento. A senhora Wiesler, aquela linguaruda sem consideração, sussurrara-lhes no dia anterior, no mercado de Natal, de lágrimas nos olhos, que o pobre Paul Melzer estava nas mãos de Deus. O que quer que quisesse dizer com aquilo.

Ao lado de Marie estava sentado Ernst von Klippstein, a sua fiel sombra. Mandara fazer para aquele dia um elegante fato de passeio que lhe caía na perfeição. Era um homem muito bem-parecido, voltara a usar um pequeno bigode e os olhos azuis haviam ganho uma aura vitoriosa. Para o gosto de Kitty era um tanto ou quanto prussiano em demasia, mas se houvesse quem gostasse... Nos últimos tempos era visto com frequência na companhia de Tilly, mas ela não parecia tê-lo em grande conta. Estaria provavelmente ainda a chorar o destino do infortunado doutor Moebius. Tantos jovens como ele – inteligentes, talentosos e cheios de esperanças no futuro – haviam sido devorados pela guerra!

– Mamã? Quando chega o pudim? – perguntou a pequena Henni baixinho.

– Quando tivermos comido a sopa, o peixe, a carne assada e os legumes – sussurrou-lhe Kitty ao ouvido.

Dodo fez uma careta e fez saber que não queria legumes. Peixe e carne assada, sim. Legumes, não!

– Sem legumes não há pudim!

A pequenina refletiu por breves momentos e depois aconchegou-se ternamente na sua mãe, sorrindo-lhe angelicalmente. A mamã vacilou, estava prestes a levantar-se e a fechar Henni no quarto das crianças. Rosa nunca fazia tal coisa.

– Minha querida – sussurrou-lhe Kitty, beijando-a na bochecha.

As três crianças haviam recebido um sem-fim de presentes, fora sobretudo Klippi quem sobressaía nesse campo. Era provável que quisesse assim angariar a afeição de Marie, era um rapaz obstinado. Oferecera a Leo um jogo de construções com peças de metal e a Dodo uma cozinha de bonecas com um fogão onde se podia cozinhar a sério. E ainda tachos, colherezinhas, um serviço de café e um livro de receitas para as mães das bonecas. Mas o maior sucesso foi o presente de Henni: um cavalo de baloiço impressionante, muito realista, revestido de peluche castanho e do tamanho de um vitelo. É claro que os gémeos também queriam andar nele e Henni, a pequena endiabrada, sentiu grande prazer quando tiveram de lhe pedir autorização.

– Nasceu o nosso Salvador – disse Alicia solenemente. – Celebremos todos juntos este recomeço. Que nos traga, a nós e a todas as pessoas, paz na terra, a cura para todas as feridas e melhores tempos vindouros...

Todos aplaudiram e Von Klippstein curvou-se para a elogiar por ter dito o que todos ali sentados à mesa sentiam. Kitty achou tudo aquilo algo exagerado, mas a mamã esforçara-se realmente muito. Os discursos do papá eram mais curtos, mais marcantes e, no final, ele dizia sempre uma piada. Fechou os olhos por instantes para controlar a dor que crescia dentro dela. O papá, sentia-lhe tanto a falta. O seu modo brusco e rabugento. As suas mãos desajeitadas quando lhe afagava a face. No Natal passado sentara-se ali mesmo ao lado da mamã. Quem na altura teria imaginado que era a última vez...

Humbert estava de pé junto à porta e aplaudiu juntamente com os convivas. Ao sinal de Alicia, começou então a servir a sopa. Caldo de vitela com ovo. Haviam todos contribuído para conseguir aquela faustosa refeição natalícia. Por ora, as coisas não andavam a correr nada bem na fábrica. Aquele canalha miserável, o americano, desmontara e levava algumas das melhores máquinas e nem a polícia nem os tribunais haviam demonstrado interesse algum pelo assunto. A fábrica havia sido fortemente lesada. Tanto quanto Kitty conseguira compreender, faziam falta as

máquinas que haviam sido desmontadas, que não podiam ser substituídas por outras.

Oh, como era irritante que Gérard tivesse aquela cabeça dura. Que fazia ele em Lyon? Ter-lhes-ia sido muito útil ali em Augsburg. Era evidente que fazia falta um homem na fábrica. Um homem que percebesse de tecidos e fios e que se impusesse junto dos operários.

– Olha, Henni – disse ela energicamente. – O Humbert pôs a sopa no teu prato. Volta agora para junto da Rosa e mostra-nos que sabes comer a sopa sem te sujares.

Henni nutrira a esperança de poder ficar sentada no colo da mãe, por isso resmungou um pouco, mas acabou por se ir embora.

Kitty acompanhou o comportamento da filha com um olhar severo e depois também ela começou a comer. Sopa não era propriamente o seu prato favorito, por isso Humbert servira-lhe apenas pouca. Suspirou baixinho. Era mesmo uma grande pena que aquela querida figura um tanto ou quanto estranha os fosse abandonar em breve...

– Olhem só como está tão bonita a decoração da mesa – disse Gertrude Bräuer muito alto. – Abeto e espinheirinha, e ainda heléboros-brancos. Muito bom gosto. Ontem pusemos uma bonita coroa de heras e lírios-brancos na campa do Edgar, não foi, Tilly?

Tilly enrubesceu, como em todas as ocasiões em que a mãe falava muito alto e irrefletidamente. Gertrude Bräuer praticamente não saía de casa, apenas aos domingos Tilly tinha de a acompanhar ao cemitério, onde decoravam a campa. Para Gertrude aceitar o convite dos Melzer para o almoço de Natal, Tilly tivera de usar de muita persuasão.

– Sim, mamã – disse Tilly educadamente. – Mas hoje não falemos de campas e cemitérios, por favor.

Gertrude tremeu um pouco as sobrancelhas e considerou que nos últimos meses a filha se tornara muito «impertinente».

– Está a preparar-se para o exame do liceu, para que saiba – disse ela em tom confidencial a Ernst von Klippstein. – Tem de aprender latim e grego, imagine só! Uma jovem que não tem nada de feia anda agora às voltas com coisas daquelas. Mas a minha Tilly não é uma intelectual. Não a acha bonita?

Kitty quase se engasgou com a última colher de caldo de vitela. Oh, por amor de Deus. Pobre Tilly. Se não antes, seguramente agora arrependia-se

mesmo de ter trazido a senhora sua mamã.

– Mamã, por favor!

Tilly estava absolutamente vermelha, tal era o embaraço diante daquela tentativa evidente de lhe arranjar marido. Mas Gertrude não se deixou intimidar, contando para todos ouvirem que a filha já recusara vários pedidos de casamento.

– A miúda meteu na cabeça que quer ser médica. Que me diz a isto? Pôr-se-ia nas mãos de uma mulher médica, senhor tenente?

Kitty observava Von Klippstein há algum tempo. Inicialmente também se sentira incomodado com a conversa de Gertrude, mas agora parecia estar a divertir-se.

– Não teria dificuldade nenhuma em fazê-lo, minha senhora – disse ele, lançando um olhar travesso na direção de Tilly. – Senti-me sempre muito bem nas mãos da sua filha.

Gertrude ficou excecionalmente sem palavras, a tia Helene e o tio Gabriel, que não conheciam o contexto daquela observação, fitaram embaraçados o prato de sopa vazio. Tilly não sabia se havia de ficar irritada ou confrangida, mas decidiu em todo o caso esclarecer a situação.

– Está a referir-se ao tempo em que estava ferido e que esteve internado no hospital, senhor Von Klippstein?

– Mas é claro, menina Bräuer.

– Nesse caso, agradeço-lhe o elogio.

Sob o olhar severo de Tilly, ele baixou os olhos e Kitty constatou, com espanto, que agora era ele quem enrubescia.

Do outro lado da mesa, Marie conversava com o doutor Greiner sobre o consultório médico que o doutor Stromberger havia entretanto arrendado. Com a melhor localização no centro da cidade, o seu antecessor deixara-lhe todos os instrumentos e todo o equipamento, e ainda três funcionários.

– Tem o consultório cheio de doentes, de manhã à noite – disse o doutor Greiner com inveja. – Mas os honorários que pede são excessivos. Assim, a saúde está reservada só aos mais abastados...

Hanna – de vestido negro e avental branco rendado – levantou os pratos de sopa, no elevador de serviço já estavam as carpas de Natal em manteiga, acompanhadas de legumes e batatas cozidas com casca.

Como Hanna estava bonita com aquele vestido, pensou Kitty. Tão crescida. E sempre algo triste. Não tinha havido uma história disparatada

qualquer com um prisioneiro russo? Não, teria sido mesmo uma pena para a rapariga. Ela podia ser modelo. Sim, essa seria uma boa ideia...

– A mim pouco me importa – ouviu Gertrude Bräuer a invadir-lhe os pensamentos. – Por mim podiam tê-lo extraditado à vontade. Essas pessoas deviam ser trancadas numa torre. A pão e água!

Gerou-se uma forte contestação à mesa. Klippi destacava-se especialmente, sentindo-se indignado com tais palavras.

– Um monarca não pode ser avaliado por padrões normais, senhora Bräuer. Mesmo que tenha errado, Guilherme II é e continua a ser o imperador alemão e fico extremamente aliviado por os holandeses não o entregarem aos Aliados...

O tema gerou alguma exaltação, já que Alicia defendia que a república que agora fora estabelecida não podia continuar a existir. Também Klippi partilhou desta opinião. Os autodenominados democratas reuniam-se por todo o lado, fundavam alianças e partidos, a ponto de já ninguém saber quem era o quê. Comunistas, espartaquistas, socialistas – brotavam do chão como cogumelos.

– Como se o nosso pobre país já não tivesse de aguentar o suficiente – disse ele. – Tivemos de entregar a frota comercial inteira. Perdemos todas as colónias. Como vamos nós conseguir erguer-nos se nem sequer temos um governo sensato? Uma personalidade forte, um homem que nos conduza rumo ao futuro...

Elisabeth falara pouco até àquele momento, mas então interveio energicamente.

– O nosso país não precisa de nenhuma frota nem de colónias – disse ela, olhando para Von Klippstein com uma expressão combativa. – O nosso país precisa de uma distribuição justa dos bens.

Ai, Jesus, pensou. Esta agora já fala como uma socialista. É a influência do tal senhor Winkler por quem anda tão apaixonada. Felizmente, pelo menos desistiu da ideia maluca de ganhar a vida como professora.

Entretanto a conversa subiu de tom, já que as afirmações de Lisa haviam exaltado os ânimos. Especialmente a mamã e Klippi contestavam energicamente, também Gertrude achava que Elisabeth estava para ali a dizer coisas absurdas e o tio Gabriel defendeu a opinião de que era preciso mandar vir de volta o imperador, caso contrário tudo ia «por água abaixo». Apenas Marie e o reverendo Leutwien se mantiveram do lado de Lisa,

considerando que era preciso dar uma oportunidade à república – afinal de contas, também existia na América.

– Vamos manter a calma, meus queridos – disse Alicia, para quem a discussão se tornara entretanto demasiado agressiva. – Peço-vos, é Natal!

– Com ou sem Natal – exclamou Gertrude –, na América, com os índios, uma mani...

Não conseguiu prosseguir, pois teve repentinamente de tossir. Levou a mão à garganta e começou a arquejar, como se não conseguisse respirar.

– Ora aí está – disse o doutor Greiner em tom de médico entendedor. – Uma espinha. Abra a boca, senhora Bräuer. Nada de pânico. Dê-lhe água a beber, menina Bräuer...

– Deus do céu! – exclamou Alicia.

– Já vai sair – disse a tia Helene.

Tilly serviu um copo de água à mãe. Gertrude gemeu energicamente e disse que tinha a carpa atravessada na garganta, que ia seguramente morrer.

– Que disparate, mamã. Come uma batata. Mais uma. E engole bem. Sim, sei que dói. Mais uma batata...

Como todos os outros, Kitty também saltara do lugar. Oh, que terrível, pensou. Havia de acontecer isto logo no Natal.

– Ela é realmente sensacional – disse Klippi a seu lado. – Veja como mantém a calma.

– Oh, sim – disse Marie. – A Tilly é uma jovem extraordinária. Acho que a Gertrude já se sente melhor.

– Humbert – chamou Alicia. – Traga mais batatas.

– Sim, minha senhora.

Lá em baixo na cozinha reinava uma grande azáfama. O menu do dia de Natal era sempre o auge gastronómico do ano. Mesmo agora, que era preciso improvisar, porque não havia à venda todos os ingredientes, a cozinheira sentia-se no seu elemento. Tinha dentro da cabeça um plano complexo em que a preparação, o tempo de cozedura, o tempo de repouso e o serviço de todos os pratos encaixavam sucessivamente numa sequência precisa e ficava furibunda quando Hanna, Else ou Auguste não faziam exatamente o que ela lhes dizia.

– Batatas? – resmungou, debruçada sobre o tacho com o assado. – Mas para que querem batatas? Preciso delas para o prato principal.

– Não há nada a fazer – disse Humbert, enchendo uma taça com batatas fumegantes cuja pele Auguste removia naquele momento. – A senhora Bräuer está engasgada com uma espinha.

– Que se engasgue então, mas que não me complique aqui o meu menu – rosnou, furiosa, a senhora Brunnenmayer.

– Mas que importa – disse Auguste, encolhendo os ombros. – Assim como assim, as batatas têm de ir para cima. Assim já estão na mesa quando se servir a carne.

A cozinheira não se dignou a responder-lhe e, ao invés, puxou o tacho para a orla do fogão, onde o calor era menor. Se ao menos aqueles lá em cima não se demorassem tanto. O assado ia acabar por ficar seco e duro. E as cenourinhas com couve também já estavam cozidas...

– Que vais fazer com o tecido azul de lã que recebeste pelo Natal? – perguntou Auguste.

Else, que estava a lavar a louça, disse que queria fazer um casaco.

– E quando é que vais usar um casaco assim? Sabes uma coisa, Else? Eu dou-te em troca as botas de inverno que recebi. Com o tecido eu podia fazer umas calças para o Maxl e costurar ainda um casaco.

Else queria primeiro experimentar as botas. Porque, se lhe fizessem calos, não seria uma boa troca.

Também naquele ano os presentes para os empregados haviam sido poucos. Tecidos da reserva da senhora, algumas roupas e sapatos que já não usavam, desenhos feitos pela senhora Kitty Bräuer e meia dúzia de colares ou pregadeiras das caixas de joias dos patrões. Nenhum recebera dinheiro, ao contrário do que antes acontecia pelo Natal, nem sequer Eleonore Schmalzler.

– Viram o que as crianças receberam de presente? – perguntou Auguste e atirou a última batata pelada para a taça. – Até me vêm as lágrimas aos olhos. Quer dizer, acho bem que os três não se apercebam de nada. Pelo menos para já. Mas depois, quando brincarem com os outros, vão querer mostrar-lhes os seus tesouros.

– Foi o tenente que trouxe aquilo tudo – disse Else. – Tem tanto dinheiro que não sabe o que fazer com ele.

Mas Hanna considerou que o tenente Von Klippstein era um «pobre homem», porque se havia apaixonado sem esperança nenhuma.

– O amor tem destas coisas – disse Auguste com ligeireza. – Se o patrão não voltar, será que a senhora não fica com o tenente? Sempre é melhor do que nenhum. E já está a meter o dinheiro dele na fábrica.

– Abram aí espaço, tenho de cortar a carne! – exclamou a cozinheira, pousando a tábua de cortar na mesa. – E só para que saibam: o jovem patrão vai voltar de certeza. E a Marie Melzer não lhe vai ser infiel. E se não paras de dizer tanto disparate, vais ter de te haver comigo, Auguste!

Auguste limpou as mãos a uma toalha e disse que de qualquer modo não ia continuar ali a trabalhar muito mais tempo. O Gustl contratara agora vários trabalhadores e iam revolver o terreno e fazer os canteiros. No ano seguinte já iam poder vender flores e verduras.

– Oh, vão de repente cair milhões e milhões lá em casa – disse Else em tom de troça.

Humbert assomou à cozinha e informou que a vida da senhora Gertrude Bräuer se havia salvado, mas que ela se fora deitar no sofá do escritório e que não desejava comer mais nada.

– Não é de admirar – disse Else. – Se tiver comido a taça toda das batatas...

– Hanna, levanta os pratos. E depois podemos já servir o conduto.

– Ah, até que enfim – gemeu a cozinheira de alívio. – As três bandejas de prata! Andor, andor! Auguste, cobre as fatias de carne com o molho. Aquele que está no tacho do lado direito, ao lado da chaleira. Verter muito suavemente. Não derramar tudo...

Amolou uma vez mais a comprida faca de cortar carne e, com mão segura, cortou o grande assado de vitela em fatias finas. Também os legumes foram disponibilizados com molhos diversos, e ainda arandos vermelhos em conserva, enriquecidos com aguardente de ameixa, e boletos também de conserva.

A menina Schmalzler surgiu na cozinha para verificar se estava tudo em ordem. Lá em cima faltava água e o sumo de uva das crianças também acabara. Voltou então a subir para preparar o serviço de moca no salão vermelho, pois os patrões recolher-se-iam aí posteriormente. Se Else estivesse livre, deveria rapidamente voltar a varrer o tapete: a pequena

árvore de Natal que a senhora Von Hagemann aí montara já estava a perder agulhas.

Voltou então a sair da cozinha, enquanto Auguste e Else esperavam junto do elevador para trazer rapidamente a louça suja para a cozinha e lá colocar as bandejas e taças já prontas.

– Já está! – disse Fanny Brunnenmayer, satisfeita, quando Humbert levava para cima o conduto. – Só as batatas é que entretanto ficaram frias. Uma chatice.

Limpou o rosto com a ponta do avental e permitiu-se uma pequena pausa antes de se dedicar à sobremesa. O pudim estava há muito cozido e distribuído por formas de porcelana. As porções só tinham depois de ser colocadas em água para serem desenformadas. E depois o molho doce e as frutas de conserva com um toque de conhaque. Para as crianças evidentemente sem conhaque, mas em contrapartida com um colorido granulado de açúcar...

Também Else e Auguste se sentaram por momentos à mesa – a lavagem da louça podia esperar, de qualquer modo Hanna tinha primeiro de raspar as espinhas das bandejas e dos pratos, caso contrário caíam na água de lavagem e picavam-lhes os dedos.

– Jesus Maria, ontem vi a Maria Jordan na missa – contou Else. – Sentou-se lá à frente, em São Maximiliano, com os seus protegidos. Todos com um ar muito devoto e muito santo, os órfãos. E a Maria tinha uma estola de pelo no sobretudo, que dizem a isto?

– A de raposa? – disse Auguste, fazendo um gesto de desdém. – Recebeu-a há anos dos patrões, porque lhe estava a cair o pelo.

– É bem possível que tenhas razão – concedeu Else. – Mas o senhor Winkler, que estava sentado ao lado dela, esse nem um sobretudo tinha, vestia um simples casaco...

Auguste riu-se baixinho e observou que o senhor Winkler vivia no orfanato há bastante tempo. Parecia que a Maria Jordan, depois de velha, conseguira trazer um amante para dentro de casa...

– Só tu para pensares isso! – interveio a cozinheira. – O senhor Winkler vai para a Pomerânia já a seguir ao Natal. Vai trabalhar lá.

Auguste não queria acreditar. De onde sabia ela aquilo? Havia-lhe contado Maria Jordan?

– Disse-me a menina Schmalzler. Porque vai viajar com ele. Está muito contente com isso, porque é uma pessoa simpática e assim ela não tem de ir de comboio sozinha. E como vai levar uma mala tão pesada...

– Pois muito bem – refletiu Auguste. – Afinal o senhor Winkler conseguiu um emprego como professor. Se calhar perto da quinta.

Fanny Brunnenmayer não era dada a tagarelices. Mas aquele fora um dia longo e depois ainda tinha de preparar o moca. Pôr nas bandejas de prata os *petits-fours* que fizera...

– Ora essa – rosnou ela, limpando novamente o rosto. – É na própria quinta que ele vai trabalhar. Na biblioteca.

De tão surpreendida, Auguste quase deixou cair a colher com a qual rapara um resto de molho de assado da panela. Depois desatou a rir-se e simplesmente não parava, até que se engasgou e Else teve de lhe dar pancadinhas nas costas.

– Mas que... mas que... mas que grande esperta... E faz-se ela de santa – riu-se Auguste. – A esposa fiel... a mulher compassiva... – E riu-se novamente baixinho. – Não consta que a Elisabeth von Hagemann pretende assumir a gestão da quinta da Pomerânia? Porque o tio Rudolf morreu e o filho que restou não quer ficar com a quinta...

Agora também na cabeça de Hanna se formava um pensamento. A senhora Von Hagemann queria então mudar-se para a Pomerânia, levava o marido e os sogros e ainda o senhor Winkler.

– Ela precisa do marido para gerir a propriedade, os sogros ela põe algures num anexo e depois visita o senhor Winkler todos os dias à volta dos livros. Tudo muito bem pensado!

Auguste estava espantada. Quem teria imaginado uma coisa assim de Elisabeth von Hagemann!

– Assim pode pagar ao marido na mesma moeda – disse Else, fazendo um beicinho.

– Ele tem o que merece – disse a cozinheira. – Mas não deixa de ser um pobre coitado. A senhora convidou-o e aos pais para o jantar de Natal. Mas, como ele não quis vir, os pais também ficaram em casa.

– E porque não quis ele vir? – perguntou Else.

– Ora, és mesmo burra – retorquiu Auguste. – Porque está tão horrivelmente desfigurado. Acho que eu também não ia conseguir comer se ele se sentasse à mesa comigo...

Humbert apareceu descontraidamente na cozinha, também ele gozava agora uma breve pausa para descansar, antes de voltar a subir a saber se os senhores desejavam alguma coisa.

– Um grande louvor à cozinheira – comunicou ele. – O assado está tenro e suculento e o molho é um poema.

Fanny Brunnenmayer recebeu o elogio como uma evidência. Ninguém melhor do que ela sabia se podia estar satisfeita com o seu trabalho ou se um prato não teria corrido bem. Naquele caso, só era pena as batatas, porque as teria arranjado com manteiga quente e salsa seca...

– A grande taça metálica na mesa, Humbert – ordenou ela. – Põe lá dentro água quente da chaleira, Else. E vocês as duas vão buscar as formas com os pudins e os três boiões com a fruta de conserva que estão na despensa... Vá, vá. Que se passa contigo, Auguste? Ficaste com o rabo colado ao banco?

Bateu palmas e num instante já voltara ao trabalho, que era a sua grande paixão. A sobremesa era a apoteose de toda a ementa. Oxalá o pudim se soltasse bem das formas e não ficasse pendurado...

– Não tarda nada e a única pessoa que vais poder continuar a enxotar é a Else, querida Brunnenmayer – disse Auguste, mordaz. – O Humbert vai para Berlim e leva a Hanna com ele.

Hanna pousou na mesa duas formas de pudim cheias. Uma tinha o formato de um coração, a outra de uma folha de trevo.

– Eu fico aqui – disse Hanna à cozinheira. – Não vou para Berlim. Não posso fazer isso à senhora.

– Cada um tem de fazer pela sua felicidade – rosnou Fanny Brunnenmayer, colocando as formas dos pudins em água quente.

Depois do Natal, começou o degelo. A neve nos relvados do jardim da Vila dos Tecidos derreteu-se e formou pequenas ilhas. Quando também estas desapareceram, apenas os três bonecos de neve que as crianças haviam construído resistiram às temperaturas mais quentes. Depois começou a chover e, de manhã, daqueles senhores de ar terrível restavam apenas meia dúzia de pedrinhas que lhes haviam servido de boca e de olhos.

– Um mal nunca vem só – disse Alicia à mesa do pequeno-almoço. – As águas do rio Lech continuam altas por causa do degelo da neve e agora também chove há dias a fio.

Marie observou que o ribeiro, o Proviantbach, já teria galgado as margens nalgumas zonas, mas que a fábrica ainda não estava em perigo.

– Só não convém andar a passear pelo relvado – disse ela a sorrir. – Uma pessoa pode afundar-se na lama.

Elisabeth pegou na cafeteira e serviu café a todos. Outra vez café de cevada – depois das faustosas celebrações de Natal, era necessário voltar a poupar na Vila dos Tecidos.

– Hoje não se pode sequer passear em lado nenhum – disse ela, apontando para a janela. – Não se vê um palmo à frente do nariz.

O jardim e os caminhos estavam envoltos num denso nevoeiro que, pelos vistos, também impedia o carteiro de cumprir os seus deveres, já que até àquele momento não chegara ainda nenhum correio.

– Ao menos já não está a chover – disse Marie. – Assim a bagagem não se molha. Mas é muito possível que o comboio chegue atrasado.

Lisa barrou o pãozinho com manteiga sucedânea e invejou Kitty, que àquela hora ainda estava aconchegada na cama quente. A pequena Henni também era das que gostavam de dormir até tarde, apenas os gémeos já estavam acordados e davam cabo da paciência de Rosa na casa de banho.

– Não me levem a mal, meninas – disse Alicia, levando as costas da mão à testa. – Mas tenho de me deitar um pouco. Receio bem que esteja a ficar com febre. Com certeza uma constipação, o que não é de admirar, com este tempo frio e húmido.

Lisa e Marie incitaram-na a ir logo, logo para a cama.

– Depois mando a Else subir com chá de camomila – disse Elisabeth. – Ou preferes leite com mel?

– Não, não – contestou Alicia. – O chá de flor de lilás é o que deve ser, tenho de suar esta constipação.

– Vou telefonar ao doutor Greiner – sugeriu Marie, mas Alicia considerou que não valia a pena o esforço e que, além disso, o orçamento doméstico não suportava uma visita médica. Marie fez sinal a Lisa para não discutir mais o assunto.

Informaria o médico de qualquer maneira. Alicia andava a tossir havia dias, em caso nenhum podia apanhar uma pneumonia.

– Queres que suba contigo, mamã? – perguntou Lisa, preocupada, quando Alicia se pôs de pé.

– Não, não, minha querida. Acho que devem partir com tempo. A Eleonore não está acostumada a viajar, preocupa-a a possibilidade de perder o comboio.

Marie ficou a vê-la sair da sala de jantar a passo lento. Só à segunda tentativa conseguiu fechar a porta atrás de si.

– Está a ressentir-se – suspirou Elisabeth. – A menina Schmalzler está aqui na Vila dos Tecidos há mais de trinta anos. Não compreendo por que razão quer ir imprescindivelmente para a Pomerânia. Espero que não se venha a arrepender.

Marie suprimiu uma observação irónica. A decisão de Elisabeth de assumir as rédeas da quinta da Pomerânia o mais tardar até à primavera era no mínimo igualmente questionável. É certo que havia alguns argumentos a favor. A tia Elvira estava muito contente por poder entregar o governo da propriedade em «mãos capazes». Especialmente porque ela própria se dedicara pouco à gestão da quinta ao longo da sua vida. A Klaus von Hagemann saíra a sorte grande, já que, depois dos graves ferimentos que sofrera, não tinha boas perspectivas de futuro. Para todos os Von Hagemann, aliás, a possibilidade de viver numa quinta era como um presente caído do céu. Afinal de contas, já haviam perdido as suas posses havia muitos anos.

Por outro lado, Marie duvidava um pouco que a vida no campo viesse a satisfazer Lisa a longo prazo. E depois aquela história com o bibliotecário... Não, aquela situação não agradava de todo a Marie. Mas Lisa era uma mulher adulta e deveria saber o que fazia.

Else abriu a porta e, ao entrar, bateu com a bandeja de madeira contra a mesma.

– Peço perdão, minha senhora... O senhor Winkler chegou agora mesmo ao vestíbulo. Disse que na cidade o nevoeiro não está tão denso como aqui.

– Fez menção de levantar a louça que Alicia não chegara a utilizar, mas depois perguntou se ainda deveria trazer café.

– Obrigada, Else. Já terminámos. A Kitty e as crianças descem já daqui a pouco...

– Muito bem, senhora Melzer.

A porcelana tilintou quando ela ergueu a bandeja. E de novo embateu com a bandeja na porta, exatamente na mesma moça.

– Se calhar seria melhor pedir à Hanna que sirva à mesa – disse Lisa com um suspiro.

Marie tinha outra opinião, mas não queria discutir o assunto. Hanna deveria fazer instrução de costureira, seria para ela uma boa oportunidade de progredir. Era um desperdício continuar como ajudante de cozinha e criada para todo o serviço na Vila dos Tecidos.

Lisa levantou-se, olhou para a janela e estremeceu.

– Credo, que nevoeiro cerrado! De certeza que o comboio se vai atrasar. Vamos ter de esperar uma eternidade no cais da estação e passar um horror de frio.

– Que enternecedor o senhor Winkler ter vindo a andar no meio do nevoeiro até à Vila dos Tecidos – observou Marie. – Vocês podiam tê-lo ido buscar ao orfanato.

– Nos últimos dias, ele tem estado alojado noutra sítio – disse Lisa com uma ira contida. – A menina Jordan considerou que a sua presença no orfanato poderia prejudicar-lhe a reputação.

– Mas que coisa – comentou Marie. – Demorou a chegar a essa conclusão.

Fez um aceno a Lisa e dirigiu-se para o segundo andar para ver dos gémeos. Eles saltaram na sua direção, vestidos ainda apenas de camisa, mas ainda assim lavados e devidamente penteados.

– Ela lavou-nos as orelhas. Com muita força. E com sabonete!

– E eu tenho sempre de usar meias de lã!

– E os nossos bonecos de neve fugiram...

Marie prometeu brincar com eles da parte da tarde, quando saísse da fábrica, e que também lhes leria o novo livro.

– Mas só se tiverem arrumado os brinquedos!

Os dois fizeram um ar pouco satisfeito. Os fantásticos presentes de Natal tinham um senão: Rosa insistia que cada pequeno parafuso, cada pequenino tacho, cada colherzinha de brincar estivesse novamente no sítio nessa mesma tarde.

– Que vai o papá pensar se regressar a casa e vir que vocês deixaram assim tudo desarrumado?

– Bah.

Dodo fez beicinho com o lábio inferior para a frente, Leo revirou os olhos.

– O papá! Não há papá nenhum!

– Chiu! – Dodo deu-lhe um encontrão. – Não podes dizer isso, Leo!

Lá em baixo, no pátio, ouviu-se um motor a ligar-se e Marie adiou a devida repreensão para mais tarde. Era difícil levá-los a acreditar no regresso do pai, uma vez que já não se lembravam de Paul.

Os três viajantes estavam lado a lado no vestíbulo de entrada. Havia decidido embarcar juntos no comboio para Berlim. A menina Schmalzler e Sebastian Winkler tinham a intenção de passar aí uma noite num hotel, para no dia seguinte seguirem viagem para nordeste, deixando Humbert já no seu destino.

– Oh, vem cá – disse a cozinheira a Humbert. – Toma. Preparei provisões para todos. Cuidado com as garrafas, têm café com leite. E no saco estão ovos cozidos...

Marie permaneceu parada nas escadas e sentiu-se também tomada pelo ambiente de despedida. Fanny Brunnenmayer cuidara de Humbert como uma mãe. Era decerto para ela muito doloroso vê-lo agora partir. Mas não era mulher para demonstrar abertamente a sua angústia e, tanto quanto Marie sabia, até encorajara Humbert a dar aquele passo.

– A senhora Von Hagemann disse que devem agora descer, já tem o motor ligado. E ainda é preciso arrumar a bagagem...

Else estava com as faces rosadas e sentia-se muito importante naquele momento, já que, com a partida de Eleonore Schmalzler, tornava-se a empregada mais antiga ao serviço na Vila dos Tecidos. Marie queria depois

conversar com Alicia para decidirem como deveriam distribuir as tarefas do pessoal no futuro. Mas agora Alicia estava doente e Marie teria provavelmente de decidir sozinha.

– Chegou a hora – disse Eleonore Schmalzler, dirigindo-se para Marie para se despedir, estendendo-lhe a mão. – Desejo-lhe toda a felicidade deste mundo, senhora Melzer. Sei bem que se empenha muito na prosperidade da Vila dos Tecidos. Penso sempre em todos os que me são queridos e vou rezar por si...

Marie tomou a sua mão fria e pregueada nas suas e disse alguma coisa de que depois não se conseguiu recordar. Como era estranho ver a antiga governanta no seu sobretudo de viagem cinzento e o chapéu antiquado. Ela despedira-se de Alicia na noite anterior. A última conversa entre as duas mulheres fora tranquila e cheia de afeto, Marie não sabia sobre o que teriam falado. Junto à entrada da cozinha, Humbert e a senhora Brunnenmayer abraçavam-se, Auguste estava mesmo ao lado e levou um lenço ao rosto. Também Hanna soluçava perdidamente.

– E tu que não queres vir comigo – disse-lhe Humbert, já não lhe querendo largar a mão. – Mas quem sabe um dia. Eu escrevo-te e talvez ainda venhas ter comigo. Eu ficaria contente porque assim não estaria tão sozinho...

Sebastian Winkler, de semblante sério, estava parado entre todas aquelas pessoas que se despediam e, dado que ninguém dava conta da sua presença, pegou na mala de Eleonore Schmalzler para a levar até ao carro. Não tem sequer um sobretudo de inverno, pensou Marie com pena. E toda a sua bagagem consiste numa trouxa atada com um cordel.

A verdade é que era uma pessoa amável. Oxalá as coisas evoluíssem de modo a que ele se sentisse satisfeito e quem sabe até feliz com a vida.

– Que se passa – ouviu-se a voz irritada de Lisa –, não queriam chegar a tempo ao comboio? Então têm de descer de uma vez por todas!

Humbert correu para Marie para também se despedir dela, agarrando depois rapidamente na mala e no saco com as provisões para a viagem e saiu.

Marie foi lentamente até à saída e observou-os a distribuir as bagagens no carro, a assumir os seus lugares e a fechar as portas. Viu a mão da menina Schmalzler a acenar quando o carro se pôs em movimento, e depois a imagem foi-se desfocando, o nevoeiro esborratava os contornos do

automóvel, mostrava-o apenas em tons de cinzento, cada vez mais pálido, acabando por o engolir por inteiro.

– Já se foram! – disse Auguste, que também estava na saída com Else e Hanna.

– E nunca mais vão voltar – disse Else com voz de enterro.

Da entrada da cozinha ouvia-se a senhora Brunnenmayer a resmungar toda zangada. Onde raio estava Hanna? Tinha de cortar as cebolas. Descascar as batatas.

Marie não conseguiu evitar sorrir. A cozinheira agarrava-se ao trabalho, era o melhor remédio para esquecer os seus padecimentos.

– Hanna, diz à senhora Brunnenmayer que hoje o senhor Von Klippstein almoça connosco. E vejam como está a minha sogra, ela foi deitar-se. Se tudo correr bem, o doutor Greiner passa por cá à tarde, vou ligar-lhe da fábrica.

– Muito bem, senhora Melzer.

Desceu os degraus que davam para o pátio, enquanto, atrás de si, Auguste fechava a porta de entrada. Naquele dia, não seria um passeio agradável até à fábrica. Pelo sim, pelo não, calçara botas robustas, mas que ainda assim, com tantas poças de água, não lhe iam garantir pés secos. O pior era o nevoeiro que cobria o jardim e os caminhos como uma nuvem densa e cinzenta que simplesmente não se queria dissipar. Marie caminhou lentamente pela alameda larga em direção à saída do jardim e combateu a sensação de que as árvores despidas e os seus ramos nodosos eram espectros fantasmagóricos que a fixavam de dentro da névoa. Aqui e ali um vento fraco afastava as nuvens cinzentas e formava veladas figuras de névoa que se lhe atravessavam no caminho, e Marie vislumbra por breves momentos um pedaço de relvado, um banco, um cedro azul-acinzentado. Tentou prestar sobretudo atenção ao caminho, evitar as poças fundas e os regatos, para depois não ter de passar o dia no escritório de pés molhados.

Infelizmente, não havia muito para fazer, já que a produção estava parada. É verdade que haviam adquirido vários carros cheios de algodão em bruto, mas as máquinas de fiar que lhes restavam avariavam-se constantemente. A sugestão de Ernst von Klippstein de investir em novas máquinas era sem dúvida sensata. Mas quais? Afinal de contas, tinham na sua posse os esquemas do pai, com base nos quais podiam mandar construir um tear

contínuo de anéis. Só que era difícil interpretar aqueles desenhos, com exceção dela e de Paul mais ninguém o conseguia.

Parou e voltou-se. A Vila dos Tecidos quase havia desaparecido dentro do nevoeiro, via-se apenas um pedaço do telhado coberto de cinzento e, muito debilmente, desenhava-se o alpendre e os seus pilares. No segundo andar havia duas janelas iluminadas, seria provavelmente Kitty a lançar-se no seu trabalho. Tinha em breve uma exposição em Munique e trabalhava fervorosamente nas suas ideias. Ah, a sorte de Kitty por poder dedicar-se tão tranquilamente à sua vocação!

Marie sentiu-se de novo invadir pela tristeza. Devia ser do tempo. Aquele horrível nevoeiro. O ambiente de despedida que tinha havido no vestíbulo. Na primavera também Lisa partiria da Vila dos Tecidos e sabia-se lá aonde o futuro de Kitty a levaria. Nessa altura, Marie ficaria para trás, sozinha com Alicia e os gémeos.

Para com isso, disse para si mesma, zangada.

O que quer que acontecesse, iria manter a fábrica para os seus filhos. Era essa a missão da sua vida e iria cumpri-la.

Voltou as costas à Vila dos Tecidos e prosseguiu a passo determinado na direção do portão. À direita e à esquerda esbracejavam negras árvores como espectros, esticavam os ramos no nevoeiro, parecendo também estar a queixar-se daquele tempo sombrio. Marie ia agora com pressa, estava atrasada, e Von Klippstein não tardaria provavelmente a telefonar para a Vila dos Tecidos a perguntar se não seria melhor ir buscá-la de carro.

Finalmente, o portão. Os largos batentes das portas trabalhados em ferro forjado estavam abertos de par em par. Gustav estava demasiado ocupado com os seus próprios projetos para voltar a fechar o portão depois de um carro passar.

Parou, já que se via uma silhueta masculina à entrada do portão. Escuro, cercado pelo nevoeiro, estava parado no meio do caminho, discerniam-se-lhe apenas os contornos. O carteiro? Não, não tinha a pasta com as cartas. Talvez um operário que desejava pedir alguma coisa? Sim, era possível. Tinha um gorro na cabeça e – tanto quanto ela conseguia perceber – não vestia sobretudo, apenas um casaco.

– Bom dia! – disse ela, elevando a voz para ocultar o medo. – Precisa de ajuda?

Ele caminhou a passo lento na sua direção, sem atentar às poças de água. Marie começou a sentir-se assustada, já que o desconhecido tinha um caminhar rígido como o de um sonâmbulo. Contudo, ao mesmo tempo, aquela figura parecia-lhe estranhamente familiar. Mas depois já não...

– Marie...

Ela congelou. Não era um sonho. O coração martelou-lhe loucamente no peito.

Por favor, que não seja um sonho.

O seu rosto emergiu do nevoeiro. Pálido e franzino. Olhos fundos. Mas ainda aquele sorriso que tão bem lhe conhecia.

– Paul... – sussurrou ela.

Mais tarde, ele contou-lhe que ela gritou muito alto. De certeza que tinham ouvido na Vila dos Tecidos. Se não a tivesse rapidamente tomado nos braços, de certeza que teria vindo a polícia.

A sua boca, os seus lábios quentes, lágrimas salgadas, risos, soluços. Palavras balbuciadas. Coisas sem sentido. Nomes doces que só ambos conheciam. E sempre e de novo as lágrimas. Estava segura nos braços dele, o odor do seu cabelo, da sua pele. Paul. O seu muito amado. O seu marido...

– De onde vens tu? Porque não telefonaste? Diz-me, estás bem de saúde? O teu ombro? Oh, meu Deus, a mamã vai ficar tão feliz...

Ele pouco disse, limitou-se a abraçá-la com força, enterrou o rosto no seu ombro. Depois envolveu-a com o braço e percorreram juntos o caminho até à Vila dos Tecidos. As negras árvores espectrais cerravam fileiras à sua passagem, vigiavam solenemente a entrada do casal como uma coluna de velhos guerreiros.

Quando se começaram a discernir os contornos da Vila, escutaram vozes animadas de crianças. Via-se Rosa no pátio, envolta num sobretudo largo que a fazia parecer volumosa como uma gigantesca chávena de café virada de pernas para o ar. A seu lado, Dodo e Leo lutavam por uma bola vermelha e, evidentemente, pisavam todas as poças de água. Quando Paul e Marie se aproximaram, viram a água a salpicar.

– Aqueles são... os nossos dois?

Na última vez que vira os filhos, ainda gatinhavam e palravam apenas as primeiras palavras. Agora tinham quase quatro anos, corriam e saltavam, atiravam-se para cima da bola.

Marie sorriu ao ver o seu assombro, abanando a cabeça, enquanto observava as brincadeiras dos filhos extremamente feliz e orgulhoso. Ah, ele ia estranhar tanta coisa, havia tanta coisa diferente, mas ela estaria a seu lado. Ela integrá-lo-ia suavemente na sua nova e velha vida, até que ele se sentisse suficientemente forte para se orientar.

– É minha!

A bola vermelha rolou até aos pés de Paul e ele pegou nela. Olhou de sorriso no rosto para as duas crianças que o miravam agora, assustadas.

– Quem é que a vai apanhar? – perguntou ele, lançando a bola muito alto no ar.

Leo saltou um pouco mais alto do que a irmã e agarrou no brinquedo redondo. Dodo amouu.

– Quem és tu? – perguntou ela ao homem que chegara com a mamã assim de surpresa.

– O teu papá!

Marie susteve a respiração. Que aconteceria? Ficariam assustados? Incrédulos? Receosos? Resistiriam?

Dodo inclinou a cabeça para o lado e lançou um olhar inquiridor para o irmão. Este levantou o nariz e agarrou na bola vermelha com força.

– Brincas connosco? – perguntou ele em tom de dúvida.

– Mas é claro...

– Então, anda lá!



PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2015, Blanvalet Verlag, uma divisão de Penguin Random House
Verlagsgruppe GmbH, Munique, Alemanha
Direitos negociados através de Ute Körner Literary Agent
© 2022, Planeta de Livros Portugal

Título original: *Die Töchter der Tuchvilla*

Design da capa: Johannes Frick

Imagens da capa: © Yolande de Korr/Trevillion Images, Margie Hurwich
e Jill Battaglia/Arcangel, e June Marie Sobrito, Sarit_Srihin, suns07butterfly/Shutterstock

Edição em epub: Novembro de 2022

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-654-0 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

 www.planetadelivros.pt

 [planetaportugal](#)

 [planetadelivros_pt](#)

 [planetaportugal](#)

 [planetadelivros_pt](#)